WALDERY UCHÔA

ANUÁRIO DO CEARÁ

1953—1954

PREFÁCIO

Vencendo mil obstáculos, incompreensões tremendas, dificuldades de toda ordem, estamos lançando esta nova edição do Anuário do Ceará, para 1953/54, com matéria de permanente interesse sobre o nosso Estado e os seus municípios.

Planejada a obra, verificámos que seria mais aconselhável o seu desdobramento em dois volumes, abrangendo assuntos diferentes, embora que somente sobre o Ceará e as suas unidades administrativas, isto é, as comunidades do interior.

Assim, temos o primeiro volume que abrange a formação histórica da terra cearense e os principais fatos ligados à vida das nossas cidades e dos nossos municípios. Parte desta matéria foi publicada, em forma de reportagens ilustradas no jornal «O Povo», desta capital e transformada em programas radiofônicos, com a denominação de «Vida Histórica dos Municípios», transmitidos, vitoriosamente, pelas estações da Rádio Iracema.

O segundo volume compreende informações gerais sobre geografia, economia, finanças, produção, comércio, indústria, vida intelectual, administrativa, religiosa e social do Ceará, com apontamentos atualizados, colhidos em fontes oficiais e particularmente anotados, na sua totalidade relativos aos anos de 1952 e 1953, o que constitui, sem dúvida, um eloquênte atestado do trabalho que esta obra reclamou afim de alcançar o seu principal objetivo, que é o de retratar o Ceará em todos os seus diversos aspéctos.

À magnífica vitória conseguida com a primeira edição, relativa a 1952, com material colhido de 1951, deve-se, em grande parte, o lançamento desta nova tentativa de divulgação da realidade cearense. A edição passada, de três mil exemplares, a maior já impressa no Ceará, está, hoje, totalmente esgotada, e já principiando a constituir raridade.

Da crítica, da correspondência e das opiniões emitidas sobre o Anuário do Ceará, constatou-se ser, esta publicação, da mais alta valia para os interêsses do nosso Estado, por isso que o torna conhecido e divulgado em todo o Brasil.

Diz-nos a consciência que estamos, assim, prestando um serviço útil e valioso à nossa terra. Não poderíamos receber maior recompensa e nem mais alta honraria.

No primeiro número do Anuário, acentuámos que era uma tentativa. Hoje, podemos afirmar ser êle uma realidade onde vamos encontrar, palpitante e fremente, o coração vivo do Ceará.

WALDERY UCHÔA

SIARA

CEARÁ HOLANDÊS — Forte de Schoonenborch

Histórica Fortaleza de N. S. da Assunção

DEPOIS DE TRÊS SÉCULOS E MEIO EIS A FORTALEZA COM 60.000 EDIFÍCIOS 300.000 HABITANTES

HISTÓRIA DO CEARÁ

I — NARRAÇÃO

II — CRONOLOGIA

1 — NARRAÇÃO

CAPITANIAS HEREDITARIAS

O BRASIL, só após alguns anos do seu descobrimento, mereceu as atenções do govêrno de Portugal, no sentido de sua definitiva colonização e efetiva conquista do seu grande território. As imensas e exuberantes riquêsas naturais do novo país despertaram a cobiça da pirataria dos séte mares.

Sumamente preocupada, a Côrte resolve por em execução um vasto plano de aproveitamento da novel colônia, dividindo-a em capitanias hereditárias, doadas a fidálgos beneméritos que se encarregariam da sua administração e defêsa.

Amplos e gerais poderes foram outorgados aos donatários, inclusive o de levantar fortificações permanentes, capazes de assegurar o povoamento das novas terras em condições favoráveis.

Executado o famoso plano de D. João III.º, verificou-se, então, que apenas as capitanias de São Vicente e de Pernambuco haviam prosperado nos idos do primeiro quartel do século dezesseis.

Disto resultou continuar uma vasta área territorial sob a ação vandálica da pirataria da costa, em constantes lutas com os naturais do novo mundo.

Vem daí a segunda tentativa de colonização com os governadores gerais, a partir de Thomé de Souza. Logo mais, o Brasil é dividido em duas administrações, isto é, uma no Rio de Janeiro e outra na Bahia.

Em 1577, a corôa portuguêsa subordina, novamente, o Rio à Bahia, fato êste de excepcional importância para a colonização do norte, por isso que dele resultou, definitivamente, a conquista da Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Pará e Maranhão.

A capitania do Ceará, que fôra doada a Antonio Cardôso de Barros, ficára por mais de sessenta anos entregue à pirataria, em completo abandono, visto como aquêle fidálgo não assumira o cargo, embora tivesse vindo ao Brasil e servido no governo Thomé de Sousa.

PERO COÊLHO DE SOUZA

EM 1603, Pero Coêlho de Sousa, obtendo da côrte a patente de Capitão-mór, parte da Paraíba rumo à foz do rio Jaguaribe, em cuja barra erigiu o presídio denominado São Lourenço.

A 18 de Janeiro de 1604, chega à foz do rio Camocim, rumando em seguida para a Ibiapaba, onde trava combate com os soldados de Bambile, vencendo todas as pelejas.

Feitas as pazes com os guerreiros, Pero Coêlho parte para o Maranhão, não conseguindo atingir as plagas demandadas por terem os seus homens se recusado a acompanhá-lo.

Voltando da Paraíba, estabeleceu-se às margens do rio Ceará, no lugar denominado Vila Velha, erguendo então, aí, a primeira fortificação das costas cearenses, a que deu o nome de Forte de São Tiago.

Regressando à Paraíba, à busca de auxílios e para trazer espôsa e filhos, recebe por parte de Diôgo Botêlho todo apôio às suas pretenções. De torná-las efetivas foi encarregado João Soromenho que, por motivos excusos, não fez chegar às mãos do destinatário o valioso e indispensável auxílio.

Entrementes, Simão Nunes Corrêia, que ficára no comando do fortim, já estava desalentado depois de uma longa espera de dezoito mêses sem que o Chefe da Expedição désse o menor sinal. Pero Coêlho, ao chegar, encontrando a tropa em seríssima dificuldade, fez vêr que em breve chegaria o auxílio prometido.

Em vão foi a anciosa espera por parte de

todos... Desiludido Pero Coêlho põe-se em marcha forçada para o Rio Grande do Norte.

O que foi a sua trágica viagem no-lo revelam as crônicas e a tradição. Faltou agua, não havia mais alimento, e o cansaço a todos dominava. A distância parecia aumentar cada vez mais... A dôr de vêr os filhos e a espôsa exposta ao rigor tremendo da canícula impiedosa, já maltrapilha e faminta, na iminência de serem devorados todos pela indiada que lhe farejava os passos, constituiram todos esses tormentos o grande drama e a famosa odisséia do nosso infeliz desbravador.

Ao ser atingido o Forte dos Três Reis Magos, no Rio G. do Norte, falece o bravo Pero Coêlho de Sousa que, juntamente com Dona Tomázia, sua esposa, notável mulher e heroina, escrevera a primeira página de dôr e de sacrifício em nossa terra.

OS JESUITAS

MALOGRADA a iniciativa Pero Coêlho de Sousa, segue-se-lhe a dos jesuitas Francisco Pinto e Luís Figueira, que a 20 de janeiro de 1607, partiram de Pernambuco e vieram têr a Mossoró, donde rumaram para a serrania da Ibiapaba.

Em sua jornada, aproveitaram os jesuitas o caminho dantes percorrido pela primeira expedição colonizadora, o que, sem dúvida alguma, muito facilitou o novo cometimento.

Ao alcançarem à meta desejada conseguiram, de pronto, o apôio irrestrito dos indígenas locais, bem como a sua valiosa e indispensável colaboração.

Infelizmente, porém, este estado de coisas não perdurou por muito tempo.

Por razões ainda hoje desconhecidas, os índios revoltaram-se contra a pequena aldêia e mataram o Padre Francisco Pinto. Luís Figueira, que escapou ao morticínio por não estar presente ao teatro da luta, tendo perdido o seu chefe e amigo, resolveu rumar à barra do rio Ceará, donde embarcou, em companhia do Padre Gaspar de São Peres, com destino ao Rio Grande do Norte.

Em 1643, partindo de Lisbôa para realizar a colonização do Maranhão, o Padre Figueira pereceu num naufrágio, sendo então devorado pelos indígenas Arauans, na ilha de Marajó.

Findou, assim, de maneira trágica e cruel, a segunda tentativa de colonização do Ceará.

Poema de dor e de sofrimento, escola de adversidade tremenda, eis, em côres vivas, os albôres da história da nossa colonização.

MARTIM SOARES MORENO

COM estas duas expedições lucrára nossa terra algumas pequenas aldeias, já em vias de dissolução, estando a costa entregue completamente a pirataria.

Fazia-se, destarte, urgente e necessária a colonização do Ceará. Com a experiência passada, era mistér a escolha de um homem capaz, moço e arrojado.

Para a nova tentativa foi escolhido Martim Soares Moreno, bravo lutador, paladino de nobres virtudes, português de nascimento e que vindo têr ao Brasil como soldado de Diôgo Botêlho, cedo a sua coragem e bravura deram-lhe fama de homem valente.

Em 1611, quando então era tenente do Forte dos Três Reis Magos, de Natal, rumou de ordem de D. Diôgo de Mendonça Furtado, para a margem do rio Jaguaribe, afim de comerciar e fazer amizade com os indígenas da região.

A tarefa não lhe foi dificil de ser levada a bom têrmo. Com trato e inteligência conseguiu a amizade lealdosa de vários chefes indígenas, entre os quais do famôso Jacaúna, que mais tarde desempenharia relevante papel na fundação do Forte de São Sebastião.

Satisfeito com os resultados obtidos, regressa à Bahia acompanhado de um filho de Jacaúna. A êste, o Governador Geral concede alguns favôres.

Diante da vitoriosa façanha, D. Diôgo. nomeia Martim Soares Moreno Capitão-mór da Capitania do Ceará Grande e confia-lhe, por conseguinte, a dura missão de colonizar o território cearense.

Ultimados os preparativos, parte o novo pioneiro, da cidade de Salvador, em demanda do Ceará.

Aos 20 de janeiro de 1612, aporta à pequena barra do rio Ceará. Apenas trouxera consigo um clérigo e seis homens. Mãos a obra, levanta um pequeno fortim, a que deu o nome de São Sebastião em homenagem ao santo do dia do desembarque. Erige capela sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo.

À guisa de esclarecimento e comprovação histórica, podemos observar que no mapa de Matias Beck, de 28 de abril de 1649, figura o Forte de São Sebastião, aliás, no mesmo local onde outróra fôra levantado o Fortim de São Tiago da Nova Lisbôa, erigido por ordem de Pero Coêlho de Sousa.

Com apenas duas peças de artilharia, guardado por 17 homens, contando com alguns mosquetes e pequena cópia de munições, enviadas pelo Governador Geral, o Forte de

São Sebastião prestou relevantes serviços à defesa do litoral, visto como, em 1614, repeliu uma força comandada pelo famoso Du Prat. Em 1624 e 1625, foram repelidas naus flamengas.

Em 1613, Soares Moreno aceita um convite que lhe fora feito por Matias de Albuquerque e com este juntando-se nas imediações de Camocim, parte para o Maranhão afim de, em perigosa missão, inspecionar as instalações militares dos francêses.

Não alcançando pleno êxito na missão, bate-se valorosamente em duros combates, sendo, todavia prêso e remetido para a França, por corsário temível. Aí chegando, é enviado para Madrid.

Por atenção a tantos e tão relevantes serviços é novamente nomeado Capitão-mór do Ceará, e o seu regresso deu-se em setembro de 1621.

Na sua ausência, a capitania fora governada por Estêvam de Campos (1613), Manuel de Brito Freire (1614) e Domingos Lopes Lôbo (1617) em cujas administrações se registraram algumas lutas contra corsários francêses e flamengos.

Bem recebido no seu regresso, Soares Moreno encontrou o Forte em plena decadência. Espírito indomável, meteu mãos à obra e reconstruiu tudo em derredor, estabelecendo nova confiança.

Trouxera consigo cavalos, vacas, cana de açucar e sementes diversas, como tambem algumas famílias, parentes e casais para povoar o solo e defintiva colonização.

E, foi assim, que surgiu, no Ceará, o primeiro aldeiamento mais ou menos organizado. Era obra da tenacidade de um homem forte.

Daí por diante, ficára definitivamente assentada a conquista e a colonização do vasto território.

Deste admirável pioneiro, disse Capistrano de Abreu: «Martim Soares Moreno simboliza e sintetiza toda a história do Ceará».

Agraciado com o título de Mestre de Campo, Soares Moreno parte para lutar contra os flamengos, que haviam se estabelecido em Pernambuco. Cobriu-se de glória nas batalhas contra os holandeses, em 1648 regressa à Europa, depois de haver escrito, com «sangue, suor e lágrimas», a mais bela e a mais emocionante história de aventuras vivida por um homem nos albôres da colonização do norte.

Justo é o preito de admiração que os cearenses lhe consagram, pois foi o nosso colonizador, perdurando a sua obra magnífica até aos nossos dias.

OS HOLANDÊSES

DIA VAI, dia vem, aos 25 de outubro de 1637, ocorre um fato de excepcional importância na vida do Ceará colonial: dois barcos holandêses chegavam a Mucuripe, deles desembarcando 125 soldados e vários índios, todos comandados por Jorge Garstsman e pelo Capitão Hendrick Huss.

Vinham de ordem de Maurício da Nassau e arvoraram a bandeira das Indias Ocidentais no velho fortim de São Sebastião, então sob o comando de Bartolomeu de Brito. O bravo comandante, com apenas 33 homens, ofereceu uma resistência impressionante, rendendo-se depois de muitas horas de tremenda luta e por faltar munição.

Dias depois, Garstsman parte para o Rio Grande do Norte, e Huss retorna à Pernambuco, ficando o comando da praça entregue ao Tenente Hendrick Van Ham que, posteriormente foi substituido por Gedeon Morris de Jonge.

Em 1644, dá-se a revolta geral dos indígenas contra os invasores holandêses. Foi um deus-nos acuda. Massacre geral contra a tropa, inclusive o próprio Gedeon Morris de Jonge que morreu como bravo no campo da luta.

Em 1649, tem lugar a segunda invasão batava. Matias Beck, aos 3 de abril faz desembarcar, no Mucuripe, aguerrida tripulação, e soldadêsca, num total de 298 homens.

Buscava Beck supostas minas existêntes no monte Itarema, situado nas proximidades da serra de Maranguape.

Às margens do riacho Pageú, no morro Murujaitiba foi erguido o Forte batavo, com planta feita pelo engenheiro Ricardo Caar, e que se denominou de Schoonenborch, nome que homenageava o então Governador holandês de Pernambuco.

Carel Helmach e Hans Simplesel partiram em busca das minas, nada, porém, encontrando.

Da passagem dos holandêses pelo Ceará nada ficou de marcante, exceto a construção precária do Forte de Schoonenborch, do qual existe uma planta no Real Museu de Munich, e que foi citado no Diário de Matias Beck.

Ressalte-se, todavia, que o local escolhido pelos holandêses é onde, efetivamente, hoje se ergue, majestosa, a cidade de Fortaleza.

SUBORDINAÇÃO A PERNAMBUCO

COM a capitulação de Taborda, onde foram batidos os holandêses, os flamengos se retiraram do Ceará, fato ocorrido em 1654.

No mesmo ano, foi nomeado Capitão-mór

do Ceará, Álvaro de Azevedo Barreto, herói de Guararápes. Trouxe consigo seis companhias de soldados e mais o capelão Pedro Morais.

Aqui chegando, mandou erguer capela e mudou o nome do Forte de Schoonenborch, para Fortim de Nossa Senhora da Assunção.

Em 1684, Sebastião de Sá, novo capitão-mór, reconstrói o Forte, bem como a pequena capela que se encontrava em condições deploráveis.

Principia, então, a partir desta quadra o povoamento dos sertões da imensa capitania, visto como vão se erguendo, às margens dos rios, as casas de fazendas. Principia a criação do gado e o branco penetra o hinterland. Surgem negócios com Pernambuco e a agricultura principia a ser a ocupação favorita dos novos donos da terra, virgem até então.

A capitania, que era subalterna ao Maranhão, desmembra-se e passa a ser administrada por Pernambuco.

ACENTUA-SE O POVOAMENTO DO INTERIOR

THOMAZ Cabral de Olival (1687), Fernão Carrilho (1693) Pedro Lelou (1695), João de Freitas da Cunha (1696) e muitos outros capitães-mores, doavam terras e mais terras para o povoamento do solo.

Por Carta Régia, datada de 13 de janeiro de 1699 é ordenada a criação de uma Vila no Ceará. Aos 25 de janeiro de 1700 dão-se as primeiras eleições e são escolhidos os vereadores e juizes ordinários.

Em 1701, a Vila de São José do Ribamar é transferida para a barra do rio Ceará. Em 1708, volta para às margens do Pageú.

Em 1711, é transferida para o Aquiraz, fato concretizado somente em 1713, aos 27 de julho.

Por Ordem Régia, de 11 de março de 1725, é ordenada a criação de uma outra Vila, que deveria ser a de Fortaleza.

Aos 13 de abril de 1726, realizam-se as eleições para a escolha da vereança e juizes ordinários. Manoel Francês, Capitão-mór, instala a nova Vila.

Entrementes, se acentua o povoamento na zona sul do Estado, notadamente na região denominada Carirí. Abrem-se caminhos para cortar os sertões, e, aos poucos, vai se desenvolvendo a vida na capitania, com a instalação de povoados e lugarejos que vão surgindo nas regiões mais promissôras.

Data desta época, 7 de janeiro de 1723, a criação de uma Ouvidoria. Até então os negócios da justiça, no Ceará, eram resolvidos ora na Paraíba, ora no Pernambuco.

LUTAS TREMENDAS E VILAS QUE SE ERIGEM

O século dezoito foi de intensa atividade para a formação histórica do Ceará, por isso que surgiram as principais Vilas e efetivou-se, por assim dizer, a estabilidade e amplitude do povoamento.

Foi uma quadra de lutas tremendas pelo interior afóra, surgindo inumeras questões de terras. Delas a mais célebre foi a dos Montes e Feitosas, registrada na região do baixo Jaguaribe, e que teve funestas consequências.

Surgiram várias Vilas, entre as quais a do Icó, em 1736; a do Aracatí, nos idos de 1747, e que se tornou famosa pelo comércio intenso das charqueadas do que lhe adveio vida agitada e tumultuosa que lhe deu prestígio. Depois tivemos a do Crato, criada em 1758, seguida pela de Viçosa do Ceará, no alto da serrania da Ibiapaba, isto em 1759.

Logo mais vieram: Baturité, em 1763; Sobral, em 1772 e que, de logo, se transformou em progressista zona de comércio do norte da então capitania.

Os govêrnos que mais se sobressairam foram os dos seguintes Capitães-móres: — Domingos Simão Jordão (1735); João de Teive Barreto de Menezes (1743; Luís Quaresma Dourado (1751); Francisco Xavier de Miranda Henrique (1755); João Batista de Azevedo Coutinho de Montaury (1782) e Luís Mota da Féo e Torres (1789).

CEARÁ INDEPENDENTE, COM GOVÊRNO PRÓPRIO

COM a Carta Régia de 17 de janeiro de 1799, inicia-se, no século dezoito, uma nova vida para o Ceará. É que passamos a têr governadores, terminando, assim, a administração feita pelos Capitães-móres, subalternos à Pernambuco, e cujas atividades se resumia mais na manutenção da ordem e comando das tropas.

Foi Bernardo Manuel de Vasconcelos o nosso primeiro governador, nomeado por Dona Maria 1.ª, Rainha de Portugal. Os fatos principais de sua administração foram o início do comércio diréto com Lisbôa e a organização de um Côrpo de Tropa.

Seguiram-se-lhe João Carlos Augusto de Oeynhausen, homem famôso, ardiloso, inteligente e que realizou a prisão do célebre Manuel Martins Chaves, temível bandoleiro da antiga Vila Nova D'El Rey; Luís Barba Alar-

do, em cuja administração foi realizado o primeiro recenseamento da população do Ceará que acusou um total de 125.878 habitantes, isto em 1808.

Fatos excepcionais, porém, estavam prestes por eclodir. É que, governando o Ceará Manuel Inácio Sampaio, bom administrador que nos legou a famosa Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, rebenta um movimento sedicioso, de caráter republicano, inspirado em tremenda conspiração vinda das bandas de Pernambuco e que teve em José Luís de Mendonça, no Recife, um dos principais aráutos.

O grito de rebeldia surgiu, no longínquo Carirí, através da palavra fácil e ardorosa do jóvem diácono José Martiniano de Alencar, que usou o próprio púlpito para transmitir as idéias revolucionárias ao grande público. Isto ocorreu, precisamente, aos 3 de maio de 1817.

Tristão Gonçalves de Alencar juntou-se ao irmão, e lá se foram para a Vila de Jardim, onde proclamaram a república independente.

Iniciada a contra-revolução, registraram-se vários combates, saindo vitoriosas as tropas realistas, que contavam com fantástica superioridade numérica.

Data desta luta o heroismo de Bárbara de Alencar, mulher extraordinária, símbolo de bravura, de lealdade e de mãe sublime, por isso que passou por terríveis sofrimentos, mas sempre fiel à causa abraçada pelos filhos.

JUNTAS GOVERNATIVAS

MANUEL INACIO SAMPAIO passou a administração cearense, em 1820, à Francisco Alberto Rubim, que foi o nosso 5.º governador, após a separação do Ceará de Pernambuco.

Com a famosa Revolução do Pôrto, de cunho constitucionalista, o Ceará viveu dias de profunda agitação. Coagido, o Governador Rubim jurou a nova Constituição Portuguêsa.

Dia vai, dia vem, os ânimos se exaltaram e explode uma sedição militar, aos 3 de novembro de 1821, cujo epílogo foi a deposição do Governador e a constituição de uma Junta Governativa, tendo à frente o cearense, Major Francisco Xavier Tôrres.

É nesta época que as Côrtes de Lisbôa declaram independentes do Rio de Janeiro as Províncias do Brasil, e somente sujeitas ao Govêrno de Portugal. Nova Junta Governativa é, então, eleita, dela fazendo parte, em primeiro plano, José Raimundo Paço de Porbem Barbosa.

Com a declaração da Independência, a 7 de setembro de 1822, ferve a agitação patriótica no interior do Ceará, tendo por centro principal a famosa cidade do Icó. Nela se encontrava, à frente de numerosa tropa, José Pereira Filgueiras, que havia vindo do Crato.

Assim, aos 16 de outubro de 1822, é eleita nova Junta Governativa da Província, recaindo a escôlha, entre outros, em José Pereira Filgueiras, como Presidente; Padre José Xavier Sobreira, Joaquim Felício Pinto de Almeida, Francisco Fernandes Vieira e Padre Antônio Manuel de Souza, como demais membros componentes do novo govêrno.

Em marcha forçada sobre Fortaleza, Pereira Filgueiras, acompanhado de Joaquim Pinto Madeira, empossa os componentes da Junta escolhida no Icó.

No ano seguinte, aos 3 de março de 1823, é eleita nova Junta Governativa, recaindo a escolha no Padre Francisco Pinheiro Landim, para Presidente e demais membros Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, Joaquim Felício de Almeida e Castro, Padre Vicente José Pereira e Miguel Antonio da Rocha Lima, secretário.

Entrementes, no Maranhão, a resistência à implantação do novo regime, com a independência política do Brasil, encontra sérios obstáculos. Incontinente, partem, à frente de numerosa tropa, Luís Filgueiras e Tristão Gonçalves que, em Caxias, comandando mais de 6 mil homens, derrotam João José da Cunha Fidié, coronel chefe dos revoltosos.

Pedro I, não suportando a tremenda oposição que lhe era feita na Assembléia Constituinte, dissolve a mesma, aos 12 de outubro de 1823. O fato provocou balbúrdia em várias províncias, principalmente no norte do País.

De acôrdo com a lei de 20 de outubro de 1823, é procedida, em Fortaleza, a eleição para membros do Consêlho do Govêrno, sendo escolhido, em primeiro plano, Tristão Gonçalves de Alencar.

Aos 14 de abril de 1824, chega à Fortaleza, Pedro José da Costa Barros, nomeado pelo Imperador, Presidente da Província do Ceará.

É nesta quadra de nossa história que vai rebentar o belo e heróico movimento republicano, denominado Confederação do Equador, cuja crônica está pontilhada de atos de bravura e fatos memoráveis.

A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR E TRISTÃO GONÇALVES

CORRIA o ano de 1824 e com êle agitava-se a política no Ceará, de maneira tremenda.

Os membros do Consêlho do Govêrno não satisfeitos com o ato da Câmara de Fortaleza,

que déra posse a José da Costa Barros, tramavam a revanche na antiga povoação de Arronches, hoje Parangaba. Com êles estava Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves.

Isto posto, é resolvida a deposição de Costa Barros e a reposição do antigo Govêrno. Reunidos em Aquiraz, aos 25 de abril de 1824, é feita a marcha sobre Fortaleza e segue-se a deposição de Costa Barros, sendo eleito Presidente Tristão Gonçalves.

Entrementes, aos 2 de julho de 1824, rebenta em Pernambuco uma revolução tremenda que passou à história como Confederação do Equador.

Os dirigentes do Ceará deram, então, apôio incondicional à insurreição do Recife e fizeram convocar uma grande reunião no Palácio do Govêrno. É feito, nesta oportunidade, o juramento de fidelidade à Confederação do Equador e, logo mais, eleitos os deputados que participariam, em nome do Ceará, da Assembléia Constituinte a reunir-se em Pernambuco.

O Govêrno Imperial, diante da revolução pernambucana, envia Luís Alves de Lima e o Almirante Lord Cochrane contra o Recife. A luta foi renhida, mas os revoltosos dominados, fugindo Manuel Carvalho Pais de Andrade, chefe do govêrno revoltoso da Confederação.

No Ceará, a barbúrdia foi terrível. Filgueiras, então comandante das armas, parte para a Paraíba. Gera-se a confusão e repetem-se os encontros sanguenolentos. As tropas são divididas para várias emprêsas militares. José Filgueiras, homem bravo, destemido, incapaz de recuar, segue para o Crato, depois de passar pelo Icó. Em lá chegando, vai lutar em Jardim contra os imperialistas. Sai vitorioso e põe-se em marcha forçada, finalmente, em demanda da Paraíba. Há lutas tremendas na longa e difícil caminhada quando, mais uma vez, fica comprovada a bravura do grande e valente Pereira Filgueiras.

Diante das dificuldades surgidas, resolve José Pereira Filgueiras regressar ao Ceará, indo, novamente, ter ao Crato. Novos combates são registrados e a tropa atinge, finalmente, à chapada do Araripe.

Isto posto, Tristão Gonçalves de Alencar vê-se colocado em amarga conjuntura. Sente que se aproxima o dilema terrível das revoluções fracassadas: ou a rendição incondicional ou a luta até o sacrifício supremo.

Bravo entre os mais bravos, Tristão inclina-se pela luta extrema e apresta tropa, seguindo para o Aracatí, afim de dar combate a Luiz Rodrigues Chaves, traidor da causa sagrada.

Neste interim, aporta à Fortaleza uma divisão naval comandada por Lord Cochrane, rendendo-se, à mesma, José Felix de Azevedo e Sá, que havia substituido, provisoriamente, a Tristão Gonçalves.

Nas cercanias do Aracatí a tragédia se aproximava a cada passo, mas Tristão Gonçalves não sabia recuar.

O encontro fatal deu-se nas proximidades do povoado Santa Rosa. Tristão Gonçalves já estava com as suas tropas desfalcadas. Somente algumas centenas de lealdosos comandados seguiam o notável chefe.

As tropas imperialistas, comandadas por José Leão da Cunha Pereira, deram cabo do resto de exército revolucionário. Tristão Gonçalves vê-se completamente perdido. Tenta lutar, mas em vão. A superioridade do inimigo era absoluta, de 100 para 1. Não havia como resistir. Seria suicidio inglório, pelo que resolve, o bravo guerreiro, ficar a salvo. Plena irrisão do destino implacável! Uma bala traiçoeira atinge em cheio o peito do valente soldado. Cai de bruços e tenta reação contra os inimigos impiedosos que acabam de matá-lo, fria e covardemente.

E assim se extinguira, trágicamente, nos sertões de Santa Rosa, o último baluarte da Confederação do Equador, no Ceará.

MARTIRES E REVOLUCIONARIOS

AOS 17 de dezembro de 1824, José da Costa Barros reassume o govêrno da Província. Em 1825, José Felix de Azevedo e Sá é novamente posto no cargo.

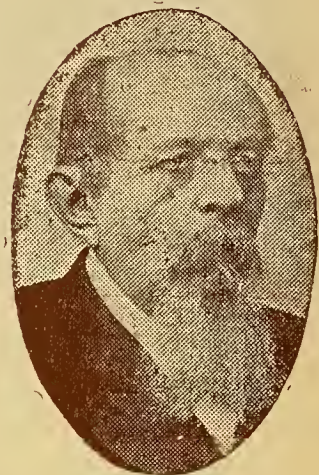
É no governo Azevedo e Sá que se passa um fato lamentável de nossa história: o julgamento e consequente fuzilamento dos revolucionários. Foram êles, o Padre Gonçalo Inácio de Melo Mororó, Coronel João Andrade Pessôa Anta, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Luís Inácio de Azevedo Bolão e Tenente Coronel Feliciano José da Silva Capibaribe.

A execução destes martires dos ideais republicanos revoltou o povo de Fortaleza, e foi preciso o concurso de forças armadas para que chegasse ao fim. Os trágicos episódios do fuzilamento, que duraram de 30 de abril a 28 de maio de 1825, tiveram o seu teatro macabro no local onde hoje se ergue o edifício da Santa Casa de Misericórdia, em frente ao Passeio Público.

Com a promulgação da Constituição de 25 de março de 1825, sucederam-se os seguintes Presidentes da Província do Ceará: — Antônio de Sales Nunes Belford, 1826; Manuel Joaquim Pereira da Silva, 1829, e José Maria-

residentes, Interventores e Governadores

José Martiniano de Alencar
1834-1840

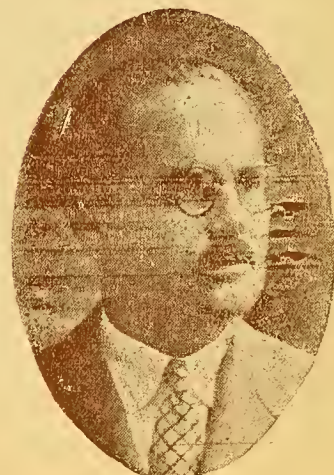
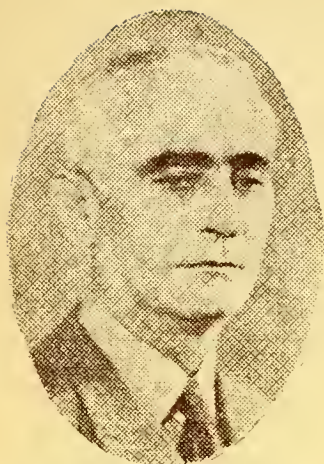
Benjamin Liberato Barroso
1891-1892-1914

Antonio Pinto Nogueira Acioly
1892-1896-1904-1908

Marcos Franco Rabelo
1912

Fernando Setembrino de Carvalho — 1914

João Thomé de Saboia e Silva
1916

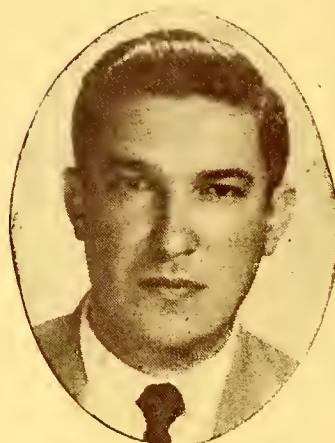
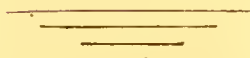
Justiniano de Serpa
1920

José Moreira da Rocha
1924

José Carlos de Matos Peixoto
1928

Manuel do Nascimento Fer-
des Távora
1930

Francisco de Menezes Pimentel
1935

Benedito Augusto Carvalho
dos Santos
1945

Pedro Firmeza
1946

Faustino de Albuquerque
e Souza
1947

Raul Barbosa
Atual Governador

no de Albuquerque, em cujo govêrno se passaram fato da maior importância. É que, com a abdicação de Dom Pedro I, aos 27 de abril de 1831, a Província viveu dias agitados em vista da guerra civil que explodiu no sul do Ceará, tendo à frente a figura impressionante de Joaquim Pinto Madeira que lutava pela volta, ao trono, do pai de Pedro II.

Organizando destemido exército, Joaquim Pinto Madeira, auxiliado pelo famôso Padre Antonio Manuel de Souza, apelidado de Benze-Cacête, infligiu sérias derrotas às tropas legalistas, apoderando-se do Crato, aos 28 de dezembro de 1831.

Sucederam-se vários embates, sendo que o próprio Presidente José Mariano partiu para o teatro de operações. Batidos Pinto Madeira e o Padre Manuel de Souza, entregam-se às fôrças do General Labatut, acampadas nas proximidades do Icó.

Anos depois, reconduzido ao Crato, Pinto Madeira é julgado e condenado à pena capital. No dia 28 de novembro de 1834, é fuzilado no famoso Alto do Barro Vermelho, daquela cidade.

PRESIDENTES DE 1883 A 1889

AO PRESIDENTE José Mariano, sucedeu, Inácio Corrêia de Vasconcelos, 1833, vindo, depois José Martiniano de Alencar, padre, e um dos maiores homens públicos que o Ceará já possuiu em todos os tempos. Seguiram-se: Manuel Felizardo de Souza Melo, 1837; João Antônio de Miranda, 1839; Francisco de Souza Martins, 1840; José Martiniano de Alencar, novamente reconduzido ao cargo, em 1840; José Joaquim Coêlho, 1841; José Maria da Silva Bitencourt, 1843; Inácio Corrêia de Vasconcelos, 1844; Casemiro José de Morais Sarmento, 1847; Fausto Augusto Aguiar, 1848; Inácio Francisco da Silva Mota, 1850; Joaquim Marcos de Almeida Rego, 1851; Joaquim Vilela de Castro Tavares, 1853; Vicente Pires da Mota, 1854; Francisco Xavier Pais Barreto, 1855; João Silveira de Souza, 1857; Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, 1859; Manuel Antônio Duarte de Azevedo, 1861; José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, 1863; Lafaiete Rodrigues Pereira, 1864, e em cujo govêrno o Ceará organizou batalhões voluntários para combater na Guerra do Paraguay; Francisco Inácio Marcondes Homem de Mélo, 1865; Heráclito de Alencar Pereira da Graça, 1874; Francisco de Farias Lemos, 1876; Caetano Estelita Cavalcanti Pessôa, 1877; João José Ferreira Aguiar, 1877; José Júlio de Albuquerque Barros, 1878; André Augusto de Barros Fleury, 1880; Pedro Leão Veloso, 1881; Sancho de Barros Pimentel, 1882; Domingos Antônio Rayol, 1882; Dr. Sátiro de Oliveira Dias, em cujo govêrno foi decretada a abolição dos escravos no Ceará, 1883; Carlos Honório Benedito Otoní, 1884; Sinval Odorico de Moura, 1885; Miguel Calmon Du Pin e Almeida, 1885; Joaquim da Costa Barradas, 1886; Enéas de Araujo Torreão, 1836; Antonio Caio da Silva Prado, um dos grandes governantes que o Ceará já possuiu, 1888; Henrique Francisco D'Avila, 1889 e, finalmente, o último Presidente, da quadra imperial, que foi Gerônimo Rodrigues de Morais Junior, deposto aos 16 de novembro de 1839, pelo tenente-coronel Luís Antônio Ferraz em vista da proclamação da República, no dia anterior.

PERÍODO REPUBLICANO

O PERÍODO histórico republicano, no Ceará, iniciou-se debaixo de grande agitação, como era, aliás, óbvio, tendo em vista os acontecimentos ocorridos da Capital Federal.

Na manhã do dia 16 de novembro de 1889, o então Presidente da Província, Dr. Morais Jardim, convocou uma reunião em Palácio. Foi aventada, nesta oportunidade, a idéia da adesão do Presidente ao novo regime, o que o mesmo não admitiu.

À tarde, é realizado gigantesco comício no Passeio Público. Os oradores mais exaltados propuzeram, então, a deposição do Presidente. Ato contínuo, rumou a multidão para o Palácio do Govêrno, onde falou o major Manuel Bezerra de Albuquerque, depondo Morais Jardim. Em seguida, foi aclamado novo chefe do govêrno, na pessôa do tenente-coronel Luís Antonio Ferraz que, logo mais, nomeava uma Comissão Executiva para dirigir o Ceará.

Somente a 1.º de dezembro, é que o Coronel Ferraz assumiu definitivamente as rédeas do govêrno, em vista da sua nomeação para o cargo, feita pelo Govêrno Provisório da República.

Foi na administração Ferraz que se promulgou a Constituição Estadual de 1890, fato ocorrido aos 23 de dezembro do mesmo ano.

Ainda na fase de consolidação do regime republicano, governou o nosso Estado, como seu 2.º Governador, o General José Clarindo de Queiroz. Foi na sua administração que se registrou uma revolta da Escola Militar.

Aos 3 de novembro de 1891, Deodoro da Fonsêca, Presidente da República, resolve dissolver o Congresso, dando um golpe de Estado. O Govêrno é entregue ao Vice-Presidente Floriano Peixoto, cognominado o Marechal de Ferro. Antes, porém, quando fôra perpetrado

o golpe Deodoro, vários governadores hipotecaram solidariedade ao proclamador do novo regime, entre os quais o do Ceará.

Surgindo difícil situação para Floriano com a deflagração da famosa Revolta da Armada, chefiada por Custódio José de Melo, resolve o dirigente do País depôr os governadores que haviam prestado apôio incondicional à Deodoro.

Isto posto, na tarde de 16 de fevereiro de 1892, explode uma revolução em Fortaleza para depôr Clarindo de Queiroz. A luta durou até a manhã do dia seguinte, 17, tendo sido bombardeado o Palácio da Luz, onde se encontrava o Governador, que acabou cedendo ao império das circunstâncias, e renunciando. O comandante da guarnição, coronel Bezerril Fontenelle, assumiu o govêrno, passando-o, em seguida, ao major Benjamin Liberato Barroso, vice-Governador.

ACIOLINOS E RABELISTAS

AOS 12 de julho de 1892, é promulgada nova Constituição Estadual. Instala-se uma Assembléia constituida de trinta deputados, e o Ceará entra num regime de relativa paz, elegendo seu Presidente, José Freire Bezerril Fontenelle, cuja administração foi de 1892 a 1896.

No período compreendido entre 1896 a 1900, governou o nosso Estado o Presidente Antônio Pinto Nogueira Acioly, famoso chefe político, sucedendo-lhe o Dr. Pedro Augusto Borges, 1900-1904.

Em 1904, é reconduzido o Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioly. Em sua administração foi instalada a Faculdade de Direito e outros cometimentos de interêsse público foram levados a bom têrmo, mal grado a politicagem que imperou nos sertões cearenses, ocasionando fatos graves de perturbação da ordem pública. Terminando o seu mandato de quatro anos, isto em 1908, Nogueira Acioly é reeleito à direção dos negócios do Estado para o período que iria até dezembro de 1912, ano em que o aciolismo é deposto, aos 24 de janeiro, em virtude de um movimento de rebelião popular que contou com o prestígio do então Presidente da República, Marechal Hermes da Fonsêca. O govêrno é assumido pelo Vice-Presidente, Antônio Frederico de Carvalho Mota.

Para o quadriênio de 1912 a 1914, é eleito Marcos Franco Rabelo, brilhante oficial do Exército, o qual tomou posse debaixo das mais amplas demonstrações de simpatia do povo cearense.

É durante a sua administração que se levanta o Juazeiro do Norte, vivendo, então, sob o prestígio do famôso Padre Cícero Romão Batista e debaixo do domínio absoluto do Dr. Floro Bartolomeu da Costa, político cuja fama transpoz as fronteiras do Ceará.

A luta foi tremenda e agitou todo o Estado, de norte a sul. Os batalhões de jagunços, organizados na Méca do Carirí, dominaram completamente toda a região sul do Ceará e se puzeram a caminho da Capital sob o comando do Dr. José de Borba e outros chefes políticos com o fim de apressarem a deposição de Franco Rabêlo. Desbaratadas as forças fiéis ao govêrno, estando o Estado envolvido em tremenda agitação, o Presidente Hermes da Fonsêca decreta a intervenção federal e consequente deposição de Franco Rabêlo, sendo nomeado para receber as rédeas da administração, na qualidade de Interventor, o Coronel Fernando Setembrino de Carvalho. A atitude do Marechal Hermes advinha da politicagem chefiada pelo caudilho Pinheiro Machado, que se colocou ao lado dos revolucionários em detrimento da órdem e do prestígio de um govêrno dígno, como foi o de Franco Rabelo.

Para o quadriênio 1914 a 1916, foi eleito Presidente do Ceará o Coronel Benjamin Liberato Barroso. De 1916 a 1920, esteve à frente da administração estadual o Dr. João Tomé de Saboia e Silva. Estas duas administrações se distinguiram pelo restabelecimento das garantias constitucionais e combate, sem tréguas, ao cangaceirismo que, então, lavrava em tôdo o interior cearense protegido, quase sempre, pela políticagem dos chefetes locais.

Para 1920-1923, é escolhido o Dr. Justiniano de Serpa, homem de lêtras, orador primoroso, jornalista, e que ralizou uma notável administração. Fundou centenas de escolas, abriu estradas, implantou um período de paz e de tranquilidade, acalmou ânimos exaltados, promulgou códigos e leis fundamentais à vida e ao progresso do Ceará, além de ter sido o govêrno no qual se iniciaram as obras contra as sêcas, tarefa magnífica do grande Presidente Epitácio Pessôa, pioneiro da redenção nordestina e cujo nome deve ser sempre lembrado, com carinho e gratidão, por todos os cearenses.

Ao Dr. Justiniano de Serpa, substituiu o Vice-Presidente Ildefonso Albano em virtude de grave enfermidade na pessoa do Presidente, terminando, assim, o quadriênio governamental. O Dr. Ildefonso Albano realizou várias obras de interesse público.

O quadriênio 1924-1928, é governado pelo Desembargador José Moreira da Rocha, com excessão dos mêses de maio de 1928 aos últimos do período governamental, em vista da renúncia do Presidente e consequênte posse, neste cargo, do Vice-Presidente Eduardo Henrique Girão. O Govêrno do Desembargador Moreira da Rocha se caracterizou por uma reforma à Constituição Estadual, término do serviço de agua e esgoto da Capital e agitações políticas.

Para governar o Ceará, a partir de 1928, foi eleito o Dr. José Carlos de Matos Peixoto, sendo Vice-Presidente o Dr. Demóstenes de Carvalho que, vindo a falecer em 1929, foi substituido pelo Dr. Benedito Carvalho Augusto dos Santos.

Tudo corria relativamente calmo quando, em 1930, explode no sul do País a chamada Revolução Liberal, dela advindo a deposição do Presidente da República, Dr. Washington Luís Pereira de Souza e, consequentemente, a queda de todos os Presidentes de Estado. Matos Peixoto abandona o Ceará aos 8 de outubro de 1930, em demanda do sul do País.

Com a revolução de 30, novos costumes políticos foram implantados no País, razão por que ela encerrou mais um período da vida republicana. As consequências do famôso golpe revolucionário se fizeram sentir profundamente na vida política do Ceará, por isso que novos horizontes surgiram na vida administrativa que passou a contar com a decisiva e indispensável colaboração do povo para a solução e o encaminhamento dos problemas políticos mais importantes.

DE 1930 AOS DIAS ATUAIS

NO DIA 8 de dezembro de 1930, debaixo de grande agitação, e por aclamação popular, assume as rédeas do governo do Estado o Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, chefe do movimento revolucionário, no Ceará. Logo mais, o Dr. Távora é nomeado Interventor Federal, pelo Governo Provisório da República.

Em 1931, é designado novo Interventor na pessoa do Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, que nos governou de 1931 a 1934 realizando uma administração operosa e digna.

Em 1934, é nomeado para substituto do Capitão Carneiro de Mendonça, o Coronel Felipe Moreira Lima. Homem de grande coração. Moreira Lima foi um incompreendido, razão porque as eleições para a escolha de deputados federais e estaduais decorreram, em seu govêrno, sob grande agitação.

Em maio de 1935, realizaram-se eleições indirétas, isto é, pela Assembléia Legislativa, para a escolha do Governador do Estado, tendo sido vitorioso o Dr. Francisco de Menezes Pimentel que assumiu o govêrno aos 26 de maio do mesmo ano. Fôra candidato da Liga Eleitoral Católica.

Homem sereno, educador de várias gerações, o Dr. Menezes Pimentel vinha realizando uma administração prudente quando, aos 10 de novembro de 1937, o Dr. Getúlio Vargas, então Presidente da República dá um golpe de Estado, implantando no País o famôso Estado Novo. O Dr. Menezes Pimentel é nomeado Interventor Federal, passando a governar sem Assembléia, extinta e fechada no instalar-se o novo regime discricionário.

Embora dispondo de poderes absolutos, a administração Menezes Pimentel continuou, sem balbúrdias e atropelos, na linha antes pautada, isto é, dentro de um programa de paz, de tranquilidade e de trabalho. Daí porque a administração, a que nos referimos, levou a bom termo inúmeras realizações de interêsse coletivo, dentre as quais vale ressaltadas: o desenvolvimento da instrução pública, o amparo à agricultura e à pecuária, a construção de importantes edifícios públicos como a Secretaria de Polícia, o Tribunal de Justiça, Secretaria de Agricultura, Escola de Agronomia, Grupos Escolares, Postos de Saúde, construção de dezenas de açudes, construção de campos de pouso no interior do Estado além do equilíbrio orçamentário.

* * *

COM a vitória, à vista, das potências democráticas contra as fôrças do êixo Roma-Toquio-Berlim, que desejavam implantar o regime fascista no mundo, o panorama político universal se modifica, com reflexos diretos na vida brasileira.

Surge o grito do escritor José Américo de Almeida, através da imprensa nacional, em pról da reconstitucionalização do País, até então sob um regime discricionário, sem o funcionamento do Poder Legislativo e sem a prática salutar do sufrágio popular.

Agitam-se as correntes de opinião nacional, e o poder público vê-se obrigado a baixar um ato marcando eleições nacionais para a escolha dos dirigentes da República.

Organizam-se os partidos políticos e com o nascer da nova ordem de coisas, principiam as substituições de Interventores.

É nesta quadra política que é demitido o Dr. Menezes Pimentel, tendo como substituto o Dr. Bení Carvalho, antigo Vice-Presidente do Ceará, e cuja posse ocorre aos 30 de Outubro de 1945.

Aos 2 de Dezembro de 1945, realizam-se as eleições para Presidente da República, e para a Câmara dos Deputados, sendo eleito representante do Ceará o Dr. Beni Carvalho, substituido no govêrno pelo Dr. Acrício Moreira da Rocha, nomeado Interventor Federal.

Aos 14 de Fevereiro de 1946, o Dr. Acrisio passa o govêrno ao Dr. Pedro Firmeza, que governa o Ceará, na qualidade de Interventor, até a posse do novo titular, Coronel Machado Lopes, realizada aos 28 de Outubro de 1946.

Aos 19 de Janeiro de 1947, realizam-se as eleições para a escolha do Governador do Estado, e para os membros da Assembléia Constituinte Estadual. Dois candidatos apresentaram-se ao eleitorado cearense: General Onofre Gomes de Lima e Desembargador Faustino de Albuquerque e Souza. A preferência do povo cearense recaiu na pessoa do Desembargador Faustino de Albuquerque, cuja posse realizou-se no dia 2 de Fevereiro de 1947.

Tendo a Assembléia Constituinte se instalado no dia 31 de Janeiro daquele ano, o Governador passava a administrar o Ceará sob a égide da Constituição do Estado, promulgada aos 23 de Junho de 1947.

O Govêrno do Desembargador Faustino de Albuquerque se caracterizou pelo pleno restabelecimento das garantias constitucionais asseguradas ao povo pelo novo regime, com base na ordem e na legalidade. Aos 7 de Dezembro de 1947, realizam-se eleições em todo o Estado para a escolha dos Prefeitos e Vereadores municipais. São promulgadas várias leis da maior importância para a vida administrativa do Estado, entre as quais, vale salientadas, a Lei Orgânica dos Municípios, o Estatuto dos Funcionários Públicos Civís, a Lei de Organização Judiciária, a Lei de Divisão Administrativa do Estado e outros diplomas da maior importância.

Aos 3 de Outubro de 1950, realizam-se eleições para a escolha do novo Governador. Candidataram-se, pela União Democrática Nacional e outros partidos menores, o Dr. Edgar Cavalcante de Arruda, e pelo Partido Social Democrático, e outros partidos menores, o Dr. Raul Barbosa. A preferência do eleitorado recaiu na escolha deste último, cuja posse realizou-se, solenemente, aos 31 de Janeiro de 1951, no Palácio da Luz, sendo as rédeas da administração estadual entregues ao novo Governador, pelo Dr. Amadeu Furtado, então Presidente da Assembléia Legislativa, respondendo pelo Poder Executivo do Estado.

Aos 15 de Março, do mesmo ano, são empossados os novos membros componentes da Assembléia Legislativa, eleitos em 3 de Outubro de 1950.

A atual administração se caracteriza na conjuntura histórica, como saneadora das finanças estaduais e realizadora de obras públicas, tais como a construção de açudes, estradas, edifícios públicos no interior do Estado-grupos escolares e postos de saúde — e disseminação da prática da agricultura mecanizada.

* * *

Eis, em traços rápidos, uma síntese, um pequeno esboço da formação histórica do Ceará, dêsde os albôres da sua colonização, 1603, aos dias atuais, 1953.

Entre as personalidades citadas, dirigentes da administração estadual, devem ser incluidas, em épocas diferentes entre outros, os seguintes homens públicos que estiveram à frente dos destinos do Ceará, respondendo, interinamente, pela chefia do govêrno: Dr. George Cerqueira Cavalcante, 1933; Franklin Monteiro Gondim, 1935; José Martins Rodrigues, 1938; Dr. Andrade Furtado, 1939; Desembargador Daniel Lopes, 1945; Desembargador Livino de Carvalho, 1945; Dr. Thomaz Pompeu Filho, 1945; Prof. Luís Sucupira, 1946; Dr. João Otávio Lôbo, 1946; Desembargador José Feliciano de Atayde, 1946, também nomeado Interventor Federal; Dr. Joaquim Bastos Gonçalves, 1947; Dr. Amadeu Furtado, 1951 e, finalmente, Dr. Stênio Gomes da Silva, atual Vice-Governador do Ceará.

No quadro que se segue, citamos os fatos de maior importância ocorridos durante êstes três séculos e meio, ligados diretamente à nossa evolução econômica, cultural, política, e religiosa.

II — CRONOLOGIA

PRINCIPAIS DATAS DA HISTÓRIA CEARENSE

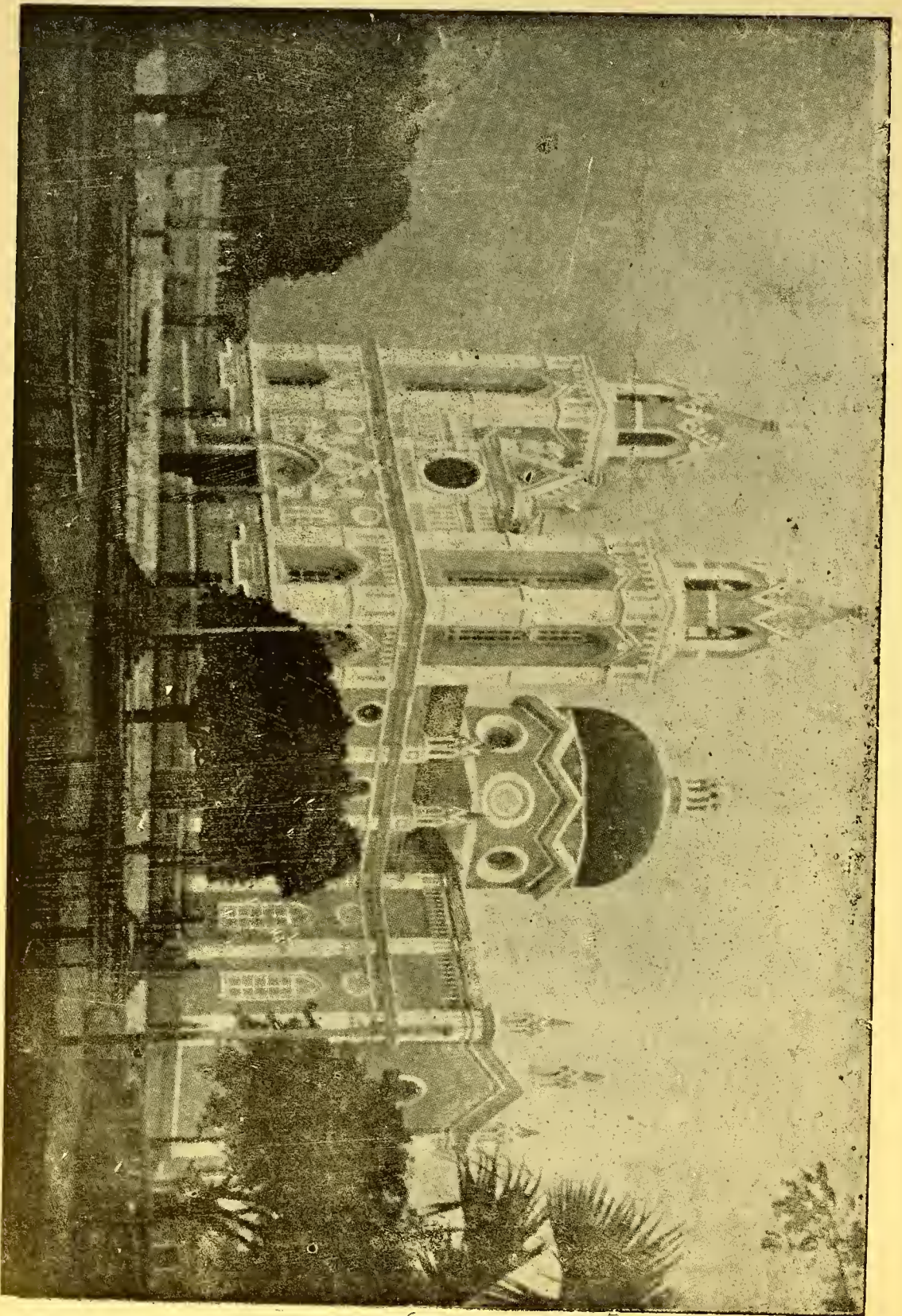
DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
CONQUISTA DO TERRITÓRIO			
Chegada de Vicente Yanez Pinzon à ponta de Mocuripe	26	IV	1500
Chegada em terra do Ceará dos primeiros europeus, franceses comandados por Bombille ou Mambille, estabelecendo-se na Ibiapaba	—	—	1590
Chegada de Pero Coêlho de Sousa, com a primeira expedição colonizadora, à Barra do Camocim	18	I	1604
Grande sêca faz perder-se a expedição de Pero Coêlho	—	—	1606
Chegada de Diogo de Campos ao rio Curú, que explora, subindo cinco léguas em um batel	24	IX	1614
Uma expedição holandesa contra o Ceará é rechassada por Veiga Cabral	—	—	1632
Aparecimento de navios holandeses na baía de Mocuripe	25	X	1637
Combate entre holandeses e portugueses para tomada do forte que ficou sob o comando do tenente Van Ham	26	X	1637
Desanexação do govêrno do Maranhão e incorporação à Capitania Geral de Pernambuco	—	—	1655
Domingos Alves Sertão, partindo do São Francisco chega a Ibiapaba, daí seguindo para o Piauí	—	—	1677
Solicitação da Câmara da Vila de São José da Ribamar ao Rei para que sejam traçados os limites de sua jurisdição	16	VII	1700
Concessão ao sargento-mór dos indios da Ibiapaba de uma sesmaria de duas léguas com meia de largura	4	IX	1706
Transferência da séde da vila de São José da Ribamar para o sitio Aquiraz	27	VI	1713
Rebelião dos indios Anassés e assalto a Aquiraz	18	VII	1713
O Senado da Câmara de Aquiraz dirige-se ao Vice-Rei do Brasil, expondo a fundação da primeira vila da Capitania e pedindo a sua conservação no sitio Aquiraz	16	XI	1714

DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
O Presidente Pedro Borges manda retomar a vila de Grossos, ocupada militarmente por fôrças do Rio Grande do Norte	2	I	1902
Convênio entre os representantes do Ceará e do Rio Grande do Norte sobre os limites entre os dois Estados	20	III	1902
Laudo do Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira, considerando Grossos território cearense	24	IX	1902
Acôrdo de limites entre o Ceará e Pernambuco	21	VI	1920
HISTÓRIA POLÍTICA			
Partida dos missionários Francisco Pinto e Luiz Filgueiras de Pernambuco, para a catequese dos índios da Ibiapaba ...	20	I	1607
Libertação por carta régia, dos índios do Ceará, reduzidos ao cativeiro por Pero Coêlho	10	IX	1611
Nomeação de Soares Moreno, para capitão-mór e governador, por carta patente de Felipe III	26	V	1619
Ordem régia determina a arrecadação de gado bravio sem dono no Ceará, destinando-se o produto ao concêrto da Fortaleza	16	IX	1668
Os Tremembés deixam Fortaleza e declaram, em face do mau tratamento recebido, não aceitar a amizade dos brancos ..	—	—	1671
Ordem régia mandando criar vila na capitania	13	II	1699
Eleição dos membros da primeira Câmara do Ceará — a de São José de Riba-Mar, têrmo que abrangia toda a capitania ..	25	I	1700
Alvará tornando obrigatório, sob penas graves, o plantio de mandioca	27	II	1701
Chegada de João Arnaud ao Carirí, onde dá comêço à primeira povoação do sopé da serra do Araripe, sob o nome de São José da Missão Velha dos Carirís Novos	—	—	1707
Transferência para Fortaleza da vila que estava na barra do Ceará	8	X	1708
Regimento dado aos capitães-móres de milicia do Ceará pelo governador de Pernambuco	20	III	1710
Carta régia ordenando que se désse aos vigários das paroquias e missionários dos indios aldeados desta capitania para passais (1) dessa igrejas, terra bastante para o pasto de quatro cavalos e outras tantas vacas	12	XI	1710
Carta régia, mandando que a Capitania do Ceará ficasse anexada à Ouvidoria da Paraíba	30	I	1711
Carta régia, criando na ribeira do Jaguaribe um Juiz pedaneo e um escrivão de notas para os contratos, aprovação de testamentos, etc.	31	I	1711
Carta régia, ordenando que o capitão-mór do Ceará informe se há minas de ouro no sertão do Icó, bem como o sitio em que se acham essas minas, a distancia em que ficam da praia e se poderia embaraçar o seu descobrimento	18	IV	1712
Provisão de mesa de conciência e ordens, mandando que o Ouvidor da Paraíba exerça também, no Ceará, o lugar de provedor	26	III	1720

DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
Provisão do Conselho Ultramarino, desligando o Ceará da Ouvidoria da Paraíba, constituindo-se ouvidoria independente	8	I	1723
Posse do primeiro Ouvidor do Ceará, José Machado	23	VIII	1723
Resolução régia, mandando que se conserve a vila de Aquiraz e haja uma outra em Fortaleza	9	V	1725
Instalação da Vila Fortaleza de N. S. da Assunção	13	IV	1726
Inauguração da freguesia de N. S. da Luz da Missão Velha ..	28	I	1748
Viagem do Capitão-mór Dourado ao Carirí no intuito de saber a existência de minas de ouro ali	—	—	1752
Carta régia, proibindo a extração do ouro no Carirí e em Mangabeiras	12	IX	1758
Criação do primeiro Hospital Militar do Ceará, por ato do Governador de Pernambuco	2	VII	1769
Sêca no Ceará causa grandes prejuizos	—	—	1777
Grande sêca que veio a terminar em 1793	—	—	1791
Grande inverno causa enormes prejuizos a lavoura	—	—	1797
Alvará separando a Capitania do Ceará do Governo Geral de Pernambuco e permitindo-lhe fazer comercio direto com Portugal	17	I	1799
Posse do 1º governador do Ceará, Bernardo Manuel de Vasconcelos	28	IX	1799
Recenseamento procedido acusa uma população de 125.878 pessoas	—	—	1808
Fundação em Fortaleza de uma fábrica de louça vidrada	—	—	1809
Decreto criando a Alfandega do Ceará	10	VI	1810
Estabelecimento, em Fortaleza, da primeira casa estrangeira de comércio direto, fundada peeol irlandês William Wara	—	V	1811
Funcionamento da repartição do Correio, estabelecido por deliberação da Junta da Fazenda	1	V	1812
Instalação da Alfandega criada em 1810	1	VII	1812
Recenseamento mandado fazer pelo governo verifica uma popopulação de 149.285 pessoas	—	—	1813
Instituição do Correio público	31	VIII	1815
Proclamação da República, no Crato, pelo diâcono José Martiniano de Alencar, seus parentes e amigos	3	V	1817
Contra-revolução no Crato	11	V	1817
Procedentes de Pernambuco, chegam sementes de café destinadas ao Carirí, de onde foram enviadas algumas para Baturité	—	—	1822
Decreto elevando à categoria de cidade a vila de Fortaleza, com a denominação de Fortaleza de Nova Bragança	17	III	1823
Aparecimento do primeiro jornal cearense, «Diario do Govêrno do Ceará», dirigido pelo Padre Mororó	1	IV	1824

DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
Posse do primeiro presidente nomeado para o Ceará — Pedro José da Costa Barros, chegado a 14	17	IV	1824
Costa Barros resigna ao governo em face de um movimento popular, substituindo-o Tristão Gonçalves	29	IV	1824
Proclamação de Tristão Gonçalves convidando o povo a unir-se a Pernambuco e demais provincias que se agitam sob a bandeira republicana	22	V	1824
Proclamação da República em Fortaleza e aclamação de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe como presidente	26	VIII	1824
Partida da primeira leva de recrutas para o Exercito	3	XI	1825
Abertura da primeira Assembléia	7	IV	1835
Primeira lei de orçamento da Provincia com uma receita de 91:960$000	4	VI	1835
Recenseamento realizado acusa uma população de 240.00 habitantes	—	—	1835
Criação da Tesouraria Provincial	26	IX	1836
Instalação em Fortaleza de um Banco provincial de emissão e descontos	—	—	1836
Instalação do Liceu do Ceará, sendo seu primeiro diretor o padre doutor Tomaz Pompeu de Sousa Brasil	19	X	1845
Grande sêca no Estado	—	—	1845
Epidemia de febre Amarela em Fortaleza e Aracati	—	VI	1851
Lei provincial n. 545, proibindo, sob pena de multa e prisão, o córte de carnaúba	20	X	1851
O Papa Pio IX, pela bula «Pro animarum salute», aprova a criação do bispado do Ceará	8	VII	1854
Lei Provincial n. 705, autorizando o govêrno a contratar a elaboração de uma estatística da Provincia	9	VIII	1855
Assinatura do contrato entre o dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil e o govêrno para a elaboração da estaistica da Provincia, mediante a quantia de 3.000$000, trabalho que é entregue em 1862 e publicado sob o titulo: «Ensaio de Estatistica da Provincia do Ceará»	14	IX	1855
Lei n. 766, concedendo um emprestimo de 6.000$000 ao Dr. M. José Teófilo para montar uma fabrica de rapé	8	VIII	1856
Contrato em virtude do qual começou a navegação a vapor entre Pernambuco e Ceará	26	IX	1856
Inauguração do Colégio de Educandos de Fortaleza, criado pela lei provincial n. 759, de 5 de julho de 1856	10	III	1857
Lei n. 1.144, decretando a fundação de um Seminário em Fortaleza	27	IX	1860
O governo da Provincia contrata a fundação de uma fazenda modelo de criação de gado em Quixeramobim	6	IX	1861
Posse de D. Luiz Antonio dos Santos, primeiro bispo do Ceará	29	IX	1861

CIDADE
DE FORTALEZA
ESTADO
DO CEARÁ
1949
ESCALA 1:10000
PORTO DO MUCURIPE
CENTRO DA CIDADE
PLANTA GUIA

CANINDÉ — BASILICA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS

DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
Publicação do primeiro número da «Gazeta Oficial do Ceará»	16	VII	1862
Exposição na Santa Casa de Misericordia, de produtos destinados à Exposição do Rio de Janeiro	2	XII	1862
Contrato de José Paulino Hoonholtz com o governo, para o abastecimento dagua potavel à capital	27	V	1863
Contrato com Joaquim de C. Freire e Tomaz Rich Brandt para a iluminação da capital a gás hidrogênio carbonado	16	I	1864
Assentamento da primeira pedra no teatro público de Fortaleza	11	II	1864
Instalação da Companhia de Aprendizes Marinheiros	26	II	1865
Embarque das forças de primeira linha para a guerra do Paraguai	3	IV	1865
Embarque do corpo de voluntários para o Paraguai	6	IV	1865
Adoção, em Fortaleza, pela primeira vez no Brasil, do sistema métrico decimal de pesos e medidas	3	VIII	1865
Inauguração da Biblioteca e Arquivo Público	25	III	1867
Inauguração do serviço de distribuição das águas do Benfica para o consumo da capital	26	III	1867
Publicação do primeiro número do Almanaque da Provincia..	25	VIII	1867
Inauguração da iluminação a gás em Fortaleza	17	IX	1867
Contrato celebrado para a construção da via ferrea Fortaleza-Baturité	25	VI	1870
Inauguração da Relação do Ceará	3	II	1874
Instalação da Junta Comercial, compreendendo no seu distrito o Rio Grande do Norte	9	V	1877
Grande sêca, que se prolonga até 1880	—	—	1877
Instalação da Caixa Econômica do Ceará	14	I	1879
Inicio das comunicações telegraficas entre a capital e o Rio de Janeiro	26	II	1881
Inauguração do cabo submarino, começando as comunicações diretas com a Europa	30	III	1882
Libertação em massa dos escravos de Acarape, primeira que se registra no Brasil	1	I	1883
Inauguração do serviço telefônico em Fortaleza	11	II	1883
Contrato para a construção de um porto em Fortaleza	5	V	1883
Primeiro trabalho de tecelagem no Ceará, na fabrica de tecidos da família Pompeu	24	XI	1883
Libertação final dos escravos no território cearense	25	III	1884
Criação de uma Escola Militar no Ceará	1	II	1889
Proclamação da República, em Fortaleza, assumindo o govêrno o coronel Luiz Antônio Ferraz	16	XI	1889

DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
Abertura da primeira oficina de litografia	8	III	1891
Promulgação da primeira Constituição do Estado	16	VI	1891
Contrato com o engenheiro Rodolfo Furquim Lahmeyer para exploração do sal em Aracatí	24	IV	1902
Corrida inaugural do Derby Cearense	15	II	1903
Instalação da Academia de Direito que, em Setembro, foi avocada ao Estado	1	III	1903
Exibição pela primeira vez em Fortaleza, de uma pianola, com um concêrto pelo pianista Witt, no salão da Fenix Caixeiral	1	XI	1906
Ascenção, num balão, do sargento José da Luz	1	I	1907
Experiência do primeiro automóvel chegado à capital	28	III	1909
Inauguração do Teatro José de Alencar	24	VI	1909
Inicio do tráfego de bonde életrico	9	X	1913
Intervenção federal no Estado, em virtude dos acontecimentos politicos registrados em dezembro do ano anterior, em Juazeiro	14	III	1914
Decreto da Santa Sé, elevando a diocese de Fortaleza à dignidade de metrópole e criando a diocese de Sobral	10	XI	1915
Instalação em Quixadá do primeiro Congresso Agricola do Ceará	7	IX	1916
Inauguração da Escola de Música Alberto Nepomuceno	15	VII	1919
Promulgação da reforma da Constituição Estadual	4	XI	1921
Posse da primeira diretoria do Radio Clube	9	III	1924
Posse, no govêrno do Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, na qualidade de chefe do movimento revolucionário no Estado	8	X	1930
Promulgação da segunda Constituição do Estado	24	IX	1935
Instalação do VI Regimento de Aviação em Fortaleza	21	IX	1936
Posse do dr. Francisco de Menezes Pimentel como interventor federal	26	XI	1937
Visita o Ceará, sua terra natal, o Ministro do Trabalho, Industria e Comércio, Waldemar Falcão	26	II	1938
Celebra-se, pela última vez, missa solene, na antiga Catedral de Fortaleza, que começa a ser demolida	11	IX	1938
É instalado, pelo Prof. Raja Gabaglia, o Colégio Floriano, antigo Colégio Militar do Ceará	31	I	1939
Toma posse, como Secretário do Interior e Justiça o Dr. Manuel Antonio de Andrade Furtado, líder católico	24	I	1939
O Ministro da Guerra, General Eurico Dutra, visita o Ceará ..	27	I	1940
Inaugura-se a 2ª Feira de Amostras do Ceará	19	XI	1940
Inaugura-se, em Fortaleza, a Conferencia do Rotary do Brasil	16	IV	1941

DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
D. Aluisio Masella, visita o Ceará	26	VI	1941
Confirma-se grande sêca em todo o Estado	19	III	1942
Chega à Fortaleza o Dr. Vinicius Berredo, Diretor Geral da Inspetoria de Obras Contra as Sêcas	19	IV	1942
Começam a ser chamados os reservistas de 1ª e 2ª Categoria em vista da gravidade da conflagração mundial	13	IV	1943
Alvaro Nunes Weyne, toma posse do cargo de Secretário dos Negocios da Fazenda	1	V	1943
É aberto o voluntariado para o Corpo Expedicionário Brasileiro que lutará contra as tropas do Eixo	29	I	1944
Inicia-se patriotico movimento para aquisição de donativos destinados à confecção da «Bandeira do Expedicionário»	24	I	1944
Verifica-se enorme tensão popular com a deposição do Senhor Getulio Vargas	10	XI	1945
Assume a Interventoria Federal o Dr. Beni Carvalho	30	X	1945
Eleições gerais para Presidente da Republica e Câmara dos Deputados	2	XII	1945
Toma posse no cargo de Interventor Federal, Acrisio Moreira da Rocha	14	I	1946
Assume a Interventoria Federal o Dr. Pedro Firmeza	14	II	1946
Presta compromisso, no cargo de Interventor Federal, o Coronel Machado Lopes	28	X	1946
Realizam-se eleições gerais para Governador do Estado e Assembléia Constituinte Estadual	19	I	1947
Toma posse o Governador eleito, Faustino de Albuquerque e Sousa	2	III	1947
Instala-se a Assembléia Estadual Constituinte	31	I	1947
É promulgada a Constituição do Estado	23	VI	1947
Realizam-se eleições municipais, em todo o Estado	7	XII	1947
Tomam posse todos os Prefeitos do interior	6	I	1948
É promulgada a Lei Organica dos Municipios	14	VII	1948
Instala-se, solenemente, a 3ª Sessão Legislativa	15	III	1949
Inicia-se o Congresso de Municipios do Ceará	24	VII	1949
Falece Dom Manuel da Silva Gomes	14	III	1950
Realizam-se eleições gerais no Ceará	3	X	1950
Toma posse o Governador eleito, Raul Barbosa	31	I	1951
Instala-se, solenemente, a Asembléia Legislativa	15	III	1951
Grandes solenidades no centenário de nascimento de Justiniano de Serpa	6	I	1952

DESENVOLVIMENTO	DATA DO ACONTECIMENTO		
	Dia	Mês	Ano
É declarada a sêca no Ceará	19	III	1952
O Governador do Rio Grande do Sul visita o Ceará	4	VI	1952
O Governador do Rio Grande do Norte chega a Fortaleza ..	18	VII	1952
Chega a Fortaleza o Ministro da Educação, Dr. Simões Filho	10	VIII	1952
Inaugura-se grande Exposição Pecuária	9	XI	1952
É lançada a pedra fundamental do Santuário de N. S. de Fátima	28	XII	1952
Chega a Fortaleza o Ministro da Agricultura, Dr. João Cleofas	19	II	1953
Reunião de todos os Bispos do Ceará	27	IV	1953
Comemora-se, em todo o Estado, o centenário de nascimento do escritor Rodolfo Teófilo	6	V	1953
O Governador Lucas Garcez, do Estado do São Paulo, visita o Ceará	17	IX	1953
Grandes solenidades assinalam o centenário de nascimento do historiador Capistrano de Abreu	23	X	1953

Vida Histórica dos Municípios

A C A R A Ú

CIDADE ERGUIDA Á MARGEM DO RIO DAS GARÇAS

PAISAGENS NATURAIS QUE ENCANTAM — AS CHARQUEADAS POVOARAM A TERRA — DENOMINAÇÕES ANTIGAS — FATOS E EPISÓDIOS ACERCA DO PATRIMÔNIO PAROQUIAL — O PRINCIPE DOS POETAS — JOÃO SALDANHA, MILAGROSO FEITICEIRO... — O CAPITÃO DIOGO, DA LAGOA GRANDE — TERRA DE GRANDE FUTURO — FILHOS QUE HONRAM O CEARÁ — ALMOFALA —

ACARAÚ, cidade séde do município do mesmo nome, ergue-se à margem direita do famoso «Rio das Garças», com curso superior a 300 quilômetros, oferecendo, ao hinterland cearense, uma bacia hidrográfica de 14.500 kms2. Situada na zona norte, faixa litorânea, dista da praia apenas seis quilômetros, o que lhe outorga clima excelente, tido e havido como um dos melhores que possuimos. É cidade que teve o seu progresso tolhido por falta de vias de comunicação, visto como somente agora construiram-lhe, os poderes públicos, uma rodovia. Viveu, assim, durante longos anos, quase que isolada do resto do Estado, embora o mar lhe constituisse porta aberta para o seu comércio que, outróra, teve dias de esplendôr e grande animação. Já se nota alguns melhoramentos importantes, mas para a soma de filhos ilustres que possui, e que ofertou ao Ceará, devia ser cidade em muito melhores condições. Acresce revelar que a geografia local é excelente no que se refere às possibilidades economicas. Município vasto, com quase 3.600 kms. de superfície, as suas terras são de bom quilate, prestando-se para as mais variadas culturas.

Enorme riqueza lhe foi doada por Deus no ofertar-lhe o pescado; condições favoráveis à indústria salineira, em larga escala; carnaúbais farfalhantes, hoje transformados em ouro; oiticicais imensos e grande cópia de mamona que brota, na terra virgem, sem que necessite maiores cuidados e despesas.

O seu povo é profundamente trabalhador, embora lhe vergastem a alma as crises climatéricas que assolam, de quando em vez, o Ceará. Faltam-lhe, segundo, cremos, líderes locais que lhe devotem maior carinho. Esta verdade é inconteste e insofismável. A política, parece-nos, é responsável por isto.

Cumpre dizer que já se nota uma reação salutar. Há, pelo Acaraú, uma juventude que desperta em beneficio da terra onde nasceu o Principe dos Poetas do Ceará, Padre Antonio Tomás.

OS QUE POVOARAM A TERRA

Ao primeiro arreból da nossa colonização, aqui aportaram inúmeras famílias que, de origem portuguesa, fugiam dos horrores da Guerra Holandesa.

Umas vinham por mar; outras, por terra, vadeavam rios, abriam florestas, transpunham serranias e se embrenhavam de sertão a dentro, levantando moradias com cerca de pau a pique, anteparo à india temível daqueles idos do Ceará Grande...

Ao lado da agricultura rudimentar, desenvolvia-se, entre nós, a famosa indústria do xarque, carne secada ao sol que, trabalhada aos milhares de toneladas, teve no antigo São José do Porto dos Barcos-Aracatí, o seu ponto alto.

Os taboleiros, as várzeas, que ficavam às margens do rio Acaraú, se prestavam, admiravelmente, para a grande pecuária. E em suas ribeiras se estabeleceram várias famílias.

As praias que ficavam à foz do grande curso dagua ofereciam seguro abrigo às sumacas e variadas embarcações de menor calado.

Vai daí, estabelecerem-se oficinas locais de xarqueadas. As carnes eram exportadas para outras províncias, e a indústria atingiu a indice expressivo. Disto, adveio o primeiro nome que teve Acaraú: Oficinas.

Anos depois vinha a chamar-se «Barra do Acaraú», denominação esta substituida pela atual.

FATOS E EPISÓDIOS INTERESSANTES

Um dos grandes negociantes das xarqueadas, chamava-se capitão José Monteiro de Mélo. Para a época era homem de vasto cabedal e gozava, por isso mesmo, de grande prestigio na redondeza.

Em 1806, a morte lhe põe fim a existência. Era crente fervoroso. O melhor que tinha doou à Nossa Senhora da Conceição, padroeira da freguesia. A noticia, chegada a Sobral, causou profunda alegria ao vicariato. Era um grande patrimônio aquele: uma enorme légua

de terra (no tempo antigo era maior...) com algumas benfeitorias, tudo adquirido do Padre Basílio Francisco dos Santos pelo preço de um conto e duzentos, pagos na melhor moeda portuguesa de então...

Passaram-se os anos. É criada a freguesia do Acaraú, em 1822. Sobral, porém, continuou por muitos anos usufruindo o lucro do patrimônio paroquial até que... o Padre Antonio Thomás, inteligente e culto vigário local, em 1908 rebelou-se contra o fato: não mais pagaria a freguesia de Sobral aquilo que pertencia, por legítimo direito, ao Acaraú. Foi um deus-nos acuda ! Houve reboliço, surgiu zanga, e o festejado poeta e padre não arredou o pé. Foi mais longe: consultou o povo acarauense e levou a questão para a frente. Enviou petição ao Arcebispo Núncio Apóstolico do Brasil. A coisa não teve outra saída. Diante dos informes, D. Alexandre Barona concordou com o Padre Antonio Thomás e envia resolução a Dom Joaquim José Vieira, então Bispo do Ceará. A uma coisa apenas Acaraú ficava obrigado: indenização de três contos à paroquia de Sobral.

Como acentua o historiador Nicodemus Araújo, ilustre filho de Acaraú, hoje o patrimônio rende mais de 100 mil cruzeiros anuais... Foi um grande serviço prestado pelo saudoso poeta à sua pátria querida, por ele decantada em magnifico soneto: «Acaraú».

O MILAGROSO FEITICEIRO

As historias antigas, dos tempos idos e vividos, têm o encanto da lenda que é a poesia da crônica do passado que já vai longe...

Vale relembradas algumas que se passaram no Acaraú no último século. É Antonio Bezerra quem as registra.

Viveu, no Aracaú, nos idos de 1840, um pernambucano que desfrutou de enorme prestigio em toda a região. Era detentor de grande segredo: curava mordeduras de cobra. Não falhava nunca, por mais feroz que fosse o ofidio.

Religioso, meio profético, já em avançada idade, o velho João Saldanha Marinho assim procedia: ao portador que vinha comunicar o terrivel acontecido, entregava um objeto do seu uso pessoal, (chapéu, sapato, chinelo, blusa, etc.) e aconselhava: — «Menino, põe isto sobre o doente e ele estará curado».

Quando lhe era possível, lá se ia, pelo mundo afóra, ver o paciente. Diante do morubundo, já com febre alta, mordido de cascavel, sem esperanças, o velho pegava no pulso, fazia trejeitos, fechava os olhos, tremia e exclamava: «Levanta-te, homem, nada tens. Caminha. Estás curado».

A verdade é que o fato era contado por uma enorme legião de pessoas de destaque da região. Até padre afirmava que era verdade, tendo um deles lamentado a morte de João Saldanha, assim afirmando: «Nunca morria gente aqui quando mordida por cobra. Agora vai ser o diabo»...

O «MÉDICO» DA LAGOA GRANDE...

Viveu, outróra, nos taboleiros do Acaraú um famoso curandeiro de nome Diogo Lopes de Araújo Costa. Nunca casou, mas teve 7 mulheres e 35 fortes rebentos lhe fizeram a tradição... Isto nos conta Antonio Bezerra.

Grangeou fama de curandeiro com escala, depois, de milagrosas curas, para «doutô instruido»...

Cegou aos quarenta anos, mas fazia curas admiráveis. Na Lagôa do Mato, onde estabeleceu moradia, vasta e hospitaleira, fundou até hospital, onde atendia muita gente, vinda dos longinquos sertões do Piauí.

Foi venerado, pois tinha um poder sobrenatural para curar os enfermos. Não podia ver o doente. Davam-lhe o pulso deste e o famoso Capitão Diogo ao sentir as pulsações, conhecia o mal que atormentava o paciente. Passava medicação e, com poucos dias, estava o doente capaz de outra...

FILHOS ILUSTRES

Acaraú é pátria de filhos ilustres. Como ponto alto de suas gloriosas tradições deve ser destacado o Padre Antonio Thomás, que foi o nosso principe dos poetas cearenses. Deixou-nos obras primas da poesia nacional, e o seu nome conquistou celebridade em todo o Brasil.

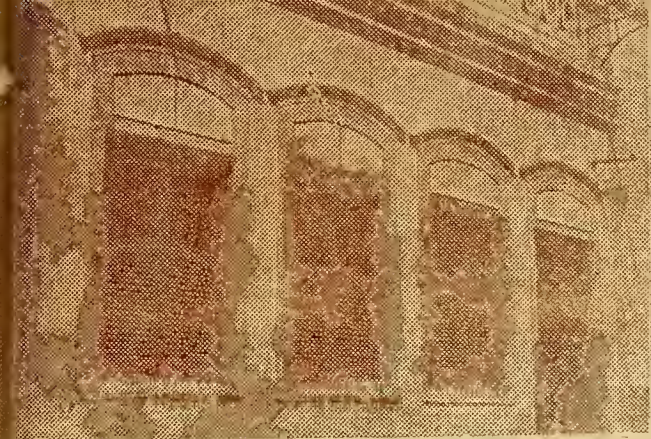
Outro grande filho do Acaraú foi o dr. Francisco da Costa Araújo, de saudosa memória. Recentemente falecido, o dr. Costa Araújo prestou aos estudantes cearenses os mais relevantes serviços, sendo muito querido pela mocidade. Era médico famoso, de grandes diagnósticos.

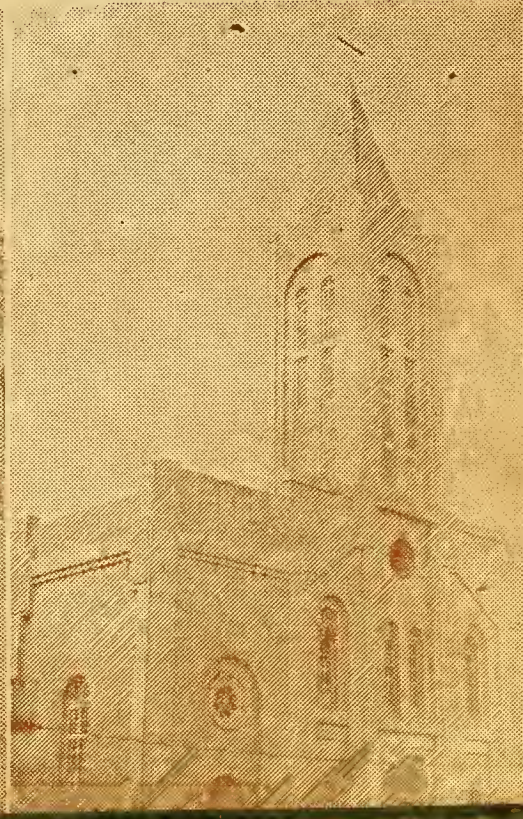
Joaquim Costa Souza, espírito arguto, político de real prestígio, homem público de ilibada conduta, honrou e enobreceu a terra em que nasceu.

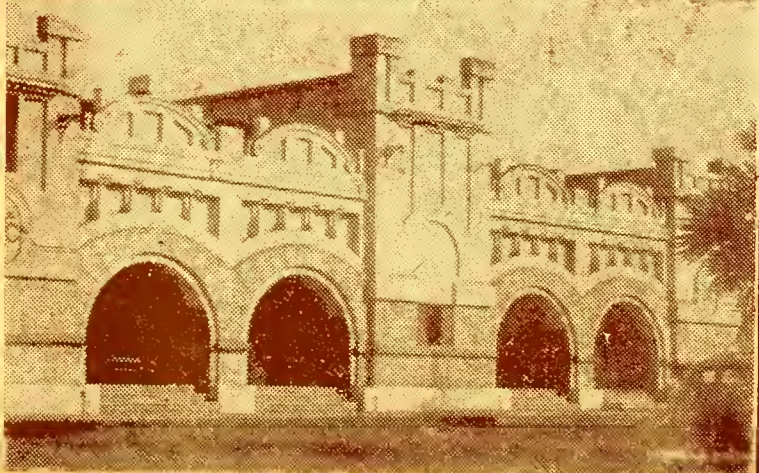
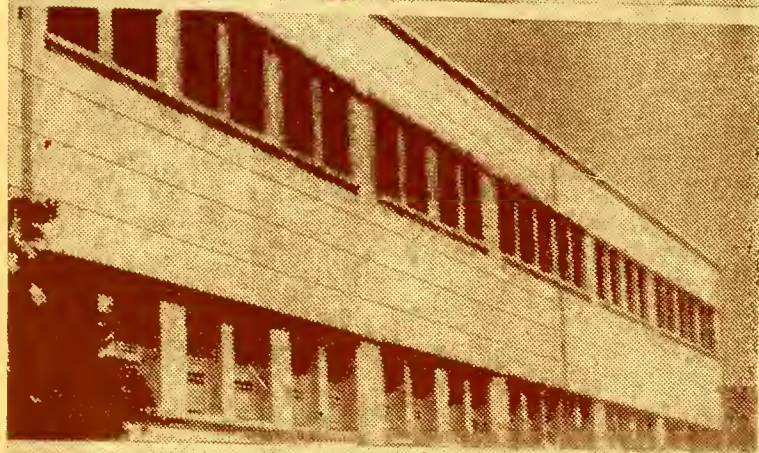
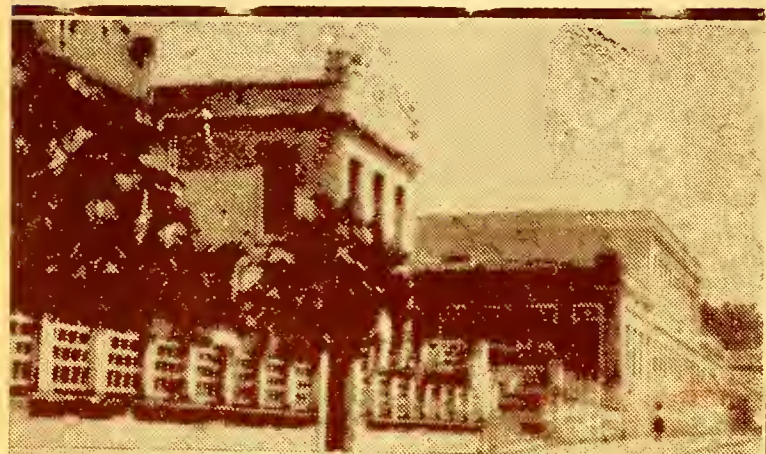
Dr. Antonio Gomes Pereira Filho, grande político na quadra imperial; dr. Antonio Gonçalves da Justa Araújo, engenheiro; dr. Waldemar Gonçalves, famoso cirurgião; Coronel Minervino Rodrigues, herói do Uruguai e do Paraguai, onde se distinguiu por atos de bravura; Major Raimundo Sales Ferreira, primoroso intelectual e muitos outros elevam bem alto o nome do Acaraú.

Vivos, aí estão: Humberto Sales de Moura Ferreira, homem de grande modéstia, coronel do Exercito e deputado federal, participante de várias revoluções nacionais, engenheiro civil, antigo Secretario de Segurança Pública e homem de comprovada honorabilidade pública. Já foi eleito para o Congresso três vezes, uma delas por Pernambuco. Coronel Landrí Sales Gonçalves, que já foi Interventor do Piauí, Diretor Geral dos Correios e Telegrafos, tido e havido como homem de bem, de forte carater. Dr. Nelson Sales Andrade, médico de reconhecido mérito. Dr. Edmilson de Andrade Sales, advogado, da nova geração. Dr. José Teunas, advogado, e Dr. Expedito Albano.

TERRA DE GRANDE FUTURO

Até que afinal abriram uma rodovia ligando o Acaraú à Fortaleza. Vai contribuir muito para o seu progresso. Foi esforço de dois deputados estaduais, dr. Manuel Gomes Sales e José Filomeno Ferreira Gomes e de um deputado federal, o Coronel Humberto Moura.

CRATO — Casa histórica onde nasceu o Padre Cícero; convento dos Franciscanos

CRATO — Catedral de Nossa Senhora da Penha e Matriz de São Miguel

FRADE — Prefeitura Municipal

CRATO — Colégios Santa Tereza e Diocesano; estação ferroviária.

FRADE — Igreja-Matriz

Cidade que já conta com alguns melhoramentos de relevo, entre os quais a Escola Normal Rural, com excelente prédio próprio; um posto de saúde e outro de puericultura; um grupo escolar e um bom edificio dos Correios, falta-lhe, porém, a pavimentação de suas ruas e praças que lhe dariam aspécto moderno e atraente.

É vigário local o estimado padre Sabino de Lima, a quem muito e muito deve o Acaraú. Homem simples, educado, inteligente, ativo, fundou e dirige o Ginasio Acarauense.

Governa o município o Prefeito João Jaime Ferreira Gomes, pertencente à tradicional familia local. Substituiu à Duca da Silveira, antigo edil udenista que gozava de grande prestígio e conceito.

Possuindo dois deputados estaduais, na Assembléia, e dois na Câmara Federal: Humberto Moura e Armando Falcão, cremos terá dias de progresso nestes breves anos, de vez que a política das realizações concretas é a mais recomendavel na hora que passa.

Município criado aos 31 de julho de 1849, já celebrou, portanto, o seu centenário entre festas ruidosas.

Cidade aos 16 de setembro de 1882, Acaraú cativa pela hospitalidade de sua gente sempre afável e acolhedora. O símbolo desta distinção personifica-se em Manuel Albano, chefe politico de grande prestigio local.

ALMOFALA, DOCE EVOCAÇÃO

Uma das coisas belas do Acaraú é o local onde ainda se erguem as ruinas da famosa Igreja de Almofala, mandada edificar pela Rainha Maria I, de Portugal, nos idos de 1712...

É que, antigamente, ali surgiu o primeiro aldeiamento da região, donde brotou a primeira povoação do município.

Contavam-se, aos milhares, os indios Tremembés, que foram civilizados pela ação magnifica dos jesuitas, e que receberam o presente da Rainha, sob invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Gustavo Barroso, o primoroso historiador cearense, uma das mais altas glórias de nossa terra, já publicou, em «O Cruzeiro», linda crônica sobre a famosa Igreja de Almofala.

Levantada em estilo tipicamente colonial, as suas paredes evocam um passado distante, cheio de fé, prenhe de felicidade, num sinal marcante e belo dos dias idos e vividos pelo antigo Ceará colonial.

Vale ser visitada, pois é um dos mais expressivos monumentos históricos que possuimos. O Padre Antonio Thomás dedicou-lhe páginas admiráveis, cheias de ternura e saudade.

ACOPIARA

FOI, OUTRÓRA, A POVOAÇÃO DE LAGES

POVOAMENTO NAS RIBEIRAS DO TRUSSÚ E DO QUINCOÊ — ALTO SERTÃO DO CEARÁ — MUNICÍPIO DESMEMBRADO DO IGUATÚ, EM 1921 — DOM QUINTINO CRIA A PARÓQUIA DE N. S. DO PERPETUO SOCORRO — A MATRIZ DATA DE 1908 — CIDADE QUE PROGRIDE DESDE 1910, COM A FERROVIA

O POVOAMENTO da região hoje compreendida no município de Acopiara, que já chamou-se até bem pouco tempo de Afonso Pena, data das concessões de sesmarias que foram feitas pelo Capitão-mór Salvador Alves da Silva, nos idos de 1719.

Embora alto sertão, esta região é servida por vários rios que outorgam, aos seus habitantes, excelentes terras de ribeira. Terreno um tanto montanhoso, dispõe de quadras que se prestam admiravelmente para o labor agrícola, sendo por isso mesmo o município que produz o melhor algodão do Ceará, e em maior quantidade.

Era, assim, natural que os nossos primeiros povoadores reclamassem terras nesta região para se estabelecerem com suas fazendas de criar e de plantar. Vai daí, entre outros, o Alferes Antônio Vieira Pitta ter requerido, ao governante colonial daqueles longínquos tempos, «três léguas onde se podesse acomodar, visto como havia descoberto um grande riacho de nome Quincorê que mais adiante desagua no Trussú».

Efetivamente, as terras foram concedidas, e lá se foi povoando o alto sertão de Acopiara no início do século dezoito.

FORMAÇÃO POLÍTICA

O município de Acopiara foi criado muito recentemente, isto é, aos 28 de setembro de 1921, desmembrado do território de Iguatú e com vila na antiga povoação de Lages, atual séde municipal, isto pela lei nº 1.875.

Queremos crêr que as povoações que mais prosperaram, antigamente, foram a de Trussú e de Quincoê, tendo-se em vista que sentadas nas ribeiras dos rios que têm estas denominações. Em seguida é que se formou o povoado de Lages, que teve grande desenvolvimento com a inauguração da linha férrea, fato ocorrido aos 10 de julho de 1910.

A Vila, que fora criada em 1921, somente foi inaugurada aos 4 de dezembro de 1922, no meio da alegria geral da população que, assim, conquistava a sua maioridade politica, e consequentemente a sua independência do município de Iguatú, ao qual até então pertencêra.

O primeiro Bispo do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira de logo conheceu do progresso que estava tendo a novel Vila e tratou de dotá-la de um paroquiato com vigário permanente.

A idéia encontrou a melhor receptividade por parte do povo, tendo sido imediatamente formado o patrimônio da freguesia. Disto resultou que, nos meados de outubro de 1921, fosse criada a Paróquia com invocação de N. S. do Perpétuo Socôrro, tendo por séde Igreja já erguida nos princípios de 1908, com auxílios do povo.

CIDADE QUE PROSPERA

Acopiara fica à margem da ferrovia que liga Fortaleza ao Crato. É centro de grande produção algodoeira, por isso que contam-se aos milhares os produtores do ouro branco. Já foram instaladas várias fábricas de beneficiar este produto, na cidade.

Tem bom comércio, faltando-lhe, todavia, meios de comunicação rodoviária em condições favoráveis para o intercambio com os vizinhos, que são Senador Pompeu e Iguatú.

As últimas administrações municipais têm contribuido de maneira elogiável para o seu progresso, devendo ser ressaltada a do atual dirigente da municipalidade, o Dr. Tibúrcio Valeriano Soares Diniz, médico, homem inteligênte e que tem contado com a colaboração patriotica do Deputado Renato Braga, representante de Acopiara.

Contando com vários logradouros públicos, entre praças e ruas, Acopiara é uma cidade moderna, pavimentada a paralelepipedo, residências modernas, uma bela Matriz, recentemente reformada, boa iluminação e cujos habitantes primam pela hospitalidade e simpatia.

Tem jardins bem cuidados e a cidade, de modo geral, é sempre conservada limpa, principalmente no centro urbano onde encontramos uma moderna avenida.

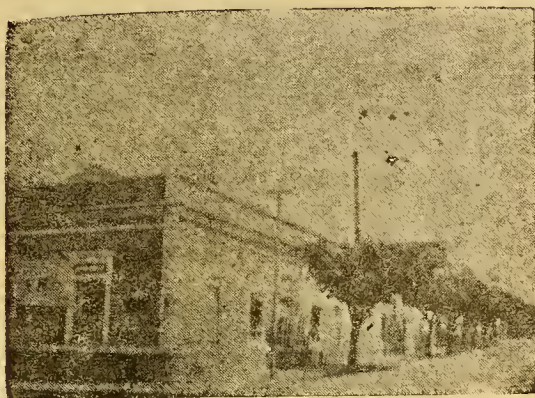
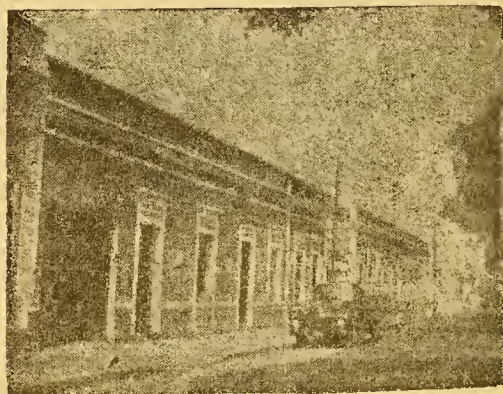
Mal grado as sêcas que lhe tem prejudicado de maneira frontal a economia, cuja base principal é a agricultura, o município vem se firmando de maneira surpreendente na vida administrativa e politica do Estado.

A denominação antiga de Afonso Pena foi

substituida pela de Acopiara, que se traduz por Lavrador.

É cidade pelo Decreto n. 448, de 20 de dezembro de 1938.

São seus principais lideres: José Marques Filho, chefe político e suplente de deputado estadual; Celso de Oliveira Castro, várias vezes Prefeito; Dr. Tibúrcio Valeriano Diniz, chefe político.

Entre os filhos ilustres se destaca o Dr. Meton Vieira, bacharel, advogado, orador, e cultura brilhantissima; Padre Mário Marques; Dr. Geraldo Marques; Dr. Francisco de Assis Colares e Dr. Francisco Uchôa, moço de cultura, recentemente premiado com uma bolsa de estudos nos Estados Unidos da América, Antonio Bruno de Almeida Braga, um dos pioneiros da conquista do Acre para o Brasil, e outros.

A Q U I R A Z

A ALTIVA SÉDE DA CAPITANIA DO CEARÁ GRANDE

GRANDEZA E DECADÊNCIA DE UMA CIDADE HERÓICA — O SENADO DA CÂMARA — REPRESENTAÇÕES CONTRA OUVIDORES, VIGÁRIOS E CAPITÃES-MORES — HOSPÍCIO DOS JESUITAS — IGREJA SECULAR — RELÍQUIAS E ALFÁIAS — O QUE RESTA DE UM GLORIOSO PASSADO HISTÓRICO

QUEM DEMANDAR ao interior cearense, não se afastando muito da faixa litorânea e seguindo a rodovia que se inicia na Vila de Messejana, ao percorrer, por entre rasteira vegetação, cerca de vinte e cinco quilômetros, depara-se com uma paisagem original e tipica ao avistar as alvas dunas que demoram nas praias do Aquiraz.

Alguns minutos a mais, e estamos diante da centenária cidade de Justiniano de Serpa, triste e sonolenta, vivendo das glórias de um longínquo passado, fincada onde, outróra indios aquirazes tinham as suas malocas e a sua turbulenta vida de bravos guerreiros...

Afóra a Igreja Matriz, cujo orago é São José do Ribamar, a Casa da Camara, construção sólida da época colonial, as velhas ruinas do Colégio dos Jesuitas, que datam de 1725, vasta praça central com descuidado passeio de corêto e árvores frondosas, a antiga Casa dos Governadores, e poucas ruas onde encontramos algumas casas de beira e bica, somente a evocação de um passado distante.

Quem penetra, porém, nesta heróica e brava cidade, deve fazê-lo como se transpusesse os umbrais de um velho templo em ruinas.

Aquiraz é, assim, a porta principal pela qual podemos penetar no livro de nossa formação histórica, por isso que, sendo relicário de fé, foi a séde do govêrno e donde se irradiou a conquista dos sertões e caatingas, litoral e [illegible]anias do Ceará colonial.

CRIA-SE A PRIMEIRA VILA DO CEARÁ

A fim de pôr côbro às insolências e desmandos que se perpetravam na Capitania, ao tempo dos Capitães-móres, distribuir a justiça e melhor administrar o desenvolvimento das novas terras, El-Rei de Portugal, por despacho datado de 13 de fevereiro de 1699, ordena ao Governador de Pernambuco que faça criar uma Vila no Ceará, para tanto devendo, em seguida, eleger oficiais da Câmara e juizes ordinários.

Dando exáto cumprimento à ordem régia, os habitantes do núcleo originário de Fortaleza, realizam o pleito para a Vila de São José do Ribamar. Foram eleitos, juizes ordinários, Manoel da Costa Barros e Cristovam Soares de Carvalho; para vereança, sairam vencedores, João da Costa Aguiar, Antonio da Costa Peixoto e Antonio Dias Freire, sendo procurador, João de Paiva Aguiar.

Em 1711, a Vila é transferida para Aquiraz, medida esta efetivada somente em 1713. Daqui por diante, o novo povoado seria séde do govêrno, como tambem, teatro da mais elevada política já posta em prática por uma brava e altiva Câmara de Vereadores. Nenhum crime e nenhum desmando deixaria de ser combatido, com energia, pela vereança, daquela remota época.

A CÂMARA DO AQUIRAZ GÓVERNA O CEARÁ

Como séde de administração, Aquiraz toma fóros de cidade prestigiada pelo poder e engalanada pelo luxo de uma nova sociedade. Para a pequena vila afluem centenas e milhares de forasteiros, gente de todo feitio, tentadores de fortuna fácil, aventureiros, pequenos comerciantes, vendedores de quinquilharias e produtos regionais, transformando, assim, por completo, a vida bucólica do lugarejo, numa agitada colmeia de turbulências e questões.

As autoridades locais, de logo reclamaram, a Manuel Francês, tropas para manutenção da ordem. Crimes e fatos desprimorosos principiaram um reinado de terror que se alastrava pela Capitania afóra. A coisa chegou ao ponto da Câmara, em sessão solene e agitada, exigir a prisão do Ouvidor Mendes Machado, por desmandos e arbitrariedades por êste cometidas de parceria com capangas e cabras de má reputação.

Impossibilitado Manuel Francês de atender a ira dos habitantes do Aquiraz, e de outras ribeiras, contra Mendes Machado, o próprio povo, com a vereança à frente, obriga o desordeiro a fugir e nomeia, então, novo Ouvidor na pessôa de Valentim Calado Rego, juiz mais velho da Câmara.

A primeiro de maio de 1733, os camaristas do Aquiraz enviam longa e forte representação a El-Rei contra o Vigário Antonio de Aguiar Pereira, que «faz residência em Fortaleza, e não em Aquiraz, como é do seu dever». El-Rei responde à Câmara informando de que já havia se comunicado com o Bispo de Olinda e este ordenara que o dito Vigário fôsse residir em Aquiraz.

Por resolução de 12 de setembro de 1739,

toda a vereança pede a El-Rei que mande pagar a cada vereador dois mil réis como ajuda de custo às festas e procissões a que tivessem de assistir, pois assim era de costume nas demais câmaras existentes.

Aos 16 de abril de 1742, o Senado da Câmara de Aquiraz representa em têrmos energicos ao Bispo de Pernambuco, D. Luís de Santa Tereza, contra os atos de descortezia e arbitrariedades praticados pelo Padre Visitador que os desconsiderou nas festas e procissões.

E, assim, vivia a heróica Câmara do Aquiraz. A ninguém temia. A todos censurava. Nunca se dobrou diante dos poderes do dia e até mesmo chegou a ser, coletivamente, encarcerada e açoitada por haver representado contra o poderoso Capitão-mór que, logo depois, era demitido e processado. Quanta diferença para os dias que correm...

O HOSPÍCIO DOS JESUITAS

Por entre ralo matagal e sobre um chão agreste, erguem-se, ainda em nosos dias, as ruinas do que foi, há mais de dois séculos, o famoso Hospício dos Jesuitas. Como sabemos, a ação dos irmãos de Santo Inácio de Loyola se fez sentir, além da expedição malograda dos Padres Francisco Pinto e Luís Figueira, através dos colégios da Ibiapaba e dêste outro, construido no Aquiraz, no início do século dezessete.

Por volta de 1726, chegavam ao pequeno Forte, os padres João Guedes, Manuel Batista, Felix Capelli e Irmão Manuel da Luz. Vinham com a Ordem Régia determinando que se fundasse, no Ceará, um hospício para 10 padres da congregação. Com a visita do Capitão-mór João de Barros Braga, foram-se para o Aquiraz, onde receberam amplo terreno com a única condição de celebrarem missa perpétua, aos sabados, em intenção de Braga e de seus parentes vivos e mortos.

Manuel Batista e Felix Capelli foram os construtores da magnifica obra. Hoje, apenas três paredões, desnudos, gastos pelo tempo e que formavam a sacristia e as laterais, é o que resta da construção. Pelo que nos foi dado observar, podemos concluir que era de sólida estruturà, toda levantada com enormes tijolos e pau-ferro, madeira de lei muito usada na época colonial.

Da Igreja, tambem construida à mesma época, anéxa ao convento, nada mais resta, a não ser os alicerces cobertos por rasteira vegetação.

A IGREJA-MATRIZ

Quem visita as Igrejas do Recife e de Salvador não pode deixar de exprimir a admiração que nos causam a beleza e o fulgor destas obras primas de época colonial. O estilo, a imponência, a solidez e o colorido das imagens e pinturas, constituem orgulho legítimo de nossas tradições de fé.

No Ceará, embora que em número mais reduzido, temos tambem magníficos templos históricos de rico valor. Aí estão as Igrejas de Aracatí, Icó, Quixeramobim e Sobral.

Aquiraz não me deixa levar a palma, porém, para outro município, por isso que a sua Matriz é sécular, e deixa tansparecer, através de sólida estrutura, todo o esplendor de uma era de profunda fé católica.

Até mesmo a lenda já envolveu o antigo monumento. Conta-se que a imagem de São José de Ribamar foi, em remotissima época, encontrada nas alvas praias da cidade histórica e que devendo ser enviada para outra Paróquia, não houve quem a podesse conduzir. Há pouca distância do Aquiraz, o seu peso era tão enorme que nem três juntas de bois poderam arrastar o carro em que era conduzida. Voltou, assim, ao antigo nicho, onde se encontra adorada pelos seus fieis vassálos.

Mas, repòrtando-nos à Igreja, vale-nos afirmar que a sua construção data de 1769. As suas paredes são qualquer coisa de enorme, pois medem mais de 1 metro de espessura. As portas são trabalhadas em madeira de lei e o seu interior bem revela o gosto artistico dos nossos antepassados.

Na sua maioria, as imagens são as do antigo Hospício dos Jesuitas, o que constitui herança riquíssima, de incalculável valor. A série de decorações sobre motivos religiosos encantam ao visitante mais exigente. As côres tem a vivacidade das pinturas de hoje. Parecem que foram decoradas nos tempos que correm, tal é a nitidez e o colorido que o artista imprimiu à sua obra.

Ressalte-se, porém, que a Matriz possui riquíssimas alfáias, tôdas trabalhadas por primorosos artistas da época colonial. Linda preciosidade é a grande cruz de prata maciça, pesando nada menos de vinte e cinco quilos, toda trabalhada e que é uma raridade de fino gosto e legítimo orgulho para os filhos daquela terra. A custódia, que sempre acompanha os atos religiosos de maior solenidade, é toda de prata maciça, pesando mais de três quilos do precioso metal.

Percorrendo, com o Padre Gerardo Andrade Ponte, atual Vigário da Paróquia, o velho e secular templo do Aquiraz, tivemos, forçosamente, que sentir o esplendor do longínquo passado que fez da pequenina e brejeira cidade a Capital do Estado...

AS CASAS DA CÂMARA E DOS GOVERNADORES

Outro interessante monumento da cidade é a atual Casa da Câmara. Tambem secular, a sua construção é sólida e desafia os tempos. Através de sua idade, vamos encontrar quase a exata medida de existência da pequena urbs, pois é antiquissima. Algumas reformas já deformaram o seu antigo aspécto, porém, o seu conjunto deixa transparecer todo o apogeu de uma gloriosa e agitada vida política. Uma de suas preciosidades, a mêsa de jacarandá que serviu aos Capitães-móres, encontra-se atualmente, no Museu histórico do Estado.

Câmara valente esta que, uma vez, foi ameaçada de degrêdo perpétuo para Bengala, caso insistisse na campanha contra certo Capitão-mór.

Mais além, porém proximo da Matriz, podemos encontrar, ainda, a antiga residência dos governadores. Completamente transformada, ainda deixa ao visitante a impressão de que foi num passado distante...

ARACATÍ

MONUMENTO DE TRADIÇÕES DA ÉRA COLONIAL

DE SÃO JOSÉ DO PÔRTO DOS BARCOS À SANTA CRUZ DO ARACATÍ — BARBA ALARDO E AZEVEDO DE MONTAURY — AS XARQUEADAS — 170 LOJAS, 25 MIL, BOIS, 3 MIL PELICAS E 60 MIL VAQUÊTAS — TRISTÃO GONÇALVES BOMBARDEOU A CIDADE — ENFORCAMENTOS — ESTRADA DE FERRO — BÊRÇO DE NOTÁVEIS FILHOS DO CEARÁ

DEMORANDO à margem das tranquilas águas do rio Jaguaribe, assentada numa vasta planicie de várzeas sem fim, por entre carnaubais farfalhantes, ergue-se a senhorial e heráldica cidade do Aracatí.

Rica de tradição, orgulhosa do seu passado, bêrço de fina nobreza, a terra de Paula Ney traduz ainda, na sua paisagem atual, tôdo o fáusto e o esplendor de uma éra suntuosa.

De longe já se lhe avista o evocativo torreame das igrejas seculares, obras de fino gôsto, indicando ao visitante que ali já imperou, em lonfinqua época, a fé e a crença de uma sociedade colonial...

Quem lhe transpõe os umbrais, vive a história do Ceará, por isso que o encanto e a beleza de um glorioso passado vão se sucedendo à proporção que entramos em contacto com as suas ruas, praças, sobradões de azulejos, com grossas parêdes e madeirame lavrado.

Aqui é a antiga Casa da Câmara, precioso monumento histórico; mais além vamos encontrar as igrejas do Bonfim e do Rosário, com estilo seiscentista e altares primorosamente trabalhados a ouro; acolá são construções gigantêscas que serviram de residência a Barões e Comandantes D'Armas... A cidade tôda é um relicário de primorosas recordações.

Séde de grande empório comercial, a memória pode nos oferecer um quadro singular: lojas importando a moda de Lisbôa para servir à nobreza do dinheiro e do sangue, com sapatos de velbutina e fivelas de ouro, mantilhas de gaze, veludo, cetim, sarja, rudaque e jaqueta; capitalistas portugueses e pernambucanos com firmas de 150 mil cruzados e negócios de vulto dominando a vida econômica da Província; sociedade orgulhosa com professores de latim e reuniões elegantes.

Vida ruidosa e agitada sob o império de faustosa época teve o Aracatí, a século e meio, sendo então a metropole do poder, do dinheiro, da cultura e da tradição em terras cearenses.

PERO COÊLHO SENTA A PRIMEIRA PEDRA

Ao primeiro clarão do século XVII tentado pelo espírito de aventura, Pero Coêlho de Sousa, depois de receber a patente de Capitão-mór que lhe outorgára a Côrte de Madrid, parte da Paraíba para desalojar os franceses, estabelecidos no Maranhão.

A valorosa e brava expedição se dividira em dois grupos, um dos quais, compôsto de dois caravelões, seguira diretamente para o rio Jaguaribe. Pero Coêlho veio por terra e ajuntou-se à tropa nas margens do referido rio.

Estando a região em pé de guerra, Pero Coêlho resolve demorar para pacificar os indigenas e levanta, de pau a pique, o fortim a que deu o nome de São Lourenço, por estar no dia 10 de agosto de 1603.

Principiára, assim, a ação dos homens brancos à margem do Rio dos Jaguares, em excelente e seguro local para embarcações e que mais tarde se chamaria São José do Pôrto dos Barcos, Cruz das Almas e posteriormente Santa Cruz do Aracatí.

Mais tarde, Pero Coêlho viveria a mais dramática tragédia que se registrou em nossa história, quando procurava alcançar o Forte dos Três Reis Magos, no R. Grande do Norte.

COLONOS E XARQUEADAS

Região fertilíssima, tôda uma vasta área que margeava o rio da colonização cearense começou a ser povoada. Com a expulsão dos holandeses do Recife, milhares de colonos portugueses, pernambucanos e paraíbanos vieram se estabelecer com fazendas nas várzeas avermelhadas do baixo Jaguaribe, atingindo o Icó e, penetrando nos sertões dos Inhamuns.

O pequeno povoado, porém, começava a se desenvolver, constituindo-se em centro de interesse comercial.

A população pecuária atingira a um desenvolvimento assombroso. Contavam-se centenas de boas fazendas, algumas das quais com duas a oito mil cabeças de gado! Tudo passára a ser fabricado de couro, caracterizando uma época, como acentuou Capistrano de Abreu.

Nasceu, então, a industrialização da preciosa riqueza, isto é, passára-se a fabricar a carne salgada, em mantas, capaz de suportar grandes viagens e que, sendo as primeiras desta es-

pécie no Brasil, receberam a denominação de xarqueadas.

Houve anos em que se abateram vinte e cinco mil reses. A carne trabalhada nas «oficinas» era embarcada, em grande quantidade, nas sumacas que aportavam a São José do Pôrto dos Barcos.

Com a nova indústria, altamente lucrativa, se desenvolvera a vida econômica e, de momento, se abriram centenas de casas comerciais.

O ALVARA DE D. JOÃO V

Núcleo já populoso, vivendo sob o império de mil e um interêsses, com uma grande e desenvolvida praça de negócios, donde sobressaiam educados e altos comerciantes, necessitava de ordem e autoridade para assegurar a ordem social.

Atendendo a esta imperiosa necessidade, Dom Francisco Ximenes de Aragão, Capitão-mór da Província, ordena que para lá se dirija um Juiz Ordinário e um Tabelião da Vila do Aquiraz.

Posteriormente, porém, por proposta do Ouvidor Manuel José Faria e por Resolução do Conselho Ultramarino, foi criada a Vila de Santa Cruz do Aracatí, por Ordem Régia datada de 11 de abril de 1747, sendo instalada, pelo mesmo Ouvidor, aos 10 de fevereiro de 1748.

OPINIÕES DE MONTAURY E BARBA ALARDO

Em 1782, no dever que o cargo impunha, o Capitão-mór Azevedo de Montaury passa a percorrer tôda a vasta Capitania do Ceará Grande...

Ao chegar em Aracatí, grande foi a sua surpresa ao se deparar com a mais florescente Vila do interior, onde nobreza e povo viviam do trabalho e para o trabalho, numa azáfama tremenda, em agitada vida de um centro com mais de duas mil almas.

Regessou, então, em longo Relatório Provincial, que de tôdas as Vilas da Capitania a que mais merecia esta categoria era a do Aracatí, em vista de nela se desenvolver preciosa riqueza e o seu povo ser bom e pacato. Ressaltou a excelência dos prédios, dentre os quais o da Casa da Câmara, por ser de sólida e espaçosa construção.

Em 1812, Barba Alardo, Governador, nas suas «Memórias da Capitania do Ceará Grande», nos descreve o Aracatí com entusiasmo e excelente impressão, visto tratar-se de uma grande e populosa Vila, com ricos templos, ruas largas, comércio que abrangia as praças do Recife e de tôdo o Carirí, passando por Icó. Com mais de dois mil moradores, três companhias de regimento e oito ditos de ordenanças, é um núcleo de grande progresso».

Sendo, na ordem cronológica, o quarto município do Ceará, Aracatí passára, na ordem economica, a ser o primeiro da Capitania. Trinta barcos estavam constantemente carregando em seu pôrto. O comércio negociava diretamente com Lisbôa.

O desenvolvimento chegou a tal ponto que se erigiu uma Alfandega e a Câmara, em sessões agitadas, exigiu que fossem integradas, em seu município, as terras que, ficando à margem do rio Jaguaribe, até então pertenciam ao Aquiraz. E foi atendida na justa reclamação.

Em 1829, já era apresentado, na Assembléia Geral, um projeto de lei pelo qual se transferia a séde do Governo da Capitania para a Vila do Aracatí.

ASSEDIO E BOMBARDEIO DA CIDADE

Episodio interessante, na história do Aracatí é, sem dúvida, o do assédio e bombardeio da cidade pelas tropas da Confederação do Equador, a inglória revolução que martirizou tantos heróis.

Corria o ano de 1824 e toda a Provincia estava sob a agitação revolucionária dos que não se conformaram com a dissolução da Constituição por Pedro I.

José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o maior vulto da história do Ceará, dominavem pelo poder da força e das convicções ideológicas. De momento para outro tôdo o Ceará, através da maioria das Câmaras Municipais, apoiára a Confederação.

A resistência no sul, porém, começou a estremecer os alicerces do governo revolucionário e começou a contra-revolução.

Houve necessidade de Filgueiras no interior da Provincia e, êle partiu incontinente.

Tristão Gonçalves lança-se à zona jaguaribana, diretamente para Aracatí. Ao raiar do dia 17 de outubro de 1824, o bravo que derrotára Fidié, assedia a cidade e assesta-lhe as baterias.

Defende o Aracatí, opondo tenaz resistência, o Tenente Luís Chaves. A luta durou algumas horas, sorrindo a vitória para as tropas de Tristão.

Mas, ao penetrar na cidade esta estava completamente deserta. Toda a população fugira, comandada pelo Tenente Luís, rumo à Mossoró.

Arriada a bandeira imperial, Tristão Gonçalves manda subir ao mastro a bandeira da Confederação e instala o seu Quartel General no centro da cidade conquistada.

Mal sabia que esta seria a sua última vitória, pois logo mais tombaria, como bravo, no combate de Santa Rosa.

ENFORCAMENTOS EM PRAÇA PÚBLICA

Hoje, não mais se leva ao patibulo, autores de crimes bárbaros. Ao tempo do Brasil Colônia e Império, a forca tinha o seu lugar de destaque dentro da sociedade que exigia a vida dos tarados.

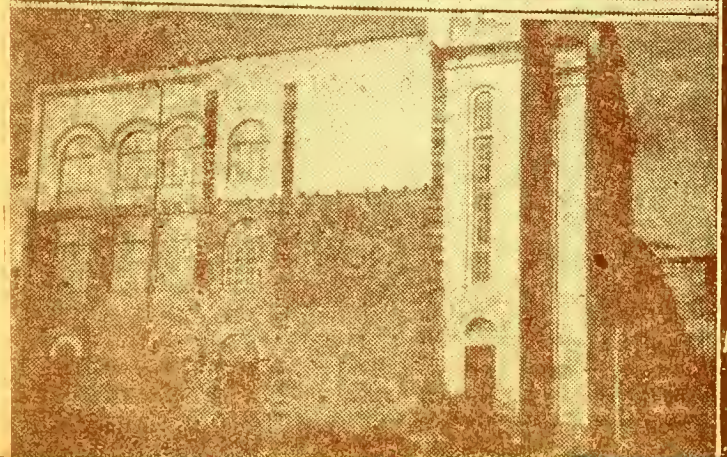
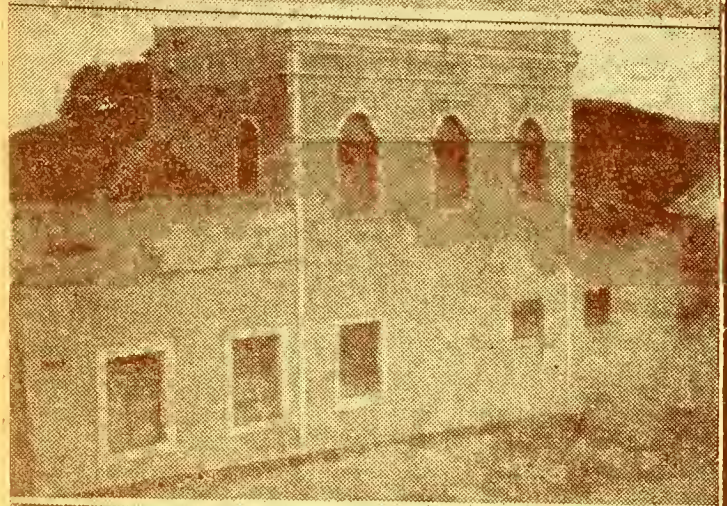
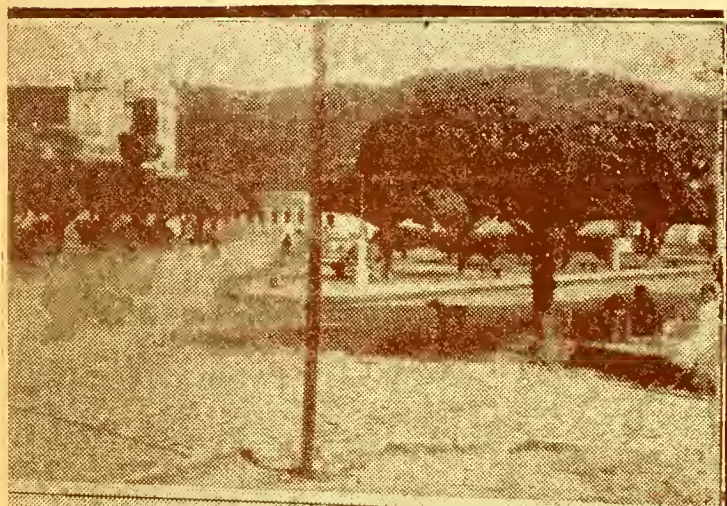
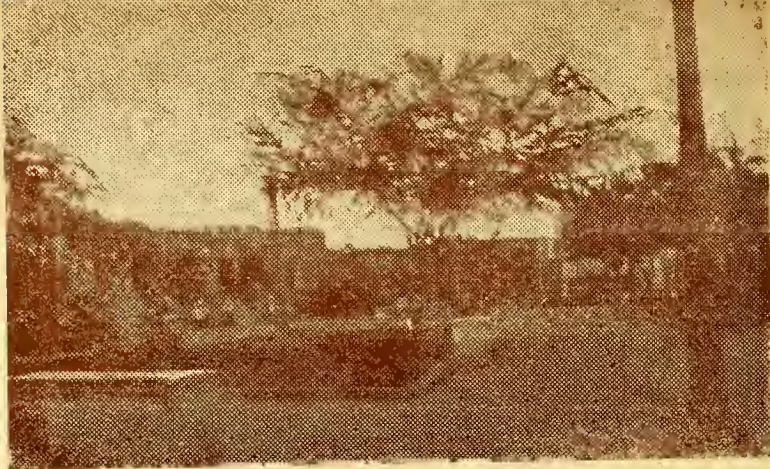
O Aracatí não fugiu à regra e teve os seus préstitos famosos, com dobres de finados, poviléu à rua e sentenciado com camisa branca e corda ao pescoço...

Dentre as execuções, as mais dramaticas foram as do preto Luís e de Domiciliano Francisco José.

Em ambos os casos, tôdo o povo saiu para a praça e presenciou o desenrolar da tragédia.

CASCAVEL — Igreja-Matriz

BATURITÉ — Colégio Domingos Sávio e Igreja-Matriz

CAMPOS SALES — Praça principal da cidade

BATURITÉ — Aspecto de uma das praças principais; casa histórica donde discursou José do Patrocinio; Colégio dos Jesuitas

Luís, negro robusto, solteiro e sapateiro, era escravo de Joaquina Eufrazia de Almeida. Morrendo de amores por outra escrava de nome Iria, esta nunca lhe correspondera, até o dia fatal do seu bárbaro crime. Tendo Iria levado uma bofetada de Tomás Pinto Pereira e para vingar-se do tremendo insulto procurou Luís e lhe prometeu satisfazer os desejos caso liquidasse a Tomás. Na noite de 6 de dezembro de 1838, segundo relata Benedito dos Santos, Tomás caía ao sólo com 14 facadas mortais.

Instaurado processo, Luís é condenado à morte e Iria à prisão perpétua. A execução de Luís teve lugar na rua do Rosário.

Domiciliano Francisco José, tambem escravo, assassinára, juntamente com a mulher Luiza Felícia do Nascimento o marido desta, em sua própria cama. O crime alcançara grande repercussão pela sua brutalidade.

Condenado, Domiciliano subiu ao patíbulo, numa clara manhã, na Praça do Pelourinho, Cruz das Almas. No momento da execução quebra-se a corda e o povo prorrompe em soluços e pedidos de perdão.

Dando, porém, prosseguimento à fatídica sentença, o preto exála o último suspiro pendurado na forca e com as costas para a igreja, como era de costume na época.

DECADENCIA E ESTRADA DE FERRO

Assim era o Aracatí nos meados do século XIX. Por longos anos continuou a sua supremacia na Provincia até que pela lei n. 224, de 25 de outubro de 1842, é elevada à categoria de cidade, governando o Ceará, nesta ocasião, José Joaquim Coêlho, Brigadeiro.

Com a construção da estrada de ferro para Baturité e com a instalação do Porto de Fortaleza, começou o seu declínio. As sêcas que atingiram a região também concorreram para a sua decadência, visto como atingiram a sua maior riqueza, que era a pecuária.

Houve, ainda, posteriormente, uma tentativa de revitalização da vida econômica do Aracatí e que, se tivesse vingado, teria transformado esta cidade num dos maiores empórios atuais de todo o nordeste: a construção de uma estrada de ferro que ligaria Fortim, a dois quilometros da cidade, à cidade do Icó, numa extensão de 50 léguas por todo o vale jaguaribano e servindo Jaguaruana, Russas, Limoeiro, São João, Jaguaribe e Icó.

O projeto ficou somente na bôa vontade do dr. João Ernesto Viriato de Medeiros. Seria, inegavelmente, uma grande estrada para o Ceará.

O ARACATÍ DE HOJE

Não conheço uma terra que tenha dado tantos ilustres filhos ao Ceará como Aracatí. Vamos a uma enumeração suscinta: Paula Ney, Adolfo Caminha, Pedro Pereira, Castro e Silva, Júlio Cesar Visconde do Jaguaribe, José Avelino, Costa Barros, Antonio Teodorico da Costa, Dragão do Mar, Major Facundo, Liberato Barroso, Bení Carvalho e muitos outros.

Com tantos e tão gloriosos rebentos, o tempo mesmo não poderia abater o gigante de outróra, como o fizera com o Aquiraz.

Hoje, a cidade é moderna, com ruas calçadas a paralelepipedo, boa luz elétrica, jardins públicos, excelentes colégios, com imprensa semanal, vida intelectual intensa, política agitada, interesse permanente pelas coisas e fatos locais, bôas firmas comerciais, fábricas, sociedade distinta e acolhedora, vida religiosa intensa.

Praça comercial com ramificações econômicas em todo o vasto Jaguaribe. Aracatí é alto produtor de sal, cêra de carnaúba e algodão.

A herança de glória, esplendor e riqueza não foi olvidada. Os filhos desta gloriosa terra têm sabido conservar o legado recebido, por isso que ela é hoje a «Rainha do Jaguaribe».

A R A C O I A B A

ANTIGA CANÔA, DESMEMBROU-SE DE BATURITÉ

DATAS DE SESMARIAS E ANTIGOS POVOADORES — O RIACHO QUE ERGUEU O POVOADO — A FERROVIA DE 1880 — O DECRETO DE MAIORIDADE, EM 1890 — DOM MANUEL CRIA A PARÓQUIA — LUTA DE FRONTEIRAS COM BATURITÉ — NOS DIAS QUE CORREM

O POVOAMENTO do atual município de Aracoiaba data dos idos de 1735, quando foram concedidas as datas de sesmarias pelo então Capitão Mór Domingos de Simão Jurdão, a Pedro da Rocha Maciel.

Entrementes, outros povoadores vieram se estabelecer à margem do riacho Aracoiaba, cujas ribeiras se prestavam admiravelmente para o cultivo de cereais e cana de açúcar.

Ao corrêr dos anos, foi se formando pequeno arraial a que deram o nome de Canôa. Nesta época florescia a Vila de Monte Mór, hoje Baturité, de cujo território fazia parte, até bem pouco tempo, o atual município de Aracoiaba.

Aos 14 de fevereiro de 1880, um fato veria dar grande progresso à pequena povoação. Referimo-nos à inauguração da estação da ferrovia, feita quando se encontrava à frente da então Estrada de Ferro de Baturité, o engenheiro Carlos Alberto Mórsing.

Daí por diante, Canôa tomou novos rumos, prosperando do dia para a noite.

VILA EM 1890

Dia vai, dia vem, os líderes do povoado principiaram a luta pela separação de Baturité e consequente elevação à Vila, com território independente formando município.

O Ceará, por esta época via-se envolvido ainda na agitação que o novo regime republicano, recem-instalado, outorgava à antiga Província. Havia, por conseguinte, necessidade de se prestigiar o sertão, atendendo-lhe as pretensões.

Assim é que, no governo de Luís Antonio Ferraz, é baixado o Decreto n. 44, com data de 16 de agosto de 1890, pelo qual a povoação de Canôa ficava elevada à categoria de Vila e constituido o município de Aracoiaba. A vila recebera idêntica denominação.

A instalação solene, deu-se aos 7 de setembro do mesmo ano, por entre gerais alegrias dos habitantes da antiga Canôa.

Sofrendo uma grande injustiça, o município foi extinto pelo Decreto 193, de 20 de maio de 1931.

Em 1933, aos 4 de dezembro é restaurado e, recentemente, isto é, aos 20 de dezembro de 1938, foi a vila elevada à categoria de cidade, sendo, destarte, uma das mais novas sédes municipais do interior cearense.

A SIMPATIA DE DOM MANUEL

Aracoiaba dista pouco mais de 90 quilometros de Fortaleza. O município produz em larga escala algodão e cereais, sendo digno de registro a sua produção de cêra de carnauba.

Contam-se, às centenas, as bôas propriedades rurais existêntes. Três pequenos povoados foram se desenvolvendo no interior do territorio municipal: Curupira, Ocára e Vasantes, hoje elevadas à vilas.

Gente muito trabalhadora, ordeira, o povo de Aracoiaba viveu, até aos nossos dias, dispensando o concurso dos governos, de vez que completamente esquecido. Recentemente é que lhe foi inaugurado um edifício público, e isto mesmo depois de anos de luta.

D. Manuel da Silva Gomes, de saudosa memória, tinha, assim, por êste município, um grande desvelo. Lutando até contra certas incompreensões, não se deu por vencido e, aos 22 de maio de 1914, criava nova freguesia na sua Diocese, com a denominação de Nossa Senhora da Conceição e cujo território compreendia o do município de Aracoiaba.

Foi outro fatôr de progresso para a localidade, visto como os fiéis passaram a ter a sua Matriz, independente da de Baturité, com vigário na propria séde municipal.

Hoje, ergue-se simpático e singelo templo numa das principais praças da cidade, recentemente embelezada com um moderno jardim mandado construir pelo prefeito Raimundo Freitas Costa.

NOS DIAS QUE CORREM

A cidade de Aracoiaba, apesar das sêcas que têm castigado a economia do município, apresenta alguns indicios de progresso. Dentre êstes, vale salientar, a construção de uma bela Praça, recentemente inaugurada, a edificação de um Grupo Escolar moderno, a instalação de excelente luz elétrica, a pavimentação das ruas principais e outras realizações que, aos pouco e pouco, concorrem para modificar a fisionomia da séde municipal dando-lhe um aspécto moderno e atraente.

Conta com boas residências, ruas largas, arborizadas, várias praças, bons estabelecimentos comerciais, farmácias, fábricas, sendo digno de registro o fato de se está formando uma mentalidade progressista no seio dos seus líderes de maior projeção.

Faz pouco, houve tremenda luta entre Baturité, município rico, grande e senhor de expressiva população, e Aracoiaba. Foi os diabos !...

Os limites não estavam bem esclarecidos entre o território dos dois municípios. Aracoiaba queixou-se de que Baturité lhe estava invadindo as fronteiras. A lei n. 1.153, recentemente publicada, balburdiou a divisão territorial do Ceará de maneira pavorosa. E a luta reclamou a honra da independência municipal que estava sendo ultrajada... E lá se foi o barulhão.

O certo é que a coisa esteve perto de uma pequena batalha, por isso que eram vistos caminhões e jipes cheios de leais defensores da soberania municipal, alguns bem armados !...

No final de contas, os dois prefeitos se entenderam. Edgy Távora Arruda e Raimundo Freitas Costa levaram a bom termo a disputa territorial. Foi sentado novo marco e resguardada a integridade territorial de ambos os municípios...

Deu-se por finda a luta que já se esboçava tremenda, na terra do Dr. Antonio Horácio Pereira, deputado federal.

A R A R I P E

TERRA DO CORONEL PEDRO SILVINO

ANTIGO BREJO SÊCO — NO TEMPO DO IMPÉRIO — A FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO, INSTITUIDA POR D. LUÍS — IGREJA CONSTRUIDA EM 75 DIAS — A CIDADE DOS NOSSOS DIAS — FILHOS ILUSTRES

O MUNICÍPIO de Araripe fica situado no cimo da serra que tem o mesmo nome, numa altitude de 550 metros acima do nível do mar. Tem uma população de mais de 16.000 habitantes e goza de clima agradável.

A sua história política é cheia dc altos e baixos, por isso que tendo sido elevado a município várias vezes, foi extinto, tambem várias vezes, conseguindo firmar a sua definitiva maioridade pelo decreto n. 1.540, de 3 de maio de 1935, assinado pelo então Interventor Federal, Coronel Felipe Moreira Lima.

Em traços rápidos, vejamos a sua evolução política: pela lei 1.661, de 3 de agosto de 1875, foi elevado a município, tendo como séde a antiga povoação de Brejo Sêco, elevada à vila. O seu território, foi desmembrado do de Assaré. Em 1899, foi extinto para ser restaurado em 1905, na quadra republicana. Em maio de 1931, sem justo motivo, é novamente extinto e o seu território passa a pertencer a Campos Sales. Afinal, com muita justiça, foi restaurada a sua autonomia, em 1935, no governo já citado, do Cel. Moreira Lima.

A sua atual denominação de Araripe, data da lei n. 2.172, de 23 de agôsto de 1889 ainda no regime imperial.

NO TEMPO DO IMPÉRIO

Município longínquo, tem o seu progresso procastinado por falta de ligações rodoviárias que lhe permitam melhor desenvolvimento, vivendo, assim, quase segregado da vida do Estado.

Todavia, Araripe, já teve dias áureos, notadamente ao tempo da quadra monárquica, quando a política lhe dominou inteiramente as atividades.

Como é sabido, os partidos naquela época eram dois e se denominavam Liberal e Consertdor. Em tôrno destas duas facções estavam divididos os brasileiros, e nos sertões a luta sempre foi acêsa como nos dias que correm. Havia uma diferença digna de ser ressaltada: a política era feita com mais vergonha e os seus dirigentes eram homens de real valor e cuja palavra, èmpenhada, era verbo cumprido.

Araripe, que então se chamava Brejo Sêco, denominação que devia ter conservado, era liderada, entre outros, pelo Cel. Nicolau de Albuquerque Arrais, homem de tempera forte, chefe político de grande projeção e que dominava os municípios circunvizinhos, tais como Assaré, Campos Sales, Saboeiro e outros.

Para não fugirmos a verdade histórica, somos obrigados a confessar que, nesta quadra dc sua crônica política, realmente, o Araripe teve prestígio e era sempre ouvido na conjuntura administrativa da então Província do Ceará.

CEL. PEDRO SILVINO DE ALENCAR

Já na época republicana, outro foi o líder político de Araripe. Com a queda da monarquia, surgiram novos dirigentes da vida comunal no interior. Com a realização dos pleitos, de princípio levados a termo quase sempre à custa do famôso «bico da pena», os costumes se modificaram de maneira total.

É nesta oportunidade que surge a figura brava e destemida do Coronel Pedro Antônio Silvino, um dos aráutos, no interior do Estado, da famôsa política aciolina que dominou o Ceará por vinte longos anos.

Com o surgir do prestígio do Padre Cícero Romão Batista, na zona sul do Estado, e sob o domínio do caudilho Floro Bartolomeu da Costa, floresceu em toda a sua pujança, o chamado coronelismo político, cujo ápice foi alcançado quando da assinatura da famosa Ata, subscrita por prefeitos e presidentes de Câmaras, além de chefes eleitorais, de toda a zona aproximada da Méca do Carirí. E Pedro Silvino de Alencar, chefe incontéste do Araripe, lá estivera.

Por ocasião da Revolução contra o Presidente Franco Rabêlo, em 1914, procurou-se um homem para dirigir bravo e aguerrido batalhão de jagunços para tomar Fortaleza. Além de outros, que serviram para a árdua missão, o Coronel Pedro Silvino foi ùm deles.

Conta-se um fato pitorêsco. Tendo assumido o governo Benjamin Barroso, certo dia, lhe foi feita tremenda queixa com relação aos homens de Pedro Silvino. Estavam fazendo absurdos e não tinha quem os dominasse.

Benjamin, homem prático e de pouca conversa, pega do telefone e liga para Pedro Silvino. Conversa vai, conversa vem, a coisa assim terminou:

— Pois é isto, «seu» Presidente Benjamin: quero saber quais são as ordens para transmiti-las aos meus homens. A coisa está azedando muito...

— Fique sabendo, «seu» Pedro Silvino que

não estou aqui para aguentar desafôros. A minha autoridade será mantida e respeitada, custe o que custar. Tudo já corre em paz e, assim sendo, você está demitido do comando do batalhão! Ouviu?

— O que, homem ? !

O telefone fôra desligado, e a demissão feita e acabada...

VIDA RELIGIOSA

O povo de Araripe é gente bôa e afável, qualidades, aliás, caracteristicas da nossa gente do sertão.

O município sempre viveu em paz. Como em toda cidade do interior, a sua formação é católica, devendo-se ao apostolado cristão grande soma de benefícios locais.

A Freguesia foi instituida pelo nosso primeiro Bispo, D. Luís Antônio dos Santos. O seu território foi desmembrado da antiga freguesia de Assaré, e o ato data de 5 de novembro de 1870. Foi elevada à categoria de Matriz a antiga Capela de Santo Antônio de Brejo Sêco, denominação primitiva de Araripe.

Foi o seu primeiro vigário o Padre Antônio Pereira de Oliveira Alencar. Logo mais vieram os padres Antonio Alexandrino de Alencar e Francisco Alexandrino de Alencar, que governou o paroquiato durante 23 anos, pelo que deixou grandes benefícios na terra.

Conta a crônica que, nos idos de 1871, um fato interessante ocorreu na cidade. É que andava em pregação o Padre-missionário Henrique José Cavalcante. Grande era a massa de fiéis que se deslocava para ouví-lo. Dia vai, dia vem, o povo entusiasmado levantou em 75 dias apenas a igreja Matriz que, anos depois sofrendo algumas reformas, ainda hoje existe.

FILHOS ILUSTRES

Um dos filhos de maior destaque do Araripe é Alexandre Arrais de Alencar, homem inteligente embora que modesto, jornalista, antigo prefeito do Crato, cidade onde viveu por longos anos. Participou ativamente da vida política do Estado e nasceu aos 13 de fevereiro de 1895, tendo falecido recentemente, depois de prestar relevantes serviços à comunidade cratense, que o tinha em grande estima.

Francisco Vieira de Alencar, nascido no Araripe, é hoje superintendente do Banco do Brasil, na Capital da República.

Claro de Andrade Junior foi poeta de grande inspiração, falecendo em agosto de 1931, cercado do carinho de dilétos amigos.

Os drs. José Arrais de Alencar e José de Alencar Arrais, respectivamente médico e bacharel, ocupam destacadas funções públicas no Rio.

Registre-se, ainda, os nomes de Vanfrido Monte Arrais, antigo Interventor do município; Ranulfo Salatiel, chefe político local; Carlos Salatiel, político de projeção, José Loiola de Alencar, atual prefeito do município e cidadão que goza de conceito e estima geral e Luís Gonzaga de Figueiredo, ex-prefeito e lider politico.

ASSARÉ

ANTIGA FREGUESIA DE SANT'ANA DO BREJO GRANDE

NAS RIBEIRAS DO BASTIÕES E SERRANIA DO QUINCUNCÁ — A CAPELA DE N. S. DAS DÔRES ERIGIDA EM MATRIZ — VILANOVA, O AMIGO DE ANTONIO CONSELHEIRO — O MONSENHOR ALEXANDRINO DE ALENCAR — ELEIÇÃO DEBAIXO DE PANCADARIA, AO TEMPO DO FAMOSO JUIZ BITENCOURT — RIBEIROS, ONOFRES E CATONHOS — UM PADRE, HOMEM DE VERDADE — NOS DIAS QUE CORREM — FILHOS ILUSTRES

O MUNICÍPIO de Assaré data da lei n. 1.152, de 19 de julho de 1865, época em que o Ceará era governado pelo famoso Presidente Francisco Inácio Marcondes Homem de Mélo.

Está encravado entre as ribeiras de dois rios, o Bastiões e o Cariú, que outorgam excelentes terras para o plantio de cereais. Há, por outro lado, bôas propriedades encravadas nas ramificações da Serra do Araripe, que vem ter ao território de Assaré.

A Serra do Quincuncá lhe forma grande parte do território, o que lhe permite regular produção nas épocas de bons invernos, visto como os seus habitantes são hábeis no laborar a gleba.

Possui, assim, terras de sertão e de serra, pelo que devia ser um dos mais ricos e prósperos municípios do Ceará. Todavia, isto não acontece, notadamente porque Assaré não possui, ainda, vias de transporte capazes de favorecerem à sua economia.

Vai daí ser a sua séde, a cidade de Assaré, relativamente precária no que tange a movimento comercial e progresso material.

No entretanto, é uma urbs simpática, acolhedora, com várias ruas e praças, notando-se-lhe algumas casas de melhor porte, igreja bem cuidada, ordeira e de gente muito amável.

Não fossem as sêcas que lhes têm vergastado a alma de maneira impiedosa, certamente já teria atingido a um índice de progresso mais elevado.

Desmembrado do município de Saboeiro, o seu território é vasto, por isso que com extensão superior a 1.600 km2.

CAPELA ERIGIDA EM MATRIZ

Nos idos de 1838, é criada a freguesia sob a invocação de Santa Ana do Brejo Grande, com território retirado da paróquia do Crato.

Com o correr do tempo positivou-se a necessidade da transferência da séde do paroquiato. É que existia a povoação do Assaré, então florescente, com casaria de beira e bica, arruado em formação e já com capelania erigida à Nossa Senhora das Dôres, e que datava de alguns anos atrás.

Vai daí, pela lei n. 520, de 4 de dezembro de 1850, ser transferida para a atual cidade de Assaré.

O fato, como era de se esperar, muito contribuiu para o desenvolvimento do pequeno povoado. Tanto assim que, quinze anos mais tarde, Assaré era elevado à categoria de município e o povoado subia para vila.

Hoje, a Freguesia compreende a Matriz e três outras capelas: N. S. das Angústias, erigida em 1850, na vila Tarrafas; N. S. do Perpétuo Socorro, que data de 7 de junho de 1920, na vila Amaro e, finalmente, São Sebastião, que data de igual período, localizada na vila Arára.

É vigário geral, atualmente, o Padre Agamenon Matos Coelho, homem de reconhecida operosidade e que tem envidado o melhor dos seus esforços pelo desenvolvimento da paróquia.

Têmpera forte, o Padre Agamenon é de uma disposição admirável no lutar contra os que lhe procuram envolver na política. Sempre fiel aos princípios da igreja, goza de grande prestígio em todo o município. De palestra agradável, é um dos líderes de maior projeção em Assaré. É um padre homem de verdade.

VILANOVA, O AMIGO DE CONSELHEIRO

É o admirável estilista Padre Azarias Sobreira quem no-lo revela, com detalhes. Trata-se de um assaréense que se não distinguiu-se pelas lêtras, fê-lo pela bravura e pelo destemor com que lutou no famôso Arraial de Canudos.

Nascido no Assaré, Antônio Vilanova, que é citado várias vezes por Euclides da Cunha, no seu livro «Os Sertões», demandou aos sertões baianos e lá se estabeleceu com pequeno comércio. Dia vai, dia vem, a rogos e chamados, resolve sentar moradia no celebre Arraial, que progredia sob o verbo de Antonio Conselheiro. Tudo ia no melhor dos mundos: comerciante, aumentando o pequeno cabedal, exercendo função idêntica a de juiz, foi chamado pelo Conselheiro na hora das vacas magras. E assumiu

o comando de determinado setor. E lutou como um valente, como um cearense de verdade.

Vendo a causa perdida, com o Conselheiro já ferido, o Arraial arrazado completamente, pediu licença para evadir-se, no que foi atendido pelo chefe supremo da extraordinária Méca.

Veio têr aos sertões do Assaré. Principiou vida nova, em sua propriedade rural. Estala a revolta do Juazeiro. Floro e o Padre Cícero insistem pela sua cooperação no comandar a jagunçada. Nega-se terminantemente, mas lança os fundamentos das tremendas fortificações da cidadela do Carirí no instruir a abertura de valados enormes que garantiram Juazeiro das incursões inimigas.

Foi a sua última participação em luta contra o governo, pois fizéra jura de nunca mais erguer o fuzil contra forças legalistas...

ELEIÇÕES DEBAIXO DE PAU

Foi entre 1917 e 1918 e governava o Ceará o Dr. João Tomé de Saboia e Silva. A luta entre aciolistas e rabelistas. Estes, embora mal saídos da debacle revolucionária que havia deposto o grande Franco Rabelo, ainda se mexiam com destemor nos quadros partidários.

Era juiz de Assaré, o Dr. Alfredo Bitencourt, homem temido por suas artimanhas políticas. Onde estivesse, a eleição vitoriosa seria a que contasse com seu beneplácito.

Mas, no Assaré, a coisa correu de modo diverso. Marcada a data do pleito, tratou-se de constituir a mêsa diretora de determinada secção. A oposição não ficára satisfeita com o que fora deliberado.

Ao corrêr do dia tudo passava mais ou menos em paz. Algumas perturbações aqui e ali, sem maior importância. Com a chegada da noite a coisa mudou de figura. Lá pelas tantas, houve rebuliço. Agita-se o povo. O eleitorado estremece. Era na secção principal. Que foi, que não foi, e o barulhão dos diabos começou...

A sala estava iluminada com velas, e não ficou uma só acesa. Foi um deus-nos-acuda. O páu roncou de verdade e até os livros da mêsa foram roubados! Fraude dos seiscentos diabos aquela do Assaré ao tempo do Juiz Bitencourt. Que a conte, com maiores detalhes, os contemporâneos e os que a fizeram, ainda hoje vivos e mechendo ainda em política!...

FILHOS ILUSTRES

O maior filho de Assaré é, sem dúvida, o Dr. Pedro Firmeza. Jornalista primoroso antigo diretor de imprensa em Fortaleza, homem de combate, pena vibrante, teve dias aureos nas lutas políticas do Ceará. Hoje é Ministro no Rio de Janeiro. Faz pouco tempo dirigiu os destinos do Estado, nomeado que foi Interventor Federal pelo Presidente Eurico Dutra. Realizou uma excelente administração, por isso que criteriosa e equidistante das lutas políticas.

Vem, em seguida, o Monsenhor Antonio Alexandrino de Alencar, que foi vigário de Araripe, Quixadá e Crato, cidade onde realizou obras notáveis. Foi politico militante do que lhe adveio desempenhar mandato na Assembléia Provincial.

São, tambem, filhos de Assaré, entre outros: Padres Manuel de Lima Araújo, Vicente Sóter de Alencar, homem culto e antigo Vigário do Crato; Germano Antenor de Araújo; Joaquim Sóter de Alencar e Custódio Saraiva Leão. Destaque-se, ainda, Major Gonçalo de Paiva, Tenente-Coronel Waldetrudes do Amarante, distinto e estimado oficial da 10ª R. M.; Dr. Gregorio Naziazeno de Paiva, médico; Dogivaldo Ribeiro, bacharel e atual prefeito do município e Evandro Onofre, do ministério público.

NOS DIAS QUE CORREM

Assaré é um município cujo progresso material e prosperidade dos seus habitantes está na dependência de bons invernos e bôas estradas.

A política não lhe tem favorecido em nada, visto como a maior aspiração da cidade é a construção de uma rodovia capaz de lhe assegurar melhor comércio e intercâmbio com outras cidades, e até o presente isto não foi conseguido, apesar da luta envidada pelos líderes locais.

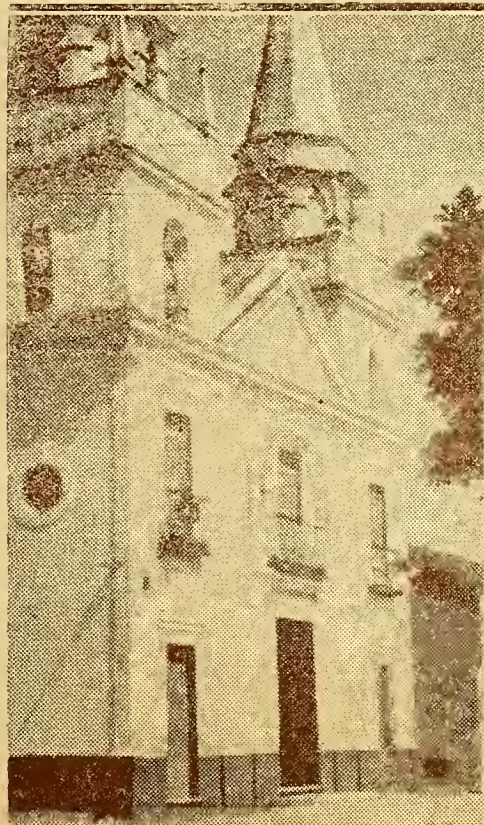
Resta, pois, nascer no seio dos seus dirigentes um espírito de aliança e interêsse comum em tudo que se relacionar com a prosperidade local.

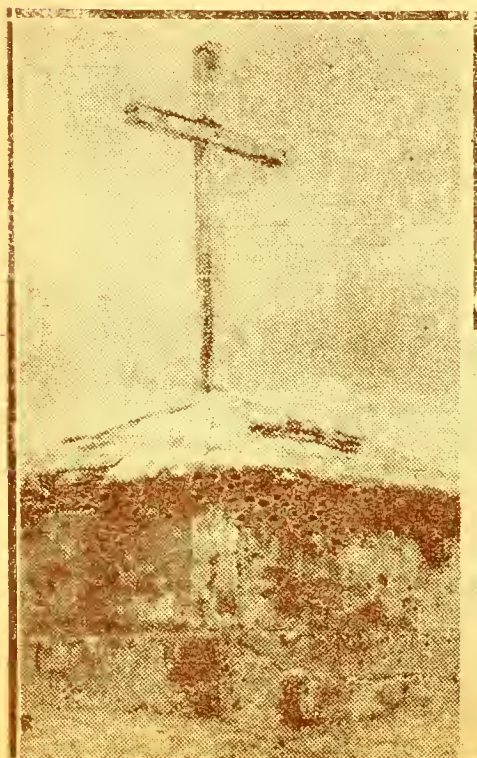
Há famílias importantes que se podem congregar. Os Onofres, os Ribeiros e os Catonhos bem podem continuar divididos pelas crenças partidárias, mas deve se unirem em torno de um ideal comum para que possa ser atingido o progresso da cidade. Há conquistas urgentes e indispensáveis a concretizar, tais como Grupo Escolar, Posto de Saúde, Estradas e Açudagem.

Luís Claraval Catonho, Raul Onofre, que já dirigiu o município; José Ribeiro. Bel. Catonho, Tertuliano Claraval, Antonio Paiva, Mário Gomes de Matos, Genival Paiva, Euclides Onofre, José Onofre, Raimundo Onofre de Paiva, Dr. Dogivaldo Ribeiro, Dr. Evandro Onofre, podem e devem lutar pela prosperidade do Assaré, porque assim bem o merece o seu povo bom, laborioso e ordeiro.

ARACOIABA — Aspéctos da cidade

ARACOIABA — Igreja-Matriz

ARACATI

ARACATI—Rua Liberato Barroso

ARACATÍ : — Edifício da
Camara Municipal

ARACATI -- Camara e Cruz das Almas
famosos monumentos históricos

AURORA

A CIDADE QUE RESISTIU AOS JAGUNÇOS

O PRETO BENEDITO E O IMPERADOR PEDRO II — SINOS COM ARMAS IMPERIAIS — A FAZENDA LOGRADOURO, DE ANTÔNIO LEITE — O SOBRADO DE XAVIER DE SOUSA

NÃO HÁ CIDADE do interior cearense que não tenha a sua história para contar. Umas pitorescas, outras singulares, na quase totalidade heróicas, mas sempre despontando, em tôdas elas, a bravura, o destemôr e o heroismo do sertanejo na luta contra a agressividade do meio ou contra o próprio homem, quando transformado em bandoleiro, aterrorizando as populações, depredando as fazendas, humilhando famílias e pontificando pela extrema brutalidade de atos inomináveis.

Há, pois, cidades mártires, que viram sofrer o seu povo, mas que resistiram na tremenda adversidade, vencendo a procéla e edificando, para as gerações futuras, um marco seguro e indelevel.

Está, neste caso, a heróica e brava cidade de Aurora, antes chamada Venda, principiada na modéstia de uma pequena quitanda e, hoje, transformada numa «urbs» moderna, onde se pode respirar um clima de alta compreensão política, sem lutas extremas nem inimizades estreitas, demandando um fim comum de plena prosperidade material e elevado sentido de vida democrática.

Se ontem a incompreensão dos homens lhe fez chorar, hoje, a civilização lhe outorga o sorriso franco e acolhedor, deixando que se observe a felicidade na expressão magnifica das gerações presentes. Ao visitar esta terra admirável, entrando em contácto com os seus filhos, senti uma profunda alegria por verificar que o seu pesaroso passado, e a desdita sofrida nos embates desiguais, eram fôlhas ao vento, não mais sombreando a pujança do presente que só permite a evocação de lendas e tradições que lhes são caras.

Aurora resistiu e venceu, foi heróica no sofrimento, mas é hoje uma cidade onde reina a paz e a fraternidade entre os homens.

O PRETO BENEDITO JOSÉ DOS SANTOS

Figura singular de nossa história provincial, Benedito José dos Santos, preto velho lealdoso e valente, sentou moradia na ribeira do Salgado. Homem de iniciativas, embora que modesto e desprovido de conhecimentos, Benedito tornou-se celebre pela viagem que empreendeu à Capital do Reino para entrevistar-se com Pedro II, Imperador do Brasil.

Com dois filhos participantes na guerra contra o Paraguay, não lhe foi dificil avistar-se com o magnânimo monárca. Expondo, à família imperial, o seu propósito de voltar ao Ceará e erigir uma igrejinha no lugar em que morava, conseguiu ajuda em paramentos, sino com armas do império, retratos a óleo dos soberanos e algum dinheiro.

Regressando, com a ajuda de moradores da ribeira, levanta a capela, entronizando São Benedito, como santo padroeiro do lugar.

Anos mais tarde, Francisco Xavier de Sousa, herdeiro de David Cardoso dos Santos, e para cumprir voto de sua mulher, Dona Maria Xavier dos Santos, erige na fazenda denominada Logradouro, nas proximidades da antiga moradia de Benedito, uma nova capela sob a invocação do Senhor Menino Deus, ainda hoje padroeiro de Aurora.

Por existir no local uma quitanda, o povo batizou a localidade de Venda, denominação que permaneceu por muitos anos, embora lhe quisesem chamar Xavielina, em homenagem a Francisco Xavier, que edificára um pequeno sobrado, onde passára a residir e que ainda existe ao lado da Matriz paroquial.

POVOADO, VILA E CIDADE

Região fértil, com agua abundante nos bons invernos, de logo a prosperidade lhe presidiu os destinos. Dos mais longínquos recantos chegavam forasteiros que foram se estabelecendo, ora com pequenos lotes de terra, ora com casas de comércio.

Decorridos anos, com o falecimento do Cel. Xavier, já em 1864 aparece, em Venda, o Padre Agostinho Afonso Ferreira, que realiza melhoramentos na capelinha.

Desenvolvido o povoado, os seus habitantes reclamam e conseguem a elevação do lugar à categoria de Vila, que passa a denominar-se Aurora, ficando, assim, como séde de município, de acôrdo com a lei n. 2.047, de 10 de novembro de 1883.

No meio da alegria geral, a nova Vila foi instalada solenemente, aos 30 de maio de 1885.

Um clérigo ficaria ligado ao progresso de Aurora: Padre Vicente Pinto Teixeira, homem hábil, trabalhador, de iniciativas, virtuoso e que seria o seu primeiro vigário, em virtude da criação da freguesia.

Sendo o bispo do Ceará, o saudoso Dom Joaquim José Vieira, os habitantes lhe dirigiram repetidas súplicas pelo que resolveu, por pro-

visão datada de 27 de junho de 1893, criar a Paróquia do Menino Deus de Aurora, com séde nesta Vila, séde do município do mesmo nome.

Recentemente, pela lei n. 448, de 20 de dezembro de 1939, é que Aurora passou à categoria de cidade, posto que, o referido diploma legal a que nos referimos, elevou àquela categoria todas as sédes de município do Ceará.

ESTREITA POLITICA LHE PERTURBOU O PROGRESSO

Nos dias que correm, a política, até certo ponto, é fator de progresso. Uma compreensão melhor das atividades partidárias está começando a pontificar nos sertões. Já se vislumbra um melhor sentido de vida democrática, desaparecendo a pouco e pouco o «imperium» do coronelismo que trouxe ao nosso Estado consequências desagradaveis.

Situada em plena zona sertaneja, distando da capital do Estado mais de 500 quilômetros, ficou Aurora segregada, por longos anos. Principiou a participar ativamente da vida política, quando os sertões assistiam, temerosos, ao domínio do mais forte.

Nas suas proximidades, já atingia a certa maturidade todo o vale do Cariri, com as suas cidades bem desenvolvidas, mas vivendo sob o mandonismo intolerante que a época propiciava.

No Barro, formara-se o terrível quartelmestre donde sobresaia a figura de José Inácio de Sousa. Em Missão Velha, a capangagem encontrava guarida e se comprazia em proezas e tropelias que agitavam vasta região, amedrontando meio mundo. Em Lavras, o cenário não mudava, atingindo a côres vivas em Milagres, que vivia sob o predominio do Coronel Domingos Furtado Leite, chefe de família numerosa e de largo prestigio político.

Aurora estava, assim, situada num circulo de fôgo e de ferro. Tinha que seguir a trilha e enveredar, igualmente, pela senda do destemor, da bravura, da intrepidez, para não ser liquidada.

Não recuou e assistiu à formação de chefes políticos do maior prestígio, alguns dos quais ainda hoje existem como êste admirável Paulo Gonçalves, participantes de toda uma quadra agitada da formação histórica da cidade do Menino Deus.

Não se pode, em justa razão, escurecer que esta época atrasou um pouco o progresso de Aurora. Não lhe tivessem assistido dias amargos, esta cidade, hoje, seria uma das melhores do Estado, posto que a área geográfica do município é riquíssima, o seu solo de uma fertilidade admirável. Bem atestam os seus excelentes sitios e ótimas fazendas.

FASE DE DURAS PROVAÇÕES

Nos anos que vão de 1900 a 1930, o povo de Aurora viveu horas de duras provações.

A política do Estado vivia na intolerância do partido que dominasse a situação e, no «hinterland», quem estivesse, àquela época, de cima, não dava nem de beber a quem estivesse de baixo. Dominava o aciolismo através de milhares de coroneis prepotentes e vingativos, esta é que é a verdade núa e crúa.

No sul do Estado esta situação deplorável atingiu ao seu climax. E Aurora foi vitima, duas vezes, de incêndios e depredações.

O primeiro encontro deu-se quando as famílias Cândido e Santos lutaram contra os Leites, potentados de Milagres.

José Inácio do Barro e o Cel. Domingos Furtado Leite invadiram a cidade à frente de mais de trezentos homens armados e municiados.

Este fato foi, mais ou menos, em 1908.

O Governador Acioli entregou, porém, a Cândido Ribeiro Campos, pai do conhecido Padre Januário Campos, a situação local, tendo em vista que Campos gozava, realmente, de grande prestígio em Aurora.

Anos depois, a cidade sofre novo revés. Foi a invasão da jagunçada, ao mando de Floro Bartolomeu da Costa, o caudilho baiano que assentou tenda em Juazeiro.

O Ceará àquela época tremia de mêdo quando ouvia falar em jagunço. Floro havia reunido na então cidade mistica o que havia de pior em materia de bandoleiros. Os cabras eram tremendos...

Numa vindita cruel aos que acompanhavam Cândido Campos, foram praticados crimes inomináveis não só em Aurora como em Ingazeiras, vila do município. Correu sangue de verdade e, no campo, o que se via eram labaredas liquidando casas de fazendas de coroneis e capitães do mato.

Estes fatos concorreram grandemente para que homens de prestígio em Aurora tivessem sempre, ao seu lado, capangas e cabras dispostos, verdadeiros guardas-costas, sempre prontos à defesa do chefe, em qualquer terreno. As populações ribeirinhas viviam sobressaltadas.

ISAIAS ARRUDA CONTRA OS PAULINOS

Hoje a zona sul do Estado é um céu aberto. Mas, há anos atrás, a coisa era prêta. Em Missão Velha, Isaias Arruda reuniu muita gente... Homem temível, teve a protegê-lo o bafejo da política, o beneplácito dos chefes e chefetes de Fortaleza.

Dominando Missão Velha, o Cel. Manuel Dantas de Araújo, o governo do desembargador Moreira passou a Isaias Arruda a tarefa de pôr abaixo, pelas armas, se fosse necessário, o valente e bravo Cel. Dantas. E, de fato, caiu Dantas, passando a ser maioral o Coronel Isaias Arruda.

Os Paulinos, família numerosa, que residiam nas cercânias da cidade de Aurora e que eram amigos de Isaias Arruda, ficaram ao lado de Dantas. Bastou isto para que Isaias lhes declarasse guerra aberta e tremenda perseguição.

Em número de 15, os Paulinos tinham disposição para a luta e não sabiam recuar diante do perigo.

Vários Paulinos tombaram na luta cruenta, ora por emboscada, ora a peito descoberto. Um deles, foi o de nome João, o de mais prestígio na família. A revolta, então, atingiu o seu auge no seio dos restantes. Juraram matar Isaias Arruda. Êle, sim, iria pagar pelos crimes perpetrados contra a família, dantes pacata, ordeira e trabalhadora.

Num belo dia, quando o povaréu se reunia

à espera do trem horário que faria parada na estação de Aurora, consumou-se a tragédia já esperada.

Alguns Paulinos, armados até os dentes, rumaram em direção ao carro de passageiros, parado na plataforma da estação. De súbito, aparece o temível Coronel Isaias. Numa fração de segundos uma saraivada de projéteis lhe põe fim à vida tumultuosa e agitada. Era a vingança tremenda da família Paulino.

Foi um dia de juizo. Azáfama, correria, gritos, tiros por todos os lados. Era o princípio de uma grande jornada: a que poria termo ao prestígio, ao poder e à época de terror que dominava os sertões longínquos daquelas paragens ignotas. Anos mais tarde, o trabuco seria substituido pela enxada e os homens passariam a viver para a família e o trabalho do campo.

AS MINAS DO COXA

Um outro episódio que marca dias de tormento para Aurora, foi o que envolveu uma personalidade estranha e singular, que veio ter às plagas juazeirenses e, de logo, passou a contar com o beneplácito e prestigio do Padre Cícero. Sem este, nada poderia fazer...

Trata-se das celebres minas do Coxá, situadas dentro do município de Aurora e que aguçaram a cobiça de muita gente bôa e prestigiosa de então.

Engenheiro de minas, o Conde Adolfo Van Der Brully tivera notícia de famosas minas de ouro nos sertões do Ceará. E lá se veio o homem à busca do precioso e rico tesouro...

Espalhada a notícia, como era claro, advieram as questões e, de permeio às tricas e questiunculas, o bacamarte teve a sua função, embora que em escala reduzida...

Feitos os preparativos primários tiveram início as pesquisas, não se constatando a existência de ouro e sim de cobre, em percentagem relativamente insignificante. Foi uma decepção grande, pois a certa esperança do famoso tesouro havia custado «sangue, suor e lagrimas»...

O Conde Adolfo, que se casára em Juazeiro, internara-se, logo mais, pelas matas da serra do Araripe e, auxiliado por Padre Cicero, que lhe enviava homens, andava de Séca a Méca a estudar os planaltos da região inóspita...

AURORA DOS NOSSOS DIAS

Com o correr dos tempos, a queda do Acioli, a revolução do Padre Cícero, o fim de baixa e mesquinha politicagem que tanto atrasou o hinterland cearense, as cidades começaram a progredir dentro de um ritmo acelerado. O homem do sertão compreendeu o êrro lamentável em que caira e reagiu, com senso e equilibrio, tomando o caminho certo para a prosperidade local.

Aurora hoje desfruta de um clima de tranquilidade, paz construtiva, labor operante, por isso que vários melhoramentos já lhe atestam o progresso na vida pública.

O chefe da municipalidade é Antonio Gonçalves Pinto, cidadão simples, abastado, filho deste formidável Paulo Gonçalves, herdeiro de bela tradição de lutas em pról da grandeza de Aurora.

A política local já não gravita em torno de lutas encarniçadas, mas somente agitam os ânimos na quadra da propaganda partidária.

A cidade já não é a mesma de anos atrás. Há alguma coisa de novo, por isso que conta com Posto de Saúde, Lactário, Mercado moderno, ruas calçadas, bôa iluminação e várias obras de maior vulto.

Um grande exemplo, esta cidade heróica outorga, hoje, as demais comunas: espírito verdadeiramente democrático em sua política. Basta dizer que às festas de posse do Prefeito eleito, comparecem todos os que, dias antes, lhe faziam tremenda oposição na batalha das idéias!

BAIXIO

CUJA SÉDE HISTÓRICA Ê UMARI

HÁ CINCOENTA ANOS ERA CRIADO O MUNICÍPIO — O DEDO DO FAMOSO MARQUÊS DE POMBAL — ANTÔNIO JOAQUIM, O PRIMEIRO VIGÁRIO — UMARÍ, TEATRO DE GRANDES ACONTECIMENTOS — O «ITINERÁRIO», DE FREI CANÉCA — SÉDE MUNICIPAL QUE NÃO TEM SOCÊGO — LÍDERES SINGULARES — EM NOSSOS DIAS

BAIXIO é um município que dista nada menos de 516 quilômetros de Fortaleza. Está situado em sertão, já nos limites do Estado da Paraíba, sendo fronteiriço à Cajazeiras e Antenôr Navarro.

A sua antiga séde foi Umarí, vila de excepcional projeção nos fastos da nossa história, notadamente no período épico das revoluções, por isso que caminho antigo, velha estrada real que nos ligava à Pernambuco e Paraíba.

É região sagrada, onde fatos memoraveis se passaram, hoje relembrada sempre quando se evoca os heróis da famosa jornada republicana da Revolução do Equador.

Baixio é a cidade atual, séde do município do mesmo nome, e elevada a esta categoria pelo Decreto n. 650, de 30 de junho de 1932. A lei nº 448, de 20 de dezembro de 1938, é que lhe deu fóros de cidade. Antes fôra sempre povoado inferior a Umarí, mas o caminho de ferro outorgou-lhe o progresso e agitada vida comercial, notadamente na quadra dos bons invernos.

O município foi criado pela lei n. 2.046, de 12 de novembro de 1883, estando, assim, com cincoenta anos, precisamente.

Hoje, já se cogita de transferir, pela segunda vez, a séde municipal para a próspera Vila de Ipaumirim, antiga Alagoinha. Várias são as razões invocadas.

Para nós, todavia, a séde de Baixio continúa sendo Umarí, de vez que, historicamente, o núcleo de maior importância. Faz pena até a gente ver Umarí regredindo. Somente o marco da fé ali resiste a decadência, visto como a paróquia tem, ainda, a sua séde onde foi erguida, nos idos de 1875, sob a invocação de N. S. da Conceição...

O FRANCÊS QUE ERGUEU A MATRIZ

Conta-nos o douto Barão de Studart que um francês, de nome Joseph Aleth Douillétte, foi quem mandou levantar a histórica igreja de São Gonçalo. Perseguido pelo famoso Marques de Pombal, o filho da França veio ter à Umarí.

Enamorado, Joseph constitui família e senta moradia definitiva no povoado. Inteiramente adaptado ao meio, uma coisa lhe impressionou sobremodo: quando alguem morria no Umarí lá se ia o defunto, estrada abaixo, para ser enterrado nos Icós. Aquilo era um absurdo, e metia até mêdo, nas caladas da noite, aos carregadores de defuntos...

Vai daí conclamar o povo da localidade para a ereção de uma capela, capaz de administrar pequeno cemitério, nela própria levantado, como era de bom costume antigo...

Mãos a obra, dentro de pouco tempo lá estava erguida a Igreja, futura Matriz de São Gonçalo, ainda hoje existente e guardando os traços primitivos de sua construção antiga e secular.

A velha Igreja tem como pároco o Padre Manuel Carlos de Morais, simpático, acolhedor, sempre risonho, amando a Deus no céu e Umari na terra. É uma figura singular a deste sacerdote, sempre solícito, operoso e inteiramente integrado no mistér de apascentar as ovêlhas. É um grande vigário, êste do Baixio.

Sabendo de có e salteado a história da freguesia, afirmou-nos que a mesma foi instituida aos 18 de agosto de 1882, sendo o seu primeiro vigário o Padre Antônio Joaquim dos Santos que tomou posse aos 17 de setembro de 1883.

TEATRO DE GRANDE FATOS

É o famoso Frei Caneca, figura destacada da Revolução do Equador, quem no-lo revela no seu célebre escrito sobre o trajeto da malograda expedição Cazumbá, que percorreu mais de 200 léguas, sertão a dentro, nos transes verdadeiramente impressionantes dos últimos lances da República de 1824.

Foi nas cercanias de Umarí, a grande tragédia. Era 17 de outubro de 1824. O lugar denominado Picada, nome de uma fazenda. Ali estavam acantonados mais de duas centenas de soldados de Filgueiras, sob o comando do bravo Capitão Maxi. O saque estava sendo geral, a pilhagem terrível. O desespero revolucionário atingira o seu ponto culminante.

Esta tropa havia se desgarrado do grôsso do Exercito. Confiava na coragem do Maxi, valente como as armas.

Em dado momento, porém, tremenda fuzila-

ria quebra a algazarra da pilhagem. Eram inimigos que estavam emboscados. A resistência é aprestada. Trava-se combate. Mas... destino cruel! Maxi, confiado na sua bravura e na fama do seu nome, não havia municiado a tropa suficientemente, e o resultado é que faltou o principal: munição!

Os soldados de Pinto Madeira, o imperialista ferrenho, lançaram-se sobre os guerreiros de Filgueiras e a chacina foi pavorosa. A mortandade foi quase toda levada a termo à custa de baioneta, arma branca.

Embalde, pois, a resistencia fantástica que a tropa sitiada opôs ao inimigo impiedoso. A tragédia foi dantêsca, espetacular e o curral da fazenda, ficou coalhado de cadáveres!... Mais de cento e cincoenta mortos!

AS TROPAS DE PERNAMBUCO E PARAÍBA

O território do município de Baixio foi, como dissemos, teatro de fatos memoráveis. Outro acontecimento de real importância, além do já citado, foi a entrada, no Umarí, então pequeno povoado, do grande exército que compunha a celebre Expedição Cazumbá.

Era seu comandante o famoso ex-Presidente do Governo Revolucionário da Paraíba, Felix Antônio Ferreira de Albuquerque. Buscava encontrar-se com as trópas de Pereira Filgueiras e o exército era composto de soldados do Pernambuco e da Paraíba.

A tragédia desta expedição foi notável, visto como a sonhada República do Equador já era letra morta. Havia sido quase que totalmente esmagada. Restava o cáos e os bravos remanescentes da grande luta.

Depois de permanecer por algum tempo no Umarí, Antônio Felix levanta acampamento. Aqui e ali se registravam escaramuças. A trópa vinha sendo combatida tenazmente pelos realistas. Dia vai, dia vem, já anteviam o desfêcho pavoroso que a aguardava. Mas lutava ainda e vencia léguas e léguas.

Afinal, chega o momento culminante na fazenda Juiz, distante uns 40 quilômetros da Missão Velha. Aí foram totalmente sitiados e a rendição não se esperou. Foi um drama. Entregaram-se, com garantia de vida, Frei Joaquim do Amor Divino Canéca, Major Agostinho Bezerra Cavalcante e Lázaro de Sousa Forte.

Mal sabiam êles que, logo mais, seriam supliciados atrozmente!

NOS DIAS QUE CORREM

Baixio é, pois, terra sagrada, outróra palmilhada por um exército de heróis em busca da liberdade e dos ideais republicanos.

Hoje é um município sem maiores acontecimentos de projeção na vida provinciana, exceto as lutas políticas que lhe animam até a vida monótona neste transe de sêcas tremendas.

Conta com três vilas: Umarí, Felizardo e Ipaumirim, a mais progressista e já com foros de pequena cidade.

Os seus líderes de maior projeção são: Padre Carlos de Morais, Prefeito José Leite Ribeiro, homem estimado, de bom caráter, educadissimo, fazendeiro e criador abastado; Joaquim Leite Ribeiro, Cícero Brasileiro, chefe político e homem de prestígio local; Francisco Irineu Ribeiro, José Maria Crispim, Oswaldo Ademar Barbosa, Presidente da Câmara; Luís Pinheiro Barbosa, capitalista; Luís Leite Nobrega, Joaquim Ribeiro e Francisco Moreira Oliveira. Justo é que se ressalte, ao se falar sobre Baixio, a figura prestigiosa de Francisco V. Arruda, bacharel, benemérito dos estudantes, homem de fino trato social, prócer destacado da política do Ceará e um grande benfeitor do antigo município de Umarí.

Depois de sua participação na liderança política de Baixio não se pode esquecer os reais beneficios outorgados a esta terra pelo simpático chefe. Aí estão inúmeras realizações que demonstram o que afirmamos, sem receio de contestações.

Mal grado a crise por que passa todo o nosso Estado, em vista da precariedade dos ultimos invernos, Baixio tem sabido resistir galhardamente a dificil conjuntura, e a cidade e vilas que lhes compõem continuam plenamente florescentes.

FILHOS ILUSTRES

Entre os filhos ilustres de Baixio devem ser destacados, o Dr. Raimundo Vitor dos Santos que foi Professor da Escola de Agronomia e homem de letras. Cidadão excessivamente modesto.

Da nova geração temos: Dr. Luís Leite Nóbrega Filho, médico, formado pela Faculdade do Recife; Dr. Luís Barbosa Filho, médico, tambem diplomado pela mesma Faculdade e Odontólogo Hélio Vidal Barros.

B A R B A L H A

CIDADE DE ALTA LINHAGEM

DESCENDENTES DA CASA DA TORRE — O APÓSTOLO DO CARIRÍ — O MILAGRE DO CALDAS — JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR — SOB A INSPIRAÇÃO DE OLAVO BILAC — SÁ BARRETOS E SAMPAIOS — FONTES E CANAVIAIS — SAQUE DE 1914 — POVO QUE SE AFIRMA POR SI PRÓPRIO

HÁ UMA CIDADE no Ceará que diverge profundamente de todas as outras pelos traços marcantes da nobreza e do modo de viver de sua gente, e que sendo cognominada de «A Princesa do Carirí», tem o topônimo de Barbalha.

Se na exuberante região caririense floresce e se agiganta o Crato, capital da zona sul do Estado; se, a seu lado, cresce assustadoramente sob o império do trabalho e das pequenas indústrias este admirável Juazeiro do Norte, o maior empório comercial do interior; Barbalha completa o singular modus-vivendi das populações que se abrigaram no ubérrimo Vale do Carirí, concorrendo com a fidalguia que encanta o visitante.

É que, emoldurado na opulência dos seus verdejantes canaviais, cercada pelas copiosas e perenes fontes de aguas cristalinas, demorando no semi-circulo da serrania do Araripe, sob a excelência de um clima ameno e suave, Barbalha nasceu e cresceu sob a mística da honradês, da serenidade, da austeridade e da alta linhagem que lhe outorgou este admirável Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, herdeiro das tradições e do sangue de Mem de Sá, que foi o nosso 3º Governador Geral nos albôres da colonização.

Fundada, assim, por um espírito de escól, Barbalha até hoje conduz, com elevado aprumo, o brazão e as armas a si legadas, sem pejo e sem vacilações, progredindo à custa exclusiva da energia e da força de vontade dos seus filhos, sempre acotevelados pela negligência e pelo esquecimento dos que têm dirigido o Ceará. Terra que se faz por si é terra que a ninguem nada deve, sendo esta a sua maior glória.

O DESCENDENTE DE MEM DE SÁ

Atraido pela exuberância da região, Francisco Magalhães Barreto e Sá adquiriu, em 1753, a Inácio de Figueirêdo Adôrno, o sítio denominado Barbalha e, anos depois, senta moradia nas ribeiras do Salamanca.

Ao redor da nova residência, erguem-se as primeiras casas de chão de barro batido, principiando a formação de pequeno arraial.

Cristão no fervor da fé, Magalhães, em 1760, manda erguer Capela, o que foi feito sob a invocação de Santo Antônio.

Anos mais tarde, pela lei nº 130, de 30 de agosto de 1838, foi criada a Freguesia do Senhor Santo Antônio de Barbalha, tendo sido o seu primeiro vigário Padre José de Castro e Silva.

Com a nova séde de Paróquia, cresceu a localidade a ponto de ser elevada à Vila aos 17 de agosto de 1846, pela lei nº 374.

Ao correr dos anos, edificou-se nova Matriz, principiada nos idos de 1893 e terminada já no ano de 1921. É um templo amplo, sólido, espaçoso, com torreame elevado, encontrando-se localizado numa bela praça e tendo ao lado, ainda em perfeito estado, uma casinha que foi a primeira de tijolo construida em Barbalha, sendo, assim, uma relíquia histórica.

A sua categoria de cidade data de 30 de agosto de 1876, e como séde de comarca principiou a sua existência ainda no tempo do Império, embora suprimida e restaurada várias vezes.

O PADRE IBIAPINA, O APÓSTOLO

Nascendo sob o signo da fé católica, Barbalha teve seus grandes dias ao receber a visita missionária do Padre Dr. José Antônio Maria de Ibiapina, homem viajado, pregador de fino quilate, evangelizador primoroso e que percorreu todo o Carirí, levantando as suas populações para o culto e para a prática da caridade.

Feitos os preparativos, a cidade está engalanada: flôres, ramos verdes, bandeirinhas e banda de música adestrada para a tocáta. Na praça da Matriz, bem vasta, com casaria de beira e bica, o povo alegre, a vivar o santo sacerdote. Foi um dia de festa memorável. O melhor terno e o melhor vestido estavam ali presentes, embora Ibiapina condenasse a moda... E que moda a daquela época longinqua !

Iniciada a pregação, o evangelizador foi implacável ao condenar certas intrigas ferrenhas então existentes. Foi um sermão terrivel. No dia seguinte, lá se vinham os irmãos, antes mal-querentes, abraçados e com a filarmônica à frente, seguidos por grande multidão. Foi um alvoroço. Aquilo só sendo milagre...

Pregou, então, contra os vicios e conclamou à pratica da penitencia e das esmolas. Bastou o sermão para que durante os seis dias em que

passou em Barbalha fosem feitas obras formidaveis para aqueles tempos: conclusão da Cacimba do Povo, ereção de um cruzeiro, cemitério dos coléricos e inicio dos alicerces para o aumento da Matriz. Era a época em que os auxilios rendiam...

Perlustrando Missão Velha, Jardim, Missão Nova, Crato e todo o Vale, o Padre Ibiapina que prestou assinalados serviços à região, foi cognominado de «O Apóstolo do Cariri».

O MILAGRE DE CALDAS

Foi durante a pregação do Padre Ibiapina que se deu o singular acontecimento. Certa manhã, aproxima-se do evangelizador uma velhinha pedindo um remedio para a cura dos seus males. Respondeu-lhe o missionário, geitosamente: «não sou médico, nada lhe podendo dar. Tome banhos cálidos».

A velhinha dirigiu-se, tropega, para o Caldas. Ouvira mal as palavras do pregador... A verdade, porém, é que por lá passou três dias e três noites a se banhar nas aguas da fonte.

Regressa, então, às pressas para contar a nova milagrosa...

— «Padre Ibiapina, olhe e veja, estou completamente curada. Deus lhe proteja Santo Padre. Deus lhe proteja».

A partir desta data, espalhando-se a notícia, começaram as romarias para Caldas. E a verdade é que, efetivamente, as aguas desta fonte curam de verdade. Lá está uma igrejinha a do Bom Jesus, cheia de ex-votos de curas excepcionais.

Situada em aprazível recanto, outros fatos singulares se desenrolaram em Caldas, inclusive o ter-se encontrado um coração, em cores naturais, fincado numa pedra de três palmos, após um incêndio que destruiu uma palhoça. Foi outra azáfama tremenda. Aquilo era coisa do outro mundo...

Hoje, passado a crendice popular, Caldas se transforma numa excelente estação de repouso, de veraneio, graças à iniciativa de um digno filho da terra, o Vereador de Fortaleza, Francisco Cordeiro de Sousa.

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

Uma das glórias maiores de Barbalha é ter dado ao Ceará o seu mais esclarecido e dinâmico Presidente, na pessoa de José Martiniano de Alencar.

Homem notável por todos os títulos que ornavam o seu caráter integro e incorruptivel, José Martiniano de Alencar nasceu no sítio Lambedor, aos 16 de outubro de 1794.

Idealista, revolucionário, homem de ações prontas e rápidas, forrado de largos conhecimentos, bem cêdo entrou na política, fazendo carreira brilhante, posto que exerceu os mais elevados cargos que a Província podia lhe outorgar naquela época memorável.

Eleito representante do Ceará à Constituinte portuguesa, por seus bravos atos e atitudes foi encontrar refúgio na Inglaterra.

Tendo vitorioso o seu nome para deputado por duas províncias — Ceará e Minas Gerais — preferiu representar a sua terra natal, renunciando ao mandato que lhe fôra conferido pelas Alterosas.

Senador do Império, portou-se sempre com altivez e galhardia, o que lhe valeu conceito e estima na capital do Império. Governando o nosso Estado por duas vezes, Martiniano de Alencar realizou a mais notável administração da história do Ceará, posto que sendo de uma honestidade inigualável, de um critério e de um senso de justiça fora do comum, emprcendeu vários melhoramentos de real interesse para a coletividade. O seu govêrno marcou uma época de justiça e de honestidade na vida pública de nossa terra. É tido e havido como o nosso maior governante, tal foi a sua energia, critério e operosidade à frente da coisa pública.

ASSOCIAÇÕES TRADICIONAIS

Povo afável e acolhedor, o barbalhense é conservador. Mantém a tradição e sabe sempre rememorar os fatos memoráveis dos seus fastos históricos.

Como traço predominante na vida da cidade, existem várias associações culturais dentre as quais se destacam a Liga Contra o Analfabetismo, o Cetama Clube, e o tradicional Gabinete de Leitura.

Têm estas instituições vida real e proveitosa dentro da comunidade. O Gabinete de Leitura foi fundado aos 14 de maio de 1889, ainda ao tempo do império e a sua ação no dominio da inteligência tem sido magnifica, por isso que dele hão participado os mais ilustres filhos da terra.

A Liga Contra o Analfabismo foi fundada em 1917 sob a inspiração da pregação cívica e patriótica do grande Olavo Bilac.

O Cetama Club é de caráter recreativo-diversional e realiza festas memoráveis nos dias maiores da vida municipal.

Outras instituições existem e dentre elas, devem ser ressaltadas as de assistência social e educacional e que são inúmeras.

ALENCARES, SÁ BARRETOS E SAMPAIOS

Barbalha é uma terra diferente das demais, como acentuámos de inicio. Possui uma aristocracia que tem as suas bases no patriarcalismo monarquista. A formação de sua elite data de mais de um século e se mantem vitoriosa e íntegra através dos anos.

Familias ali se constituiram em expressões magnificas de orgulho para o Ceará: Alencares, Sá Barretos, Sampaios, Carleais, Duartes e outras conservam o simbolo da honradez, da bravura e da indepêndencia como brazões que devem ser mantidos pelas gerações vindouras.

Gente pacata, ordeira, respeitadora da lei, é-lhes grato mesmo tratar com fidalguia, comprovando ao visitante a alta linhagem de sua sosiedade finamente educada.

Os seus filhos ilustres elevam-se às dezenas, alguns deles sendo figuras exponenciais das letras e da política do Ceará, notadamente ao tempo do império e no inicio da vida republicana.

NA REVOLUÇÃO DE FLORO

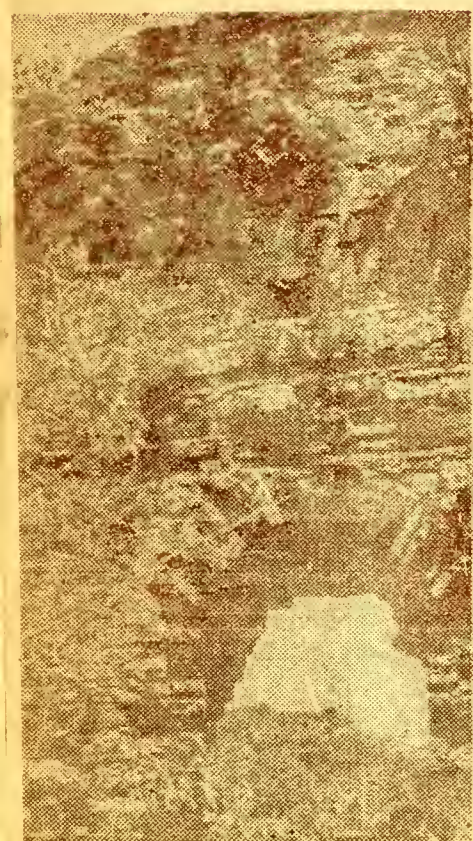
Em 1914, quando o sul do Estado sofreu a dramática convulsão advinda da revolução che-

ACARAÚ — Obelisco do Centenário

ACARAÚ — Famosa Igreja de Almofala; Posto de Puericultura; Pesca do camurupim

ACARAÚ — Igreja-Matriz e Escola Normal Rural

AQUIRAZ—Igreja-Matriz de São José do Ribamar

ACOPIARA — Igreja-Matriz

AQUIRAZ — Ruinas do famoso Colegio dos Jesuitas, obra colonial

fiada por Floro Bartolomeu da Costa, sob o prestigio do Padre Cícero, fundador e chefe espiritual do Juazeiro, Barbalha, que lhe fica bem próximo sofreu dias profundamente amargos e aflitos.

Política dividida, nem todos os seus líderes estavam ao lado da masorcada que tinha por objetivo a deposição do grande Franco Rabelo. Vai daí a sua invasão pela jagunçada, sob o comando do terrível Canuto Reis.

Com as depredações do Crato, tomado a ferro e a fogo, todo o povo de Barbalha abandona a cidade. Deserta, sem proteção, sem resistência, entregue à sanha devastadora dos bandoleiros, teve inicio o mais impiedoso saque já registrado na história do Ceará.

Foi uma tragédia sem limites e que pôs abaixo fortunas feitas à custa de muito trabalho como a da casa Sampaio, totalmente depedrada e roubada.

Uma voz, porém, se ergueu, contra a barbaria, no meio da multidão ignara e criminosa: foi a do Vigário local.

Magro, pálido pela emoção, afrontando o perigo e a tremenda crueldade dos invasores, gritou, num impeto de coragem e de bravura inexcedível: «Não continuem, em nome de Deus ! Não continuem esta barbaridade tremenda, pois disto não necessitais para tornardes triunfantes a vossa causa !»

O saque foi suspenso, embora já fossem enormes os prejuizos causados à pacata cidade.

POVO QUE SE AFIRMA POR SI

Distando da capital 603 quilômetros, demorando num recanto do Carirí, por muitos anos privada de meios de transporte, Barbalha sofreu calada e silenciosa, sem increpações e sem a ninguem acusar, pois a sua educação não lhe permitia maiores dissabores ao apontar govêrnos criminosos que lhe relegaram a segundo plano.

Com a redemocratização do país, alguns benefícios têm-lhe sido concedidos, entre os quais vale ressaltar a construção da rodovia que liga Barbalha a outras cidades próximas; construção do ramal ferroviário com estação, praça moderna e trens diários; inicio de uma grande obra que é o ginasio local; instituições de assistência social de porte, além de realizações da municipalidade, a cuja frente se encontra o Prefeito Alfredo Correia de Oliveira.

Com personalidade própria, sem a ninguem acotovelar, vivendo à custa exclusiva do labor fecundo de sua gente, Barbalha, terra do Dr. Cláudio Martins e Martins d'Alvarez, homens de letras e de José Cardoso de Alencar, brilhante advogado, vai firmando o seu prestigio e honrando as suas tradições num belo exemplo de fé e de energia.

Leão Sampaio, médico famoso e deputado digno, é bem a personificação magnifica desta cidade admirável.

B A T U R I T É

ANTIGA MONTEMÓR DA AMÉRICA

RELATÓRIOS DE BARBA ALARDO E SILVA PAULET — O CHÓLERA-MORBUS DE 1862 — NA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR — A MATRIZ, DEPÓSITO DE PÓLVORA — A HISTÓRIA DOS CAMÊLOS DA ARGÉLIA — JOÃO CORDEIRO — VISITA DE PATROCÍNIO — VIVEIRO DE ABOLICIONISTAS E REPUBLICANOS — DE GUSTAVO SAMPAIO À FRANKLIN TÁVORA — FORMAÇÃO DA JUVENTUDE — NOS DIAS ATUAIS

BATURITÉ é uma cidade rica de tradições, notadamente por haver se constituido numa pátria de filhos ilustres pelo saber e pelas ações edificantes. Daí porque a evocação do seu nome relembra fatos e episódios pitorescos, ao lado de marcantes acontecimentos que tiveram excepcional importância na vida do Ceará.

Município centenário, por isso que instalado aos 14 de abril de 1764, recebeu o nome de Monte-Mór, o novo da América, cuja denominação relembrou uma vila de igual nome existente em Alentejo, terra portuguêsa, de crônica memorável. Nascia, evidentemente, sob a inspiração do poderoso Marquês de Pombal, por isso que a sua criação fazia parte do celebre plano do estadista português contra a influência magnífica dos jesuitas.

Mal sabia o Marquês que, anos mais tarde, ali se ergueria este monumental edificio que é a Escola Apostólica, sabiamente dirigida pelos filhos da Companhia de Jesus e que tem prestado os mais assinalados serviços à nossa terra.

Com freguesia criada aos 19 de junho de 1762, sob a invocação de Nossa Senhora da Palma, cuja imagem diz a lenda ter sido encontrada na fazenda Frade, onde fôra assassinado um clérigo virtuoso, possuia a cidade de Baturité igrejas tradicionais, dentre as quais deve ser ressaltada a Matriz, construção iniciada em 1764, segundo o historiador Pedro Catão, ampliada e remodelada graças ao Mons. Manuel Cândido dos Santos e ao incansável apostolado do Comendador da Santa Sé, jornalista Ananias Arruda.

Elevada à cidade pela lei n. 884, de 9 de agôsto de 1858, passou a séde de Comarca aos 9 de janeiro de 1841, participando, assim, com maioridade política, dos fatos mais importantes da vida imperial e republicana do Ceará.

NAS DISCRIÇÕES DE BARBA ALARDO E PAULET ...

Recuando ao nascer do século dezenove, encontramos duas interesantes discrições sôbre a antiga Vila de Monte-Mór, o Novo América.

Habitada, originariamente, pelos indios Canindés e Genipapos, principou a sua existência quando erigida em memorável Missão pelas mãos dos jesuitas, vanguardeiros da conquista e colonização do nosso território.

Em 1814, Luís Barba Alardo de Menezes, antigo Governador, escreve a El-Rei uma memoria sôbre a novel Capitania e, entre considerações gerais, tece os seguintes comentários sôbre a Vila de Monte-mór :

«Esta villa, que ainda hoje muitos denominam de Baturité, seu nome antigo, fica 29 legoas ao sul da capital. Tem 30 legoas de norte a sul, 16 de nascente a poente. As suas serras produzem preciosos gêneros, madeiras, muitos vegetais de estimação e ricos minerais. Tem duas companhias de ordenanças a cavallo tão somente, o que prova ainda a sua decadência».

Dois anos depois, o engenheiro Antônio José da Silva Paulet, escrevia longo memorial, posto que estava ao serviço do govêrno português, como observou Tristão de Alencar Araripe em carta escrita a um amigo em 1896 e, em cuja descrição, Paulet, assim se expressa em referência à Baturité, em 1816:

«Na serra de Baturité ao S de Fortaleza, está situada esta villa, erecta para índios congregados de outros lugares, e hoje quazi toda habitada por extra-naturaes nomes que se dá a todo que não é índio. Não tem caza de camara, nem cadeia, nem o conselho patrimonio. O algodão deste termo passa pelo melhor da capitania. A cana é reduzida a rapaduras que se extrae para o sertão de Campo-maior (Quixeramobim) e Canindé. A villa tem 74 cazas muito arruinadas, muitas cobertas de palha...».

Era assim, o Baturité de cento e cinquenta anos atrás. Não passava de um pobre e humilde poovado que, anos mais tarde, se transformaria na formosa cidade dos nossos dias.

TEATRO DANTÊSCO NO COLERA-MORBUS

Aos 5 de abril de 1862, segundo o Barão de Studart, manifestava-se no Icó, pela primeira vez, a epidemia do cólera-morbus. Foi um fla-

gelo tremendo. Mobilizou-se meio mundo na então Província do Ceará, sob o govêrno de Manuel Antônio Duarte de Azevedo.

A mortalidade atingiu a proporções nunca vistas. A epidemia alastrou-se imediatamente por todo o Ceará, tendo maior incidência nos municípios de Maranguape, Pacatuba e Baturité.

Durante um ano de sofrimento, faleceram mais de 11.000 pessoas vitimadas pela terrível e tremenda peste. Os dramas foram os mais lancinantes. A própria capital foi teatro de cenas constrangedoras, notadamente nos arrabaldes.

Baturité, nesta quadra dolorosa, viveu os dias mais tristes de sua existência, por isso que foi a cidade duramente atingida.

Do relatório confidencial enviado, pelo então Presidente da Província, ao Marquês de Olinda, Ministro do Império, têm-se uma conclusão do que foi a tragédia naquela cidade.

O próprio delegado local, apavorado, abandonou o cargo, fugindo. Foram, porém, verdadeiros heróis o Bacharel Luís de Cerqueira Lima, Presidente da Comissão de Socorros, os padres Francisco Ribeiro, vigário; José Joaquim Coelho da Silva, que carregava os cadáveres nos próprios ombros para a sepultura, rua abaixo; Francisco Ayres de Miranda Henrique e o alferes Pompilio da Rocha Moreira, todos agraciados com as comendas do oficialato da Rosa e Cavaleiro de Cristo, tão relevantes foram os serviços prestados numa hora extrema em que ninguem queria participar da tragédia, posto que horrorizados diante de tanta dôr e tanto sofrimento.

Foram precisos mêses para que o drama chegasse ao seu fim, permanecendo, indelevel, na história desta cidade heróica esta epopeia dantêsca.

NA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

A época da efervescência política em que pontificou este bravo Tristão Gonçalves, Baturité não ficou à margem do grande movimento republicano. Foi um Deus nos acuda em tôdo o município. Espíritos exaltados contaram, de logo, com a adesão do povo e, naquele dia inesquecível de 10 de outubro de 1924, na Matriz da Vila, o povaréu reuniu-se em grande assembléia, posto que a Casa da Câmara era demais pequena para comportar tanta gente...

Presidiu à sessão o então juiz Alexandre Pereira Liberal Pitiguarí que a todos impôs fidelíssimo juramento, que começava: «Eu, Alexandre Pereira Liberal Pitiguary, juro aos Santos Evangelhos voluntária e solenemente defender e guardar a religião católica; juro dar a ultima gota de sangue para manter e ser fiel à Confederação do Equador, etc., etc.». Seguiram-se 159 assinaturas, terminando a cerimônia com fervoroso Te-Deum, por todos cantado na mais viva emoção.

Dias depois, a 19 de outubro, a Câmara mandava recolher, na Matriz local, 180 barris de polvora, 220 carros de granadeiras, 3 barris de chumbo, um quintal de ferro e roda de aço enviados por Tristão Gonçalves e destinados à luta armada, caso fosse necessário. A porta da Matriz se postaram vinte guardas bem armados, como sentinelas em defesa do arsenal... Nos tempos antigos, a Igreja participava decisiva e corajosamente das lutas políticas, sem medo e sem subterfúgios, o que lhe valeu bela página na história do Ceará provincial.

CAMÊLOS DA ARABIA, EM BATURITÉ

Não é lenda. É pura verdade histórica, de vez que a Imperial Sociedade Zoológica de Aclimação, fundada por Geoffroy de St. Hilaire, fez ver ao Barão de Capanema a possibilidade da criação de camêlos no nordeste e, de modo especial, no Ceará.

Assolado pela sêca, o nordeste seria bem servido pelos ruminantes que aqui chegaram a bordo do «Splendide», acompanhado de quatro árabes.

Não é preciso descrever o que foi a chegada dos camêlos ao Ceará. Fortaleza em pêso foi assistir ao desembarque da preciosa carga. Até mesmo o Presidente da Província lá estava... Foram até apelidados de Anti-Cristo, segundo nos relata o professor Inácio Raposo, em crônica interessante.

Organizou-se, então, a primeira viagem. Os preparativos duraram dias. Era preciso muito cuidado, pois a experiência era preciosa. E, aos 14 de setembro de 1859, partiu a caravana, à cuja frente marchava o «Aschr», de todos o mais civilizado...

Por onde passavam, a sensação era tremenda. O povo ficou mesmo assustado, pensando em coisas do outro mundo. Cansados, fizeram parada em Pacatuba para repouso e, logo mais, seguiram viagem até chegarem a Baturité, depois de mil peripécias pelas ladeiras íngremes...

O DINAMICO JOÃO CORDEIRO

Uma das figuras exponenciais que marcou época em Baturité, foi sem dúvida a de João Cordeiro, famoso abolicionista e homem de negócios, tendo, ainda, ao correr da vida agitada, ocupado elevados cargos, inclusive de governador interino, deputado e senador.

Chegando a Baturité, espírito irrequieto, cheio de iniciativas, João Cordeiro fundou uma casa comercial. Auxiliado por Isaias Boris, que lhe abriu crédito no valor de 100 contos (para aquela época, uma fortuna) com cujo capital levantou predio e instalou a «Fábrica Proença». Neste estabelecimento iniciou a industrialização de mil e um produtos; licores, vinagre, genebra, sabão, óleos, resíduo, etc..

Juntamente com Raimundo Ribeiro e Pedro Sombra, fundou o «Jornal do Comércio» através do qual fez interssante propaganda agrícola.

De logo tornou-se líder local, com prestígio e grande popularidade. Entrou para a política militante do município e prestou dois grandes serviços a Baturité, como ele mesmo relata em suas memórias. Um deles, foi ter evitado que a Estrada de Ferro seguisse de Canôa (Aracoiaba), diretamente para o sertão, indo a Baturité apenas um ramal. A campanha foi tremenda e João Cordeiro saiu vencedor. O outro foi conseguir de Caio Prado, então Presidente do Ceará, a construção de uma muralha e calçamento sobre o Putiú, rio que fica nas proximidades da cidade. Por isso, a obra recebeu o seu nome.

Mas, João Cordeiro destacou-se em Baturité, sobretudo, pelo seu amôr à campanha abolicionista e em torno de sua figura expressiva se reuniram os principais chefes locais.

VISITA DO PATROCINIO

Já famoso, José do Patrocinio, cognominado o «Tigre da Abolição», resolve empreender uma viagem ao norte e, de modo especial, ao Ceará, por ser a terra vanguardeira no movimento de libertação dos escravos e mesmo pelos laços de afeição que o ligava à Pátria de Ney.

De fato, em 1882, lá se veio o grande tribuno agitar as massas populares com o seu verbo esplendente de luz e de encanto.

Visitando outros municípios, dirigiu-se para Baturité onde recebeu consagradora homenagem do povo que tinha, à frente, valoroso grupo de abolicionistas, dentre os quais o grande João Cordeiro.

Foi um dia de festas excepcionais, posto que todo mundo queria ouvir José do Patrocinio que, então, estava no auge do seu apogeu.

E, ainda hoje lá está a casa donde falou à grande multidão que ouviu o paladino da liberdade de uma raça com o fervor e o encanto despertados pela sua palavra mágica e arrebatadora.

GRANDES FILHOS DEU AO CEARA

Baturité tem sido um viveiro de filhos ilustres nas armas, nas letras e na política. Familias tradicionais têm zelado as expressões de fé e de cultura deste povo fidalgo e acolhedor, ocupando, por isso, o município lugar de merecido relevo na crônica histórica do Ceará.

Entre os falecidos, vale ressaltar Waldemar Falcão, espírito de escol e que alcançou as mais altas posições na Capital Federal; Alfredo Dutra, chefe político e vice-presidente do Estado; Francisco Antonio de Oliveira Sobrinho, poeta abolicionista; Tenente Gustavo Sampaio, símbolo de bravura e coragem; Godofredo Maciel, político de grande prestígio, antigo prefeito de Fortaleza; Franklin Távora, notável escritor; José de Barcelos, Ernani Gomes da Silva, Erico de Paiva Mota, Eduardo Bezerra, Pedro Wilson e Pedro Catão.

Entre os vivos, encontramos figuras do maior relevo como Augusto Linhares, Cesar Campelo, Francisco Alencar Matos, Francisco Linhares, Hugo Rocha, José Waldo Ribeiro Ramos, Tomaz Gomes da Silva, Stenio Gomes da Silva, Ananias Arruda, João Ramos, José Pontes de Medeiros, Clovis Matos, Américo Barreira, Barros dos Santos, Lauro Maciel Severiano, Benjamin Hortencio Medeiros, Vinicius Ribeiro, Rubens Falcão, Padre Geminiano Bezerra e muitos outros.

Ressalte-se, de modo especial, a glória de Baturité em ter dado ao Brasil um Presidente da Republica, que foi José Linhares, hoje Presidente do Supremo Tribunal Federal.

NOS DIAS QUE CORREM

Nos dias que correm, Baturité é séde de um dos municípios representativos do Estado, quer pela sua expressão econômica, quer pela formação de sua juventude que se educa em vários estabelecimentos de ensino do melhor quilate e entre os quais, destacamos a Escola Apostolica, o Colégio Domingos Sávio, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e outros.

A cidade é moderna, limpa, com ruas longas, bôas praças e jardins, bons edifícios, comércio movimentado, casas bancárias, sociedade distinta, com médicos e advogados ilustrados.

É Prefeito Municipal o Capitão Edgy Távora Arruda, que vem realizando uma notável administração, fecunda em realizações do interesse geral.

Baturité se representa na Assembléia Legislativa pelo Dr. Francisco Xavier Saraiva, destacado procer udenista.

Possui imprensa periodica, da qual se destaca o semanário católico **A Verdade**, que há anos circula em toda a região, dirigido pelo jornalista Ananias Arruda, ex-prefeito que prestou assinalados serviços à comunidade.

BÔA VIAGEM

FOI, OUTRÓRA, PAROQUIADA PELO PADRE MORORÓ

O CAPITÃO-MÓR JOÃO DE TEYVE BARRETO E MENÊZES DOOU TERRAS — ANTIGO CAVALO MORTO — O FAMOSO ANTÔNIO DOMINGUES ALVAREZ — O ROUBO DA LINDA MOÇA — MUNICÍPIO EM 1864, E FREGUESIA EM 1862

BÔA VIAGEM é o município que demora no centro geográfico do Estado. É uma das maiores unidades municipais do Ceará, por isso que tem 2.392 km2, o que equivale a 2,21 da superfície total do território cearense.

A sua séde municipal tem o mesmo nome. É uma cidade simpática, atraente, de gente afável e acolhedora, o que contrasta com a idéia que, geralmente, se faz desta cidade, em vista de estar localizada no recesso do hinterland.

As suas ruas são largas, as suas praças imensas, notando-se-lhe algumas residências de melhor aparência, modernas. Os seus logradouros públicos estão pavimentados e os edifícios públicos principais são o prédio dos Correios e Telegráfos, o Grupo Escolar e a Penitenciária, uma das melhores de todo o interior.

Foi, outróra, cidade abalada por fatos desagradáveis, nos quais se envolveram as principais famílias em luta tremenda contra outras residentes em Quixeramobim.

Hoje é terra pacata, de povo ordeiro, bom e estimável. Pena é que os governos lhe votem grande desprezo, criminoso esquecimento.

FATOS INTERESSANTES

No livro 14º — Datas de Sesmarias, à pagina 131, encontramos concessão de três leguas de terra a Antônio Domingues Alves, no Riacho Cavalo Morto que desagua no Rio Quixeramobim.

Data, o precioso documento, dos idos de 26 de junho de 1743 e está assinado pelo Capitão-mór João de Teyve Barreto e Menezes, antigo governador do Ceará Grande.

É, pois, desta quadra que data, mais ou menos, o povoamento da região, hoje constituida em município de Bôa Viagem, outróra chamado de Cavalo Morto.

*
* *

Anos mais tarde, passa-se um fato singular. Antônio Domingues Alvarez rouba uma linda moça nos Icós. Foi o diabo ! Azáfama, correria, pega o homem, e, nada ! Montado em cavalo ligeiro, rompeu os sertões e, mais morto do que vivo, foi dar com a sua preciosa carga nas ribeiras do Cavalo Morto.

Com mais detalhes, nos conta Manuel Ximenes de Aragão, que Antônio Domingues, ao ver-se perseguido pela família da moça, apelou três vezes para Nossa Senhora, fazendo-lhe promessa de crigir igreja para sua devoção caso escapasse com vida. Salvo, a bem dizer por um milagre, cumpre a promessa, nos idos de 1772, doando terras e gado para a construção da igreja apalavrada, cuja devoção seria a da santa invocada na hora difícil, isto é, Nossa Senhora.

ARAÚJOS E MACIÉIS

Houve uma época, na história do Ceará, em que, efetivamentc, a justiça era feita pelas próprias mãos. Nada de delongas e nem de processo. O mundão era enórme e o juiz difícil... Além do mais os jurados é que eram elas !...

Nos sertões da Bôa Viagem e do Quixeramobim este princípio pontificou em tremenda luta havida entre os Araújos e Maciéis.

A coisa foi, mais ou menos, assim: os Maciéis, que compunham família numerosa, na sua totalidade residêntes na Vila Nova do Campo Maior, nome antigo de Quixeramobim, foram acusados de roubos de gado pertencente à família dos Araújos, cujos domínios se extendiam sobre Bôa Viagem e circunvizinhanças. A coisa, todavia, não ficou só em suspeita. Aprestou-se bando e lá se foi, atacar os Maciéis em Quixeramobim !

Foi um deus-nos-acuda, na Vila Nova. Bala com seiscentos diabos. Foram rechassados. Voltaram, dias depois, já com Vicente Lopes, terrível bandoleiro que fazia carêta aos famosos Mourões.

Dia vai, dia vem, sucedem-se os encontros sanguinolentos. E vai morrendo Maciéis e Araújos... Certa vez, houve uma matança bárbara sinístra contra os Maciéis. Prêsos, seguiam para Sobral e, a meio-caminho, cruelmente trucidados. Estavam com os pés e as mãos amarradas...

Daí seguiram-se desforras pessoais, emboscadas e assassinatos pavorosos. Certo dia, Luciano Domingues de Araújo ia casar-se. Tudo pronto, feito o casório. Os noivos levantaram tenda, e iam pela estrada afóra, quando lá se vem certeiro tiro no coração de Luciano. Era Miguel Carlos que mandára Estácio da Gama fazer emboscada no Uruquêsinho...

E assim viveram, por muitos anos, os Maciéis e Araújos, dantes famílias ordeiras, prestimosas e trabalhadoras.

O tempo, todavia, sepultou estes ódios e rancores. Hoje, os Maciéis e os Araújos constituem gente bôa, de largo prestigio e conceito.

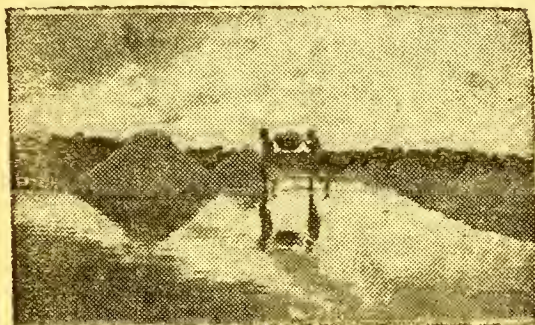
CRONOLOGIA

A lei n. 1.128, de 21 de novembro de 1864, criava o município de Bôa Viagem, desmembrado o seu território do de Quixeramobim. Foi extinto em 1931 e restaurado, logo mais, em 1936.

A vila foi elevada à categoria de cidade em 1938, num reconhecimento à sua condição de séde de um município.

A Freguesia data de 18 de novembro de 1862, e a padroeira é Nossa Senhora da Bôa Viagem. A Matriz é um lindo e originalíssimo templo, sempre conservado muito limpo.

Foi o seu primeiro vigário o Padre Antônio Corrêia de Sá. Mas, antes, tivera como capelão o famoso Padre Gonçalo Inácio de Loiola e Melo Mororó, martir da Confederação do Equador, morto por fuzilamento aos 30 de abril de 1825, onde hoje se ergue o Passeio Público. Foram as suas palavras derradeiras: «Camaradas, o alvo é aqui (pondo a mão sobre o coração), tiro certeiro que não me deixe sofrer muito».

Bôa Viagem tivéra, assim, a honra e a glória de ter tido missa celebrada pelo notável filho do Riacho Guimarães, município de Sobral.

BREJO SANTO — Aspécto da cidade

BÔA VIAGEM — Aspecto da cidade

BARBALHA — Igrejas

BÔA VIAGEM—Igreja Matriz

BARBALHA — No alto, a primeira casa edificada na cidade; ruas da Barbalha com excelente pavimentação, arborizadas e modernas

BREJO SANTO

ANTIGO BREJO DA BARBOSA

CRONOLOGIA E FORMAÇÃO POLÍTICA — «VAMOS DESTRUIR PORTEIRAS !» — O FAMOSO SAQUE DAS GUARIBAS, A PRETEXTO DE LAMPEÃO — O DESABAMENTO DA MATRIZ — LÍDERES E FILHOS ILUSTRES

AFIRMA a crônica histórica, dos mais antigos, que Brejo Santo, outróra, chamou-se Brejo da Barbosa. A coisa passou-se assim: nos meados do século dezoito, uma mulher destemida entendeu de sentar moradia onde, hoje, se ergue a cidade.

Dia vai, dia vem, dedicou à sua propriedade excepcionais desvêlos, a ponto de se tornar famosa, em toda a redondeza, pela grande produção de cereais que, anualmente, colhia. Falava-se, então, no Brejo da Barbosa, pois a senhora, cujo nome a história não guarda, pertencia à família Barbosa.

Conta-nos, ainda, o Padre J. Alboino Pequeno, que anos depois vieram ter, à mesma região, outros pioneiros pertencentes à família Santos do que, posteriormente, originou-se a denominação de Brejo dos Santos.

Há quem afirme, todavia, que o povoamento deste município data de uma sesmaria concedida, aos 24 de janeiro de 1714, ao Tenente-Coronel Antônio Mendes Lobato Lira, pelo que, foi real proprietário do Sítio Barbosa. Esta versão é de Antônio Bezerra, em «Algumas origens do Ceará», citada por Raimundo Girão e Martins Filho.

O município de Brejo Santo foi criado aos 26 de agosto de 1890, isto pelo Decreto n. 49, de Luís Antônio Ferraz, então Governador do Ceará.

Em 1938, pelo Decreto n. 448, de 20 de dezembro, a vila de Brejo dos Santos, que fôra criada em 1876, foi elevada à categoria de cidade e o topônimo simplificado para Brejo Santo.

LUTAS E REVEZES

Alguns fatos de importância histórica registram-se em Brejo Santo, valendo ressaltados dois que tiveram grande repercussão, nos idos do primeiro quartel dêste século vinte.

A região sul do Estado já vinha sobressaltada por lutas políticas tremendas, ora no Barro, ora na Aurora, ora na Missão Velha. Por outro lado, alguns sicários, do tipo de Luís Padre, traziam em constante azáfama a gente bôa dos sertões caririenses e adjacências.

Anos mais tarde, lá se vinha nova quadra de terrôr. Eram Lampeão — êste monstro que o cinema quer endeuzar, e que tanta desgraça causou ao interior —, Massilon, João 22, e outros de sua espécie, a perlustrarem aquela região, fazendo o mal.

Certa feita, estourou a bomba: «O Lampeão está nas Guaribas, fazendão do Chico-chicote!»

E foi os diábos !... Atacaram a casa grande. O Tenente José Bezerra, à frente da soldadêsca, meteu bala nos sitiados. Chico-chicote não era homem de conversa fiada, e lá se vai bala pros seiscentos diábos. A casa das Guaribas, era uma fortaleza. Não quedou, ao primeiro embate, e lá se veio Polícia da Palacia e do Pernambuco. Foi fôgo brabo, durante mais de 30 horas, sem parar um minuto.

O certo é que, no final da coisa, trucidaram Chico-chicote. Nem Lampeão, nem coisa alguma...

*
* *

Mais ou menos em 1914, outro fato repercutiu em todo o Estado, e se passava no Brejo Santo. Raimundo Cardoso dos Santos era chefe supremo de Porteiras, então município. Por isso, ou ou por aquilo, os chefes de Brejo entenderam de desbancar o homem da Prefeitura. Hoje, Porteiras pertence a Brejo Santo, mas, naquêles tempos, a rivalidade era grossa...

O certo é que, certa manhã, Porteiras amanheceu cercada por mais de trezentos homens, bem armados e dispostos para o que désse e viesse. Os atacantes deram os primeiros disparos, no que foram respondidos pelos homens do Coronel Raimundo Cardoso dos Santos, tipo do sertanejo que não teme carêta.

O barulhão durou horas. Foi os diábos e, no final das contas, a cidade sitiada, entregou-se com armas e bagagens... Mas a coisa não ficou nisto. Passados dias, chega a Brejo Santo um verdadeiro batalhão mandado pelo govêrno para reintegrar, no posto, o Coronel Cardoso. A azáfama foi terrível. Vai, não vai... Finalmente, a coisa serenou e, o homem reassumiu...

A MATRIZ QUE DESABOU

A Freguesia de Brejo Santo data de 25 de julho de 1876, desmembrada que foi da de Jardim e de Milagres. De 1877 a 1903, curou a paróquia o Padre Francisco Lopes Abath.

Durante 25 anos, o Padre Francisco Lopes Abath realizou muito em prol do progresso de Brejo Santo, inclusive reformando a igreja que tem como padroeiro o Sagrado Coração de Jesus.

1949, registrou-se um fato lamentável com a Matriz local. Estavam reformando o velho

templo. Trabalhavam vários operários retirando as colunatas que seguravam o técto. Em dado momento, lá se vem tudo de cima abaixo. Ruiu toda a coberta, ocasionando a morte de dois pedreiros, saindo outros feridos.

Atualmente, está sendo terminada uma reforma substancial no templo-séde-paroquial, pelo que ficará um dos mais belos da região.

LIDERES E FILHOS ILUSTRES

Brejo Santo tem uma história municipal meio-agitada e onde repontam figuras marcantes da política regional do sul do Estado.

Dentre outros, valem ressaltados: Manuel Inácio de Lucena, Manuel Leite de Moura, Napoleão Araújo Lima, Dionizio R. Lucena, José Inácio da Silva e José Matias, assassinado recentemente, João Filgueiras Sampaio, José Lucena Sobrinho, Aristarco Cardoso e Manuel Rozendo Tavares.

A nova geração apresenta: Dr. Vicente Alves Santana, Joaquim Nicodemus Araújo, Mário Leite, Antônio Denguinho de Santana, atual Prefeito, e outros que a memória não lembra de momento.

São filhos ilustres: Dr. José Napoleão de Araújo, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, deputado estadual eleito em duas legislaturas, ex-Vice-Presidente da Assembléia Constituinte, destacado procer da bancada udenista e membro do Diretorio Estadual do mesmo partido. Drs. Moura Leite e Fernando Leite, este orador fluente, jornalista e professor emérito. Padre Antônio Gomes de Araújo, historiador brilhante, senhor de uma cultura vasta, mas modestíssimo. Frei Anastácio Maria, missionário; Dr. José Araújo Lima, médico e político em Araripina, onde já foi prefeito, Dr. Heleno Araújo Lima, advogado e atual delegado em Salvador; Dr. Francisco Miranda Tavares e Dr. Rozendo Miranda Tavares.

C A M O C I M

ANTIGO QUARTEL-MESTRE DE JERONIMO DE ALBUQUERQUE

TRAMPOLIM PARA PERO COÊLHO, SOARES MORENO E OS JESUITAS — PIRATAS DA PERNA DE PAU ... — A ARMADA DE JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE LEVANTA A PRIMEIRA IGREJA NO CEARÁ — LUIZ GABRIEL, O GUIADOR DE NAVIOS — OS POVOADORES VINDOS DOS SERTÕES DA MOMBAÇA, EM 1877 — O PORTO DE OUTRÓRA, COM NAVIOS DE GRANDE CALADO — O ENGº. JOSÉ PRIVAT E A MATRIZ DO BOM JESUS — JOÃO BRIGIDO RECEBE O CONDE D'EU, DEBAIXO DE FOGUETES — DECADÊNCIA E REAÇÃO SALUTAR

A CIDADE de Camocim nasceu com a vocação de ser a mais rica e a mais importante do Ceará, visto como a natureza dotou-a do mais franco e notável pôrto existente no litoral do nosso Estado.

Demorando numa linda planície, com encantadora topografia, beneficia-se com as fertílissimas ribeiras do rio Coreaú que, nascendo na serrania da Ibiapaba, recebe como afluentes principais o Itacolomy e o Parasinho.

Além do mais, a nove quilômetros apenas, forma-se a barra do Camocim, que lhe outorga um ancoradouro capaz de abrigar mais de trinta embarcações de calado superior a quatorze pés ingleses.

Município vasto, dispondo de grande área territorial, com terras que se prestam, de modo invejavel, para a cultura agricola intensiva, contando com ricas jazidas de ferro e largas possibilidades para o desenvolvimento da indústria do sal e do pescado, vive Camocim ante um futuro formidável, esperando, clamando e pedindo o auxílio dos poderes competentes para a solução imediata dos seus mais graves problemas e dos quais depende, diretamente, toda a prosperidade econômica da zona norte do Ceará.

A realidade de hoje, contrasta inegavelmente, com o destino que lhe havia reservado o colonizador de outrora, visto como Camocim serviu de ponto básico para a conquista do Maranhão, dali saindo, a mais de três séculos, as escunas e caravelas que, abarrotadas de indios e soldados, repeliram a pirataria de Du Prat.

OS PIONEIROS DA TERRA VIRGEM

Quem, no primeiro quartel do século dezessete se aventurasse à conquista da Capitania do Ceará Grande, forçosamente atingiria a região compreendida nas cercanias de Camocim. Principalmente aos que desejavam subir a Ibiapaba, terra da promissão, por ali haviam de palmilhar léguas e léguas na gleba virgem, geralmente vindos do mar, demandando a foz do grande rio ou o seguro abrigo que oferecia a enseaeda de Jericoaquara.

Assim aconteceu com a tropa sob o comando de Pero Coêlho de Sousa, que em Camocim aportou aos 19 de janeiro de 1604.

Anos mais tarde, ainda nos idos de 1607, os jesuitas Padres Francisco Pinto e Luís Figueira ali estiveram, demandando a Ibiapaba.

Em 1611, é a Martin Soares Moreno que cabe visitar a linda região camociense, tocando em Jericoaquara, lugar situado a poucos quilômetros do local onde hoje se ergue a cidade de Pinto Martins.

Quem mais demorou, porém, no Camocim de três séculos passados, foi o admirável e bravo Jeronimo de Albuquerque que trazendo ordens severas do Governador de Pernambuco, vinha em aparatosa expedição destinada à luta contra os franceses, então senhores absolutos do Maranhão.

Foi nesta quadra de nossa história que se ergueu, em Camocim, a primeira Igreja, mandada levantar pelo chefe da tropa, com o concurso valioso de Soares Moreno, que com ele fôra ter encontro para, juntos, seguirem ao extremo norte.

É, ainda, nesta época recuada de nossa história que, nas praias camocienses trôa o canhão da pirataria da costa. Ao ribombar dos tiros inimigos de Du Pràt, temível capitão que a história já envolve em forma de personagem lendária, Jerônimo de Albuquerque respondia com a bravura indomável dos seus comandados e colonizadores...

POR MUITOS ANOS, O SILENCIO

Caminho natural e ponto de convergência para as escaramuças da quadra de conquista e posse definitiva do território, Camocim caiu, por muitos anos, num quase esquecimento total. É que as linhas de colonização e povoamento do território tomaram novo rumo.

Vez por outra, ali, aportavam brigues, escunas e caravelões com destinos já traçados; em 1660, dali partiu pequeno veleiro, com o jesuita João Felipe, em demanda do Maranhão; em 1745

era visto na barra um patacho que fugira do Pará e andava sem destino; 1759, era Camocim visitado por Gama Casco que, de ordem de D. José I, erigia a Vila Viçosa e já em 1769 ali aporta uma caravela inglesa...

A vinda, assim constante, de barcos, obrígou a que viesse, de Tutoia, o prático Gabriel Rodrigues da Rocha e, com toda a familia, aí sentasse moradia. Homem forte, aumentou a família em pouco tempo e, dos seus numerosos rebentos, um se fez celebre no trato da barra e na perícia com que levava as embarcações a seguro lugar.

Terra dantes e até então habitada por grande número de indígenas, Camocim passou a ser pequena aldeia, com casaria singela, de chão de barro batido, cobertas de palhas, com paredame de tapume e habitadas por gente simples, com civilização e costumes praieiros.

Assim permaneceu por longos anos, se desenvolvendo e se povoando com muita demora, até que a sêca de 1877 deu-lhe alento, vez que abrigou milhares de forasteiros, emigrantes vindos dos sertões torridos da Mombaça.

Em poucos anos após, lá estava formado pequeno arraial, já se alastrando, pelo interior do município, o povoamento do solo com o trato da terra que se prestava para a agricultura.

Nascia, assim, a pequena Vila de Camocim, nos idos de 1879, com data de 29 de setembro do mesmo ano. Conquistava, Camocim, a sua maioridade política, se constituindo em município independente, dada as excepcionais condições econômicas da região e do porto que já se apresentava importante na vida do Estado, principalmente na zona norte.

O QUE FOI UM GRANDE PORTO

A luta do povo de Camocim sempre foi maior em tôrno do seu porto. Fruto da própria natureza, ainda não foi beneficiado pela engenharia e pelo patriotismo, hoje tão escasso, dos nossos homens de governo.

Modernizado, tornado em condições técnicas favoráveis, seria o porto de Camocim de notável utilidade para a vida econômica do Ceará, vez que beneficiaria o recebimento e o escoamento de larga produção, podendo outorgar, assim, uma febril atividade comercial à simpatica cidade.

Houve época em que floresceu o seu progresso, e muitas firmas importantes ali tiveram os seus armazens e os seus negócios. Mas o desenvolvimento da navegação, com navios de maior calado, exigiu melhoria de cais e segurança de atracação, bem como dragagem da barra.

Em 1855, entrou, em Camocim, um vapor de grande calado, da companhia Marquês de Olinda, comandado por Antônio Maciel, piloto de fama. Em 1859, lá entravam três navios denominados «São Luís», «Pindaré» e «Camocim». Em 1879, lá aporta um navio alemão, de grande calado.

Já agora, em 1925, houve dia em que ancoraram, com segurança, cinco barcos de grande calado, e foram eles: o «Camocim», «Tabatinga», «Sergipe», «Providência» e «Cubatão». Todos carregaram, descarregaram e pegaram passageiros.

Voltando ao cartaz, o porto de Camocim tem a seu favor grandes promessas, resultado de uma embaixada que foi, recentemente, ao Rio, sob a direção do chefe politico e capitalista Murilo Aguiar, ex-deputado e que, na Capital da República, prestigiado pelo deputado federal Gentil Barreira, entrou em atividade para a solução de importantes problemas da terra.

Porto de condições favoraveis à navegação moderna será um escoadouro de grandes possibilidades para a produção da zona norte, bem como para o desenvolvimento do comércio local, visto como a mercadoria exportada e importada é recebida, por assim dizer, dentro da cidade, com caminho de ferro a pouco mais de cem metros do cais !

DR. PRIVAT, GRANDE BENFEITOR

Quem indaga da crônica histórica de Camocim encontra, sempre presente, notadamente a partir do último quartel do século dezenove a figura simpática e culta do engenheiro dr. José Privat, hoje com o nome homenageado em Vilas e Estações da R. V. C.

Homem arguto, prestável, foi por muitos anos dirigente dos serviços de construção da ferrovia que liga Sobral à Camocim.

Residindo, por certo tempo, nesta cidade, dela se afeiçoou, sendo um dos que mais lutaram pelo seu progresso. Inúmeros foram os beneficios por êle feitos à Camocim.

Em 1880, fez detalhado estudo, da barra do Camocim até à enseada de Jericoaquara, ressaltando a excelência do porto e a necessidade de melhorá-lo o quanto antes, mesmo tendo em vista a construção da ferrovia que ligaria vários municípios, com grande produção.

Logo mais, levantou planta para edificação da Igreja local, hoje belo templo, com orago de Bom Jesús dos Navegantes e obra admirável do virtuoso Padre José Augusto, que foi vigario da Paroquia, criada aos 5 de setembro de 1822, anexada a Granja, e desanexada em 1906.

Homem lido, o dr. Privat, ainda hoje é lembrado pelos camocienses, num preito de admiração ao amor que êle dedicou à Pátria de Julio Veras, famoso revolucionário de 1930.

CIDADE EMBANDEIRADA E FESTIVA EM 1889

Corria o ano da Graça de 1889, último da monarquia... Mesmo assim, lá se veio o Conde D'Eu visitar o Ceará. Governava a Provincia o Senador Henrique de Avila, homem austéro, de bons costumes, honestíssimo, embora que um pouco vaidoso...

Às pressas, chamado, corre à Palácio, o famoso jornalista João Brigido, que é solicitado para receber, em Camocim, o genro do Imperador e heroi do Paraguai.

Viagem feita, a recepção de Camocim cativou o Principe. Toda a cidade estava embandeirada. Povaréu à rua, aos vivas e manifestações de estima, ouvia-se a cada minuto, o pipocar do fogueitório que subia aos céus da singela cidade litorânea.

Ao desembarque do parente do Duque de Nemours, estava presente a fina flor da sociedade local e, com ela, afinada filarmonica que tocava

dobrados marciais. Foi um Deus nos acuda !...

De estatura avantajada, simpático, o Conde d'Eu acenava com a mão a cada eclosão do entusiasmo popular.

Foi um grande dia e a festa memorável permaneceu no coração dos camocienses, mal grado o tiro republicano que levára ao exilio a família real e, com ela, o visitador ilustre daquelas plagas hospitaleiras...

REAÇÃO SALUTAR, A DE HOJE

Terra de nobres tradições, de povo operoso, tem Camocim um futuro promissor à sua frente.

Em nossos dias os seus filhos de maior projeção compreenderam que é preciso lutar, sem desfalecimentos, para que esta cidade atinja à plenitude de sua expressão econômica e comercial.

Favorecida pela natureza, demorando numa região riquissima, podendo ser um núcleo de grande atividade financeira e industrial, meteram mãos à obra os líderes, e estão a exigir a solução dos seus problemas.

Estando à frente da municipalidade o estimado Setembrino Fontenele Veras, rapaz culto embora que modesto, a cidade progride a olhos vistos, com novos melhoramentos tais como pavimentação de suas ruas, construções de avenidas, matadouro moderno e outras iniciativas de interesse coletivo.

Instituições de classe, como a Associação Comercial local, desenvolvem febril atividade, coadjuvadas pelas classes conservadoras e pela ação benemerita do vicariato local a fim de que, Camocim retome a estrada do progresso que dantes fôra palmilhada.

Murilo Aguiar, Alfredo Coêlho, e outros chefes politicos, estão de fogos acêsos, defendendo os interesses da terra.

E, voltando as suas vistas para o passado, os filhos de Camocim se inspiram, hoje, no patriotismo dos seus mais ilustres rebentos, dentre os quais, destacamos, Euclides Pinto Martins, heroi nacional; dr. Raimundo Cela, pintor de fama continental; tenente Francisco Marques de Sousa, vítima do cumprimento do dever; dr. José Espiridião de Carvalho, dr. José Tomé de Saboia e Silva e General Onofre Muniz Gomes de Lima, escritor e atual Senador da República, vultos marcantes de Camocim que honram o Ceará,

A notavel Maternidade, o Posto de Puericultura, o Posto Médico, o Cais, e outras obras públicas, comprovam a reação salutar que hoje se registra em Camocim em pról do seu progresso e de seu desenvolvimento.

CAMPOS SALES

ANTIGO POVOADO DE NOVA ROMA

TERRAS IMENSAS DO VISCONDE DO ICÓ — CIDADE EM 1899 — CENAS E EPISÓDIOS INTERESSANTES — ONDE FALECEU BÁRBARA DE ALENCAR — LÍDERES E FIGURAS DE RELEVO — UMA GRANDE CIDADE

CAMPOS SALES é um dos grandes municípios do Ceará. O seu território se extende por 2.642 quilômetros quadrados, o que, em relação à superficie total do Estado, nos oferece 1,72.

O contorno geográfico de suas terras apresenta-se-nos ora montanhoso, ora plano. Dista mais de 600 kms. de Fortaleza, e se limita com Pernambuco e Piauí. É, assim, um município longínquo, cuja distancia é encurtada e fácil de ser vencida, pela excelente rodovia que vai atingir a cidade de Picos.

Nas quadras dos bons invernos é terra que vive por sí própria, farta e feliz, pois o seu povo é sabidamente laborioso e amante da gleba, por isso que ordeiro e fiel às tradições locais.

Grande parte de suas terras constituiram, outróra, nos idos ainda do primeiro quartel do século dezenove, o fazendão sem fim do famoso Francisco Fernandes Vieira, Visconde do Icó, nascido em Saboeiro, e cuja vida foi proeminente na quadra imperial.

A séde municipal de Campos Sales é uma cidade vasta, com ruas largas, simpática, toda pavimentada, com excelente iluminação, bons prédios residenciais e moderno passeio público.

MAIORIDADE POLÍTICA

O território que hoje forma Campos Sales já pertenceu ao atual município de Araripe, então chamado de Brejo Sêco.

A Lei n. 530, de 29 de julho de 1899, do govêrno do Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioly, elevou à município, dando-lhe assim autonomia política. A povoação de Nova Roma, que já havia se chamado de Várzea da Vaca, é elevada à categoria de Vila e a sua instalação, solene, verificou-se no dia 27 de outubro do mesmo ano da criação, com o nome de Campos Sales.

Anos mais tarde, isto é, em 1931, por uma malfadada lei que extinguiu vários municípios do Ceará, Campos Sales perde a sua autonomia.

O fato contristou, como era de se esperar, toda a população local que, não se conformando, iniciou, de logo, sadio movimento no sentido da restauração municipal.

Coube ao Interventor Carneiro de Mendonça reparar a injustiça praticada e, pelo Decreto 193, de 20 de maio de 1931, o município foi restaurado.

Anos depois, já agora em 1938, pelo Dec. 448, a vila de Campos Sales foi elevada à cateria de cidade.

Em nossos dias, é uma das mais importantes sédes municipais do Ceará. Ultimamente foi criada a Paroquia sob a invocação de Nossa Senhora da Penha. A matriz data de 1847, e já teve inúmeras reformas.

CENAS E EPISÓDIOS

Contam, os mais velhos, que no princípio deste século existia em Campos Sales um político «moderno». Astucioso, homem de mil artimanhas, e que conseguiu iludir a muito chefe político de Fortaleza.

Naquele tempo só existia, praticamente, um meio de comunicação com a capital do Estado, que era o telegrafo. Uma carta demorava um mundão de tempo para chegar ao seu destino, visto como o transporte era feito em lombo de animal, por estrada difícil. A distância auxiliava as maquinações do nosso «herói».

Chama-se Raimundo Bento Souza Beléco. E, por mais que pareça absurdo, nunca caiu. Estava sempre de cima, e prestigiado. É que a sua façanha principal consistia em se corresponder dividindo os quatro nomes: para um chefe político assinava Raimundo Bento, e para outro largava o Souza Beléco, somente. Tinha, assim, dupla personalidade e, no final das contas, jogava com duplo eleitorado. A sua artimanha nunca foi descoberta...

*
* *

É o escritor Padre Azarias Sobreira quem nos conta. Existe em Campos Sales o homem mais comedor do Brasil. Chama-se Joaquim Fernandes Távora, mais conhecido, todavia, por Quinco Fernandes.

Em tempo de rapaz, foi estróina. Trabalhava como um mouro, mas gastava mais do que recebia. Entendendo de constituir família, casou-se e nunca mais andou a brincar demasiado.

Mas, o que distingue este homem singular é o seguinte: certa vez comeu oitenta bananas bem graúdas. Nunca deixa de fazer três refeições avantajadas, diariamente. Muitas vezes a sobremesa tem sido uma rapadura inteira. O seu almoço é suficiente para uma família inteira !

Certa feita, sentiu vontade de merendar.

Estomago vazio... E lá se foram duas garrafas inteiras de saboroso mél de jandaira...

Estatura fora do comum, Quinco Fernandes, nesta quadra de coisas minguadas, não é lá hospede muito desejado não...

A FAMOSA FAZENDA TOURO

Existe em Campos Sales uma fazenda antiga,, denomina Touro e que foi, outróra, propriedade rural de Bárbara Pereira de Alencar, heroina cearense.

Mulher extraordinária, soube ser fiel, até ao sacrífio, à pregação revolucionária dos filhos. Envolvida no movimento de 1817, foi prêsa e remetida para Fortaleza, com outros participantes do movimento rebelde.

Aqui, esteve encarcerada num cubículo do Quartel de 1ª linha, e logo mais foi enviada para Recife, donde seguiu para as prisões da Bahia.

Terminou os seus dias, aos 67 anos de idade, na mencionada fazenda Touro, que fica em Campos Sales. Registra a crônica que se dirigíra para esta sua propriedade, temendo a revolução chefiada por Pinto Madeira, em 1831.

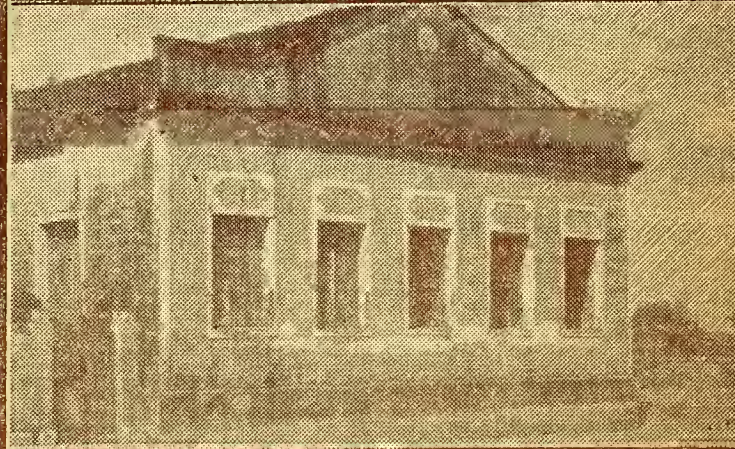
EM NOSSOS DIAS

Campos Sales conta, atualmente, com mais de 22.000 habitantes. Está com as seguintes vilas, todas sédes de distrito: Itaguá, Quixariú, Salitre, Carmelópolis, ex-Limoeiro e Barão de Aquiraz, ex-Rancharia. A cidade, séde tem mais de 4.000 habitantes.

De alguns anos aos nossos dias, nota-se uma mística de progresso no sentido de melhorar as condições locais. O comércio tem se desenvolvido constantemente. Algumas realizações públicas estão sendo postas em prática, sendo digno de realce as que foram levadas a bom termo na administração do ex-Prefeito Hélio Lima e as que estão sendo realizadas e ultimadas na atual administração do Prefeito Francisco Veloso de Andrade, homem de bem e excelente administrador.

Entre o presente e o passado, devem ser realçados os seguintes líderes locais: Clovis Arrais Maia, líder das classes conservadoras, presidente da Confederação Nacional do Comercio; Enéas Arrais, ex-prefeito, homem de bem, chefe político prestigioso, falecido há poucos anos; Monsenhor Miguel Tavares Campos, que embora não sendo filho de Campos Sales, prestou reais serviços a esta comunidade, notadamente à antiga vila de São Domingos; Virgilio Arrais, militante da política local; Dr. François de Andrade Arrais, falecido na mocidade, rapaz de grande talento; Dr. Raimundo Monte Arrais, escritor de renome, glória do Ceará, homem público dos de mais critério e cultura e que residiu, durante muitos anos, em Campos Sales, jornalista Antônio Aquiles Arrais, Diretor da Associação Cearense de Imprensa, antigo diretor de jornal, no Crato, e que goza de real prestigio e estima em Fortaleza; Dr. Meton Barreto Morais, médico e chefe político local; José Augusto, chefe político estimado; Hélio Lima, suplente de deputado estadual, alto comerciante e político de grande prestígio em todo o município. Destaque-se, ainda, os vereadores Ananias Custódio Arrais, Luís Pereira Souza, Virgílio Albuquerque Arrais, Raimundo Ricardo de Morais, Raimundo Costa e Silva, Nelson Alves Andrade e Milton Barreto de Morais.

BAIXIO — Igreja de Alagoinha

AURORA — Aspéctos da cidade

BARBALHA — Edifício da Municipalidade

BAIXIO — Aspectos da cidade

CANINDÉ

A CIDADE DA ESPERANÇA E DA FÉ

O PORTUGUÊS XAVIER DE MEDEIROS — O MILAGRE DA TORRE E A SÚPLICA DO POVO — OS CAPUCHINHOS LOMBARDOS — MAZINE E A ARTE GÓTICA — JOSÉ ANTÔNIO DO FECHADO — FREI LUCAS VONNEGUT — CRUZ SALDANHA E MARTINHO RODRIGUES — FAMÍLIAS TRADICIONAIS — O ELOGIO DE RUY BARBOSA — NA POLÍTICA E NAS LETRAS — VISITA ANUAL DE DUZENTOS MIL CATÓLICOS

CANINDÉ é a cidade da esperança. Já se contam aos milhões os forasteiros que lhe transpuseram os umbrais, dominados por visível ansiedade e emoção, demandando ao relicário de fé, erguido, em 1795, na capela humilde e transformado, mais tarde, no imponente monumento de estilo gótico-toscano, que a todos encanta pelo primor de sua majestade lírica e impressionante. De simples arrabalde, em 1775, esta singular cidade — a mais conhecida do Nordeste — metamorfoseou-se numa urbs moderna, abrangendo extensa área, com ruas e praças, bairros e vilas, igrejas, capelas, colégios, residências de fino gosto e edificios públicos que lhe grangearam a primazia de ser hoje uma das melhores cidades do Ceará. Com sessenta mil habitantes no município, e dez mil na séde da comunidade, Canindé é uma admirável síntese do fecundo labor dos seus filhos, por isso que atesta, eloquentemente, notável desenvolvimento nos últimos anos de fecunda atividade. Demorando à margem do rio do mesmo nome, dista da capital apenas 133 quilômetros, situando-se em pleno sertão, daí porque a sua vida econômica tem o seu maior esteio na atividade agrícola e pastoril. Foi sempre uma cidade calma, de gente afável, acolhedora e muito bôa. Ao correr de sua crônica histórica lhe repontam alguns conflitos de origem política, sem maiores consequências, à época longínqua das eleições a bico de pena...

Tem glorioso passado, posto que foi viveiro de homens ilustres, alguns, pontifices máximos da quadra provincial, liderando campanhas memoraveis, como a da abolição que lhe colocaram bem alto no conceito dos contemporâneos e no coração da Pátria agradecida. Bem se lhe ajusta a primorosa frase de Ruy Barbosa, o magnifico filho da Bahia: «Canindé é uma célula viva no organismo morto do Ceará». Título de elevada nobreza, conquistou-o por haver sufragado o nome do grande e imortal brasileiro que se candidatára à Presidencia da República, quando da campanha civilista, que agitou o País sob o fulgor e o encanto das idéias liberais...

XAVIER DE MEDEIROS ERGUE UMA CAPELA

Nos meados do século dezoito, Canindé era um aldeamento de índios que tinham vindo dos sertões do Monte-Mór, o Novo América, hoje municipio de Baturité. Não passava, assim, de um pequeno núcleo, lugarejo inexpressivo, inculto, vegetando numa existência semi-bárbara.

Habitavam a vasta região alguns fazendeiros que ali se estabeleceram por sesmarias, vindos, na sua totalidade, das ribeiras do Jaguaribe, a fim de fazer fortuna no labor do pastorêio e no trato da terra.

Tempos depois, já em 1775, senta moradia, à margem esquerda do rio, situando grande fazenda de criar, o português Francisco Xavier de Medeiros, homem destemeroso e já feito na azáfama de povoar regiões desconhecidas...

Prestigiado nas cercanias, Xavier de Medeiros resolve edificar pequena capela. Iniciados os trabalhos, com a ajuda dos moradores vizinhos, o pequeno templo já estava em meio quando em 1792, caiu sôbre a região tremenda sêca. Suspensos os serviços de construção, somente foram reiniciados em 1795.

Não desanimado da tarefa nobilitante a que se tinha proposto, Xavier de Medeiros, após mais um ano de luta, vê terminada a capela dedicada a São Francisco das Chagas.

Daí por diante, já com a celebração de atos catolicos nos maiores dias do calendario religioso, o arraial começára a progredir lentamente em torno da pequena evocativa igrejinha.

O MILAGRE DA TORRE E SUPLICA DO POVO

Com o desenvolvimento natural do povoado, já se enfronhando para conquistar a categoria de vila, houve necessidade de uma reforma de base na igrejinha que já se tornava famosa. Foi quando se deu o milagre que correria mundo afóra, celebrizando o histórico templo erguido por Xavier de Medeiros auxiliado pelo tenente-

general Simão Barbosa Cordeiro e demais fazendeiros da redondeza. Um operário que trabalhava na tôrre despencou-se de céus abaixo. Valendo-se de São Francisco ficou prêso à ponta de uma trave, salvando-se de morte certa.

O fato se constituiu num autêntico milagre, e correu de bôca em bôca. De logo, apareceram trovadores para cantar o feito miraculoso. E a fama do santuario conquistou os sertões, chamando a si milhares de peregrinos de todos as paragens.

Iniciado o século dezenove, já eram tradicionais os festejos do santo franciscano. Daí porque, o povo de Canindé resolve enviar uma súplica ao Senado da Câmara da Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, solicitando fosse criada uma freguesia a fim de atender às necessidades inadiaveis do desenvolvimento do povoado. Entre outras razões, evocava a da distancia à séde da capitania; a dificuldade que os cristãos tinham para ouvir o santo sacrificio da missa; que tinham construido uma igreja que se prestava muito bem para matriz; e que nenhuma outra religião poderia suavizar a vida que levavam no longínquo sertão, a não ser a do Patriarca de Assis.

Cumprindo o seu dever, a Câmara encaminha, a quem de direito, a justa reclamacão, em termos de legitima súplica. El-Rei Dom João VI, por Alvará, datado de 30 de outubro de 1817, defere a concessão feita por D. Frei Antonio de São José, Bispo de Pernambuco, aos 10 de junho de 1817, elevando a Capela de São Francisco das Chagas de Canindé à categoria de Matriz.

PROGRIDE O POVOADO

Com a criação da freguesia e a consequente nomeação do primeiro Vigário, cuja escolha recaíra no virtuoso Padre Francisco de Paula Barros, antigo clerigo da capelania de São Francisco o povoado tomou novos rumos, dada a satisfação geral dos seus habitantes.

O povo já não se conformava somente com o paroquiato. Desejava agora a criação da Vila. E esta, efetivamente, veio aos 29 de julho de 1846, pelo Decreto numero 360. Era então Governador da Provincia, Inácio Correia de Vasconcelos. A carta de lei está assim redigida:

«Inácio Correia de Vasconcelos, Presidente da Provincia do Ceará. Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa Decretou, e eu sanciono o seguinte: Art. 1º — Fica ereta em Vila, a Povoação de S. Francisco das Chagas de Canindé. Ar.t 2º — Os limites deste termo serão os mesmos da Freguezia. Art. 3º — Haverá um só Tabelião do Público Judicial e Notas que acumulará tambem o oficio dº Escrivão d'Orfãos. Art. 4º — Ficam revogadas todas as Leis e Disposições em contrário. Mando portanto a todas as autoridades aquem o conhecimento e execução do referido Decreto pertencer, que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como n'ele se contem. O Secretario d'esta Provincia o faça imprimir, publicar e correr».

Chegára, assim, a independencia politica do município, que passava, daí por diante, a escolher os seus próprios dirigentes, em agitadas contendas partidárias que a crônica registra, com fatos e episodios os mais interessantes.

JOSÉ ANTONIO E O BARULHO DE 1852

Corria vida agitada na Provincia. Era 1852, ano em que se realizariam eleições gerais para a escolha dos Juizes de Paz, visto haver terminado o quadrienio.

O partidarismo estava a exaltar os animos e quase não havia vila ou cidade que não sofresse as consequências da balburdia tremenda. A influencia do governo era terrivel. Formara-se, maior ainda, a oposição.

Grandes chefes politicos, autenticos coroneis, formavam grupos armados à bacamarte... A coisa ia ser dura de verdade. Quem conseguisse a palma da vitoria derramaria «sangue, suor e lágrima».

Em Canindé, a coisa estava pelas últimas. O Capitão José Bernardo de Sousa Uchôa, chefe de uma facção política, homem influente, antigo presidente do Senado da Câmara e possuidor de numeroso e bravo eleitorado, era tambem Delegado.

No dia do pleito — que àquela remota época sempre decorria debaixo de bala — houve tremenda fuzilaria em plena rua, encontrando a morte, nesta ocasião o Tenente-Coronel Manuel Mendes da Cruz Guimarães, adversário rancoroso de o Capitão José Bernardo.

Instaurado o processo apontou-se como sendo culpado, a José Antonio de Sousa Uchôa, filho de José Bernardo.

Data daí, a vida agitada do antigo proprietário da Fazenda Fechado, homem valente, bravo, incapaz de cometer uma injustiça e sempre voltado para as bôas ações e os bons cometimentos.

Antes, já fôra acusado de crime de morte na pessoa de Marcolino, que raptara uma moça com quem se casára contra a vontade da familia. Perseguido por Carlos Sales, parente da moça, Marcolino é por este assassinado. Como estava em companhia de José Antonio, a êste foi, falsamente, imputado o crime. Indo a Júri, foi absolvido, o mesmo acontecendo com relação à morte de Mendes Guimarães.

Outros fatos ocorreram ao correr dos anos nos quais estava presente a figura do bravo sertanejo. Por diversos crimes foi acusado, sendo absolvido mais de quatro vezes.

A perseguição foi tamanha que, cercada a casa de fazenda por mais de cem praças, a luta foi acêsa, saindo vitorioso José Antonio. Para pôr fim à tremenda perseguição política que lhe fizeram teve de vir para a Capital, regressando, anos mais tarde, para contrair núpcias aos 86 anos de idade.

Terminou os seus dias na fazenda Lagôa das Pedras, falecendo, em 1918, com 94 janeiros sem nunca ter morto alguem, mas sempre conservando um grupo de destemidos e lealdosos amigos.

OS CAPUCHINHOS E A REFORMA DA IGREJA

É sempre com carinhosa evocação que se rememora a passagem dos frades capuchinhos pelo Canindé. Foram tão bons e amaram tanto a terra, que ainda hoje se lhes conserva a lembrança querida.

Vieram eles da provincia de S. Carlos em Milão, por contrato celebrado entre o saudoso

Dom Joaquim José Vieira e o Superior da Missão Lombarda.

Chegaram a Canindé, em setembro de 1898, num grupo de oito, sendo-lhes superior Frei David de Dezenzano. Sucedeu-lhe, meses depois, na direção da comunidade religiosa o grande Frei Matias que realizou obras notáveis, dentre as quais o início da reforma da majestosa Igreja-Matriz.

Tendo resignado o cargo de Vigário, é substituido por Frei Alfredo Martinengo, que atacou, de rijo, a reconstrução monumental do famoso edifício da atual Basilica.

Para isto, foi contratado o arquitéto Antonio Mazzini, que realizou obra magnifica, posto que quem vai à Canindé, fica impressionado admirando o Santuário, cujas torres têm 32 metros de altura, rasgadas por janelas góticas, trabalhadas em fino estilo toscano e fazendo lembrar as grandes catedrais européias. Apresentando uma forma de cruz grega, a Igreja tem, no seu centro, uma cúpola lindissima de 35 metros de altura. A sua inauguração deu-se, por entre os maiores festejos, aos 2 de maio de 1915. Aquela época, foram dispendidos duzentos e cincoenta mil cruzeiros ! As reformas duraram 4 anos e seis mêses, mas valeu o sacrificio, pois se constituiu a Igreja de Canindé numa das mais belas expressões artisticas de todo o Brasil cotólico.

Outras obras de vulto foram realizadas, pelos capuchinhos em Canindé, destacando-se a construção da Casa Paroquial, o açude S. Paulo, instalação de possante Usina Eletrica, reforma e ampliação do Colegio de São Francisco, a construção do Monumento ao Centenario da Independencia do Brasil e instituição de inumeras associações religiosas, como a construção da Igreja de Nossa Senhora das Dores e do Colégio Santa Clara.

Como se pode observar, foi realmente notável a permanencia dos frades capuchinhos em Canindé, razão por que o povo evoca o nome de Frei Matias, Frei Cirilo, Frei Silvério, Frei Marcelino de Milão, grande e primoroso orador, Frei Alfredo e outros mais, como verdadeiros benemeritos da terra de Mozar Pinto.

Com a retirada dos Capuchinhos que foram para a prelazia de Grajaú, no Maranhão, vieram para Canindé os Franciscanos Menores, tendo à frente a figura simpática e acolhedora de Frei Lucas Vonnegut, estimadissimo por todos os canindeenses. Posteriormente, em 1924, vem Frei Policarpo Cornelius, atual Vigário da Paroquia e um sincero amigo da cidade e do povo de Canindé.

Há cerca de 28 anos, o grande pintor alemão Jorge Kau decorou a Basilica com lindos painés que representam a vida de São Francisco.

VULTOS EMINENTES DE CANINDÉ

Vultos do maior relevo, na política e nas letras do Ceará, são os filhos de Canindé. Martinho Rodrigues de Sousa foi orador de largos recursos, político de grande prestígio, deputado federal, poeta, jornalista e advogado de nomeada, não tendo chegado à Presidencia do Estado pela falta de lealdade de João Cordeiro; Antonio da Cruz Saldanha foi primoroso abolicionista e político ardoroso; Cordolino Barbosa Cordeiro ocupou cadeira na Assembléia; José Cordeiro da Cruz foi deputado provincial e vigoroso jornalista; Joaquim José da Cruz Saldanha, durante longos anos pontificou na política cearense como um dos seus maiores chefes; Pompilio Cruz dirigiu a Escola Normal e foi político de nomeada; Augusto Rocha escreveu crônicas históricas do melhor quilate na imprensa cearense; e, contemporaneamente, tivemos Mozart Pinto Damasceno, orador de fino gosto, conferencista admirável, poeta e prosador finíssimo; Romeu Martins, autor de varias obras de interpretação sociológica; Gregoriano Cruz, poliglota, poeta e cronista de fina sutileza; Cruz Filho, poeta e historiador; Josa Magalhães, do Instituto do Ceará; Martins Capistrano, há anos, redator do Fon-Fon e cronista apreciado nas letras nacionais.

Familias tradicionais se desdobraram em Canindé e, dentre elas, podemos citar a dos Martins Rodrigues, Pinto Damasceno, Cruz, Cordeiro, Barbosa, Macambira, Peixoto, Magalhães, Martins, Pereira, Uchôa, Barreto, Alves, Vieira, Monteiro, da qual se destacou o Coronel Sitônio Monteiro, homem de grande caráter e de fino trato, Militão e Oliveira.

Como se pode verificar, a familia canindeense é das mais ilustradas do Ceará, enobrecendo, assim, a tradição e o renome das antigas nobiliarquias sertanejas, posto que lhe tem dado legítimos e nobres varões.

Nos dias que correm, Canindé é uma cidade que oferece ao visitante, aspéctos interessantes, por isso que já se lhe nota uma feição moderna com construções apropriadas à época em que vivemos, presença em alta escala, de filhos de outras terras à procura do triunfo na vida comercial; com praças iluminadas à luz florescente, obras públicas em andamento e ruas sempre movimentadas e com comercio ativo.

C A R I R É

CIDADE FUNDADA PELA ESTRADA DE FERRO

MUNICÍPIO DE RECENTE CRIAÇÃO — A MATRIZ, OBRA DE JOÃO THOMÉ — O PRIMEIRO PÁROCO — FAMÍLIAS QUE POVOARAM A TERRA — COMUNIDADE RICA E FARTA, NAS QUADRAS DOS BONS INVERNOS — ELÍSIO AGUIAR — LÍDERES LOCAIS

O NOME é de origem indígena e, como acentua Pompeu Sobrinho, significa peixe diferente, isto é «carí» (peixe) e «ré» (diferente).

O seu território mede 1.024 quilômetros quadrados, ou seja 0,67 em relação à área total do Ceará. Situa-se em pleno sertão da zona norte do Estado, estando limitado com Coreaú, Sobral, Santa Quitéria, Ibiapina, Santa Cruz do Norte e São Benedito.

É constituido de terras excelentes para a agricultura, por isso que beneficiadas pelas ribeiras dos rios Acaraú e Jaibaras e os pequenos riachos, tributários destes dois cursos dágua.

Hoje, beneficia-se com o açude Jaibara, grande reservatório e, nas suas proximidades, está sendo levantada a grande barragem denominada Araras, que será o maior açude do Brasil, com mais de um bilhão de metros cúbicos dagua.

Nas quadras das boas invernadas, é município feliz, próspero, sendo de justiça ressaltar o espírito de intenso labor agrícola e pastoril que domina os seus habitantes rurais.

Tem população superior a 23.000 habitantes, possuindo a cidade mais de 2.000.

Malgrado os três últimos anos de sêca que lhes tem vergastado a alma, tem resistido com singular fortaleza de ânimos a adversidade, notando-se-lhes visíveis progressos na cidade e nas vilas.

CRONOLOGIA

Em 1893, Cariré não passava de uma pequena povoação, contando-se poucas casas e uma centena de habitantes. Foi neste ano, todavia, que o caminho de ferro lhe acelerou o crescimento.

Aquele dia memorável, de 1º de novembro de 1893, ficou gravado na memória dos seus primeiros povoadores. Foi um dia festivo, com foguetório, música e discurso. É que se inaugurava a estação da Estrada de Ferro que, vindo de Sobral, iria, anos mais tarde, atingir os sertões de Crateús.

Data, pois, desta quadra, o início, propriamente dito, da atual séde municipal de Cariré.

No govêrno Matos Peixoto, é criado o município por lei n. 2.704, datada de 16 de setembro de 1929. Foi uma luta tremenda para sair o diploma de maioridade política do município. Ressalte-se, já nesta época, os bons ofícios de Elísio Aguiar junto às autoridades administrativas no sentido de que a medida não viesse a ser procastinada, pois havia quem estivesse intercedendo contra o justo desejo dos cariréenses.

Em 1931, um famoso decreto que extinguiu vários municípios cearenses, atingiu o de Cariré, pondo abaixo a sua soberania, passando o seu território para Sobral, donde havia sido desmembrado.

Em 1935, porém, na administração Coronel Felipe Moreira Lima, é restaurado o município, embora que com território reduzido.

Posteriormente, isto é, em 1938, lhe restituiram os antigos distritos que lhe tinham formado território em 1929, ano de sua criação.

A lei n. 448, de 20 de dezembro de 1938, elevou a vila à cidade.

VIDA RELIGIOSA

Levantado o povoado, esboçadas as primeiras ruas, os cariréenses se puseram em luta para a ereção de uma pequena igreja, para a prática dos atos religiosos. Em suas cercanias já existia pequena capela, no povoado de Pacujá, levantada em 1883. Urgia novo templo na vila que se prenunciava progressista.

Dia vai, dia vem, surge o Dr. João Tomé de Saboia e Silva, sobralense ilustre, na direção da Estrada de Ferro de Sobral. Inaugurada a estação da linha férrea, o lugarejo tomou ares de pequena cidadezinha, com trem horário e folguedos de «gare» em horas certas...

Certo dia, lá se vem a planta da igreja, efetivamente levantada, de acordo com a planta do Dr. João Tomé, isto é, em forma de cruz. Foi inaugurada em 1897, com missa solene, celebrada pelo Mons. Diogo José de Souza Lima, então vigário geral de Sobral.

Elevada à categoria de Matriz, por Dom José Tupinambá da Frota, aos 24 de fevereiro de 1944, a posse do seu primeiro vigário deu-se aos 27 do mesmo mês e ano, sendo titular o Padre Tibúrcio Gonçalves de Paula, ilustre filho de São Benedito. O Padroeiro é Santo Antonio de Pádua.

FAMILIAS QUE POVOARAM A TERRA

Cariré é um município de vida pacífica. As principais famílias estão ligadas por fortes traços de parentêsco e por sucessivos casamentos que se realizaram, ao correr dos anos, entre os principais troncos genealógicos da comunidade.

As principais famílias são: Celestino Rodrigues, oriunda de Manuel Celestino Rodrigues, que casou-se no São Benedito, tendo residido por muitos anos em Cariré e constituindo grande e numerosa prole; Rodrigues dos Santos, que extendeu-se pelos sertões de Pacujá; Ximenes de Farias, oriunda de Joaquim Ximenes de Farias, filho de Sobral; familia Sá, oriunda de Jacó José de Sá; Família Ferreira Portela, oriunda de João Ferreira da Ponte, rico criador de Cariré e Fontenele Almeida, oriunda de Vicente Fontenele Almeida. O Monsenhor Vicente Martins, na sua obra Diocese de Sobral se alonga, substanciosamente sobre a constituição destas famílias.

EM NOSSOS DIAS

Cariré, embora cidade que se apresenta com visível desejo de progredir, não tem sido amparada pelos poderes públicos. Os últimos governos do Ceará não lhe tem olhado com o carinho e a obrigação devida. O que lá se nota em realizações públicas, é fruto exclusivo dos administradores municipais.

Termina-se agora um moderno edifício destinado à municipalidade e outras repartições locais, por iniciativa do atual prefeito José Ribamar Soares Aguiar. A iluminação pública, que é excelente, foi realização do ex-prefeito e atual Presidente da Câmara, Roscy Frota Aguiar, municipalista fervoroso, homem de fina educação, chefe político e que realizou boa administração municipal.

Elísio Aguiar, que já foi prefeito várias vezes, e em cujo posto prestou os mais assinalados serviços à Cariré, é atual deputado estadual da Assembléia Legislativa e vem envidando o melhor dos seus esforços no sentido de dotar a terra, que lidera politicamente, de alguns melhoramentos de interesse da coletividade.

FILHOS ILUSTRES

Nasceram em Cariré, entre outros : Padre Francisco Linhares, falecido; Irmã Airtes Ximenes Aguiar, do Instituto de Sant'Ana; Dr. Ariolino Santos, engenheiro, formado pela Escola de Ouro Preto; Dr. Pedro Osvaldo Sales, medico diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia e João Rodrigues dos Santos, chefe político de marcante projeção.

Destaque-se, ainda, José Ribamar Soares Aguiar, atual prefeito e rapaz inteligente; Júlio Lima Rodrigues, abastado fazendeiro e criador, prestigioso chefe político, homem de bem, radicado em Cariré, e por cujo município muito tem trabalhado, embora não sendo filho desta cidade, é como tal considerado em vista da sua efetiva participação na prosperidade do município.

CARIRIASSÚ

ANTIGO SÃO PEDRO DO CARIRI

CLIMA MELHOR DO QUE O DE GUARAMIRANGA — CIDADE ERGUIDA A SETECENTOS METROS DE ALTITUDE — MUNICÍPIO EM 1876 — «A FREGUESIA NÃO SERÁ TRANSFERIDA» — TERRAS FERTILÍSSIMAS — A VISITA DE JOÃO TOMÉ — O CEL. FRANCISCO BOTÊLHO — EM NOSSOS DIAS

O MUNICÍPIO de Caririassú, tem como séde a cidade do mesmo nome, antes chamada São Pedro do Crato, de acordo com a lei provincial de 18 de agosto de 1876 e, posteriormente, São Pedro do Carirí, pela lei n. 1.541, de 27 de agosto de 1918.

Pelo Decreto n. 1.114, de 1º de janeiro de 1943, tomou a denominação atual de Caririassú, que relembra uma tribu indigena que, outróra, habitou o território do município.

Tem uma área de 728 kms2 e está em grande parte situado na Serra de São Pedro, cujo clima, na época de inverno, atinge a 10 graus centigrados. Aliás, o clima normal varia entre 18 a 25 graus, dando-nos uma estação climática superior à de Guaramiranga.

A cidade é composta de várias ruas que, atualmente, estão sendo pavimentadas, tem bela matriz, algumas residências de melhor estilo e de suas cercanias se descortina lindo panorama.

O seu povo é afável e acolhedor. Gente simples, sem preconceitos, vive do comércio, da lavoura e da criação. As suas lutas políticas sempre decorreram num ambiente de serenidade, razão por que não há inimizades entre os líderes e principais membros da sociedade local.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A criação do município data da lei n. 1727, de 18 de agôsto de 1876, que elevou o povoado à categoria de vila.

A sua independência política teve, todavia, altos e baixos. Senão vejamos: a lei estadual n. 589, de 24 de julho de 1900, no governo de Pedro Augusto Borges, foi extinto. A lei n. 805, de 21 de agôsto de 1905, governo Antonio Pinto Nogueira Acioly, restaurou-o, desmembrado do Crato, cuja instalação se deu aos 22 de dezembro do mesmo ano por entre as alegerias gerais da população. Aos 20 de maio de 1931 foi novamente extinto. Finalmente, o Decreto n. 1.156, de 4 de dezembro de 1933, governo Carneiro de Mendonça, restituiu-lhe a soberania política de que goza em nossos dias.

*
* *

A freguesia data de 9 de novembro de 1870, e está sob a invocação de São Pedro, padroeiro da cidade.

A lei 1887, de 17 de setembro de 1879 causou um reboliço tremendo em Caririassú. É que, injustamente, a freguesia foi transferida para Juazeiro do Norte, que então despontava no famoso vale do Carirí.

Os fiéis não se conformaram. A luta se transformou, aos pouco e pouco, num caso político. Intendente e vereadores afirmavam: — «Foi transferida, mais não vai !»

Afinal, o episcopado não permitiu que a freguesia fosse transferida.. Foi um dia de alegrias para o antigo São Pedro do Carirí.

A VISITA DO PRESIDENTE

Naqueles recuados tempos de 1900, Presidente de Estado não dava lá muita importancia à vida municipal como nos dias que correm. Na sua maioria, nunca conheceram todo o Ceará. Hoje é que, antes de ser eleito, conhece tudo, e, além de conhecer, faz promessas que dão para encher um saco...

Mas o que é fato é que o Dr. João Thomé de Saboia e Silva, eleito depois da revolução contra o Franco Rabelo, precisava angariar a simpatia dos caririenses e lá se aprestou caravana oficial para correr o vale e as suas cidades.

Caririassú recebeu a notícia da visita entre grande e efusiva alegria. Era um Presidente do Estado que ia visitá-la. Embandeirou-se a cidade toda. Mandou-se buscar músicos para completar a filarmônica local. Intendente, Vigário e Delegado não dormiram mais. Só se pensava na chegada do «homem». Foi os diabos.

E, é Leonardo Mota quem nos conta no seu famoso «Cantadores» — «O vilarejo estava cheio de arcos de catolé e bandeirolas de papel. Tremendo foguetório tornava mais ariscos os árdegos cavalos».

À hora aprazada, de minuto em minuto, se ouviam os costumeiros vivas, com que a gente sertaneja recebe os visitantes ilustres: «Viva o Dr. João Tomé !» «Viva a caravana ilustre !»

E, no corêto da praça principal, a filarmônica lançava, de quando em vez, as notas marciais do «Saudades de minha terra»...

Dias de alegria aqueles, dos anos idos e vividos de São Pedro... Fôra ele João Tomé, o primeiro Presidente a visitar a terra gentil e cativante.

UMA PERSONALIDADE SINGULAR

O Coronel Francisco Botêlho, que durante muitos anos foi o chefe supremo da política de Caririassú, era filho de Baturité, nascido na vila de Guaramiranga, então chamada de Conceição.

Homem mais de ação do que de palavras, Francisco Botêlho fez -se cidadão respeitado pelos atos e atitudes. Trabalhador e criterioso, de logo grangeou simpatias lealdosas. Trabalhou durante muitos anos para a firma Boris Fréres, como administrador das propriedades rurais desta firma, existêntes na serra de Baturité. Anos depois, se transfere para São Pedro.

Em pouco tempo, estimado por todos, é eleito prefeito. Abraça a política com corpo e alma, transformando-se num dos mais prestigiosos chefes de partido, antes da revolução de 1930.

Esteve durante muito tempo à frente da municipalidade local e realizou inúmeros benefícios em Caririassú.

O certo é que ali, quando pontificava, não se movia uma palha, não se tomava uma atitude, sem que se lhe não consultasse antes...

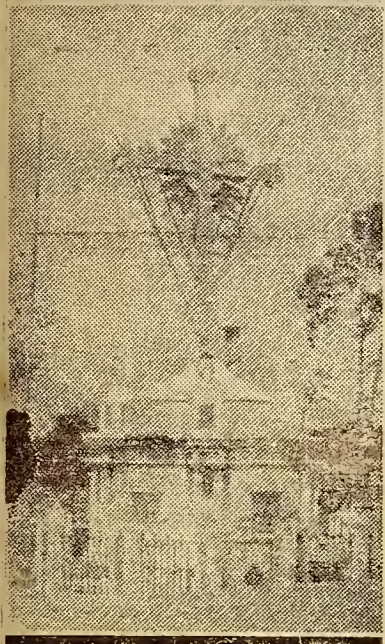
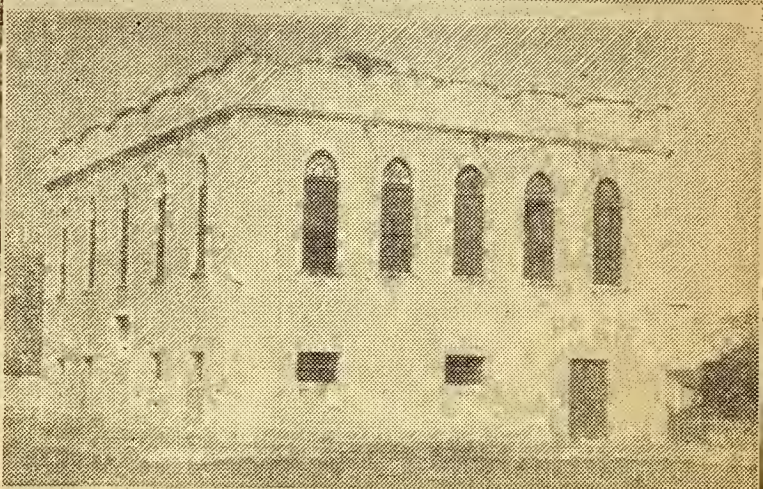
EM NOSSOS DIAS

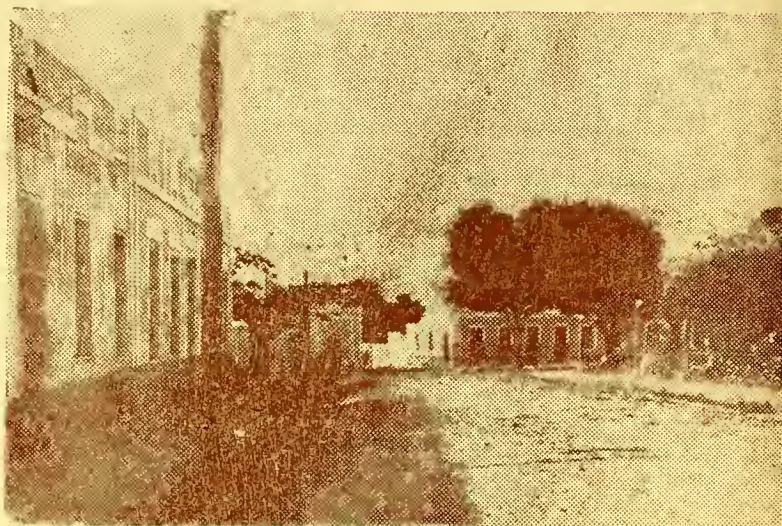
Dirige, atualmente, o município de Caririassú, o estimado cidadão, e chefe político, Carlos José de Morais.

Homem de bem, administra com critério e serenidade, sendo de justiça ressaltar a colaboração que vem dando a Câmara Municipal em cuja Presidência se encontra o vereador Afonso de Oliveira Borges, ex-prefeito do município e pessôa que goza de geral simpatia.

Com a era municipalista, nota-se que Caririassú está demandando uma quadra de realizações em proveito da coletividade.

Não fora as últimas sêcas que lhes tem prejudicado de maneira terrivel a economia, seria já uma cidade bem adiantada.

GRANJA — Rua principal e histórico cruzeiro da Matriz

GRANJA — Grupo Escolar; Prefeitura; Praça principal e ponte sobre o rio Coreaú

GUARACIABA DO NORTE
— Igreja Matriz

GUARACIABA DO NORTE --
Aspectos da cidade

ICÓ — Igreja e sobradões seculares

CASCAVEL

PÁTRIA DE AUSTREGÉSILO DE ATAYDE

DOMINGOS PAIS BOTÃO, COM DATAS DE SESMARIAS — JUIZADO DE PAZ, EM 1817 — DEU O QUE FAZER, A EREÇÃO À CIDADE — FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — NOMENCLATURA DAS RUAS, EM 1834 — O CÉLEBRE ASSASSINATO DE SIMÕES BRANQUINHO — A REVOLTA DOS «CARANGUEJOS» TERRA DE JORNALISTAS — EM NOSSOS DIAS

CASCAVEL é município antigo, já com mais de um século, e a sua história está ligada aos fastos do Ceará Colonial, por isso que foi, outróra, domínios da freguesia de São José do Ribamar, com séde na então famosa Vila de Aquiraz.

Um dos seus primeiros povoadores foi Domingos Pais Botão, que, juntamente com o seu cunhado João da Fonseca Ferreira, recebeu terras doadas pelo capitão-mór Pedro Lelou.

A propriedade adquirida, deram o nome de Cascavel. Em 1717, o sargento-mór Manuel Rodrigues da Costa e sua mulher Francisca Ferreira Costa, fizeram doação de vinte e quatro vacas e um sítio à referida capelania, por eles, aliás, erguida.

Com o correr dos anos, formou-se o arruado e, em suas cercanias, foram se estabelecendo os colonos.

Em 1817, lhe foi dado o primeiro juiz ordinário na pessôa do Capitão Joaquim José Pereira Leite. Pela lei geral, de 15 de outubro de 1827, é finalmente, criado o Distrito de Paz, Nesta oportunidade, em que Cascavel se desligava de Aquiraz, eram eleitos, Juiz de Paz, o Capitão Anastácio Lopes Ferreira do Vale, e suplente, o sargento-mór Gonçalo da Silva Monteiro.

Aos 4 de setembro de 1832, foi criada a freguesia de Nossa Senhora da Conceição, sendo inaugurada debaixo de grandes festas populares, pelo famoso Padre José da Costa Barros, mais tarde figura proeminente da nossa história provincial.

VILA E CIDADE

Depois de se transformar em séde de freguesia, os seus habitantes principiaram a luta pela ereção da povoação à categoria de Vila, aspiração muito justa, de vez que estavam ligados ao Aquiraz, o que «muito concorria para o atrazo do promissor povoado».

Em reunião do Consêlho do governo da Provincia, sob a presidência de José Mariano d'Albuquerque Cavalcante, tambem administrador do Ceará, tratou-se, em 1833, da pretenção dos cascavelenses. Foi o diabo... Houve oposição e lá se veio o parecer assinado pelos conselheiros João Facundo de Castro Menezes e José Antônio Machado, contrários à medida pleiteada. A coisa engrossou, e o parecer foi derrubado, saindo vitoriosa a pretensão de Cascavel, que foi inaugurada, em Vila, aos 17 de outubro daquele ano de 1833.

Luta maior, porém, foi a que culminou com a elevação à cidade da vida de Cascavel. O fato se passaria meio século depois que fora conquistada a categoria de Vila.

A coisa passou-se, mais ou menos, assim: na sessão da Assembléia Provincial do dia 18 de outubro de 1833 entrava em plenário, apresentado pelo deputado Antonio Valente, um projeto de lei elevando a vila à cidade. Antes, já tinha havido balbúrdia na Camara Municipal daquela Vila, ficando os vereadores divididos, isto é, uns queriam e outros não. Finalmente, depois de muita discussão, passou o pedido de elevação à cidade. Ao ser, pois, apresentado o projeto na Assembléia, a política meteu-se na justa pretensão. Vindo o projeto para primeira discussão, o padre deputado Sizenando Marcos Castro e Silva fez pedido de adiamento de votação, e contra isto ergueu-se, falando brilhantemente, o tribuno deputado Justiniano de Serpa, grande amigo dos cascavelenses. Em 2ª discussão, José Martiniano de Alencar, deputado, sugeriu que se chamasse à nova cidade de Visconde do Rio Branco ao invés de Cascavel.

Finalmente, dia vai, dia vem, é sancionada a lei n. 2039, de 2 de novembro de 1833 elevando Cascavel à categoria de cidade.

NOMENCLATURA DAS RUAS...

Erigido em Vila, de logo tomaram posse os vereadores eleitos. Corria o ano de 1834... Participavam da vereança Antonio Sebastião Saraiva, João Firmino Dantas Ribeiro, José Vitoriano Soares Dantas, Luís Antonio de Araújo e os suplentes Francisco José Batista e José Marcos de Castro, estes substitutos de Anastácio Ferreira do Vale, eleito para o Consêlho Provincial, e de José de Queiroz Lima, que fôra, anteriormente, vereador no Aquiraz.

Reunida, a Câmara tratou logo de nomear os primeiros funcionários, isto é, secretário, fiscal, procurador e porteiro.

Logo mais, porém, se reunia em sessão de maior interesse para a novel vila. É que ia dar denominação as ruas existêntes...

Tempos interessantes aqueles de outrôra... Não se foi buscar nome de gente viva e nem tão pouco de pessoas mortas, muitas inexpressivas, como é do uso e do costume dos nossos dias.

E, lá se veio a nova nomenclatura, a oficializada pela vereança: Rua Direita, Rua dos Lavradores, Rua da Matriz, Rua do Açougue, Rua do Comércio, Rua da Alegria, e assim por diante....

Nesta quadra, não se bajulava aos poderosos do dia, mas cultivava-se, com carinho, as tradições populares. Muito mais bonito e muito mais elegante.

FATOS INTERESSANTES

Nos idos de 1840, governava o Ceará o grande José Martiniano de Alencar, que foi o nosso maior Presidente. Combatera, tenazmente, o banditismo e implantára a ordem e restabelecera a justiça. Caindo a sua política, é nomeado para o Ceará o Brigadeiro José Joaquim Coêlho que assumiu em 1841. O govêrno deste homem foi um deus-nos-acuda !

O Ceará virou o diabo. Era morte por todo canto. Os bandoleiros, protegidos pela nova política, cometiam crimes terríveis. Deles, o mais celebre, que conquistou fama, foi o Major Gonçalo que dominou os sertões sob a pressão do bacamarte bôca de sino.

Certa feita, o famigerado bandoleiro apareceu pelas bandas de Cascavel. Estremeceu tudo. E não era para menos, pois no dia seguinte, na noite fatídica de 5 de fevereiro de 1842, era barbaramente assassinado o Capitão José Simões Branquinho, elemento destacado do partido liberal, chefiado, na Província, pelo Senador Martiniano de Alencar.

O crime abalou profundamente a novel Vila de Cascavel.

* * *

Como acentuamos acima, em 1840, governanava o Ceará, José Martiniano. Homem mais de ação do que de palavras, tomou todas as medidas para que as próximas eleições decorressem num ambiente de paz e de ordem.

Malgrado os seus esforços, uma onda de terrorismo e de crimes, principiou grande alteração da ordem em todo o Ceará. A oposição era tremenda naqueles idos...

Por isso ou por aquilo, em dezembro de 1840, no dia 27, Cascavel amanheceu debaixo de bala. Era um corre-corre danado. Não se via uma porta aberta. Fechou-se o tempo e haja a cidade transformada em praça de guerra com tiroteios tremendos.

Que foi, que não foi, perguntavam uns aos outros. Mas ninguem se entendia. Já havia, gente morta, e o pipocado continuava no mundo !...

O certo é que, o havido e passado, fora uma rebelião entre os famosos «caranguejos»», elementos da oposição, contra as autoridades locais de Cascavel. E, no final das contas, lá estavam cinco tombados no campo da luta, que foi terrivel... Era assim a política antiga.

TERRA DE GENTE ILUSTRE

Cascavel é um dos municípios ricos em filhos ilustres. Basta ressaltar que só jornalistas temos os seguintes: Dr. João Austregésilo de Atayde, filho do Des. Feliciano de Atayde, ex-Interventor do Ceará. Benedito Augusto dos Santos, historiador, jornalista, pai do escritor Beni Carvalho; Dr. Eurico Facó, jornalista e poeta brilhantissimo; João Lopes Ferreira, parlamentar e homem de grande prestígio na Capital da República. Foi jornalista completo, erudito e primoroso; Dr. Pedro de Queiroz e Jorge Aires de Miranda, penas fulgurantes. Anote-se, ainda, com maior destaque, Américo Facó, recentemente falecido e homem de notável cultura, autor de artigos magistrais, pelo que, consagrado em todo o País.

Entre muitos outros, vale citados, ainda, como ilustres filhos de Cascavel: Dr. Benedito Façanha Ferreira, matemático; Dr. Elias Ferreira Bedê, magistrado em São Paulo; Dr. Emídio Morais Vieira, brilhante engenheiro, no Rio; General Francisco Severiano Ribeiro; Dr. Osmundo Bessa, advogado no Rio; Dr. Mário dos Martins Coêlho, brilhante advogado em Fortaleza; Juvenal Carvalho, filantropo; Dr. Vicente Bessa, magistrado; Dr. Boanerges de Queiroz Facó, desembargador e membro do Instituto do Ceará; Deputado Raimundo de Queiroz Ferreira, constituinte de 1946; e o saudoso Vitoriano Antunes, benemerito do município, que governou por longos anos.

EM NOSSOS DIAS

Cascavel é, hoje, uma cidade progressista. Município de território vasto, com mais de dez vilas florescentes, entre as quais a de Beberibe, recentemente elevada à cidade e não instalada ainda; com mais de 50.000 habitantes, tem na sua séde o centro do seu maior interesse.

Cidade ampla, bem iluminada, com alguns edifícios vistosos, entre os quais o Patronato e a Maternidade, conta com várias ruas e praças, bom comércio, sendo terra de povo afável e simpático.

Município, outrora, administrado pelo estimadissimo Coronel Raimundo Benício Sampaio, e, hoje, dirigido pelo prefeito Genaro de Queiroz Facó, tem a sua vida política relativamente calma e orientada pelos chefes Juarez de Queiroz Ferreira, ex-prefeito, e Esaú Benicio Sampaio que, tambem, dirigiu já a municipalidade local.

CAUCAIA

OUTRÓRA POVOAÇÃO DE SOURE

ANTIGA ALDEIA DOS POTIGUARES — EXPULSÃO DOS JESUITAS POR GAMA CASCO — A ANTIGA DENOMINAÇÃO HOMENAGEAVA PORTUGAL — VILA NOVA DE SOURE, EM 1759 — SEMPRE FOI CIDADE FESTEIRA — BAILES A RIGOR COM CHITA ENCARNADA E ALUA — CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA ?... — CLIMA EXCELENTE E RICOS CARNAUBAIS — ANTONIO JOSÉ CORREIA E O BÁRBARO ASSASSÍNIO DA TARDE DE MAIO DE 1914 — MOREIRA DA ROCHA E MONSENHOR CATÃO — EDSON CORREIA, O REVOLUCIONÁRIO DE 1930 — FILHOS ILUSTRES — ORDEM E PROGRESSO...

ALGUMAS cidades do Ceará tiveram o seu progresso interrompido pelo fato de várias vezes terem a sua autonomia cassada. Caucaia é uma delas.

Assentada numa região bem proxima à Capital, zona que apresenta uma riqueza permanente através de magnificos carnaubais, município de área imensa (1.246 kms2; 0,81 do territorio do Estado), cremos já devia ser uma das melhores cidades, não fosse o esquecimento e o desprezo que lhe devotam os governos, desde os tempos provinciais. Acreditamos que um dos fatores que tem contribuido para isto, tenha sido fatos e episódios que se passaram em sua formação histórica, desde os albores de sua influência na política do Ceará. É terra de filhos ilustres, que se destacaram nas letras, no cléro e na vida administrativa cearense, por isso que, com mais justa razão devia ser, em nossos dias, um dos mais prosperos e ricos municipios do Estado. Folgamos, porém, em registrar ligeiro surto de novos rumos que, nos dias que correm, haverá, de certo de dar a esta cidade vizinha de Fortaleza um aspecto condizente com as suas possibilidades reais.

Vai daí ter sido pavimentada quase toda a área urbana de Caucaia, levantados alguns predios públicos de relativa importancia, terem erguido, as suas principais familias, algumas casas de melhor porte; contar com excelente iluminação pública, grupo escolar moderno, mercado higiênico, praça ajardinada e bem conservada, além de planos de administração, que serão, em breve, levados a bom termo, como a edificação de um Paço Municipal e de uma Maternidade, iniciativas essenciais à coletividade local.

Verifica-se, assim, o surgir de uma nova era de compreensão dos poderes públicos no sentido de realizar alguma coisa de util, de duradouro e que possa positivar a ação concreta da nova éra municipalista.

FORMAÇÃO HISTORICA

Caucaia foi antigo aldeiamento de indios da nação Potiguar. Dela foram encarregados os jesuitas, de acordo com a Carta Régia de 22 de outubro de 1735. Homens afeitos à catequese, os jesuitas sabiam civilizar a indiada, pacificar os animos, levantar capelas, estabelecer a ordem, merecendo, por isso, plena confiança dos colonos de outrora.

Tudo marchava na mais perfeita tranquilidade quando, um belo dia, estoura a noticia de tremendas perseguições que estavam sendo levadas a efeito pelo famoso Marquês de Pombal, o inimigo número um da Companhia de Jesús.

Foi um Deus nos acuda no pequeno povoado, que já contava com arruado, capela e indícios de civilização.

Bernardo Coelho da Gama Casco, então Ouvidor Geral de Pernambuco, recebe ordens terminantes de expulsar e sequestrar todos os bens dos jesuitas no norte do Brasil e, de modo especial na Província do Ceará, governada por Francisco Xavier de Miranda Henrique.

O fato, porém, teve menores consequências em vista de Gama Casco, em aqui chegando, ter elevado à Vila a antiga povoação de Caucaia, com o nome de Vila Nova de Soure, denominação esta que homenageava uma ordem honorífica de Portugal, chamada «Moinhos de Soure». Data o fato de 15 de outubro de 1759, tendo sido comemorado com grande alegria pela população local.

É mais ou menos, desta mesma data a criação da Freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres. Data, por igual, desta mesma quadra a ereção da atual Igreja Matriz que foi sendo remodelada à proporção que se passavam os anos. Teve a paroquia, como vigários principais, nestes ultimos anos, os clérigos Monsenhor Padre Leopoldo e José Romualdo de Souza, de saudosa memoria.

TERRA FESTEIRA COM BAILES A RIGOR...

Caucaia, antiga Soure, sempre foi uma cidade de gente alegre e prazenteira. Conta-nos Antonio Bezerra de Menezes, em seu famoso e

raríssimo «Notas de Viagem», que, nos idos de 1860, já eram notáveis e falazes as festas da terra dos Correias e dos Moreira da Rocha.

Nas noites de festejos do Padroeiro se organizavam bailes suntuosos, com quadrilhas e pólcas, onde se viam reunidas as famílias de maior tradição local, com moças trajando rigor, vestidas a caipira, moda local exigida nos bailes de gala...

Eram festões memoraveis, onde se encontrava o bom aluá, o milho verde cozido, as tradicionais roscas de goma (que ainda fabricam) e o bom moca com excelente tapióca... Tempão bom de fartura, sem peixaradas e sem o azedume que lá pode-se observar nos dias que correm...

POLITICA AGITADA

Caucaia, ultimamente, é que tem vida pacata em matéria de luta política. Antes... Virgem Nossa Senhora! A coisa sempre foi grossa e as eleições a bico de pena dominavam, nelas votando vivos e mortos...

Certa feita, à hora aprazada, inicia-se a votação, num belo dia de escolha dos mandatários da vontade popular.

O prédio era meio sinistro, de beira e bica, com porta na frente e janela de lado, já apropriado pra carreira, caso houvesse encrenca...

O Presidente dá início aos trabalhos e lá se vem votar um eleitor, bem vestido, chapéu na mão, paletó com quatro botões, gravata roxa, colarinho alto, ficando, assim, bem conhecido da Mesa. Outros votaram logo mais. Já no fim, lá se vem o homem que havia votado em primeiro lugar. O Presidente surpreso perguntou-lhe:

— O senhor não já votou, compadre ?

— Já, sim senhor. Agora eu venho traçar o nome pelo meu compadre e pelo meu filho que já são defuntos, mas que votaram sempre com o governo...

Não terminou a frase, o oposição manifestou-se. Houve bate bôca, encrenca, a coisa engrossou, chegou cabra que estava de espreita e o pau roncou nas quatro paredes da casa. Foi o diabo...

Se não fosse a janela, até o Presidente havia apanhado...

Podia haver fraude naqueles longinquos tempos, mas, descoberta na hora, a oposição não deixava passar, e a coisa não ia apurada, como em nossos dias...

CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA ?...

Corria o ano da Graça de 1843. Estavamos em maio... Assumira o governo da Província Imperial do Ceará, o dr. Fausto Aguiar, homem de poucas palavras e de ação. Por ocasião do ato de sua posse houve arruaça, ameaça e muita trica pelo interior afóra. Houve até conspiração para mudar o regime...

E, uma delas, foi passada na antiga Soure, e dirigida pelo famoso Padre Cerbelon Verdeixa, clérigo inquieto, politico, exaltado que por muitos anos foi o terror de muito governo.

Gozava este sacerdote, de cronica agitada, enorme prestigio no seio da plebe, dadas as suas façanhas temiveis e a sua vida tumultuosa.

Já não tendo em que tornar-se célebre, lá se foi, certo dia, para as bandas de Soure conspirar contra o regime, contra a corôa, contra o governo. A lábia do homem não conseguiu, porém, prosélitos de maior expressão.

E o saudoso historiador Hugo Victor, relatando o fato pitoresco, comentou: «Faltou aos republicanos de Soure um lider local. Não só o lider, mas, tambem, as armas...»

DOIS GRANDES FILHOS

Nasceram em Caucaia, dois homens que durante muito tempo tiveram marcada projeção na vida política do Ceará. Foram eles, o dr. Manuel Moreira da Rocha, de saudosa memória. Homem de coragem, disposto, de uma lealdade nunca vista aos seus amigos e correligionarios, Moreira da Rocha, que era médico e tinha valor intelectual, conseguiu prestigiar-se em todo o Ceará, dadas as suas excepcionais qualidades de hábil político.

Eleito várias vezes para a Camara Federal, prestou ao Ceará assinalados serviços, sendo marcante a sua atuação no Congresso, onde desfrutava de conceito e estima geral.

Dele contam fatos e episodios interessantes, visto como para servir a um correliginário não media sacrifícios, não respeitava os poderes, sendo sempre destemido nas atitudes e bravo nos atos.

Outro político de grande projeção foi o Coronel Antonio José Correia, senhor de vastas propriedades, gozando de grande estima e simpatia no seio da população do seu municipio, dados os excelentes predicados de bondade e tolerância que ornavam a sua personalidade.

Político de influência, sempre era ouvido pelos mais graudos que comandavam os partidos do Ceará naquela época. Formou com João Brigido, com Agapito dos Santos e outros notáveis jornalistas e próceres de marcada influência na vida política cearense.

Aciolino de quatro costados, homem de vergonha, tempera de aço, Antonio José Correia foi eleito várias vezes deputado à Assembléia Estadual, havendo-se sempre com galhardia e bravura. Não temia aos poderosos do dia. Antes afrontava-os com a sua coragem admirável.

Grangeou fama e popularidade, tendo comparecido à Assembléia Legislativa do Ceará Revolucinário, instalada nos pagos do Juazeiro do Padre Cicero, sab a inspiração de Floro Bartolomeu da Costa.

Participou ativamente para a queda do Governo de Franco Rabelo, grangeando, com esta atitude corajosa, inimigos terríveis.

Quando vinha assumir a sua cadeira na Assembléia Legislativa que se instalava já no Governo do general Setembrino de Carvalho, foi barbara e solertemente assassinado, de emboscada, na tarde de 4 de maio de 1914, quando em caminho na estrada que ligava Caucaia a Fortaleza.

Era Chefe de Polícia o Desembargador João Firmino Dantas Barreto e a época era de vinditas, de vez que todo o Ceará estava sob tremenda agitação e exacerbação de ânimos, devido a violenta mudança de governo.

FILHOS ILUSTRES

Nasceram ainda em Caucaia, o Visconde de Cauípe, Severiano Ribeiro da Cunha, homem de

raras virtudes, amigo dos pobres e que prestou assinalados serviços ao Ceará; Francisco Alves Vieira, que foi consul do Brasil em Londres; dr. João Hipolito de Azevedo e Sá, notavel médico, homem de cultura, embora modestissimo, educador de reconhecida e proclamada virtude civica; dr. Sebastião Moreira de Azevedo, jurista de renome nacional; Francisco Pessoa de Araújo, deputado federal e antigo Secretário da Fazenda no Governo de Faustino de Albuquerque, e vários outros.

O REVOLUCIONARIO DE 1930

Hoje, o comando político e administrativo de Caucaia está totalmente entregue ao deputado estadual Edson da Mota Correia, antigo Tenente revolucionário de 1930, que combateu ao lado de Jurací Magalhães, Martins de Almeida, Juarez Távora e outros que comandaram o movimento outubrino.

Goza, Edson Correia, de uma popularidade imensa no seio dos seus conterraneos, por isso que, inegavelmente, é um homem de vida dedicada inteiramente à Caucaia.

Já foi prefeito local e eleito deputado duas vezes. A primeira, em 1935, teve mandato interrompido pelo golpe de Estado de 1937. A segunda para a atual legislatura. Já governou Aracatí e foi Diretor do Departamento de Sêcas do Ceará. Já respondeu pela Chefatura de Policia, quando Delegado Auxiliar, em 1934.

Nascido aos 9 de novembro de 1899, em Caucaia, pertence à familia Correia, sendo neto do Cel. Antonio José Correia, herdando as tradições de bravura e lealdade do velho e antigo lutador da política cearense.

Depois dos Sales e dos Filomenos de Acaraú e do Perilo Teixeira, em Itapipoca, é o chefe municipal que apresenta maior contingente eleitoral em um só município.

A CIDADE DE HOJE

Caucaia é hoje uma cidade com mais de 5.000 habitantes. Tem bom comercio e o seu povo é acolhedor e afável.

Goza de clima excelente, preferido sempre por veranistas que possuem boas residencias na cidade.

Governa-a, o Prefeito Daniel Nunes de Miranda, rapaz de bons predicados morais, trabalhador, criterioso e que vem realizando algumas obras importantes e de utilidade para a população local.

Tendo edificado excelente e moderno Mercado Municipal e pavimentado algumas ruas principais, vai agora erguer majestoso edificio para a séde da municipalidade, bem como um outro prédio destinado à Maternidade local.

Há, no momento, uma reação salutar nesta cidade. É a que se relaciona com a ordem e a segurança pública. Este municipio vinha oferecendo um indice absurdo em matéria de crimes e contravenções. Dizia-se até que em Caucaia se registravam mais crimes do que em Londres, relativamente...

Vai daí, o empenho em que se acham as autoridades locais no sentido de que a cidade e o municipio passem a gozar de ordem e progresso para a maior felicidade e prosperidade da comuna.

CEDRO

CIDADE FUNDADA POR JOÃO CANDIDO

DE CASA GRANDE À CIDADE — CARRASCAIS E CAATINGA NA SÊCA DO QUINZE — JOÃO CANDIDO, O GRANDE FOREIRO — FAMÍLIAS SANTOS E DINIZ — O ÊRRO DE EUCLIDES ROCHA — PEDRO SILVINO E OS JAGUNÇOS — PENSÃO DO CABO CHICO — FRANCISCO ROSA, CONSTRUTOR DE IGREJAS — MOSÁICO DE CRENÇAS E RELIGIÕES—SENAI—7 TRENS DIÁRIOS

QUEM demandar à região caririense, servindo-se da precária ferrovia que nos liga ao Crato, corta serras e sertões, atingindo o hinterland, depois de passar por várias cidades cearenses fundadas pelo caminho de ferro. Ao lado dos rios, estradas naturais de civilização, o engenho humano, construindo as vias artificiais de transporte, levanta vilas e povoados que, com o tempo, se transformam em grandes centros de progresso e de cultura. Cedro, no Ceará, é uma destas consequências naturais dos caminhos de ferro. Antes, não passava de uma simples e modesta fazenda de pastoreio, vivendo a vida simples e inculta dos sertões cobertos de carrascais e caatingas da zona nordestina. Distando de Fortaleza 478 quilômetros, contornada por uma cadêia de pequenas elevações, do alto oferecendo um aspécto singular, ergue-se a cidade de João Cândido, com pouco mais de três decadas de existência. Abrigando em seu seio povo bom e laborioso, vindo, na sua maioria de terras distantes, de municípios limitrofes e Estados vizinhos, Cedro se constituiu, em pouco tempo, numa das importantes cidades de todo o vasto interior cearense, sendo hoje, depois de Fortaleza, o centro de maior movimento de trêns, por isso que na sua estação param, diariamente, uma média de sete composições. Centro algodoeiro por excelência, comercía em larga escala com Recife e Campina Grande, para êle convergindo uma vasta área da zona sul do Estado, é o «porto-ferroviário» de alguns municípios do Ceará.

DE CASA GRANDE À CIDADE

Em 1915, tôdo o Ceará gemia ao pêso de terrivel estiada. A sua população pecuária se dizimava numa das maiores sêcas que se registraram em nossa história.

O vasto sertão cearense, comburido, com o seu facies de encarpas e grotões, coberto por uma vegetação ressequida e acinzentada, deixava entrever somente o quadro singular de sua imensa tragédia.

As fazendas, com vida triste e sonolenta, se despovoavam aos poucos e os retirantes demandavam à Capital em busca de sobrevivencia.

Em pleno sertão, no recesso do interior, ficavam apenas os mais fortes, os que teimavam em resistir o temporal.

Havia, porém, uma região que esperava um grande auxilio. Era a que ficava situada entre os municípios de Iguatú e Aurora, duramente atingida pela catástrofe.

É que os trilhos da ferrovia que furava os sertões já começavam a produzir os seus efeitos salutares: ora empregava milhares de operários, ora levava o confôrto e a civilização às zonas complementares e incultas, até então entregues ao domínio do mais forte.

Cedro que não passava de uma modesta fazenda de criar com pouco mais de dez moradias, principiava a despertar interêsse pela alviçareira notícia da construção de uma estação ferroviária.

E aos 15 de novembro de 1916, o engenheiro Couto Fernandes, sob os apláusos gerais de milhares de sertanejos, inaugurava a Estação da Estrada de Ferro de Baturité.

Aos pouco e pouco erguiam-se as casas. De Fazenda passou a lugarejo e o movimentado povoado, nêle demorando tôdo o pessoal em serviço na ferrovia. Erigiram-se acampamentos. Fundaram-se fornecimentos e ergueram-se capelinhas.

Duas familias se destacaram na azáfama da nova cidade, que se erguia aos poucos: Santos e Diniz. Fóra João Càndido, Joaquim Alves dos Santos e Gabriel Diniz eram os homens mais importantes do novo povoado.

O ERRO DE EUCLIDES ROCHA

Quando a linha férrea já se encontrava a poucos metros do local, onde hoje se ergue a cidade, houve sensata ponderação: é que a estação não devia ser edificada no local escolhido e sim num planalto existente.

Esta providência viria concorrer para que a cidade, de futuro, se desenvolvesse numa área que oferecesse melhores condições topográficas.

O engenheiro não aceitou o alvitre e lançou os alicerces da parada num socavão rodeado de elevações. Vem daí, ser a cidade atual tôda cercada por altos, o que a priva

de receber a agradável aragem das noites sertanejas.

Este erro fatal muito tem prejudicado a cidade do Cedro, pois, erguida esta em extenso planalto que lhe fica a pouco mais de um quilometro, certamente gozaria de melhor clima e melhores condições de higiene.

PEDRO SILVINO E OS JAGUNÇOS

Cedro é uma das cidades do interior onde a vida se desenvolveu pacata, sem maiores constrangimentos, sem atropelos de revoluções, sem lutas sanguinolentas entre suas famílias, enfim, tendo sempre uma vida pacifica e ordeira.

Quando João Cândido dominava politicamente a terra, sendo o seu Prefeito e o homem de maior projeção local, sempre recebia bem a qualquer forasteiro.

Com o dominio absoluto do Padre Cícero no Carirí, formaram-se os «grupos de amigos para o que desse e viésse». Um dêsses era chefiado por Pedro Silvino, cabra valente e perigoso.

Certo dia amanheceu no Cedro todo o seu bando. Eram os jagunços. Armados até os dentes. De cartucheira à cinta, perambulavam pela então pequena e florescente cidade.

João Cândido, sensato e inteligente, os tratou como manda a bôa hospitalidade.

O resultado foi que nenhum crime foi cometido durante a permanencia dos amigos do Dr. Floro Bartolomeu em Cedro. Tudo passou em brancas nuvens...

A PENSÃO DO CABO CHICO

Ao falar em Cedro, não se pode omitir o nome de um personagem popularíssimo e que manteve, por muitos anos, uma pensão acanhada, mas que contava com freguezia certa, embora de pouco dinheiro.

Trata-se do Cabo Chico, estabelecido em Cedro, instalando uma casa de pasto.

A «Pensão do Cabo Chico», como assim se denominava o modesto hotel dos viajantes da época, ficava à Praça da Matriz, à esquerda do templo.

À chegada do trem, para lá se dirigiam os viajantes. Mas, não eram só agentes das praças comerciais de Fortaleza que ele hospedava. A coleção de hóspedes era notavel. Havia até mesmo os que nada pagavam. Ao pagamento, ele mesmo dizia: «Não tem preço, dê o que quiser e o que podér... eu não exijo muito, seu moço».

Possuindo um gênio calmo, de coração bonissimo, hospitaleiro e afável, côr amorenada e personalidade simpática, o Cabo Chico era conhecido por todos os que transpunham os umbrais do Cedro...

JOÃO CÂNDIDO, O MAIOR FOREIRO

João Càndido já alcançara à casa dos setenta e cinco janeiros. Velhinho pela idade, apresenta, porém, uma individualidade extenuante de vida e vigor, parecendo homem de cinco decadas. Os homens das gerações passadas duram mais e resistem melhor a ação do tempo.

Em 1908 comprou, por pouco mais ou nada, a «Fazenda Cedro». A vida corria monótona como soi a ser a lírica existencia de nossas propriedades rurais.

Em 1911, porém, veio a variante da estrada. Em 24 de novembro de 1915, no auge da fome advinda pela sêca do mesmo ano, o serviço foi atacado e em 15 de novembro de 1916, como dissemos, inaugurada a estação.

Estava feito João Cândido. Tôdas as terras eram de sua propriedade. A cidade iria crescer dentro de seus dominios.

E, em verdade, todo o Cedro hoje pertence a João Cândido, que por sinal foi sempre um lealdoso amigo da cidade, concorrendo sempre para o seu progresso e já lhe tendo governado várias vezes.

Só de proventos foreiros, João Cândido percebe algumas dezenas de contos mensais, devendo-se notar que na sua totalidade, o aforamento é pago por antigo preço, quando tudo era barato.

Homem simples, cavalheiro de fino trato, viajado, educa bem os filhos. A sua casa de residência em Cedro ainda é a mesma de 40 anos atrás e está situada no cimo de um alto do qual se descortina toda a cidade donde originou-se a séde do município.

EM BREVE, UMA NOVA LONDRINA

Com uma população que já se aproxima de 30 mil almas, uma cidade que se estende numa área imensa, construindo cêrca de 200 casas anuais, numa média de quase uma edificação diária, com economia assentada em larga produção de ouro branco, comércio que se desenvolve e se alarga a cada dia, plena e geral liberdade de crença religiosa e politica, Cedro será, dentro em breve, uma nova Londrina no Ceará. Este auspicioso prognóstico dependerá apenas da regularidade de bons invernos como passamos a considerar.

Séde de Delegacia de Ensino e de Região Agricola, conta com uma primorosa escola do Senai, dirigida pelo Dr. Gerardo Braga e que presta os mais assinalados serviços à educação profissional de centenas de jovens. A cidade está situada em privilegiada zona, por isso que serve à Várzea Alegre e para a Paraíba.

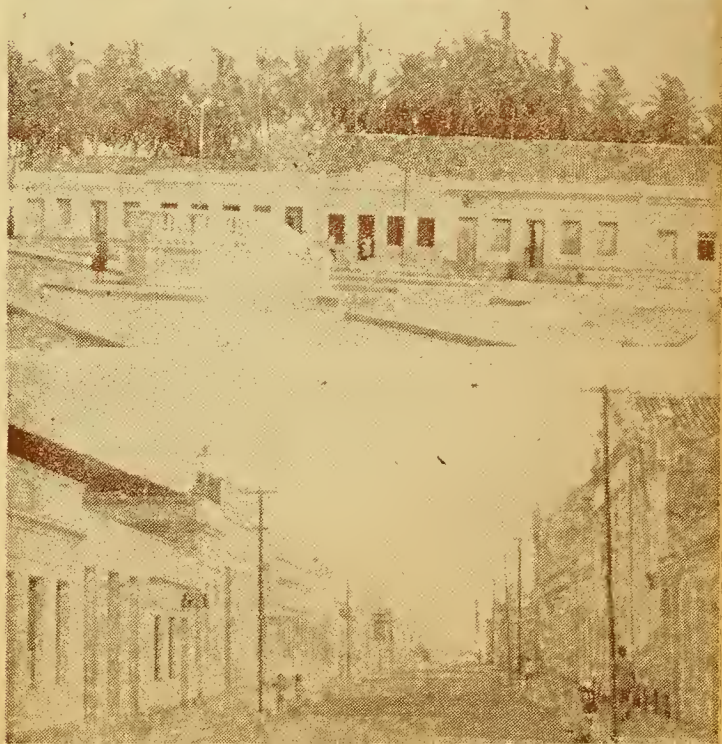
Com poucos anos, será feito o entroncamento ligando Campina Grande a Recife, aproveitando, assim, a ligação para Arrojado. Deste modo ficará definitivamente ligado ao norte a ao sul do país, podendo-se vir de Crateús — zona norte do Estado — e viajar-se até o Rio Grande do Sul, passando-se por Cedro, via Fortaleza.

Sendo séde de Sub-Inspetoria da Rêde de Viação Cearense e de um Depósito de Máquinas, conta com moderna oficina de reaparelhamento de carros e locomotivas, o que mantem em Cedro centenas de operários, além de movimentar milhões de cruzeiros anuais.

Com a construção da utilissima rodovia Canto-Cedro-Várzea Alegre-Quixará - Crato, pela qual tanto se tem batido o Deputado Moacir Aguiar, representante local à Assembléia Legislativa, será da noite para o dia o

CARIRIASSÚ — Vista parcial da cidade

CARIRIASSÚ — Igreja-Matriz

CAMOCIM — Igreja-Matriz e aspectos da cidade

CARIRÉ — Praça principal

CANINDÉ — Praça principal; a cidade no dia do padroeiro; Convento de São Francisco

CAMOCIM — Casa histórica onde nasceu Pinto Martins e estação ferroviária

incremento das operações comerciais da praça.

Cidade novissima, pois foi criada aos 19 de agosto de 1926, pela lei n. 2.255, tem apenas 27 anos de idade e já conta com mais de três mil prédios, sendo muito bem cuidada pela atual administração.

Fruto do trabalho, do amor e da perseverança dos seus filhos, das gerações passadas e presentes, a terra que tanto deve a Silveira Aguiar, Antonio Alves dos Santos, seu atual Prefeito, Celso Araújo e outros que lhe dedicam o melhor dos seus esforços, já viu nascer filhos ilustres, que honram as suas tradições, e dentre os quais podemos citar os seguintes: Drs. Càndido Costa, Oton Diniz e Érico Passos; Tenentes Alvado Passos e Celso de Araújo Filho, Jesuito António Alcântara e jornalista Valter Moreno.

Para cidades como estas, que têm promissor futuro à vista, dadas as condições especialissimas que as envolvem — pois será, brevemente, o maior entroncamento ferroviário do nordeste — devem os poderes administrativos voltar as suas vistas estimulando-lhes o progresso com obras públicas do maior interesse para a coletividade.

COREAÚ

TAMBEM CHAMADO DE VÁRZEA GRANDE E PALMA

OS PRÊTOS QUE FABRICAVAM BRÔAS... — MUNICÍPIO, EM 1870 — FREGUESIA DE N. S. DA PIEDADE, EM 1867 — IGREJA-MATRIZ ORNADA DE DOURADOS — NOS DIAS QUE CORREM — FILHOS ILUSTRES

COREAÚ está situado na zona norte do Estado, distando 295 quilômetros de Fortaleza, sendo limitado por Granja, Massapê, Tianguá, Sobral e Ubajara.

Tem uma extensão territorial de 1.511 kms2, e uma população de 30.000 habitantes aproximadamente, sendo a séde municipal localizada numa linda planície, e tendo mais de 2.000 moradores.

É um dos antigos municípios do Ceará, por isso que foi criado aos 24 de setembro de 1870.

Era a antiga povoação de Várzea Grande e os seus primeiros povoadores se estabeleceram à margem do rio Coreaú, com ribeiras fertilíssimas e apropriadas para o cultivo agrícola.

A cidade tem várias ruas e praças, destacando-se os edifícios do Grupo Escolar, da Municipalidade, do Mercado Público e da Igreja-Matriz.

Notam-se algumas casas de melhor porte, estando sendo construida uma grande avenida na praça principal da cidade.

A sua gente é acolhedora e afável, e nos revela um índice elevado de amor ao trabalho.

LENDAS E TRADIÇÕES

Uma das lendas interessantes da história de Coreaú, é a que se prende à origem do nome antigo deste município, visto como a lei de 1870 dava-lhe, oficialmente, a denominação de Palma, conservada até pouco tempo.

Segundo a tradição, e as pessôas mais antigas, existia na antiga Várzea Grande, em tempos primitivos, quando ainda era apenas um pequenino e atrazado arraial, uma família de prêtos que se dedicava ao fabrico de excelentes brôas, isto é, bolos de goma.

A fama correu mundo. Vinha gente de longe comprar as brôas dos prêtos da Várzea Grande. Como, porém, eram feitas em forma de palmas, o povo assim passou a denominar o lugarejo: — «Vou para as palmas».

De tanto se referirem a palmas, a lei que criou o município deu-lhe esta denominação.

*
* *

Lei recente, de 1.º de janeiro de 1944, mudou-lhe o nome para Coreaú.

O topónimo surgiu no fim do século dezessete, como afirma o douto geógrafo e historiador Thomaz Pompeu.

É indigena, de origem Tupí e significa rio dos curiás, pequena ave existente nas cercanias.

Com este nome foi designado o rio que banha a cidade. É de registrar-se, ainda, que apareceu, pela primeira vez, em letra de forma, em 1705, nos escritos de data de sesmarias concedidas ao Tenente-Coronel Manuel Dias de Carvalho e Felix Coêlho, aliás grafado Coruahú, mais tarde corrigido para Coreaú.

FREGUESIA DE N. S. DA PIEDADE

Coreaú, antigamente pertencia â Freguesia de Granja, cuja matriz, primitivamente, a capela de Santo Antônio de Pádua do Olho d'Agua.

Aos 10 de agosto de 1867, pela lei n. 1206, foi, finalmente, criada a freguesia, com território desmembrado de Granja. Só um ano mais tarde, isto é, aos 25 de junho de 1868, é que foi canonicamente instituida, sendo o seu primeiro vigário o Padre Salviano Pinto Brandão.

Tem a invocação de Nossa Senhora da Piedade e a sua séde é, hoje, uma bela Matriz, fruto de reformas substanciais levadas a bom têrmo com o auxilio da população local.

Antônio Bezerra de Menezes, que visitou Palma, nos idos de 1888, referiu-se a esta igreja com grande entusiasmo, elogiando-lhe a pintura, quase toda embelezada com ornatos de ouro, que revelava o grande gosto que tinha, pela Matriz do Coreaú, o antigo vigário Padre Lustosa, benemérito da localidade pelos muitos serviços a ela prestados.

NOS DIAS QUE CORREM

Coreaú sofreu, recentemente, profundo abalo com a elevação de uma de suas vilas â cidade, e, consequentemente, criação de um outro município com terras de sua área geografica. Trata-se de Freixeirinha. É localidade promissora, situada à margem da rodovia que nos liga à Teresina, Piauí, mas que ainda não foi instalada, oficialmente, como séde municipal.

A sua vida política é relativamente calma. No último pleito, para renovação do legisla-

tivo estadual, câmara dos deputados, poderes executivo e legislativo municipais, e eleição para Governador do Estado, houve uma fraude tremenda com o resultado das urnas que andaram de Séca e Méca...

Foi um fato desprimoroso, fruto dos politiqueiros que não sabem se conformar com o veredito da opinião pública. Renovaram, logo mais, o pleito, somente para a escolha do prefeito local e dos vereadores, tendo sido eleito o estimado cidadão Antônio Teles Dourado, antigo dirigente do município e chefe político prestigioso.

A cidade tem sofrido muito com as últimas sêcas, pelo que a sua população, em grande parte, tem demandado a outras plagas.

Ressalte-se, todavia, que alguns melhoramentos ali foram feitos, tais como instalação de luz elétrica, edifício da municipalidade, mercado público, estradas e alguns açudes.

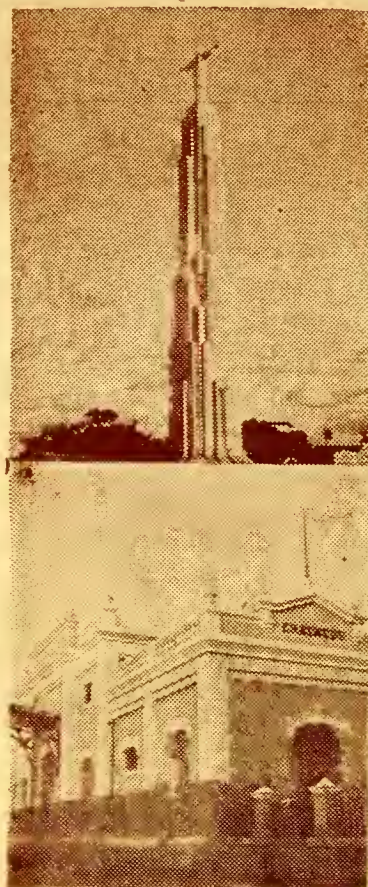
É município que necessita da colaboração do poder estadual, visto como lhe é indispensável a instalação de um Posto de Saúde e melhor eficiência do ensino primário local, completamente inoperante e quase inexistente.

Dentre os filhos de maior projeção da localidade, citamos o Dr. Raimundo Gomes, professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia, homem de largo conceito e prestígio em Fortaleza; Manuel Vilebaldo Frota Aguiar, ex-deputado â Assembléia Constituinte e atual Diretor da Secretaria da mesma Assembléia. Foi prefeito em Massapê, onde é, atualmente, chefe político prestigioso; Dr. Raimundo Ximenes Aragão, promotor público e advogado; Elisio Frota Aguiar, deputado estadual e antigo prefeito de Cariré, onde desfruta de grande prestígio político; Dr. Geraldo Camilo Aguiar Ximenes, advogado; Engenheiro José Camilo Aguiar Ximenes; Monsenhor Dr. Agesilau Aguiar, formado em Roma, atual vigario de Tianguá e Dr. Torquato Aguiar, homem estimadíssimo em Fortaleza, recentemente falecido.

COREAÚ — Igreja-Matriz

CAUCAIA - Penitenciária secular; Grupo Escolar; rua principal da cidade

CRATEÚS — Monumento a Cristo Redentor e estação ferroviária

CAMPOS SALES — Igreja-Matriz

CRATEÚS — Igreja-Matriz e edifícios da Prefeitura e dos Correios e Telégrafos

CRATEÚS

ANTIGO PRINCIPE IMPERIAL

PRIMEIROS POVOADORES — COMPRADO POR 4.000 CRUZADOS — TROCAMOS AMARRAÇÃO POR CRATEÚS E INDEPENDÊNCIA — JUIZ COM POSSE ENCRENCADA — IMAGEM DOADA POR GENTE DA CASA DA TÔRRE — VALE FAMÔSO — GRANDE CIDADE NOS DIAS ATUAIS — GENTE ILUSTRADA

A CIDADE de Crateús, cujo município do mesmo nome é um dos maiores do Ceará, com os seus 4.525 kms. de extensão, demora à margem do rio Potí, numa altitude de 275 metros. É séde municipal vasta, com ruas largas e vistosas, hoje pavimentadas a paralelepipedo, com grandes praças e jardins, notando-se-lhe casaria moderna, bons edificios públicos, comércio excelente, colégios e escolas técnicas, bela Matriz, cinemas e bars modernos. O seu povo é afável, acolhedor e simpático, tratando sempre os turistas com carinho e solicitude. É urbs atraente, por isso que revela progresso e labôr, movimentada e sempre se modernizando. A sua história está ligada ao Estado do Piauí, de vez que já pertenceu as terras, outrora desbravadas por este admiravel Domingos Jorge Velho, bandeirante de quatrocentos anos, que viveu erigindo aldeias e vadeando rios do primeiro arrebol do povoamento nordestino. Vale a sua evocação, sobretudo em se tratando, atualmente, de um dos nossos mais promissores municípios e em cuja séde, pontificou, há anos, a figura do Coronel Araújo Chaves, famoso político.

RELEMBRANDO O PASSADO

O famoso vale de Caratheús, com 180 por 120 quilômetros de extensão, é beneficiado pelas ribeiras do rio Potí, em suas fertilíssimas terras ouviu-se, nos idos do século dezessete para inicio do dezoito, o tropél das bandeiras. A celebre Casa da Tôrre lhe andou povoando, e o famoso Domingos Jorge Velho cortou os sertões que lhes compõe a contextura geográfica, de lado a lado. Nesta quadra, pertencia ao Piauí. Tanto é assim que, no findar do século dezessete, D. Jerônima Cardim Fróis, viúva daquele bravo bandeirante, reclama, em seu nome e no de outros, as vastas léguas de terra; terras sem fim daquelas priscas eras...

Em 1721, D. Ávila Pereira arremata o grande vale pela quantia de 4.000 cruzados. A posse lhe foi dada na Fazenda Lagôa das Almas, a 78 quilômetros distante da atual cidade do Crateús, pelo Ouvidor de Oeiras, séde da Capitania do Piauí. A propriedade adquirida, era um mundão sem fim e contra concessões assim já havia recomendações reais, mas...

Dia vai, dia vem, o formidavel feudo se divide. D. Luiza Coêlho da Rocha Passos, descendente da Casa da Tôrre, adquire terras para fazenda de criar. Anos depois, chega João Ribeiro Lima, seu administrador, que manda erigir capela com invocação ao Senhor do Bonfim. A imagem para esta cepelania veio da Bahia, mandada por aquela senhora.

Pela abundância de um peixe feroz, chamado Piranhas, o povo passou a denominar, o nóvel lugarejo, do mesmo nome, e assim ficou batizado e oficializado o topônimo primitivo de Crateús, quando, aos 6 de julho de 1832, já bem desenvolvido, o povoado recebe a denominação de Principe Imperial, elevado, que foi, à categoria de Vila.

HISTORIA RELIGIOSA

Data, a freguesia do Senhor do Bonfim, também de 1832, quando o povoado foi elevado à Vila, e, com território desmembrado de Marvão, erigido em município, ainda do Piauí.

Foi o primeiro vigário o Padre Francisco Serafim de Assis, que logo mais foi substituido pelo vigário colado Francisco Ferreira Santiago. Fazia parte do Bispado do Maranhão e o seu patrimonio foi doado pela mesma Senhora Dona Luiza Coêlho da Rocha Passos, da Casa da Tôrre.

A atual Matriz, advém da antiga capelinha e, passando por sucessivas ampliações e reformas, transformou-se num dos mais belos templos catolicos do Ceará. Fez-lhe grandes reformas o Padre Rosa, mais tarde terminada pelo Padre José Juvêncio de Andrade.

No seu altar-mór está uma reliquia histórica : a imagem doada há dois séculos, em tamanho natural, do Senhor do Bonfim e que fôra presente da Senhora já referida.

Em 1888, quando Crateús já pertencia ao Ceará, o Papa Leão XIII, de saudosa memória e sábia virtude, desmembrou a freguesia do bispado do Maranhão, integrando-a na comunidade religiosa cearense, juntamente com o município de Independência, que tambem pertenceu à terra de Higino Cunha.

JUIZ DE POSSE ENCRENCADA

Em 1833, a comarca de Crateús foi criada pelo Conselho do Governo Piauiense, e de-

clarada de 1.ª entrância pelo Decreto 687 de 26 de julho de 1850.

Deu o que fazer a posse do seu primeiro juiz... É que no Pará, e outras províncias, tinham se registrado desordens por terem sido nomeados juizes 'estrangeiros», isto é, de Portugal, embora brasileiros naturalizados.

O dr. Luiz Paulino da Costa Lôbo era português, e foi nomeado titular da nova comarca. Foi os diabos... A coisa engrossou, e não lhe deram investidura no cargo as Câmaras de Marvão e Princípe Imperial. Salvou-lhe, a Câmara da Vila Putí, recem-criada, que lhe deu posse.

No final da coisa, êle veio à Principe Imperial, tomou posse e lá se foi com seis meses de licença para nunca mais voltar...

Hoje, a comarca tem como Juiz o dr. Olavo Frota, homem culto, sereno, de passado ilibado, garantia da ordem e da justiça na progressista cidade. Se constituiu, o dr. Olavo, pelas atitudes dignas, um brazão de que se orgulha o Crateús. É seu promotor o dr. Waldemiro do Vale Lima, moço culto e digno, recentemente diplomado Bacharel pela Faculdade do Ceará.

TROCA VANTAJOSA

Crateús, como acentuámos de inicio, pertenceu ao Piauí. A sua troca com o Ceará já fôra recomendada no Parlamento Imperial e por geógrafos abalizados como Aires Casal.

A coisa, todavia, foi avante, e aos 22 de outubro de 1880, pelo Decreto Geral n. 3.072, a permuta era oficializada sem mais delongas.

Diz-nos Antônio Bezerra de Menezes, nas suas famosas «Notas de Viagem», que o negócio foi excelente, posto que as terras de Amarração não se prestavam para exploração agricola e pastoril, sendo de ressaltar apenas o porto, que ali poderia se construir, de futuro. O cronista tinha razão.

Pelo Dec. 1.046, de 14 de agosto de 1911, Crateús foi elevada à cidade e a sua investidura, nesta categoria, realizou-se a 15 de novembro do mesmo ano. O nome Principe Imperial fôra mudado para Crateús pelo Dec. n. 1, de 2 de dezembro de 1889. A república estava no auge...

FILHOS ILUSTRES

Entre outros, são filhos de Crateús: General Maximino Barreto, figura brilhante do Exercito e antigo deputado estadual; General Gentil Falcão, antigo deputado federal e figura proeminente da política do Ceará; Padres José Rufino Soares Valamira, primoroso orador; Francisco Ferreira de Morais, Inácio Ribeiro Melo, José Maria Moreira Bonfim, Sebastião Lima e outros, todos exerceram vicariato em diferentes paróquias do Ceará e outros Estados. Nas letras registramos Abelardo Fernando Montenegro, escritor festejado, membro da Academia de Letras do Ceará, autor de diversos trabalhos de merecida reputacão intelectual; dr. Samuel Lins, moço culto, brilhante advogado; Nagib de Melo Jorge, bacharel e advogado de reconhecida cultura. Vale ressaltados: Dr. Clóvis Catunda, médico de proclamada capacidade científica e Diretor do Departamento da Criança, figura destacada do Centro Médico Cearense; dr. Raimundo Catunda, do Ministério Público e moço de cultura, embora que muito modesto; dr. Leonel Jucá Filho, advogado; Dr. Nelson de Araújo Catunda, médico residente no Rio e antigo deputado federal; dr. José Coriolano, magistrado no Piauí e dr. Manuel Ildefonso de Souza Lima, falecido, que ocupou o posto de Presidente do Tribunal da Relação, em Salvador; dr. Adonias Coutinho, médico; dr. Washington Luiz, advogado; Hermógenes Martins, dado aos estudos históricos, hoje residente no Crato, onde goza de largo conceito e estima; dr. Agamenon Frota Leitão, advogado em Fortaleza; dr. Antônio Coêlho Mascarenhas, advogado; Helio Coêlho Mascarenhas, advogado; Nazaré Coêlho Mascarenhas, advogada, todos irmãos com atividades profissionais na Capital Federal; dr. Agamenon Machado, médico; dr. Walter Machado Ponte, médico; dr. Jaime Machado, odontologo e comerciante; e Expedito Machado, destacada figura das classes conservadoras.

Atualmente, a cidade de Crateús se envolve numa louvável atmosfera de progresso. O seu povo, através dos seus lideres de maior expressão, reclama eficiência da vida administrativa local e o Prefeito, João Afonso de Almeida Vale, vem realizando alguma coisa de útil à comunidade local.

A política é agitada, mas todos envidam esforços reais pela prosperidade da cidade. Deve ser ressaltado, aqui, os bons oficios dos drs. Gentil Barreira, prestigioso deputado federal e chefe de grande corrente política de Crateús — União Democrática Nacional — que tem conseguido vários melhoramentos para a cidade.

Outro fator de progresso, para o município, tem sido o dr. Moura Fé, representante crateuense na Assembléia Legislativa e antigo prefeito do município, cuja administração foi das mais operosas daquela terra.

Outros líderes tem, por igual, prestigiado Crateús, fazendo-lhe a prosperidade, sendo de justiça realçar os drs. Samuel Lins, Antônio da Costa Leitão, o Coronel Bento Coutinho e Antônio de Melo Rosa, prestigiosos chefes políticos locais.

Registre-se, por último, a figura exponencial de Pedro Machado da Ponte, recentemente falecido, filho de Crateús, homem de notável capacidade de trabalho, prócer de relêvo das classes conservadoras e que deu à sua terra natal um dos seus maiores baluartes no setor de sua vida econômica, a grande firma comercial P. Machado, pioneira do alto comércio naquela praça, hoje uma das melhores de toda a zona norte do Ceará.

CRATO

CAPITAL DO CARIRI E BERÇO DE BÁRBARA DE ALENCAR

O NÊGRO DA CASA DA TÔRRE E GARCIA D'AVILA — A MISSÃO DO MIRANDA E OS CAPUCHINHOS — SOB O DOMÍNIO DO AQUIRAZ — JUIZ DE VINTENA — PINTO MADEIRA E O FUZILAMENTO DO BARRO VERMÊLHO — O PADRE CERBELOU VERDEIXA, BIOGRAFADO POR JOÃO BRIGIDO — TRISTÃO GONÇALVES: A VIDA POR UM IDEAL — BÁRBARA DE ALENCAR, A MULHER SÍMBOLO — DEBAIXO DE BALA, EM 1913, A MANDO DE FLORO — O CENTENÁRIO DA CIDADE, EM OUTUBRO — FILHOS NOTÁVEIS — ADMINISTRADORES

CRATO é a linda capital do sul do Estado, distando de Fortaleza seiscentos quilômetros e plantada ao sopé da serrania do Araripe, de onde jorram, perenemente, mais de cincoenta fontes que ofertam â progressista cidade do Carirí uma exuberante paisagem, sempre verdejante e alegre.

De todas as cidades do Ceará é a do povo mais cativante, jovial e festivo. Descende dos seus primeiros povoadores o espírito hospitaleiro que lhe constitui maior brazão. Obreiros de uma grande metropole, os cratenses não ostentam orgulho, despeito ou vaidade. A simplicidade e o afeto lhes caracterizam a personalidade inconfundivel.

Com uma população superior a cincoenta mil habitantes, é, hoje, um dos municípios mais ricos e mais prosperos, sendo-lhe de justiça ressaltar o grau de cultura a que ascendeu, graças, exclusivamente, à capacidade intelectual dos seus filhos.

Fato interessante é o da política não balburdiar-lhe o crescimento, a ascenção, o primado de uma vida sempre melhor. Adotando a filosofia pragmatica, não confunde, não intriga, não calunia, mas oferece um belo exemplo de compreensão humana, de solidariedade, de franca harmonia social. Pontifica-lhe uma democracia singela, mas verdadeira, sem atritos e sem questiúnculas pessoais, salvando-lhe, assim, as gloriosas tradições de um memorável passado histórico, rico de fatos e de figuras exponenciais da política, do clero e das letras cearenses.

Crato é uma cidade que irradia simpatia expontânea, por isso que a sua formação historica e a alegria perene do seu povo conquistam, de logo, a quem lhe prescruta a alma sensível e o altruismo de sua gente.

OS PRIMEIROS POVOADORES

Muito se tem escrito sobre o povoamento do fértil Vale do Carirí e, de modo especial, sobre a fundação do município do Crato, o mais importante da rica região, cujas terras são banhadas pelo Grangeiro, Batateiras e Salamanca.

Afirma João Brigido, no seu «Ceará, homens e fatos», que o Carirí foi descoberto e principiado a povoar por aventureiros que partiram do rio S. Francisco entre 1660 a 1680. E conta a historia do negro da Casa da Tôrre que, tendo caido em poder dos indios «Carirís», grangeou simpatia e afeição dos selvagens, tendo, então, logo mais, ensinado o caminho aos portugueses. Já no seu «Datas Historicas do Ceará», afirma o fundador de «Unitario» que um dos primeiros povoadores foi Mendes Lobato Lira.

Álvaro Gurgel de Alencar, no seu «Dicionário», diz atribuir-se a João Correia Arnaud, administrador de fazendas da Casa da Tôrre, a colonização do Carirí.

Irineu Pinheiro, o autor de «O Carirí», uma das melhores obras publicadas sobre o Vale, inclina-se pelos descendentes da Casa da Tôrre.

A verdade é que, povoada a uberrima região nos meados do século dezessete, de logo surgiram as pequenas vilas, os aldeiamentos, os arraiais e dentre estes, o da Missão do Miranda ou Carirís Novos, séde de pregação da Companhia de Jesus e lugar influenciado por um tuchaua de nome Miranda, daí a origem do nome dado ao povoado.

VILA REAL E FREGUESIA DA PENHA

Raimundo Girão e Martins Filho, no seu livro «O Ceará», registram que a criação da Freguesia de Nossa Senhora deu-se em março de 1762, inaugurada, somente aos 4 de janeiro de 1768, quando se desmembrou da de Missão Velha, nesta época já povoado em franca prosperidade. Está de acôrdo com o que afirma Álvaro Gurgel de Alencar, no seu «Dicionário».

A primeira igreja do Crato, então Miranda, foi edificada em 1745, com chão de barro

batido, paredes de taipa, sempre ameaçada de ruir. Daí o apelo que fez o Padre Antonio Lopes de Macedo Junior à Junta Real do Erário no sentido de edificar um templo à altura da devoção dos fieis, no que foi atendido. resultando nova construção, mais tarde ampliada e reformada e atual Sé Catedral.

Vivendo na dependência de Aquiraz por longos anos, era impossível a Crato o desenvolvimento e o progresso locais, embora lhe governassem, de fato, os padres residentes em Missão Velha. Com a criação da Vila do Icó, em 1738, as autoridades já iam se chegando para o Carirí.

Em 1743, o Senado e Câmara do Icó criou um juiz de vintena que viesse residir no Carirí a fim de distribuir a justiça local.

Luta vai, luta vem, o governador de Pernambuco é autorizado a criar, por Aviso de 17 de junho de 1763, novas Vilas, no Ceará Grande.

Efetivamente, pela Ordem Régia de 6 de agosto de 1763, o Crato é elevado à categoria de Vila Real, inauguração dada aos 21 de junho de 1864, por Vitoriano Soares Barbosa, então Ouvidor Geral.

FATOS MEMORÁVEIS

A cidade do Crato tem sido séde de fatos históricos memoráveis e de grande repercussão na vida política do Ceará.

Um deles foi o ocorrido numa bela manhã de 3 de maio de 1817, quando o diácono José Martiniano de Alencar, filho de Bárbara de Alencar, subindo ao púlpito da Matriz, lança o grito da revolução, proclamando a republica. Foi um Deus nos acuda dentro das quatro paredes da igreja. Reboliço tremendo por entre aclamações gerais! Anos mais tarde, seria um dos maiores homens do Ceará.

Outro caso de grande repercussão foi o fuzilamento de Joaquim Pinto Madeira, homem disposto, de grande bravura, filiado à sociedade secreta «Coluna do Trono» e que reuniu em torno de si mais de três mil homens em armas.

Vencido, Pinto Madeira é condenado a enforcamento, logo mais comutado em fuzilamento, morte mais digna. O seu trucidamento deu-se pela manhã de 28 de outubro de 1834, na colina do Barro Vermelho. Ainda hoje se ergue, no Crato, a casa histórica onde se deu o julgamento. É reliquia que querem pôr abaixo em nome do progresso.

Aos 9 de janeiro de 1824, José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves, chegam ao Crato e, num reboliço tremendo, comunicam a todas as Câmaras Municipais, de então, a dissolução da Constituinte do Brasil. Era o fogo revolucionário que se alastrava por todo o Ceará Provincial e que proclamaria, logo mais, a República do Equador, a mais bela página da historia do Ceará.

DUAS GRANDES FIGURAS

Dois simbolos de honradez, bravura e alto patriotismo deu o Crato ao Ceará e foram eles Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e Bárbara Pereira de Alencar.

Tristão Gonçalves nasceu em 1790 no sitio Salamanca. Foi o grande heroi da luta de 1817. Combateu bravamente ao lado de Pereira Filgueiras, libertando do dominio português o Piauí e o Maranhão.

Simbolo ardente de fé democrática, o destemido e valoroso líder foi a alma da Revolução do Equador, tendo sido aclamado Presidente da Província em 1824. Depois de muito sacrificio de muito porfiar em pról da liberdade, tombou como valente em Santa Rosa, hoje terras do município de Frade. A sua última conquista foi a cidade de Aracatí, onde montou quartel-mestre temporário.

Bárbara de Alencar é a representação pessoal do valor e da dignidade da mulher cearense. Fiel ao amor de mãe e ao desejo de uma Pátria melhor e mais livre, ficou ao lado do filho Martiniano de Alencar, na arrancada de 1817.

Suportando toda sorte de vexames, presa juntamente com os que ficaram fiéis ao ideal dos pernambucanos que fôra trazido ao Ceará pelo diácono que lançára a revolução do púlpito da igreja, Bárbara de Alencar esteve encerrada numa cela do quartel de 1.ª linha, em Fortaleza, donde seguiu para as prisões do Recife e logo mais para Salvador.

Ânimo forte, esta mulher admiravel figura nas páginas da nossa historia como estrela de primeira grandeza, tão grande e tão notavel foi o seu amor de mãe e a sua lealdade aos ideais que abraçara ao lado do filho amado, este mesmo que mais tarde lhe daria o prazer de ser um grande homem do Brasil.

PADRE VERDEIXA

Uma das figuras mais comentadas do Ceará foi, sem dúvida, a do Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, apelidado de «Padre Canôa Doida». Sôbre êle escreveram João Brigido, Barão de Studart e Leonardo Mota.

Homem inquieto, discutiu-se por muito tempo onde havia nascido até que este notável pesquiasdor que é Antonio Gomes de Araújo, uma das belas expressões do clero cearense encontrou o seu batistério e enviou a Leonardo Mota. Havia nascido, efetivamente, aos 3 de janeiro de 1803, na cidade do Crato.

Exerceu a política e o jornalismo desabridamente, atacando a Deus e ao mundo sem medir consequências. Foi processado pelo Presidente José Bento de Figueiredo Junior, por crime de injúria. Publicou panfletos tremendos, ocupou cadeira na Assembléia Provincial e tornou-se inimigo feroz de Alencar, então Presidente da Provincia.

Por onde passou, deixou a sombra de sua personalidade inquieta e tremendamente perigosa. Faleceu pobre num leito da Santa Casa de Fortaleza, após alguns anos de padecimento de sua mãe a quem dedicava grande afeto.

No livro «O Ceará — Lado Cômico», João Brigido lhe dedica um longo estudo biográfico.

DEBAIXO DE BALA EM 1914

Todo o Carirí se encontrava em pé de guerra logo que explodiu a revolução inspi-

rada por Floro Bartolomeu da Costa, para depor Franco Rabelo, um dos mais dignos homens de governo que já tivemos no Ceará.

Juazeiro era a praça forte; estava coalhada de romeiros, chamados, com muita propriedade, de jagunços, armados até os dentes.

Crato era uma das esperanças do governo, da legalidade. Transformou-se, de logo, em quartel das tropas fieis. Vários contingentes iam chegando à proporção que se passavam os dias.

Certa feita, foi dado o toque de combate, as tropas marchariam sobre Juazeiro, já transformado em cidade tremendamente defendida por trincheiras admiráveis.

Ao fragor da luta, vão derrotados os defensores do governo. Parte segue para Barbalha e o restante vem ter a Crato, extenuados. Corria Janeiro de 1914.

Numa tarde de 24, chega às carreiras, um mensageiro gritando: — «Senhores, a Estrada Nova está coalhada de romeiros, êles vêm atacar o Crato».

Efetivamente, horas depois começava o pipocado tremendo, selvagem, bárbaro. A orda era terrível. Atacára primeiro o cemitério dos coléricos. Foi um Deus nos acuda. Correu gente a vontade. A luta foi desigual, pois os romeiros estavam dominados por uma ferocidade sem limites.

O cerco foi apertado, já agora a luta se desenrolava na antiga rua do Fogo, nas imediações de pequeno quartel da Praça São Vicente e em frente das casas dos Coroneis José Teixeira e Zabulon.

O tiroteio parecia não mais parar, pois entrára de noite a dentro até na manhã de 25. Às oito horas, como nos descreve C. Livino de Carvalho, **in** Revista do Instituto — 1932, a luta atingiu ao seu ponto culminante. A resistencia foi verdadeiramente heroica. Às 10 horas, estava tudo acabado. Crato tinha sido definitivamente tomada pelos rebeldes.

A 26 chega à cidade vencida o dr. José de Borba Vasconcelos, que tomou medidas acauteladoras da ordem pública, ficando em seu lugar, logo mais, Antonio Luís Alves Pequeno.

A cidade heroica tombára, mas somente depois de uma luta tremenda de vida e de morte, travada em suas ruas tintas de sangue da jagunçada temível de Floro.

FILHOS ILUSTRES DO CRATO

Crato tem sido séde de grande número de cearenses ilustrados, figuras de relevo nas letras, na política, nas artes e nas ciencias.

Dentre muitos podemos citar: Alvaro Bomilcar, Hermenegildo Firmeza, Antonio Martins Filho, Antonio Fernandes Teles, Zacarias Gonçalves da Silva, Alcides Gomes de Matos, Branca Bilhar, Padre Cicero Romão Batista, Cursino Belem de Figueiredo, General Epifânio Alves Pequeno, Elísio Figueiredo, Padre Emidio Lemos, Filemon Fernandes Teles, Francisco Pereira Arnaud, Irineu Nogueira Pinheiro, Manuel Sidrin de Castro Jucá, José Macedo, Denizard Macedo de Alcantara, José Odorico de Morais, José Garrido da Nobrega, Joaquim Pinheiro Monteiro, Joaquim Fernandes Teles, Nelson da Franca Alencar, Raimundo Gomes de Matos, Vicente Leite e Padre Pedro Esmeraldo da Silva.

Estes e outros foram figuras singulares, de projeção que honraram e honram ainda a terra em que nasceram.

Um dos fatos interesantes e dignos de registro, do Crato, é que os seus governos municipais têm sido exercidos por homens dignos e honestos, sempre voltados para o interesse local, para a prosperidade do municipio.

Conhecemos alguns destes chefes municipais e sobre eles podemos dar aqui o nosso depoimento sincero e apolítico.

Joaquim Fernandes Teles foi um destes notáveis administradores municipais. Alexandre Arrais de Alencar, de saudosa memória, foi um dos prefeitos mais operosos que Crato já possuiu, sendo inúmeras as suas realizações, outro bom prefeito que Crato já teve foi Filemon Fernandes Teles, hoje deputado estadual; Wilson Gonçalves, atual líder do P. S. D. na Assembléia Estadual, esteve sempre à altura da função, desempenhando-a com critério, bom senso e operosidade reconhecida por gregos e troianos.

Atualmente, está à frente da municipalidade o dr. Décio Teles Cartaxo, um dos melhores prefeitos que existe no Ceará. Rapaz culto, viajado, tratavel, tem uma única preocupação em sua vida: servir bem a terra que governa.

Iniciativas de porte tem caracterizado a sua administração honesta, proficua e realizadora.

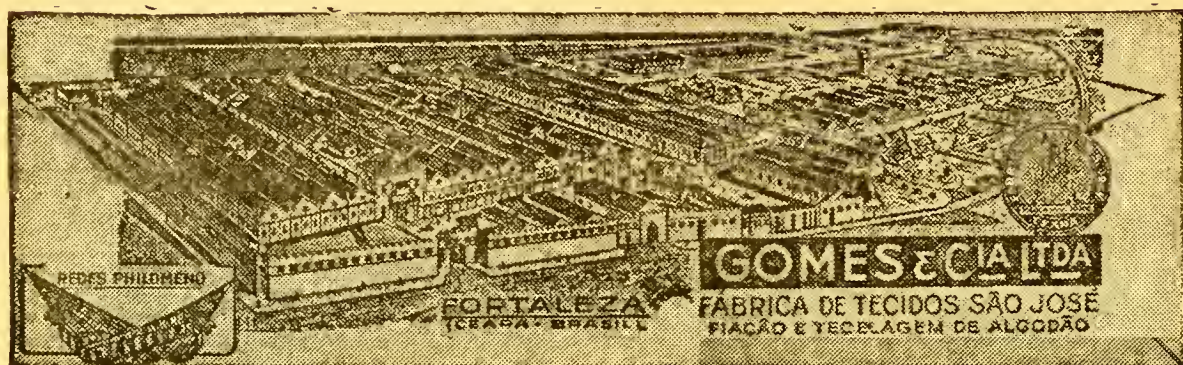
Municipalista por convicção, o dr. Décio realiza uma obra digna de ser admirada e capaz de servir de exemplo a muitos prefeitos que pouco ou quasi nada realizam por este Ceará afóra.

Crato está se transformando como por encanto, sendo hoje uma das mais atraentes e modernas cidades do nosso Estado.

SÉDE DE BISPADO

Crato, na hierarquia eclesiastica, é séde de Bispado.

Foi o saudoso Dom Quintino Rodrigues de Oliveira o primeiro bispo do Crato.

Atualmente dirige a comunidade religiosa, Dom Francisco de Assis Pires, cujas obras sociais e religiosas atestam o valor e a expressão moral deste estimado dignatario da Igreja Catolica.

FORTALEZA

VILA COM MANUEL FRANCÊS E CIDADE COM PEDRO I

PRIMEIRAS TENTATIVAS DE COLONIZAÇÃO — MARTIM SOARES MORENO E O FORTIM DE SÃO SEBASTIÃO — LUTAS E REVEZES — MATIAS BECK E O FORTE DE SCHOONENBORCH — A PRIMEIRA VILA FOI PARA O AQUIRAZ, EM 1711 — A ORDEM RÉGIA DE 11 DE MARÇO DE 1725 — ELEIÇÕES E INSTALAÇÃO DA NOVA VILA — LUIZ BARBA ALARDO — ANTÔNIO DA SILVA PAULET — O BOTICÁRIO RODRIGUES FERREIRA — CIDADE, AOS 17 DE MARÇO DE 1823 — ADOLFO HERBSTER — USOS E COSTUMES DA FORTALEZA ANTIGA — INTENDENTES E PREFEITOS — A CIDADE DOS NOSSOS DIAS — FILHOS ILUSTRES

AO PRIMEIRO arrebol do século dezessete inicia-se à colonização do Ceará, retardada já pelo fato de Antônio Cardoso de Barros, antigo donatário da capitania, não ter dado o ar da sua graça nas plagas que lhe foram concedidas por mercê de D. João III.

Coube a Pero Coêlho de Sousa, a primeira tentativa de posse e estabelecimento no antigo Ceará Grande. Acompanhado de aguerrida tropa, o bravo Capitão-mór, a 18 de janeiro de 1604, alcança a foz do rio Camocim. Vai à Ibiapina, celebra paz com os indígenas, Tenta ir ao Maranhão e a tropa nega-se a a acompanhá-lo, por ser emprêsa temerária. Vem então à barra do rio Ceará e deixa Simão Nunes Correia na direção do Fortim de São Tiago na Nova Lisbôa, que devia ser a futura séde da Nova Lusitania, colônia que por êle seria estabelecida nas terras cearenses.

Vai à Paraíba conseguir munições e mantimentos. Ao regressar, 18 mêses depois, ao lado de sérias dificuldades encontradas constata que João Soromenho, encarregado de trazer a ajuda material de Diogo Botêlho, havia desviado, fraudulentamente, os viveres e armamentos.

Desiludido, transfere o fortim de São Tiago para as margens do rio Jaguaribe, onde ergue o Forte de São Lourenço. Com lutas e deserções, resolve abandonar o posto e se encaminha para o Forte dos Três Reis Magos, no Rio Grande do Norte. A travessia foi um episódio dantêsco e nele ressalta a figura heróica de uma grande mulher a sua esposa, D. Tomazia.

Desta primeira tentativa ficara apenas a experiência conquistada por Martim Soares Moreno, que fôra companheiro de Pero Coêlho.

Anos depois, já nos idos de 1607, estiveram pela serrania da Ibiapaba, os padres jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira, notáveis missionários, cuja história é um poema de dôr e de sofrimentos e que terminou tragicamente, com o martírio de um e o naufrágio do outro.

MARTIM SOARES MORENO, O COLONIZADOR

Fracassadas as duas primeiras tentativas de colonização, o Ceará permaneceu, por longos anos, numa profunda noite de abandono, apenas rubramente clareada pela cubiça da pirataria da costa que perlustrava como nas lendas e tradições, terras desconhecidas à cata de tesouros . . .

Caberia, porém, ao bravo fidálgo Martim Soares Moreno a conquista definitiva do Ceará e o estabelecimento de uma colonização segura e progressista.

Foi Diogo de Mendonça Furtado, 9.º Governador Geral do Brasil, quem o escolheu e o titulou na qualidade de Capitão-mór da Capitania do Ceará. Tenente do Forte dos Três Reis Magos, a sua bravura já corria mundo. Corajoso, forte, honesto, tinha nalma raras virtudes. Antes de chegar à Bahia, para se avistar com Diogo Furtado, repeliu franceses, com grande coragem e destemor.

Foi a 20 de janeiro de 1612, que Soares Moreno desembarcou à barra do rio Ceará, nas imediações de Caucaia. Trazia apenas um clérigo e seis homens. Nada mais.

Constrói, então, com o auxilio de Jacauna, o fortim de S. Sebastião e manda erigir capela sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo.

O pequeno forte repeliu vários assaltos de corsários franceses, dentre os quais um realizado pelo valente Du Prat, useiro e veseiro em tremendas bravatas.

Em 1613 vai ao Maranhão. Vencido pelos indigenas, vai ter a Portugal. De lá volta em 1621 e é recebido entre festanças no antigo arraial em franca decadência. Reconstroi tudo. Traz famílias novas. Fomenta a agricultura e a criação de animais. Faltam-lhe,

porém, soldados e estimulo por parte do govêrno geral do Brasil, pelo que apresenta queixa a Portugal.

Diante da luta que se esboça em Pernambuco, Soares Moreno vai prestar melhores serviços contra os holandeses, deixando, assim, o Ceará.

Foi êle, evidentemente, o nosso colonizador, por isso que de sua obra iniciada, em 1612, principiou a vida organizada em nossas terras.

LUTAS E REVEZES

Com a decadência do poderio português e o advento do domínio holandês no Brasil principalmente no norte e que tinha quartelmestre no Recife, o antigo arraial de N. S. do Amparo, caiu em desalentadora decadência e à espera de dias tempestuosos.

Aos 25 de outubro de 1637, dois barcos holandeses chegam a Mucuripe. Deles desembarcam 125 soldados, sob o comando do Capitão Hendrick Huss e com ordens terminantes de Mauricio de Nassau, no sentido de dominarem a Capitania do Ceará.

Bartolomeu de Brito ofereceu uma resistência dramática, heróica e impressionante, mas quedou afinal diante da superioridade numérica.

Sucederam-se dias terriveis por isso que o gentio não se adaptou ao sistema violento dos discípulos de Nassau e em 1644 dá-se uma revolta geral com o massacre de toda a tropa flamenga, inclusive Gedeon de Morris, que sucedera a Hendrick Van Huss, no comando do Forte.

O FORTE DE SCHOONENBORCH

Até então, o teatro da luta, do inicio da colonização, do primeiro arrabalde, vinha sendo as cercânias da barra do rio Ceará, para além do bairro atual da Brasil Oiticica. Novo local, novo ambiente geográfico iria agora entrar em cena, com Matias Beck.

Foi numa manhã de 3 de abril de 1649, que Matias Beck aportou ao Ceará. Comandava pequena frota de três iates e dois barcos de menor calado, cuja tripulação alcançava o total de 298 homens.

Escolhendo local apropriado, faz erguer ligeira paliçada, provisória, nas proximidades do morro Muruiaitiba, à margem do pequeno rio Pageú, ainda hoje existente, embora que muito definhado.

Com traçado do engenheiro Ricardo Caar, manda erguer então, um Forte relativamente resistente e situado exatamente na região descrita. Dá-lhe o nome de «Forte de Schoonenborch» em homenagem ao governador holandês de Pernambuco. Entrementes, Carel Helbach e Hans Simplesel realizam pesquisas de minas no monte Itarema, serrania de Maranguape.

Não sabemos porque razão João Brígido nega a existência dêste Forte. Mas a autoridade inconteste de Carlos Studart Filho o dá como erigido. E, de fato o foi, pois existe de planta no Real Museu de Munich e figura também no Diário de Matias Beck.

Com a capitulação de Taborda, em 1654, os holandeses se retiram do Ceará, deixando aqui incontestavelmente escolhido já o local onde mais tarde se ergueria a linda Fortaleza decantada por Paula Ney.

Coube a Alvaro de Azevedo Barreto, nomeado Capitão-mór do Ceará, mudar o antigo nome do Fortè de Schoonemborch para «Fortim de Nossa Senhora da Assunção» e, ao capelão Pedro Morais, erguer pequena capelinha em suas vizinhanças.

A PRIMEIRA, PARA O AQUIRAZ

É ao despontar do século dezoito que principia a existência da atual cidade de Fortaleza, por isso que em torno do presidio se levantam as primeiras moradias de taipa, com chão de barro batido. O arrabalde cresce e já conta com mais de duzentos moradores.

Aos 13 de janeiro de 1699. El Rei concede Ordem mandando erigir a primeira Vila da Capitania. Aos 25 de janeiro de 1700, dão-se as eleicões. Em 1701 é transferida para a Barra do Ceará. Em 1708 volta para o antigo local, para o Pageú. Em anos posteriores é novamente transferida para onde outrora se erguera o Forte de São Sebastião, Barra do Ceará.

É quando, então, pela Ordem Régia de 30 de janeiro de 1711, é transferida definitivamente para o Aquiraz, o que somente se efetivou aos 27 de julho de 1713. Aquiraz passava, destarte, a ser a séde do govêrno do Ceará de então. como aliás, já escrevemos em outros trabalhos.

A transferência foi um Deus nos acuda. Ninguem se conformou e a revolta envolveu os principais personagens da época, inclusive o padre João de Matos Forte, então vigário da Vila. Foi uma tempestade . . .

FUNDA-SE O MUNICÍPIO DE FORTALEZA

Reclamações, protestos, abaixo-assinados, relatórios, e oficios foram encaminhados ao Governador Geral. Diante do fato é baixada uma Ordem Régia, datada de 11 de março de 1725, criando nova Vila em Fortaleza.

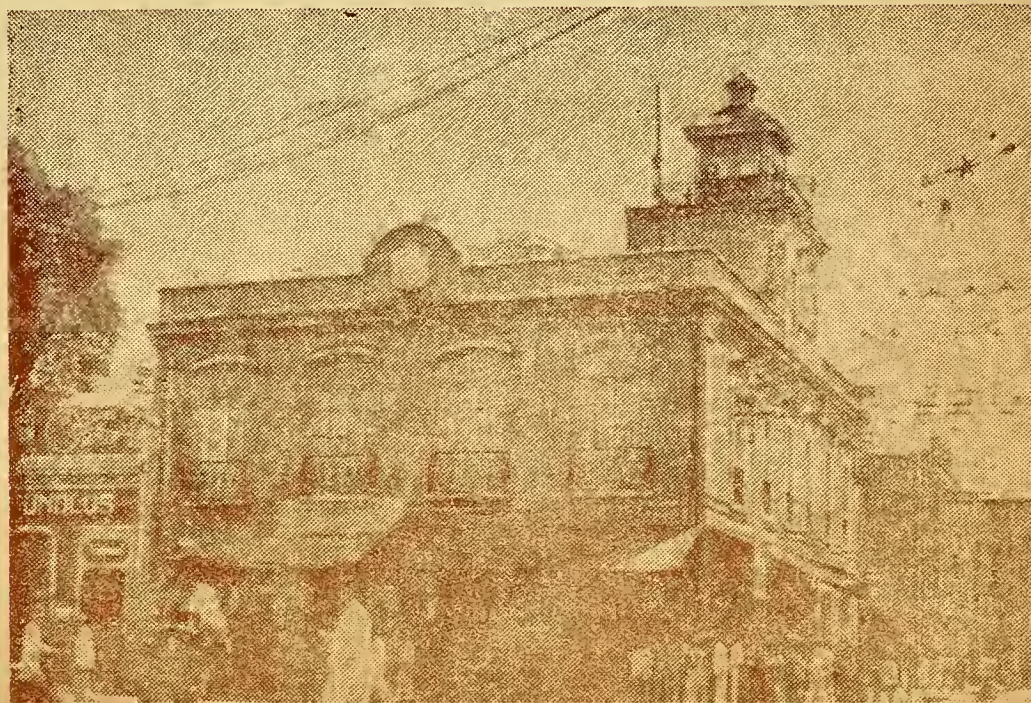
Aos 13 de abril de 1726, foi solenemente instalada a Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, com a posse dos seguintes juizes ordinários e vereadores: Antonio Gomes da Silva, Clemente Azevedo, Jorge Silva, Pedro Morais de Sousa e João Fonsêca Machado. Uma ata lavrada, na ocasião, assim rezava: —

«Manoel Francez, Capitão-mór da Capitania do Ceará Grande, a cujo cargo está o govêrno della, por Ordem de Sua Majestade que Deus Guarde, ètc., etc., fundo e creio esta villa em nome D'El Rei Nosso Senhor, para que nomeio Vossas Mercês por juiz e mais officiaes do Senado e da Camara, para que como bons e fieis vassalos administrem justiça aos moradores desta villa e cuidem em seu augmento e do bem commum, guardando a tudo as ordens e fiel vassallagem ao dito Senhor, agradecendo a mercê de os honrar com esta mercê, etc., etc., Fortaleza de Nossa Senhora da Assunpcão, treze de abril de mil setecentos e vinte e seis. O Secretário Simão Gonçalves de Sousa. — Manoel Francez».

Anos depois, isto é em 1799, aqui chega Bernardo Manuel de Vasconcelos, Chefe de

FORTALEZA — Antonio Rodrigues Ferreira, o boticário que foi Intendente e reformador da cidade

DR. PAULO CABRAL — Atual Prefei
— Plano da Cidade e Usina de Mucuri

FORTALEZA — Histórico Edifício da Intendência Municip

FORTALEZA — Bancos do Brasil e Frota Genti e Edifício Sul Améric

ORTALEZA — Uma as lindas residências da Aldeota

FORTALEZA — **Jangadeiros** — Tela de Raimundo Cela

esquadra e que foi o nosso primeiro governador. Prestou-nos, Vasconcelos três notáveis melhoramentos; Côrpo de Milicianos, Baterias no Porto do Mucuripe e Casa para Inspeção de Algodão.

Depois veio Luiz Barba Alardo, 3.º Governador, que instalou no antigo Outeiro, uma fábrica de louças; lançou o imposto predial pela primeira vez, tendo arrecadado 236 cruzeiros e sessenta centavos por recair em 159 prédios existentes; realizou, ainda, o nosso primeiro censo que deu para a Vila, 9.624 habitantes . . .

SAMPAIO E PAULET

Aos 12 de janeiro de 1820, assume o govêrno da Capitania, o notável Manuel Inácio Sampaio. Foi êle quem nos deu, efetivamente, o atual traçado de Fortaleza, por isso que o seu auxiliar, engenheiro Antonio da Silva Paulet foi o autor da planta que adotava a forma quadrangular para o desenvolvimento da florescente Vila. Aprovado o projeto pela Câmara, que aliás foi quem solicitou ao Governador, foi dado início ao traçado com o alinhamento da Rua Sampaio, hoje Governador Sampaio e que fica à margem direita do Pageú, em nossa Capital.

O inglês Henri Koster disse que, àquela época tinhamos um quadro de quatro ruas, sem calçamento, com casas de calçadas de tijolo, três Igrejas, o Palácio do Govêrno, a Casa da Câmara, a Cadeia e a Tesouraria.

Foi Silva Paulet, estimulado por Inácio Sampaio, quem construiu a atual Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, cujo inicio data de 12 de outubro de 1812. Custou vinte mil e trezentos cruzeiros, afora dezesseis mil e cem de donativos!

Em 1817 colocaram-lhe a seguinte placa: — «As naus escarneciam de mim quando eu era um monte informe; agora, que sou uma grande fortaleza, de longe tomam-se de respeito. Aqui, reinando D. João VI. Sampaio me fundou bela e o engenho de Paulet esplandece. Os donativos dos cidadãos me tornam forte pelas muralhas e os dispêndios reais me fazem forte pelas armas» . . .

O BOTICÁRIO FERREIRA

Em 1825, chegava a Fortaleza o boticário Antonio Rodrigues Ferreira que, tendo aqui se radicado, durante dezoito anos aplicou todo o seu prestígio político no embelezamento da cidade.

Natural de Niteroi, Ferreira foi eleito vereador à Câmara Municipal de 1842, e, logo mais, escolhido para seu Presidente.

Na sua administração foi elaborada uma planta da cidade e na mesma foram feitas várias modificações no antigo traçado. Tudo foi efetivado graças à sua ação dinâmica, honesta e empreendedora.

A fim de testemunhar a sua gratidão, a Câmara Municipal resolveu mudar a antiga denominação da Praça Municipal, para Praça do Ferreira, nome que ainda hoje continúa, apesar de em certa época quererem batizar-lhe com a denominação de Praça 7 de Setembro em homenagem à nossa maior data nacional.

Foi um homem notável, de caráter retilineo, cordial, popular e em cuja botica se reuniam os principais da saudosa quadra . . .

CIDADE EM 1823, COM UM BELO NOME

Ao principiar o século dezenove, Fortaleza tinha dez mil habitantes. Não superava as Vilas do Icó e do Aracatí, ricas e prósperas.

Não podia nem mesmo manter um médico e um dentista, sendo de usos e costumes modestos. A sua principal instituição era a Câmara com a sua vereança notabilissima, por isso que compunham-na os melhores da terra. Ela obrigava os pescadores a fornecer o peixe todos os dias, sob pena de 30 dias de prisão e fixava, também, tabela de preços que àquela época, era, realmente, cumprida, pois não se conheciam a propina.

O povo vivia despreocupadamente. Gala somente nos dias de missa e do beija-mão.

O trajar era original, vez que as mulheres, usavam sapatos de velbutina com fivelas de ouro, grandes mantilhas em côres vivas, e vestidos de cetim e veludo.

Os homens lá se iam com as suas enormes casacas de côr preta ou azul, com botões dourados e calções bem justos, bengala com castão a ouro completava a vestimenta . . .

O Papangú, Batuque, Pagé e Fandango divertia os arrabaldes que tinham o seu ponto alto quando aparecia a nau Catarineta.

Foi nêste ambiente simples, romântico e sereno que a 18 de março de 1823, a vila de Fortaleza, foi elevada à categoria de cidade. A carta de lei foi expedida nos seguintes têrmos:

«D. Pedro, pela Graça de Deus e Unânime Aclamacão dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brazil. Faço saber aos que esta Minha Carta virem: Que, Tendo Eu elevado este País à alta dignidade de Império, como exigem a sua vasta extensão e riqueza, etc., etc. Houve por bem Meu Imperial Decreto de 24 do mez proximo passado em memoria e agradecimento de tantos e tão relevantes servicos, que ela tem prestado. Elevar à categoria de cidade todas as vilas que forem capitães de Provincias; e havendo anteriormente esta mesma condecoração em favor da Vila de Fortaleza da Provincia do Ceará a comarca da mesma vila em seu nome e do Clero, Nobreza e Povo, pelos atendiveis motivos, que se verificarão em Minha Augusta Presença em Consulta da Mesa do Desembargo do Paço: Hei por bem, Tendo a tudo consideração, que a dita Vila de Fortaleza fique erecta em cidade e que por tal seja havida e reconhecida com a denominação de FORTALEZA DA NOVA BRAGANÇA, etc., etc.. Dado no Rio de Janeiro, aos 18 de março de 1823, segundo ano de Independência e do Império. — Imperador, com Rubrica e Guarda».

Ao correr dos anos, já cidade, Fortaleza teve notável guardião da sua beleza urbanística personificado em Adolfo Herbster, o pernambucano admirável cujos serviços orientaram o traçado de nossa Capital até 1931.

Daí para cá, verdade é dizê-lo, «a loira desposada do sol» perdeu, para talvez nunca

mais encontrar, o seu antigo e belo planejamento de ruas, praças e jardins.

Paulo Cabral, com o plano Saboia Ribeiro, pretende delinear rumos seguros para o desenvolvimento de Fortaleza. É uma louvável e salutar iniciativa que muito credencia a sua administração.

ADMINISTRADORES DE FORTALEZA

A cidade de Fortaleza teve várias formas de administração que variaram de acordo com o govêrno adotado no Brasil, consequentemente no Ceará, Colônia, Província e Estado.

De 1726 a 1822, a função de dirigente da vida pública fortalezense era atribuida aos Juízes Ordinários. Ja na quadra imperial, o cargo cabia ao Presidente da Câmara Municipal de Vereadores, ora eleito pelo legislativo da cidade, ora nomeado pelo Governador. Vai de 1822 a 1890.

Neste período, sobressairam-se, entre outros, José Ferreira de Lima Sucupira, que governou a cidade de 1833 a 1836; Dr. José Lourenço de Castro e Silva, de 1841 a 1843; o famoso Antônio Rodrigues Ferreira Macêdo, o homem que reformou Fortaleza, cuja memória é lembrada pela denominação do principal logradouro, no centro da cidade, «Praça do Ferreira», e que governou, a «Loira desposada do sol», de 1843 a 1849; Dr. Manuel Teófilo Gaspar de Oliveira, 1850; Antônio Tedorico da Costa, 1865 a 1869; Guilherme Cesar da Rocha, 1883 a 1885; João Crisóstomo da Silva Jataí, 1884 a 1886 e Telésforo Caetano de Abreu, 1887.

No período republicano, que se iniciou em 1889, houve modificação para melhor, isto é, passou a existir o Consêlho de Intendência, cujo Presidente tinha funções equivalentes aos atuais Prefeitos. Os componentes do Consêlho eram em número de cinco, nomeados pelo chefe do govêrno.

Os Intendentes mais destacados foram: José Bezerril Fontenele, 1890; Joaquim de Oliveira Catunda, 1891 a 1892; Guilherme Cesar Rocha, 1892 a 1912; Dr. João Marinho de Andrade, 1912; Ildefonso Albano, 1912 a 1914 que foi o último dos nossos Intendentes, visto como, a partir de 1914, a lei criava o cargo de prefeito.

A partir deste período, tivemos, então, os seguintes Prefeitos de Fortaleza: — Cel. Casemiro Ribeiro Brasil Montenegro, de 1914 a 1918; Dr. Rubens Monte, de 1918 a 1920; Ildefonso Albano, de 1921 a 1924; Dr. Godofredo Maciel, que nos governou de 1924 a 1928; Alvaro Nunes Weyne, de 1928 a 1930; Dr. Cesar Cals de Oliveira, de 1930 a 1931; Engenheiro Antonio Urbano de Almeida, 1931; Dr. Manuel Tibúrcio Cavalcante, 1931; Dr. Raimundo Girão, 1933 a 1934; Dr. Plinio Pompeu de Saboia Magalhães, 1934 a 1935; Dr. Gentil Barreira, 1935; Novamente, Alvaro Nunes Weyne, de 1935 a 1936; Dr. Raimundo de Alencar Araripe, eleito pelo povo. Em 1937, com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 o Governador Menezes Pimentel, então nomeado Interventor Federal, conserva o mesmo Prefeito de Fortaleza, já agora por ato de nomeação assinado pelo chefe do executivo cearense. Em 1945, o Dr. Alencar Araripe é substituido pelo senhor Oscar Barbosa. Em seguida é substituido pelo senhor Ruy Guedes. Logo mais é nomeado o Dr. Cesar Cals de Oliveira. Este, por sua vez demora poucos meses à frente da municipalidade, sendo substituido pelo Dr. Romeu Martins. Em seguida, é nomeado pelo Interventor Machado Lopes, o senhor Clóvis Matos.

Como mudava-se de Interventor constantemente, sucediam-se, da mesma maneira os Prefeitos de Fortaleza.

Com a volta ao regime da legalidade, é eleito Governador do Ceará o Des. Faustino de Albuquerque e Souza que nomeia, então, para chefe da municipalidade o Dr. José Leite Maranhão, época em que esteve no cargo ,em interinidade, o Dr. Jorge Moreira da Rocha.

Em 1947 realizam-se as eleições para o cargo de Prefeito de Fortaleza, sendo eleito, por grande maioria de sufrágios, o Dr. Acrísio Moreira da Rocha. Nesta quadra, na qualidade de Presidente da Câmara Municipal, o Dr. Alisio Mamede respondeu pelo expediente da municipalidade.

Em 1951, no dia 31 de janeiro, é empossado o atual Prefeito Dr. Paulo Cabral de Araújo que, tendo de ir à Capital Federal tratar dos interesses do município, foi substituido pelos vereadores Antonio Mendes e J. C. de Alencar Araripe, ocupantes, na época das funções de Presidente da Câmara Municipal.

De regresso, ao reassumir a direção da municipalidade, o Dr. Paulo Cabral anuncia a aquisição de poderosa uzina termo-elétrica a ser inaugurada ainda no seu govêrno.

Administrador dinâmico e criterioso, o atual Prefeito de Fortaleza vem realizando inumeras obras de interesse geral da coletividade.

ALGUNS DOS FILHOS ILUSTRES

Dentre muitos outros, passamos a enumerar algumas figuras proeminentes do Ceará, nascidas em Fortaleza.

Alberto Nepomuceno, notável músico brasileiro; Dr. Antonio Teodorico da Costa, engenheiro e escritor; D. Xisto Albano, antigo Bispo do Maranhão; José Martiniano de Alencar, notável romancista e parlamentar brilhante da quadra imperial; General José Clarindo de Queiroz, Presidente do Estado; General Marcos Franco Rabelo, Presidente do Estado; Dr. Oto de Alencar e Silva, Grande matemático; Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil, cientista; Juvenal Galeno da Costa e Silva, poeta; Cel. Filgueiras de Melo, herói do Paraguay; Guilherme César da Rocha, grande prefeito de Fortaleza; Dr. Guilherme Studart, Barão de Studart, o nosso maior historiador; Manuel de Oliveira Paiva, romancista e Leiria de Andrade, notável tribuno e cultura admirável.

A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

Em população, Fortaleza é hoje a sexta capital do Brasil. De 1930 aos nossos dias tem crescido vertiginosamente. É bem iluminada, as suas ruas são amplas, pavimentadas a asfalto, concreto, paralelepipedo e pedras toscas. Possuia residencias lindíssimas, notadamente nos bairros Aldeiota e 13 de Maio.

As suas praças são bem arborizadas e contam com alguns monumentos expressivos tais como os de José de Alencar, Pedro IIº e General Tibúrcio.

É cidade que beira aos 300.000 habitantes, com excelentes vias de acesso que demandam os sertões, linhas aéreas, ferrovias, e caminho marítimo.

O ensino conta vários estabelecimentos de ensino superior, dentre os quais a Faculdade de Direito, de Medicina, de Agronomia, Filosofia, Ciências Economicas e Farmácias e Odontologia. Contam-se, às dezenas, os colégios e ginásios. Registrem-se as escolas profissionais do Sesi e Industrial, esta com belo e moderno edifício.

O ensino eclesiástico conta com excelentes e tradicionais seminários e colégios.

As suas Igrejas são tradicionais e imponentes, destacando-se a do Pequeno Grande, Cristo Rei, Patrocínio, Prainha e outras.

Há clubes diversionais como o Náutico Atlético Cearense, orgulho do Brasil. Ressalte-se, ainda, o Clube Maguarí, Diários e Ideal, todos em sédes magníficas.

O comércio se desenvolve em centenas de casas importantes, notando-se a sua vida econômico-financeira movimentada por mais de uma dezena de bancos.

Das associações de classe se destacam: — Associação Comercial, Fenix Caixeiral, Centro Estudantal Cearense, Centro Médico Cearense, Associação Cearense de Imprensa, Associação dos Chauffeurs, Associação dos Moços Católicos, etc.

Há grandes edifícios no centro da cidade, tais como Sul América, Granito, Diogo, Ventura, Pajeú, Excelsior Hotel, Studart, Jesuino, Palácio do Comércio, Correios e Telegráfos, Palácio da Justiça, Secretaria de Polícia, Carneiro, A. C. I., Filomeno, Parente, e muitos outros.

Contam-se inúmeras fábricas de tecidos, óleos vegetais, vidros, louça, papel, sabão, cigarro, bebidas, conservas, etc.

A vida intelectual é agitada, sobressaindo-se instituições tradicionais como o Instituto do Ceará, Instituto do Nordeste, Academia de Letras, Salão Juvenal Galeno, Academia Centrista de Letras e outras.

A imprensa conta com mais de dez órgãos diários, registrando a existência de várias revistas literárias e científicas. Todos os anos publicam-se mais de uma dezena de obras de autores cearenses.

Há casas de diversões moderníssimas como Cine Diogo, Teatro José de Alencar e e Cine Samburá.

De modo geral, o povo anda bem vestido. O fortalezense é afável, acolhedor e simpático.

ROTEIRO CRONOLÓGICO

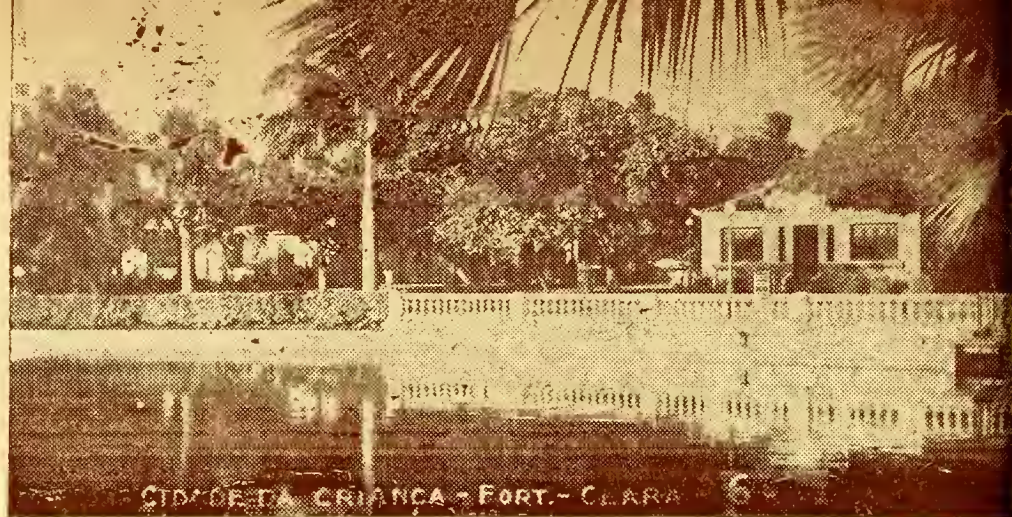
ADMINISTRAÇÃO DR. PAULO CABRAL DE ARAÚJO

Medidas do interesse público — Realizações entregues ao povo

DESENVOLVIMENTO	DATA
— Posse solene no Palácio Iracema, séde da Prefeitura	31— 1—51
— Nomeação do Secretariado que ficou assim constituido: — Educação e Serviços Internos: João Jacques Ferreira Lopes; Fazenda: Dr. Plauto Feijó Benevides; Saúde: Dr. Sílvio Leal; Obras Públicas: Dr. Hélito Pamplona; Serviços Urbanos: Dr. Edgar Leite Ferreira	31— 1—51
— Instituição das Feiras Livres em caráter permanente	18— 3—51
— Abertura de inscrições para reserva de 4.300 novos telefones — Ampliação contratada com a Erickson do Brasil Com. e Ind.	24— 3—51
— A Prefeitura obtem do Ministério de Educação licença para o funcionamento, ainda este ano, do Ginásio Municipal	18— 4—51
— Convênio da Municipalidade com o Laboratório Biológico do Estado para uma campanha contra a febre aftosa	25— 4—51
— Pela 1.ª vez, em muitos mêses, a Prefeitura põe em dia o pagamento do seu funcionalismo	25— 4—51
— A Câmara Municipal autoriza o Prefeito a contrair um empréstimo de Cr$ 15.000.000,00 afim de pagar os vencimentos atrazados do funcionalismo decorrentes da Lei n.º 137, de 29/4/949 e Lei n.º 105, de 4/12/948 que reajustaram os vencimentos dos servidores mas que não foram postas em vigor pela administração anterior	28— 4—51
— Entra em funcionamento o Ginásio Municipal, devidamente instalado e equipado	2— 5—51
— O Prefeito faz a sua declaração de bens	16— 5—51
— Inauguração do Matadouro da Vila de Mondubim	26— 5—51
— Inauguração de um chafariz público no bairro de Monte Castelo	23— 6—51
— Início do 1.º Campeonato Brasileiro de Xadrez, pela primeira vez realizado no norte do País, sob o patrocínio da Prefeitura	5— 7—51
— Encerramento dos serviços de dedetização de prédios em Fortaleza em cooperação com o Serviço Nacional de Malária — Foram dedetizados	

DESENVOLVIMENTO	DATA
12.000 prédios	24— 7—51
— Viaja para a Capital Federal o Prefeito Paulo Cabral afim de iniciar providencias para a instalação de uma Uzina Termo-Elétrica em Mucuripe e ampliação do Serviço Telefônico	31— 7—51
— O Hospital de Pronto Socorro passa a dispor de quatro ambulancias	8— 8—51
— O Prefeito Paulo Cabral é recebido no Catete pelo Presidente da República a quem solicita apoio para a solução do problema de energia elétrica	10— 8—51
— O Banco do Brasil oficia ao Prefeito assegurando a concessão de fiança e aval para a aquisição da Uzina Elétrica	20— 8—51
— Regressa a Fortaleza o Prefeito Municipal com a solução assegurada para o problema de energia elétrica	30— 8—51
— O Prefeito envia uma Mensagem à Câmara solicitando autorização para contratar os serviços de instalação da nova Uzina Elétrica a ser construida no Mucuripe	20— 9—51
— É instalada a Sub-Prefeitura da Vila de Antonio Bezerra	26— 9—51
— É sancionada a Lei n.º 343, criando o Departamento de Pessoal e Organização destinado a coordenar e a superintender os serviços de pessoal da municipalidade	2—10—51
— É sancionada a Lei n.º 377, autorizando o Prefeito a dispender a quantia de Cr$ 45.000.000,00 com a aquisição e construção da Uzina Termo-Elétrica de Mucuripe	12—10—51
— Término do reajardinamento e remodelação das avenidas e praças Pedro II, Gal. Tiburcio, Bandeira, Coração de Jesus, Gonçalves Lêdo (Carmo) e Passeio Público	17—10—51
— Reinauguração do Stadium Presidente Vargas onde foram introduzidos grandes melhoramentos	21—10—51
— Reunião, na séde da municipalidade, de engenheiros cearenses com o objetivo de debater e estudar o «Plano da Cidade», de autoria do urbanista Saboia Ribeiro	25—10—51
— Início de concursos para provimento de cadeiras no Ginásio Municipal de Fortaleza	29—10—51
— A Municipalidade inicia vasta campanha de incremento à fruticultura e de combate a saúva no município da Capital	29—10—51
— É sancionada a Lei n.º 401, autorizando o Prefeito a contratar com a Ericsson do Brasil Comércio e Indústria a ampliação do Serviço Telefônico com a instalação de mais 4.300 novos aparelhos. O custo da obra foi orçado em Cr$ 25.000.000,00	13—11—51
— Viaja, para o Rio de Janeiro, o Prefeito afim de ultimar as operações relacionadas com a instalação da Uzina Elétrica	15—11—51
— Foram concluidos entendimentos com a Ericsson para a ampliação da rêde telefônica da Capital	30—11—51
— Regressa a Fortaleza o Prefeito Municipal anunciando, para breve, assinatura dos contratos com a Comp. Brasileira de Material Elétrico Westinghouse Eletric Internacional Company para a instalação da Uzina de Mucuripe	6—12—51
— A Ceará Light concede aumento de vencimentos ao seu funcionalismo mediante acôrdo homologado na Justiça do Trabalho	7—12—51
— A Prefeitura realiza, pela primeira vez, o natal dos filhos dos funcionários	25—12—51
— Início do Serviço de Bronco-Esofologia do Hospital do Pronto Socorro, destinado a retirar corpos estranhos, a cargo do médico Paulo Machado	1— 1—52
— A Municipalidade inicia a distribuição de sementes com os agricultores pobres do município	9— 1—52
— Chega a Fortaleza o Dr. Camilo de Menezes, Diretor do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, afim de estudar, em cooperação com a Prefeitura a construção de um canal para retificação do curso do riacho Tauape, em Jardim América	10— 1—52
— A Municipalidade faz a primeira experiência com a pavimentação a asfalto na Rua Meton de Alencar	23— 1—52
— Transcorre o 1.º aniversário da administração Paulo Cabral, observando-se o seguinte programa :	
a) — Inauguração do Novo Hospital do Pronto Socorro cuja capacidade foi aumentada de 34 para 117 leitos. O novo Hospital dispõe de 2 salas de operações, sendo considerado o melhor do nordeste.	
b) — Inauguração da pavimentação da Avenida 14 de Julho, antiga Estrada do Gado, com 4 quilômetros de extensão.	

FORTALEZA — Secretaria dos Negócios da Fazenda

'ALEZA — Cidade
da Criança

FORTALEZA — Praias

ALEZA — Centro
da cidade

DESENVOLVIMENTO	DATA
c) — Inauguração das obras de ampliação do Matadouro de Parangaba d) — Pavimentação da Vila de Mondubim. e) — Inauguração do Play-Ground da Praça dos Libertadores, em frente da Igreja N. S. das Dôres — Otavio Bomfim. f) — Inauguração do Chafariz da Vila de Antonio Bezerra.	
— Assinatura do contrato com a Ericsson do Brasil para a ampliação da rêde telefônica com mais 4.300 aparelhos	19— 2—52
— Volta a funcionar, em dependência do Hospital de Pronto Socorro, cedido pela Municipalidade, o Instituto Pasteur	20— 2—52
— O Prefeito envia Mensagem à Câmara propondo a modificação da cobrança dos impostos predial e de Indústria e Profissão, afim de facilitar o pagamento por parte dos contribuintes; referidos impostos passaram a ser pagos em 4 prestações anuais em vez de 2 como até então ..	21— 3—52
— Tomam posse os membros da extinção dos mocambos, criada por lei municipal	28— 3—52
— Começa a trabalhar a moto-niveladora «Patrol» adquirida pela Prefeitura para o serviço de consertação e construção de estradas no município	2— 9—52
— É autorizada a Ceará Light a receber energia elétrica da Fábrica São José. Tem início, assim, o plano de emergência traçado pelo Prefeito com o aproveitamento de sobras oferecidas pelas indústrias locais	21— 5—52
— Segue para o Rio o Prefeito afim de assinar os contratos com o Banco do Brasil e companhias financiadoras para a construção da possante Uzina de Mucuripe	21— 5—52
— É sancionada a Lei que cria o «Diário Oficial do Município»	24— 5—52
— Chegam a bom termo os entendimentos entre o Prefeito e a Fundação da Casa Popular para a construção de um conjunto de 456 casas no Bairro do Picí. A Municipalidade, doou o terreno, ficando a seu cargo a urbanização, pavimentação e energia	2— 6—52
— O Senhor Ricardo Jafet assina fiança e aval, como Presidente do Banco do Brasil, para a aquisição da Uzina de Mucuripe	30— 6—52
— Regressa, a Fortaleza, o Prefeito Paulo Cabral de Araújo vitorioso da grande batalha pela solução do problema de luz e energia	1— 7—52
— Chega a Fortaleza o urbanista Saboia Ribeiro, convidado pela Prefeitura, para debater o «Plano da Cidade», de sua autoria	8— 7—52
— Tem início a construção do prédio da Uzina de Mucuripe	30— 7—52
— Entram em funcionamento dois caminhões coletores, adquiridos nos Estados Unidos e que completam a frota de Limpeza Pública	6— 8—52
— Comissão do Plano da Cidade aprova o «Plano Saboia Ribeiro»	8— 8—52
— O Diário Oficial publica o Código de Obras, baseado no Plano Saboia Ribeiro que, assim, entra definitivamente em vigor	12— 8—52
— Inauguração do Grupo Municipal Duque de Caxias e do Curso de Preparação ao Ginásio Municipal, em prédio adaptado para este fim e localizado nas imediações da Praça Paula Pessoa	23— 8—52
— Inauguração dos melhoramentos realizados na barragem da Lagôa de Maraponga (Estrada Parangaba-Mondubim)	23— 8—52
— É firmado contrato entre a Municipalidade e a Fábrica Progresso para fornecimento de energia elétrica — plano de emergência	10— 9—52
— É sancionada a lei que autoriza o Prefeito a adquirir grupos geradores Diesel para suplementação da produção de energia elétrica, de acordo com a Mensagem da Municipalidade àquela casa	20— 9—52
— Realiza-se a concurrencia para a aquisição de Grupos Diesel, saindo vencedora a Companhia T. Janér Com. e Indústria	17—10—52
— Inauguração dos melhoramentos na Lagôa da Onça, bairro Otávio Bomfis, que foi aterrada e teve cinco ruas pavimentadas	19—10—52
— Atendendo a uma justa reivindicação dos trabalhadores da Limpeza Pública, o Prefeito baixa ato considerando extraordinário o trabalho dos domingos e feriados, autorizando o pagamento de diárias dobradas nestes dias da semana	25—10—52
— É sancionado o Estatuto do Funcionário Municipal com a inserção de vários benefícios aos servidores da municipalidade	28—10—52
— O Prefeito assina Mensagem, a ser enviada a Câmara, propondo aumento de vencimentos para os servidores da municipalidade	28—10—52
— A Prefeitura concede, pela primeira vez, premios literários sendo laureados os escritores João Climaco Bezerra, romancista; Artur Benevides e Stenio Lopes e Hermes Carleal	18—11—52

DESENVOLVIMENTO	DATA
— Transcorre o 2.º Aniversario da administração Paulo Cabral de Araújo, sendo observado o seguinte programa : a) — Inauguração de um chafariz público em Altamira; b) — Inauguração dos serviços mecanizados I. B. M. (Hollerith) da Secretaria Municipal de Fazenda; c) — Inauguração do edifício construido para a Escola Odorico de Morais, em cooperação com o M. E. S.; d) — Inauguração da 1.ª Lavandaria Pública de Fortaleza, no Açude João Lopes; e) — Inauguração do edifício construido para o Grupo Municipal Prof. Joaquim Nogueira — Vila Antonio Bezerra — feito em cooperação com o Min. Educação e Saúde; f) — Inauguração do 1.º calçamento construido em Antonio Bezerra — Ligação da Estrada de Ferro com a B. R. 13. g) — Inauguração da Praça Professor Serrano Bezerra — Vila Antônio Bezerra; h) — Inauguração do Jardim Duque de Caxias, Praça Cristo Redentor	31— 1—53
* * *	
a) — Inauguração de grandes melhoramentos introduzidos no Mercado da Praça Paula Pessôa (Restaurant, bancas de concreto e mármore, pavilhões, galpões e remodelação do velho mercado de ferro); b) — Inauguração do 1.º trecho asfaltado de Fortaleza, na Avenida Visconde do Rio Branco com 1 e ½ quilômetros de extensão c) — Inauguração do prédio construido, em cooperação com o M. E. S., para o Grupo Demócrito Rocha, em Messejana d) — Inauguração de novas instalações da Secção de Garages e Oficinas e do Gabinete Dentário para operários da Limpeza Pública e) — Inauguração do Aviário Municipal — Bairro Matadouro Modêlo f) — Inauguração do prédio para a Escola Manuel Sátiro, no distrito de Parangaba — Em cooperação com o Ministério de Educação e Saúde g) — Inauguração das obras de remodelação geral da Praça Cristo Redentor	1— 2—53
— A Prefeitura adquire o seu 1.º trator para a Secção do Fomento Municipal	3— 2—53
— Início do programa de preparação de campos agrícolas em cooperação com os particulares	11— 2—53
— É iniciada a construção da via de acesso ao conjunto residencial do Picí, através da Av. 25 de Julho	13— 2—53
— A secção do Fomento Municipal inicia a distribuição de dez toneladas de sementes e de mil enxadas aos agricultores pobres	27— 2—53
— Fábrica Brasil Oiticica passa a fornecer 550 Kwast de energia à Ceará Light para o consumo da cidade	1— 3—53
— Fica concluida a reforma geral e o reajardinamento da Praça Nossa Senhora das Dôres	13— 3—53
— A Prefeitura envia Mensagem à Câmara instituindo dois prêmios para os melhores quadros (Divisões clássica e moderna) do Salão de Abril, da Soc. Cearense de Artes Plásticas	6— 4—53
a) — Inauguração do 1.º Posto de Salvamento para banhistas, em frente do Comercial Club e do 2.º, em frente ao Náutico; b) — Inauguração do prédio construido para a Escola Casemiro Montenegro, em Itapirí — Distrito de Parangaba; c) — Inauguração do Chafariz do Campo do Pio — Bairro S. Gerardo; d) — Inauguração do Chafariz da Vila Mons. Tabosa; e) — Inauguração da pavimentação da Vila Fernandes; f) — Inauguração da nova iluminação (fluorescente) da Praça do Ferreira, centro da cidade; g) — Inauguração da Praça Fernandes Vieira, com novo jardim e completamente reformada	13— 4—53
— Ficam prontos os quatro primeiros quarteirões asfaltados da Rua Costa Barros	27— 4—53
— Entregga de prêmios concedidos pela Municipalidade ao Salão de Abril	7— 5—53
— A Municipalidade constroi mais dois pavilhões no Mercado da Praça Paula Pessôa	21— 5—53
— A Prefeitura adquire o «Zoo» particular de Parangabussú afim de trans-	

DESENVOLVIMENTO	DATA
feri-lo para os Jardins da Cidade da Criança	26— 5—53
— É sancionada a Lei que autoriza a Prefeitura a contratar um seguro de vida, em grupo, para os seus servidores	26— 5—53
— A Municipalidade baixa decreto transferindo para sí o controle dos transportes coletivos da Capital	29— 5—53
— A Prefeitura torna público, através de uma nota, quais os feriados que devem ser observados oficialmente	4— 6—53
— Inauguração da pavimentação do Bairro Carlito Pamplona com 2 quilômetros de extensão	13— 6—53
— Inauguração do Café Popular do Mercado da Praça São Sebastião com dezoito divisões de alvenaria e marmorite	13— 6—53
— A Municipalidade abre as inscrições para concurso literário, visando premiar os melhores trabalhos de escritores cearenses sobre a vida e a obra de Capistrano de Abreu	18— 6—53
— Chega a Fortaleza, para inspecionar as obras da Uzina de Mucuripe, o Eng. Mauro Ferraz Pereira	4— 7—53
— A Municipalidade inicia a construção da via de acesso a Uzina de Mucuripe, com 35 metros de largura	5— 7—53
— A Prefeitura inicia o reimplacamento dos logradouros e vias públicas, tendo adquirido para este fim seis mil placas	16— 7—53
— Inicio do asfaltamento da Rua Guilherme Rocha	20— 7—53
a) — Inauguração da Capela do Grupo Duque de Caxias; b) — Inauguração do restaurante tipo Saps, para os operários da Prefeitura, na séde da Limpesa Pública; c) — Inauguração da pavimentação da Estr. Esquadrão — Cachoeirinha; d) — Inauguração da Praça J. da Penha — Bairro José Bonifácio .... e) — Reinauguração da Praça Presidente Roosevelt — Bairro Jardim América.	
—A Municipalidade envia Mensagem à Câmara dispondo sobre a regularização dos transportes coletivos de Fortaleza	28— 9—53
— Chega a Fortaleza a 1.ª remessa de material, vinda dos Estados Unidos, destinado à Uzina de Mucuripe	28— 9—53
— Chegam a Fortaleza, procedentes da Suécia, 4.300 novos aparelhos telefônicos, bem como as novas centrais	1—10—53
— Inauguração das 456 casas construidas pela Fundação da Casa Popular em cooperação com a Prefeitura	20—10—53
— A Municipalidade faz a entrega do prêmio Capistrano de Abreu, por si instituido, ao escritor Pedro Gomes de Matos que escreveu a biografia do ilustre historiador	23—10—53
— Inauguração da Herma de Capistrano de Abreu mandada erigir pela Municipalidade na Praça que tem o seu nome	23—10—53
— O Prefeito modifica as normas de concurrência para a venda de lenha à Ceará Light, possibilitando aos pequenos fornecedores apresentarem propostas para qualquer quantidade	29—10—53
— A Fábrica São José aumenta a sua cota de fornecimento de energia elétrica para 1.200 Kws.	2—11—53
— Inauguração da Uzina Auxiliar do Meireles, completando o plano de emergência e livrando a cidade do racionamento de energia elétrica ..	5—11—53

CAMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMO FUNCIONA O LEGISLATIVO DE NOSSA CAPITAL

725 requerimentos, 260 leis municipais em 1952 — 356 requerimentos e 155 projetos em 1953 — As atividades da Câmara Municipal de Vereadores — Francisco Cordeiro na Presidência e Paula Holanda na Secretaria

Efetivamente a Câmara Municipal de Fortaleza muito tem feito nesta legislatura em benefício do nosso município e de nossa gente.

Constituida de homens que procuram acertar, que lutam e sentem os problemas de seus munícipes, a Câmara Municipal de Fortaleza, merece hoje, o respeito e a consideração dos que habitam a «loira desposada do sol». Não queremos dizer que seja a atual

Câmara composta de doutos ou intelectuais de renome. No entretanto a bôa vontade, o amor à cousa pública, o interesse em resolver os múltiplos problemas da coletividade tem-na colocado em lugar de destaque perante a população.

AS BANCADAS

A Câmara Municipal de Fortaleza é constituida de 21 vereadores, representantes de diversos partidos políticos. A União Democrática Nacional é ali representada pelos seguintes vereadores: — José Caminha de Alencarcar Araripe, Francisco de Paula Holanda, Antônio Mendes, Luciano Magalhães, José Martins Secundiano Guimarães, Maria Eulalia Rola, José Barros de Alencar. O Partido Social Democrático tem nas pessoas dos srs. João Cesar, Antonio José Azim e Raimundo Ximenes os seus representantes. Pelo Partido Trabalhista Brasileiro elegeram-se os srs. Francisco Edward Pires, Francisco Cordeiro de Sousa, Raimundo Oséas Aguiar Aragão, Gutemberg Braun, João Alves Albuquerque, Enoch Furtado Leite e Pedro de Oliveira. O Partido Social Progressista tem sua representação entregue aos srs. Valdemar Rodrigues de Oliveira, Sebastião Franco Baima e Raimundo Gomes Tavares. As lideranças das bancadas estão a cargo, dos vereadores Alencar Araripe (UDN), João Cesar (PSD), Edward Pires (PTB), e Sebastião Baima (PSP).

Um clima de respeito mutuo e normas democráticas norteiam os trabalhos do Legislativo do Município. Lá se trabalha muito. O interesse coletivo está acima de tudo. Para citar como exemplo frizante do que afirmamos, basta dizer que no decorrer da legislatura passada cêrca de 725 requerimentos foram apresentados, todos êles de apêlos e sugestões não só ao Govêrno do Município, como também aos Executivos Estadual e Federal, aos Ministros de Estado, aos Secretários Estaduais e Municipais, aos Diretores de Serviço Público pleiteando melhoria para a vida do nosso povo e de nossa gente. Na mesma legislatura cêrca de 260 projetos leis foram apresentados, todos eles de suma importância para a vida do município. Já este ano, a Secretaria da Câmara Municipal recebeu 356 requerimentos, tratando dos mais variados assuntos e cerca de 155 projetos-leis, contendo neles as aspirações da população.

Os problemas de cada bairro, de cada rua, são diariamente levados ao conhecimento do Plenário. Telefones Públicos, Escolas, Assistência aos necessitados são acolhidos com carinho.

A MESA DIRETORA

Ponto alto da conduta exemplar da Câmara Municipal, constituida do vereador Francisco Cordeiro de Sousa e Francisco de Paula Holanda (Secretário). Eleito por uma coligação de partidos, o sr. Francisco Cordeiro tem conduzido com aprumo, honestidade e justiça, fazendo do Poder Legislativo da Cidade não uma fonte de proveito, seu ou de grupinhos, mas sim uma força de cooperação ao Executivo do Município, acertando e sugerindo ao mesmo tempo as medidas a serem tomadas em benefício da população. Na gestão Francisco Cordeiro várias e importantes providências estão sendo tomadas no sentido de manter o bom nome da Casa perante a população, bem como na organização da Casa dos legisladores, municipais que, diga-se de passagem, estão pessimamente instalados. Agora mesmo vem o sr. Francisco Cordeiro de proceder uma completa reforma no casarão em que funciona a Câmara Municipal, visando, antes de tudo, melhor acomodação para os que ali servem aos interesses da população.

Também a Secretaria da Câmara Municipal, entregue aos cuidados do jornalista Antônio de Pádua Campos tem agora novo aspecto. As proposições apresentadas, graças à orientação que vem imprimindo Pádua Campos áquele setor e também a dedicação do eficiente quadro de funcionários da Câmara, têm andamento rápido e as informações solicitadas pelo público são dadas em espaço de tempo que impressiona.

Felizmente podemos dizer que no velho casarão da Barão do Rio Branco, vinte e um homens trabalham, modestamente e sem publicidade, pelo bem da coletividade fortalezense e pela melhoria sempre crescente de nossa bela Capital.

FRADE

PÁTRIA DE SAMUEL FELIPE DE SOUZA UCHÔA

DEMORA EM RICA REGIÃO, MAS É MUNICÍPIO POBRE — O FAZENDEIRO DEIXOU O PASTOREIO E TOMOU A BATINA DE FRADE — A BANDEIRA DO FAMÔSO MATIAS CARDOSO — LUTA DOS MONTES E FEITOSAS — O PRIMEIRO VIGÁRIO E A CAPELA ERIGIDA POR ANTONIO OLIVEIRA — FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

FRADE é um dos municípios antigos do Ceará, pois data de 1865. É, no entretanto, pouco desenvolvido. Tem uma área de 2.588 kms.2 o que vem a ser nada menos de 1,69 em relação à superficie total do Ceará.

As suas terras excelentes, prestando, sobretudo, para a agricultura e a criação de gado em larga escala. Desde os tempos remotos o seu povo é dedicado à gleba, sendo muito conservador. Não possuia ligação diréta com a capital, ligando-se a estrada B. R. 13 na cidade de Jaguaribe que lhe fica a poucos quilômetros de distância.

Tem uma população superior a 20.000 habitantes e, afora a cidade, possui as vilas de Jaguaribara e Poço Comprido, sédes distritais.

Está situado em pleno sertão, recebe os beneficios prodigalizados pelos rios Jaguaribe e Banabuiú. Contam-se, às centenas, as ribeiras fertilizadas pelas aguas de inúmeros riachos.

O seu povo, em geral, é pobre, não lhe seduzindo a vida agitada dos grandes negócios e do alto comércio. É gente ordeira e acolhedora, mas ligada, por traços visíveis, às mais antigas tradições regionais.

CRONOLOGIA

O municipio foi criado aos 29 de agosto de 1865 com séde na povoação Riacho do Sangue, elevada à vila com a denominação de Riachuelo, em homenagem à grande batalha da guerra contra o Paraguay.

Nesta época abrangia uma área enorme, posto que o atual município de Jaguaribe tinha a sua séde nesta vila.

Extinto em 1873, é novamente restaurado em 1879. De novo extinto em 1894, tem restauração pela segunda vez em 1926. A lei n. 193, de 20 de maio de 1931 tornou a suprimí-lo !

O seu povo, como era natural, não mais conformou-se com a injustiça tremenda de que estava sendo vítima o antigo município, criado na quadra de 1865 e movimentou-se de corpo e alma em campanha elogiável contra o ato infamante de sua supressão. Dia vai, dia vem, o Decreto n. 1540, de 3 de maio de 1935, sendo governo o Coronel Felipe Moreira Lima, é-lhe novamente restituida a sua soberania política, conservada até os nossos dias.

A vila foi elevada à categoria de cidade pelo decreto 448, de 20 de dezembro de 1938, com a denominação de Frade.

TRADIÇÕES HISTÓRICAS

Na história do Frade, há cenas e episódios interesantes, principalmente no que se relaciona com os nomes que lhe serviram de batismo, isto é, Riacho do Sangue e Frade.

Há, todavia, divergencia entre os nossos cronistas no relatar a história deste município. No entretanto tudo o que está registrado, passou-se efetivamente, valendo ser recordado.

Vários nomes de lugares no Ceará originaram-se das lutas entre os Montes e os Feitosas, potentados na quadra colonial. Como a civilização ia se estabelecendo à margem dos rios e riachos, as lutas antigas tambem se registravam nas áreas adjacentes a estes cursos dagua.

Pendencia, Arraial, Batalha, Tropas, Emboscadas, Defuntos, são nomes que surgiram de embates entre os nossos primeiros povoadores, como acentúa João Brigido no seu «Ceará, homens e fatos».

Assim é que a denominação de Riacho do Sangue é atribuida a um destes encontros havidos entre Montes e Feitosas, nas proximidades do local onde hoje se ergue a cidade de Frade que já teve aquele mesmo nome.

*
* *

Outros, porém, entre estes, Antonio Bezerra de Menezes, afirma que o nome de Riacho do Sangue adveio de um encontro tremendo entre tapuias e a bandeira aguerrida do famoso Matias Cardoso. Nesta batalha correra o sangue pelo rio afóra... Daí a denominação.

Esta, aliás, é a versão mais aceita, de vez

que, efetivamente, os paulistas vadearam rios e riachos daquela região jaguaribana.

O FAZENDEIRO QUE FOI SER FRADE

É ainda Antonio Bezerra quem nos conta acerca do toponimo de Frade, hoje denominação oficial do município e da cidade.

Em tempos recuados vivia no antigo Riacho do Sangue rico fazendeiro, homem de bem, acatado, gozando de largo conceito e prestígio em toda a redondeza. E os seus domínios se extendiam nas ribeiras do riacho das Pedras, e foram conseguidos por datas e sesmarias a si concedidas.

Por isto ou por aquilo, o Capitão Cristovam Soares de Carvalho — este o nome do nosso herói — resolve abandonar a vida do campo, do pastoreio, e internar-se num convento para receber o hábito de frade. O que fez sem mais demoras...

Os habitantes da região, quando alguem se dirigia para o antigo sítio do Capitão Cristovam, diziam: «Vai lá para o sítio do frade». «Vai pro Frade».

Dia vai, dia vem, com o correr dos anos, a região ficou conhecida por Frade, nome hoje do município.

Não há dúvida que é mais interessante do que Riacho do Sangue.

FREGUESIA DE N. S. DA CONCEIÇÃO

De acordo com os dados colhidos em «Notas para a História do Ceará», do Barão de Studart, verifica-se que a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Frade, foi criada aos 6 de abril de 1784 e compreendia uma vasta área territorial.

A atual Matriz é um templo vasto, com torreame elevado, localizada no centro da cidade e com imagens antigas. Foi o primeiro vigário o Padre Francisco da Fonseca Jaime, sendo, o atual, o Padre Luís Gonzaga Xavier.

Constriu a capela, hoje transformada, o rico fazendeiro Antonio de Oliveira e Silva e sua mulher Eugenia Maria Maciel.

Registrem-se, ainda, as capelanias de São Gonçalo (Vila Santa); Nossa Senhora do Perpetuo Socorro (Torreões) e São Vicente Ferrer, na Vila de Poço Comprido, cujos festejos são tradicionais e animados.

FILHOS ILUSTRES

Frade é terra de gente ilustre. Dentre outros, ressaltamos, em primeiro plano ter nascido neste município um dos homens mais dignos que o Ceará já possuiu, Dr. Samuel Felipe de Souza Uchôa. Homem de caráter reconhecido e proclamado, ocupou vários cargos públicos no Estado do Pará, tendo sido juiz aqui no Ceará, Era uma grande alma e uma grande cultura.

Vem, em seguida: Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, médico e grande vulto do espiritismo. Foi político ativo e deputado; Dr. Teofilo Bezerra de Menezes, jornalista e professor; João da Costa Pinheiro, engenheiro; Alexandrino Diógenes, homem de grande caráter, antigo tabelião em Fortaleza, onde era estimadissimo; Dr. Raimundo Brasil Pinheiro de Melo, antigo Secretário de Governo e atual Ministro do Tribunal de Contas; Raimundo da Silva Peixoto, jornalista e deputado; Major Pantaleão Pinheiro; Francisco de Assis Bezerra de Menezes, antigo deputado e Procurador do Reino e muitos outros ilustres rebentos elevaram, bem alto, o nome da terra em que nasceram.

EM NOSSOS DIAS

Há, atualmente, visíveis indícios de progresso na cidade de Frade. Administra o município o prefeito Helio Peixoto, rapaz estimado e criterioso. Recentemente inaugurou uma linda Praça, no centro da cidade. Alguns melhoramentos foram levados a bom termo nas vilas. Sucedeu a Carlos Peixoto, tambem bom gestor dos negócios municípais e homem estimadíssimo em todo o Frade.

Um dos seus mais sérios problemas é a construção de uma rodovia que encurte o caminho para Fortaleza. Esta ligação já está em vias de ser levada a bom termo, por isso que já se encontra no vizinho município de Solonopole, vinda já de Senador Pompeu. Terminada esta estrada, certamente será consideravelmente acelerado o progresso de Frade.

GRANJA

ANTIGA MACAVOQUEIRA

SESMARIAS E COLONIZADORES — O DÊDO DO MARQUÊS DE POMBAL — A PESTE DE 1791 — A PONTE DE FILADÉLFIA — O MONARQUISTA JOSÉ ELEUTÉRIO — A PEDRA DO TESOURO — MATRIZ DE SÃO JOSÉ — A VISITA DO CONDE D'EU — IMPRENSA E FILHOS ILUSTRES — A GRANJA DOS NOSSOS DIAS

A VERDADE é que faltavam menos de cem dias para o fim do segundo reinado, quando o Ceará se engalanou para receber a visita de Sua Alteza, o Principe Conde D'Eu, primogenito do Duque de Nemours e neto de Luís Felipe, Rei de França.

De passagem por Fortaleza, aos 2 de junho de 1889, o real consorte de Dona Isabel, filha de Pedro II, seguiu viagem até o extremo norte, regressando logo mais e visitando, nesta oportunidade, algumas cidades do interior, inclusive Granja, posto que desembarcára em Camocim.

As festas de recepção ao ilustre visitante, de ruidosas, se constituiram numa autentica consagração ao Gastão de Orleans.

Toda a cidade embandeirada, com povaréu à rua, vibrou ao saber da frenética exaltação às qualidades realmente dignas e excepcionais do Conde D'Eu e sua ilustre comitiva.

Na Câmara Municipal, edifício assobradado, de sólida e antiga construção, os festejos atingiram a sua plenitude, o seu ponto culminante, por isso que, do programa elaborado, era o ponto central para onde convergeria todo o povo, sem distinção de credo religioso e político.

Efetivamente à hora aprazada, lá estavam milhares de granjenses, ufanos e orgulhosos por terem em sua terra hóspede tão fidalgo.

Usou da palavra, nesta ocasião, o coronel Luís Felipe que falou em nome da cidade. Em seguida, foi lavrada uma ata hoje rara preciosidade, e da qual constam várias assinaturas, inclusive a do Conde D'Eu e de Luís Felipe de Oliveira, pai do atual Senador Olavo Oliveira, então Secretario da Câmara e que seria, em tempo remoto, grande chefe político no Estado, no regime republicano.

Da meia duzia de cidades visitadas pelo Conde D'Eu, Granja foi, assim, uma delas, fato que a inscreveu nas páginas biográficas do famoso Comandante em Chefe das tropas brasileiras em operações no Paraguay.

SESMARIAS E COLONIZADORES

O povoamento de Granja é um dos mais antigos que se procedeu na então Capitania do Ceará Grande.

Como acontecia ao restante do território colonial, a área onde hoje se compreendem o município de Granja e adjacências, era habitada pelos indios Tabajaras, Tapuios e Coansues.

Em 1702, Miguel Machado Freire e Domingos Machado Freire recebiam, datada de 3 de agosto, em Recife, uma doação de cinco leguas de terra, na margem oriental do Coreaú, rio que banha a cidade.

Posteriormente, o Padre Ascenço Gago, D. Jacob de Sousa Castro, capitão Rodrigues da Costa, Joaquim de Abreu Valadares e outros se estabeleceram nas cercanias de uma missão jesuitica e formaram dois povoados: um que domorava â margem da Ribeira do Coreaú e o outro que se chamou Povoado da Missão.

Finda a Missão, a totalidade dos habitantes do nóvel lugarejo tratou de se acomodar no outro ajuntamento, dominado por portugueses e que, com o tempo, passou a chamar-se Santa Cruz do Coreaú e, posteriormente, Macavoqueira. Estava iniciada a futura e prospera cidade de Granja. Firme o centro colonizador, dados os primeiros passos para o desenvolvimento do comércio que supriria uma vasta zona de penetração, os anos afóra se encarregariam do resto.

TERRIVEL MORTANDADE

Com a demissão de Montaury, a Metrópole portuguêsa nomeia para dirigir a Capitania do Ceará, o fidalgo da Casa Real Luís da Mota Féo e Torres, professo da Ordem de Cristo e que realizou em nossa terra, àquela remotissima época, um excelente governo.

Foi no seu tempo que grassou terrivel epidemia de febre em quase toda a vasta capitania, notadamente na zona norte, inclusive Granja.

O Barão de Studart, na sua História do Ceará, citando o dr. Paula Pessôa, diz que esta tormentosa peste veio das bandas do Piauí e se alastrou durante mais de quatro anos, produzindo as mais lamentáveis consequências, fazendo vítimas que se contavam aos milhares.

Tomando conhecimento do fato, Féo e

Torres, de logo, solicitou assistência por parte do governo de Pernambuco, que enviou, incontinenti, o dr. João Lopes Cardoso Machado, como chefe de uma missão médica.

Aportando no Acaraú aos 14 de outubro de 1971, entraram em ação imediatamente. Lutando contra toda sorte de tremendas dificuldades, deu-se inicio ao tratamento do povo que gemia â falta de uma botica e de qualquer presença de remédio, por mais rudimentar.

Foi uma luta terrivel. Mobilizou-se meio mundo. Sobral, Acaraú, Viçosa e adjacências assistiam à morte de dezenas de pessoas diariamente. Medicina de dois séculos atrás aplicava vomitórios, cozimentos e febrifugos... Mas, mesmo assim, a epidemia foi vencida com o tempo ou com o precarissimo receituário da época...

E, lá se veio a conta para o Féo e Torres pagar... Importava tudo na soma de três mil, quatrocentos e vinte e seis cruzeiros e setenta centavos... Compreendia pagamento à Comissão Especial, inclusive o médico chefe, ajudantes e medicamentos aplicados ! Também, só o barco que transportou a botica para a barra do Acaraú, venceu oitenta cruzeiros pelo frete...

PONTE FAMOSA, A DE GRANJA

No dia 15 de janeiro de 1881, inaugurava-se a estação ferrocarril da cidade de Granja. Anciosamente esperado, o dia em que apitou o primeiro trem, que alcançava a terra do Padre Carneiro da Cunha, foi de tremendo bulício em toda a redondeza.

O mais notavel, porém, aquilo que constituiu comentário obrigatório nas rodas da cidade, principalmente entre os mais entendidos era a construção da ponte sobre o rio Coreaú.

Efetivamente, àquela época ainda não se tinha inaugurado a ponte de Senador Pompeu e nem mesmo a de Quixeramobim, a maior do Estado.

Antonio Bezerra de Menezes que escreveu as suas «Notas de Viagem à Zona Norte», não lhe poupa os maiores elogios. Diante do colosso de ferro, o notável historiador ficou efetivamente impressionado, passando a descrevê-lo·

«É trabalho americano, saído das oficinas da «Phefixiville Bridge Works», perto de Filadelfia.

O vão sobre o rio é de 112 m. formado por dois de 56 m. cada um, tendo no meio um pilar de dois metros de grossura.

Seu volume total é de 150 m., pesando 405 toneladas. Custou, nos Estados Unidos, quarenta e seis contos. É, incontestavelmente, a mais linda sinão a mais gigantêsca do império brasileiro».

De fato, àquele tempo, a ponte de Grànja era realmente famosa, sendo assim motivo de comentário obrigatório para quem lhe admirava o magnifico porte. O preço de custo é que nos deixa admirado...

JOSÉ ELEUTÉRIO DA SILVA

Hoje, já vão rareando tipos singulares como este professor aposentado. monarquista lealdoso e exaltado, que em vida se chamou José Eleutério, tão bem retratado por Antonio Bezerra de Menezes.

Foi, não há como negá-lo, um dos homens respeitáveis de Granja. Já pela sua conhecida e proclamada honestidade, já pela generosidade ilimitada do seu coração bonissimo, Eleutério tinha verdadeira religião pela pessôa do Imperador Pedro II.

Quem o visse, falante e cheio de bom humor, tinha-lhe como abastado, quando em verdade, era pobretão, a viver de parcas rendas.

Trajando sobrecasaca preta, com chapéu alto à cabeça, já curvado pela idade, gravata tomando todo o pescoço, lá se ia, rua afóra, todas as tardes, o conhecido e estimado professor. Não havia quem não lhe respeitasse, posto que era senhor de algumas letras, enfronhado em antigas histórias e lendas do município. Fazia até gosto ouví-lo nas longas preleções acerca das velharias e coisas do passado...

O que mais o singularizava, porém, era o seu acendrado amor â Patria e ao chefe da Nação.

Basta ressaltar que, aos 2 de dezembro, data do aniversário natalicio do Imperador, Mestre Eleutério ornava flôres e o retrato de Sua Majestade e, ao som de marcha festiva, iniciava um longo discurso que terminava sob o foguetório que espoucava no art !...

LENDAS E TRADIÇÕES

Não há povo que não possua as suas lendas e tradições. De Granja, podemos citar algumas.

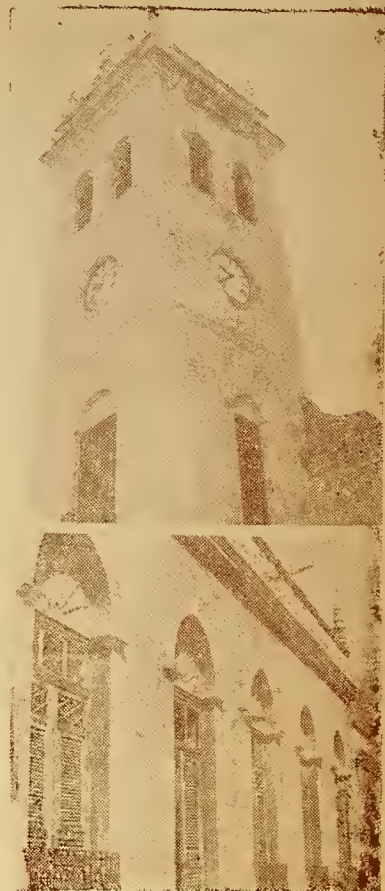
Parasinho, uma séde de distrito. A sua origem, deve-se ao seguinte fato: em 1700, um navio à vela se dirigia, pesado de mercadorias, para Pernambuco. De repente, caiu violento temporal em alto mar. Os seus tripulantes, aterrorizados, valeram-se de Nossa Senhora do Livramento, fazendo o voto de que, se fossem salvos, erigiriam uma capela à Santa milagrosa. De fato, três conseguiram escapar ao terrivel naufrágio e logo edificaram a capela de Parasinho, hoje famosa pelos milagres.

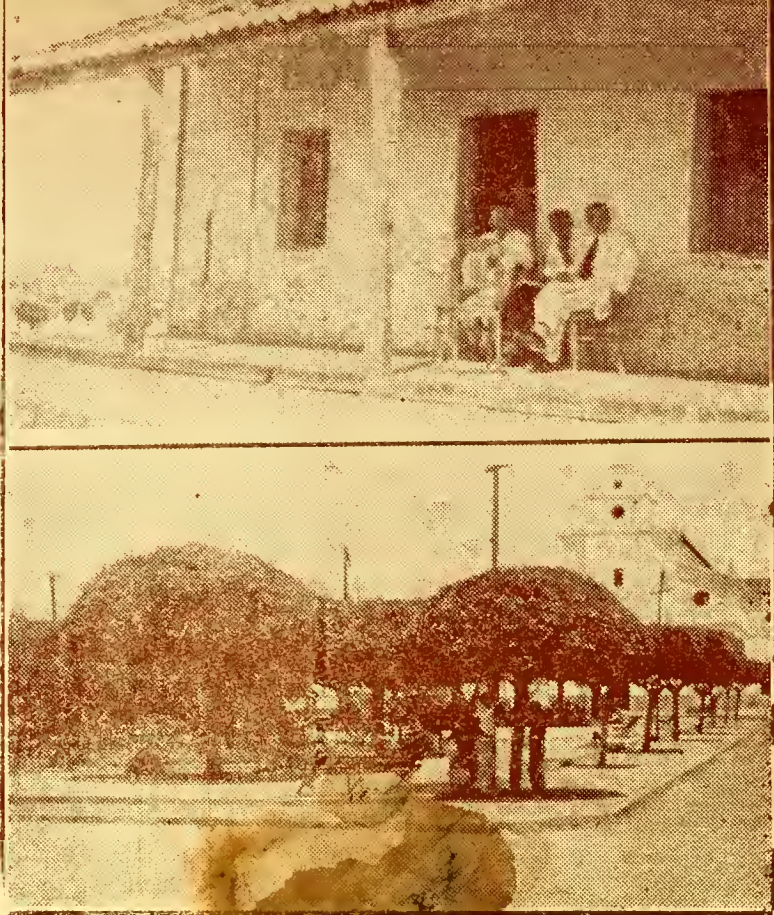
Outra lenda é a da pedra do tesouro. Denominada Pedra Redonda, o colosso granítico encontra-se a uns quilômetros da Vila de Riachão. Possui inúmeras inscrições antiquíssimas, seculares, por isso mesmo indecifráveis e que muito têm dado o que falar. Vai daí acreditar-se haver, no interior da pedra, um fabuloso tesouro, pois está assinalado... Mais de uma dezena de escavações já foram feitas à procura da riqueza imensa ali avaramente escondida pelos antepassados...

Pertinho da cidade de Granja, existe uma outra pedra que a lenda tomou conta. Em 1808, o povo, em algazarra, mata uma enorme onça que nela se refugiava e a todos ameaçava, ao cair da noite...

Na mesma pedra, em seu cimo, à tardi-

CAUCAIA — Torre da matri[z]
e famosa casa dos Correias

CEDRO — .greja-Matriz

CANINDÉ - Basilica de S. Francisco e Igreja do Sagrado Coração

CEDRO — Primeira casa de Cedro; aspecto da praça principal

CEDRO — Vista parcial da cidade

nha, havia um costumeiro jogo de cartas. Certa feita, um dos parceiros é assassinado cruelmente. A sua alma vinha à calada da noite pedir vingança. Anos mais tarde, o assassino é justiçado com uma morte semelhante, já nos arredores do Camocim... Por muitos anos, o povo se dirigia à pedra do sacrificio na busca de milagres e a rezar pela alma do infeliz.

Lendas da terra do hospitaleiro Joaquim Rocha...

A MATRIZ DE S. JOSÉ

Afóra a Casa da Câmara, sólida construção da época provincial, alguns sobrados antigos e prédios modernos, a Igreja Matriz é o mais importante monumento da cidade.

Em 1757, foi criada a freguesia da Ribeira do Coreaú, com séde em Macavoqueira. Não se prestando ainda para séde da Paroquia, esta foi provisoriamente instalada na Capela de Santo Antonio de Padua do Olho D'Agua, hoje freguesia de Coreaú.

Aos 8 de setembro de 1759, segundo Vicente Martins, foi inaugurada a Matriz definitiva, sob o orago de São José.

Progredindo a cidade e na oportunidade da tremenda sêca de 1877, alguns homens de maior expressão resolveram fazer uma reforma de base na antiga Igreja, com dois objetivos: dar trabalho aos flagelados e ao mesmo tempo melhorar o edificio de São José.

Foi o Presidente da Provincia, Desembargador Caetano Estelita Pessôa Cavalcanti quem nomeou a comissão destinada a dirigir não só os serviços da Matriz, como de outras obras públicas, tais como a construção da Câmara, do Mercado e do Cemitério.

Efetivamente, foram feitas algumas reformas, inclusive o levantamento de torres. No interior do templo pouco se tinha a fazer, neste posto que, sendo obra dos jesuitas, possuia visiveis sinais de fino gosto artistico.

Em 1793, a Irmandade do Bom Jesus dos Navegantes, mandou Antonio Gonçalves dos Santos contratar no Recife um exímio pintor que vejo exclusivamente decorar o interior da histórica Matriz.

Em nossos dias, o templo de São José está passando por uma grande reforma, graças a ação dinâmica do atual vigário, Padre Manuel Vitorino de Oliveira.

PESSÔA ANTA. HEROI DE GRANJA

João de Andrade Pessôa Anta, figura com merecido relevo nas páginas da história do Ceará. Tanto assim que, em Fortaleza, o povo reverenciou a sua memória, dando o seu nome glorioso a uma das suas principais ruas.

Nascido em Granja, aos 23 de dezembro de 1787, filho de pais ricos, teve alguma educação em criança e, logo feito homem, escolheu o comércio e a agricultura como profissão.

Desempenhou vários cargos, entre os quais o de sargento-mór de ordenanças, capitão-mór da Vila de Granja e Coronel de milicias.

Ainda moço, foi elogiado pelo Imperador quando, à frente de um grupo de valentes, fez fracassar a tentativa de Fidié contra o Ceará.

Já senhor de grande projeção na vida política da então Provincia, Pessôa Anta não ficou impassivel ante o brado de revolta do valoroso Tristão Gonçalves, posto que, rebentando o movimento armado pró República do Equador, de logo, o bravo granjense se filiou às suas hostes.

Com a tragédia de Santa Rosa, deu-se por terminado, no Ceará, o glorioso movimento, pelo que passa Pessôa Anta a sofrer terrivel perseguicão.

Fugindo à sanha dos inimigos, refugia-se nas brenhas de ignoto sertão. Já cansado, avista um seu antigo escravo, pedindo-lhe conseguisse alimento, pois há vários dias passava fome. O perverso escravo, então, veio â Granja e indicou o esconderijo do antigo senhor. O local ficou denominado de «Riacho da Traição» e dista duas léguas da cidade.

Processo vai, processo vem, a celebre Comissão Militar condena à morte Pessôa Anta, cuja execução deu-se na manhã do dia 30 de abril de 1825, na Praça dos Martires, hoje Passeio Público.

Deixou dois documentos impressionantes, posto que escrito sob o peso da desdita, na hora derradeira da vida, quando não mais lhe restava a menor esperança de perdão imperial: uma carta dirigida aos patricios e amigos e o testamento para a familia.

Na carta, há esta expressão singular: — «Peço a todos que não se magoem por minha morte por não ser ela motivada por crime que mereça a execração pública e sim por opinião que segui e se tiverem notícia que no Cadafalso mostrei alguma fraqueza não deve ser reparada porque o homem não pode resistir aos efeitos da natureza».

Tombando heroicamente em defesa dos principios que defendera, Pessôa Anta, tornou-se credor da admiração e do apreço de todo o Ceará e do Brasil.

IMPRENSA E FILHOS ILUSTRES

Granja teve os seus dias áureos. Para isto concorreu uma elite de homens inteligentes que lhe dirigiam os destinos. O seu comércio possuia notáveis tradições, dentre as quais a de que as suas firmas nunca faliam. Abrigou em seu seio portuguêses distintos, ressaltando-se a figura de Antonio Gouveia da Silva, probo e criterioso, fidalgo e acolhedor, homem de negócios que deixou familia distinta, da qual fazem parte Antonio e Guilherme Gouveia, irmãos, chefes políticos em Granja.

Em 1882, circulou o jornal «O Granjense», fundado por Antonio Augusto de Vasconcelos. «O Ensaio», «O Iracema», «O Batel», «O Idealista», dirigido por Manuel Gouveia e Carlos Gouveia; «A Luz», dirigido por Luís Felipe e Livio Barreto; «O Coreaú», dirigido por Manuel Ubatuba de Miranda e Batista Fontenele, marcou época. E, assim, a inteligência, o primado das letras brilhou no primeiro quartel deste século vinte, em Granja.

As letras e artes, no principio deste século, alcançaram notavel florescimento em Granja, posto que o saudoso maestro Ciro Cearlini, a todos incenitvava com o seu talento admiravel.

Não havia residência distinta que não contasse com o seu piano e a Filarmônica Granjense não tinha rival em todo o nordeste.

Que o digam as crônicas magnificas do João da Granja, pseudônimo do escritor Ubatuba de Miranda.

Na política de então, Luís Felipe de Oliveira agitava todo o município com a sua palavra fácil e o prestigio que formava a sua marcante personalidade.

Não traindo as suas gloriosas tradições, Granja soube sempre honrar o passado brilhante que lhe outorgaram os seus ilustres filhos, dentre os quais vale salientar: Artur Teófilo, Custódio Moreira da Costa, Arcadio Fortuna, Garcez dos Santos, Francisco Paula Pessôa, Julia Vasconcelos, Lívio Barreto, Manuel Castro e Silva, Miguel de Castro Aires, Tibúrcio de Oliveira, Máximo Carvalho Junior, Padre José Carneiro da Cunha e outros.

GRANJA ATUALMENTE

Cidade com mais de 5.000 habitantes, com ruas largas e, ultimamente, calçadas a paralelepipedo, praças com passeios e arborização, prédios modernos como os do Correio e Telegrafos, Ginásio Municipal, Grupo Escolar, Posto de Puericultura, já se lhe nota algum progresso. O seu Prefeito atual é o dr. Antonio Monteiro Carneiro da Cunha, homem digno, honrado e que vem prestando ao município relevantes serviços, dentro do que lhe permite a parca renda da municipalidade.

Contando com dois deputados estaduais, Antonio Carvalho Rocha e Guilherme Gouveia e com um Senador, que é o Dr. Olavo Oliveira, chefe do partido pessepista, é de crêr-se que os seus problemas mais urgentes sejam equacionados e plenamente resolvidos, pois assim o deseja o povo já ansioso pela ação dos seus filhos guindados a altas posições políticas.

Já não estamos mais naquela época remota em que o Marquês de Pombal, por despeito e orgulho, banindo a ação benfazeja dos jesuitas, dava vários nomes portuguêses a vilas e povoados ceraenses como o fez â Macavoqueira, pondo-lhe a denominação de Granja, sem que o povo lhe opusesse tenaz resistência.

Município de terras riquissimas, habitado por um povo laborioso e ordeiro, já é tempo de tomar ares de progresso material, como está acontecendo com várias comunidades do Ceará.

Cremos ser chegada a hora de Granja exigir dos seus estimados filhos, representantes do seu povo, um tributo de trabalho, persistência e ação em pról do seu futuro e da sua prosperidade.

GUARACIABA DO NORTE

ANTIGA VILA NOVA D'EL REY

NUMA ALTITUDE DE 933 METROS — ROTEIRO HISTÓRICO — O ASSASSINATO DO JUIZ ANTÔNIO BARBOSA — O POTENTADO MANUEL MARTINS CHAVES — NÃO SE VENDIA ELEITORES, ANTIGAMENTE... — O PADRE MESTRE-ESCOLA — TERRA DOS MEMÓRIAS — EM NOSSOS DIAS

EIS UMA CIDADE digna de ser olhada pelos poderes públicos, afim de que se torne um dos mais aprazíveis recantos do Ceará.

Quando, ainda, nos seus primeiros passos chamou-se de Rua Nova e principiou os seus dias com o povoamento da serrania da Ibiapaba, não se podendo precisar-lhe a data exáta.

Ao correr do tempo, veio a denominar-se vila Nova D'El Rey. Em seguida, Campo Grande. Depois, chamaram-na de Inhussú, substituido para Guaraciaba. Hoje, a sua denominação oficial, de acôrdo com a lei n. 1.153, de 22 de novembro de 1951, é Guaraciaba do Norte.

Cidade simples, com algumas ruas e praças, matriz em belo porte, gente afável e simpática, foi outrora teatro de fatos e episódios singulares.

O seu clima é excelente e as paisagens naturais que a cercam são lindíssimas. É banhada por vários corregos e a sua vegetação é sempre viçosa, exuberante.

Nas quadras dos bons invernos a fartura é admirável, por isso que a sua vida rural é grandemente produtiva de frutas e cereais.

No todo, o ambiente agrada e seduz. Seria excelente cidade para estação de recreio, não fôra as condições precárias em que vive, no tocante ao conforto moderno, indispensável aos centros humanos de relativa densidade demográfica.

ROTEIRO HISTÓRICO

O município data de 12 de maio de 1791. Alguns, dão-no em 1879. Aliás, há divergência sobre a data exáta em que a atual cidade séde municipal foi elevada à categoria de Vila. O Monsenhor Vicente Martins, no seu livro «Diocese de Sobral», indica-nos o ano de 1791. Antonio Bezerra de Menezes tambem cita esta mesma data, com mais precisão, isto é, afirma que o Alvará, que a elevou à vila, data de 12 de maio daquele ano. Pedro Ferreira, no seu excelente «Dicionário da Serra da Ibiapaba», tambem indica 1791. E, o Senador Pompeu, tambem está com esta data. Deve, assim, ser aceita, efetivamente a data de 12 de maio de 1791 como a da sua ereção à vila.

Aos 26 de agosto de 1840 a vila é transferida para Ipú, já com a denominação de Vila Nova do Ipú Grande. Em 1841, esta lei é revogada. Aos 3 de dezembro de 1842 é novamente transferida para o Ipú.

Afinal, aos 10 de janeiro de 1879, a vila é restaurada, mas, somente inaugurada aos 9 de janeiro de 1883.

Passou a cidade pelo decreto 448, de 20 de dezembro de 1938 com a denominação de Campo Grande.

Foi Dom Joaquim José Vieira quem instituiu, canonicamente, a freguezia sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres. Fôra criada aos 25 de outubro de 1886, com território desmembrado do Ipú.

Foi o seu primeiro vigário o Padre Bernardino de Oliveira Memória. A paróquia já foi visitada por vários bispos, entre os quais Dom Manuel da Silva Gomes, de saudosa memória e Dom José Tupinambá da Frota. É vigario atual o Padre Antonio Cordeiro Soares.

O ASSASSINATO DO JUIZ

Governava o Ceará Luís da Mota Féo e Torres. No antigo Campo Grande havia um homem todo poderoso que a ninguem era dado contrariar-lhe. Dominava a serrania da Ibiapaba e os sertões que lhes ficavam no sopé.

Era o Coronel Manuel Martins Chaves, homem de pouca graça. Certa feita realiza-se uma aposta: qual o cavalo mais corredor, o do coronel Martins Chaves ou o do Juiz Antonio Ribeiro Barbosa ?

A coisa engrossou. Martins Chaves não admitia que ninguem lhe vencesse em coisa alguma. Era um potentado terrivel. Realizada a corrida, o cavalo do Juiz sai vencedor. Foi o diabo ! O Coronel botou preço pelo animal. Tinha que ser seu, custasse o que custasse ! Mas o Juiz não accedeu e veio terrível inimizade. Vai daí...

Numa tarde cinzenta, treme o chão de Campo Grande ! Que foi, que não foi ? Perguntava o povo, uns aos outros, pelo acontecido. A resposta estava ali no corpo do Juiz estendido numa poça de sangue, junto do altar-mór da Igreja. Fôra assassinado barbaramente por um grupo de capangas.

A partir desta data, porém, Martins Cha-

ves não teve mais socego. Belo dia chega pela serrania afóra o famoso estadista João Carlos Oeynhaussen, Governador do Ceará. Homem sabido, astuto, não quiz a luta aberta. Preferiu o golpe de inteligencia e numa cilada bem estudada prendeu o Coronel Manuel Martins Chaves, na vila de Ibiapina.

Terminara os seus dias na prisão de Limoeiro, em Portugal, para onde fôra remetido debaixo de armas.

VOTO NÃO SE VENDE...

Naqueles recuados tempos, efetivamente, voto não se vendia. Não era mercadoria de comércio, de balcão de segunda classe como em nossos dias.

Cabra que faltasse com a palavra estava desgraçado. Além do mais, com eleição a bico de pena era mais dificil enganar... Podiam fazer atas falsas, mas o voto prometido era voto dado, désse no que désse.

O antigo Campo Grande desfrutava, nesta quadra da história do Ceará a honra de ser uma terra onde as eleições corriam sempre em ordem e, depois de terminada a luta, todos se abraçavam, não havendo vencidos e nem vencedores.

Inimizadecs por questões políticas no Campo Grande antigo, quem as via ?

Antonio Bezerra de Menezes, visitando este município em 1888, constatou o admirável senso de cordialidade que unia as figuras principais do lugar. E nos conta que, interrogando a um eleitor em véspera de pleito, perguntou-lhe se não trairia o amigo trocando o voto por dinheiro. Quase se formava um barulhão tremendo. O homem revoltou-se. Juntou gente. Foi um Deus nos acuda !

— Vender o meu voto ? Nunca, seu doutô. Vou botar na mesa é o nome do meu compadre, nem que haja páu ! O voto é o brio da gente, home !

O FAMOSO PADRE MANUEL PACHECO

Corria o ano de 1809... A Freguesia de São Gonçalo da Serra dos Côcos se extendia pela Ibiapaba afóra e descia para os sertões. Os seus vigários eram homens de prestígio. Um destes, foi o famoso Padre Manuel Pacheco Pimentel.

Resolvera vir residir no Campo Grande. Homem inquieto, inteligente, não sabia estar parado. Tinha de fazer uma coisa, fosse o que fosse. Tinha por companheiro o Padre Gonçalo Inácio de Loiola Mororó, mais tarde martir da República do Equador. Combinaram fundar um curso de preparatórios.

Posta em prática a idéa, lá vieram os alunos, e dentre estes aquele que seria, logo mais, uma das mais proeminentes figuras da cultura nacional, Thomaz Pompeu de Souza Brasil. O curso foi um sucesso e fez muita gente criar gosto pelos estudos.

Homem estimado, o Padre Manuel Pacheco Pimentel chegou a ser representante do Ceará às Cortes de Lisbôa e à Assembléia Nacional, conforme nos conta Antonio Bezerra.

Certa feita chegou ao Campo Grande com uma bagagem estúpida. Que diabo era aquilo, perguntava o povo curioso. Nada mais, nada menos do que sementes de café, cana, canela, pimenta do reino e de frutas para serem cultivadas na serra fértil e dadivosa.

PASSADO E PRESENTE

Campo Grande, hoje Guaraciaba do Norte, é terra de gente ilustre. Neste município nasceram, entre outros, os Memórias, gente de fina educação e que brilharam nas letras e na política do Ceará e do Brasil. Des. Francisco de Oliveira Memória; Padre Olegário Ribeiro Memória; João Alonso Memória, brilhante advogado; Padre Francisco de Assis Memória, foram figuras de relevo. Outros, como o Monsenhor João Alfredo Furtado honrou, sobremodo a terra guaraciabana, pois foi figura de destaque do clero cearense. Destaque-se, porém, o genial João Manuel da Fonseca Lôbo, filósofo e cientista, escritor famoso e que foi o precussor dos estudos sobre a lei da relatividade.

Esta é a tradição gloriosa de Guaraciaba do Norte. História movimentada e filhos ilustres.

O presente lhe é uma interrogação. Tem todas as possibilidades para ser um município próspero, com vida farta e feliz. Faltam-lhe, todavia, líderes locais capazes de despertar as energias cívicas adormecidas.

O seu povo é bom e ordeiro, mas desprezado pelos governos. Distando quase 400 quilômetros da Capital, fácil é ser esquecido e colocado à margem das cogitações. Apenas é lembrado na quadra eleitoral.

IBIAPINA

FOI, OUTRÓRA, ALDEIA DO DIABO GRANDE

NA SERRRANIA DA IBIAPABA — SOB A PROTEÇÃO E O BATISMO DOS JESUITAS — DOIS MIL HOMENS, COM ARCO E FLEXA — O ESTRANGEIRO RESPLANDE FUNDIU O SINO DA CAPELA — HONRAS DE CAPITÃO AO INDIO LUIS DE MIRANDA — O JUIZ -- MISSIONÁRIO JOSÉ IBIAPINA — 2.198 QUESITOS FORAM ENTREGUES AOS JURADOS... — O MONSENHOR ANTÔNIO CANDIDO DE MELO

IBIAPINA, antiga São Pedro, é uma cidade distante, já situada nos confins dos limites do Ceará com o Estado do Piauí, com pouco mais de mil habitantes, gozando de excelente clima e lindas paisagens naturais, vez que participa da exuberância da serrania da Ibiapaba.

Povoada por gente de vida simples e despreocupada, corre-lhe, nas vêias, o sangue do indígena que outróra trabalhou a «terra dadivosa e bôa», escrevendo, na longínqua quadra da vida colonial, uma página de rara beleza e fino encanto pelos gestos de bravura.

Senhora de um solo fertilissimo, cultiva, há séculos, o café, o fumo, a cana de açucar e a mandioca, fontes principais de sua vida econômica.

Outróra perlustrada pelos missionários Francisco Pinto e Luiz Figueira, Ibiapina figura nas crônicas históricas desde os albores da nossa colonização, notadamente por haver sido movimentado aldeiamento da valente e aguerrida nação Tabajara.

Hoje, integrada em nosso território, já pertenceu à antiga capitania do Piauí, nos idos de 1718- retornando à divisão administrativa do Ceará, em 1741. A sua história principia nos meados de 1820 quando, então, se erguia já tosca capela, edificada em taipa, sob a invocação de São Pedro, em torno da qual se agrupavam pouco mais de uma dezena de singelos casebres.

O GUERREIRO E O JESUITA

Há três séculos e meio precisamente, isto é, em 1603, Pero Coêlho de Sousa, filho de Açores, português de rara estirpe, entendeu de conquistar o Ceará e lá se veio, depois de galardoado com alta patente, perlustrar a terra bravia.

Não conteve a tentação de subir a serrania da Ibiapaba, tida e havida como o El Dourado na vasta região, e para tão grande cometimento aprestou tropa valente, seguindo o rumo da antiga Vila Viçosa Real, em cujas plagas travou os primeiros combates.

Tôda a serra da Ibiapaba era, então, dominada por dois temiveis chefes indígenas, os famosos Diabo Grande e Mel Redondo.

Pero Coêlho lutou, em primeiro lugar, com Mel Redondo, vencendo-o após duros combates de corpo a corpo nos quais se sobressaiu a simpática figura de Martim Soares Moreno. Buscando o alto da serrania, atacou, em seguida Diabo Grande, cuja aldeia estava localizada onde hoje se ergue a cidade de Ibiapina. Batalha impressionante travou Pero Coêlho com os Tabajaras, sorrindo-lhe após dois dias de luta os troféus da vitória.

Foi assim, Pero Coêlho o primeiro que conquistou Ibiapina, fazendo-o, porém, pela voz poderosa dos seus comandados.

Anos mais tarde, outra missão, agora da paz, da harmonia e da concórdia dominaria, pelo amor e pela doçura, os bravos Tabajaras, muito embora fosse ela trucidada friamente.

Dirigiam-na os jesuitas Luiz Figueira e Francisco Pinto que, em 1607 vieram de Pernambuco e não resistiram, como o antecessor Pero Coêlho, à tentação de conquistar a exuberante região da Ibiapaba.

Internados na floresta densa, os missionários foram um belo dia bater na taba de Diabo Grande conduzidos pelo irmão deste de nome Diabo Ligeiro. Festão animado, recebimento cordial, de logo dominaram os santos padres da Companhia de Jesus. Erigiram capela, celebraram missas, fundaram escolas e dominaram os ânimos exaltados da indiada.

Na manhã de 11 de janeiro de 1608, os jesuitas levantaram tenda em demanda do Maranhão, sendo nesta oportunidade atacados com selvageria pelos inimigos dos Tabajaras e cujo epílogo foi o trucidamento do Padre Francisco Pinto.

Daí por diante, o aldeiamento indígena de Ibiapina passaria a existir sob tremenda pressão e debaixo de lutas sucessivas.

FATOS PITORESCOS

Célere e ufano corria o ano da Graça de 1820 e o pequeno arraial de São Pedro de Ibiapina já tinha o seu modesto arruado com capela na pequena praça que se iniciava.

Os seus habitantes não ultrapassavam a uma centena e deles se distinguia o estrangei-

ro Manoel da Costa Resplande, homem tido e havido como inteligente, que tinha vindo dos sertões da antiga Palma, hoje Coreaú.

A êle foi dada a incumbência de fundir o sino da capela, de cuja tarefa se saiu a contento. Em dia de festa badalou a «voz de Deus» chamando os fieis à prática do culto.

Mais ou menos por esta mesma quadra vivia em Ibiapina o famoso Luis José de Miranda que, do govêrno de então, recebeu a patente de Capitão auxiliar da polícia. Comandava nada menos de dois mil índios, todos armados de arco e flecha. Aos domingos passava revista solene às tropas que lhes obedeciam,

Era um espetáculo ver toda a indiada disciplinada, formando ao som do tambôr.

Respeitado e temido, o Capitão Miranda era a garantia da ordem e foi baluarte de inexcedível bravura quando Ibiapina foi impiedosamente atacada, nos idos de 1840, pelos balaios.

Nos reencontros sangrentos houve bala como seiscentos diabos visto como a indiada feroz havia sido adextrada na arte de guerrear pelos franceses ávidos de lutas e de domínio.

Este fato teve profunda repercussão na vida do povoado que já possuia Juiz de Paz, visto como quase todos os seus moradores demandaram aos pagos sobralenses receiosos de novas refregas . . .

Somente depois de quatro mêses do ocorrido o fato é que Viçosa dele tomava conhecimento, pelo que envia o Major Joaquim Moreira da Rocha, com tropa e munição, para reconquistar o lugarejo na posse dos rebeldes.

Luta tremenda é, então travada saindo as tropas legais plenamente vitoriosas, pelo que se restabeleceu a paz e retornaram os antigos habitantes.

JOSÉ ANTÔNIO DE MARIA IBIAPABA

Francisco Miguel Pereira devia seguir a carreira eclesiastica. mas . . . aparece um grande amor e casa-se com Tereza de Jesus. Odiado pela família vai residir em Ibiapina, nascendo do casal José Antônio de Maria Ibiapina.

Anos mais tarde, já feito homem, José Ibiapina transpõe os umbrais do Seminário de Olinda, já famoso. Abandonando a carreira eclesiástica, ingressa no curso jurídico da cidade de Nassau, dêle obtendo diploma de bacharel. Moço e culto é eleito, anos depois, para a Assembléia Geral.

Homem de grande caráter, foi Ibiapina logo mais investido nas funções de juiz de Santo Antônio de Quixeramobim.

Decepcionado com a magistratura em vista da dissolução dos costumes, Ibiapina senta banca de advogado. Tentando, em vão, a prática da justiça e da dignidade, sente que lhe acena o destino do claustro. E . . . aos 3 de janeiro de 1853 recebe o hábito de Cristo transformando-se, daí por diante, num dos mais notáveis missionários que a crônica religiosa registra em terras do Brasil.

Grande orador, a sua palavra arrebatava as multidões. Por onde passava era um Deus nos acuda de gente para ouvir as suas pregações maravilhosas. Ao falecer, sábio e santo, correu mundo a fama de «frade milagroso».

O MAIS FAMOSO JURI DO CEARÁ

Foi em Ibiapîna que se realizou o mais famoso juri de que se tem notícia nos anais da vida forense do Ceará.

Corria o ano de 1881, devendo, funcionar a 2.ª sessão do Juri sob a presidência do dr. José Gomes da Frota, juiz de Direito da Comarca de Viçosa, á qual pertencia o têrmo de Ibiapaba.

Para formar o consêlho foi um Deus nos acuda, visto como entrariam em julgamento os famigerados criminosos da selvageria de Tabatinga, dada e passada aos 6 de outubro de 1878 e na qual os «juritís» assassinaram, cremaram e encineraram várias mulheres e crianças numa perversidade inominável, que abalou todo o império.

Instalado a sessão do juri, durou a mesma nada menos de seis dias e seis noites e foram entregues aos jurados 2.198 quesitos !

Dia vai, dia vem, foram os juritís condenados a galés perpétuas. Nesta quadra de nossa vida, parece que o juri era mais eficiente . . .

CRONOLOGIA

Ibiapina tem uma área de 709 kms.2 o que dá, em relação ao Estado, 0,46, sendo assim um município relativamente pequeno. Dentro em breve separar-se-á do seu território para tornar-se autônoma a Vila de Mocambo, próspera localidade, com indústria local, bôas ruas e praças, igreja, mercado, etc.

Hoje, a população de Ibiapina atinge a mais de vinte mil habitantes que habita território de serra e sertão.

O município foi criado aos 23 de novembro de 1878, época em que a povoação de S. Pedro foi elevada à Vila de Ibiapina. Extinto em 1931, foi restaurado aos 4 de dezembro de 1933. O Decreto 448, de 20 de dezembro de 1938, elevou a Vila à Cidade.

A paróquia foi criada aos 9 de agosto de 1882 e canonicamente instituida aos 20 de janeiro de 1883, desmembrada da de São Benedito e firmada pelo Mons Hipólito Gomes Brasil.

A igreja atual está em reconstrução e as obras já realizadas deixam ver será um dos mais belos templos do Ceará. Em 1878 teve grande reforma, pois a que existia ainda era, a esta época, a de taipa levantada pelos jesuitas. Este serviço foi feito com socôrros públicos.

A figura mais expressiva do vigariato local foi, não há dúvida, a do Monsenhor Antônio Cândido de Melo, clérigo operoso, culto, dinâmico e que já realizou, por isso mesmo, obras notáveis como a igreja de São Francisco e a Casa Paroquial, iniciando, ainda, a reforma da Matriz local.

IBIAPINA DE HOJE

Por demorar numa região paradisiaca, de lindas paisagens e de fertilidade assombrosa, visto como no cimo da Serra Grande, Ibiapina é uma cidade que desperta simpatia ao visitante.

Não possui edifícios importantes e tôda a sua edificação é singela, destacando-se algumas residências de melhor apresentação.

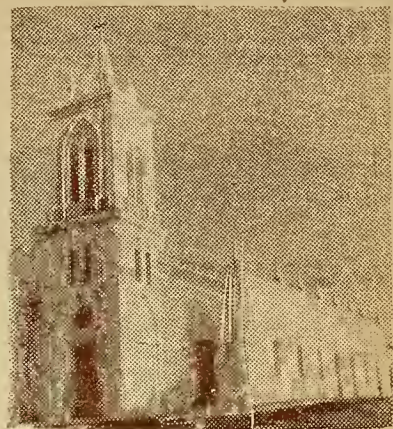
Os govêrnos ainda não lhe beneficiaram com nenhuma obra pública de vulto, como efetivamente merece o município, sendo, assim, desprezado o seu laborioso povo.

É prefeito do município o estimado cidadão Rafael Cláudio de Araújo, industrial e agricultor. Destacam-se, entre outros, como líderes locais, Vicente Aragão, ex-prefeito, dr. Antônio Fernandes de Melo, dr. José Avelino Portela, Juvêncio Rocha, Pedro Aragão, ex-prefeito e outros que a memória não recorda de momento.

Por ser município com excelentes tradições, deu-nos filhos ilustres, entre os quais: — Cônego Alfredo Soares e Silva, dr. Carlos Sudá de Andrade, dr. Juarez Bezerra de Menezes, dr. José Antônio Coêlho de Albuquerque, Metério Pereira, jornalista; dr. Oscar de Andrade, Pedro Ferreira de Assis, escritor e jornalista; Miguel Soares e Silva, antigo chefe político; Alvaro Soares, que foi deputado estadual e outros.

Terra que se prestaria admiravelmente para uma agricultura intensiva, capaz de nos oferecer uma grande produção desde que trabalhada com maquinária e sob crédito fácil aos seus agricultores, está, neste particular, infelizmente, em decadência visto como são sempre caminhões e mais caminhões cheios de trabalhadores do campo que se dirigem para o Vale do Mearim, no Maranhão.

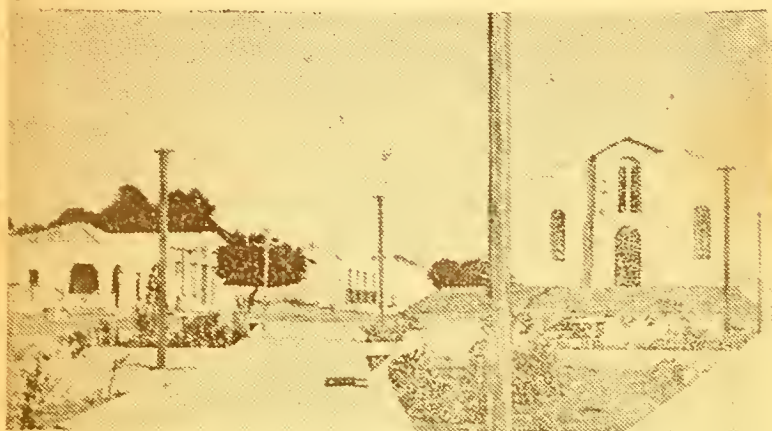
Urge, pois, uma reação a fim de colocar êste município, de belas tradições, no roteiro do progresso e da prosperidade do seu povo acolhedor e laborioso.

INDEPENDÊNCIA — Praça da Matriz

INDEPENDÊNCIA — Igreja-Matriz

ICÓ — Velho sobrado do Barão e Teatro Municipal

IBIAPINA — Moderna residência e secular penitenciária

IPÚ — Posto de Saúde e Maternidade Francisco Araujo

IBIAPINA — Aspéctos da cidade

IPÚ — Famosa Bica do Ipú; Matriz e Prefeitura

I C Ó

TERRA DE GLORIOSAS TRADIÇÕES

ARRAIAL DE NOSSA SENHORA DO Ó — OS MONTES E SILVA DO PILAR — CERIMÔNIAS RELIGIOSAS — MONSENHORES E GENERAIS — COMÉRCIO NO CARIRÍ, INHAMUNS E PIAUÍ — GOVÊRNO PROVISÓRIO — CHÓLERA-MORBUS — TEATRO DE TEBERGE — IGREJAS E SOBRADOS — GARDNER — REVOLTOSOS DO «PADRE BENZE-CACÊTE» — SAQUE DE RELÍQUIAS E PRECIOSIDADES — A ESPERA DO ORÓS...

POR ENTRE as serranias do Pereiro e as ondulações sucessivas dos sertões do Cedro e, em pleno sertão cearense, divisa-se de longe uma enorme planicie, local privilegiado e onde outróra Gabriel da Silva Lago, antigo capitão-mór do Ceará, fizera erguer uma paliçada para a defesa dos moradores da ribeira do Salgado, mais tarde transformada em Arraial Novo e posteriormente na famosa cidade do Icó.

Nascida sob o fastígio de lutas tremendas, deu-lhe vida e progresso e fimbria do rio Salgado que desenrola carritéis de leguas, contornando vales e socálco e fundando vilas e povoados que ficavam na dependência da velha e tradicional cidade do baixo jaguaribe.

Região onde se encontram as terras mais férteis do Ceará, tôda formada de camadas aluvionais, numa extensão de vinte quilômetros por dez de largura, dá-nos uma área de 10.000 hectares oferecendo clima e condições para tôdas as culturas inter-tropicais.

Município privilegiado pela natureza, o Icó possui locais para a construção de grandes reservatórios, tendo gargantas e boqueirões como o do Orós, que nos daria um volume dágua maior do que o da Baia do Guanabara, e energia elétrica para todas as cidades à margem da ferrovia de Crato a Fortaleza, mas que continúa desafiando o patriotismo e a honestidade dos govêrnos do Brasil.

Os que laboraram o Ceará nos primórdios da sua formação, bem souberam lançar os alicérces para o futuro, escolhendo locais apropriados para o desenvolvimento e progresso de suas cidades. As gerações que se sucederam é que não souberam levar avante a obra iniciada, faltando-lhe capacidade de iniciativa e de comando, essencial à continuidade histórica. E o que vemos hoje, é que quase todas as nossas grandes cidades do interior, estão numa visivel e amarga decadência, num flagrante contraste à época de esplendor e riqueza que nos pontificou nos séculos XVIII e XIX.

Icó, cidade centenária, rica e próspera, tendo chegado a suplantar, em vida financeira e comercial, a própria capital da Provincia, vítima do abandono dos poderes públicos, deixou de ser uma grande cidade, industrial, para se transformar numa melancólica séde de govêrno municipal, lutando com o suor e o sangue dos seus bravos filhos a fim de não perecer no desdôiro de suas gloriosas tradições.

INDIOS E SESMEIROS

Ao limiar do século XVIII, isto é, entre 1700 a 1710, eram profundas as divergências entre os colonos e os indígenas, notadamente às margens das ribeiras dos nossos grandes rios. Como era natural, o gentio se opunha ao desbravador, ao sermeiro e ao agregado dêste, na época da colonização.

A planície do Icó foi teatro, então, de tremendas e sanguinolentas lutas, surgindo a paz depois do trabalho hercúleo e beneditino da heróica e lendária figura do Padre João de Matos Serra, prefeito das Missões de todo o vasto interior da Capitania.

Daí por diante, vieram os sítios e fazendas sob a guarda e proteção do Arraial da Ribeira dos Icós, obra salutar e salvadora, em bôa hora mandada erigir pelo então capitão-mór Gabriel da Silva Lago.

MONTES E FEITOSAS

Na luta contra a natureza inhóspita e o gentio selvagem, deviam estar presentes a coragem, a bravura e às vezes o despotismo das autoridades. O teatro bárbaro em que se desenvolvia a colonização, reclamava armas e homens para a defesa da penetração.

Vivendo no recesso dos sertões, distante dos govêrnos, não conhecendo o direito e nem a justiça, os donos de fazendas se constituiram em verdadeiros senhores feudais, imperando sempre pela prática de absoluta e total tirania contra os mais fracos.

Nos sertões cearenses duas grandes famílias, uma delas tendo o seu quartel-mestre no Icó, tingiram de sangue, por longos anos, uma vasta região. Foram os Montes e os Feitosas.

Um destes Montes, o de nome Francisco, fazia residência nas cercânias do Icó. Tendo perdido uma filha, viu sua esposa ficar en-

trestecida por ter de sepultar a donzela no campo. Doou, então meia legua de terra e mandou erigir uma capelinha, sob a invocação de Nossa Senhora da Expectação, a mesma que mais tarde seria a séde da matriz da freguesia criada aos 6 de abril de 1764.

RELIGIÃO E CIVISMO

Icó sempre foi uma cidade onde pontificou o espíirito de fé e de ardente patriotismo.

Núcleo dominado por fina nobreza, donde se sobressaiam barões e viscondes, devendo-se destacar o elevado grau de cultura e educação de sua elite, a religião fez conduzir para os mosteiros e seminarios grande parte de sua juventude.

A construção de belas e ricas igrejas, as cerimonias religiosas que se realizavam com tanto brilho que contavam com a presença de famílias que vinham diretamente de Recife para assisti-las, as figuras do padroado que iam se destacando na vida administrativa e política da portentosa cidade, contribuiram, de modo decisivo, para que se formasse uma mentalidade, uma mística de que tôda família, nobre e fidalga, devia ter em seu seio pelo menos um clérigo.

Daí porque Icó deu ao clero cearense figuras proeminentes e que se destacaram nas lêtras e na política. Vale citar, entre outros, monsenhores Francisco Ferreira Antero, Francisco Rodrigues Monteiro, José Ferreira Antero, Raimundo Hermes Monteiro e Padres João Manuel de Almendra, João Bandeira Aciole, Meceno Clodoaldo Linhares e Teodulfo Franco Pinto.

Dona Joana Joaquina do Amôr Divino, maior expressão do fervor católico do povo do Icó, teve os seguintes padres na família: — 2 filhos, 3 netos, 2 bisnetos, 3 trisnetos, 5 tetanetos e 1 quintaneto!

No domínio da formação civica foi Icó a terra onde mais despontou o sentimento nativista contra o domínio português. Séde de grande comércio, onde floresciam grandes firmas portugeusas, contando com senhores portugueses de alta linhagem e fortuna, viu nascer a reação dos naturais contra aquela liderança advinda de outras terras.

O resultado, após anos de luta, foi a sedimentação de uma mentalidade cívica de amor ao Brasil e, consequêntemente, encarreiramento da juventude icoense na profissão das armas. São filhos de Icó, os Generais Antônio Bernardo de Figueiredo, Antônio Carlos da Silva Piragibe, Joaquim da Costa Matos e José Pinto Coêlho de Albuquerque.

AGITADA VIDA CRIMINAL

O botânico inglês George Gardner viajou pelo Ceará, lá pelos anos de 1838-1839. Do que escreveu, ficou precioso documentário, que bem retrata o que era a nossa Província na quela longínqua e recuada época.

Afirma êle que, áquela quadra da vida cearense, Icó era a sua principal cidade, quer pelo comércio em larga escala desenvolvido através da Rua Grande, quer pelas belas igrejas e edifícios públicos.

Comerciantes vinham de Recife e Olinda e se estabeleciam na praça do Icó, mantendo negócios com o Carirí, sertões dos Inhamuns e sul do Piauí. Ponto obrigatório de intercâmbio entre as cidades de Aracatí e Crato com Pernambuco e Baia, teve a cidade de Alvaro Gurgel de Alencar, a sua prosperidade assegurada durante longos decênios.

Floresciam a esta época a sociedade e a política locais, conquistando para Icó a primazia de ser a «princesa dos sertões». Com requintes de aristocracia, finamente educada sob o luxo e a vaidade que a dinheirama podia proporcionar, os melhores da terra tinham orgulho em mostrar ao visitante a nobreza local.

Ruas apinhadas de gente de todos os municípios vizinhos; Casa da Câmara com sessões agitadissimas; Tropa de Linha aquartelada e com comando na cidade; Confrarias Religosas influindo decisivamente junto ao eleitorado selecionado; construindo sobrados e residências faustosas, Icó foi uma cidade líder na vida da Provincia e nenhum fato político-administrativo se passava sem que contasse com a chancela dos icoenses.

CONSPIRATAS E GOVÊRNO PROVISÓRIO

Conquistando tal proeminência na vida do Ceará, Icó não poderia deixar de ser uma séde de conspirações e um ponto chave no domínio dos grandes fatos que ocorreram entre nós no século dezenove.

Vêm daí, os seguintes e marcantes episódios, que se entrelaçam desde a fundação da cidade, formando um harmonioso conjunto de agitada vida política.

A Ordem Régia de 17 de Outubro de 1735 erigiu o povoado à vila. A instalação deu-se aos 4 de maio de 1738. A Lei n.º 224, de 25 de Outubro de 1842 elevou a vila à categoria de cidade instalada, solenemente com grandes festas.

Aos 25 de março de 1883, por entre grande delírio de profunda alegria dos icoenses foram libertados os escravos em meio a solenissimo Te Deum, ficando a cidade célebre em todo o Brasil, pois foi a primeira a libertar todos os seus escravos.

Em 1742, tomou posse o primeiro capitão-mór de ordenanças do Icó, que foi Bento da Silva e Oliveira.

Ao tempo da República do Equador, 1824, revolução que encheu as páginas da história do Ceará dos mais emocionantes episódios, o Icó tomou parte saliente nos acontecimentos.

Terra aonde viviam muitos portuguêses e imperialistas, foi teatro de dramas sangrentos e combates singulares que tingiram as ruas de sangue.

Aos 11 de Julho de 1824, a Câmara em agitada sessão recusa obediência à Constituição. No mesmo dia, as mulheres do Icó dirigem uma bela e expressiva conclamação ao povo do Ceará, que está inscrita no n.º 15 do jornal «Diário do Govêrno do Ceará».

Aos 28 de outubro é jurada a Constituição, ato a que se seguia terrivel perseguição aos partidários de Tristão Gonçalves.

Aos 28 de outubro é jurada a Constituirada de Filgueiras para o Crato, é instalado no Icó um Govêrno Provisório do qual faziam parte: Presidente, vigário Felipe Benicio Mariz; Secretário, o padre Manuel Felipe

Gonçalves; Comandante d'armas, Amorim e vogais João de Araújo Chaves, Henrique Luis Pedro de Almeida e João André Teixeira Mendes. Teve êste govêrno vida efêmera

O COMBATE DO «BENZE-CACETE»

Com a abdicação de D. Pedro I, a favor de Dom Pedro de Alcântara, o país entrou numa fase de lutas tremendas. Três eram as facções: os que queriam a volta de Pedro I, os que se batiam pela República e finalmente os que desejavam as Regências para governador na menoridade.

No Jardim surge uma personalidade marcante na história do Ceará: Joaquim Pinto Madeira que fazia parte do partido restaurador.

Consegue a adesão do Padre Antonio Manuel de Sousa, homem de grande prestígio na zona e que conseguiu aliciar para o movimento milhares de combatentes.

Tendo as tropas de Pinto Madeira tomado Crato, se aprestavam para marchar sobre a capital da Província para depôr o então Presidente, quando Francisco Xavier Torres oferece grande combate em Várzea Alegre, pondo em debandada as tropas pintistas.

Uma destas colunas veio ter a Icó, tendo à sua frente o Padre Antonio Manuel de Sousa. Com 5.000 homens lutou bravamente nas ruas da cidade, tendo tomado a praça. Esta luta ficou conhecida como a batalha do «Benze-Cacete», por isso que o Padre Antonio sempre benzia o grosso de suas tropas quando se aproximava as refregas.

PERÍODO DE DECADÊNCIA

Assim como aconteceu com Aracatí e antes com Aquiraz, Icó chegou a sua época de decadência. Dois fatos importantes concorreram para isso. Um foi o crescimento de Fortaleza, capital da Província, que já começava, com o seu comercio em desenvolvimento, a dominar vasta área do interior cearense. O outro, foram os flagelos porque passaram a heróica e brava cidade: a terrivel epidemia do chólera-morbus e a sêca que foi de 1877 a 1879.

Durante a epidemia, faleciam 50 pessoas por dia. O presidente da Provincia considerou de pavarosa a situação do Icó. Contra o terrivel mal, lutaram como verdadeiros heróis os médicos Rufino de Alencar e Pedro Theberge.

O fato abalou profundamente a vida progressista da cidade.

O episódio da sêca, que durou três anos consecutivos, veio por abaixo a linha de prosperidade do município.

Os dramas que sucediam eram de causar piedade, pois ao lado da completa e total dizimação dos rebanhos, nada tinham os flagelados para comer. A mortalidade atingiu a cifras impressionantes e a cidade inteira quedou-se numa imensa noite de desalento e abandono.

Daí para cá, o Icó não pôde mais reagir e os govêrnos não lhe recolocaram na senda do progresso e de prosperidade que havia trilhado durante mais de meio século.

SAQUE DE RELIQUIAS E PRECIOSIDADES

Icó, pelo encanto de sua vida através de um século, reuniu em suas ricas residências objetos de fino gosto artístico e grande valor. Mobilias carissimas, de fino acabamento, lustres de cristal, mesas de jacarandá, finamente ornamentadas, porta-chapéus que hoje são de uma raridade extrema, relógios de parede ricamente adornados, estatuêtas de bronze e mármore, enfim, mil e um objetos da éra colonial, estão desaparecendo por completo da cidade.

Já não mais se encontra o antigo mobiliário que constituia uma relíquia para as gerações presentes. Tudo, quase tudo foi vendido para o sul, para outras terras, desaparecendo na voragem do tempo e pelo interesse dos que não sabem conservar preciosidades.

Até mesmo os azulejos dos grandes sobrados que lá se erguem, têm sido vendidos.

É pena que a municipalidade local não proiba fato tão desprimoroso. O que devia fazer a Prefeitura local era um Museu Municipal, no qual fossem sendo religiosamente guardadas, com indicações históricas, tudo quanto se referisse ao passado de tão gloriosa cidade.

Há, no Icó, indivíduos profissionais em procurar objetos antigos para jogá-los, por preço muitas vezes irrisório, para fóra do Icó, o que na verdade é um crime.

ESPERA PELO ORÓS

Distando poucos quilometros da cidade do Icó, encontra-se o boqueirão do Orós, já conhecido através de tôdo o Brasil pois há mais de trinta anos figura nas páginas dos jornais e nas plataformas dos govêrnos. Até mesmo o Dr. Ademar de Barros a ele já se referiu. Todos, aliás, que desejam subir às culminâncias do Catete em nosso País, dizem que vão construir o açude Orós, que salvará o Ceará, etc., etc.. Há até mesmo deputados que não se cansam de alardear que vão construir o Orós . . .

Mas, evidentemente, construida esta gigantêsca barragem, a vida do Icó tomaria novo rumo, transformando-se num grande centro industrial. Retomaria a cidade o seu antigo trilho de bonanças e prosperidade nela florescendo oficinas, fábricas e agricultura mecanizada em todo o município, auxiliada por imensa área irrigada, pois as suas terras permitem a existência do maior campo agrícola do nordeste.

Tudo, porém, vem ficando para o dia de amanhã. Para Icó só há uma coisa pratica; reagir à custa dos seus proprios filhos, através de bôas administrações municipais, criando condições novas para que reconquiste o caminho glorioso que palmilhou no passado.

A história sempre se repete. Porém, enquanto não se reafirma o poderio econômico desta predestinada região cearense, que ao menos os homens públicos do Ceará, notadamente os representates na Câmara e no Senado dêem a Icó aquilo que o seu passado reclama — ser considerado o **monumento histórico**

Esta honra, deputados e senadores já conseguiram para outras cidades, como no caso de Alcântara, antiga capital do Maranhão.

Que ao menos isso, esta honra este reconhecimento, seja tributado à heróica e brava Cidade de Nossa Senhora do Ó.

IGUATÚ

FOI ALDEIAMENTO DO INDIOS QUIXELÔS

FAZENDA DE PASTORÊIO — JOÃO DE MATOS SERRA, PREFEITO DAS MISSÕES — DE VENDA À VILA DE TÊLHA — JESUITAS E ÍNDIOS CONSTRUIRAM A MATRIZ — ELEIÇÕES DE 1860 — LINHA FÉRREA EM 1910 — MARIO LEAL TOMA IGUATÚ EM 1930

A CONQUISTA e o consequente povoamento da então Capitania do Ceará Grande foi obra de pertinácia, que se ia tornando efetiva à proporção que se irigiam, no vasto interior, as grandes propriedades rurais, advindas, na sua totalidade, da doação de terras, chamadas sesmarias. Os capitães-móres exigiam bravura, fidelidade, capacidade de iniciativa e, sobretudo, destemor, essencial na luta contra o gentio que não assistia, impassível, à penetração do homem branco em seus domínios. Muitas das cidades, do Ceará se originaram de antigas fazendas de criar, em cujas cercanias iam, aos poucos, se formando o pequeno arraial, que, remotamente, se transformaria em povoado e vila. Raramente a indiada era de início chamada a participar, pacificamente, do primeiro núcleo de civilização. As lutas eram tremendas. Daí surgirem as vocações cristãs que levavam, interior a dentro, a palavra de Deus e a pregação da paz, essencial a todos, para o progresso da Capitania. E, quanto mais longínqua a região, mais acesas eram as contendas, necessitando, assim, de tempo, paciência, bravura e atos lealdosos para que se pudesse erigir uma pequena povoação. A história do Iguatú, que se apresta para comemorar o seu centenário de fundação, não fugiu a esta regra, quase sem exceção. Distando da séde do governo, 416 quilômetros, demorando numa zona recuada, em pleno sertão cearense, não teve, no início da sua formação, o estimulo dos centros de povoação que nasciam em condições geograficamente favoráveis. Manqueou, ao correr de quase um século, para progredir e ter história somente a partir de 1851, quando é criada a Vila de Telha. Ressalte-se, porém, que daí para cá não andou, correu, por isso se transformando numa das melhores e mais modernas cidades do Estado.

ALDEAMENTO DE INDIOS

À margem esquerda do rio Jaguaribe, na ribeira conhecida por Quixelô, o colono audaz e aventureiro ergueu, em data desconhecida uma cêrca de pau a pique, fortificando a moradia tôsca e singular da singela casa de fazenda de criar, de que era proprietário.

Anos mais tarde, houve necessidade de pacificar a indiada que perlustrava a região fértil e bonançosa, posto que margeavam-lhe lagôas famosas, com terras ubérrimas, favorecidas por linda planície.

E, em 1719, foi conseguida a pacificação na vasta área habitada pelos indios Quixelôs, cujos domínios se extendiam até aos sertões do S. Mateus e nomeado para administrá-los o Coronel Gregório Martins Chaves, cujo mais sério encargo era o de prepará-los para servir aos interesses do reino de Portugal.

A tarefa de Martins Chaves não foi dificil, posto que, em 1707 já o Padre João de Matos Serra, Prefeito das Missões, e que nos prestou relevantes serviços, à epoca da colonização, já havia percorrido a região e situado os indios da futura Vila de Têlha, que antes se chamara Venda.

A verdade é que o povoado cresceu e tomou aspecto de pequena vila, tendo a lhe aumentar a prosperidade a indiada mansa e voltada para o labôr da terra que se prestava, de modo admiravel, para o cultivo agricola.

DE VILA À CIDADE DE IGUATÚ

Célere e ufana corria a quadra do Ceará Provincia. Cidades florescentes já surgiam e fátos históricos ponderáveis pontificavam à formação de uma mentalidade de progresso e marcha para o interior.

Em 1851 governava o Ceará o seu 13.º Presidente, Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rêgo. Homem de larga visão administrativa, iniciou obras de merecido relevo, para a época, em Fortaleza.

Voltando as suas vistas para o hinterland, criou várias Vilas entre as quais, por lei n.. 553, datada de 27 de novembro daquele ano, a de Têlha.

A instalação solene e oficial, deu-se aos 25 de janeiro de 1853, conforme ata lavrada, hoje existente no Arquivo Público do Estado. Esta a razão por que, dentro de breves dias, lhe será festejado o centenário.

Segundo os cronistas da historia cearense, nenhum fato, depois deste ocorreu, que merecesse registro especial na formação política do município. Ressaltado, é claro, a elevação da Vila à cidade, o que se deu por lei n. 1.612, de 21 de agosto de 1874.

AS ELEIÇÕES DE 1860

Corria o ano da graça de 1860, no qual se deviam realizar um pleito geral na Provincia. Governava o Ceará, o Bacharel Marcelino Nunes Gonçalves, mais tarde Visconde de São Luís, pelos muitos serviços prestados à Sua Majestade, por graça de Deus.

Era Secretário de Polícia o dr. Antonio de Brito de Sousa Gaioso, homem integro e de rara capacidade de trabalho. Fazendo ver ao Governador a necessidade de providencias especiais para o pleito que se avizinhava, foi enviada uma longa circular, âs autoridades policiais do interior, na qual se lia textualmente: — «...é vedada a VMe. e aos seus subordinados tomar até a mais indireta intervenção que possa influir contra a inteira liberdade de voto».

Em Iguatú, àquela recuada época chamando-se Têlha, a ordem foi relaxada e, à hora aprazada, sem mais delongas e sob a exarcebação dos ânimos partidários, travou-se tremenda fusilaria em plena rua.

Terminado o tiroteio, até o delegado havia sido morto e mais treze vitimas jaziam sem vida, afora 30 feridos gravemente. Foi um barulhão tremendo.

Às pressas seguiu, do Icó, o dr. Rufino de Alencar que conseguiu salvar a vida de poucos iguatuenses.

De ordem do governador — como sempre acontece depois de passada a tragédia — lá se foi o Secretário Gaiôso abrir rigoroso inquerito...

A IGREJA E O PADRE HERMES

Não há cidade do interior cearense que não haja recebido a ação civilizadora da Igreja. Algumas até foram fundadas pela tenacidade e perseverança do padroado.

Iguatú muito deve à ação católica, devendo ser destacada a atuação dos padres Antonio Luís de Vasconcelos Drumond, primeiro Vigário da Paróquia, fundada sob a invocação de 11 de outubro de 1831 e Hermes Monteiro que se distinguiu pelos notáveis melhoramentos introduzidos na Igreja Matriz.

Segundo reza a tradição popular mais antiga, o templo séde da Paróquia foi construido em época memoravel, já perdida no precisar a data, tendo como obreiros a indiada, dirigida pela sábia orientação dos jesuitas. O seu patrimônio era constituido por 200 braças de comprido por 400 de largura, terreno que abrangia a parte mais central da futura cidade.

Foi o Padre Hermes, quem contruiu a torre e realizou outros melhoramentos de realce no velho e tradicional templo do Iguatú.

BELISÁRIO CICERO ALEXANDRINO

Embora sendo filho do Icó, Belisário foi um figura do maior relevo na vida social e política de Iguatú, posto que ainda criança veio ter à cidade de Matos Peixoto, aí desenvolvendo grande atividade partidária que o elevaria à Presidencia interina do Estado.

Nascido aos 20 de abril de 1845, dedicou-se â profissão de advogado, tendo para tanto se provisionado, em 1872, na Relação do Recife.

Político da facção liberal, ativo e enérgico, assumiu de logo a chefia do partido em Iguatú. Ocupou vários cargos públicos, entre os quaes vale destacar o de promotor, delegado de higiêne, inspetor escolar, vereador e Prefeito.

Eleito à Assembléia Estadual em três quatriênios seguidos, a sua fama e prestigio correu a região, transformando-se num chefe de realce dentro da vida política do Ceará de então.

Notabilizou-se pelos brilhantes discursos que pronunciou, como oposicionista, ao lado do chefe dr. Antonio Pinto Nogueira Acioly.

Ocupando a Presidencia da Assembléia, substituiu o Governador do Estado, tomando as rédeas da pública administração.

Inteligência sempre a serviço de Iguatú, pode legitimamente ser considerado um filho da terra, tão preponderante foi a sua existencia na vida e formação desta cidade.

PRINCIPIA O PROGRESSO EM 1910

Só quem pode avaliar o que seja, para o desenvolvimento de uma localidade, o caminho de ferro, é aquele que durante muitos anos sentiu a amargura das distancias, sem o transporte regular e barato das ferrovias.

Iguatú começou a sua prosperidade quando, aos 5 de novembro de 1910, entre vibrantes aclamações, era-lhe inaugurada a linha que ligaria à cidade à Capital do Estado.

Daí para cá, lhe penetrou melhor a civilização, o sentimento de solidariedade, a necessidade de produzir riqueza, criando uma nova forma de vida, abrindo as suas portas para filhos de outras terras que lhe iriam, em tempo remoto, pagar com juros, o fidalgo acolhimento.

Surgiram, então, as grandes casas comerciais, abriram-se os armazens, fundaram-se magnificas associações, aumentando o indice de vida social, donde adveio uma existência mais condigna de assêio, higiene, conforto e progresso material.

Dentro de poucos anos, Iguatú já grangeava a fama de ser uma das mais importantes cidades do interior cearense.

Produzindo em larga escala o algodão, em breve passaria a ser o primeiro colocado, no Ceará, nas estatisticas do ouro branco, posição que ainda hoje mantém.

Com as terras fertilíssimas, de logo transformou-se num celeiro admirável, aumentando a sua capacidade aquisitiva na conjuntura econômica.

NA REVOLUÇÃO DE 1930

Toda a zona compreendida entre os sertões de Saboeiro, Jucás, Tauá, Quixará, Assaré e Varzea Alegre foi das primeiras a derrubar os seus Prefeitos em 1930, por ocasião da chamada revolução liberal.

Em Jucás formou-se o grosso das tropas sob o comando de Mario Leal, revolucionário de tradição, homem de vastos recursos, prestigioso e valente.

Requisitando todos os veículos existen-

tes nas cidades vizinhas, em nome do movimento deflagrado, Mário Leal convocou às armas cerca de 200 homens e com eles partiu, aos 2 de outubro de 1930, para tomar o Iguatú.

Antes, porém, já estivera na cidade e realizara uma sessão às escondidas, na calada da noite, com os líderes locais que relutaram na luta armada. Porém Mário, homem de rara coragem pessoal, foi positivo e afirmou que «désse no que désse» tomaria o reduto iguatuense.

E de fato, naquela noite de 2 de outubro, já noite cerrada, chegava às portas da histórica cidade...

Era Prefeito o dr. Manuel Carlos de Gouveia que desfrutava de prestígio local, posto que além de político de realce era diretor do Hospital Santo Antonio, que prestava serviços relevantes â população do municipio.

Parlamentando com o gestor municipal, este de pronto entregou a municipalidade, não oferecendo resistencia. Foram ocupados todos os prédios públicos, como sejam: Corrios e Telegrafos, Estação ferroviária e demais serviços federais, estaduais e municipais. Tudo foi feito em absoluta ordem, sem o menor incidente.

Na verdade, Iguatú tinha alma revolucionária, devendo-se notar que os Gomes Araújo, familia numerosa e de prestígio estavam bravamente ao lado da revolução, ressaltando-se sobretudo a figura respeitavel do chefe, Coronel Pedroca, homem disposto e lealdoso.

Crescendo a cidade, hoje com mais de 15.000 habitantes, alargaram-se os seus arrabaldes, onde se erguem ruas extensas e largas.

No centro da séde municipal, encontramos construções modernas, residências luxuosas, de fino gôsto.

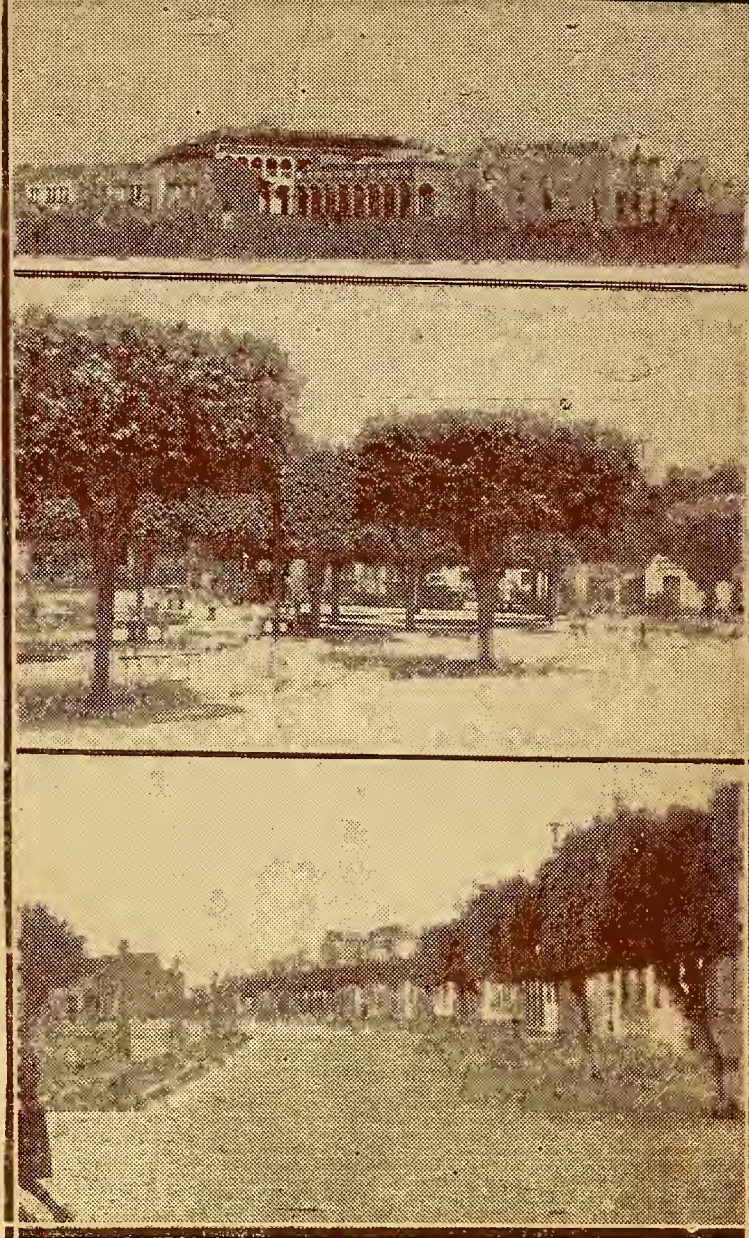
As administrações municipais têm primado por tornar a cidade moderna, com iluminação de fios subterrâneos, ruas calçadas a paralelepipedo, praças arborizadas e ajardinadas, bem cuidadas e sempre limpas, o que revela gôsto e bom tom em dirigir a coisa pública, se já não o fosse um sendo de honestidade elogiável, digno de servir de modelo a gestores municipais que nada realizam de proveitoso para a coletividade que dirigem.

Centro de matéria prima, Iguatú, conta com fábricas modernas, dentre as quais a Cidao e Anderson Cleyton, produtoras de sabão, óleos e algodão beneficiado, afóra inúmeras usinas de beneficiar o ouro branco, oficinas e pequenas indústrias.

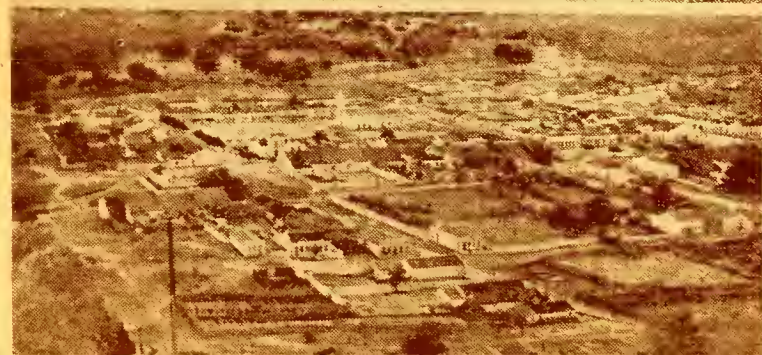
Com excelentes casas comerciais, várias agências bancárias, a vida econômica desta cidade - uma das mais movimentadas de todo o interior cearense.

Obras de vulto, no terreno do bem público, atestam eloquentemente o progresso local, destacando-se modernissima maternidade, ginásio, colégio e hospital.

Filhos ilustres, conscios de que quem faz pela terra natal torna-se credor da admiração e do respeito dos seus conterrâneos, envidam já os melhores esforços no sentido de transformar o Iguatú numa cidade de paz, progresso e riqueza.

IGUATÚ — Aspectos da cidade

IGUATÚ — Vista parcial da cidade

IPUEIRAS — Monumento a Cristo Redentor; casa onde nasceu o escritor Hugo Catunda; Igreja Matriz

IPUEIRAS — Aspectos da cidade.

INDEPENDÊNCIA

CIDADE ERIGIDA POR CONSELHO DE FREI VIDAL

ANTIGA POVOAÇÃO DO PELO-SINAL — NO VALE DO CRATEÚS — O FAZENDÃO DE JOSÉ FERREIRA DE MELO — MUNICÍPIO CRIADO PELO PIAUÍ — A FREGUESIA DE SANTANA FAZIA PARTE DO MARANHÃO — EM 1880 PASSOU PARA O CEARÁ — LENDA DE UM GRANDE AMOR... EM NOSSOS DIAS — FILHOS ILUSTRES

INDEPENDÊNCIA é municipio vasto com os seus 5.019 quilometros de extensão territorial. É terra privilegiada para a agricultura e a pecuária, visto como possui ótimas ribeiras, encostas de serranias e campos sem fim. O seu povo é afavel e trabalhador, sendo, todavia, notado que as condições de vida locais não estão de acôrdo com as possibilidades que a natureza oferece para uma existência farta e progressista. A cidade, pelo fato de se encontrar segregada do resto do Estado, por falta de estradas, ainda apresenta os traços originais dos seus primeiros dias. Ressalte-se algum progresso obtido nos últimos anos, tais como reforma da matriz, que é uma das mais belas da zona norte; a construção de uma moderna avenida no centro da urbs; edificação de uma penitenciária moderníssima e em grande estilo, e o surgir de algumas residencias de melhor porte. No mais, está como a cincoenta anos atrás.

O município está encravado nas terras que, outrora, pertenceram à dona Avila Pereira, compradas por 4.000 cruzados e cuja posse lhe foi dada e passada por Ouvidor, vindo de Oeiras, antiga capital do Piauí.

COMO SURGIU A CIDADE

Corriam os ultimos anos do século dezoito. O missionário Frei Vidal da Penha, de crônica famosa, perlustrava os sertões mais afastados. Por onde passava, a multidão ouvia enternecida a sua palavra de ouro e de fé.

Certo dia, manhã clara de sol intenso, Frei Vidal bate à porta da casa grande do fazendão imenso do Coronel José Ferreira de Melo. Foi recebido alegremente. Era uma honra hospedar a figura singular e marcante do notável missionário.

Anunciada a prédica, juntou-se um mundão de gente vinda de toda parte. É nesta oportunidade que Frei Vidal faz veemente apêlo ao rico fazendeiro, no sentido de que mandasse construir uma capela.

Homem daqueles tempos idos e vividos não faltava com a palavra como nos dias que correm... Promessa feita, promessa cumprida. E lá ergueu-se a capelinha, terminada em 1810. Festão tremendo, a da primeira missa...

Dia vai, dia vem, foi se chegando gente e principiou modesto arruado, em forma de quadro, ao redor da capela de Nossa Senhora Sant'Ana.

Estava fundado o povoado, cujo nome recebido foi o de Pelo-Sinal. Pertencia, como acentuámos, à Provincia do Piauí.

ROTEIRO HISTÓRICO

Ao correr dos anos formou-se o povoado. Aos 6 de setembro de 1836 era criado o Distrito de Paz, isto pela Resolução n. 56.

Em principios de 1857, os seus habitantes reclamam a criação do município, visto como a sua «prisão aos interesses do Crateús muito lhe prejudicavam o progresso. Oeiras, capital do Piauí, ouve-lhe as súplicas e pela lei provincial n. 436, de 24 de julho do ano citado, eleva o antigo povoado de Pelo-Sinal à categoria de Vila, com o nome de Independencia, separando-o de Crateús e tornando-o séde do município.

Foi, mais ou menos, nesta época, que os sertões de Independência foram agitados por lutas tremendas das quais participaram os Mourões, Ribeiros, Melos e Santiagos. Foi um Deus nos acuda ! Assassinaram barbaramente o Padre Inácio Ribeiro de Melo, como represália ao assassinato foi feito, o mesmo, em plena rua de Independência, na pessôa de João Severo, sub-delegado.

Em 1880, por lei geral, de número 3.012, datada de 22 de outubro, o territorio do município foi anexado ao nosso Estado, deixando, assim, de pertencer ao Piauí.

Em lei estadual de 20 de setembro de 1893, suprimiu o município. Em 1896 foi restaurado. Em 1931 foi, novamente, suprimido. Finalmente, o Decreto de n. 156, de 4 de dezembro de 1933, restabeleceu a independencia do município que perdura até os nossos dias. A Vila foi elevada à categoria de cidade, pelo Decreto n. 448, de 20 de dezembro de 1938.

FREGUESIA DE SANT'ANA

Antigamente o território da Provincia do Piauí pertencia, na parte religiosa, ao Bispado do Maranhão.

A freguesia de Nossa Senhora Sant'Ana, de Independência, foi criada aos 15 de setembro de 1853, tendo sido o seu primeiro vigário o Padre Antonio Ricardo Cavalcante de Albuquerque.

Por decreto consistorial de S. S. o Papa Leão XIII, de 10 de março de 1888, é desmembrada esta freguesia do Bispado do Maranhão, ato somente executado aos 10 de janeiro de 1889, no vicariato do Padre José de Araújo Galvão.

A Igreja-Matriz já sofreu várias reformas, dela já tendo sido vigário o Padre Nelson Terceiro de Farias e Padre Jovniano Barreto, figuras proeminentes do clero cearense.

Atualmente, está à frente da vicariato o Padre José Jaques Moura, um grande amigo do município.

UMA LENDA DE AMOR...

Antonio Bezerra de Menezes visitou Independência nos idos de 1888. Andava pelos municípios afóra colhendo elementos para publicação que fez em 1889.

Ouvia histórias. Guardava lembranças e tinha predileção pelas lendas que corriam mundão afóra... Uma delas está ligada à Independência.

Certo dia, Antonio Bezerra notou que, pela manhã e à tardinha, uma sabiá vinha cantar languidamente no topo da cruz da Igreja. Curioso, perguntou sobre o fato, e lhe informaram que...

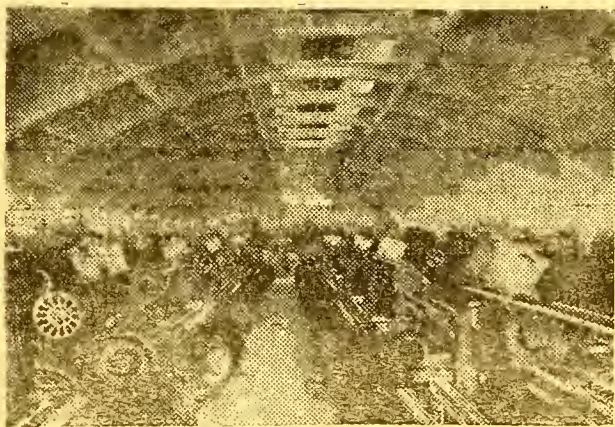
Havia em Independência uma moça que se apaixonara por um rapaz modesto. Ela era linda, êle homem de bom carater, porém pobre como Jób. A familia da jóvem opôs-se, de maneira formal, ao casamento. Ele, homem mais de ação do que de palavra, quís raptá-la, costume muito em voga naqueles longínquos tempos... Ela recusou-se, todavia.

O certo é que a moça adoeceu. Não saia mais da Igreja, rezando. O mal agravou-se. Está pálida e tristonha.

Num belo dia, esplendente de luz solar, ela solicita que lhe abram as janelas. Estava recolhida ao leito e já mal pronunciava palavras. Ao penetrar a luz, alguem nota que uma coisa voando, indo postar-se na cruz para, logo mais, desapareceu no horizonte. Ato continuo, a jovem falece.

A verdade, porém, é que realmente existem várias minas no Ipú, e não só de ouro. Os estudiosos da geografia cearense apontam ocorrencias inúmeras de preciosos minérios que deviam merecer as vistas do poder público.

FILHOS ILUSTRES

Independência é terra de gente ilustre. Citemos alguns filhos de maior relevo: Des. Umbelino Moreira de Oliveira Lima; Mons. Vicente Ferreira Galvão, figura de destaque na vida religiosa do Maranhão; Dr. José Mateus Gomes Coutinho, professor da Faculdade de Direito, político de projeção e jurista; Cel. Joaquim Domingos Moreira, antigo deputado em várias legislaturas; Dr. Tarciso Mota, Professor emerito, latinista e advogado brilhante: Dr. Antonio Pinto Areal Souto, poeta e jornalista no Acre; Francisco Areal Souto, jornalista e industrial no Amazonas; Dr. Aristófanes Vieira Coutinho, advogado e atual Prefeito do Município, onde goza de grande estima; Padre João Teófilo Soares Leitão, poeta ta e jornalista; Dr. José Pires Saboia Filho, poeta, jornalista, diretor dos Diários Associados no Maranhão, professor catedrático da Facudade de Direito de São Luís, advogado brilhante e pessôa que goza de vasto prestigio naquele Estado e muitos outros que honraram e honram, sobremodo, a terra em que nasceram.

I P Ú

PÁTRIA DE DELMIRO GOUVEIA

CENÁRIO DESLUMBRANTE — D. JOANA DE PAULA VIEIRA, A MISSIONÁRIA — A MATRIZ DA SERRA DOS CÔCOS — FORCA PARA OS CRIMINOSOS — A SERPENTE — GUARDAVA IMENSO TESOURO — AS MINAS DE DIXON — O DESPENHADEIRO DA MORTE — OS MOURÕES ESPALHARAM O TERRÔR — PÁTRIA DE GRANDES CEARENSES — O COLÉGIO DO LEOTA E A LITERATURA — O IPÚ DOS NOSSOS DIAS

A CIDADE do Ipú ergue-se no sopé da serrania da Ibiapaba, demorando, assim, num dos mais lindos recantos do Ceará.

Quem lhe transpõe os umbrais, conhecendo-lhe a história, sente uma profunda emoção, pois o cenário natural casa-se, em harmonia, com o ambiente de ternura que José de Alencar festejou em suas páginas admiraveis. É que, ali, corria os sertões a morena virgem dos lábios de mél, Iracema, cujo corpo lindo e deslumbrada se banhava no orvalho da noite. Foi plaga da grande nação Tabajara, tribu guerreira que perlustrou vales e socálcos vadeando rios e regatos, pelejando contra os invasores brancos até ao raiar da paz que Martim Soares Moreno, o bravo fidalgo, ofertou em troca do grande amor que a lenda regista com fervor e devoção. Povo feliz o ipuense, se ainda guarda com enlêvo o lindo episódio ocorrido na cabana de Araquem, pai de Iracema, quando viu a filha quebrar a flexa da paz guerreira e beijar a testa do forasteiro que aprendêra a amar a mulher como simbolo vivo de ternura e aféto...

E, ao correr dos anos, diz-nos a crônica histórica que esta bela herança não foi maculada pelas gerações que se sucederam, vez que o Ipú, hoje, figura na história do Ceará, como um dos municípios de mais bela formação espiritual.

Vivendo a vida simples e singela das cidades sertanejas, o Ipú já teve os seus dias agitados, ora por memoráveis festejos civicos e religiosos, ora por dramas sangrentos de nêgra memória e cujo epilogo era sempre tragédia inexoravel, símbolo fatídico da quadra colonial...

D. JOANA, A GRANDE MISSIONÁRIA

Rezam as crônicas históricas que, nos idos de 1694, foi feita, pelas Côrtes de Portugal, uma doação de vinte léguas de terra à respeitavel senhora Dona Joana Paula Vieira Mimosa, mulher de excepcionais qualidades de mando, genitora de muitos filhos. Estas terras estavam situadas onde, hoje, se ergue a cidade do Ipú.

É isto o que reza a tradição e segundo notável trabalho de Eusébio de Sousa, publicado na Revista do Instituto do Ceará, de 1915.

Desenvolvendo uma atividade incomum, D. Joana conseguiu catequizar muitos indigenas que desciam a serra e vinham pescar nos rios e riachos do ubérrimo vale.

Anos mais tarde, em 1740, vieram ter à aldêia vários clérigos da ordem dos jesuitas, ligados à missão da Vila Real de Viçosa.

Ao pequeno arraial foram, então, se agrupando novas casinhas de chão de barro batido, levantadas com paredame de madeira, em vertical, tomadas de barro vermêlho, com porta e janela para o nascente, formando, assim, o primeiro arruado.

Em 1870, é feita doação de terras para patrimônio da pequena capela que seria erguida e cujo orago seria São Sebastião. Erguida a capela, formou-se ao seu redor o quadro de casaria que passou a denominar-se Papo.

Vai crescendo o arraial, quando em 1841, é curada a pequena capela. Em 1791 havia sido criado o municipio de Vila Nova d'El Rei, com séde onde hoje está Guaraciaba, antigo Campo Grande. Em 1840 a séde deste município é transferida para o povoado de Ipú, elevado à Vila com o nome de Ipú Grande.

A freguesia de São Gonçalo da Serra dos Côcos, com séde na povoação de São Gonçalo, no cimo da serra da Ibiapaba, mais tarde, foi transferida tambem para Ipú, com séde na capela de São Sebastião, posteriormente elevada à Matriz.

A LENDA DO TESOURO DO HOLANDÊS

Registram os cronistas que ao se erguerem as primeiras parêdes da pequena capela, um aventureiro holandês enterrára, na praça fronteiriça ao templo, um tesouro imenso, colocando-o sob a guarda do santo padroeiro.

Este tesouro fôra trazido de uma grande gruta, distante 12 quilômetros da cidade, situada no lugar denominado Donato. Afirma a tradição que as riquezas guardadas nesta gruta eram incalculaveis, mas que sempre estavam debaixo da guarda de uma enorme

serpente dos olhos de fôgo. O holandês havia descoberto o segredo que fazia o feroz animal fechar os olhos. Retirou, então, grande copia de preciosidades, indo depositá-las em frente à capelinha. Voltando, para conseguir novo cabedal, foi devorado pela serpente...

Contam que, anos mais tarde, o tesouro enterrado no Ipú fôra retirado por um João da Costa Alecrim que ficára rico mas profundamente odiado pelo povo que lhe dava as costas ao vê-lo passar... É que o tesouro, por tradição e legítima herança, pertencia ao santo padroeiro do lugar, pois o havia guardado por longos anos...

FÔRCA PARA OS CRIMINOSOS

Houve uma época no Ceará em que criminoso não tinha sossego: foi no grande governo de José Martiniano de Alencar, homem integro, honestissimo e que, por sinal, foi o nosso maior governante.

Datam, tambem, desta quadra da vida provincial ocorrências de crimes pavorosos nos sertões do Ipú, na sua maioria levados a têrmo pelos Mourões contra os protegidos de Vicente Lopes Negreiros, sertanejo temivel que formou grupo impiedoso, capaz de façanhas quase lendárias.

Em sobressalto, já viviam as populações das adjacências do antigo Ipú Grande, isto desde quando imperava na região o famoso coronel Manuel Martins, potentado da Vila Nova d'El Rei, com batalhões de Ordenanças e que foi habilmente preso pelo capitão general João Carlos de Ovenhausen e Grevenburg, mais tarde Marquês de Aracatí.

O passado já favorecia a onda de crimes que iria se desencadear e nos quais tomaram parte saliente, como dissemos, os Mourões, familia numerosa, com algum recurso, espalhada numa imensa parentela. Muitas fazendas foram impiedosamente atacadas. Morreu muita gente braba, pois os grupos reclamavam vingança contra Vicente Lopes Vidal de Negreiros.

Parte da historia desta quadra sangrenta encontra-se descrita em «Memórias de Alexandre Mourão», publicadas no jornal «A Republica», que se editava em Fortaleza.

Foi, incontestavelmente, José Martiniano de Alencar que pôs têrmo a onda de banditismo que devastava aqueles sertões nos meados do século dezenove. Houve até a consumação de penas capitais, tendo a forca liquidado muito cabra perverso.

DESPENHADEIRO DA MORTE...

Uma das mais belas paisagens naturais do Ceará é a que podemos apreciar a três quilômetros da cidade do Ipú. O quadro nos é oferecido pela famosa Bica, jôrro d'agua que cai de uma altura de mais de 130 metros e que se transforma num lindo véu de noiva. O rochêdo parece haver sido talhado a capricho, pois a concavidade do mesmo oferece a formação de uma chuva constante, ininterrupta, dia e noite banhando a vegetação verdejante que fica no sopé da serra.

Bem próximo há uma gruta, formada de pedra e onde a lenda conta que vinha dormir Iracema, depois do banho vespertino...

Registra a tradição que, em tempos idos, certa vez, um jovem par, casado às escondidas da familia, descia a famosa escada de pedra que liga o vale ao alto da serrania da Ibiapaba e que demora proximo à Bica, quando, em uma fração de segundo, o noivo jovem forte, é lançado no despenhadeiro... Anos mais tarde, era sempre observada a reprodução da tragedia pelos moradores da redondeza. Dizem que foi a noiva quem lançou o proprio marido no abismo. Vinham passar a lua de mel no Ipú, pois haviam se casado na manhã do trágico dia...

Em 1871, após agitadas eleições, voltavam ao cimo da serra guapos coroneis. Um deles, vencido pelo alcool, caiu de uma altura de 100 metros, tendo morte imediata sobre os colossais lagêdos que se erguem âs margens do Ipuçaba, riacho de pequeno talweg que forma a decantada Bica.

Afóra a Gruta de Ubajara, é o recanto da Bica do Ipú, o mais deslumbrante do Ceará, digno de ser visto e admirado.

MINAS QUE DORMEM, ESQUECIDAS

Nenhum governo tivemos ainda voltado para as imensas riquezas minerais que dormem sono secular nas terras do nosso Estado. Algumas pesquisas foram levadas a bom têrmo, isto ainda na quadra colonial, quando a febre de ouro e aventureiros dominavam os nossos primeiros povoadores. Daí para cá nunca mais se explorou coisa alguma, apesar de haver fortes indicios de tesouros incalculáveis.

Nas cercanias da cidade do Ipú, famosas foram as pesquisas realizadas, algumas delas com desenlace tragico que levaram os seus exploradores até à loucura.

Foi êste o caso passado com o engenheiro Heráclito de Carvalho que, de sociedade com o Coronel José Bernado Teixeira, resolvera explorar a mina de ouro de Bom Jesús, a 12 quilômetros de Ipú.

Antes, o local fora estudado por dois ingleses, um dos quais de nome Dixon que constatára a existência do precioso minério. Feito o mapa, segue para a capital do império para conseguir o privilégio. Regressando, dorme em Recife, onde é misteriosamente assassinado, desaparecendo com êle o mapa famoso...

É, então, anos mais tarde que surge Heráclito. Tenaz, forte, moço, mete mãos à obra, juntamente com Teixeira que com auxilio de escravos já havia encontrado algumas gramas de ouro do mais puro quilate.

Trabalhando noite dia na montagem da tôsca aparelhagem por êle mesmo planejada e executada, cai em terrivel nervosismo. Curado, volta a pelejar nada encontrando, porém. O fato lhe liquida moral e fisicamente, ocasionando-lhe internamento em um hospicio onde veio a falecer pobre e desiludido.

O COLEGIO DE LEOTA E A LITERATURA

A vocação para as letras quase sempre já se traz do berço. Que o diga a vida luminosa de Leonardo Mota, ilustre filho de Pedra Branca. Já rapaz, o saudoso Leota ao deixar o Seminario, principia uma vida de intensa atividade intelectual, fundando um pequeno, mas movimentado colégio na cidade do Ipú e cujo nome de batismo foi «José de Alencar».

Ensinando o bom francês, o jovem Leonardo Mota de logo conquistou as simpatias de uma geração de ilustres ipuenses, hávidos de saber e presos às delicias do mundo literário.

Dia vai, dia vem, formou-se definitivamente um grupo de jovens. Fizeram-se assinaturas de bôas revistas e bons jornais, impressos no Rio e que vinham ter ao Ipú depois de três meses a quatro de editados... Eram lidos sofregamente e comentados até alta madrugada. Do grupo faziam parte, entre outros, Abilio Martins e Eusébio de Sousa. Isto, no primeiro quartel deste século. Leota fundou a «Gazeta do Sertão» e através de suas páginas fez a campanha de João Tomé que, eleito Presidente do Estado, lá trouxe o diretor da «Gazeta» para as funções de Secretário do seu governo.

Outras fases de vida intelectual teve o Ipú. Ora fundando Grêmios e Gabinetes de Leitura, ora formando grupos que levavam a bom termo a artegramatical.

Dentre os filhos ilustres desta cidade admiravel, anotamos entre outros: Tomaz Aquino Correia e Sá, Amadeu Furtado, recentementemente falecido, o grande arquiteto Arquimedes Memória, Milton e Raul de Sousa Carvalho, aquele ex-deputado federal e este cronista primoroso, os filhos de Leota, todos intelectuais, José Aurelio, Murilo, Moacir, José Lourenço e Orlando que nasceu em Fortaleza, foi para o Ipú, criança, lá vivendo vários anos; Plinio Pompeu de Saboia Magalhães, atual Senador da República, José Osvaldo de Araújo, estudioso da literatura do Ceará; Oséas Martins, jornalista, no Rio; Quixadá Felício, jornalista e médico no Crato; Dr. Raimundo Justo Ribeiro, deputado estadual; Abdoral Timbó, deputado estadual; Francisco Araújo, médico, homem de cultura, que péca por grande modestia; Francisco Magalhães Martins e o notavel Delmiro Gouveia, pioneiro da eletrificação de Paulo Afonso, fundador de uma fábrica de linhas, vitima do capitalismo judaico. Da nova geração despontam José Lourenço e Tomaz de Araújo Correia, Luís Dias, aquele engenheiro agronomo, e estes médicos.

O IPÚ DOS NOSSOS DIAS

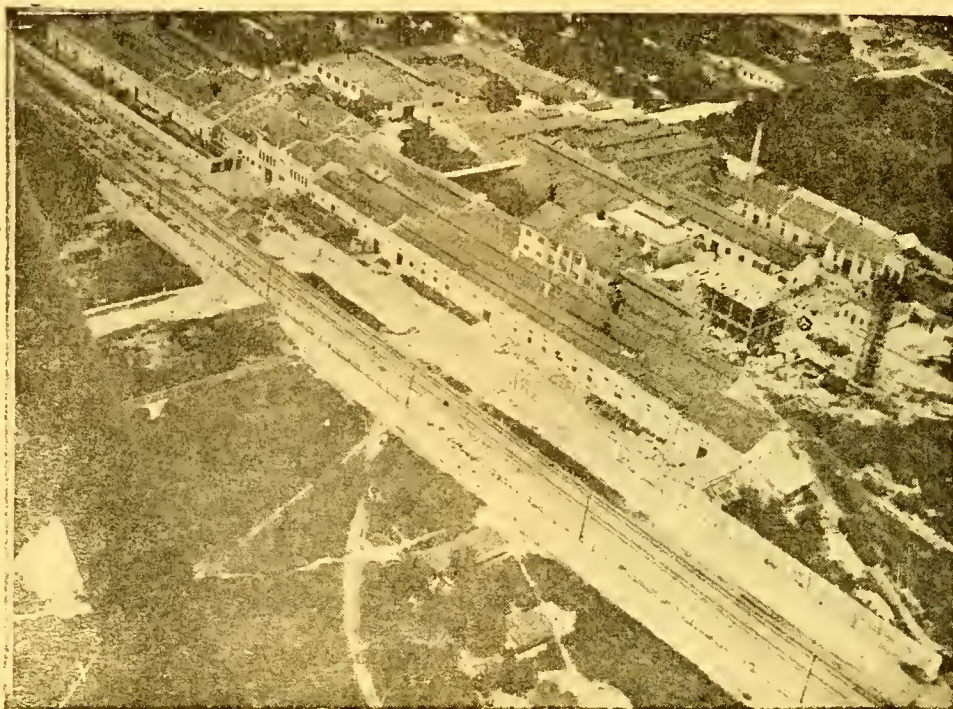
Se ontem o Ipú liderou a vida intelectual da zona norte, chegando mesmo a superar a atividade literária de Sobral, em nossos dias realiza uma das mais completas obras de assistência à infância de que temos notícia em todo o Estado.

Vale ressaltar, aqui, que para isto muito contribuiu Francisco Araújo, médico, intelectual, bom ipuense e sempre voltado para o progresso de sua terra natal. Gentil Barreira e Milton Sousa Carvalho, aquele conseguindo subvenções e auxilios e este doando diretamente do seu proprio bolsa, tem sido patrono de louváveis iniciativas em prol da infância e juventude do Ipú.

Instituições como o Patronato Sousa Carvalho, Maternidade Franciso Araújo, Posto de Endemias e Posto de Puericultura são dignas de relevo, por isso que vêm realizando uma obra notavel de educação assistencial, sendo o dr. Tomaz de Araújo Correia o principal animador destas magnificas obras.

De modo geral, a cidade vive sob uma nova mentalidade progressista desde que assumiu a direção da municipalidade Oscar Coêlho, homem íntegro, membro de destacada familia local e sempre desejoso de realizar alguma coisa de duradoiro que marque a sua administração.

Terra de vida social cativante, com sociedade distinta e elegante, a Pátria de Abilio Martins, o primoroso poeta e homem público inatacavel, marcha, a passos firmes, para se transformar numa das melhores cidades do Ceará.

Zona de uma fertilidade assombrosa com mais de 40.000 habitantes, com excelentes propriedades rurais, assegura-se-lhe futuro promissor, dias de paz e de honança, já que o seu povo labora a terra com o fervor e o carinho dos antigos romanos.

IPUEIRAS

PRAÇA DE GUERRA DOS FEITOSAS

O FAZENDÃO IMENSO DO CÉLEBRE PRISIONEIRO DE OEYNHAUSEN E GREWENBOURG — A FREGUESIA DE S. GONÇALO DA SERRA DOS CÔCOS — O SACERDOTE PIONEIRO — A POLÍTICA CONTRA O PROGRESSO — QUADRA DE SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS—O MUNDO ERA PEQUENO PROS MÉLOS E MOURÕES — AS ESTRADAS, CAMINHOS DA CIVILIZAÇÃO — A CIDADE DOS NOSSOS DIAS — FILHOS ILUSTRES

O LOCAL onde hoje se ergue a simpática e acolhedora cidade de Ipueiras, foi outrora domínio de fazendão imenso, propriedade sem fim do famoso Manuel Martins Chaves, Coronel do Regimento de Cavalaria, Presidente do Senado da Câmara da Vila Nova de São João d'El Rey e uma das figuras mais curiosas da crônica colonial. O império do poder deste homem singular estendia-se por uma amplitude geográfica imensa, alcançando a serrania da Ibiapaba e indo fenecer já nos sertões dos Inhamuns, onde outros potentados, os Feitosas estabeleceram limites de guerra. Um belo dia, nos idos de 1806, João Carlos Augusto de Oeynhausen e Grewenbourg, Governador da Capitania, homem de pouca conversa e de mais ação, resolve pôr têrmo ao ilimitado poder de Manuel Martins, acusado de mandar praticar crimes terríveis, inclusive assassinato da pessoa do Coronel Porbem Ribeiro, Juiz de Vila d'El Rey. E lá se foi o Governador para a Ibiapaba passar revista nos Regimentos da Capitania. O certo é que Manuel Martins, querendo ser gentil a João Carlos, o acompanhou através de várias pousadas, até que, em Ibiapina, a bomba explodiu: debaixo de um barracão estava uma mêsa, e sobre ela Oeynhausen colocou uma coroa. Perguntou a Manuel Martins se a conhecia ao que ele respondeu:

É de Sua Majestade, Minha Soberana.

— Pois em nome dela se considere prisioneiro.

Era o fim do grande potentado. Foi, meses depois, recolhido aos cárceres da prisão de Limoeiro, em Lisbôa, onde faleceu em 1808.

As suas propriedades foram confiscadas. A fazenda Ipueiras retalhada, e um dos adquirentes, Joaquim Alves Linhares, anos depois, ao se retirar para o Piauí, doou o seu quinhão para servir de patrimônio a Nossa Senhora da Conceição, atual padroeira de Ipueiras.

SÃO GONÇALO DA SERRA DOS CÔCOS

Nos meados do século dezoito, muito poucas eram as Freguesias Eclesiasticas no Ceará Grande. Contavam-se pelos dêdos das mãos: São José do Ribamar, em Fortaleza; Santo Antonio, do Quixeramobim; Nossa Senhora da Assunção, de Viçosa; N. S. do Rosário, de Santo Antônio de Russas e outras de menor expressão. Nesta quadra foi criada a Freguesia de São Gonçalo do Amarante da Serra dos Côcos, com séde no cimo da serrania da Ibiapaba, abrangendo enorme extensão.

A povoação de São Gonçalo logo prosperou e os fiéis ergueram, anos depois, um templo colossal, ainda hoje existente. A influência desta freguesia foi enorme em toda a região. Em tôrno de sua séde se ergueram excelentes propriedades rurais, cujos chefes se transformaram em verdadeiros potentados.

É da época do esplendor desta paróquia que datam as lutas tremendas de Alexandre Silva Mourão contra José de Barros Neto.

Dia vai, dia vem, se criaram as freguesias de Santa Quitéria, de Tamboril, de Campo Grande e a primitiva, isto é, de São Gonçalo, é transferida para a Vila do Ipú. Anos mais tarde, aos 27 de outubro de 1883, é instituida a freguesia de Nossa Senhora da Conceição, de Ipueiras.

Hoje, resta a êste município de Ipueiras a herança histórica, visto como a antiga povoação de São Gonçalo ainda conserva a sua velha e tradicional Igreja, sendo que a Vila se denomina em nossos dias, de Mororó.

O FUNDADOR DA CIDADE

Embora anteriormente já tivessem sentado moradia alguns povoadores, a verdade é que Ipueiras principiou os seus melhores dias de existência dêsde quando passou a residir no pequeno arraial o Padre Francisco da Mota Souza Angelim, filho dos Inhamuns.

À sua chegada, a capela que fôra mandada erigir, em 1867, pelo Coronel Vicente Gomes Ferreira, teve as suas portas abertas e passou a ser olhada com carinho pela Matriz da Serra dos Côcos.

Homem hábil, inteligênte, maneiroso, de marcante personalidade, o Padre Angelim foi conquistando ovelhas ao mesmo tempo que estimulando a construção de casaria de melhor porte. E, aos poucos e pouco lá se foi melhorando o povoado.

A correr de poucos anos lá estava florescente Vila, visto como eleito deputado, o

Padre Angelim em 1883 fez aprovado um projeto de sua autoria na então Assembléia Provincial, pelo qual ficou criado aos 25 de outubro, o município de Ipueiras, tudo de acordo com a lei n.º 2.036.

Como a política nem sempre faz o progresso do interior, antes o procastina, em 1884 o município foi extinto, fato ocorrido por simples e criminosa oposição ao Padre Angelim. Em 1889 foi restaurado. Já agora, em 1933, novamente extinto (politicagem) e, por último restaurado aos 18 de março de 1935. Em 1938, a Vila foi elevada à categoria de cidade.

O Padre Francisco da Mota Souza Angelim faleceu aos 18 de julho de 1884.

MUNDÃO PEQUENO PRÓS MELOS E MOURÕES

Quem perlustra a crônica histórica do Ceará, nos idos que vão de 1800 a 1860 é que vai encontrar briga pros seiscentos diabos ! . . .

Em primeiro lugar, não havia cabra bom na pontaria que não encontrasse potentado para aliciá-lo em suas fazendas. E os Inhamuns ficaram famosos nestes tempos recuados. Não havendo mais cadeia segura para criminoso, o dr. Inácio Francisco da Silveira Mota mais tarde Barão de Vila Franca e então chefe do Govêrno do Ceará, resolveu passar uma vassourada em regra nos sertões da Província do que resltou enviar mais de uma centena de fascinoras para a ilha Fernando de Noronha. Foi um deu-nos-acuda . . .

É desta época que data a perseguição ao célebre José de Barros Melo, terror dos sertões do Ipú. Ipueiras, Principe Imperial (hoje Crateús) e todo o vasto território dos Inhamuns. Era Chefe de Polícia Francisco Domingues da Silva, sobralense valente como as armas. Conselheiro do Império..

A história é mais ou menos esta: — por isto ou por aquilo, os Mourões que tinham Casa Grande na Serra dos Côcos, ainda hoje existente na atual Vila Mororó, se desavinheram com os Mélos, cujo chefe era José de Barros. Luta vai, luta vem, vai muita gente de emboscada na curva das estradas reais . . . Certa feita, a vila do Ipú estremeceu: — os Mourões atacaram as forças políticas, abriram as portas da cadeia e soltaram os presos, inclusive um que lhes era parentado. Corre-corre danado e no fim, delegado morto . . .

Os Mélos, por sua vez, senhores dos sértões de Crateús, se transformaram em homens terríveis. A coisa ficou preta. E as famílias se degladiaram por longos anos. Vez por outra, um era defunto ruim. Foi os diabos nos sertões das Ipueiras e circunvizinhanças . . . Dias agitados aqueles do Ceará de 1800 e quê . . .

NOS DIAS QUE CORREM

Mas a época de domínio dos potentados teria forçosamente que passar. Não há bem que sempre dure e nem mal que não se acabe...

Aos pouco e pouco a políticagem, feita a trôco de bacamarte, foi cedendo, sucedendo-se as famosas eleições a bico de pena. Da força bruta passava-se para a habilidade, para a safadeza inteligente . . .

Os caminhos, antigas estradas reais, foram alargados para rodovias amplas e a civilização principiou a penetrar nos sertões. Aos primeiros albores do atual século, Ipueiras recebe, entre gerais alegrias, a noticia de que em breve teria caminho de ferro . . . Efetivamente, a 1.º de maio de 1910 chega o primeiro comboio à florescente cidade. E, aos 3 de novembro do mesmo ano a ligação ferroviária seguia caminho à Crateús, levando consigo a civilização, o progresso e o recuo de uma época que primára pela intranquilidade das populações rurais.

Em nossos dias aí está a formidável cidade da zona norte do Estado. Conhecemos todas as sédes municipais desta região e podemos afirmar, sem receio de contestações, que nenhuma outra está presentemente, revelando maior progresso do que Ipueiras.

Município com uma população superior a 30 mil habitantes, com terrenos de serra e de sertão, habitado por gente laboriosa e ordeira, afável e finamente educada, as suas vilas se transformam em pequenas cidades.

A séde Ipueiras, já com as suas ruas calçadas a paralelepipedo, bem iluminadas, com excelentes residências, bem traçadas, com praças muito bem cuidadas, colégio e grupo bela matriz modernissima penitenciária, tudo revelando cuidado e esmero por parte dos administradores municipais.

Vale, aqui, ressaltar a felicidade que tem tido esta terra com os seus prefeitos. Sobre os dois últimos posso afirmar laboriosos e excelentes, destacando-se sobretudo o atual dirigente da comunidade, Sebastião Gomes de Matos, cujas últimas realizações atestam de sobejo o seu gráu de honestidade pública. Com bons auxiliares, dentre os quais José de Matos, moço inteligente e dinâmico, o governo de Ipueiras realiza a verdadeira obra municipalista.

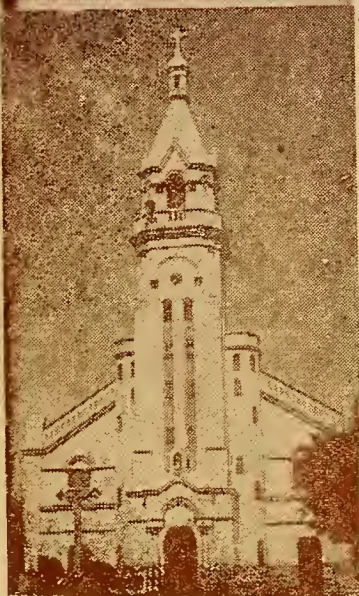
FILHOS ILUSTRES

O filho mais ilustre de Ipueiras é Hugo Catunda. Homem de cultura, historiador de mérito, versado em assuntos de pedagogia moderna, bom jornalista, de palavra fácil e linguagem primorosa, pertence, entre outras instituições culturais, à Academia de Letras do Ceará e ao Instittuo Histórico do nosso Estado. É um grande amigo da terra em que nasceu.

No clero Ipueiras, aparece com o Padre Eurico de Melo. Monsenhor João Tolentino Gadelha Mourão, antigo deputado federal pelo Maranhão e homem de brilhante cultura; Padre Joaquim da Silva Mourão; Padre Jacques Moura; Padre Evandro Moreira e outros que a memória não lembra de momento.

Na magistratura, temos o Desembargador João Firmino de Holanda Cavalcante, antigo Presidente do Tribunal da Relação do Ceará. No Ministério Público o jovem dr. Orlando Catunda e o dr. Aquiles Peres Mota, ao tempo de estudante estimado líder da classe que o elegeu Presidente do Centro Estudantal Cearense. No jornalismo temos o Dr. Oscar Pacheco Passos, redator dos Diarios Associados e brilhante comentarista político.

Hoje contam-se às dezenas os moços filhos de Ipueiras que estudam nas escolas superiores do Brasil.

ITAPAGÉ — Casa onde nasceu o escritor Quintino Cunha e Matriz de São Francisco

ITAPAGÉ — Grupo Escolar; Centro Social; Praça principal da cidade

ITAPIPOCA — Igreja Matr
Escola Normal e aspécto
da cidade

ITAPIPOCA — Antiga e famosa penitenciária
e Casa da Camara

ITAPAGÉ

CIDADE ONDE NASCEU QUINTINO CUNHA

FREI VIDAL DA PENHA, O FAMOSO MISSIONÁRIO — UM SÉCULO DE VENERAÇÃO — RIACHO DO FOGO — ENXADA QUE SERVIA DE SINO... — SINGULARIDADES, FATOS E EPISÓDIOS INTERESSANTES — OITO ANOS POR UMA IGREJA — RIBOMBAR DE ROUQUEIRAS NA REVOLUÇÃO DE 1824 — FAUSTO E ESPLENDOR DE OUTRORA — FAMOSO CHEFE POLÍTICO TOMBA NUMA EMBOSCADA — MONSENHOR CATÃO E PADRE TEÓGENES — A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

A REGIÃO denominada Uruburetama compreende três cidades progressistas e hospitaleiras, que são Itapipoca, Uruburetama (antigo Arraial) e Itapagé antigo São Francisco).

É uma das zonas mais férteis do Estado, com características próprias, por isso que possuindo excelentes terras de sertão e serrania.

Na ordem de população, Itapagé está em segundo lugar, posto que conta com 37.000 habitantes, enquanto Itapipoca está com 66.000 e Uruburetama com 30.000. Todas acham-se localizadas no sopé da serra, razão por que gozam de clima excelente, de alimentação farta e sadia, Itapagé, cujo nome traduz «frade de pedra», conta com um futuro promissor, pois está localizada à margem da BR.22, estrada que liga Fortaleza a Teresina, com trânsito intenso e ininterrúpto, mesmo nas quadras de bons invernos. É uma cidade simpática, embora as suas ruas revelem desalinho e a topografia da urbs seja sinuosa. O seu povo é profundamente hospitaleiro e teve, outrora, dias de fáusto e esplendor quando a cultura do algodão lhe fazia a maior riqueza.

Oferece uma paisagem deslumbrante na época de chuvas, enquadrada na moldura verdejante da serrania que lhe contorna o perfil, do qual se destaca la no alto, sólido, quase indecifrável, meio sombrio até, o colossal e gigantesco frade de pedra, que «o povo aponta respeitoso e altivo, como a estatua fatal de um redivivo...»

É pátria de filhos ilustres e a sua história é uma síntese primorosa da fôrça colonizadora do homem do sertão aliada à fé daqueles que, nos idos do século passado, escreveram com bravura uma linda página de heroismo cristão, levantando, aqui e ali nichos, capelas e igrejas em tôrno das quais nasciam cresciam e prosperavam as vilas e as cidades do Ceará.

NO TEMPO DE FREI VIDAL DA PENHA

Nos albôres do século dezoito, perlustrou os sertões do Ceará, pregando o Evangelho, o famoso capuchinho Frei Vidal da Penha. Por onde passava, sucediam-se as conversões. A sua palavra era verbo divino transformado em luz. A sua fama corria mundo e a sua vida era de santo.

Certa vez percorreu a Uruburetama e foi levantando, por onde passava, cruzeiros enormes que atestavam a crença em Deus e o caminho da sua missão através do hinterland.

A povoação de Santa Cruz mereceu a visita do capuchinho. Levantou-se a cruz enorme, e Francisco Cunha Linhares e Domingos Pereira Pinto doaram terra para ereção de capelania, com orago à Nossa Senhora da Penha.

Aos 3 de dezembro de 1842 é criada a freguesia e, logo mais, a povoação florescente de Santa Cruz da Serra da Uruburetama é elevada à Vila, sob a denominação de Vila Constituinte, criando-se, assim, o município.

Dia vai, dia vem, crescia e prosperava outra povoação, um pouco distante da Vila da Constituinte que, em 1850, teve o seu nome mudado para Vila de Santa Cruz de Uruburetama (Lei n.º 534, de 10 de dezembro).

Corria o ano da Graça de 1839 e fincou moradia, onde hoje se ergue a cidade de Itapagé, Antonio Rodrigues Martins, mais conhecido pelo apelido de Carola. Casa grande, dono de terras, dedicou-se à agricultura e à criação juntamente com alguns moradores. Logo mais se acercavam, do primeiro desbravador, Joaquim Alves Cavalcante e Rufino Ferreira Gomes. Foram os pioneiros da futura cidade de São Francisco.

Tudo corria em paz quando um belo dia, aparecem famosos bandoleiros, homens temiveis. Eram os Mourões, sucedidos nas tropelias por Vicente Lopes. Foi um deus-nos-acuda. Houve luta e morreu gente. O lugar passou a chamar-se, sinistramente, de Riacho do Fogo, nome que lembrava as façanhas alí registradas.

Passou a tempestade e o lugarejo transformou-se em povoado próspero. Formou-se o arruado de beira e bica.

Em 1846, dizia missa, numa casa de bolandeira, adrede preparada, o então vigário de minha terra natal, Canindé, que por estas

bandas andava em desobriga. Servia de sino uma enxada pendente de um telheiro . . .

Num quadrado, anos depois, erigia-se tosca capelinha sob a invocação de São Francisco. Isto em 1847, tendo à frente Francisco Miguel de Andrade e Francisco Teixeira Bastos, coronel de vastos cabedais e senhor de muito prestigio em toda a redondeza.

Sempre prosperando, a nova povoação já apresentava sinais de um belo futuro. Vai daí, ser transferida a séde do município, de Santa Cruz, para o então São Francisco. Isto ocorreu nos idos de 1850, aos 20 de julho.

A séde da freguesia que ficára na primitiva Vila, vai igualmente transferida, em 1862, para São Francisco.

Ao correr dos anos acentua-se o crescimento da novel Vila, enquanto entra em decadência a antiga Santa Cruz, como era óbvio, em vista da transferência da séde do município e da paróquia.

Em 1870, abrem-se subscrições populares para a erecção de uma igreja. Está à frente do movimento a figura impressionante do Padre José Thomaz. Em 1878, o templo recebe a benção e nela se celebra missa festiva em meio de efusiva alegria da população local. Há foguetório e dobrados de filarmônica.

No pedestal do cruzeiro, mandado levantar por iniciativa de José Furtado Pacífico, está sepultada D. Ana Geralda, esposa deste famoso coronel de priscas eras. Era costume antigo . . .

Ao findar do século dezenove, no último quartel, já lá estavam, vivas e atraentes, as ruas do Pau Ferrado, da Municipalidade, do Comércio e do Capitão Raimundo . . .

Assim nasceu e cresceu a simpática cidade de Itapagé, que já teve dias de fausto e de esplendor . . .

SOCIEDADE REQUINTADA

O antigo São Francisco da Uruburetama já teve os seus dias de riqueza e de requinte.

Foi município riquíssimo, outrora nadando em fartura, do que irradiou fama e fez despertar inveja a muita cidade e vila tida e havida, então, como a primeira em sociedade educada e aprimorada no bom tom.

Nos dias de festa maior, fazia gosto ver o traje usado pelos maiorais da próspera localidade. As residências possuiam o que de melhor podia exigir-se em conforto naqueles recuados anos do findar do século dezenove.

Fazia-lhe a fortuna e a vida farta a grande produção de borracha e de algodão, pois, anualmente, produzia mais de 20.000 fardos do ouro branco. Teve a cultura algodoeira protegida por Boris Fréres, prestigiosa casa comercial que, naqueles tempos recuados, operava em maior escala no comércio da capital.

Basta dizer que, nas reuniões distintas, a sociedade usava luvas de pelica e as mulheres, muito bem educadas, trajavam lindos e caros vestidos. Tempos bons que não voltam mais . . .

Toda a cidade tem a sua história interessante, pontilhada de episódios e fatos pitorescos. Uns já estão envolvidos em lenda, outros ainda são conservados em cores tão vivas pela crônica que, relembrados, parecem vividos no presente . . .

Certa vez vivia em Itapagé um homem, ainda moço. Desconfiou da mulher e deu-lhe uma surra tremenda. Foi processado, condenado, mas não sujeitou-se à pena. Foragiu-se, internando-se nas matas da serrania. Passou mais de 25 anos sem que ninguem o visse. Tornou-se selvagem nos modos, nos costumes, no falar e no viver. Assim foi encontrado e recambiado por alma piedosa, que dele compadeceu-se. Não mais suportou a vida civilizada, e retornou para os lugares êrmos dos vale se socálcos, da serroteira de noites sinistras . . .

De uma feita, alguém saiu pelos campos afóra, internando-se pelos vales e grotões da Uruburetama. No meio da floresta densa, encontrou uma caverna escura, com entrada que metia medo. Movido pela curiosidade foi verificar de perto para contar de certo . . .

Qual não foi a surpreza ! De dentro da caverna saiu uma mulher semi-selvagem. Apenas balbuciava. Não sabia mais se expressar como ser humano. Alí morava a mais de 10 anos . . .

Num belo domingo, Leandro José das Neves, que era açogueiro e tinha boa casa de comércio, homem bravo vindo dos confins do Rio Grande do Norte, se debruçava no fundo do quintal . . .

De repente há um reboliço nas moitas de matapasto. Um tiro ecôa no ar. Cai fulminado o Leandrão, apelido porque era conhecido o famoso açougueiro do antigo São Francisco.

Criára inimizade com Benjamin da Rocha, desfeitiando-o certa vez. Dia vai, dia vem, a vingança foi premeditada e nela envolvidos o coronel Joaquim Coelho e o próprio Padre Coelho que, presos e remetidos para a capital, responderam Juri meses depois.

O pior é que o Padre Coêlho casara a viuva de Leandro com um tal João Pinto, mestre escola, casado. Foi os diabos . . . Novo processo em cima do Padre irrequieto daqueles tempos idos e vividos . . .

Itapagé participou das lutas que se desenrolaram no Ceará na época da famosa República do Equador.

Antonio Bezerra de Souza Menezes, Coronel Comandante D'Armas, para a Uruburetama se dirige, à frente de aguerrida tropa.

O Coronel Gonçalo de Andrade Sampaio opõe-lhe obstinada resistência mandando por nas ladeiras por onde passaria a tropa de Antonio Bezerra várias barricas, enormes, cheias de areia, que deviam rolar de estrada abaixo ao primeiro sinal de dezenas de ronqueiras adredes colocadas em pontos estratégicos. Na hora aprazada, foi um deus-nos-acuda . . .

Houve correrias, cantou bala e o milhar de caboclos de Andrade Sampaio não resistiu a bravura da gente do Comandante D'Armas. Passou todo mundo em demanda, logo mais, da serra do Baturité. Corria outubro de 1824...

A EMBOSCADA DE 1889

Governava o Ceará a malfadada política aciolina de absoluto e total predominio do coronelismo político. Nos sertões, quem não estivesse com o govêrno estava sempre am maus lençóis. Era exatamente o contrário do que é hoje, de vez que govêrno não ganha mais

eleição nem faz, consequentemente, o seu sucessor. Corria 1899. Governava Pedro Augusto Borges.

Itapagé, então São Francisco da Uruburetama, era vasto município. Com grande eleitorado, tinha expressão, notadamente por possuir um grande chefe, que era o Cel. Neutel Pinheiro Bastos, homem de largo prestigio, a ponto de João Brigido afirmar que, naquela época, três eram os maiores políticos do Estado; José Acioli, Belem no Crato, e Neutel no São Francisco.

Inimizade vai e inimizade vem, os adversarios do famoso coronel preparam, às caladas da noite, em lugar êrmo, a cilada fatal.

A politicagem andava agitada e era Chefe de Polícia o dr. Alfredo Teixeira Mendes, cujas ordens eram severas para a manutenção da ordem.

O certo é que, na manhã de 24 de janeiro de 1899, o dia amanhecera sinistro para o Cel. Neutel Bastos. A emboscada, adrede preparada, põe fim ao bravo, sertanejo. Foi os diabos, dentro do Itapagé. E não podia deixar de ser, pois Neutel gozava do maior prestígio, sendo um benfeitor da cidade.

O maior filho ilustre de Itapagé é inquestionavelmente, Quintinho Cunha, poeta, jornalista e advogado famoso. Aos 11 anos de idade, estreiou na imprensa Pertenceu à Academia de Letras do Ceará e foi deputado estadual em 1913. Era orador brilhantissimo. Publicou várias obras, entre as quais, a de maior valor, «Pelos Solimões», hoje rarissima.

Alba Valdez, pseudônimo de Maria Rodrigues, é outro nome que enobrece e eleva a terra em que nasceu, Itapagé. Poetiza, escritora de renome, faz parte do Instituto do Ceará.

Entre outros, se destacam pela cultura drs. José Francisco Jorge de Souza, Virgílio Celso Jorge de Souza, Raimundo Austregésilo de Ataíde, Virgílio Brígido, Alexandre Rodrigues Barroso.

Atualmente, podemos citar ainda: — D. Aureliano Matos, ilustre e estimado Bispo de Limoeiro do Norte; Júlio Costa Ribeiro, Prefeito de Uruburetama; Napoleão Bastos, do Ministério da Educação; dr. Gustavo Araújo Jorge de Souza, capitão aviador Wilson Bastos Chaves, Sigisnando A. Chaves, dr. José de Castro Bastos, dr. Raimundo Vieira, dr. Edson Carvalho Lima, advogado, professora Estefânia Matos, Jauro Bastos, cel. Raimundo Araújo Bastos, dr. Luís Vieira, Raimundo Vieira Filho, atual Prefeito e alto comerciante, Aristóteles Alves Carneiro, história viva de Itapagé, e Paulo Bastos, fundador de Irauçuba.

Ressalte-se haver nascido em Itapagé um dos homens mais dignos e humanitários que o Ceará já possuiu em todos os tempos, que foi Antonio Diogo de Siqueira.

Anote-se, ainda, Gustavo Augusto de Araújo Chaves, antigo tabelião, homem de bem a toda prova e Cel. Raimundo Costa Ribeiro que, ao seu tempo, foi grande chefe político.

Embora filho de Caucaia, antiga Soure, Catão Porfirio Sampaio, Monsenhor e homem de projeção na vida política do Ceará, prestou a Itapagé os mais assinalados serviços. Ordenado em 1902, vigariou durante 28 longos anos o paroquiato de São Francisco.

Caráter magnífico, impôe-se pelos atos de benemerência e cordura, donde lhe adveio grande prestígio. Foi prefeito, vereador e ocupou outros cargos públicos no município. Construiu estradas, açudes, mercados e até postos médicos de emergência. A cidade de hoje lhe deve muito do que é.

Outro clérigo que prestou notáveis serviços a Itapagé foi o padre Teógenes Gondim, ao tempo do vigariato local, de vez que fez uma grande reforma na Matriz local, pelo que é uma das mais belas do Ceará.

Nestes últimos anos, Itapagé tem progredido bastante, Antonio Braga, ex-prefeito, levou a bom termo várias iniciativas louvaveis e o atual gestor da municipalidade, Raimundo Vieira Filho, homem de bem, já inaugurou varias realizações de caráter progressista.

Com bom comércio, gente afavel, movimento intenso, Itapagé é cidade de grande futuro.

Tendo a felicidade de possuir autoridades dignas e honestas — padre Evaristo de Melo, vigário culto e operoso; dr. Joaquim Jorge de Sousa Filho, juiz e moço de bons predicados morais e Raimundo Vieira Filho, Prefeito estimadissimo — é cidade que vive em paz, na esperança de dias sempre melhores, o Itapagé de hoje, antigo Riacho do Fogo de Antonio Rodrigues Martins, é a segunda no Estado no proclamar a libertação dos escravos.

ITAPIPOCA

ANTIGA CIDADE DA IMPERATRIZ

JERÔNIMO GUIMARÃES, O DESBRAVADOR — AS SESMARIAS DE FERNÃO CARRILHO — VICENTE LIMA, FUNDADOR DA CIDADE — O JOGO E A POLÍTICA — A MATRIZ DAS MERCÊS — A CADEIA IMPERIAL — ANASTÁCIO BRAGA, O GRANDE CHEFE — FILHOS ILUSTRES E FAMÍLIAS TRADICIONAIS — REALIZAÇÕES E MELHORAMENTOS

REGIÃO privilegiada pela natureza é a que demora no cimo e no sopé da serra da Uruburetama, por isso que a sua colonização foi efetivada sem maiores atropêlos, dentro dum ritmo normal que se ia tornando mais acelerado à proporção que se concediam as sesmarias pelos antigos capitães-móres da então Capitania do Ceará Grande.

O povoamento desta rica e vasta região, realizou-se ininterruptamente quase ao mesmo tempo em vários lugares, sendo interessante observar-se como os primeiros colonizadores souberam escolher locais apropriados para a edificação das cidades que, em número de três, são as de Itapagé, antigo São Francisco da Uruburetama, Itapipoca, outrora Imperatriz e Uruburetama, antiga Arraial.

Possuindo notável fertilidade, com vales e fraldas ubérrimas, a vasta serrania da Uruburetama faz parte do cordão setentrional da orografia cearense, extendendo-se numa largura de 25 a 70 quilômetros por 100 de comprimento. Região uniforme no clima, estava, por isso mesmo, destinada a ser um dos núcleos de maior densidade demográfica do Estado, dela participando ativamente três comunidades, das quais se destaca Itapipoca, atualmente, vivendo um grande surto de progresso material.

COMO NASCEU A CIDADE

Desde o principio, Itapipoca não foi a séde do município do mesmo nome, posto que a Resolução de 3 de fevereiro de 1823, tornada efetiva pelo Alvará de 17 de outubro do mesmo ano, criava o município com séde na povoação de São José, antiga Vila Velha, sendo solenemente instalado aos 16 de julho de 1824, conforme afirma Antonio Bezerra de Menezes nas suas «Notas de Viagem», famôso livro publicado em 1889.

Foi fundador desta Vila Velha, Jerônimo de Freitas Guimarães, destemido e bravo sertanista e que se estabeleceu nestas cercanias nos meados do século dezoito. Ao redor do grande terreiro da casa grande de Jerônimo, se ergueram, então, as primeiras moradias do futuroso arraial da Vila Velha, mais tarde chamado de São José.

A cidade de Itapipoca surgiu, porém, do seguinte fato: com a guerra civil, os Estados Unidos tiveram a sua produção algodoeira diminuida, não lhes sendo possivel continuar atendendo ao mercado europeu. A cultura tornou-se intensiva no nordeste brasileiro, notadamente pelo preço elevado alcançado pela malvácea.

Em 1860 e 1865, várias familias se estabeleceram ao sopé da serra da Uruburetama, justamente no local onde hoje se ergue a cidade de Itapipoca, de que foram os indios os primeiros habitantes. Os mais importantes foram : Vicente Xavier de Lima, que erigiu armazenagens e fazia grandes compras do produto precioso, e Antonio Oliveira que contou com a ajuda de antigos moradores de São José. Desenvolvendo-se o comércio, havendo facilidade de dinheiro, de logo prosperou o lugarejo a ponto de para aí ser transferida a séde do município, de acôrdo com a lei n. 1011, datada de 3 de novembro de 1862, que o fez dando à Itapipoca a aristocrática denominação de Imperatriz.

Com a queda da monarquia, e o consequente advento republicano, a lei n. 1, pôs por terra a heráldica e bela denominação de Imperatriz, voltando a cidade a chamar-se, como o foi antigamente, de Itapipoca que, em linguagem indigena, significa: ita, pedra e pipoca, rebentar, isto é: pedra rebentada.

A FAMOSA MATRIZ DE N. S. DAS MERCÊS

A vida religiosa do município principiou, oficialmente, com a criação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, nos idos de 30 de agosto de 1757.

A primeira Matriz do município foi uma pequena capela mandada erigir pelo capitão Manuel Gomes do Nascimento, fazendeiro de grandes cabedais, abastado e situado na povoação de São Bento da Amontada.

A lei n. 364, de 29 de julho de 1846, transferiu para São José da Imperatriz a séde da freguesia, sendo localizada na Capela de Nossa Senhora das Mercês.

Em 1868, porém, em virtude do desenvolvimento e progresso de Itapipoca, vem a paróquia a ter a sua séde nesta cidade, servindo uma pequena igreja, então existente, como Matriz com vigário colado.

Com um templo tão singelo, resolveram os parocos contruir um novo relicário de fé, sendo as obras iniciadas em 1881, com grande e geral entusiasmo. Prestou grandes serviços à esta notável realização cristã, o Monsenhor Antero José de Lima que foi o chefe da igreja de Itapipoca durante 31 longos anos.

Construida a Matriz, a cidade ficou possuindo um dos maris belos e amplos templos de todo o interior cearense.

O MONUMENTO DA CADEIA IMPERIAL

Embora situada numa zona fértil, Itapipoca sofreu profundamente nas sêcas de 1877 e 1888.

Como, porém, nas recentes estiadas, o município foi àquela recuada época, amparado. Organizaram-se várias comissões de socorros e os Presidentes Caetano Estelita e posteriormente Caio Prado, prestaram toda assistência à população.

Obras de porte foram iniciadas nesta quadra dificil, destacando-se a construção da famosa cadêia, grandioso edificio, imponente e que revela a honestidade existente naqueles tempos quando se aplicavam os dinheiros do País, em obras desta natureza.

Com dois pavimentos, parêdes grossas, toda cercada por um muro de grande altura, hoje no seu segundo andar tem séde a Câmara Municipal.

Outras construções foram executadas sob a direção do engenheiro Tristão Alencar Lima e pelos franciscanos Venâncio e Cassiano, frades de grande capacidade de trabalho e que prestaram, por isso, inestimáveis serviços à população flagelada.

ANASTÁCIO BRAGA, O GRANDE CHEFE

Visitando Itapipoca, em 1884, Antonio Bezerra de Menezes, já nesta recuada época, criticava acerbamente dois males que pontificavam na cidade: o jogo e a política estreita que, a seu ver, concorriam para o não desenvolvimento do município.

Dois homens, porém, conseguiram transformar esta mentalidade retrógada, altamente prejudicial à vida da comunidade: Inocêncio Francisco Braga ainda no regime monarquico e Anastácio Alves Braga, na fase da vida republicana.

Ao tempo da monarquia, Inocêncio Francisco Braga, falecido aos 45 anos de idade, foi lider político local de grande prestigio, chefe do Partido Liberal, sempre prestando à terra natal assinalados serviços. Muito lutou pela paz e pela concórdia entre os conterraneos, sendo simpatizado até pelos adversários políticos, dada a sua digna linha de conduta e o seu caráter ilibado.

Posteriormente Itapipoca teve outro grande condotiere na marcante e indelével personalidade de Anastácio Alves Braga, filho de Inocêncio e que pontificou durante longos anos nos quadros da vida política do Ceará.

Dotado de grande fôrça moral, o seu nome conquistou notoriedade pelo cumprimento da palavra empenhada, tornando-se arbitro das mais destacadas questões político-partidárais do Estado.

Dele disse Soares Bulcão: «Varonil, alto, forte, expansivo e atraente, teve situação privilegiada na vida social de Itapipoca, posição que soube honrar com discernimento e altivez, chegando a desfrutar o maior e o mais sólido prestigio de que póde dispôr um chefe político local.

Representando o seu município na Assembléia Legislativa, em pleno fastigio do renome que já transpunha as fronteiras do Estado, Anastácio Braga, amigo e conselheiro amado do seu povo, foi bárbara e cruelmente assassinado numa triste manhã de 7 de janeiro de 1928. A queda do grande chefe abalou profundamente o Ceará.

FAMILIAS E TRADIÇÕES

Uma das glórias maiores de Itapipoca é a de ter sido a terra natal deste magnifico apóstolo da bondade, da ternura e da caridade que foi o Mons. Antonio Tabosa Braga, Vigário de várias paroquias do interior, por onde passou deixou plantada a sementeira do bem. Vigário Geral de Fortaleza, o Monsenhor Tabosa ao falecer foi considerado um santo.

Antonio de Souza Braga, tambem natural de Itapipoca, foi presidente do Acre, onde prestou grandes serviços na defesa da independencia deste territorio.

José Maria Vóssio Brigido, primoroso intelectual; José Joaquim de Oliveira, vice-diretor da Real Academia de Belas Artes; Bento Alves, Antonio Cirilo de Freitas e outros já falecidos foram filhos ilustres de Itapipoca.

Entre os vivos aí estão: Perilo de Sousa Teixeira, deputado à Assembléia Legislativa, brilhante orador parlamentar e que tem prestado à sua terra natal grandes e notáveis serviços; Erminio Araújo, erudito vernaculista, e, hoje no sul do país; Hildeberto Barroso, chefe politico e ex-deputado em duas legislatura; Danusio Barroso, ora no desempenho no mandato à Assembléia Legislativa; Coronel Alípio Anibal dos Santos, J. Teixeira de Freitas, professor do Instituto de Educação; Padre José Bruno Teixeira, ex-diretor da educação; Padre José Solon Teixeira, Dr. Evaldo Potí Martins, Dr. José Airton Teixeira, atual Prefeito; Dr. José Colombo de Sousa, professor da Escola Preparatoria e escritor; Dr. Jurací Teixeira, advogado e Dr. Manuel Alonso Teixeira, magistrado; Professor Domingos Braga Barroso, autor de várias obras didáticas e lente da Faculdade de Ciencias Econômicas; Tenente José Arimatéia Teixeira, Dr. Raimundo Plácido Teixeira, Dr. Ageu Romero, engenheiro; Dr. Pedro Romero, advogado; Dr. Rigoberto Romero, médico e finalmente, Teodoro Cabral, festejado cronista sob o pseudonimo de Polibio.

Entre as familias de maior destaque encontramos os Romero, Barroso, Teixeira, Braga e Freitas.

Itapipoca é, nos dias atuais, uma das mais progressistas cidades de todo o hinterland cearense. Inumeras têm sido as iniciativas públicas levadas a bom têrmo e que vêm prestando assinalados serviços à população local. Dentre estas merece destaque: a Escola Normal Rural, grande estabelecimento de ensino, moderno, dotado de um grande edificio, com professorado competente sob a direção do Dr. Walmir Peixoto; Maternidade de Itapipoca, muito bem instalada, com aparelhamento modernissimo, inclusive ambulancia; Cooperativa dos Agricultores e Criadores de Itapipoca, instituição que tem conseguido várias subvenções e auxilios e que presta grande assistência à vida agricola e pastoril do município. Todas estas iniciativas louváveis partiram de Perilo Teixeira, líder político que tem realizado grandes melhoramentos na cidade.

Presidindo os destinos da municipalidade um môço dinâmico e realizador que é o dr. José Airton Teixeira, foi recentemente inaugurada moderna usina elétrica, calçadas várias ruas, iniciatida a arborização dos principais logradouros e postas em execução outras medidas administrativas que têm transformado Itapipoca, dando-lhe uma feição de excelente cidade.

Contando a comunidade com mais de 70.000 habitantes e a cidade com mais de 10.000, Itapipoca tem destacada atuação na vida econômica do Ceará, por isso que a sua expressão comercial é sólida, dada a riqueza agricola-pastoril que é um dos seus grandes esteios.

JAGUARIBE

PÁTRIA DE SAMUEL FELIPE DE SOUZA UCHÔA

TERRA MÁRTIR E HEROICA — O RIO DA CIVILIZAÇÃO CEARENSE — PATRIMÔNIO RETALHADO ENTRE CREDORES — CANSANÇÃO DE SINIMBU E A LINHA FERREA DO JAGUARIBE — OS TÁVORAS — GENERAIS, PARLAMENTARES E MÉDICOS — O OURO DE HORACE G. WILLIANS — CIDADE QUE PROGRIDE — APARICIO, UM GRANDE PREFEITO

O RIO JAGUARIBE, decantado em sublime poema por Demócrito Rocha, é o maior curso d'água sêco do mundo. Nos bons invernos, transborda e invade as cidades erguidas às suas margens. Nas épocas de tremendas sêcas, oferece às populações ribeirinhas o conforto dos seus enormes poços, cujas águas resistem a inclemência do tempo.

Os homens públicos do Brasil ainda não atenderam ao apêlo dos séculos, represando as suas águas preciosas com a barragem gigantêsca do Orós, que lhe daria curso perene e seria a salvação do Ceará. É o desafio permanente aos Presidentes da Nação, com exceção apenas do Epitácio Pessôa, vanguardeiro das obras contra as sêcas, que iniciou os trabalhos monumentais da magnífica iniciativa, hoje criminosamente esquecida e completamente abandonada e onde se gastaram verbas colossais.

Nascendo na serrania da Joaninha, dos Inhamuns, com o nome de Carrapateira, desembocando, após um percurso de 780 quilômetros, este rio da nossa civilização, lança-se ao mar 18 quilometros abaixo da cidade de Aracatí, depois de beneficiar uma enorme zona do Ceará, onde se erguem dezenas de vilas e cidades florescentes.

É à sua margem que se ergue a cidade de Jaguaribe, freguesia de Nossa Senhora das Candéias, cuja formação histórica nos oferece episódios interessantes, pontilhados aqui e alí por fatos heroicos num testemunho eloquente da bravura do seu povo no resistir às inclemencias das sêcas que lhes tem assolado o território e lhe transformado, realmente, numa comunidade martirizada pela dôr e pelo sofrimento dos seus filhos.

Nesta quadra da vida cearense, duas regiões se destacam no tremendo castigo da natureza madrasta: a compreendida no município de Jaguaribe e a outra que demora entre Itapagé e Sobral, denominada Irauçuba.

AS ORIGENS DO MUNICÍPIO

Já em meados do século XVIII as margens do rio Jaguaribe estavam bem povoada. Inúmeras sesmarias concedidas, várias praças fortes erguidas para o combate ao gentio astuto e valente, missões que se repetiam e as permutas de mercadorias que se iam fazendo do Aracatí ao Crato, concorreram decisivamente para a formação de núcleos de população estável, definitiva, donde se originaram arrais e povoados.

Os sertões compreendidos nesta vasta área aos poucos iam sendo trabalhados e, consequentemente, habitados por audazes colonizadores.

Um destes foi o capitão João da Fonseca Ferreira, pioneiro da conquista de grande faixa ribeirinha ao Jaguaribe, nos idos de 1697. Sendo-lhe concedido, por sesmaria, uma grande extensão de terra, até então devoluta, fez erguer casa-forte, assistida por dezenas de moradores. Era o sitio Jaguaribe-mirim, mais tarde chamado também Catingueira e Santa Maria.

Esta grande propriedade rural foi, anos depois, doada por João Ferreira ao seu genro Manuel Cabral de Vasconcelos, que as vendeu posteriormente, ao padre Domingos Dias da Silveira, do Icó, conforme nos descreve Antonio Bezerra de Menezes em «Algumas Origens do Ceará».

Arrematada em hasta pública, é doada, pela segunda vez, a Eduardo Pais de Melo para a sua ordenação. Este, ao morrer, deixa credores em número de quatorze, que recebem, em partes iguais ditas terras, em lotes de cinco braças.

É, nestas cercanias, que hoje se ergue a cidade de Jaguaribe.

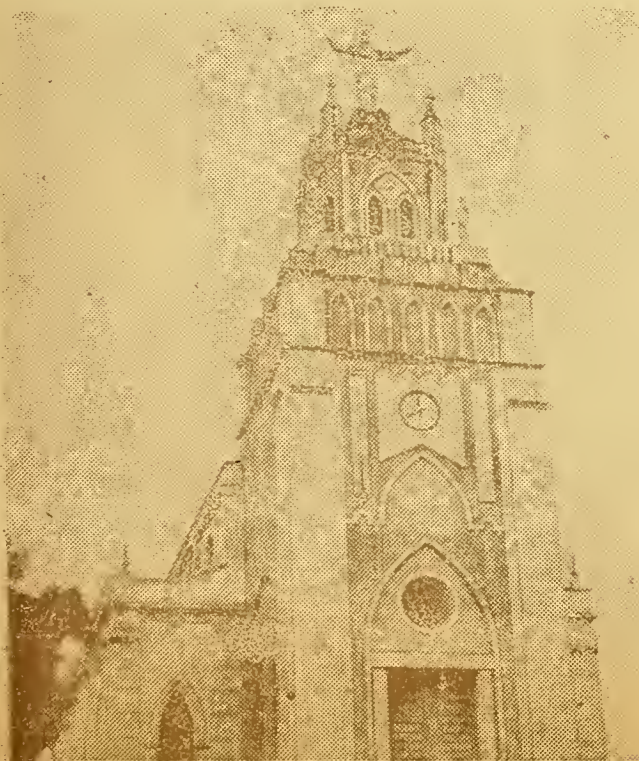
DADOS E FATOS

Jaguaribe, hoje, é cidade, séde de comarca, séde de freguesia e de município, com mais de vinte mil habitantes, numa área de 2.007 kms.2, ou seja 1,31 da área total do Estado.

Já teve três sédes, e foram elas: — Riacho do Sangue, hoje Frade, município independente. Isto aconteceu em 1833, quando a 6 de maio desse ano, foi criado o município. Posteriormente, isto é, em 1850, pela lei n. 518, foi transportado para Cachoeira, hoje Solonopole, município independente.

Em 1864, finalmente, foi a séde munici-

ITAPIPOCA — Tradicional palmeira da antiga Imperatriz

IPÚ — Rua principal; Posto de Puericultura; Estação ferroviária

IPÚ — Igreja-Matriz

IGUATÚ — Fábricas de óleo, sabão e beneficiamento de algodão

IGUATÚ — Vista parcial da cidade

pal mudada para Jaguaribe-mirim, segundo alguns historiadores co mo nome de São João do Jaguaribe.

Somente em 1918 é que foi elevada a vila à categoria de cidade, isto pela lei n. 1532, de 12 de agosto de 1918.

Teve assim a séde do atual município de Jaguaribe, de andar de Seca e Meca, conforme as conveniencias da época, do prestígio dos grupos dirigentes e das próprias contingências locais do progresso e desenvolvimento.

Várias foram as suas denominações entre as quais as de Jaguaribe-mirim. São João do Jaguaribe e finalmente Jaguaribe, assim chamado atualmente.

Sendo enorme a sua configuração geográfica, conta com terras excelentes para a agricultura e pecuária e se não lhe fossem as sêcas tremendas seria um dos mais ricos e prósperos municípios do Ceará.

PROGNOSTICO DE HORACE WILLIAMS

Em trabalho publicado no Jornal do Comércio, do Rio em 1933 e posteriormente transcrito na Revista do Instituto do Ceará, Horace E. Williams, tece abalizados comentários acerca de minas de ouro existentes em nosso Estado.

Analisando uma por uma as ocorrências do precioso metal, o ilustre sábio chega a afirmar a possibilidade da existência de minas no município de Jaguaribe. Entre outras considerações, chega a seguinte conclusão :

«Outra região do Estado onde estes sedimentos metamorficos se levantam em serrotes cumpridos e de altura consideravel, fica entre o rio Jaguaribe e a Serra do Pereiro, nas proximidades da vila de Jaguaribe-mirim. Nesta zona, tais rochas formam uma série de espigões paralelos, nos quais as inclinações das camadas são fortes, indicando uma estrutura geológica variada de dobras e falhas no meio de gneiss e com frequentes diques de granito-condições, estas favoraveis para a ocorrencia de OURO e de outros metais muito procurados».

Como se vê, faltam apenas leis protetoras, estimuladoras que possibilitem, pelo menos, o inicio de pesquisas sérias e que poderiam dar os melhores e sensacionais resultados.

FILHOS ILUSTRES

É do Jaguaribe que descende o tronco principal da família Távora, uma das mais ilustres do Ceará, quer pela honestidade proverbial dos seus componentes, quer pela ilustração dos seus membros.

Nascidos na Fazenda Embargo, distante alguns quilômetros da cidade, os Távoras estão ligados diretamente ao sangue dos portugueses, filhos de Lisboa e que para o Ceará vieram ainda à época do nosso povoamento.

Deles, vale ressaltar a figura varonil de Antônio Fernandes da Silva Távora, o proprietário da Fazenda em que nasceram Manuel do Nascimento Fernandes Távora, escritor e político de projeção nacional; Joaquim Távora, morto durante a revolução de 1924, como bravo; Juarez Távora, uma das figuras mais brilhantes do Exército, escritor e homem de notável dedicação ao Brasil; Fernando Távora, também militar com a patente de General; Ademar Távora, jornalista apreciado, advogado e deputado; e outros que igualmente brilhantes, compõem uma das mais tradicionais famílias do Ceará.

Afora os Távoras, outros filhos ilustres, com projeção nacional ,deu Jaguaribe ao Ceará. Dentre estes destacamos Samuel Felipe de Sousa Uchôa, notável personalidade moral, critério ilibado, energia e altivês numa das figuras mais impressionantes que a nossa terra já possuiu. Foi Cavaleiro da Ordem da Rosa e Comendador da Real Ordem Militar Portuguesa.

Arthur Carneiro Leão de Vasconcelos, médico de notável saber; Monsenhor Henrique Raulino Mourão; D. Carloto da Silva Távora, Bispo de Carauga; Belisário Fernandes Távora, que exerceu o cargo de chefe de polícia do Rio e amigo dileto de cearenses que lhe batiam à porta.

CIDADE QUE PROGRIDE

Demorando à margem da rodovia que nos liga a Recife, a cidade de Jaguaribe já apresenta um aspécto de urbs moderna, com alguns bons edifícios públicos, sociedade local distinta e acolhedora.

Tem tido a felicidade de elerger bons dirigentes da sua vida municipal, sendo de justiça salientar-se o nome de Celso Barreira, ex-prefeito que muito fez em pról do desenvolvimento e do progresso da cidade através de obras de porte que atestam a sua operosidade e a sua eficiencia.

Atualmente é o dr. Aparicio de Figueiredo quem está à frente da municipalidade. Homem educado, de fino trato. Aparicio mantem um permanente estado de paz e de tranquilidade em todo o município. Não faz política estreita, a todos tratando com igualdade de condições naquilo que se refere à administração.

Municipalista por convicção, homem dotado de certa cultura muito modesto, realiza uma das melhores administrações municipais de todo o Ceará. As suas realizações são magnificas, sendo fácil a qualquer um observá-las desde que se disponha a visitar Jaguaribe, cidade que progride embora martirizada pela calamidade das sêcas num eloquente atestado da superioridade moral e física do homem dos sertões nordestinos.

LINHA FERREA NO VALE JAGUARIBE

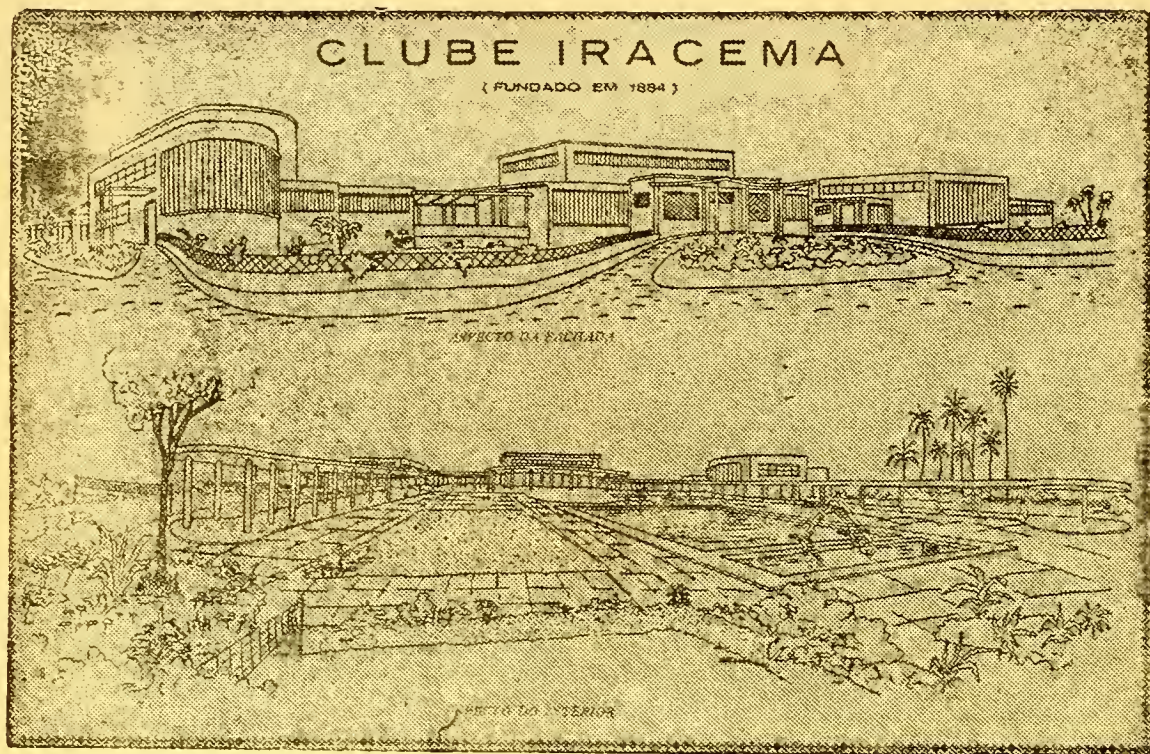
Há anos, em 1878, o dr. João Ernesto Viriato de Saboia apresentou a Cansanção de Sinimbú, então Presidente do Conselho de Ministros do Império, um plano notável de assistência aos flagelados da sêca de 77, no qual figurava a construção de uma estrada de ferro que, partindo de Fortinho, no Ara-

catí, iria até a cidade de Icó, ligando-se logo mais a que iria de Fortaleza ao Carirí.

Esta ferrovia serviria a várias cidades do vale jaguaribano ,inclusive a Jaguaribe e seria uma das mais notáveis iniciativas do poder público nacional, favorecendo de maneira admiravel o desenvolvimento de uma vasta região, na qual são produzidas riquezas incalculáveis, notadamente à margem do grande rio, possuidora de ótimas terras.

Não seria o caso de os representantes cearenses na Câmara e no Senado movimentarem, novamente, a preciosa idéia ?

Cremos que os jaguaribanos bem merecem o reto cumprimento do dever por parte daqueles que elegeram com fé e com esperança de melhores dias.

Que as Câmaras Municipais, os Prefeitos e homens de destaque de todo o vale se movimentem. Seria uma belissima campanha.

JAGUARUANA

PÁTRIA DE MANUEL SÁTIRO

AS TERRAS MAIS FERAZES DO MUNDO — DISTRITO DE PAZ, DE ARACATÍ — PORQUE «CATINGA DO GÓES» — D. LUIS, MARQUEZ DE MONTE PASCOAL E A FREGUESIA DE SANT'ANA — ROTEIRO HISTÓRICO — MANUEL SÁTIRO — TELEGRAMA QUE CHEGOU TARDE, EM 1930 ... — RAIMUNDO FRANCISCO, LEALDADE E BRAVURA — FILHOS ILUSTRES

JAGUARUANA, antiga União, demora à margem do Jaguaribe, o rio da história cearense, porisso que em suas terras frêscas e ubérrimas se localizaram os nossos primeiros povoadores, nos idos de 1630.

A região é feraz, pois de tudo produz e do melhor. Nas quadras dos bons invernos, a colheita é magnífica, notadamente do algodão. Houve época em que o ouro branco produzido em Giguí, distrito de Jaguaruana, foi cotado como o melhor do mundo, superior ao produzido no famôso Vale do Nilo.

Vários foram os cientistas de renome que já percorreram as terras jaguaribanas, dentre estes se destacando O'Meara, que escreveu: «Irigacion i n the Jaguaribe Valley» em cujas páginas afirma que as terras jaguaribanas são tão bôas que podem ser exportadas como adubo !

J. J. Revy e R. Grandall, também percorrera mo vale e lamentaram região tão privilegiada pela natureza ser completamente desassistida pelos poderes públicos. E isto já fazem anos . . .

Daí porque pode-se afirmar que no seio da riqueza outorgada por Deus vive um povo pobre, visto como o município de Jaguaruana não apresenta visíveis sinais de progresso material, fato que não acontece com outras unidades municipais do vale em que está situada.

Ressalte-se, todavia, que o seu povo, bom e laborioso, altamente pacífico e até resignado, não é culpado disto. Antes, devemos culpar os governos, aos executivos do Ceará, que depois de mais de trinta anos de lutas e clamores é que vem de lhe construir uma ligação rodoviária, assim mesmo ainda metade por fazer, e criminosamente prejudicada no seu alcance econômico que seria alcançar Mossoró, praça comercial de grande interesse para a região, o que foi desviado para o Aracatí.

ANTIGO DISTRITO DE PAZ

Entre outros, consultámos os seguintes historiadores: Eusébio de Sousa (Album do Jaguaribe — 1922); Benedito Augusto dos Santos («Para a História de Algumas Localidades cearenses (Rev. do Instituto do Ceará — 1909); Alvaro Gurgel de Alencar (Dicionário Histórico e Descritivo do Ceará — 1939); Raimundo Girão e Martins Filho (O Ceará) e todos desconhecem as origens do município.

Todavia, é matéria pacífica dos nossos primitivos núcleos coloniais: vinha o fazendeiro, erigia-se a casa grande e, em seu redor, iam se erguendo casas rústicas de pequenos colonos e logo mais se erigia a capela e, em volta dela se formava o arraial que despontaria para poovado, vila e cidade.

Jaguaruana não fugiu a esta regra geral. Assim nasceu e conquistou a sua independência político-administrativo.

Vale, porém, ressaltada a seguinte passagem de sua história primitiva. Nos idos de 1761, Dona Feliciana Soares da Costa, viuva de Simão de Gois, faz doação de terras para o patrimônio da capela que mandára erigir, sob a invocação de Sant'Ana, escritura esta passada no Aracatí pelo então tabelião compromissado Lazaro Lopes Bezerril. Presume-se que a capela tenha sido levantada dois ou três anos antes, porisso que, em 1700, no dia 24 de novembro, alí já se casara o Dr. José Baltazar Augery, médico e cientista famoso, filho de Piemonte, Itália.

Data, mais ou menos desta quadra, a primitiva denominação de Catinga do Góis. O povo sempre dizia: — «Vou pra Catinga do Góis», isto é, para as terras situadas no fazendão imenso do rico Simão de Góis. Em verdade, este deve ser considerado o fundador da cidade de hoje.

A FREGUESIA DE SENHORA SANT'ANA

A padroeira da cidade é Nossa Senhora SantAna, sendo vigário o Padre Aluisio Filgueiras. A séde é uma bela e tradicional Igreja, secular, situada numa praça imensa que domina inteiramente o centro da cidade.

A criação da paróquia data da lei n. 1083, de 4 de dezembro de 1863. Foi instituida, canônicamente, aos 19 de dezembro do mesmo ano e inaugurada a 31 de Janeiro de 1864, sendo bispo do Ceará Dom Luís Antonio dos Santos, de saudosa memória e que foi agraciado com o título de Marques de Monte Pascoal, tendo sido o nosso 2.º Bispo.

Hoje, o território do município compreende duas paróquias, visto como, recentemente, foi criada a freguesia de Nossa Senhora da Bôa Viagem, com séde na Vila de Itaiçaba, e cujo vigário é o Padre Graça Martins, uma das figuras tradicionais do clero cearense e homem que já dominou, politicamente, quase todo o vale do Jaguaribe, tão grande e marcante fora a sua personalidade naqueles tempos idos e vividos. Hoje, é figura primacial e querida dos seus paroquianos que lhe tem na conta de um grande sacerdote, como de fato o é.

ROTEIRO HISTÓRICO

A antiga povoação da Catinga do Góis, posteriormente União e hoje Jaguaruana, principiou os seus dias de vida administrativa quando foi erigido em Distrito de Paz, pela Câmara da Vereança do Aracatí, nos idos de 24 de novembro de 1823.

Por isso ou por aquilo, não realizou-se a eleição do Juiz de Paz e o fato foi comunicado ao então Governador da Província, José Mariano de Albuquerque, que mandou realizá-la, em vista mesmo de a capela do povoado não ser ainda curada.

Foi os diábos ! . . . Encrenca vai, encrenca vem, a eleição não se realizou. O Juiz de Paz do Aracatí bateu pé e recusou cumprir a ordem do Governador. E não cumpriu mesmo não ! Tempão bom danado em que Juiz valia acima de Governador ! . . .

Só em 1860 é que foram eleitos os juizes de paz para a Catinga do Góis.

Em 1865, de acordo com a Lei n. 1183, de 4 de setembro, o povoado é elevado à categoria de Vila com a denominação de União. Era Governador da Província Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, cumprido no nome mas curto nas providencias, porisso que tudo fazia sem mais delongas.

Havia, todavia, uma condição, para a Vila ser inaugurada: a construção da Casa da Câmara e da Cadeia. Foi um Deus-nos-acuda ! Ninguem dormiu mais. A azáfama foi tremenda. O fato é que aos 4 de março de 1866 estava tudo levantado ! E no dia 7 de junho de 1866 já a vereança tomava posse solene no Aracatí, perante o Juiz e demais autoridades. A 11 do mesmo mês e ano o festão foi um dia de juizo na novel Vila de União com foguetório, repique de sino e Te-Deum soleníssimo, na Matriz recem-criada . . .

MANUEL SÁTIRO

O filho mais ilustre de Jaguaruana é Manuel Sátiro, famoso republicano, homem de cultura, jornalista e parlamentar. Nascido aos 3 de maio de 1888, na antiga União, foi homem que se fez pelos seus próprios esforços, sem a ninguem acotovelar, antes dando a mão, sempre generosa, a muitos que hoje desfrutam posições elevadas na vida política e administrativa do Ceará.

Havendo cursado o seminário até o último ano do **curriculum**, grangeou notável cultura humanista que iria lhe servir, sobremodo, pelos anos afora. Em Recife, bacharelou-se, em 1912, sendo companheiro de estudos de personalidades ilustres da vida republicana. Regressando ao Ceará, entra no jornalismo, tendo ao seu lado o sogro, Dr. Agapito dos Santos, figura exponencial que juntamente com o brilhante destemeroso João Brígido, marcou época nos fastos de nossa crônica político-partidária.

Homem devotado estremamente aos ideais que abraçava, Manuel Sátiro, impoz-se, de logo, pelos seus atos de bravura e a sua proverbial lealdade.

Eleito deputado estadual, logo mais estava no Palácio Tiradentes como representante do Ceará, eleito que foi em duas legislaturas.

Com o apogeu da ditadura, e consequente chicotear da liberdade, recolheu-se à vida privada, mas, bastou que a clarinada de 1945 vislumbrasse, ei-lo novamente escrevendo e doutrinando os amigos que se espalhavam por todo o Ceará.

Faleceu numa madrugada de 20 de fevereiro de 1945, vítima de derrame, ocasionado pela sua luta em pról da restauração democrática.

NA QUADRA DA REVOLUÇÃO

A política, antes de 1930, era do mais sabido e do mais destemido. Nenhum chefe sertanejo, nesta quadra, teve mais projeção e mais nome do que Raimundo Francisco, homem de grande prestígio na então cidade de União.

Mas, o seu prestígio advinha da sua lealdade, da sua coragem e da sua notável inteligência política.

Não era homem que exigia posições de mando e nem que deixasse o chefe partidário e amigo por estar na oposição, desprestigiado. Antes, era destes que se sentiam melhor na adversidade.

Veio, talvez disto mesmo, a sua fama, pois o povo segue mais os que sofrem o travo generoso da oposição do que os que malbaratam a cornucópia do poder oferecendo favores e distribuindo prebendas.

Entre 1928 e 1930 a política de Jaguaruana agitou-se como nunca em sua história. De um lado estavam José Almeida, Chico Severino e Pedro Nonato, e do outro se encontrava Raimundo Francisco. Iam se realizar eleições. Os partidos eram democrata e conservador. Naquele militava o Dr. Heribaldo Dias da Costa, hoje figura brilhantíssima da cultura de nossa terra; no outro estava Manuel Sátiro que formavam, assim, na oposição a Matos Peixoto.

O braço direito de Raimundo Francisco era Gerardo Pereira de Melo, figura tradicional da terra, homem de bem, prestigioso e de uma proverbial lealdade aos chefes e amigos.

Marcada a data da eleição, sabotam telegramas e circulares. Há rumores de que a coisa ia engrossar. Surge roubo de livros destinados as Atas de votação e apuração. O zum-zum corre mundo. A cidade se agita e, lá pelas tantas, principiam as discussões agitadas. Não findára o dia, a casa de Raimundo Francisco é atacada. Bala pro seiscentos diábos. Um corre-corre tremendo. Fecha-se o tempo e o pipócar no mundo é de meter medo a cabra valente.

Mas o notável chefe resistíra ao combate.

Serenam-se os ânimos. Tomam-se providências. E o livro verdadeiro de Atas aparece ... Raimundo Francisco tivéra a precaução: não entregára o livro verdadeiro, pois sabia que seria roubado, às caladas da noite, ou numa fácil escamotiação ... O governo estava com um medo danado de perder a eleição ... chegando a ponto de não saber nem o que escamotiara ... Foi uma decepção tremenda !

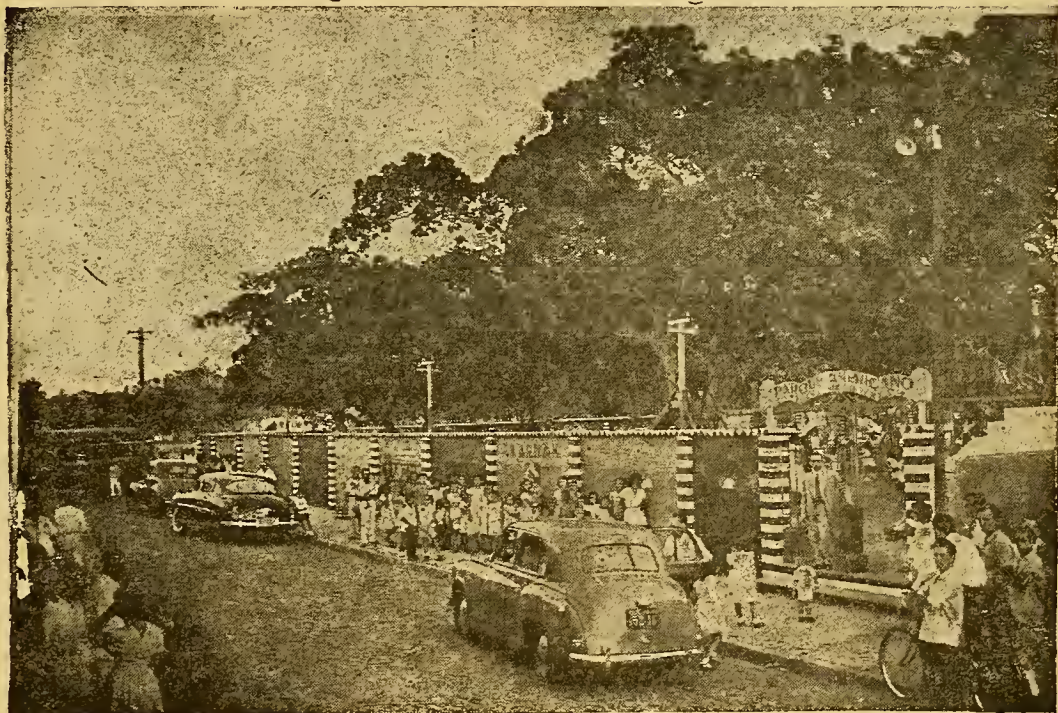
Mas o logro maior foi em setembro de 1930. A revolução já caminhava. Matos Peixoto aguardava os acontecimentos ... Ouviu-se falar que um exército vinha vindo e teria que atravessar o Jaguaribe nas imediações de Jaguaruana. Para interceptar a marcha dos revoltosos, lá se foram valentes sertanejos queimar a estiva do rio. Ninguem passava por alí ... Era uma centena os defensores da legalidade. E lá se veio o telegrama para o Dr. Peixoto, mais ou menos, nestes têrmos: «Por aqui os revolucionários não passarão».

Pena é que tenha chegado tarde, e o tenha recebido, já o novo chefe do Governo Provisório ... Barbaridade ! ...

FILHOS ILUSTRES

Nasceram em Jaguaruana, entre outros: General José Júlio de Oliveira; Dr. Pergentino Augusto Maia, antigo deputado, secretário de Estado, tabelião de Fortaleza e homem cujo caráter e integridade moral outorgou-lhe grande admiração por parte dos seus contemporâneos; Antônio Bezerra de Souza Menezes, famoso Comandante d'armas da Revolução do Equador; Padre Antonio Cândido da Rocha, antigo deputado e diretor da Escola Normal; José Júlio Pereira de Mélo e Fenelon de Almeida, jornalistas; Dr. José Barreto de Carvalho, advogado; Dr. Francisco Barreto de Carvalho, odontólogo.

* * *

Entre os líderes locais se destacam: Francisco Jaguaribe, ex-prefeito municipal; Gerardo Pereira de Melo, ex-coletor, ex-prefeito e atual escrivão estadual; João Guilherme, chefe político de projeção; Antônio da Rocha Freitas, ex-prefeito e suplente de deputado estadual; Joaquim Romão; Juarez Delfino, Raimundo Lima Rocha, Francisco Barreto Oliveira, vereadores; Joaquim de Almeida, atual Prefeito; João Caminha, Pedro Camilo da Silva, José Hamilton de Oliveira, Joaquim Jacó da Rocha, Welligton Pereira de Melo, Celso Monteiro Maia, José Batista Barbosa, José Jaguaribe, Carlos Alberto Rocha e outros.

JARDIM

CIDADE FUNDADA PELO PADRE JOÃO BANDEIRA

IMIGRANTES DO SÃO FRANCISCO, EM 1782 — O SARGENTO-MÓR JOSÉ ARNAUD — PEDIDO AO PRÍNCIPE REGENTE — «REAL, REAL, VIVA O SR. D. JOÃO» — ANTÔNIO MANUEL DE SOUSA, VIGÁRIO DE REVOLUÇÕES — AS DÍVIDAS E O PAPAGAIO DO PADRE-MESTRE — FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

JARDIM é uma cidade relativamente nova. Até o findar do século dezoito não passava de um simples sítio, semi-deserto, tendo em vista que os povoadores primeiros do Carirí não penetraram nestas cercânias.

A sêca inclemente de 1792, seria útil a esta ubérrima região, porisso que, devastando as colheitas da margem do rio São Francisco impeliu imigrantes a buscar terras onde lhes fosse possível a sobrevivência.

Para tanto, veio a frente dos novos colonizadores a figura singular do irriquieta Padre João Bandeira, o conhecedor dos sertões, andejo por natureza, tido e havido como homem de grande bravura.

A primeira providência do sacordote foi a ereção de uma capelinha. A sua presença motivou a vinda de várias famílias para o novel povoado.. E pouco a pouco foi se formando o arraial.

Homem que não sabia ficar parado, o Padre João Bandeira resolve, anos depois perlustrar novas terras e lá se foi, com espada à cinta e escravo lealdoso, pelo mundo afóra . . .

O progresso e o desenvolvimento da pequena aglomeração humana não teve, todavia, solução de continuidade. Veio outro sacerdote e o lugarejo foi aumentando cada vez mais.

ARNAUD PEDE A CRIAÇÃO DA VILA

Jardim foi terra de lutas tremendas, delas advindo grande rivalidade entre sí e a cidade do Crato.

José Alexandre Correia Arnaud, que descendia dos bravos povoadores da Missão Velha entrou em luta terrível contra José Pereira Filgueiras. Dia vai, dia vem, mete-se na encrenca Francisco Calado com ordem de prender parente próximo de Filgueiras. Foi os diábos. Filgueiras era homem terrível, valente como as armas e o resultado foi mortes a valer.

Esta intriga durou anos. Certo dia, Correia Arnaud, depois de muito sofrer, resolve ir à Corte se entrevista com o Príncipe Regente. Dito e feito, lá encontrava-se entre 1812 a 1814.

A muito custo conseguiu falar com o futuro Imperador do Brasil e nesta oportunidade fez-lhe um pedido em nome de Deus e dos conterrâneos: — que o Príncipe criasse a Vila de Jardim. Promessa feita, promessa cumprida.

Aos 20 de agosto de 1814 Jardim é ereta em Vila, dela sendo Capitão-mór José Alexandre Correia Arnaud. Excetuavam-se do território os domínios de Pereira Filgueiras.

Conseguira a primeira vitória contra o inimigo impiedoso e vingativo. Mas . . . destino cruel: não chegou a inaugurar a novel vila, porisso que a ordem de instalação somente foi expedida aos 2 de agosto de 1815. Antes desta data, Correia Arnaud, ao regressar do Rio, falece vitimado por diabete.

CRONOLOGIA

Coube, então, ao Ouvidor João Rodrigues de Carvalho a incumbência de inaugurar a vila, o que se deu aos 3 de janeiro de 1816 no meio das maiores festividades.

O povaréu reunido na praça principal, onde estava localizada a Igreja, prorrompeu em vivas festivos. O meirinho geral da correição assim levou a bom termo a cerimonia solene :

— Todo mundo repita, comigo, três vezes seguidas: «Real, real, viva o Sr. Dom João, Príncipe Regente de Portugal !»

Não se fez de rogado e os gritos estridentes ecoaram no ar debaixo de foguetório e repiques de sinos.

* * *

No govêrno do Presidente da Província, José Júlio de Albuquerque Barros, foi baixado Lei n.º 1.289 pela qual Jardim era elevada à categoria de cidade, isto datado de 3 de setembro de 1879.

Em 1948, foi elevada a séde de comarca e tem como Juiz de Direito o Dr. José Oswaldo Freire.

* * *

A freguesia, sob a invocação de Santo Antonio, foi criada aos 11 de outubro de 1814, sendo o seu primeiro vigário o famoso Padre Antônio Manuel de Sousa.

A primeira igreja da cidade fora erigida pelo fundador de Jardim, isto é, o Padre João

Bandeira, já referido. Na invernada de 1873 ruiu completamente.

A atual Matriz é um templo majestoso e foi principiada pelo Padre Joaquim de Sá Barreto que lhe deixou os alicerces. Logo mais, isto é, de 1875 a 1876, o Padre José Tomaz de Aquino terminou a construção soberba e magnifica.

Hoje, em frente desta Matriz, ergue-se um belo monumento a Nossa Senhora das Graças, obra primorosa de arte da autoria do escultor José Rangel, filho de Jardim, laureado pela Escola Nacional de Belas Artes.

O FAMOSO VIGÁRIO ANTÔNIO MANUEL

Um dos mais discutidos vigários do interior cearense é, sem dúvida, o Padre Antônio Manuel de Sousa que dirigiu a paróquia de Jardim por muitos anos e onde gosou de notável prestígio político.

Homem de tempera forte, afeito a lutas políticas tremendas, de cedo grangeou fama e popularidade em toda a região.

Participou, ao lado de Pinto Madeira, da revolução de 1832, dela sendo, aliás, a cabeça-mestra.

Dêle contam inúmeras anedotas. Como de ninguem recebia espórtulas, a ninguem também pagava dívidas. O que possuia era dos outros. Nada juntava, sendo um dos homens mais perdulários da época.

Certa feita, chegando em casa, depois de penosa desobriga, não tinha o que comer e nem dinheiro pra comprar... Olhou o papagaio que criava e disse para a cozinheira: «Está aí a coisa resolvida. Vamos fazer um bom cozido deste linguarudo...» Belo jantar, o daquele dia!...

Outra feita lhe apareceu um cobrador. Como todos, insistente e antipático: — Seu vigário, vim receber aquele dinheiro de fulano...

— De quem, homem? Quer saber de uma coisa? Eu já paguei isto?

— A quem, seu padre-mestre?

— Sei lá, ora essa?... Passou aí pela estrada afóra um sujeito e eu dei o dinheiro...

— E o recibo?

— Homem quer saber de uma coisa curta e certa: vá embora e diga ao seu patrão que mande me pagar o que me deve. Já ouviu?

— Sim senhor, padre. Até logo...

— Deus lhe guie. Faça bôa viagem..

E assim vivia o famoos padre benze-cacete. Homem de grande coração, morreu pobre como Jób. Tudo que tinha dava aos outros.

Na quadra das revoluções de que participou um ato lhe caracterizou a personalidade singular: reunia o pessoal e lançava a benção sobre centenas e até milhares de cacetes, arma dos revoltosos. Dizem que certa feita benzeu foi uma floresta...

RIVALIDADE ENTRE CRATO E JARDIM

Hoje já não mais existe isto. Foi, porém, nos idos de mil e oitocentos e quê, que a coisa andou de mal a pior.

Crato foi atacada por exércitos vindos do Jardim e vice-versa. Toda a região caririense viveu debaixo de lutas cívicas memoráveis, ora em pról dos ideais republicanos com José Martiniano de Alencar, ora pela restauração do poder absoluto de Pedro I.

O certo é que, naquela quadra de nossa história, as duas cidades nunca se entenderam. Então, quando Jardim foi elevada à vila, a coisa engrossou.

Há, todavia, uma ligação histórica muito acentuada entre estas duas simpáticas e acolhedoras sédes municipais, pois sempre estiveram presentes aos fatos principais de nossa formação, embora que sempre em polos opostos e raramente unidas.

FILHOS ILUSTRES

Jardim é terra de gente ilustrada. Vários são os seus rebentos vitoriosos nas carreiras das letras, do padroado e da farda. Dentre outros, citaremos: Conego Raimundo Ulisses Penaforte, orador primoroso e autor de várias obras consagradas pela crítica; Joaquim Alves, sociólogo, escritor de renome, professor, figura brilhante da cultura cearense, recentemente falecido; Dr. Juarez Aires de Alencar, romancista, jornalista e advogado brilhante em São Paulo, onde também é professor admirado pela cultura e pelo talento oratório; Dr. Ancilon Aires de Alencar, magistrado e moço de cultura; Dr. Wilson Roriz, advogado, orador brilhante e parlamentar destemido; Prof. Filgueiras Sampaio, autor de várias obras didáticas de merecido conceito; Dr. Pedro Sampaio; Antonio Barbosa de Freitas, fino poeta, autor de «Poesias», livro consagrado; Dr. Manuel Monteiro de Alencar, médico famoso no Rio; Dr. Cândido Couto magistrado e moço de cultura apreciável, embora muito modesto e Dr. Sebastião Cavalcante, ex-deputado e antigo magistrado, homem de fina educação e brilhante inteligencia, hoje, advogado em Milagres.

A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

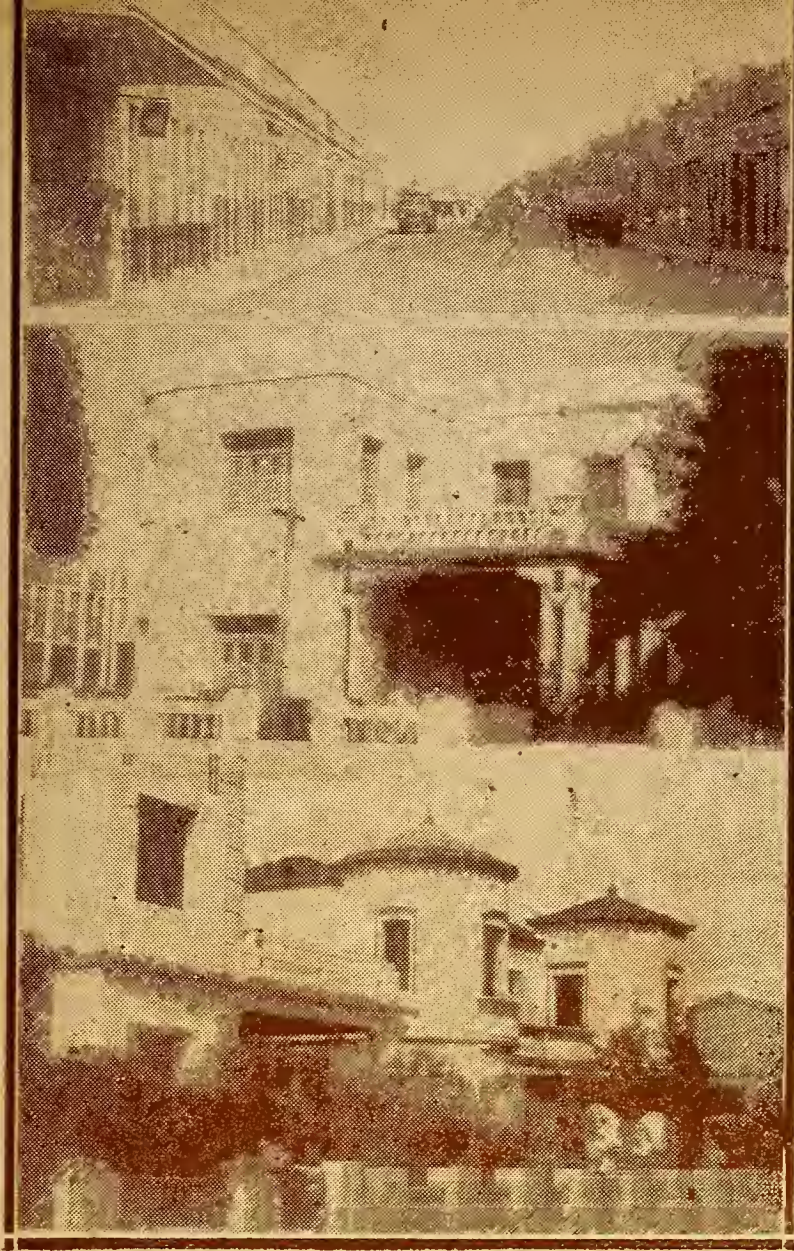
Jardim é uma encantadora cidade e o nome traduz a beleza natural que a cerca. O seu clima é excelente e nos bons invernos desce a 14 graus centigrados. O seu povo é bom e ordeiro, profundamente simpático e acolhedor.

É séde do município do mesmo nome que conta com 1.539 quilômetros e uma população de 25.000 habitantes.

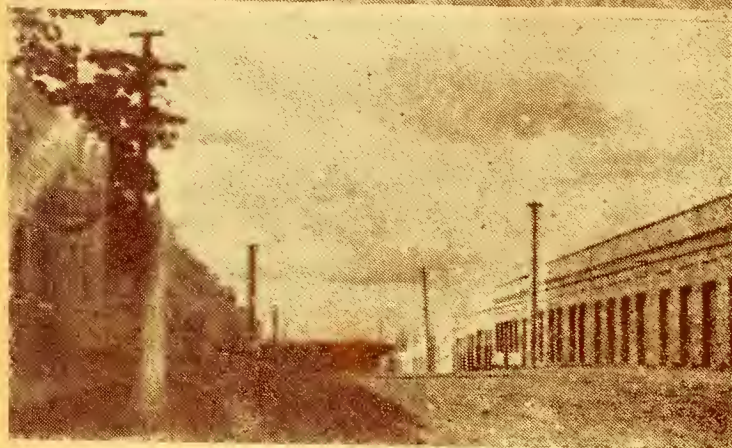
Tem bom comércio, sendo a sua principal fonte de renda a cana de açúcar.

Dirige a municipalidade o Prefeito José Franco Neves, moço estimado, pertencente a tradicional família e que tem envidado o melhor dos seus esforços a fim de realizar administração dígna e criteriosa.

São seus líderes políticos principais o Coronel Teodomiro Sampaio, homem de tempera forte, criterioso, sério, estimado e proprietário de grandes e excelentes sítios; e o Cel. David Couto, chefe prestigioso e acatado.

Para a prosperidade deste município falta, ainda, uma estrada de ligação entre a cidade e a vila de Jatí, numa distância de 30 quilômetros apenas.

JUAZEIRO DO NORTE
Aspecto da cidade

JUAZEIRO DO NORTE — Coluna da Hora; túmulo do Padre Cícero ; Igreja-Matriz

LAVRAS DA MANGABEIRA — Antiga Intendência e Igreja-Matriz

LAVRAS DA MANGABEIRA — Edifícios dos Correios e Telégrafos e da Prefeitura e uma das principais ruas

JUAZEIRO DO NORTE

A CIDADE QUE TREMEU O CEARÁ

POVOAMENTO COM ESCRAVOS DO JAGUARIBE-MIRIM — PADRE CICERO ROMÃO BATISTA — O MILAGRE DA HÓSTIA — O BOI SANTO DO ZÉ LOURENÇO — CAPITAL REVOLUCIONÁRIA COM ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, EM 1913 — LUTAS E VITÓRIAS DOS JAGUNÇOS — LAMPEÃO FEITO CAPITÃO — BATALHÃO CONTRA A COLUNA PRESTRES — GRANDE CENTRO COMERCIAL — CIDADE DO TRABALHO — GENTE PACÍFICA E ACOLHEDORA — VIDA SOCIAL

O CARIRÍ é uma vasta região, situada no sul do Ceará, que conquistou simpatia e realce na vida do Estado pela exuberância de sua beleza natural e pelas crônicas memoráveis do seu povo laborioso e bravo. Região privilegiada, dela participaram vários municípios, ressaltando-se, pela sua prosperidade e expressão histórica os de Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte. Irineu Pinheiro, o magnifico autor de «O Carirí é lindo e rico, não pode ser sertão. Ufanam-se de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes nos mais rigorosos estios, suas fruteiras, seus brejos, o «habitat», por excelencia, da cana de açucar, suas palmeiras erectas como sentinelas em tôrno de suas cidades e vilas». Joaquim Alves, o saudoso sociologo de «Nas Fronteiras do Nordeste», referindo-se ao Carirí, escreveu: «A vista do viandante descansa, em contemplando a natureza virente de todo o Vale do Carií. É um oasis em meio das terras adustas dos sertões nordestinos'. Já se vê, pois, que em recanto tão belo teria, fatalmente, de se desenvolver e de prosperar um povo aguerrido e obreiro, cujo indice de vitalidade permanente é um dos mais fortes esteios economicos e morais do Ceará. Participando ativamente da vida do Vale, a cidade de Juazeiro do Norte, uma das mais novas do Ceará, transformou-se em poucos anos no maior centro comercial do Estado, fato devido a sua fomosa história e à incansável capacidade de trabalho dos seus filhos, ressaltando, é óbvio, o concurso de milhares e milhares de forasteiros que, de Goiás, Pernambuco, Alagôas, Piauí, Maranhão e Bahia, demandaram aos seus umbrais, atraidos pelo seu Patriarca, Padre Cícero Romão Batista, e hoje radicados à terra da promissão, transformada numa urbs de 10 mil casas, com mais de 60 mil habitantes.

PRIMEIROS POVOADORES

Ao findar do primeiro quartel do século dezenove, nos idos de 1827, o Padre Pedro Ribeiro Monteiro transforma-se em pioneiro e, com doze escravos dos sertões do Jaguaribe-Mirim, senta moradia nas ribeiras do Salgadinho e adquire terras para situar fazendas de criar e plantar.

As cercanias do novo arrabalde eram conhecidas por Taboleiro Grande e demoravam entre Crato e Missão Velha. Erguidas as primeiras casas de taipa, com chão de barro batido, Padre Ribeiro manda erigir Capela, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores, à sombra acolhedora e sempre verdejante de frondoso juazeiro.

Anos mais tarde, já em 1856, falece o pioneiro e, com êle, quase fenece a empreitada, não fosse a chegada ali, aos 11 de abril de 1872, do verdadeiro fundador da futurosa cidade do Padre Azarais Sobreira.

Simples, acolhedor, afavel, virtuoso e trabalhador, o novo capelão inicia, então, uma pregação notável, em linguagem evangélica e humilde, arrebatando, por isso mesmo, para o novo povoado, moradores distantes que vinham viver sob os cuidados espirituais do manso e humilde pastor, cuja personalidade, logo mais, conquistaria fama através de fatos tidos como milagrosos. Aos pouco, porém, se desenvolvia o povoado.

DOS MILAGRES ADVEIO A FAMA

Prosperando Juazeiro, nele havia só um pontifice: era o padre. A civilização ainda não havia penetrado naquelas longinquas paragens; o caminho de ferro, a imprensa, o rádio, a agitação da vida moderna não abriram janelas e nem clareiras no lugarejo até então inculto. A instrução não educára o povo. Tudo seria possivel, desde que qualquer fato singular, diferente, ali acontecesse.

Numa sexta-feira da quaresma, aos 6 de março de 1889 deu-se o estranho fenômeno que transformaria a vida bucolica do lugarejo: na humilde capela de N. S. das Dores, ao receber a hóstia consagrada, a beata Maria de Araújo cai por terra, pálida e nervosa. Todos verificam que as espécies eucaristicas haviam se transformado em sangue vivo, rubro !

Foi um Deus nos acuda dentro da igreji-

nha... Azáfama, comentários, violenta crise de todos se apodera. Dera-se o milagre. Sim, ali estava visivel, palpável. inconteste. E a nova correu mundo... Espalhou-se por vilas, cidades e Estados vizinhos, envolta em lendas que já davam a Padre Cicero, celebridade e santificação !

Foi o bastante para que uma legião de romeiros, peregrinos, os mais diversos perlustrassem estradas sem fim na busca do santuário milagroso, transformado já em Méca de perdões e arrependimentos...

Outros milagres se sucederam. Apareceram novos beatos. Formaram-se a Sociedade dos Penitentes, cuja mais proeminente função era rezar, às sextas-feiras, à beira das sepulturas no cemitério...

Eis que rebenta um novo e singular acontecimento: Zé Lourenço zelava um garrote do Padre Cicero. Um romeiro faz uma promessa. Alcança a graça solicitada em troca de um feixe de capim verde para o boi. Roubada a forragem, vai oferecer ao boi, um tanto quanto já endeusado por Zé Lourenço. O garrote muge tristemente e recusa a oferenda. O romeiro corre, ajoelha-se aos pés do Padre Cicero e confessa o roubo. Daí por diante a superstição faz crer ser o Boi Milagroso. Não mais lhe faltou capim...

Inicia-se, então, a construção de uma igreja no Horto, que seria uma das maiores da America do Sul !

Crescia Juazeiro e, com êle, a autoridade do Padre Cícero. Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará, porém, envidou os melhores esforços para por fim à crendice dos milagres, conforme nos relata, brilhantemente Fernandes Távora, em trabalho publicado na Revista do Instituto do Ceará.

Por Decreto da Sagrada Congregação do Santo Oficio, Padre Cícero vai para Salgueiro, Pernambuco. Meses depois regressa à Juazeiro e, desta vez, já transformado.

É quando, então, chega à famosa cidade, Floro Bartolomeu da Costa, nos meados de maio de 1908, conforme nos relata o escritor Padre Azarias Sobreira, ao traçar magnifico perfil do caudilho bahiano.

Lugar ainda atrasado, Floro, sabido e astuto, de logo grangeou popularidade. Com a morte de José Marrocos, que desfrutava de sincera amizade por parte do Padre Cicero, tornou-se o futuro caudilho o homem de imediata confiança do fundador da cidade, a ponto de ir residir em sua própria casa.

Algumas bôas qualidades ornavam o caráter de Floro Bartolomeu, de que lhe adveio logo prestigio. Teve atitudes elogiáveis e pôs-se a trabalhar pela terra, conquistando, assim, a estima geral. Poucos, muito poucos, eram os que dele não se aproximavam, pois sabia ser amigo e prestimoso.

Um pouco neurastênico, era homem de palavra, diferente dos chefes políticos de nossos dias, useiros e veseiros em enganar, em não cumprir compromissos.

Transformou-se no mentor político do Padre, no chefe supremo de Juazeiro e, mais tarde, de toda a zona sul do Estado. Foi eleito deputado estadual, federal em duas legislaturas, «condotiere» da revolução de 1913 contra Franco Rabelo, foi incumbido de defender o nordeste contra a Coluna Prestes e morreu no Rio, aos 8 de março de 1926, feito General do Exército.

JUAZEIRO, CAPITAL DO ESTADO

Durante vinte anos dominou o aciolismo. A 14 de julho de 1912, no meio das maiores demonstrações de jubilo do povo cearense, toma posse do governo o grande Franco Rabelo. Lutando contra o cangaço, então dominador comum do interior, notadamente no sul do Estado, cujos chefes haviam realizado uma mesa redonda com a presença do Padre Cicero e Floro Bartolomeu e assinado uma ata que bem retrata uma época, Franco Rabelo teria em breve a tempestade contra si, e contra o seu governo.

Governando o Brasil Hermes da Fonseca, porém mandado pelo chefe nacional Pinheiro Machado, tratava-se da sucessão presidencial. Franco Rabelo opôs-se e juntou-se a outros Estados. O aciolismo conspirava, saudoso do poder. No Rio, em reunião política, é resolvida fazer-se a intervenção no Ceará, contra Franco Rabelo...

E, aos 22 de novembro de 1913, chega ao Juazeiro, procedente do Rio, Floro Bartolomeu. Foi o bastante. Já vinha com instruções completas...

A cidade do Padre Cicero, já havia se tornado onipotente. A lei era a dos chefes. As fôrças militares, as suas próprias, adrede organizadas, com trincheiras em volta do grande quartel-mestre, prenhe de romeiros e forasteiros, bandidos e assalariados de todo feitio.

Chegára a revolução ! A 12 de dezembro Floro lança a proclamação e convoca a Assembléia Legislativa. Comparecem os deputados José de Borba, Antonio Pinto de Sá Barreto, Antonio Luiz, Pedro Silvino de Alencar e Floro. Instalada, elege, logo mais, Floro, Presidente do Sul do Estado. Assumindo o governo, suspende o pagamento dos impostos... Era o desencadeamento da luta aberta e declarada.

DEPOSTO FRANCO RABELO

Juazeiro, sob a mística impressionante do Padre Cícero, era uma fortaleza inexpugnavel ! Munições havia à vontade; homens para a luta, não faltava. Organizam-se os batalhões de resistência e se apresta a marcha contra as cidades vizinhas, que logo mais tomaria o rumo da Capital do Estado.

O governo, sob terrivel pressão de Pinheiro Machado que lhe era adverso, reage. conclama o povo. Estabelece planos e envia os primeiros batalhões contra o reduto da rebelião.

Diante, porém, de Juazeiro, as tropas legalistas recuam, assombadas. Os Jagunços, assim apelidados, lutavam como feras acuadas. A mística os havia transformado em loucos em proveito de Floro.

J. da Penha, deputado estadual e capitão do Exercito, se oferece para lutar contra os rebelados. Homem de bravura singular. reto e lealdoso, J. da Penha caminhou para Jua-

zeiro. As tropas de Floro já vinham em caminho, após a tomada do Crato e outras cidades. Dá-se o encontro em Miguel Calmon, morrendo o destemido capitão, em circunstancias misteriosas.

Seria inoperante já qualquer resistência, pois J. da Penha encarnava a ultima esperança, dada a sua valentia, destemor e patriotismo na defesa da legalidade.

Pedro Silvino, a 2 de março de 1914, entra vitorioso em Quixeramobim e o Dr. José de Borbosa conquista Quixadá. Em Fortaleza, o governo estremece com a chegada ao nosso porto de uma esquadra capitaneda pelo Almirante Barroso. A pressão de Hermes e Pinheiro era insuportavel. Todo havia sido previamente traçado...

Em total convulsão política, com o povo assombrado, a jagunçada implacável por onde passava, é decretado o estado de sitio para o Ceará, por todo o mês de março.

Finalmente, a 14 do dito mês, é decretada a intervenção federal e nomeado o Coronel, depois General, Setembrino de Carvalho. A 25 de março, Franco Rabelo — que foi um homem à altura do cargo que exercia, digno, bravo, amado pelo povo e altivo, embarca para o Rio.

Juazeiro triunfára. Daí por diante nada mais se faria em todo o Estado, sem prévia consulta a Floro Bartolomeu da Costa!

A verdade é que o famoso Virgolino Ferreira da Silva, de tão triste memória, respeitava o Ceará por estima ao seu padrinho Padre Cícero... Fez muita miséria por aí afóra, mas aqui não bolia com ninguém.

Quando o Brasil agitava-se sob a bravura da gloriosa Coluna Prestes, da qual participavam Juarez, Siqueira Campos, João Alberto e outros, o Governo Federal incumbiu a Floro de defender o nordeste, especialmente o Ceará. A escta época Lampeão já tinha fama de valentão e comandava um grupo celebre pelas atrocidades que cometia.

Dizem que recebeu convite de Flo. para vir até Juazeiro, convite este do conhecimento do Padre... A verdade é que, numa noite de 1924, o famoso bandoleiro, homem fora da lei, chefe de um bando sinistro, penetrava na cidade, vindo das cercanias de Barbalha.

Arranchou-se, com os cabras, pertinho da fazenda de Floro e, alta noite, penetrou dentro da cidade! Indagado o Padre Cícero afirma que não o trairia, o que seria uma infamia e procuraria, isto sim, convertê-lo.

Ao entrevistar-se com o Padre, Lampeão faz mil juras e declara que abandonará o cangaço, estando disposto a prestar os seus serviços, com o seu bando, às forças legalistas que combatiam os revoltosos de Prestes.

A verdade é que Lampeão e os seus homens passearam pelas ruas e praças, distribuiram esmolas, fizeram caridade, visitaram a Igreja famosa, bebericaram e dançaram até...

E, Leonardo Mota, o saudoso Leota de «No tempo de Lampeão», nos conta que Pedro Uchôa, Inspetor Agrícola, residindo em Juazeiro àquela época, foi chamado, às pressas, pelo Padre Cícero.

— Seu Uchôa, lavre já a nomeação de Lampeão para Capitão do Exercito!

— Mas Padre Cícero, logo eu? E o Sr. e o Dr. Floro?

— Eu não sou autoridade constituida. O Floro não está aqui. Você é a única autoridade legal.

E, na calada da noite, foi lavrado o célebre ato. Lampeão passou a Capitão com todas as garantias legais do cargo!

MAIOR CIDADE DO CEARÁ

Município pela lei n. 1.028, de 22 de julho de 1911. Cidade, pelo diploma legal n. 1.178, de 23 de julho de 1914, Juazeiro que havia sido transformado em freguesia aos 21 de janeiro de 1917 e comarca pela n. 1.177, de 23 de julho de 1914, suprimida e, posteriormente, restaurada em 1928, já era uma grande cidade.

Com o caminho de ferro, inaugurado a 7 de novembro de 1920, principiou o seu progresso social e cultural.

A revolução de 1930 modificou os costumes, pondo abaixo o poderio dos chefetes, que prejudicavam o interior.

Com a abertura de escolas, desenvolvimento do comércio, criação de elite e sociedade local distinta, Juazeiro transformou-se como por encanto da noite para o dia.

Hoje é a maior cidade do interior do Estado. O seu comércio é o mais desenvolvido do Ceará, dominando vasta zona e mantendo negocios diretos com São Paulo e Rio.

A instrução conta com excelentes colégios, ginásios e escolas por toda a parte.

A vida pública e política é pacifica e ordeira. Possui vida social ativa com clubes, estação de rádio, sociedades recreativas, imprensa, bons cinemas e meio artistico desenvolvido.

Sendo a cidade que mais edificações constrói em todo o nordeste brasileiro, cresce assustadoramente de dia para dia.

Boa luz elétrica, recentemente inaugurada; ruas calçadas a paralelepipedo, bôa praça de automóveis, excelente vida bancária, com associações de classe em franco progresso, povo acolhedor e profundamente cativante, a cidade do notável escritor Xavier de Oliveira, recentemente desaparecido, seduz e encanta pelo seu passado e pelo seu presente.

Não foram em vão a luta, o destemor, o sacrificio e a abnegação de Cícero Romão Batista, o padre simples e afável, polido e cativante, ao dedicar toda a sua existência ao antigo arraial do Taboleiro Grande.

Bem haja a estima em que é tida a sua imperecível memória!

O "Instituto do Algodão"

SÉDE: PALÁCIO DO COMÉRCIO

UMA NOTAVEL OBRA A SERVIÇO DO CEARÁ — AUXILIO E AMPARO AOS AGRICULTORES E CRIADORES

PALACIO DO COMERCIO onde o INSTITUTO DO ALGODÃO tem sua séde

Nesta oportunidade, é-nos grato dizer algo em torno do Instituto do Algodão, sem dúvida uma Cooperativa de Crédito Agrícola que reais serviços vem prestando aos trabalhadores rurais, sem que deixe de assistir, também, os seus associados da capital.

Máu-grado estes três últimos anos de invernos pouco regulares ou mesmo pessimos, a COOPERATIVA INSTITUTO DO ALGODÃO nunca deixou de amparar os sertanejos necessitados, auxiliando-os financeiramente, seja através de hipotecas, a juros modicos e prazo de quatro anos para resgate do empréstimo, seja igualmente por intermedio de penhores agrícolas ou pecuários, ou ainda por meios de notas promissórias, chegando todos êsses créditos à cifra não pequena, DENTRO DO TERCEIRO TRIMESTRE DE 1953, de OITO MILHÕES, DUZENTOS E OITENTA E NOVE MIL QUATROCENTOS E DEZENOVE CRUZEIROS E VINTE CENTAVOS (Cr$ 8.289.419,20) atendendo-se a mais de SEISCENTOS E TRINTA (630) cooperados, espalhados em todo o território cearense.

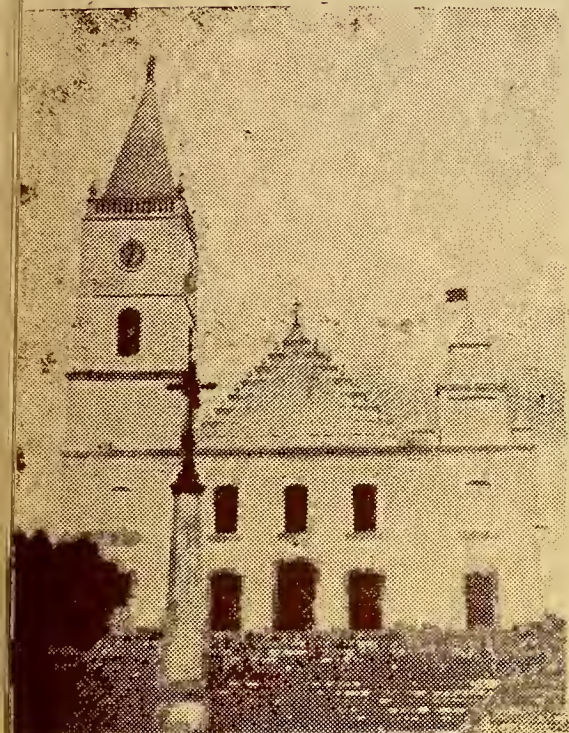
Vale ressaltar que a COOPERATIVA INSTITUTO DO ALGODÃO opera principalmente com agricultores e criadores, estimulando, desse modo, o cultivo das terras e a pecuaria, circunstância tanto mais importante quando não se ignora que as estiagens, neste triênio, têm sido de efeitos desastrosos nos sertões, com extensão, naturalmente, em Fortaleza, centro exportador do Estado por excelência.

Em emprestimos mediante letras promissórias, em que sua taxa de juro é rigorosamente de 12 por cento, a. a., foram realizadas operações num montante de mais SETE MILHÕES, CENTO E OITENTA E OITO MIL, CENTO E DEZENOVE CRUZEIROS E VINTE CENTAVOS (Cr$ 7.188.119,20) Os penhores sôbre safras pendentes chegaram a 144, num total de cêrca de UM MILHÃO E CEM MIL CRUZEIROS (Cr$ 1.100.000,00), enquanto as hipotecas nestes nove meses não se elevaram a mais de quinze (15) em virtude precisamente da ausência de lavouras já em certo período de crescimento, o que cria nos rurícolas, honestíssimos que são, o receio de virem a perder seus imóveis, embora essa dúvida na prática não deva existir, porquanto a COOPERATIVA INSTITUTO DO ALGODÃO custa executar seus devedores, dando-lhes, ao contrário, amplas dilações, até que possam liquidar seus débitos.

Uma prova de que a COOPERATIVA INSTITUTO DO ALGODÃO não escorcha os seus associados, constata-se, perfeitamente, no facto de estar, em suspenso, um capital que ultrapassa a DOIS MILHÕES DE CRUZEIROS, resultado de moratórias requeridas e concedidas a numerosos cooperados. Tal importância representa dinheiro que saiu a título de emprestimos de várias modalidades e cuja reentrada aos cofres do INSTITUTO DO ALGODÃO ainda é uma dolorosa interrogação, por força de leis sucessivas que cada vez mais favorecem os devedores.

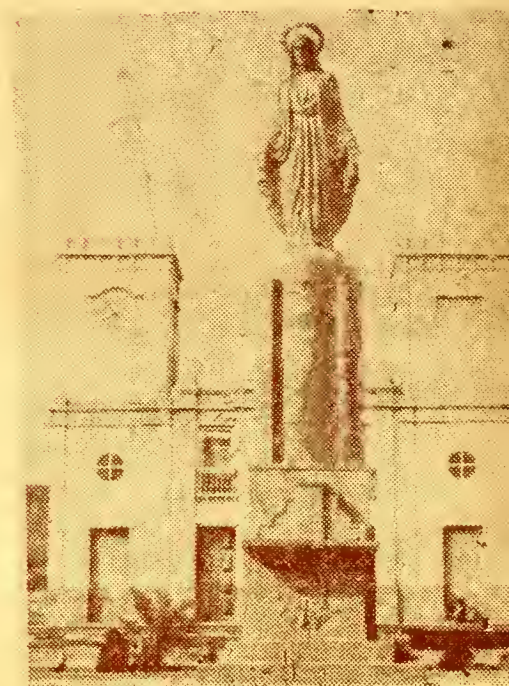
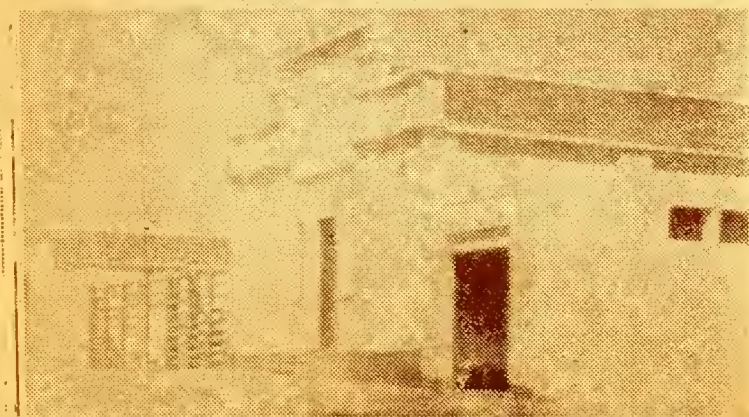
É mister assinalar que essa COOPERATIVA pratica uma política cem-por-cento cooperativista, como bem reconheceu o dr. Alberto Veloso, inspetor do Serviço de Economia Rural, do Ministério da Agricultura, em sua recente visita a Fortaleza, quando esteve no INSTITUTO DO ALGODÃO, em companhia de altos funcionários técnicos do Departamento de Cooperativismo do Ceará. Destaque-se, por outro lado, que o Instituto do Algodão ainda continúa a operar em todo o Estado, embora a disseminação de agências do Banco do Brasil, cujos raios de ação e possibilidades financeiras são sem dúvida mais largos.

É justo, pois, que se reconheça e se proclame o trabalho meritório de sua diretoria, que tem à frente o sr. VICENTE ALVES LINHARES, coadjuvado pelos diretores Ruy Costa Sousa e Domingos Gomes de Freitas Néto, com o concurso precioso do sr. Júlio Rodrigues, que chefia, com zelo, a Carteira Geral de Empréstimo, e do sr. João Dantas Pinheiro Landim, tesoureiro.

JAGUARIBE — Igreja-Matriz e Cruzeiro

JUCÁS — Igreja Matriz

JAGUARUANA — Aspecto aéreo da cidade

JARDIM — Rua principal

JAGUARIBE — Ginásio D. Carmela Dutra, Maternidade, e Matadouro Municipal

JARDIM — Igreja Matriz

JUCÁS

ANTIGO SÃO MATEUS DOS INHAMUNS

ALDEIAMENTO DOS ÍNDIOS PESCADORES, DESCENDENTES DOS QUIXELÔS — LENDAS E TRADIÇÕES — FREGUESIA EM 1755 — ELEIÇÕES FRAUDULENTAS EM 1842 — SERTÕES TEMEROSOS... — VILA EM 1859 — CIDADE EM 1938 — FILHOS ILUSTRES

JUCÁS é um dos grandes municípios do Estado co mos seus 2.210 quilômetros de extensão, enquanto não se torna independente e consequentemetne instalado o município de Cariús, recentemente criado, e que lhe leva mais da metade do território.

Tem uma população superior a 30.000 habitantes, sendo as suas terras excelentes para a agricultura intensiva, visto grande parte estar localizada nas ribeiras do famoso rio Jaguaribe.

Foi antigo aldeiamento dos índios pescadores, ramo da tribu Quixelô que habitava e dominava os sertões vastos do Iguatú.

O seu povo é afável e acolhedor. Tem comércio movimentado, demorando a cêrca de 30 quilômetros de Iguatú, hoje uma das primeiras cidades do Ceará e centro fabril.

Além da cidade séde, conta com vilas importantes, destacando a de Cariús, em cujas cercanias encontram-se as obras monumentais do açude do mesmo nome e que deu origem a localidade, hoje servida por ferrovia e rodovia.

A cidade de Jucás, propriamente dita, conta com várias ruas e praças, notando-se-lhes algumas casas de melhor porte. Está sendo calçada a paralelepipedo e é muito bem iluminada.

O seu principal edifício é a Igreja Matriz. Possui uma grande fábrica de beneficiar algodão.

FORMAÇÃO HISTÓRICA

O município foi criado pela lei n. 889, de 22 de julho de 1859, no govêrno do Presidente da Província Antônio Marcelino Nunes Gonçalves. A esta época, o antigo São Mateus já era poovado florescente. A mesma lei citada elevou a localidade à categoria de Vila com o nome de São Mateus dos Inhamuns.

Anteriormente, porém, tinha sido elevada a esta categoria em virtude de decreto datado de 17 de outubro de 1823, mas extinta em 1851.

Foi, assim, município restaurado, em 1859. Data de 1938, de acordo com o Decreto n. 448, a elevação de Jucás à categoria de cidade.

Já agora, isto é, aos 30 de dezembro de 1943, a lei n. 1114, mudou-lhe a denominação de São Mateus para Jucás.

Hoje é séde de comarca.

LENDAS E TRADIÇÕES

Município longínquo, pois dista nada menos de 480 quilômetros de Fortaleza, viveu, durante muitos anos, isolado quase que totalmente da vida do resto do Estado. Daí porque sempre foi sertão perigoso, onde se passaram cenas tremendas, na recuada quadra da política a bico de pena, com eleições debaixo de pancadaria.

Recentemente é que lhe foi feita a ligação por meio de excelente rodovia. A estrada de ferro que, passando por Iguatú, lhe faz ramal para Cariús, distante uns cinco quilômetros da cidade, muito contribuiu para o seu progresso e restabelecimento da ordem e tranquilidade, hoje reinantes.

Povo assim segregado é fácil envolver-se em lendas. Daí porque afirmam os seus primitivos habitantes que São Mateus certa vez apareceu no local onde hoje se ergue a cidade. Quando deram início aos trabalhos da Igreja, notavam que ela sempre voltava para o local a onde exatamente havia aparecido o santo milagroso . . . Talvez este o motivo porque é uma das raríssimas cidades do interior em que a Matriz tem as suas costas voltadas para o centro principal da urbs.

Outra lenda corre a respeito de um missionário que, na época do colera-morbus, prestou os mais assinalados serviços à comunidade local. O santo padre foi acometido da mesma doença, vindo a falecer por entre as lágrimas do povo entristecido. A uns dois quilômetros de Jucás ergue-se o túmulo do notável amigo da pobreza ,todo em mármore finíssimo e bem talhadc, constituindo, porisso mesmo, obra de arte. Dizem que vários milagres já foram alcançados.

ELEIÇÕES FRAUDULENTAS

A coisa não é dos nossos dias, não. Vem de longe. Antigamente é que eram elas ! . . .

Governava a Província José Joaquim Coêlho. Eram os grandes partidos, aliás, os únicos daquela quadra, o Conservador e o Liberal. Marcada as eleições, o ambiente carregou-se em todo o interior.

Para Jucás, então, São Mateus, foram expedidas ordens rigorosas, pois a coisa estava engrossando com ameaças de perturbação

da ordem. Havia quem, lá, a mando dos conservadores, ameaçasse Deus e o mundo.

O fato é que houve fraude. E fraude tremenda. Havia votado mais eleitor do que o número de habitantes do município, inclusive todos os mortos...

Em Fortaleza o barulhão foi os diábos. Apura, não apura, e a coisa aumentou, em muito se parecendo com as recentes eleições do Coreaú.

Afinal o Presidente Coêlho manda que a Câmara de Fortaleza faça a apuração da «eleição» que os conservadores afirmavam havia sido realizada em ordem e honestamente...

Pois não é que apuraram nada menos de 1.100 votos para o pequeno vilarejo? Esta votação, porém, era suficiente para eleger a maioria dos deputados provinciais conservadores...

Foi o diabo...

FILHOS ILUSTRES

Entre outros, nasceram em Jucás: General João da Silva Leal, antigo Professor do Colégio Militar do Ceará, ex-deputado federal e estadual, e que já ocupou o cargo de Interventor Federal. Hoje reside na Capital da República onde desfruta de conceito e prestígio; Mário da Silva Leal, ex-prefeito do município e ex-deputado estadual. É chefe político de grande prestígio em toda a zona e proprietário de notáveis fazendas; Des. André Bastos de Oliveira, foi deputado e membro destacado da Relação de Pernambuco e do Ceará; Dr. Gonçalo Batista Vieira, Barão de Aquiraz, antigo chefe do Partido Conservador e deputado provincial e geral; Des. José Joaquim Domingos Carneiro, antigo Senador da República e notável político e outros.

LAVRAS DA MANGABEIRA

A CIDADE QUE NASCEU NO CICLO DA MINERAÇÃO

AS MINAS DO CARIRÍ, NA MISSÃO VELHA — O SARGENTO-MÓR JERÔNIMO MENDES DA PAZ — CORRIDA PARA O LUGAR MANGABEIRA NOS MEADOS DO SÉCULO DEZOITO — SUPRIMIDAS EM 1758 — VILA EM 1816 — CIDADE EM 1884 — A FREGUESIA DE SÃO VICENTE FERRER — A CAVERNA DO BOQUEIRÃO E O AÇUDE MAIOR DO MUNDO... — O ASSASSINATO DO GRANDE AUGUSTO LIMA, NO BONDE DO OUTEIRO — A FAMÍLIA AUGUSTO — DONA FIDERALINA — POETAS, ESCRITORES E POLÍTICOS NOTÁVEIS — EM NOSSOS DIAS

QUASE todas as cidades do Ceará nasceram de antigos núcleos de catequese jesuitica, onde se erguia a igrejinha com paredame de tapume, coberta de palha, com chão de barro batido e oratório singelo com imagens vindas de além mar. Algumas, todavia, fugiram a esta regra quase geral. Aracatí cresceu e prosperou sob o império comercial de suas famosas xarqueadas e Ubajara advinha da sêca de 1877 no abrigar famílias sertanejas. Lavras da Mangabeira surgiu quando principiou a mineração no vale do Carirí, localizada em Missão Velha, nos lugares então denominados de Fortuna, Barreiros e Morros-Dourados. É que, em meados do século dezoito, alguns dos mineradores daquelas plagas vieram ter à Mangabeira, onde se julgava possível farta colheita de ouro, por isso que transformada, de uma hora para outra, em movimentado arraial. Os cronistas se referem com certo entusiasmo às precárias minas exploradas no Ceará Colonial na quadra dos Capitães-móres. Não merecem maior destaque, de vez que não passaram de tentativas, algumas completamente frustradas. Em 1712, o Governador de Pernambuco interessou-se junto aos administradores do Ceará no sentido de iniciar a mineração no Carirí. Dia vai, dia vem, somente em 1752, Luís Quaresma Dourado, capitão-mór, segue em demanda de Missão Velha. Entrementes, é enviado de Pernambuco o sargento-mór Jerônimo Mendes da Paz, que se encarregaria de cobranças do quinto e de estabelecer a paz, visto como nas cercanias da mineração a inquietação era tremenda e a ordem não existia. A noticia da cata ao ouro correu mundo. E, aos milhares, afluiram, ao local, homens e mulheres. A balbúrdia era natural, e a azáfama a todos dominava. Houve, assim, como era natural, quem indagasse de supostas minas em outros recantos, embora que longinquos. E a notícia estourou como uma bomba: «Na Mangabeira há ouro pra peste! É gente lá que nunca mais se acaba!»

ARRAIAL SÃO VICENTE

Da noite para o dia lá se veio um mundão de ourives e mineradores. O velho sertão povoou-se de gente muita e lá se foi levantando o casario de tapume em forma de arruado.

A coisa ia mais ou menos tomando vulto, quando, em 1758, chega a Icó a notícia da supressão das minas do Carirí. A Côrte de Lisboa, insaciável, reclamava impostos, pesados tributos e, não sendo atendida em toda a sua ganancia, voltara-se contra o comércio do ouro. Em 1767 a medida se estendia para todo o Brasil. O interdito foi levantado somente em 1819, quando existia o interesse pela mineração. O tempo se encarregara de deslocar os mineradores para a agricultura e para a pecuária com o estabelecimento de propriedades agrícolas.

Mas Lavras ficára como um sinal marcante daquela época singular da nossa história. Surgira da mineração que fôra feita em suas terras, à margem dos seus rios e riachos, no leito dos seus arroios...

O povo deu ao novel arraial vários nomes: Mangabeira, Lavras, Lavras da Mangabeira (atual), São Vicente Férrer, São Gonçalo das Lavras...

Ao correr dos anos, o povoado foi tomando ares de lugarejo progressista. Surgiram os seus líderes e por Resolução Régia de 20 de maio de 1816, é criado o município, com séde na Vila de São Vicente das Lavras, antigo povoado de São Vicente Férrer das Lavras da Mangabeira.

O município, em 1854, já contava com 208 fazendas. Em 1858, 44 engenhos de madeira industrializavam a cana de açucar no preparo da rapadura, fonte de renda ainda hoje expressiva. Com terras excelentes, povoou-se sem maiores atropelos, mau grado alguns fatos de ordem política que agitaram os sertões do Ceará nos idos do século dezenove,

notadamente os municípios vizinhos da faixa caririense, farta em motins e revoltas.

Com freguesia criada, sob a invocação de São Vicente Férrer, a 30 de agosto de 1813, desmembrada da do Icó e cujo primeiro vigário foi o Padre José Joaquim Xavier Sobreira, a atual Matriz de Lavras é uma das mais imponentes do interior cearense.

Em 1884, no governo do Presidente Carlos Honório Benedito Otoní, Lavras é elevada à categoria de cidade.

CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

Lavras da Mangabeira devia ser uma das nossas principais cidades. Possui todas as condições favoráveis para que alcance franca prosperidade e riqueza.

Como município de sertão, é um dos mais ricos em propriedades agrícolas.

Otimos sítios enriquecem a região. Há fazendas excelentes. O territorio municipal é todo cortado de estradas federais, estaduais e municipais, pois é região por onde passam as principais rodovias do sul do Estado, inclusive as que se dirigem para a Paraíba e para Salgueiro, em Pernambuco.

A cultura agrícola está intensivamente desenvolvida, razão por que lá se erguem duas grandes realizações do poder público federal: uma monumental Escola de Iniciação Agrícola e um Posto Agro-Pecuário.

Mas somos forçados a afirmar que falta alguma coisa em Lavras para que se transforme numa movimentada séde municipal.

Talvez bons invernos (fracos nos últimos anos) e permanencia na cidade, das principais familias locais, quase sempre residentes nos sítios e fazendas, algumas das quais modernissimas como a do dr. Luís Augusto Lima, do Cel. Raimundo Augusto Lima e do sr. José Pereira de Figueiredo, denominadas Pau Amarelo, São Domingos e Varzea Redonda, respectivamente.

A CAVERNA E O AÇUDE SONHADO...

Distando cinco quilômetros da cidade de Lavras, encontra-se o Boqueirão famoso. Tem o mesmo nome da cidade. É uma abertura imensa feita pelas aguas do rio Salgado (rebelde e valente nas cheias de meter mêdo) com uma largura de 40 metros e onde podia ser erguida uma parede com mais de 50 metros de altura. J. J. Revy, engenheiro consagrado, afirmou que ali poderia ser feita uma barragem que daria um reservatório de 3 e 1/2 kms. de largura, no lençol dagua, com uma profundidade de 15 metros, o que equivaleria a um volume dagua de 1.500.000.00 metros cubicos !

Tomaz Pompeu asseverou que ali poderia ser construida a maior obra hidraulica do Brasil e talvez, do mundo, o maior reservatório.

Basta dizer que todas as aguas dos vales de Lavras e do Carirí têm a sua saída pelo Boqueirão de Lavras, obra verdadeiramente admiravel da natureza, digna de ser vista.

É onde está localizada uma caverna, que não se pode penetrar, visto como a luz não se faz em vista de completa falta de ar. Dela já se ocuparam vários escritores e engenheiros, entre os quais vale salientar, J. J. Revy, Tomaz Pompeu e o famoso O'Meara.

NO OUTEIRO, TOMBA UM FILHO ILUSTRE

Gustavo Augusto Lima, pertencia à tradicional família Augusto. Filho de uma mulher notável pelo destemor e pela bravura, Fideralina Augusto Lima e de Ildefonso Correia Lima, herdára a vocação política dos seus maiores.

Homem de prestígio, alto comerciante e agricultor, foi prefeito e deputado em duas legislaturas. Tomando parte saliente no movimento revolucionário de 1914, que depôs Franco Rabelo, tornou-se um dos mais prestigiados homens dos sertões do sul do Estado.

Valente como as armas não temia os inimigos, que eram muitos.

Certo dia, porém — 28 de janeiro de 1923 — registra-se imenso tumulto na Praça do Ferreira, defronte do então restaurante «A Gruta», onde hoje está localizada a loja «A Flama».

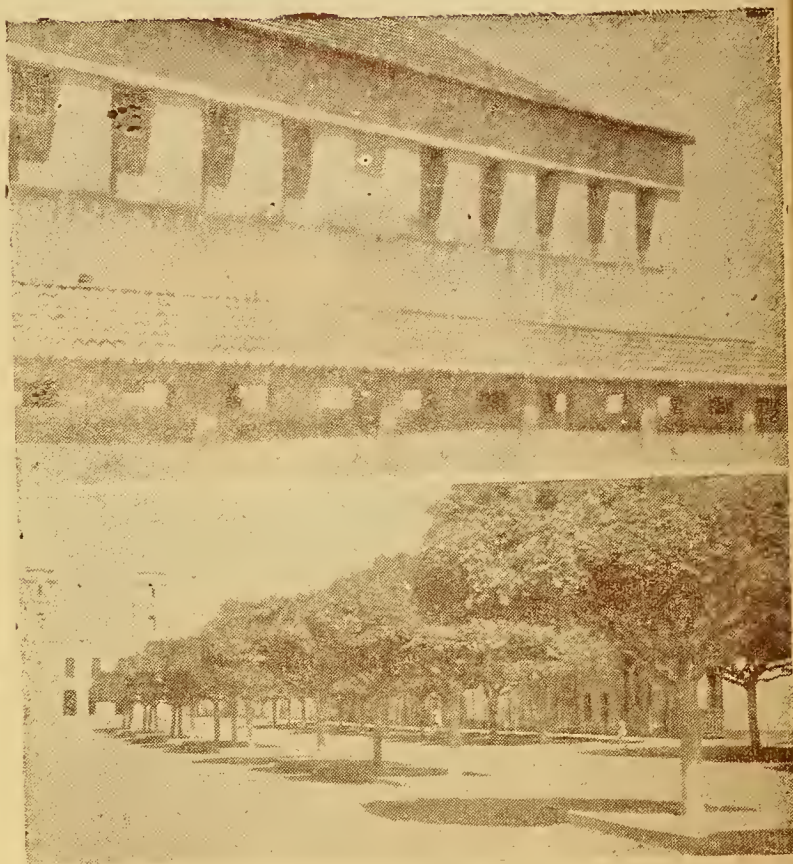
Quatro tiros haviam sido ouvidos. Que foi, que não não foi, lá se estava o Coronel Gustavo Augusto Lima mortalmente ferido, quando, em companhia de duas filhas moças, uma de cada lado, viajava no bonde do Outeiro para a sua residencia na rua D. Manuel. Foi um zuadão tremendo. Um corre-corre danado em plena Praça do Ferreira. O homem estavo no exercício do mandato. O crime abalára meio-mundo.

Recolhido ao Hospital da Santa Casa de Misericordia, falece o bravo sertanejo no dia 1.º de fevereiro.

A FAMILIA AUGUSTO

Quem escrever sobre Lavras da Mangabeira não pode deixar de fazer o registro da família Augusto, sob pena de traçar cronica incompleta, o que não é recomendavel para quem tenta fazer história.

Senão vejamos: Ildefonso Correia Lima, médico, antigo deputado, filho de Ildefonso Correia Lima e dona Fideralina Augusto Correia Lima; João Carlos Augusto, antigo, deputado provincial; Padre João Carlos Augusto, antigo deputado e homem de largo prestigio; dr. Francisco Augusto de Oliveira, magistrado; Dr. Ildefonso Augusto Lacerda Leite, médico; Dr. Vicente Férrer Correia Lima, advogado no Rio de Janeiro; Dr. Sérgio Augusto Banhos, médico de nomeada; Dra. Maria Luiza Augusto de Saboia, Raimundo Augusto Bezerra; Dr. Vicente Férrer Augusto Lima, antigo prefeito de Lavras, atual deputado estadual, eleito já em duas legislaturas, moço de cultura e político de larga influência da bancada do Partido Social Democrático; Dr. Prisco Bezerra, diretor da Escola de Agronomia; Dr. Pery Augusto, jornalista no Pará; Dr. Luís Augusto Lima, médico; Dr. Edvar Teixeira Férrer, Promotor de Jusitça em Juazeiro do Norte; Cel. Raimundo Augusto, atual Prefeito Municipal; Dr. João Augusto Lima Junior, advogado e Assessor Técnico da Assembléia; Dr. Aluisio Ferreira Férrer, cirur-

LIMOEIRO DO NORTE
— Catedral —

LIMOEIRO DO NORTE
— Aspéctos da cidade —

MARANGUAPE — Obelisco do centenário da cidade e Estátua de Capistrano de Abreu

MARANGUAPE
Principais ruas da cidade

gião dentista e presidente da Câmara Municipal; Dr. Honorio Bezerra, engenheiro do IBCE e outros que a memória não repete de momento. Há, ainda, os que estão entrelaçados por parentesco e que são tambem pessoas de maior destaque, não só na vida de Lavras da Mangabeira, como na do Ceará: Dr. Honório Correia Pinto, médico; Dr. Joaquim Bastos Gonçalves, ex-presidente da Assembléia e atual Secretario do Interior e da Justiça; Dr. João Climaco Bezerra, romancista, jornalista, advogado e Diretor Técnico da Instrução Pública; Dr. Luiz Bezerra, magistrado; Dr. Banhos Neto, Juiz em Fortaleza; Dr. Vicente Bezerra Neto, jornalista e deputado estadual em Mato Grosso, antigo redator do «Correio do Ceará»; Dr. Almir Pinto, deputado estadual; Dr. João Pinto, advogado, professor e muitos outros, que tornaram famosa a família dos Augustos através da política e das letras.

POETAS E ESCRITORES

Lavras é terra de gente ilustre. Lá nasceu Filgueiras Lima, a 21 de maio de 1909, cuja estréia no verso deu-se quando tinha apenas 13 anos de idade. Hoje é um dos melhores poetas do Brasil. Publicou, entre outros: «Festas de Rítmos» e «Jardim Suspenso». Pedagogo e cronista de fino estilo, é primoroso orador. Tem colaborado nas principais revistas do país.

O Dr. Josafá Linhares, escritor, jornalista, professor emérito, autor de excelentes trabalhos, sobre finanças, conferêncista erudito, tambem nasceu em Lavras. Joel Linhares, bacharel, profundo conhecedor da lingua portuguesa de que é um das maiores autoridades em nosso meio, professor e homem de letras, tambem nasceu nas Lavras.

João Climaco Bezerra, escritor já consagrado pela crítica nacional, autor de «Sol Posto», «Não Há Estrelas no Céu» e outros romances, colaborador efetivo de jornais e revistas, redator dos «Diários Associados, de Fortaleza, é lavrense, como já mencionámos em linhas atrás.

Dr. João Gonçalves de Sousa, alto funcionário do Ministério da Agricultura, jornalista.

Dr. Amarílio Furtado, jornalista, representante do Ministério Público.

E, assim, são muitos os filhos ilustres da terra deste admiravel Brigadeiro Vicente Ferreira da Costa Piragibe, cujos feitos lhe outorgaram comendas como de Cavaleiro da Ordem de Aviz e da Ordem da Rosa, falecido em 1874, depois de prestar os mais relevantes serviços ao Brasil, a ponto de ser titulado como Conselheiro do Império.

*
* *

Município com 868 kms. de área e uma população superior a 30.000 habitantes, Lavras tem o seu progresso dependente de bons invernos, visto ser essencialmente agrícola.

A cidade teve a sua estação ferroviária inaugurada em 1917 e demora à margem do rio Salgado. Tem boas residencias, ruas calçadas, luz elétrica boa, sempre conservada limpa.

Algumas realizações últimas têm lhe emprestado aspécto progressista, como o edificio da Prefeitura, o mais moderno e o mais bem construido do Ceará; edificio dos Correios e Telegrafos, Grupo Escolar Rural, Usina de Luz e outros melhoramentos públicos.

O seu povo é afável e acolhedor, vivendo para o trabalho, o seu maior fanal.

LIMOEIRO DO NORTE

TEVE SÉDE EM SÃO JOÃO DO JAGUARIBE

O PERNAMBUCANO ANTÔNIO RODRIGUES, DA «VILA DE ARACATÍ», FUNDOU A FAZENDA LIMOEIRO — O SÃO JOÃO DAS VIRGENS COMEÇOU O POVOAMENTO — NO PRINCÍPIO, SÓ CRIMES E ATROCIDADES — ANGELO DO GADO BRAVO VINGADO PELOS IRMÃOS DO CAPITÃO VICENTE LÔBO, DE BARBAS LONGAS... — VILA TRANSFERIDA — A MATRIZ DA CONCEIÇÃO E J. J. PONTES VIEIRA — ENQUANTO LAMPEÃO REZAVA... OS SOLDADOS PARAIBANOS METIAM O SAIBRE... — O ADVOGADO JOSÉ OSTERNE — FERVENDO A POLÍTICA, COM PADRE À FRENTE — ERA DE PAZ E PROSPERIDADE — A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

O FAMOSO Vale do Jaguaribe é formado pelo rio do mesmo nome, por sinal, o maior curso dagua seco do mundo...

As terras que ficam à margem do «rio das onças», se denominam, em sua divisão natural, e de acôrdo com as peculiaridades locais, de alto, médio e baixo Jaguaribe.

Em cada região destas, floresce e viceja uma civilização, outróra forte e destemida, quando no povoar a terra, dominar a indiada e levantar as vilas e cidades de hoje.

No baixo Jaguaribe, vamos encontrar as melhores terras do mundo, as mais férteis, as que melhor se prestam para o intensivo plantio de frutas, cereais e cana de açucar, embora esta última cultura não seja muito desenvolvida, em nossos dias, nesta região.

Cumpre ressaltar, porém, que nenhuma cultura agrícola poderia se desenvolver melhor, nesta rica região, do que a do algodão.

O Meara, viajante e cientista, afirmou que as terras jaguaribanas poderiam ser exportadas como adubo ! E o seu livro «Irrigation in the Jaguaribe Valley», afirma, ainda, ser capaz de produzir algodão melhor do que o do Vale do Nilo.

É nesta gleba, privilegiada pela natureza, que nasceram e cresceram as cidades de Jaguaruana, Russas, Aracatí e LIMOEIRO DO NORTE, lembrada nesta singela crônica através dos fatos e episódios de maior relevo que lhe deram nome e projeção na formação histórica do Ceará.

OS PIONENROS DE OUTRÓRA

Rezam as crônicas, com João Brígido à frente, que uma das primeiras regiões do Vale do Jaguaribe a ser povoada, foi a que está hoje compreendida nos limites do município de Limoeiro.

Isto posto, aí está o famoso São Bernardo das Russas, donde partiu muita gente para sentar moradia no fazendão de São João das Virgens, distante da atual cidade de Limoeiro, pouco mais de trinta quilômetros.

E, foi nas cercanias desta «Casa Grande», com cerca de pau a pique, que se ergueu, anos mais tarde, o povoado de São João do Jaguaribe, posteriormente elevado à vila e feito séde do município de Limoeiro.

Antes, porém, vindo da então Vila do Aracatí, se estabeleceu, com gado e fazenda, bem próximo de São João, rico pernambucano, de nome Antonio Rodrigues. Regressando aos seus pagos, deixou no dito local, um administrador com cêrca de dez escravos e chamado Manuel José da Silva.

Homem moço, José da Silva, sofreu, por muito tempo, a solidão daquelas terras distantes... às quais batizára de Limoeiro, por nela se encontrar, de quando em onde, frondosas árvores, ao que dizem, plantadas pela indiada em tempos idos e vividos pelos selvagens.

Como no principio do mundo, lá se veio Eva para o Adão; isto, dos longínquos pagos do Pernambuco. Manuel José da Silva remoçou e dentro em breve lá se estava numerosa prole, donde rebentaram, anos mais tarde, um mundão danado de gente a povoar a terra «dadivosa e boa...»

A LEI ERA A DO MAIS FORTE

Faz gosto a gente ouvir as histórias do passado. É que são tingidas pelas côres vivas e pitorescas da fantasia, muitas vezes transformadas em lenda...

Não conhecemos maior contador de histórias do que o Capitão Francisco Pergentino Guerreiro, modesto fazendeiro nos pagos do Limoeiro, presidente quase efetivo da vereança local.

A nós, tudo o que **desfiou**, encontrou prova no «Ceará, Homens e Fatos», de João Brígido.

Vai daí, o rememorar os encontros e vinditas sangrentas dos cabras do Major Angelo do Gado Bravo, sertanista tremendo, contra os valentes e destemidos irmãos Lobos, chefiados pelo Capitão Vicente Lobo, morador abastado do Olho D'água dos Currais, cercanias do Limoeiro, que já se gabava de ser arraial movimentado...

Lutão dos seicentos diabos, mecheu com meio mundo nas várzeas do Jaguaribe de outróra, a bem dizer, no primeiro quartel do século dezenove.

Emboscada vai, emboscada vem, a coisa ficou preta quando foi assassinado em 1845, Vicente Lobo dos Santos; meses depois, caía como bravo, João Batista Maia, na Agua Suja, arredores do Taboleiro da Areia, quando em festas recebia clérigo recem-ordenado pelo Seminário de Olinda.

Foi um Deus nos acuda a vingança dos Lobos. O velho Vicente, de barbas longas, lá se ia, em bôa montaria, com seis bocas de fogo e uma espada, à frente de cabras valentes como a peste, ajustar velhas contas...

De tudo, o resultado foi o assassinato do famoso Angelo do Gado Bravo, na noite de 25 de maio de 1846, por uma malta de bandidos. Foi fogo por todos os lados. Resistência tenaz, levada a termo ao cair do gigante...

E, assim, viveu o baixo Jaguaribe, por longos anos, governado pelo mais forte e pelo que tinha mais cabras em casa pro serviço...

O LIMOEIRO MUDA DE SÉDE

Enquanto São João do Jaguaribe era elevado à Vila, 28 de dezembro de 1868, em Taboleiro de Areia, pontificava o célebre Padre Rolim, por Dom Pedro II chamado de «sábio do norte», por saber, entre linguas vivas e mortas, mais de dez idiomas.

Limoeiro, a antiga fazenda, já se transformára em Povoado florescente, o que motivou a transferência da séde do município de São João para o novo povoado, então elevado à Vila, nos idos de 1871, isto pela lei de número 1.402, de 22 de julho do mesmo ano.

Isto posto, lá se veio a séde da Freguesia, com orago à Nossa Senhora da Conceição, por lei 1358, de 4 de novembro de 1870, que retornava, â Limoeiro, a dita séde que, em 1864, foi instalada em São João.

Em 1821 principiou-se, com esmolas e festanças, a construção da atual Catedral, só terminada, 42 anos mais tarde, ou seja em 1863.

Em 1897, reclamaram os moradores de Limoeiro a elevação da Vila à Cidade, o que foi dado e passado no governo de Antonio Pinto Nogueira Acioli. Um festão tremendo que teve lugar por ocasião da notícia anciosamente esperada.

Já agora, em 1917, é criado o juizado, sendo o primeiro titular togado, o saudoso e querido dr. João Jorge de Pontes Vieira.

Daí por diante, Limoeiro toma novos rumos, demandando a uma época de visível progresso, mal grado as agitações politicas que no início do nosso século lhe tumultuaram a vida já livre dos Lobos e dos Gado-Bravos.

A POLITICA DOMINANDO TUDO

Em bôa região plantado, com apreciável população, na quadra dos bons invernos, se formaram os partidos e apareceram os líderes que marcam tradição.

Um deles, foi o famoso chefe Serafim Tolentino Freire Chaves, cuja facção era o Partido Conservador. Exercendo o tabelionato, era de vêr doutrinando os lealdosos amigos e correligionários, com notável facilidade de argumentação inerente ao cargo.

E certo dia, lá se veio, eleito para a Assembléia, onde se portou sempre fiel vassálo do Conservador.

Logo mais, vem para o legislativo, o dr. Leonel Serafim Freire Chaves, jornalista primoroso e, anos depois, lente catedrático da Faculdade de Direito. Foi um grande líder da vida intelectual e política do Ceará do começo do século vinte.

Houve, porém, um homem que se destacou na vida de Limoeiro e a quem a terra do Padre Voldevino Nogueira, muito deve. Foi José Osterne Ferreira Maia, cujo nome hoje é pronunciado com respeito e admiração pelos limoeirenses. Homem culto, José Osterne foi um fator de progresso da cidade que se desenvolvia. Político militante, nunca humilhou o adversário, sendo sempre fator de paz e de concórdia.

Foi ele quem primeiro enxergou a utilidade das hoje chamadas moto-bombas, para a irrigação do famoso vale. Espírito progressista, envidou esforços pela ligação Limoeiro-Mossoró. Foi ainda quem primeiro estabeleceu sítio nas cercanias de Limoeiro, isto em 1899. Foi um profeta, visto como lançou aos seus contemporâneos a crença de que da terra é que poderia advir a riqueza e a prosperidade da região.

É, mais ou menos, nesta quadra da vida de Limoeiro que o Padre Antonio da Graça Martins, hoje virtuoso e estimado Vigário de Itaiçaba, tem enorme prestigio político, comandando correliginários fiéis em vários municípios jaguaribanos. Não se movia uma palha que êle não fosse ouvido. Certo dia, porém, lá se vem o mundo abaixo e a vereança, reunida em agitada sessão da Câmara bota a perna para movimento e há carreiras dos seiscentos diabos...

LAMPEÃO VISITA A IGREJA E OS SOLDADOS...

Afirma Gustavo Barroso, em seu precioso livro «Almas de Lama e de Aço», que a revolta contra uma injustiça é que gera, quase sempre, o bandido, formador de grupos.

Alguns fatos e episódios da vida de Virgolino Ferreira da Silva, comprovam que ele primeiro foi um revoltado e só depois de injustiçado transformou-se em bandido. Daí porque teve gestos dignos de um homem de bom coração.

Quando perlustrou o Ceará, por estas bandas de cá não atacou ninguém. Antes, pelo contrário, distribuiu muita esmola, rezou nalgumas igrejas e só andava com uma redoma onde se via o retrato do seu bom amigo Padre

Cicero Romão Batista, de saudosa memória.

É nesta quadra da sua vida que vem ter um dia à Limoeiro. Foi um Deus nos acuda. Corria o ano da Graça de 1926. Era Prefeito Felipe Santiago. Povaréu agitado, foi um dia de juizo final. Era medo como folha de pau. Até homem chorava... que dirá mulher e menino...

No final da coisa ageitou-se Lampeão. Embora fechado, a séte chaves, o comércio recebeu o ultimato e aprestou os cofres. Parece que uns vinte e tantos contes de réis. Para a época, dinheirão doido...

E lá entrou o homem dentro da cidade, apavorada. E que gente de nome sinistro, meu Deus: Bom-de-véras, Zé Relampago, Nevoeiro, Massilon, Caxeado, Maçarico, Azulão Segundo, Zé Tenente... Virgem Nossa Senhora!

Garantiu que todo o seu bando nada faria. Visitou até a Igreja e se benzeu. Distribuiu dinheiro com a meninada. Tirou retrato, hoje famoso.

Deixando a cidade, sem nenhum mal cometer, lá se veio, atrás dele, a célebre polícia paraíbana. Esta sim, fez o diabo. Açoitou gente, acabou samba, furou harmonica, depredou e o povo chegou a dizer, sabiamente:

«Eta, seu Coronel Felipe, deste jeito é mior mandar o Lampeão voltar pra perseguir os bandidos...'

A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

Daí para cá, Limoeiro passou a ser uma espécie de Suiça. A política é calma. Os líderes não se ofendem e, passada a campanha eleitoral, não há recalques e nem ficam inimizades. Todos se entendem e se conversam para a prosperidade local.

Foram prefeitos, entre outros, nestes últimos anos, Pedro Celestino de Freitas, Estevam Remigio de Freitas, Custódio Saraiva de Menezes, Pedro Saraiva, Sindulfo Chaves, José Chaves, Francisco Celestino da Costa, e vários outros que a memória não recorda, assim de momento.

Séde de Bispado, lá está o admiravel e querido Dom Aureliano Matos, sagrado aos 29 de setembro de 1940, a cujos festejos tivemos a honra de comparecer. Foi uma bela solenidade, com Dom Manuel da Silva Gomes, Dom José e Dom Francisco à frente. Dia de intenso júbilo.

Com bom comércio, agricultura desenvolvida, carnaúbais farfalhantes e várzeas líndissimas ao por do sól, o Limoeiro do Norte seduz e encanta ao visitante.

Marcante progresso na vida educacional, ergue-se, num atestado de nobre ideal, a Escola Rural pela qual lutou muito o atual deputado Franklin Chaves. O Liceu de Artes e Oficios é outra obra magnifica que está sendo levada a bom termo por esta marcante inteligência que é do Padre Misael Alves. O Ginásio Anchiêta tem à sua frente o notável educador Padro Mauro Ramalho, fidalgo e culto.

Administra o município o estimado cidadão Francisco Nonato Freire, alto comerciante e agricultor, homem de tradição na terra, fruto do trabalho e do labor individual. Alguns melhoramentos de vulto denotam vontade de acertar por parte do atual gestor da comuna, tais como instalação de telefones rurais, água, avenidas em vilas, estradas e outras iniciativas de menor porte.

São líderes locais, de grande prestígio, o dr. Manuel de Castro, deputado estadual, amigo do povo, homem sem orgulho, estimadissimo e que, por sinal, envida esforços pelo progresso de Limoeiro; Franklin Gondim Chaves, também chefe de incontestável prestigio, sendo deputado à Assembléia Legislativa. Tem participado ativamente, dos movimentos em pról da prosperidade da terra natal, que é Limoeiro. Vem por último, Estevam Remígio que, à frente da numerosa família, se constituiu num autêntico líder da gleba que já dirigiu como Prefeito. e Dr. Expedito Maia da Costa, moço de cultura, advogado, Diretor da Imprensa Oficial, suplente de Deputado e pertencente à familia Maia, que foi uma das fundadoras de Limoeiro.

Fechando esta crônica, lembramos o nome de Temistocles Machado, outrora poeta de fino louvor, membro da famosa Padaria Espiritual, falecido em 1921 após deixar bela tradição de homem de letras, fato que eleva bem alto o nome da terra natal, o Limoeiro do Norte.

MARANGUAPE

TERRA, ONDE NASCEU CAPISTRANO DE ABREU

NUMA REGIÃO PARADISÍACA, HABITAVAM OS POTIGUARAS — MATIAS BECK, ENVIA HANS SIMPLESEL AO MONTE ITAREMA — GABRIEL DA SILVA LAGO CONCEDE SESMARIAS — DISTRITO DE FORTALEZA E FREGUESIA DE MESSEJANA — A CAPELINHA DA OUTRA BANDA PROVOCA LUTA — ÉPOCA DE PROSPERIDADE — COM A PESTE E A SÊCA, RENASCE DAS PRÓPRIAS CINZAS — MILITARES, POLÍTICOS E ESCRITÔRES — ANTÔNIO AUGUSTO E DJACIR MENEZES — CIDADE CENTENÁRIA

TODO o esplendor e toda a exuberância que a natureza pode oferecer ao homem, foram outróra disputados pelas tribus indigenas que sentaram as suas malócas no cimo e no sopé da serrania do Maranguape.

Em nossos dias ainda, notadamente na quadra dos bons invernos, ressalta, aos nossos olhos, a magnificência da região ubérrima com os seus vales e saliências atapetadas por uma vegetação lindissima, que prende e seduz pelo encanto singular que desperta.

Se no passado foi paraiso para os Potiguaras, é hoje recanto preferido para vilegiatura, oferecendo ao turista momentos de agradável descanso nos fins da semana. Daí porque hoje, se contam às centenas, as vivendas modernas, aprazíveis, que, aos domingos, regorgitam de fortalezenses, ávidos pela paz e pela tranquilidade que a natureza pode ofertar com suas belas paisagens.

Ao correr dos séculos, porém, a civilização edificou, ao sôpro do ideal e da perseverança, a cidade centenária, cujos fátos e episodios de maior evidência deram-lhe merecido relêvo na conjuntura histórica do Ceará.

ITAREMA, O MONTE DE PRATA

Com o fracasso de Gedeon Morris, aporta ao Ceará, nos idos de 3 de abril de 1649, com três iates, dois barcos de menor calado e uma tripulação de 298 homens, o famoso Matias Beck.

Buscava o emissário holandês os recursos com os quais fosse possivel manter a luta em Pernambuco.

Senta quartel-mestre à esquerda do Pajeú e com o traçado de Ricardo Caar, faz erigir o forte de Schoonenberch.

Entrementes, põe-se em conferencias com alguns naturais, indagando, perquirindo, perguntando onde estavam localizadas as supostas minas de prata...

Indicaram-lhe o rumo ao longo do horizonte longinquo, demandando a serrania de Maranguape.

Foi o bastante para que se aprestasse uma expedição ao monte de Itarema e partisse a bandeira em busca das minas de prata.

Os trabalhos para a descoberta e para a futura exploração do tesouro estavam a cargo dos profissionais Carel Helbach e Hans Simplesel. O próprio engenheiro Ricardo Caar, que déra o traçado para a Fortaleza e Matias Beck, estava à frente dos planos de descoberta.

A lenda já avivava a cobiça do bátavo, ao espalhar que Martins Soares Moreno pesára o monte prateado...

Pura ilusão. Fatal desengano. O fato servira para o devastamento da região e recuo até da indiada amedrontada. Era a primeira incursão do homem branco nas terras virgens de Maranguape.

COM OS PIONEIROS, O ALTO DA VILA

Anos mais tarde, vêm os desbravadores e colonizadores lealdosos à corôa portuguêsa. São os donos de sesmarias, os audazes povoadores da terra incúlta e bela.

Aos 12 de julho de 1707, o capitão-mór concede sesmaria ao tenente Pedro da Silva e Amaro Morais, aos 29 de dezembro de 1711, Francisco Duarte de Vasconcelos, capitão-mór, outorga terras a Jorge Silva. Em 1817, aos 17 de julho, é registrada sesmaria ao Capitão Soares de Oliveira, doada que lhe foi pelo capitão-mór Manuel da Fonseca Jaime e, posteriormente, já em 1790, é o capitão-mór Luís da Mota Féo e Torres quem concede sesmaria a José Gonçalves Ferreira Ramos e a Felipe Lourenço. Iniciára-se, o devastamento da rica região.

Sobressai-se, porém, o português Joaquim Lopes Abreu como um dos fundadores da futura cidade de Maranguape, posto que, nos principios do século dezoito, era possuidor de propriedades próximas à futura séde da Freguesia.

Ao correr dos anos, erigiu-se capela para atender aos reclamos da fé e em seu derredor

formou-se o singelo arruado, de casas de beira e bica, chão de barro batido, toscas e humildes.

Nascera, assim, o chamado Alto da Vila, hodierna e pitorescamente denominado de Outra Banda e daí para surgir a cidade futura de Maranguape seria questão de poucos anos a mais.

DISTRITO E PAROQUIA

Formado o casário do Alto da Vila, poucos metros adiante, do outro lado do corrego que margeia a cidade, erigem-se residencias de melhor porte, algumas até já assobradadas, nelas se desenvolvendo uma pequena sociedade em formação.

Por provisão, datada de 1.º de janeiro de 1760, é criado o distrito de Maranguape, ligado ao município de Fortaleza.

Anos mais tarde, já em 1849, aos 4 de agosto, a lei n. 485, num ato de justiça, transfere a freguesia de Messejana para Maranguape, ainda povoado e sob a invocação de Nossa Senhora da Penha, principia vida nova e alvissareira nos arraias da fé.

Reconhecida a humildade da capelinha, cogita-se a ereção de um templo condigno aos misteres do credo. A nova, espalhando-se, concentra opiniões que se contradizem: uns desejam que seja edificado o novo templo no local da antiga capela, outros lutam por que se erga a nova Matriz no local e onde hoje se encontra a cidade. Vitorioso o bloco da cidade, a luta toma feições ameaçadoras. Há balbúrdia, fuxiquinhos, intrigas e figuras conciladoras intervêm: seria levantada entre as duas partes em litigio. O resultado é que a Matriz de Maranguape está edificada em péssimo local, alagadiço e impróprio.

Mal grado este fato, a Igreja de Nossa Senhora da Penha é um belo templo, amplo, com torreame elevado, sólida estrutura, estilo sobrio, sendo, assim, uma das melhores do hinterland.

PROSPERIDADE E DECADENCIA

Demorando numa região de vida agrícola acentuada, Maranguape floresceu sob o império do trabalho no amanho da terra. Excelentes propriedades, sitios colossais, comercio que se realiza numa praça de desusado movimento, atendendo a uma vasta área, deu-lhe várias fortunas.

Elevado a municipio, aos 17 de novembro de 1851, pela lei n. 553, conseguiu os fóros de cidade em virtude do decreto n. 1.282 de 28 de setembro de 1869, ainda na quadra do Brasil Império.

Dois fatos, porém, de triste memória, abalaram profundamente a vida do próspero município. Reportamo-nos as epidemias do colera-morbus, em 1862 e das bexigas que enlutou a cidade nos idos de 1858.

A epidemia do cólera vitimou milhares de pessoas, espalhanro o terror e a desolação por quase todos os lares. Dificil era uma familia que não levasse um ente querido para a cova. O próprio Vigário, Antunes de Alencar Rodovalho, que foi o primeiro da freguesia, acometido do terrivel mal, faleceu em Fortaleza.

As sêcas de 77, 1915 e 1919, atingiram, em cheio, a economia de Maranguape, advindo daí a divisão de suas propriedades e o inicio de sua decadencia.

CAPISTRANO DE ABREU, O GRANDE BRAZÃO

Pátria de homens os mais ilustres, Maranguape é a terra natal do principe dos historiadores brasileiros, João Capistrano de Abreu, talento de escól, carater ilibado, escritor de notavel saber, aureolado por uma honestidade e modestia pouco comum aos imortais.

Nascido aos 23 de outubro de 1853, em Columinjuba, filho de Jerônimo Honorio de Abreu e de Antonia de Abreu, já se sente o grato evocar do seu centenário natalicio, posto que a terra em que nasceu lhe prepara condignas e excepcionais homenagens.

Foi o maior e o mais completo erudito em assuntos brasileiros, posto que sobrepujou a todos os demais que se altearam bem alto no dominio das raízes históricas do Brasil.

Foi simples e bom, embora reservado e altivo. Um mundo de episodios e fatos, os mais pitorescos, ornam-lhe a vida um tanto exquisita, voltada única e somente para os livros dos quais nunca se separava.

Deve a sua glória e o seu renome talvez àquele encontro singelo que tivera com o grande romancista José de Alencar que, ao receber em Fortaleza, a sua visita, com êle partiu para o Rio, tão encantado ficára com a sua erudição genial.

É autor de obras que resistem aos anos e se constituiram livros definitivos sobre a tese que explanam. Pertencendo a várias instituições culturais e cientificas, Capistrano rejeitou a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras, afirmando simplesmente que a **única sociedade a que pertencia era do gênero humano.** Conta-se que viajou muitas vezes do Rio a São Paulo, só para tirar a limpo uma data, sobre que tinha dúvida. Chamado por Epitácio Pessoa ao Catête, respondeu-lhe que, quem com êle tivesse negocio, viesse em sua casa. E o Presidente, sorridente e compreensivo, veio ter com Capistrano que o recebeu, muito displicentemente, nú da cintura para cima, ao ler velhos alfarrábios...

Pedro Gomes de Matos lançará brevemente, notavel biografia de Capistrano de Abreu.

ANTONIO AUGUSTO, DJACIR E OUTROS

Maranguape não deu ao Brasil somente Capistrano. Antonio Augusto de Vasconcelos é outro notável filho da cidade centenária. Nascido aos 23 de dezembro de 1852, faleceu aos 30 de julho de 1916, depois de se consagrar notável tribuno e professor de grande saber. Amigo da juventude, foi um carater retilineo, sempre voltado para as lides intelectuais. O seu passamento encheu de luto e de dor uma geração inteira que lhe tivera como mestre e como amigo.

Djacir de Lima Menezes, nascido aos 16 de novembro de 1907, filho do dr. Pedro Elpidio de Menezes e de d. Oda Freire de Menezes é outro grande filho de Maranguape,

posto que a sua cultura lhe deu renome além fronteiras do Ceará, havendo, por isso mesmo, conquistado lugar de merecido relevo nas letras nacionais.

Autor de obras notáveis, no dominio da ciência e da erudição, somos dos que julgamos que o tempo será o maior fator de justiça e glorificação à opulenta cultura deste grande cearense que honra a sua terra nos círculos culturais do Rio.

Nas armas, Maranguape teve os generais Francisco Benevolo de Pinho e José Osório, e o Coronel Jaime Benevolo.

Na política teve Augusto Correia Lima, Antonio Botelho de Sousa, João Jorge Pontes Vieira e outros.

Vivos aí estão José do Nascimento, um dos melhores tribunos do Ceará e que devia estar no Parlamento; Antonio Belo da Mota, beletrista primoroso; Cândido Jucá, jornalista e poliglota; Gustavo da Frota Braga, professor emérito da Faculdade de Direito; Jorge Moreira da Rocha, poliglota; Jeovah Mota, Coronel do Exercito; Monsenhor José Quinderé, escritor; Jacinto Botelho, advogado e Professor; Lauro Vieira Chaves, médico e homem de cultura; Paulo Elpidio de Menezes Filho, Professor e jornalista e Dr. Walter Gaspar de Oliveira, além de muitos outros.

RENASCEU DA PRÓPRIA CINZA

Esta cidade de Maranguape, que dista tão poucos quilômetros de Fortaleza, já atravessou amargo transe à época das epidemias, tendo completado o seu calvário com as duas sêcas que lhe feriram bem fundo a alma já enlutada.

Houve tempo em que não se via uma pessoa nas ruas desertas desta importante séde municipal; dir-se-ia uma cidade evacuada.

Com bons invernos, porém, houve a reação. Ergueu-se a lavoura, o homem criou alma nova, o comercio prosperou e abriram-se casas importantes. Solidificada a economia, entra o município em nova fase de vida. Com a revolução de 30 novos costumes políticos e melhor direção dos negócios públicos, advindo disto a conquista de um lugar ao sol no governo do Estado.

Iniciou-se, assim, um novo ciclo de progresso material; aí estão os edificios dos Correios e Telegrafos, Maternidade Olinto Oliveira, Grupo Escolar Capistrano de Abreu, Coletoria Estadual, Abrigo dos Pobres, e outros, alguns dos quais, construídos na administração Almir Pinto.

Ao correr dos nossos dias, o atual Prefeito Municipal, Antonio Marques de Abreu, cidadão probo e sereno, inaugurou uma série de melhoramentos públicos, sendo seu intento iniciar os trabalhos de uma rêde geral de agua e esgoto antes de deixar o governo do município.

Constando com vários estabelecimentos escolares, sociedade distinta e povo altamente compreensivo e laborioso, Maranguape iniciou uma recuperação integral da sua vida política, cultural e administrativa a partir das comemorações jubilares do seu centenário, pois o ideal dos seus maiores despertou as novas gerações para a conquista de melhores dias.

MASSAPÊ

NÃO QUIZ CHAMAR-SE DE SANTA ÚRSULA

DESMEMBROU-SE DE SANTANA DO ACARAÚ, EM 1897 — A NATUREZA DO SOLO OUTORGOU-LHE A DENOMINAÇÃO DE HOJE — NA CALADA DA NOITE, O CAPIRÔTO CONTRUIU A FAMOSA CASA DE PEDRA — O FRASCO MISTERIOSO... «A FERROVIA É UMA VAIDADE» — O ELOGIO DE DOM JOAQUIM, EM 1911 — JOÃO ARRUDA, O PIONEIRO DE UM GRANDE IDEAL — PREFEITOS DE ONTEM E DE HOJE — A MATRIZ, TÃO HUMILDE... — FILHOS ILUSTRES

QUANDO, nos idos de 1884, Antonio Bezerra de Menezes, autor das famosas «Notas de Viagem», percorreu a zona norte da então Provincia Imperial do Ceará, reprovou a construção da ferrovia que ligaria Sobral a Camocim, passando, destarte, pela antiga Vila do Massapê. «Era uma vaidade humana !»

Fê-lo através do pseudônimo de Carnioli, em forma de folhetins, publicados no jornal «Constituição», como nos revela este admirável e culto Dom José Tupinambá da Frota, na sua «História de Sobral», recentemente pu-

blicada. A verdade, porém, é que o caminho de ferro carrega consigo a civilização, o progresso e vai erguendo, aqui e ali, povoados, vilas e cidades.

Massapê foi, assim, um fruto exclusivo do caminho de ferro, visto como a inauguração de sua estação ferroviária, ocorrida a 31 de dezembro de 1881, deu-lhe ares de povoado movimentado, do que resultou passar a distrito, com o nome de Serra Verde.

Demorando nas proximidades do sopé da serra da Meruóca, recebe, desta, a fartura que os bons invernos permitem desfrutada pela vida sertaneja. Todavia, Massapê, como o próprio nome indica, é municipio constituido de terras excelentes para o plantio, mesmo na sua grande área de sertão, onde se erguem boas fazendas de criar e de labor agrícola.

As sêcas lhes têm vergastado a alma bravia, mas ainda não conseguiram dominar a admirável resistência dos seus filhos.

Massapê é cidade que forma caracteres fortes, homens dispostos para vencer na adversidade, por isso se constituiu num magnifico exemplo de fé e de tenacidade do sertanejo. Pelo Brasil afóra, e notadamente em nossa capital, contam-se, às centenas, os filhos de Massapê que venceram galhardamente nas letras, na política e no comércio.

Não há município do Ceará que não tenha as suas lendas, os seus mistérios, os seus fatos e episódios interessantes que lhes dão graça e encanto.

Conta-nos a crônica antiga que em época remota edificaram, nas proximidades da atual cidade de Massapê, uma enorme Casa de Pedra, cujas paredes se erguiam a mais de dez metros de altura. As suas ruinas ainda hoje podem ser admiradas. Não se sabe, ao certo, se foi obra dos holandeses ou dos jesuitas, mas comprova ser obra de fé e de tenacidade admiravel para aqueles anos longinquos em que foi erguida.

Alexandre da Cunha Freire, antigo morador das cercânias do Massapê, certa vez informou a Antonio Bezerra de Menezes: «Aquele casarão malassombrado foi do seu pai. Os antigos dizem que foi construida toda à noite, sob a luz dos candieiros ou do luar... O homem era estrangeiro e ajudava-o, na tarefa exquisita, uma preta velha. Corria, por este mundo afóra, que a preta velha era o diabo... O Capiroto em pessôa.

Desgostoso, o estrangeiro vendera a Casa de Pedra e, ao comprador, entregára um frasco com besouro dentro: — «Se tiver vexame, se valha do besouro». Indo viajar, o novo dono da Casa famoso, entregou o frasco à mulher e lhe recomendou cuidado. Mal sumira-se na estrada real, a mulher abriu o frasco e dele pulou um muleque preto retinto. Foi um deus-nos-acuda ! A mulher duvída que não era o besouro que se transformára, assim, tão rapidamente. Discutem ambos. O muléque se desencanta, entra no frasco. Ela vê o besouro e, rapidamente, atarracha a tampa. Estava livida e tremula...

Lendas que resistirão aos séculos... A verdade, porém, é que a Casa Misteriosa lá está em ruinas que traduzem um misterioso e herculeo labor.

A HISTÓRIA ASSIM SE FEZ

A vasta zona norte do Ceará, embora haja sido visitada nos primeiros albores da nossa colonização não teve imediato progresso e nem expressão como a faixa caririense e jaguaribana e a que está situada nas cercanias da capital. Com exceção da fértil serrania da Ibiapaba e da antiga Caiçara, hoje Sobral, as vilas e cidades daquela região surgiram e prosperaram, quase todas elas, depois que o caminho de ferro desenrolou carritéis de léguas através das terras sertanejas.

Massapê é, por isso mesmo, uma cidade relativamente nova. Vejamos:

O município criou-se desmembrando-se da antiga e famosa freguesia de Santana do Acaraú, isto aos 25 de setembro de 1897, fazendo pouco mais de meio século. Foi elevada a cidade, a séde municipal, aos 27 de agosto de 1917, há menos de quarenta anos. Inaugurada a Vila, no dia 5 de fevereiro de 1896, foi o seu primeiro prefeito, João Adeodato Ferreira, homem de prestigio. Era, então, pequeno agrupamento de casas de beira e bica que se erguiam à margem da nova ferrovia. Tinha capela, mas a sua paroquia só veio 12 anos mais tarde, com orago à Santa Urçula e mandada instalar pelo grande Dom Joaquim José Vieira, de saudosa memoria, que lhe fez elogios quanto às virtudes de seu povo pacitico e católico.

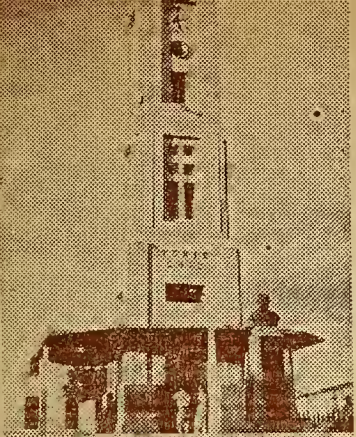
Teve foro civil a partir de 31 de outubro de 1898. Mas, somente em 1914 é que veio a ter juiz togado, com o dr. Arnaud Ferreira Baltar, hoje desembargador. Foi êle sucedido por Hermes Paraíba, que prestou assinalados serviços à terra de Francisco Vasconcelos de Arruda.

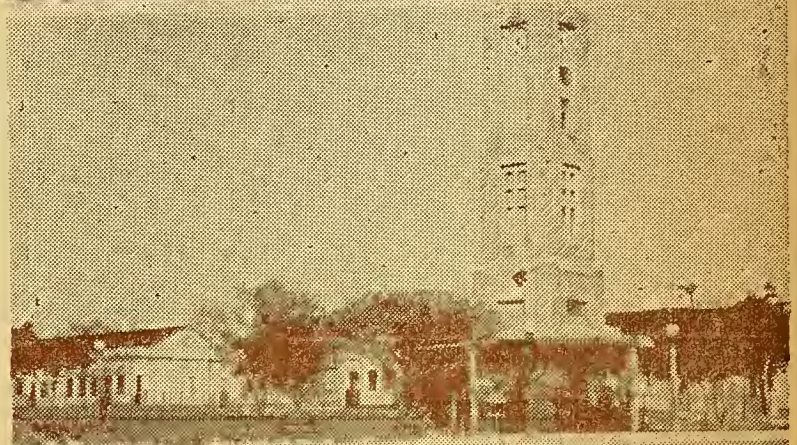
Como podemos verificar, Massapê é uma cidade relativamente nova, criança, não se lhe podendo exigir maiores progressos e nem maior desenvolvimento, embora seja a única séde municipal que conta com quatro deputados em nossa Assembléia, todos filhos de Massapê: drs. José Morizé de Andrade, Pontes Neto, capitalista Osiris Pontes e José Firmo de Aguiar. É, por igual, a cidade que possue maior colônia de homens de destaque em Fortaleza.

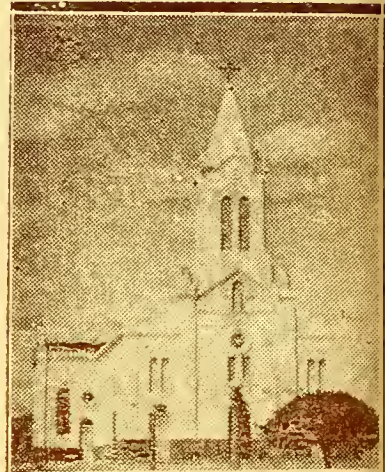
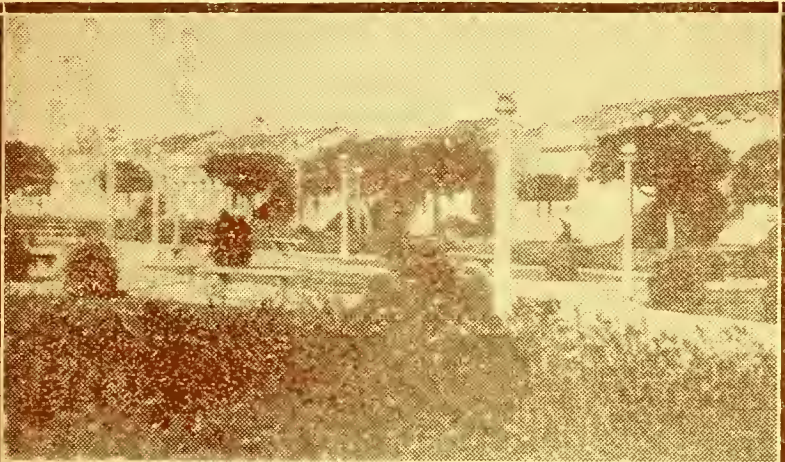
JOÃO ARRUDA, O PIONEIRO

Em 1922, alguns bons massapênses fundaram uma instituição destinada a prestar serviços relevantes à Massapê e aos filhos desta cidade que necessitassem de auxilio e estímulo. Em 1932, a chamada «Liga Massapêense» transformou-se em «Centro Massapêense», sendo o seu primeiro presidente o estimado filho de Massapê, Cel. João Arruda.

Homem de elevados principios, sério, laborioso desde a idade de doze anos quando enfrentou, galhardamente, a luta pela vida, fôra, outrora, Prefeito e alto comerciante em sua terra natal. Conhecia e amava a pequena pátria como os antigos romanos sentiam perto do coração a gleba que trabalhavam.

Em Fortaleza, foi sempre um massapêense. Nos conterrâneos despertou a mistica do amor à terra natal e, em tôrno de sua pessoa

MASSAPÊ — Coluna da Hora vendo-se a herma de João Pontes; Herma de João Arruda

MASSAPÊ - Aspectos da cidade e Igreja-Matriz

MISSÃO VELHA — Aspecto da cidade

MAURITI — Aspectos da cidade

MAURITI — Igreja-Matriz e Prefeitura

afável, sempre acolhedora, sempre amiga e cordial, lá estava a numerosa colônia, magnifica no elevar a terra que representava.

Foi João Arruda, por assim dizer, o pioneiro do grande ideal: onde estiver um massapêense estará um pedaço da pátria, do saudoso educador Adualdo Batista de Araújo.

Tão grande foi o seu amor a Massapê, tão alto elevou o neme e a tradição de honradez e integridade da terra onde nasceu, que esta, num preito de justa homenagem, lhe ergueu busto de bronze para perpetuar, séculos afora, o exemplo que este homem admiravel legou âs gerações presentes e futuras.

Foi o simbolo do trabalho, da persistência, da modéstia e do que é capaz de realizar o homem do sertão. Legou familia distinta da qual se destaca Francisco de Melo Arruda — simbolo de distinção e do cavalheirismo — além de ter enobrecido a tradição de nobres varões, glória maior de Massapê.

OUTROS FATOS

Foram intendentes de Massapê, entre outros, os seguintes: João Adeodato Ferreira, o primeiro; Antonio Mariano da Rocha, José Amâncio Carneiro, Francisco Olegário Carneiro, Diogo Lopes Aguiar, João Tibério de Arruda, Major João Araújo, João Maria Linhares, José Paulino, Joaquim Mariano de Souza, Moisés Rocha, Francisco Carneiro da Ponte, José Raimundo Pontes, Manuel Dias de Carvalho, Pessoa de Andrade, Joaquim Nogueira Borges, Francisco Rocha, Júlio Bezerra, Canamarí Ribeiro, Regino Aguiar, Vilebaldo Frota Aguiar, Dermeval Carneiro, José Carneiro, João Rios, Antoní Frota Oguiar, dr. João Corací Vasconcelos. De todos, foi João Pontes o que administrou o município em mais vasto periodo, de vez que durante 12 anos seguidos. Foi bom Prefeito Municipal e, logo mais, sería operoso deputado.

Atualmente, está à frente dos destinos municipais, o estimado dr. Antoní Frota Aguiar que, anteriormente, já havia dirigido a prefeitura.

A vida política de Massapê recebe orientação do ex-prefeito e ex-depuatdo Vilebaldo Frota Aguiar, chefe da corrente até 1950 filiada à União Democrática Nacional e do deputado Osiris Pontes que elegeu o Prefeito sob à legenda do P. S. D..

Cremos que a política tem prejudicado um pouco a cidade de Massapê. Um município que conta quatro deputados tem possibilidades de grande progresso. A vida partidária, porém, os divide, os inimiza, o que é lamentavel.

Uma das grandes iniciativas a que o Centro Massapêense e os deputados de Massapê poderiam se dedicar de corpo e alma, seria a de reforma da atual Matriz de Santa Ursula. Afora, a cidade de Cariré, cuja Matriz parece mais uma capelinha, não conheço outra cidade da zona norte do Estado que possúa sua igreja mais pobre, mais necessitada de uma reforma de base. Não corresponde, evidentemente, ao prestígio e à tradição de que gozam a terra e a gente de Massapê. Aqui fica o nosso apêlo à numerosa colônia residente em Fortaleza e no seio da qual vamos encontrar massapêenses que trouxeram recursos e cabedais da terra do jornalista Osmundo Pontes. A Matriz é tão humilde...

FILHOS ILUSTRES

Se contam talvez às centenas os homens que se fizeram no comércio, nas letras e na política, todos filhos de Massapê.

Dentre estes se sobresai pelo seu critério, pelo seu passado de lutas e pelos reais beneficios que prestou à Massapê, a figura sempre lembrada do Cel. João Pontes. Foi chefe político de grande prestígio, prefeito e deputado. Homem que se fez por si, soube educar os filhos no caminho da honra e da dignidade, deixando-nos Pontes Néto, médico profundamente humanitário, deputado e estimadissimo em Fortaleza; Osiris Pontes, sucessor do pai na política de Massapê, deputado estadual e homem do alto comercio do Ceará; Dr. Raimundo Vasconcelos Arruda, médico; dr. Aurimar Pontes, engenheiro e dr. Aurimar Pontes, advogado.

João Pontes nasceu aos 8 de julho de 1886 e faleceu aos 8 de outubro de 1940, num desastre de automovel. Em Massapê, na praça principal, ergue-se o seu busto em bronze que o povo ofertou à posteridade.

Na literatura brilha o dr. Osmundo Pontes, rapaz moço, de excelentes predicados morais, juiz, jornalista e bom orador; Abdias Lima, homem de letras, diretor do «Nosso Idioma», excelente publicação onde se revela o seu talento; José Milton Dias, poeta, professor, advogado, rapaz modesto mais de grande valor intelectual.

Na administração vamos encontrar Francisco Vasconcelos de Arruda, advogado, homem de palavra fácil, lido embora que muito modesto. É líder político de Baixio, terra que muito lhe deve. Por muitos anos foi o inimitável chefe da mocidade estudiosa do Ceará. Iniciou a Casa do Estudante e presidiu o Centro Estudantal por muitos anos. Não há estudante, de sua geração, que não lhe deva, direta ou indiretamente, um pouco do que é, hoje, pois ele sempre se mostrou um magnifico amigo da classe que, aliás, lhe é reconhecida.

No comércio contam-se, às dezenas: Manassés Pontes, Arteiro Soares, João Carneiro, Aprigio Coelho de Araújo, Afranio Carlos de Paula, Isaac Pontes, Miguel Dias e muitos outros que a memória não guarda.

Nas profissões liberais, destacam-se: dr. Ossian Aguiar, médico estimado e culto; Dr. Gomes da Frota, dr. Antonio de Melo Arruda, médico; drs. Edgar Arruda, José Arruda, Raimundo Osvaldo Aguiar e Anézio Frota Aguiar, advogados.

REAÇÃO QUE SE IMPÕE

Massapê tem sofrido muito, nestes últimos anos, com as sêcas tremendas que lhes devastam a colheita e lhes aniquilam a pecuária. As suas tradicionais festas do chitão já não têm aquele mesmo brilho, aquela mesma pompa dos anos que se passaram.

É que o seu povo sofre, embora sem reclamar. É gente forte para vencer, em silencio, a adversidade.

É necessária, todavia, uma reação que seja salutar em beneficio da econômia do município. Sobre o comércio e a cidade traduz um quer que seja de esquecimento por parte dos governos.

A municipalidade sozinha não pode levar a bom termo um plano geral de recuperação da vida municipal. Urge, assim, que o Estado e a União realizem obras de envergadura capazes de repor Massapê na sua antiga senda de progresso.

A política dos nossos dias é a da realização. Que despertem os seus líderes e que se unam â grande colonia massapêense aqui domiciliada. Planifiquem uma reação conjunta e salvem o povo da terrivel debacle econômica que se prenuncia.

Massapê, pelo seu passado, pela sua tradição, pelo amor que lhe dedicaram João Arruda e João Pontes, precisa despertar e viver dias de porvir e de progresso.

MAURITÍ

ANTIGO POVOADO DE BURITI

NOS IDOS DE 1704 — O CAPITÃO JOÃO DANTAS ARANHA — PERTENCEU A MILAGRES — O DEPUTADO COUTO CARTAXO — HOMENAGEM AO HEROÍ DE CURUPAITÍ — NÃO CRESCEU POR CAUSA DA POLÍTICA — LINDA MATRIZ E BELA AVENIDA — VIDA DE FRONTEIRA

MAURITÍ é uma cidade de vida pacata e que dificilmente ocupa espaço nos jornais da província. Não incomoda a ninguém, nem mesmo aos poderes públicos que nunca a enxergam, fato que ocorre, infelizmente, até mesmo na época das calamidades climáticas. Demorando numa região relativamente fértil, é beneficiada quase sempre pelos invernos que caem no Vale do Carirí, vez que fica exatamente na fronteira das terras privilegiadas do sul do Estado. É município que não produz propriamente para o Ceará, indo o fruto do seu labor rural fazer praça nas feiras e mercados paraibanos que sempre oferecem bom preço. A sua população é ordeira, embora a política já lhe tenha assanhado o meio que, bravo e destemido, resistiu ao embate, vencendo galhardamente a tormenta das incompreensões. Nos dias que correm não há intriga e nem rancores. Alcançando, finalmente, a sua maioridade política já cuida com seriedade do seu desenvolvimento e do seu progresso, reconhecendo que perdeu a melhor quadra de sua vida esperando pelos outros..

COMO NASCEU E SE CRIOU

A história da formação deste município é avara no que se refere a fontes de informações. Não lhe quiseram ainda, os seus ilustres filhos, traçar-lhe o perfil com abundância de documentos e fartura de episódios interessantes que expressem a vida do seu povo.

Sabe-se, porém, que em 1704 João Dantas Aranha e Caetano Dantas Aranha adquiriram fazendas nestas cercânias, se estabeleceram, surgindo, daí, o povoado denominado Burití, nome primitivo da cidade.

É a autoridade inconteste de Antônio Bezerra de Menezes, em suas «Algumas Origens do Ceará», citados por Raimundo Girão e Martins Filho, quem no-lo revela.

Em 1876, já se edificava a pequena igreja, cujo orago ainda conserva — Nossa Senhora da Conceição e dependente, então, da freguesia de Milagres.

Sendo apenas um povoado do município deste nome, a sua vida decorria humilde, circunscrita apenas à existência despreocupada de uma pequena coletividade, que ia à missa nos grandes dias da cristandade e quando havia padre para celebrar...

O DEPUTADO COUTO CARTAXO

Pouco e pouco, porém, foi se desenvolvendo o núcleo de Burití. Um dia, entra na política Antônio Joaquim do Couto Cartaxo. Eleito deputado, o antigo magistrado, filho da Paraíba, antigo juiz de Milagres, apresenta um projeto de lei concedendo alforria à Burití. Já estavamos a poucos anos do fim do império, pois corria o ano de 1890. Efetivamente, o município foi criado pela lei n. 51, de 27 de agôsto de 1890 e logo mais instalado, isto é, aos 21 de outubro do mesmo ano.

Com a sua liberdade assegurada, cresceu um pouco a pequena Vila que passára a se chamar, de acôrdo com aquele diploma legal, Maurití, numa homenagem a bravura do Al-

mirante Joaquim Antônio Cordovil Maurití, um dos heróis da guerra do Paraguai, na refrega de Curupaití, onde o Brasil se cobriu de glória.

Mas a política não se conformou, e lá se veio a lei n. 257, de 1895, que o extinguiu.

Ferve de novo, o sangue dos Mauritienses e o município é restaurado já na quadra republicana, pela lei n. 2.211, de 28 de outubro de 1924, quando governava o Ceará, o Desembargador Moreira da Rocha.

A lei 2.634, de 6 de outubro de 1928, põe novamente abaixo o município, fato que o prejudica consideravelmente, pois já estava criada a mentalidade de que era essencial, ao seu desenvolvimento na sua independencia política não mais podendo existir sem vida livre.

Inicia-se, então, a luta. Vêm as promessas e os compromissos plenos dos seus mais destacados filhos. Aberta a luta, há o triunfo com a lei 1.156, de 4 de dezembro de 1933 que lhe restaura novamente e pela última vez, pois não mais seria extinto até aos nossos dias. O fato ocorreu no govêrno do saudoso brasileiro Roberto Carneiro de Mendonça que nos chefiou a vida administrativa na qualidade de interventor federal.

Finalmente, a lei 448 eleva Maurití à categoria de cidade, em 1938, por ser séde de município, fato ocorrido com tôdas as demais vilas do Ceará, nestas circunstâncias, isto é, séde de município.

LINDA MATRIZ E BELA AVENIDA

Maurití sempre foi um município de pouca renda pública. Não tem nenhuma indústria, afóra algumas casas comerciais de maior importância, a vida econômica da comunidade gravita em tôrno das atividades agrícolas e pastoris, como na maioria dos nossos municípios.

Daí, só agora estarem surgindo os melhoramentos públicos que estão mudando a afeição da cidade.

A Matriz de Nossa Senhora da Conceição parece haver sido o passo inicial para que se modernizasse a pequena séde municipal. Obra da fé religiosa do seu povo, teve a torná-la uma bela realidade o dinamísmo do Padre José Alves de Macedo, primeiro vigário da paróquia, vez que foi criada aos 8 de dezembro de 1943, há apenas dez anos. A igreja-matriz de Maurití é uma das mais belas de todo o interior cearense.

Despertado o poder público, foi construida uma avenida no centro da cidade, pelo ex-prefeito Dr. Teodorico Fernandes Teles Cartaxo, que pode, também, ser considerada uma das melhores do nosso interior, bastando dizer que o seu piso é todo de excelente mosáico.

Depois, veio o Mercado Municipal, também uma realização de estílo, de linhas modernissimas higiênico, bem aparelhado e de sólida estrutura.

FUTURO PROMISSOR

Despertando para uma vida municipal intensa. Maurití tem, hoje, como Prefeito o Dr. José Teodorico de Sousa Leite, rapaz inteligente, viajado, dinâmico e pertencente a uma das mais tradicionais famílias de Maurití.

Uma das suas maiores preocupações é a de ver definitivamente solucionado o problema do abastecimento dagua à cidade. Para isso, meteu mãos à obra, edificando caixa dágua e pondo em execução trabalhos complementares.

É um grande serviço prestado à Maurití.

Já agora, inicia a pavimentação da cidade a paralelepipedo, o que dará um aspecto progressista à séde municipal.

Quem conheceu Maurití há dez anos atrás pode reconhecer que a cidade está progredindo, melhorando e procurando acompanhar o ritmo de realizações que pontifica nos municípios do Carirí.

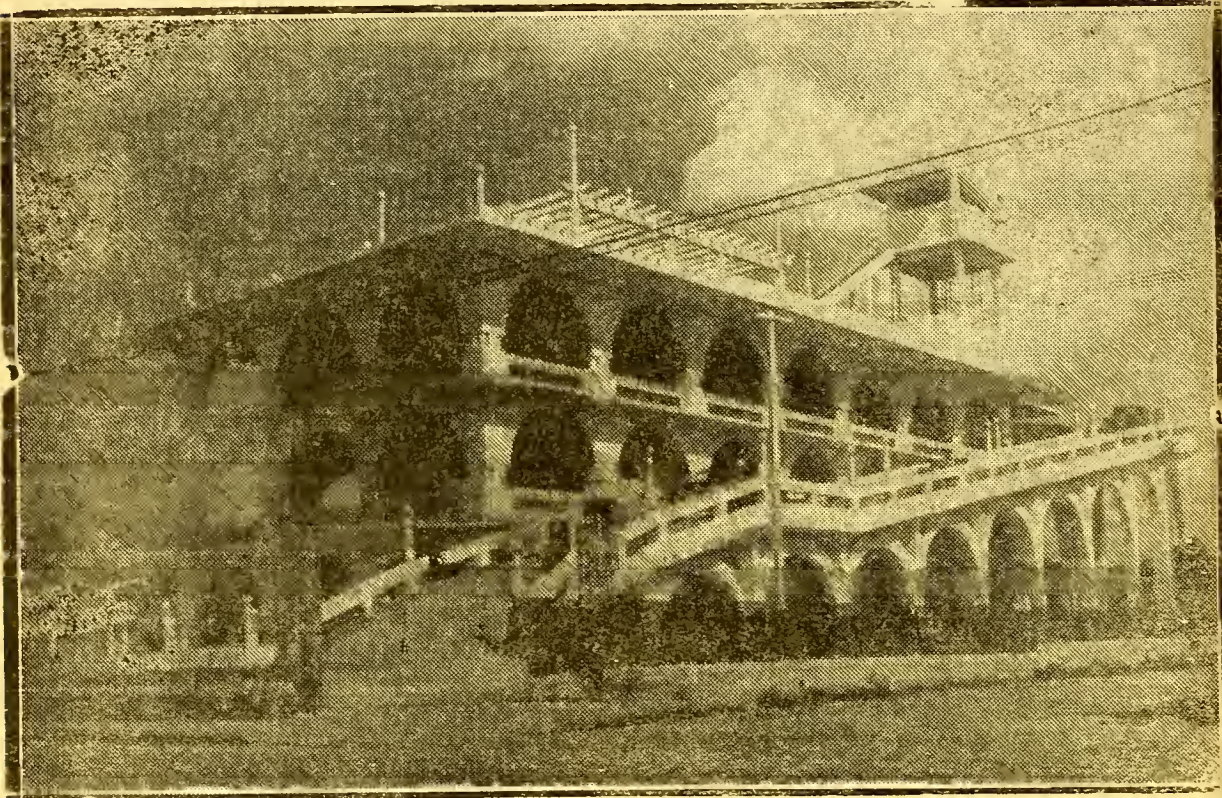
Amparando a agricultura, o poder público municipal tem contribuido grandemente para que a produção aumente sempre de ano para ano, fato este que está sendo constatado por dados estatísticos.

Célula municipal fronteiriça, o seu comércio se desenvolve animadoramente, consolidando a vida econômica.

Cremos que a terra onde nasceu Leite Maranhão, uma das mais belas afirmações da inteligência cearense, já transpôs os umbrais de um futuro promissor.

A 2ª MARAVILHA CEARENSE

O PALACETE DA AVENIDA JOÃO PESSÔA

14 TONELADAS DE CIMENTO CONTRA 18 MILHEIROS DE TIJOLOS — SABE LÁ O QUE É SUBIR AO TERCEIRO ANDAR DE AUTOMOVEL... — JOSÉ MARIA CARDOSO, UM PORTUGUÊS DE TUTANO

Flagrante do magnifico palacete do Sr. José Maria Cardoso, apanhado à noite, na hora em que suas quatrocentas lâmpadas estavam acêsas, num verdadeiro espetáculo de profusão e beleza

Desde a nossa infância que, a história universal antiga nos embala com a revelação das sete maravilhas do mundo. Isto é coisa que todo menino estudioso de nossos colégios conhece muito bem, pelo que não se torna necessário que as enumeremos nesta oportunidade. No que tange ao conjunto, essas maravilhas satisfazem plenamente à curiosidade geral, provocando a sua descrição sonhos e visões deslumbrantes aos espíritos mais apaixonados. Não é isso, porém, o que nos interessa. O que queremos é chamar a atenção dos nossos leitores para o fato verdadeiramente empolgante de nossa terra, este Ceará sêco e teimoso, estar empreendendo, sosinha, a organização de suas maravilhas, que não sabemos quantas — atestado eloquente do quanto podem o homem e sua iniciativa própria.

A primeira delas — todos sabem — é a suntuosa séde do Náutico Atlético Cearense, feito gigantesco de uma plêiade de vontadosos e responsáveis diretores que não dormiram sôbre os loiros conquistados pelo descortinio administrativo do saudoso médico J. Moreira de Sousa, antigo presidente do aguerrido alvi-verde.

Em seguida, tomando o nº 2, pela ordem cronológica, vem uma realização que precisa ser conhecida e debatida a vagar, pois, a sua história não foi contada ainda desde os seus prodromos. Trata-se do palacete do sr. José Maria Cardoso, encravado na Avenida João Pessoa, o qual, iluminado com as suas centenas de lâmpadas, parece mais um conto de fada aos passageiros e tripulantes das aeronaves que aterrisam ou decolam do aerodromo do Cocorote, intrigando a todos pela sua inédita originalidade, permitam a redundância. A primeira vista o palacete lembra a montagem de uma cena de filme sôbre motivo orientai, com todo o deslumbramento de que é capaz a técnica cinematográfica norte-americana, aliada aos amplos recursos e elementos de que dispõem os diretores e produtores de Hollywood. Não exagerou um nosso confrade da imprensa vespertina local, quando intitulou o extraordinário capricho do português José Maria Cardoso, de Conto de Schererazade».

Mas, não desviemos a atenção dos leitores com devaneios à margem, podemos dizer, de contos da carochina, e isto justamente porque a ver-

dade é bem outra, como passamos a demonstrar.

QUEM É O SR. JOSÉ MARIA CARDOSO

O discutido proprietário do palacete da Avenida João Pessoa é filho de Portugal, tendo vindo para o Brasil em 1906, com a idade de 18 anos, escolhendo para seu campo de atividades a cidade de Manáus. Aí viajou pelo interior do Amazonas, onde demorou alguns anos no Rio Jurupari, trabalhando no seringal Miraflôr. Transferiu-se depois para a capital, sendo acometido da terrível «febre-amarela», que àquela época se constituía perigosa epidemia, e por pouco não morreu, graças aos bons serviços de famoso médico americano, que acabava de chegar a Manáus, justamente para estudar a doença, o qual tomou todo empenho em salvá-lo, usando medicamentos novos que acabava de trazer dos Estados Unidos.

Em seguida transferiu-se para Belém, onde a 10 de outubro de 1910 casou-se com d. Antonia Gaia Cardoso, de cujo consórcio teve apenas um filho. Em 1917 veio ao Ceará, como devoto de São Francisco para pagar uma promessa em Canindé. Aqui chegando foi conquistado pelo clima e pelo ambiente hospitaleiro que encontrou, resolvendo armar a sua tenda de trabalho em nosso meio. Em 1927 vendeu tudo que possuia e resolveu voltar para o berço natal. Não se adaptou, porém, em Portugal, e não suportando as saudades do Ceará, terra que fez sua pelo coração, ali só demorou 17 dias. regressando definitivamente à nossa terra, com o firme propósito de aqui desfrutar a sua vida e exercitar o seu trabalho honesto e laborioso, qualidades que caracterizam os portugueses de vergonha e de respeito.

Homem simples, dedicado exclusivamente ao seu trabalho, o sr. José Maria Cardoso não é dado a luxos e grandeza, daí os espíritos menos avisados não saberem entender a rudeza do seu caráter, nem a justeza do seu trato, fruto de sua educação e de seus costumes.

A BABILONIA CEARENSE

Tendo aqui encontrado ambiente propício ao desenvolvimento de suas atividades comerciais, o Sr. José Maria Cardoso, amealhando com o seu trabalho digno uma fortuna respeitável, entendeu, num gesto elogiável, de enriquecer o patrimônio urbanistico de Fortaleza com uma construção que não tem similar no Brasil inteiro e, segundo a B. B. C. de Londres, no próprio mundo. É que, consoante as suas palavras, quer deixar aqui o que aqui ganhou.

E a verdade desse seu propósito está escrita em concreto armado, representada pelas 14 toneladas de cimento que erguem o babilônico edifício, contra a irrisória quantidade de 18 milheiros de tijolos empregados na construção das paredes que ligam as colossais e arquitetônicas rampas.

Parece que o que mais revolta aos invejosos é que o sr. José Maria Cardoso desça do seu carro à porta do seu quarto, no terceiro andar, onde pode ficar mais perto do céu, contemplando as cintilantes estrêlas e o mistério da lua, iluminado por quatrocentas lâmpadas, que servem para revelar, em toda a sua plenitude, o deslumbramento caracteristico da originalissima construção.

Duas notas para os curiosos impenitentes :

1 — Não tem fundamento pelo menos presentemente, o boato de que o palacete da Avenida João Pessoa seria doado a uma instituição beneficente, para ser aproveitado como Hospital.

2 — O seu proprietário não é infenso a vendê-lo, desde que apareça um comprador bastante, que seja capaz de oferecer uma proposta nunca inferior a vinte milhões de cruzeiros, para início de conversa.

MILAGRES

ANTIGA FREGUESIA DOS CARIRIS NOVOS

CENÁRIO EMPOLGANTE — A ÍNDIA ERA BELA... — OS CORREIA LIMA — DOMINGOS FURTADO, DA GUARDA NACIONAL — O FAMÔSO TRATADO DO JUAZEIRO — O SINISTRO SERROTE DO ESPIA — AZULÃO E LUÍS PADRE — DEBAIXO DO TIROTEIO, ATACA O VALENTE ZÉ INÁCIO — DE 20 A 25, CORRE SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS — DOMÍNIO DOS ALVES PEREIRA — CHICO GOMES, FISCAL DA VIDA PÚBLICA... — PROGRESSO E PROSPERIDADE COM ANTENOR LINS — FAMÍLIAS E TRADIÇÕES

PERLUSTRANDO os sertões, na quadra do veranêio, é que se tem uma nítida visão do que é a vida nestas plagas longínquas. Aos que lhes povoam, se ajusta a frase peregrina de Euclides da Cunha: «O sertanejo é antes de tudo um forte». A penúria e a adversidade já se fizeram companheiros inseparáveis de milhões de brasileiros que vegetam nas brenhas dos vales e socálcos. Do esquecimento que lhes votam os govêrnos, nasceu a revolta, a rebeldia que nos oferece[illegible] páginas transcendentes de bravura e de destemor. Só a natureza os compreende, por isso que ela mesma gerou nas suas entranhas um povo e uma raça forte e brava. Ambos, aliás, se completam. Quem, do cimo da serrania do Ouricurí, numa

altitude de 700 metros, alonga a vista para os lados do Carirí, divisa, ao longe, uma pequena cidadela que outróra sofreu rudes embates para poder sobreviver. É Milagres, cidade que demora à sombra acolhedora de coqueirais esbéltos. Antes de ser atingida pelo viajor, as suas terras de sertão dão-nos um quadro empolgante. Principia com a partida de Barro, antigo quartel-mestre que, nos idos de 1920, desafiou govêrnos e abalou meio mundo. São poucos os quilômetros, mas a caminhada alonga-se pela soalheira tremenda, crestando a terra e acinzentando a vegetação. Vencida a serrania agreste, transpostas as suas abas, logo mais, surge-nos, à vista, à Pátria de Misael Gomes, o padre orador, cuja cultura e amor às letras é o mais primoroso brazão da antiga aldeia do Pilar.

SOUSA PRESA E A BELA ÍNDIA...

Onde hoje demora Milagres, existiu em eras remotas um ramo da família Tapuia. Os conquistadores brancos afastaram o gentío, nascendo, à margem do riacho dos Porcos, o antigo sítio do Pilar, com casa grande e arruado singelo de chão de barro batido.

Esta quadra recuada da história de Milagres tem crônica sumítica, por isso que se lhe quase não pode reconstruir, com maior precisão e clareza.

Quando assim acontece, a lenda está presente, com o seu encanto e lances magníficos. E, é Antonio Bezerra de Menezes, nas suas «Algumas Origens do Ceará», escritas em 1900, quem nola revela.

Certa feita, destemido sertanista, com bando afoito, vadêia as àguas do córrego. A indiada devora-os, deixando vivo apenas o chefe, Sousa Presa, para engorda. Aprestando-se para uma caçada, partem os tapuias, deixando a fazer a praça ao prisioneiro uma linda e formosa índia. O amor desceu sobre os dois, envolvendo-os numa fuga. Sousa Presa faz a promessa: escapando construiria, no local, uma igreja.

Passaram-se os anos... Retiram-se os indígenas e Sousa volta e cumpre a promessa; erigindo, templo à Nossa Senhora dos Milagres, em 1760.

A lenda encanta, mas não é a verdade histórica, segundo afirmam alguns cronistas.

OS CORREIA LIMA

Corria o ano da Graça de 1735. O Capitão Bento Correia Lima, morador das cercanias do sítio do Pilar, manda erigir modesta igreja, sob a invocação de Nossa Senhora dos Milagres.

Chefe de família católica, os seus filhos, Sebastião Correia Lima e José Correia Lima, doaram terras para a casa do vigário e ampliação da capela, em 1846.

Em 1748, o padre visitador concede que os moradores da então freguesia de N. S. da Luz dos Carirís Novos, reconstruam o templo com paredame de pedra, por se achar ameacada de ruir a que fôra construida com paredes de barro.

Ao correr do tempo, já na éra de 1842, é finalmente criada a freguesia de Nossa Senhora dos Milagres, sendo o seu primeiro vigário o padre Cesário Alvino de Oliveira Araújo. Foi instalada sómente em 1852, conforme nos relata Irineu Pinheiro.

Hoje, é seu vigário o estimado padre Joaquim Alves de Oliveira, homem de grande atividade e que tem realizado notáveis melhoramentos na atual Matriz, uma das mais belas do Carirí.

DOMINGOS FURTADO LEITE

Milagres já teve os seus dias áureos. Era séde de largo prestígio político, concentrado na pessoa de um dos seus maiores filhos o Coronel Domingos Furtado Leite.

Em tôda a cercania não se movia uma palha, sem prévia consulta ao destemido membro da Guarda Nacional. O seu nome transpôs as fronteiras do município, grangeou fama e popularidade, dada a sua palavra sempre cumprida e exatamente observada.

Vários chefes de cidades circunvizinhas prestavam solidariedade incondicional a Domingos Furtado. E o velho, para defesa e própria sobrevivência da sua fôrça, tinha os seus elementos de confiança, homens valentes, sempre prontos a defender a cidadela que, a pouco e pouco, se tornava poderosa e aguerrida.

Houve época em que o famoso José Inácio adestrou o seu bando numeroso e destemido do Barro e marchou contra Milagres. O tiroteio foi tremendo. A cidade quase quedára sob a presão do temível sertanejo que a todos amedrontava. Entre recuos e avancos, cessa a batalha sinistra e inglória, fomentada pelos políticos profissionais, inimigos dos sertões e que ainda hoje, infelizmente, proliferam por aí, já sem ambiente propício às artimanhas de outróra...

Domingos Furtado resistiu e venceu, tornando-se mais sólido o seu poder e prestígio em toda zona.

Por isso mesmo, foi um dos que se fez representar no célebre Tratado de Juazeiro, realizado sob a inspiração do Padre Cícero e que rezava, entre outras tristíssimas cláusulas: — fidelidade a José Acioli, presão ao banditismo que aterrorizava todo o Carirí, harmonia entre os chefes locais sendo um por todos e todos por um, etc., etc....

QUADRA DE SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Milagres foi uma das cidades que mais sofreram no Ceará ao tempo em que uma onda vandálica de bandidos e malfeitores perlustrava as cercanías do Carirí.

Situada nas proximidades do Serrote do Espia, local de história sinistra onde se refugiavam criminosos terriveis, era presa fácil para ataques e saques de tristissima memória.

Que o digam os relatórios de Abilio Martins, José Pires de Carvalho e José de Borba, antigos chefes de polícia do Ceará e que tiveram as suas gestões prenhes de fatos ligados à perseguição e desmascaramento de bandoleiros célebres.

Luís Padre e Azulão, comandando sicários e malfeitores, incendiaram propriedades, roubaram e assassinaram a viandantes indefesos, atacando impiedosamente velhos e viúvas, moças e crianças. Atrocidades sem conta recla-

maram a permanencia, em Milagres, de mais de cem praças em contínuas diligências através de serrotes e caatingas.

Foi uma luta desigual e os fatos decorridos são da mais triste memória e se constituem, evidentemente, numa página negra da nossa história naquela vasta e populosa zona, habitada por uma gente bôa e ordeira, mas atribulada pela baixeza política dos mandantes de então. Esta é que é a verdade.

A éra do sacrifício, como assim pode ser chamada, teve curso maior entre 1920 a 1925, Milagres, porém, resistiu para entrar numa época de paz e labor.

DOMINIO DOS ALVES PEREIRA

Passada a borrasca, surge nos domínios da política uma tradicional família, que é a dos Alves Pereira.

Um dos seus maiores representantes é o Coronel Raimundo Alves Pereira, que governou o município por quase vinte anos, sendo um dos diletos filhos. Homem pacato, forrado de nobres predicados, a sua memória é hoje festejada no bronze que lhe foi erguido, por ocasião das comemorações do centenário de fundação da comuna.

Um dos seus sucessores, na política, foi Celso Alves Gomes, também chefe da municipalidade e figura de relevo na política local.

A descendência Alves Pereira é ilustre, estando ligada à vida e à história da acolhedora cidade de Milagres.

CHICO GOMES, UM TIPO SINGULAR...

Como não há cidade do interior que não haja possuido o seu tipo popular, diferente, pilhérico e sempre cheio de facécia, lá se vai a história do Chico Gomes . . .

Era marchante, com casa de carne afreguezada, sempre com visitas certas à tardinha, que vinham sempre provar do cafezinho feito pela negra Bona.

Família numerosa, pesando-lhe tremendos encargos de vida, a ninguém poupava a sua lingua terrível, implacável no condenar a tudo e a todos, sempre rebelde, a atingir em cheio os que erravam na bucólica cidade.

Todos lhe temiam e por saber ser inplacável no falar, prestavam-lhe vassalagem para não servir de comentários . . .

Os políticos odiávam-no por dentro, mas por fora faziam-lhe as graças. Era o jeito. Chico Gomes — rei no seu açougue — casava e batizava com conceitos e opiniões emitidas em alto palavreado. Quem quisesse ouvir, bolisse com êle . . . Era um verdadeiro fiscal da vida pública e . . . privada !

PROGRESSO COM ANTENOR LINS

Foi eleito, no último pleito, Antenor Lins para dirigir a vida do município. Homem ligado às lides comerciais, rico, independente, prático e de notável capacidade de trabalho, vem realizando em Milagres a melhor administração municipal de todo o Estado.

Cavalheiro de fino trato, viajado, indo a Recife todos os meses a negócios de sua indústria. Antenor vem fazendo uma verdadeira revolução na cidade através de grandes melhoramentos.

Abastado, não precisa do dinheiro da municipalidade. Honesto, aplica religiosamente o dinheiro público em benefício da terra que dirige, daí porque a cidade está se transformando da noite para o dia numa linda urbs, moderna, sempre limpa, com bôa luz, água encanada, lavanderias públicas, ruas calçadas a paralelepipedo e outras realizações de vulto.

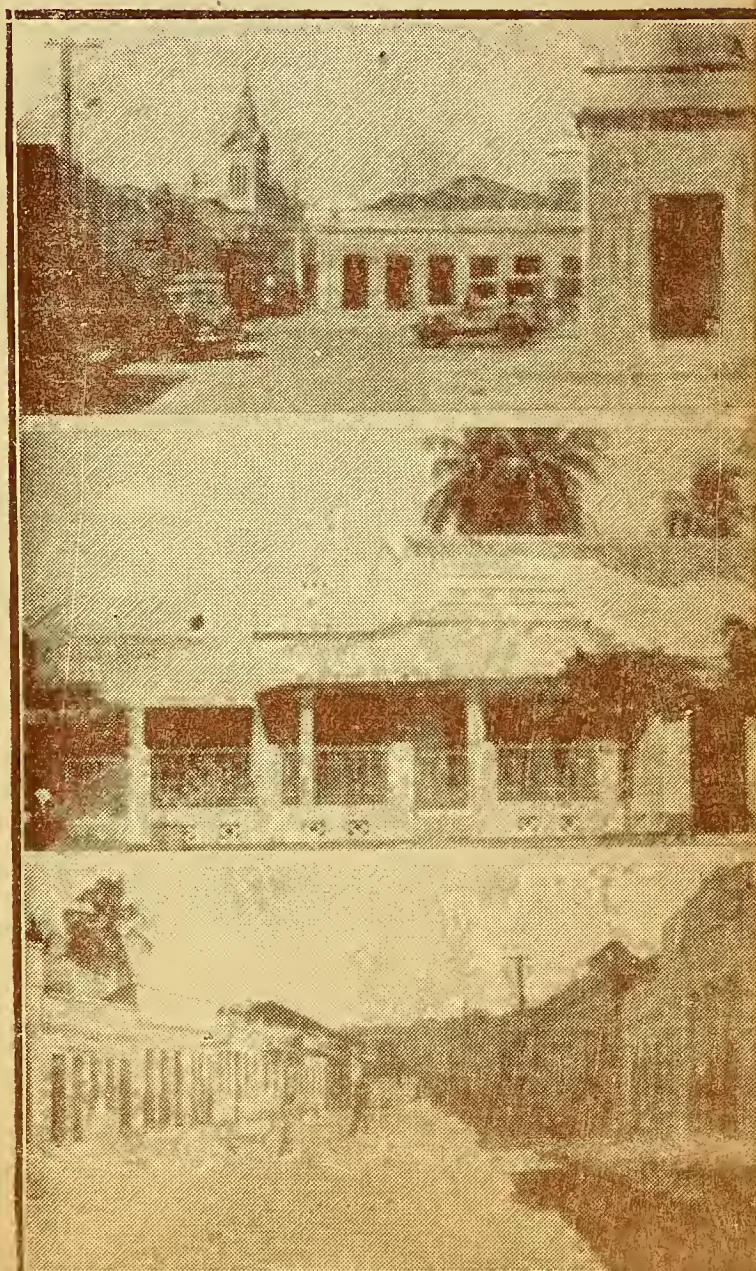
Afável, acolhedor, é amigo da pobreza, a todos tratando com urbanidade e com igualdade perante a lei. É um verdadeiro professor de administração municipalista. Consta que o povo de Milagres vai elegê-lo, aliás merecidamente deputado estadual, num reconhecimento ao muito que tem feito pela terra que administra. Merece.

NOMES TRADICIONAIS E ILUSTRES

Várias as famílias tradicionais de Milagres. Dentre outras, ressaltamos as de: — Cel. Lirico Pereira; Celso Alves Gomes; Amâncio Leite Furtado, homem de fino caráter; Major Nesinho Figueiredo; Cel. Gomes da Silva, pai do Padre Dr. Misael Gomes e General Odilon Gomes; Justino Alves Feitosa, embora de Aurora, há muito radicado em Milagres, onde é eleito vereador em todo pleito que se realize; e Marcelino Leite Furtado.

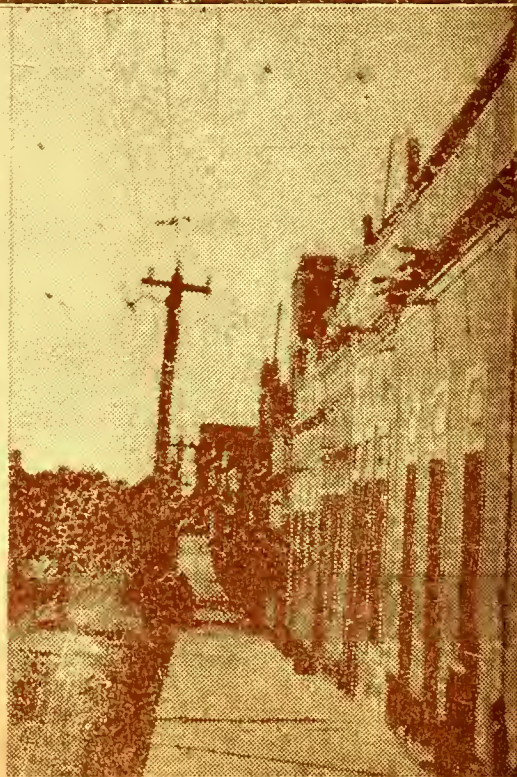
Entre os filhos ilustres, o Padre Misael Gomes, ocupa o lugar de maior relêvo, por isso que é escritor festejado, orador primoroso, sendo sócio do Instituto do Ceará e da Academia de Letras; General Odilon Gomes da Silva, figura de destaque do Exército; Tenente-Coronel João Alves Grangeiro, líder católico de grande prestígio em Fortaleza, Padre Luís Furtado Maranhão notável orador-sacro; Dr. Valdemar Alves, poeta, escritor e cultor de lingua; Dr. Manuel Belém de Figueiredo, antigo professor da Faculdade de Direito; Antonio Moreira de Sousa, antigo diretor dos Correios do Ceará e do Paraná; Cel. Antonio Leite Furtado, suplente de deputado estadual e figura de destaque da Fôrça Pública do Ceará.

MILAGRES - Igreja-Matriz

MILAGRES — Aspectos da cidade

MILAGRES — Herma do Cel Alves Pereira

MOMBAÇA — Fazenda Canaan e Clube Recreativo

MISSÃO VELHA — Coluna Hora

MOMBAÇA — Principais ruas da cidade

MISSÃO VELHA

CIDADE FUNDADA POR JOÃO ARNOUD

FREGUESIA DAS MINAS DOS CARIRÍS NOVOS — «DEZ TOSTÕES DE CADA FIEL» PARA A NOVA MATRIZ — FAMÔSO COMBATE ENTRE REVOLUCIONÁRIOS E LEGALISTAS, EM 1832 — O MISSIONÁRIO PADRE IBIAPINA — CASA DE CARIDADE DO CARIRÍ — DEPOIS DA CALMARIA, A TEMPESTADE ENTRE DANTAS E ARRUDA — CRONOLOGIA — FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

MISSÃO VELHA é um dos municípios tradicionais do Ceará e está presente aos fastos da nossa crônica provincial, com fatos pitorescos e de marcante projeção.

Situa-se no principiar da rica e fértil região caririense, podendo, assim, ser considerada como participante da vida do famôso vale.

O seu povoamento deu-se quando, nos idos de 1707, sentava moradia em suas terras, o bandeirante João Correia Arnaud, tido e havido como membro da família Caramurú, da Bahia, e que perlustrava sertões e serranias até então desabitadas. Isto, de acôrdo com João Brígido, em «Ceará, Homens e Fatos».

Segundo o mesmo cronista, fundára, Arnaud, um povoado a que déra o nome de São José da Missão Velha dos Carirís Novos.

O nome de Missão Velha adveio do seguinte: os Jesuitas estiveram em missão nesta localidade, em princípio denominada Missão dos Carirís Novos. Posteriormente, a missão foi transferida para o fazendão de Antônio Lobato, cuja família numerosa fundára povoado que, com a ida da missão, passou a chamar-se de Missão Nova. A onde os jesuitas estiveram, pela primeira vez, denominou-se de Missão Velha, nome este que, ainda hoje, conserva.

A IGREJA FORMA O ARRUADO

Nos idos de 1747 percorria algumas freguesias, do Ceará Grande, o Padre Visitador Manuel Machado Freire. O Bispo de Pernambuco, Frei Luís de Santa Teresa, ordenou-lhe que dividisse a Freguesia dos Icós em dois curatos, devendo um deles ser sediado em Carirís Novos.

O ato só transforma-se em realidade aos 28 de janeiro de 1748, sendo, assim, instalada a nova freguesia com séde em Missão Velha, e cujo primeiro vigário foi o Padre Gonçalo Coelho de Lemos.

Criada a nova paróquia, a primeira aliás, do Carirí, o poovado principia nova vida, desde que, naqueles tempos, um padre era motivo de orgulho para o núcleo de população que o possuisse em caráter permanente.

Dia vai, dia vem, com o povoado sempre crescendo positivou-se a necessidade de construir-se nova Matriz. A antiga Igreja de Nossa Senhora da Piedade que servia de Matriz à Nossa Senhora da Luz, devia dar lugar a uma outra, cujo padroeiro seria São José.

Dito e combinado, em prédica solene, o vigário apela para os fiéis, e assim lhes tributa: donos de fazenda, dez tostões cada; donos de engenhos, dez tostões; homens casados, seiscentos e quarenta réis; solteiros e viuvos, trezentos e vinte réis. Posteriormente foram concedidas indúlgências aos que auxiliassem a construção do templo.

Muitos e muitos anos foram necessários para o seu término, e o certo é que já em 1864, quando o missionário Padre Ibiapina veio ter a Missão Velha, encontrou uma bela Matriz.

REVOLUCIONÁRIOS E LEGALISTAS

Corria o ano de 1832. Crato estava debaixo de uma azáfama tremenda. Aprestavam-se tropas para ir a Jardim contra Pinto Madeira e o seu lugar-tenente Padre Manuel de Souza, vigário e homem de verdade.

Antes, porém, que o Crato o atacasse, Pinto Madeira reune o seu «Estado-Maior» e convoca o pessoal para a luta armada, do que advêm combates seguidos nas proximidades da cidade do Crato que passára, assim, a ser atacada em vez de atacante.

Depois de haver vencido o Crato, Pinto Madeira, dispõe-se à luta de verdade e resolve marchar sobre o Icó.

José Mariano, que governava a Província, organiza a sua defesa e dirige-se para o sul do Ceará.

Dá-se, então, o encontro das duas forças no povoado de Missão Velha. Foi os diabos. Lutão tremenda. Pinto Madeira e o Padre Antonio Manuel de Souza lutam bravamente, mas são vencidos pelas forças de José Mariano.

Estava Missão Velha dominada, totalmente, pelas forças fieis à legalidade e os

exércitos de Pinto Madeira, destroçados, dividiram-se, embrenhando-se pelas serroteiras e caatingas afóra . . .

Logo mais, Correntinho, o bravo revolucionário render-se-ia incondicionalmente ao General Labatut.

NOVA FASE MISSIONÁRIA

Esquecidos os ódios tremendos em que estiveram envolvidos os descendentes de João Arnaud e que, sob o mando de Alexandre Correia Arnaud, mantiveram luta feroz contra o Capitão Pereira Filgueiras, Missão Velha voltou à tranquilidade depois do combate de 1832.

Assim é que, aos 14 de Outubro de 1864, dava entrada no povoado que se aprestava para ser elevado à vila, o missionário José Maria Pereira de Ibiapina, cuja pregação a todos comovia.

A missão tinha por objetivo a construção de uma Casa de Caridade do Carirí substituisse a existente, em melhores condições. Foram dias memoráveis para Missão Velha. Ao repicar do sino da Igreja-Matriz as cercanias do povoado ficavam coalhadas de gente vinda dos sítios e fazendas. Não havia quem não quizesse ouvir o santo missionário, de fama notória e grande prestígio popular. Havia sido advogado brilhante, juiz, professor e tudo abandonára pelo hábito de Cristo. Diziam que operava milagres . . .

O certo é que dentro de poucos dias compraram casa vasta, abriram alicérces e o material, para a obra, estava todo encostado. O povo mesmo é quem o trazia, nas horas da pregação.

E a Casa de Caridade de Missão Velha transformou-se num abrigo admirável, com centenas de órfãos, entre 5 a 9 anos, e regida por um Estatuto severo de autoria do próprio Padre Ibiapina.

Um ano depois, segundo nos conta Irineu Pinheiro, em «O Carirí», lá estavam cinco mil pessoas para assistir a inauguração da obra admirável, feita à custa exclusiva de auxílios populares !

CALMARIA E TEMPESTADE

Missão Velha viveu durante muitos anos em completa tranquilidade. A não ser incursões perigosas de bandoleiros que, lançavam o terror na zona sul do Estádo, o município missão-velhense não tinha maiores atropelos em sua vida e todos mourejavam a terra, nos seus sítios e fazendas, formando a riqueza e a prosperidade locais.

Em 1925, todavia, um fato veria atropelar a vida municipal, e teria as suas raizes na luta política que, quando levada a extremo, desaba sempre em morticínios e barbaridades terríveis, notadamente nos sertões daqueles tempos.

A coisa foi, mais ou menos, assim: — Isaias Arruda era chefe terrível que morára em Aurora e no Cedro. Todos lhe respeitavam, diante da fama que corria de sua bravura. Fez residencia na Missão Velha.

Subira o partido conservador, com o Desembargador Moreira da Rocha. Era imperante a necessidade de por abaixo o adversário, isto é, o partido democrata. Em Missão Velha, dominava Manuel Dantas Araujo, eleito prefeito. Certa feita, combina-se tudo e acertam-se os planos.

O dia escolhido, para a trama sinistra, fôra o da inauguração da estação ferroviária de Missão Velha. O próprio Manuel Dantas recebeu, por entre festas e alegrias gerais, os que iriam depô-lo. Foi a 10 de setembro de 1925 que a trama foi acertada.

O escolhido, para o barulhão tremendo, foi justamente Isaias Arruda. O governo lhe daria todo prestígio e ficaria a seu lado, vez que o essencial era por Manuel Dantas abaixo, désse no que désse.

Tudo aprestado, rompeu a luta terrível. Emboscadas, perseguições, ataques a residências. Tumúltos dentro da cidade transformada em praça de guerra. Bandoleiros por todos os cantos, armados até aos dentes. Cabras encomendados de cartucheira à cintura. Foi os diabos . . .

E Manuel Dantas tanto fazia telegrafar pedindo garantias, como não. A coisa dava no mesmo: ou os telegramas chegavam **atrazados** ou as providências eram **demoradas.**

O certo é que a coisa engrossou. Houve barulho feio. Foi bala como seiscentos diabos, e o homem foi deposto. Isto acontecido, o governo chegou para **normalizar** a situação, com novos elementos. E lá subiu o Isaias . . .

Não sabia, o Coronel Arruda a triste sina que o aguardava na estação de Aurora, quando foi assassinado, num segundo.

Ele e outros, foram vítimas de sua própria ignorância, muito bem esplorada pelos politiqueiros profissionais . . . Isto sim.

Também foi a última tormenta vivida pelo povo de Missão Velha. Hoje não há mais possibilidade para fatos desta natureza. Os tempos são outros . . .

CRONOLOGIA-BRAZÕES-ATUALMENTE

Missão Velha foi elevada a município pela Lei n. 1.120, de 8 de novembro de 1864, estando no governo do Ceará Lafaiete Rodrigues Pereira. A povoação foi, então, elevada à categoria de Vila. O seu território foi desmembrado do município de Barbalha.

Recentemente, isto é, aos 28 de julho de 1931, é que a Vila foi elevada à cidade e o Decreto n. 206, de 6 de junho de 1931, sediou nesta cidade a Comarca de Missão Velha.

* * *

Inúmeros são os filhos ilustres de Missão Velha. Citemos alguns deles: — Faustino do Nascimento, bacharel, Juiz na Capital Federal, poeta festejado, jornalista, escritor de renome e figura de merecido relevo nas letras nacionais; Padre Francisco Pita, professor, vigário em Fortaleza, e uma das expressões marcantes do clero cearense pela cultura e virtudes morais; Padre Osvaldo Rocha, homem de letras, hoje na Capital do País; Dr. Antonio Santana Junior, engenheiro, e professor conceituado; Dr. Joaquim Juvencio de Santana, magistrado dos mais dígnos, antigo político, ex-secretário de Estado e antigo deputado. Desfruta de grande prestígio no sul do Ceará; Dr. Raul Figueiredo Rocha, bacha-

rel, advogado, professor nas Escolas Superiores de Fortaleza e profundo conhecedor do idioma pátrio; Dr. Artur Dantas de Araújo, médico no Rio; Dr. Manuel Joaquim de Santana, digno magistrado em Fortaleza; Antonio Pita, grande capitalista e industrial no sul do Estado; e, em outros tempos; Cel. Felinto Gomes de Araujo, heroi do Uruguay e Paraguay, onde participou de grandes batalhas; condecorado com as insignias de Aviz, Cristo e Rosa; Antonio Sobreira Lima, antigo Diretor do Conservatório de Música de Manáus, nos seus dias áureos, tendo estudado em Milão.

* * *

Acidade de Missão Velha apresenta, atualmente, alguns indícios de progresso, frutos das administrações municipais, com a colaboração dos governantes estaduais e federais. Alí se notam: nova estação ferroviária, recentemente construida, de vez que a antiga, inaugurada, em 1925, distava seis quilômetros da cidade; Grupo Escolar Pedro Rocha, excelente edifício; Paço Municipal; edifício do Juvenato São José, magnífico conjunto arquitetônico, e vários outros prédios públicos.

As ruas são pavimentadas e bem iluminadas; atualmente está em construção uma grande praça. No centro da urbs há um belo jardim, donde se ergue imponente coluna da hora; o comércio é movimentadissimo e notam-se residencias do melhor estílo. Destaque-se a indústria mecânica local, com a Fundição Linard, onde se fabricam caldeiras, máquinas, diversas, tornos, bombas, engenhos e uma infinidade de peças, orgulho da região caririense.

O atual prefeito é o comerciante Vicente Fechine de Párcio, pertencente a tradicional família do município e que já administrou Missão Velha, tendo sido Presidente da Câmara Municipal.

Alinhemos, aqui, os nomes de quase todos os intendentes e prefeitos de Missão Velha: — Major Francisco Monteiro Saraiva, Antonio Joaquim de Santana, Artur Joaquim de Santana, Liberato Manuel da Cruz, Manuel Dantas Araujo, Thomaz Maciel Pinheiro, Isaias Arruda, José Bezerra de Menezes, Francisco Arrais Maia, Valfrido Esmeraldo, Hermínio Silva Té, Orlando Rocha, Dr. Raimundo Lucena e José Dantas de Araújo.

MOMBAÇA

OUTRORA FAZENDA DE MARIA PEREIRA

SESMARIAS NA RIBEIRA DO BANABUIÚ — POVOADORES PORTUGUÊSES, VINDOS DO PERNAMBUCO, BAÍA E PARAÍBA — O PADRE JOSÉ SARMENTO E OS BENEVIDES — LEÃO PAIS DE ANDRADE, O SACERDOTE PIONEIRO — O BARÃO DONO DE SERINGAIS E AMANTE DE PARIS — O SUB-DELEGADO QUE RECUSOU A COMENDA DE CRISTO PARA NÃO PAGAR À ALFÂNDEGA — «VAMOS MEDIR FÔRÇAS COM O CEL ZEQUINHA !» — PARÓQUIA DA GLÓRIA — FERROVIA GIRAU-CRATEÚS — FILHOS ILUSTRES

OS SERTÕES da Mombaça compreendem uma vasta e rica região, situada no centro do Ceará, com características próprias, oriundas das serranias que lhes são adjacentes e que lhes permite a formação de uma zona fértil, por isso que favorecida pelos aluviões do Banabuiú, tributário do Jaguaribe.

Nela principiou uma civilização vicejante, florescentes, rica no amôr à terra e heróica no labor do pastoreio. Não lhe fosse o desprêso dos poderes públicos, seria hoje tão próspera e tão farta como os vales do Carirí e do Jaguaribe, onde demoram as nossas melhores cidades. Mesmo na adversidade, os municípios de Mombaça, Senador Pompeu e Pedra Branca, que lhes formam o contôrno e a fisiográfia com os seus vales e socálcos, nos oferecem um índice demográfico animador e que se reflete numa acentuada e sólida economia agro-pastoril.

Localizada no centro do Ceará, esta vastíssima zona bem poderia se constituir um celeiro magnífico, pois as suas terras e o seu povo se completam pela fertilidade e pela capacidade realizadora.

AS SESMARIAS DE 1706

O povoamento da ribeira do Banabuiú principiou com a concessão de datas de sesmarias assinadas pelos capitães-mores, depois

da criação da primeira vila do então Ceará Grande.

Coube a Gabriel da Silva Lago ser o maior donatário destas ricas paragens que demoravam nos longínquos sertões da Mombaça, tendo sido favorecidos pela prebenda, entre outros, Maria Pereira da Silva, Serafim Dias e seus companheiros José Rodrigues de Carvalho, José do Vale Abreu e Antônio Pereira Façanha.

Destes Maria Pereira é considerada a verdadeira fundadora da atual cidade de Mombaça, por isso que, ao sentar moradia onde hoje se ergue esta séde municipal, viu tornar-se famosa a sua fazenda e, em torno de sua casa grande, se erigiram as primeiras moradias tôscas e singelas, mais tarde transformadas no arruado da primitiva vila.

Criando gado e zelando a terra, Maria Pereira, ao morrer, deixou a filha Teresa de Sousa, que se casou com Pedro Barbalho.

A cidade de Mombaça nasceu desde que, aos 12 de outubro de 1706, foi assinada a concessão de terras à heróica pernambucana que, anos mais tarde, daria o seu nome ao município, criado pela lei n. 555, de 27 de novembro de 1851, cujo centenário já foi comemorado.

OS QUE POVOARAM A REGIÃO

A partir do primeiro quartel do século dezoito começou, então, o povoamento da rica região, já tornada famosa pela proclamada fertilidade dos seus pequenos vales e de suas ribeiras.

O deputado Augusto Tavares de Sá e Benevides, num brilhante trabalho publicado na Revista do Instituto do Ceará, dá-nos uma relação completa dos primeiros habitantes de Mombaça. Cita, entre outros, o Capitão Pedro da Cunha Lima, que sentou moradia na Casa Forte à margem do Banabuiú e que deixou numerosa prole, além de vasto cabedal inventariado; Rodrigo Francisco Vieira, natural de Viana, Portugal, casado com Quitéria do Sacramento; Antonio Lemos de Almeida, filho de Pernambuco, senhor de grande prole; Rafael Pereira Soares, natural da Paraíba e dono da fazenda Mosquito; João Alves Camelo, de Pernambuco, cidade de Nazaré; Francisco Pontes Braga vindo do Aracatí, mas de origem pernambucana.

Com o correr dos anos, porém, positivou-se o povoamento por elementos vindos não só de Pernambuco e Paraíba, mas também da Bahia, do ramo Andrades, oriundo de Propriá, Estado de Sergipe.

JOSÉ SARMENTO E OS BENEVIDES

Um dos ramos mais distintos de numerosa família que existe no Ceará — a dos Benevides — tem as suas origens em Mombaça.

Nos idos de 1840, é nomeado vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Glória de Mombaça o Padre Antônio José Sarmento Benevides. Homem de visão larga, logo convidou parentes para vir residirem na pequena vila, que aos poucos prósperava.

Atendendo ao chamado, em 1845, chega à antiga Maria Pereira, José Joaquim de Sá e Benevides.

Homem desataviado, de maneiras educadas, de logo conquistou a simpatia da cidadela, sendo, por isso mesmo, o primeiro Presidente da Câmara Municipal da localidade.

Dêle adveio descendência numerosa, que mais tarde floresceria em ramos diversos, donde, brotaram nomes ilustres nas letras, nas armas e no comércio.

O PE. PEDRO LEÃO PAIS DE ANDRADE

Um dos homens que prestaram melhores serviços à Mombaça, foi o Padre Pedro Pais de Andrade.

Descendendo de família ilustrada, o Padre Pedro foi vigário de Mombaça durante quarenta anos, conhecendo profundamente tôda a região e os seus problemas, apaixonando-se pela solução prática e objetiva de tudo quanto se ligava à prosperidade local.

Homem lido, forrado de sólida cultura, foi um pelejador incansável pela disseminação da média açudagem, como ponto essencial para a solução do problema da sêca.

Em práticas e em artigos, Padre Pedro sempre clamou para que os poderes públicos voltassem os seus olhos para a rica região, completamente olvidada. Já em 1920, escrevendo no Correio do Ceará, laborava pela construção de uma ferrovia que atravessasse os sertões da Mombaça. Foi, assim, notável pioneiro e um dos eficientes vigários do hinterland cearense.

O escritor Francisco Alves de Andrade e Castro, cita-lhe várias vezes em excelente monografia sôbre o centenário de Mombaça, publicada no Boletim do Instituto do Ceará, de que é sócio destacado.

O BARÃO AMANTE DE PARIS

Um dos vultos singulares de Mombaça é, sem dúvida, o de Leonardo Marques Brasil, antigo lutador da guerra dos Balaios.

Nascido a 8 de agôsto de 1820, no sítio Fortuna, aos 18 anos já lutava bravamente, atingindo o posto de capitão com apenas 21.

Moço, cheio de ideal, bravo e lealdoso, Leonardo Marques Brasil, parte para o Amazonas e lá faz fortuna e presta assinalados serviços ao povo amazonense, recebendo, por isso, provas irretorquíveis de estima e admiração, a ponto de ser o primeiro vice-presidente da Província.

Atingindo ao Baronato, Marques Brasil nunca esqueceu a terra amada e, de longe, lhe tributou carinho, fazendo-lhe preciosas doações.

Homem lido, viaja por tôda a Europa, sendo amante de Paris, onde residiu em certa quadra da vida, favorecida por avultada fortuna.

Plácido Aderaldo Castelo, ilustre filho de Mombaça, traça-lhe precioso perfil com acerto e linguagem primorosa, publicado em 1942, sob o título: O Barão de São Leonardo.

O HOMEM QUE NÃO ACEITOU A COMENDA

História simples, verdadeira, interessante é esta que vem sendo relatada pelos cronistas dos sertões do Ceará, Mostra-nos, claramente, como João Brígido tinha razão quan-

do afirmava serem os homens do nosso hinterland, «bons, burros e bravos».

Aconteceu nos idos de 1834, há mais de um século, portanto, na fazenda Barra Nova, proximidades da antiga Maria Pereira.

Estácio José da Gama, assassinara Luciano Domingos Furtado de Araújo perversamente. O crime passou à história com nome de «Noivado do Sangue», pois acontecera quando Luciano ia casar-se. Foi um Deus nos acuda.

A esta mesma época, outro crime célebre acontece em Quixeramobim; rico comerciante ao ouvir barulho no seu armazem e ir verificar o que se passava, é atravessado por um sabre. Cometera o delito João Carirí.

Como as coisas ruins sempre se encontram nêste mundo. Estácio e João Carirí se fazem de amigos e empreendem fuga temível.

Perseguidos, vão ter às ribeiras adjacentes à serrania da Mombaça. e, de lá, se atrevem a mandar recado para o bravo Capitão Antonio Honorato da Silva Limoeiro, Juiz de Paz; «Diga a êste valentão que nós vamos tomar as suas armas».

Antonio Limoeiro, efetivamente, foi visitado. Certa manhã quando no curral, alguém lhe fala: — Bom dia, seu Capitão!

Respondeu Limoeiro: — Bom dia e o que é que vocês desejam, hein? Vamos entrando para a casa...

Ato contínuo segue para dar ação à palavra. Houve alguém dizer — «Não atire no homem». Não se molesta. Diz a mulher: «Não dê parte de fraca, quando eu lhe pedir estas cordas, mande-nas para amarrar os bandidos».

Na sala. Estácio e Carirí lhe exigem as armas. Conversa vai conversa vem. Limoeiro chama um menino com uma bacia dágua. Ao ver o moleque, Limoeiro dá-lhe tremenda bofetada. Os fascinoras desviam os olhares e o bravo capitão dá terrivel pontapé em Estácio, pondo-lhe no chão. Domina Carirí e desarma-o. Pede as cordas, amarra os dois valentões e os envia para Mombaça.

O acontecido correu mundo. Nisto somente se falava na época. A coisa chegou a ponto de a Regência à instância do govêrno do Ceará condecorar Antônio Honorato com a Comenda da Ordem de Cristo.

Sabedor de que tinha de pagar emolumentos à Alfândega, o bravo Capitão assim se expressou: — «Tinha muita graça um matuto comendador! Seria até motivo de troça. Era só o que faltava!»

E nunca quis saber da tal Comenda...

«PREPARE O PESSOAL PARA A LUTA!»

Já agora, na quadra que vai de 1920 a 1929. Mombaça viveu dias agitados. Era prefeito Jaime Benevides. Homem simples, porém destemido e digno, era membro da família Benevides e como tal ligado, por sangue, aos de Senador Pompeu.

Esta cidade vivia sob tremenda agitação política, principalmente no governo Moreirinha. Foi o Diabo!...

Zequinha Contenda, bravo sertanejo, chefe político de grande prestígio, com fazenda em Miguel Calmon sofrera desconsideração em Senador Pompeu. Inimigo de Ananias Ferreira Magalhães, de quem aliás era irmão, não suportou a afronta e virou bicho, Ananias, chefe conservador, manteve-se irredutivel.

Correu a noticia: o Cel. Zequinha vai atacar Senador Pompeu e não ficará pedra sobre pedra, pois o homem é temível, com êle não se brinca!

De fato, nos domínios de Miguel Calmon, só se falava no barulhão que estava por horas. Foi uma azáfama horrorosa.

Filemon Benevides, prefeito de Senador comunica a Jaime e êste dá o grito: «Junte o pessoal de Bombaça e vamos defender Senador Pompeu!».

E lá se vinha pela estrada afóra um grupo de valentes a socorrer os parentes e amigos do lado de cá...

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

Nos idos de 1782, Teresa de Sousa, filha de Maria Pereira da Silva, fez doação de cem braças de terra para nelas se erigir uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Glória. Aos 14 de junho de 1782. D. Tomás da Encarnação, Bispo de Pernambuco, concede a ordem e a capela é construida.

Aos 6 de setembro de 1832, é criada a freguesia que se desmembra de Santo Antonio do Campo Maior de Quixeramobim. Foi seu primeiro vigário o Padre José Galdino Ferreira.

Hoje, nada mais resta da antiga capelinha. Foi totalmente destruida e em seu local se ergue, majestosa, uma das mais bonitas igrejas do Ceará, construida por este notável vigário que é o Padre José Pereira de Oliveira, filho de Iguatú e que além da Matriz, já construiu um grande Patronato, recentemente inaugurado sob a denominação de Patronato Padre Pedro Leão Pais de Andrade. É uma obra, efetivamente, de realce.

GIRAU-CRATEÚS E MUNICIPALIDADE

Está em andamento, embora que muito lentamente, a ligação ferroviária que vai de Girau a Crateús, atravessando, assim, os sertões de Mombaça. Será uma obra que prestará os mais inestimáveis serviços a uma vasta região.

Francisco Alves de Andrade e Castro, ilustre filho de Mombaça, em artigos e monografias tem apontado aos poderes públicos os principais problemas regionais, destacando-se o relativo à media açudagem.

O deputado Augusto Benevides já pronunciou vários discursos na Assembléia Legislativa abordando, entre outros, o caso da ferrovia que passará pela cidade de Mombaça. E já agora Mombaça conta com novo parlamentar na pessoa de Paes de Andrade rapaz moço, mas dinâmico e inteligente.

Os problemas de ordem local têm tido solução através da consciente e sadia administração municipal de José Jaime Benevides, prefeito estimado, de descortinio administrativo e que vem realizando um governo sério, ponderado e sobretudo, eficientes. Inúmeros são os melhoramentos feitos em Mombaça pelo atual gestor da municipalidade, razão por que desfruta de grande prestígio e popularidade.

FILHOS ILUSTRES

Mombaça é uma terra que deu grande número de filhos ilustres ao Ceará. Entre outros podemos citar: Augusto Tavares de Sá e Benevides, atual deputado à Assembléia Legislativa do Estado, homem provido de certa cultura, lido e autor de vários e importantes trabalhos publicados na revista do Instituto do Ceará. É sócio da Sociedade de Genealogia.

Plácido Aderaldo Castelo, do Instituto do Ceará, jornalista, autor e homem de relêvo na vida pública do Estado, atual Secretário de Agricultura, Dr. Francisco Alves de Andrade e Castro, Professor da Escola de Agronomia do Ceará, Bacharel e Agrônomo, moço forrado de notável ilustração, com obras de merecido relêvo e sócio do Instituto do Ceará, assíduo colaborador dos Diários Associados, Dr. Antônio Paes de Andrade, atual deputado estadual com destacada atuação na Assembléia por isso que orador de largos recursos.

Dr. José Aderaldo Castelo, Professor da Faculdade de Filosofia de São Paulo; Newton Aderaldo Castelo, engenheiro atualmente em Minas; Dr. João Castelo Martins, médico; Dr. Walter de Alencar Benevides, engenheiro-agrônomo de sólidos conhecimentos; Dr. Zacarias Amaral Vieira, promotor de Fortaleza, rapaz culto, lido e estimadissimo; Dr. Pedro Laurentino de Araújo Chaves, Desembargador e Secretário Geral em Mato Grosso, atualmente no Rio, e, finalizando entre os vivos, vale ressaltar Augusto Jaime de Alencar Benevides, intelectual de valor, autor de excelentes trabalhos, entre os quais «Os Sertões de Mombaça», o melhor já escrito sobre essa região e, infelizmente, não terminado. Homem de conhecida modéstia, não alardeia conhecimentos. É membro do Diretorio da UDN e alto funiconario do D. N. O. C. S. e pai do escritor Marijeso Alencar Benevides, professor, e atualmente no Rio.

Entre os mortos aparecem o Padre João Antonio do Nascimento e Sá, antigo deputado provincial, e dr. José de Araújo Domingos Carneiro, falecido em desastre, alma bonissima, ilustrado e médico de solidos conhecimentos científicos.

FUTURO PROMISSOR

Mombaça, ex-Maria Pereira e também denominada, oficialmente de Benjamin Constant por decreto de 1892 conta com vários homens de relêvo na pública administração. Justo é que envidem esforços para melhorar-lhe as condições atuais, por isso que o seu povo ordeiro e laborioso reclama assistência para os seus principais porblemas.

O dr. Francisco Alves disse-me certa vez que um funcionário do Banco do Brasil verificou que os agricultores e comerciantes de Mombaça são os mais pontuais do Estado, no saldar os seus compromissos, fato êste que eleva e conceitua uma coletividade, comprovando o seu gráu de honestidade e reto cumprimento do dever.

Cremos haver chegado a hora decisiva para que a administração volte os seus olhos para esta região, capaz de ser um forte sustentáculo da economia agrária e pastoril do nosso Estado, vez que as condições geográficas lhes possibilitam êste dessideratum.

MORADA NOVA

TERRA DAS VAQUEJADAS FAMOSAS

FINCADA NOS SERTÕES DO BANABUIÚ — JOSÉ FONTES DE ALMEIDA, O ALFERES FUNDADOR — POVARÉU EM PÉ DE GUERRA, NA LUTA PELA CAPELA — CHAMAR-SE-IA SÃO CRISÓLOGO, MAS A EMENDA PAULETA MUDOU PARA ESPIRITO SANTO — O PADRE DE OLINDA, ELEITO, NÃO TOMOU POSSE NO CARGO — ELEIÇÃO DEBAIXO DE BALA, NO TEMPO DO ACIOLE — BOANERGES VIANA DO AMARAL, O PRIMEIRO JUIZ TOGADO — OUVIU A PRECE DE EUCLIDES DA CUNHA — AS VAQUEJADAS MEMORÁVEIS — POLÍTICOS, CLÉRIGOS E HOMENS DE LETRAS

ENTRE OS MUNICÍPIOS de grande área territorial que possuimos, deve ser incluido o de Morada Nova, cujos limites estão dentro dos sertões do Ceará, lá para as bandas da bacia hidrográfica do Banabuiú, o rio mais valente e garboso, nas quadras dos bons invernos.

Dois filhos desta comuna conseguiram encaminhá-la para o labor fecundo de suas glebas, incentivando o gosto pela agricultura mecanizada, o que outorgou à Morada Nova o título honroso de ser, hoje, o primeiro município do Estado, em número de máquinas agrícolas.

A revolução agrária começou, ali, ainda na administração do dr. José Eduardo Girão,

que foi prefeito do município, alcançando, porém, o seu ponto alto quando dirigia a comunidade o espírito clarividente e dinâmico do médico Aloisio Chagas, por sinal um dos melhores edis que já possuimos em tôdo o «hinterland» cearense. . .

Com terras excelentes, malgrado os anos de sêcas, ali tem se verificado um dos mais elevados índices de produção agrícola, o que vale dizer ter esta unidade municipal conseguido equilibrar a sua vida econômico-financeira.

Contando, assim, com uma mentalidade de acentuada feição ruralista. Morada Nova deve merecer dos poderes públicos estímulo e ajuda, notadamente no sentido da construção de açudes e revenda, em larga escala, de maquinária destinada ao cultivo de suas terras, fertilíssimas.

No primeiro quartel do século dezenove, nos idos de 1820, existia, nas cercanias da atual cidade, uma casa de fazenda, com cêrca de pau a pique, vasto terreiro, cujos domínios se estendiam por ribeiras e varzeas quase ilimitadas.

Aí pontificava o velho Alferes José de Fontes Almeida, homem de têmpera forte, caráter retilíneo e senhor de muitos haveres e largo prestígio em tôda a redondeza.

Em 1831, já se levantavam casas em derredor da rica propriedade, que só tinha como rival uma outra, chamada Bento Ferreira.

Foi nesta época que o Alferes José de Fontes solicitou permissão para a ereção de uma capela, cujo orago seria o Divino Espirito Santo.

Sabedor da pretensão, o seu mano Dionisio de Matos Fontes, intentou a mesma licença, começando luta tremenda em torno da edificação da capela. O barulho tomou ares de luta armada, com cabroeira adestrada no bacamarte. Foi os diabos . . .

Afinal, venceu, por um pleito original, realizado com ordem e seriedade, o Alferes José de Fontes e lá se veio, finalmente, a provisão assinada pelo bispo de Pernambuco. D. João Marques Perdigão.

Daí para diante, foi a ereção da capela, o princípio de arruado e o pequeno arraial formado às margens do Banabuiú.

NO CARTAZ DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL

Já bem desenvolvida, com algumas ruas e praça, mereceu as vistas dos políticos locais e do poder público da então Província Imperial do Ceará para se transformar em município, sendo, para isto, necessário a elevação do então povoado à categoria de Vila.

Corria o ano de 1876, quando foi apresentado à Assembléia o projeto de lei, criando, no povoado de Morada Nova — antiga denominação da Fazenda do Alferes José de Fontes — a Vila de São Crisólogo.

Discussão vai, discussão vem, da controvérsia parlamentar redigiu-se a lei dando o nome de Vila do Espírito Santo, à antiga Morada Nova.

Um ano mais tarde, a nova Vila era instalada, isto é, a 7 de janeiro de 1877, no meio das mais entusiásticas alegrias do povo, tendo a vereança já juramentada e na legitima posse de suas funções.

Em 1893, porém, caiu a denominação de Espírito Santo, prevalecendo até a dias o nome de Morada Nova, herdeiro das gloriosas tradições do Alferes José de Fontes Almeida, fundador da cidade.

* * *

Ainda na quadra imperial Morada Nova teve nome lembrado nos debates do legislativo provincial. Foi quando, eleito deputado o padre dr. Antonio Elias Saraiva Leão, nascido aos 8 de dezembro de 1808 e ordenado em Olinda.

Homem que gozava de largo prestígio, por muitos anos advogou, sendo, ainda durante vinte longos anos, vigário em algumas paróquias, entre as quais a de Quixeramobim, como acentuam o Barão de Studart, Hugo Victor e Raimundo Girão.

Teve vida um tanto quanto agitada, sendo de notar que gostava de jogar um pouco, razão por que, da Assembléia, reclamaram não tomar posse do cargo de deputado para o qual fôra eleito, aliás, por duas vezes . . .

Comodista ao extremo, pouco se lhe deu reclamassem a sua presença na Casa do Povo, fato que prejudicou, não resta dúvida ,a sua terra natal, que nele tinha um filho ilustre nas letras, e grande no coração, conforme reza a tradição.

ELEIÇÃO DEBAIXO DE BALA . . .

Em nossos dias, qualquer pequena coação em épocas de eleições, é um Deus nos acuda. Telegrama vai, telegrama vem, Ordens e contra ordens, e entre mortos e feridos, todos «escaparam» sem ter nada . . .

Que dizer do tempo da chamada Pátria Velha, dos meados de 1904, quando na governança e do mando dos aciolinos, muitas vezes, e em muitos municípios, o pau cantou de verdade . . .

Certa vez, a 11 de abril de 1904, o Ceará amanhece com dia agitado. Realizavam-se as eleições gerais para o preenchimento de cargos de representação popular.

Era chefe de polícia o dr. Sabino do Monte, homem de pouca graça, amigo da lei e declarado adversário do banditismo, que perseguia com todas as forças ao seu alcance. As ordens tinham sido severas no sentido de que o pleito corresse em perfeita paz. . .

Houve, porém, uma exceção. Na cidade de Morada Nova a coisa ficou preta acirraram-se os ódios, juntou-se cabroeira, alguns vindo do Juazeiro, e lá se foi o barulhão tremendo . . .

A Casa da Câmara fôra escolhida para uma sessão, onde centenas teriam de votar. Mas a coisa estava preta. «Gente da oposição aqui não vota e, se tentar fazê-lo, morre».

Fechou-se o tempo. Porfirio Girão estava contra Honorato, ambos chefes locais de prestigio.

Raimundo Gomes de Andrade o estimado velho Biléu, fez finca pé na porta do casarão da Câmara, e gritou prôs companheiros: — «Aqui, hoje, vota todo mundo. Esta conversa de ninguem votar é lorota . . .»

E começou o pipocado. Foi bala como seiscentos diabos. Cabras pinotavam em todos os sentidos. Feixa-feixa tremendo, empurrões, tabefes e «ai, Deus me acuda».

Não houve jeito. Votou todo mundo. Finda a eleição, feita a bico de pena ... alguns mortos, entre os quais o célebre cangaceiro Manuel Bento, cabra danado de sete fôlegos, a mando dos poderosos.

Sabino do Monte quase ficára doido, ao saber da notícia ...

CIDADE PACATA E ORDEIRA

Dia vai, dia vem, Morada Nova não teve mais instantes de atropêlo em sua vida política. Faziam-lhe o prestigio, junto ao governo do Estado, homens de larga projeção e alto conceito, entre os quais o coronel Francisco Honorato Cavalcante, antigo abolicionista e republicano.

Em 1917, merece a distinção de passar a possuir Juiz Togado, sendo o primeiro, o dr. Boanerges Viana do Amaral, bela expressão da magistratura cearense e uma das afirmações mais peregrinas da nossa cultura jurídica, hoje ocupando lugar de merecido relêvo no Tribunal de Justiça.

Ao correr dos últimos anos Morada Nova transformou-se em cidade — fato ocorrido a 6 de janeiro de 1926 — séde de um município altamente agrícola e criador.

Demorando nos sertões bravios do Ceará, viu nascer e se expandir, em derredor de suas ribeiras e várzeas, uma mentalidade sadia de louvor e estímulo ao homem do campo, pondo em prática, assim, o conceito de Euclides da Cunha — «primeiro o bravo sertanejo, depois a frivolidade das grandes cidades».

Vem daí, as tradicionais e encantadoras festas típicas que realiza, anualmente, denominadas vaquejadas, e quando centenas de bravos vaqueiros, demonstram a sua perícia e sangue frio no dominar a natureza selvagem das boiadas embrutecidas pela força. É um lindo episódio, cheio de encanto e graça regionais, onde transparece o vigor e a valentia do nosso homem do sertão.

TERRA DE HOMENS ILUSTRES

Morada Nova pode se orgulhar de ser uma terra de filhos ilustres. Alguns dêles já atingiram as culminâncias da vida administrativa, em nosso Estado, entre os quais, podemos citar, dr. Eduardo Girão, ex-deputado estadual e federal, antigo Presidente da Assembléia Legislativa e Presidente do Estado, escritor e professor da Faculdade de Direito; dr. Raimundo Girão, uma das mais robustas expressões das letras cearenses, do Instituto do Ceará, escritor, autor de excelentes obras, professor da Faculdade de Ciências Econômicas, ex-Prefeito de Fortaleza, Ministro do Tribunal de Contas e historiador festejado; Manuel Tibúrcio Cavalcante, ex-prefeito de Fortaleza, engenheiro, alta patente do exercito, antigo Secretario do Interior e da Fazenda; dr. José Victor Ferreira Nobre, escritor, poeta e professor da Faculdade de Direito, dr. Guilherme Sátiro Rabelo, advogado de projeção no fôro de Fortaleza; dr. Manuel de Castro Filho, advogado e deputado estadual, eleito em duas legislaturas; dr. Aloisio Chagas, médico e chefe político de real prestígio, Presidente da Associação Brasileira de Municípios, Secção do Ceará; Dr. Wanderley Girão Maia, advogado; dr. Rui Farias, advogado; dr. José Faria Evangelista, magistrado; dr. Epifânio Filho, médico e chefe político de grande prestígio; dr. Raul Girão, magistrado; Manuel Honorato Cavalcante Filho, deputado estadual e chefe do PSP, em Morada Nova, membro proeminente do Diretorio Estadual deste partido em nosso Estado, além de muitos outros que a memória esquece, de momento.

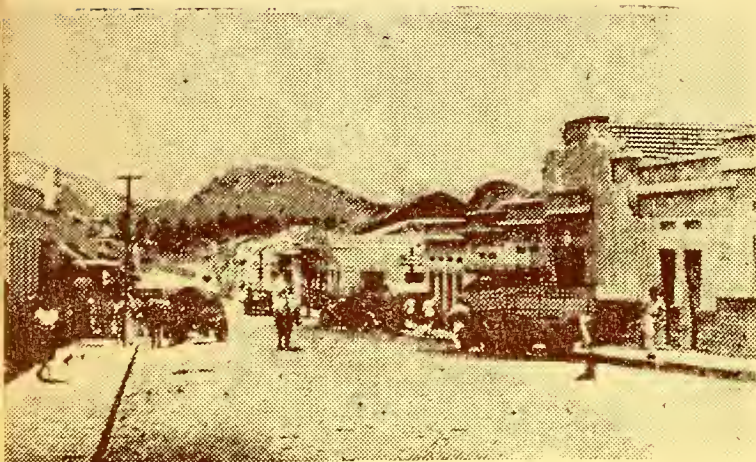
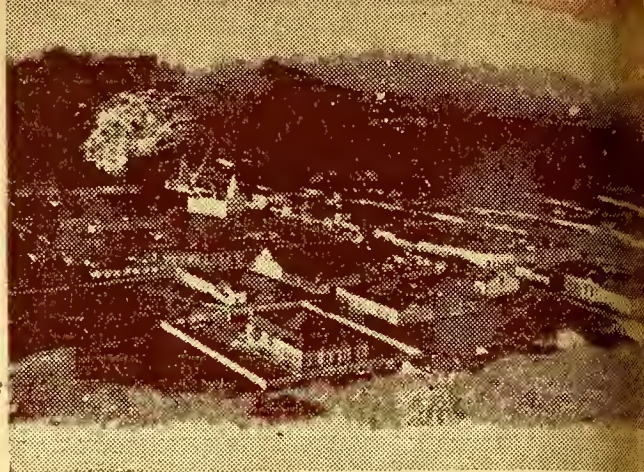
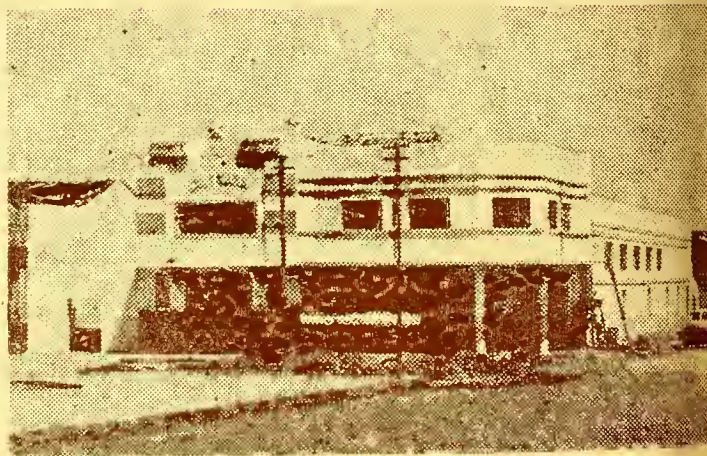
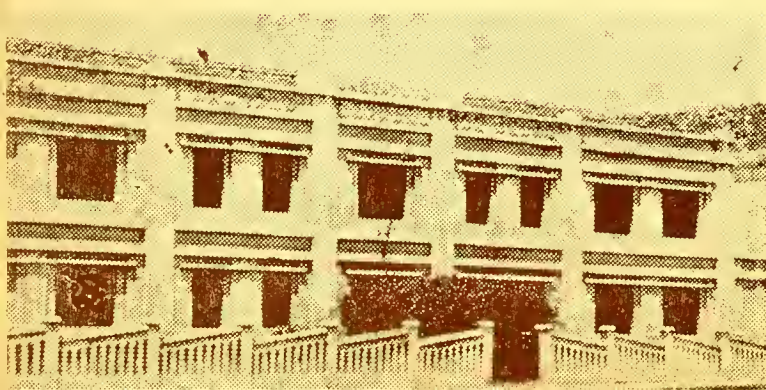
Assim, tão prestigiada pelo renome dos seus filhos, Morada Nova vive dias de franco progresso estando à frente de sua administração municipal um dos mais dignos prefeitos do Ceará, que é o comerciante e agricultor, Francisco Galvão de Oliveira, homem de bem, amante de sua terra e que vem envidando o melhor dos seus esforços no sentido de vê-la, transformada em uma das melhores cidades do interior cearense. Haja visto as realizações e empreendimentos levados a cabo na sua atual administração.

NOVA RUSSAS - Aspectos da cida

NOVA RUSSAS — Matriz

MORADA NOVA — Aspectos da cidade

MORADA NOVA - Vista da cida e Igreja-Matriz

QUIXADÁ — Vista da cidade

QUIXADÁ — Uma das principa
ruas

QUIXADÁ — Cine Iára

QUIXADÁ — Colégio

NOVA RUSSAS

FOI, OUTRORA, A FAZENDA CORTUME

UM DOS MUNICÍPIOS NOVOS DO CEARÁ — SITUADO NA ZONA NORTE — A DOAÇÃO DE MANUEL PEIXOTO — SERTÃO BRAVIO — A CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS — VILA EM 1922 E CIDADE EM 1938 — EM NOSSOS DIAS

O MUNICÍPIO de Nova Russas está situado na zona norte do Estado, contando com uma extensão territorial de 1.686 kms.2 e uma população superior a 35.000 habitantes.

A séde municipal é uma simpática e florescente cidade, com comércio ativo, algumas residências de melhor porte, ruas bem pavimentadas a paralelepipedo, com excelente iluminação, pacífica e acolhedora.

Está situada em pleno sertão bravio, dependendo a sua economia dos invernos regulares, quadra em que a fartura se faz presente através de grandes colheitas de algodão, mamona e cereais.

Antigamente não passava de uma simples fazenda de pastoreio, advindo a sua prosperidade dos últimos anos.

A DOAÇÃO DE MANUEL PEIXOTO

Em tempos idos e vividos, o território de Nova Russas pertencia a paroquia de Tamboril.

Existia, todavia, onde hoje se ergue a cidade, uma fazenda denominada Cortume, nome antigo que abrangia toda a vasta região hoje compreendida dentro dos limites do município.

Um dos orgulhos dos tempos antigos era a doação de terras, por parte dos fazendeiros e coroneis sertanejos, às freguesias, afim de que podessem erigir capelas e formar, consequentemente, o arruado.

Manuel Peixoto foi desses donatários. Em 1876 mandou lavrar escritura de terras que passavam para o patrimonio de Nossa Senhora das Graças. Isto posto, o então vigário de Tamboril manda erigir capela em homenagem à Santa.

Ao novo lugarejo, então, denominou de Nova Russas. Sendo filho da cidade de Russas, com isto prestava vassalagem à terra natal.

Esta é a origem da atual cidade, séde municipal.

FATORES DE PROGRESSO

Sertão, medonho, durante muitos anos não passou a novel localidade de um simples povoado, contando com a presença de poucos moradores que vieram se estabelecer em torno da capelinha erguida.

Um fato excepcional, veria, no entretanto contribuir poderosamente para a prosperidade local.

Corria o ano de 1919, governando o Estado o Dr. João Tomé de Saboia e Silva. Os serviços da ferrovia que partia de Sobral e penetrava nos sertões e caatingas da zona norte estavam sendo atacados de maneira louvável. Havia urgencia na construção da estrada.

Aos 3 de novembro do mesmo ano, isto é, em 1919, houve um festão tremendo na localidade. É que chegava o primeiro trem, inaugurando-se, assim, o transporte ferroviário. Advem desta data o período de engrandecimento e prosperidade local.

Centro produtor, fácil foi encaminhar, aos centros consumidores, o fruto do seu labor que sempre atingiu, em épocas normais de bons invernos a índices animadores, dada a operosidade do seu povo.

VILA, CIDADE E FREGUESIA

Em 1922, no governo do grande Justiniano de Serpa, é assentada a criação do município de Nova Russas e consequente elevação da povoação à categoria de Vila, fato dado e passado a primeiro de novembro de ano já referido.

Em 1931, um malfadado decreto põe por terra a conquista dos nova-russenses. O município fora extinto aos 20 de maio daquele ano.

Mal grado a injustiça sofrida, o povo não se conforma e lá se vem a restauração no Governo do Interventor Carneiro de Mendonça, de acordo com o Decreto n. 1.156, de 4 de dezembro de 1933.

O Decreto n. 448, de 20 de dezembro de 1938, elevou a vila à categoria de cidade.

* * *

A Matriz foi reformada em 1925, pelo que do de 1938, estando apenas com quinze anos.

Foi o seu primeiro vigário o virtuoso padre Francisco Ferreira de Morais. Hoje, dirige a paróquia o Padre Francisco Soares Leitão.

A Matriz foi reformado em 1925, pelo que se transformou num lindo templo de amplas dimensões. Nos dias que correm sofreu nova

reforma pelo que deu-lhe a primazia de ser uma das melhores matrizes do Estado.

FILHOS ILUSTRES

Entre outros, nasceram em Nova Russas: — Dr. Almir Farias, médico; Edson Furtado Sousa, médico; Dr. Osvaldo Martins, médico; Drs.: François Jorge de Abreu, odontologo; Abgail Farias Rosa, advogada; Alípio Gomes, odontologo; e Antonio Marques Martins, médico. Nasceu, tambem, em Nova Russas o Padre Odílio Lopes, vigário de Senador Pompeu.

São líderes locais: Artur Pereira de Sousa, Antonio Joaquim, Antonio Bezerra do Vale, José de Sousa Alves, atual Prefeito Municipal; Oriel Mota, Fernando Pereira, Moisés Tavares e outros.

PACAJÚS

FOI A ANTIGA ALDEIA DOS PAIACÚS

ÍNDIOS GUERREIROS E INTELIGENTES — AS ORDENS DO MARQUEZ DE POMBAL — TERRAS ARREMATADAS POR 250 MIL RÉIS... — MUNICÍPIO CRIADO PELO GOVERNADOR LUÍS ANTÔNIO FERRAZ — CIDADE EM 1938 E SÉDE DE PARÓQUIA EM 1940 — FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

VÁRIOS foram os nomes dados a atual séde do município de Pacajús, senão vejamos: primitivamente chamou-se de Aldeia dos Paiacús; posteriormente, lhe batizaram de Monte-mór, o Velho; logo mais chamava-se de Guaraní. Hoje a sua denominação tem a sua origem no nome da antiga indiada que lhe habitou as ribeiras do Choró nos idos de 1707.

Dista apenas 49 quilômetros de Fortaleza, estando ligada a esta Capital por excelente rodovia que, atualmente está sendo asfaltada, faltando poucos milhares de metros para ser atingida por esta nova e excelente estrada.

Possui excelentes propriedades rurais, destacando-se os seus famosos sítios, onde se fabricam a cajuina, bebida de. ótimo paladar, muito apreciada.

A cidade, propriamente dita, tem várias ruas pavimentadas e bem iluminadas. Há, no centro da cidade uma linda praça. mandada construir pelo antigo prefeito Antonio Nogueira, notando-se-lhe algumas boas residências. É muito movimentada, pois lhe atravessa as ruas a estrada B. R. 13 que nos liga ao sul do País e do Estado .Constroi-se, atualmente, um templo majestoso destinado à séde da paróquia de N. S. da Conceição. O seu povo é afável, lealdoso e acolhedor. A sua principal fonte de riqueza está no labor agrícola e nas atividades comerciais. Dirige o município o Prefeito Celso Nogueira.

AO PRINCIPIAR DO SÉCULO DEZOITO

A numerosa tribu dos Paiacús, ou Pacajús, dominava vasta área no baixo Jaguaribe e nas imediações da Serra do Apodí. Eram bravos e inteligentes, mas o homem branco, no povoamento daquela região guerreou-lhe insistentemente. De fuga em fuga, vieram às proximidades do litoral sendo, então, aldeiados pelo Desembargador Soares Reimão, em 1707, numa légua de terra que lhes foi entregue, sito à margem do rio Choró, com excelentes ribeiras.

Aí sentaram tenda, fundando aldeia. Afirma o Barão de Studart que eles eram dotados de notável inteligencia, pelo que faziam progressos consideráveis nas escolas».

Bernardo Casco quiz eleva-la, posteriormente à categoria de vila, não o fazendo, todavia, por não possuir 150 casas como mandava o regulamento da época. Tinha somente 122.

Aí viviam em paz os índios, quando...

AS ORDENS DO MARQUEZ

De acôrdo com ordens severas do famoso estadista Marquez de Pompal, a aldeia dos Pacajús estava destinada a desaparecimento completo. É que ordenára a transferencia da indiada par a vila de Porto Alegre, sito no Rio Grande do Norte.

E, em fins de dezembro de 1762, alí chegava o diretor daquela vila, Tenente-Coronel José Gonçalves da Silva, trazendo ordens severas para cumprir o dito e assinado. Foi um deus-nos-acuda !

Homem mais de ação do que de palavras, coração duro, José Gonçalves conduz, a viva força, toda a indiada estrada a fóra. Foi uma tragédia. Morreu mais da metade.

As terras foram leiloadas e arrematadas

por João Dantas Ribeiro pelo preço de 250 mil réis. Era sítio excelente, valendo muito mais, segundo os comentários da época. Mas tudo fora adredemente preparado...

Fracassára, porém, o Coronel José Gonçalves na sua missão. Isto porque a indiada, não se dando com a nova localização, fugiu toda e, sertão a dentro, vieram, novamente ter à sua antiga missão.

É quando, então, governando o Ceará Borges da Fonseca, são mandados aldeiar em Monte-mór o Novo, hoje Baturité.

MUNICÍPIO EM 1890

Dia vai, dia vem, o lugarejo fundado pelos índios principiou a ser habitado por gente branca. Em 1865 é erguida uma Igreja, ainda hoje existente, e em torno dela forma-se o arruado com casaria de beira e bica.

Terras banhadas por vários rios, entre os quais, o Choró, Pacotí, Malcozinhado e Areré, fácil foi o seu poovamento com o estabelecimento de sítios.

O povoado foi crescendo até que o Decreto n. 63, de 9 de setembro de 1890, no governo Antonio Ferraz, lhe deu foros de município, com o lugarejo elevado à categoria de Vila, já com a denominação de Guaraní.

A Lei n. 1.794, de 9 de outubro de 1920 extingue o município, passando o seu território a fazer parte do de Aquiraz, donde havia sido desmembrado.

O seu povo nunca se conformou com esta injustiça tremenda e, mãos à obra, principiou a luta pela restauração, conseguida aos 20 de setembro de 1928.

O famoso decreto n. 1.591, de 20 de maio de 1931, novamente poz abaixo a sua independência. Finalmente, aos 23 de maio de 1935, Guaraní é restaurado em definitivo.

A vila foi elevada à cidade aos 20 de dezembro de 1938.

* * *

Ainda ao tempo do aldeiamento dos Pacajús foi instalada uma vigararia dependente da Freguesia de São José do Riba-mar do Aquiraz. Antigamente, porém, foi séde de paróquia, mas declarada extinta em 1836.

Recentemente, isto é, aos 3 de fevereiro de 1940 foi criada a freguesia sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, fazendo parte do Bispado de Fortaleza. É vigário local o Padre Coriolano Cavalcante.

FILHOS ILUSTRES

Entre outros nasceram em Pacajús: Dr. Otávio Facundo, advogado brilhante; Pe. Sinval Facundo, vigário de Pentecoste e Dr. José Cláudio de Araujo, líder do PSP e ex-vereador de Fortaleza e prof. do Inst. de Educação.

PACATUBA

TERRA QUE NUNCA MUDOU DE NOME

SESMARIAS CONCEDIDAS POR TOMAZ DE OLIVAL E GABRIEL DO LAGO — POVOADORES VINDOS DO RIO GRANDE DO NORTE — REGIÃO FERTILÍSSIMA — VILA EM 1869, COM O GOVERNADOR INÁCIO HOMEM DE MÉLO — O FAMÔSO PADRE RODOVALHO — CIDADE TRÊS MÊSES ANTES DA QUEDA DO IMPÉRIO — PINGÃO, O ANDARILHO DESERTOR... — DUELO EM CIMA DA SERRANIA DA ARATANHA — PÁTRIA DE HOMENS ILUSTRES — RESSURGINDO

TECENDO ligeiros comentários sobre a vida histórica das cidades e dos municípios do Ceará, sem maiores pretensões do que as de tornar mais conhecidos os nossos sertões, a bravura da nossa gente, o passado histórico e glorioso dos brazões de outróra, ainda não encontramos uma só de nossas sédes municipais que não tenha tido duas ou mais denominações.

Abre-se, agora, uma exceção, que é a de Pacatuba. Desde os tempos mais primitivos de sua formação assim denominou-se e, cujo significado indica região farta na existencia de pacas, caça estimadissima, mas que ali não mais existe.

Nos idos de 1693, o Capitão-mór Tomaz Cabral de Olival, senhor da Capitania do Ceará Grande, concedia ao Capitão Pedro Lolo, por data e sesmaria, terras para que nela se estabelecesse. E a petição rezava: «Em serviço de Deus e d'El Rey, Nosso Senhor, peço que me faça merce de doze léguas de terra de comprido por doze de largo para o aumento desta Capitania na região assim chamada de Pacatuba, etc., etc.. Foi concedida.

Logo mais, isto é, em 1708, novas terras são concedidas por Gabriel da Silva Lago, poderoso Capitão-mór da Capitania, e Tomé da

Silva e seus companheiros, para que povoassem a serrania da **Pacatuba.**

Recuando um pouco, vamos ver, ainda, que em 1683 os Correias, tidos e havidos como gente de cabedal, vêm do Rio Grande do Norte para sentar moradia na **Pacatuba**, «terras assim chamadas», isto de acôrdo com data e sesmaria que lhes foi concedida por mercê do Capitão-mór Bento de Macedo Faria.

Figura, destarte, o nome de Pacatuba. desde a quadra colonial.

Região fertilíssima, com clima excelente, fácil foi o estabelecimento das primeiras fazendas de pastoreio e labor agrícola, do que adveio o povoamento do solo sem maiores atropêlos.

ROTEIRO HISTÓRICO

Nos meados do século dezenove, Pacatuba já era povoado adiantado. Ali já se encontrava ampla capela, arruado formado, chefes políticos importantes, ora do Partido Liberal, ora do Conservador, e ligada à Capital da Provincia Imperial do Ceará, por famosa estrada real.

Certo dia o povo da localidade, reunido, solicita a criação de uma vigararia para não mais depender da de Maranguape.

Apelo feito, apelo ouvido naqueles tempos idos e vividos de maior vergonha. E lá se veio a lei n. 1.305, de 5 de novembro de 1869. Canonicamente só foi instituida meses depois, isto é, aos 31 de janeiro de 1870, tendo sido o primeiro vigário o padre Bernardino de Oliveira Memória.

A criação da freguesia vinha completar a independencia da localidade, visto como fôra elevada à categoria de Vila um mês antes, ou seja, a 8 de outubro de 1869, na administração do Governador Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, comprido no nome e ainda maior nas atitudes.

Pouco faltava para terminar a quadra imperial, Pacatuba é elevada â categoria de cidade, salvo engano no Governo Luís Antonio Ferraz, isto com data de 17 de agosto de 1889, por Lei n. 2.167.

Ao correr de sua formação teve dias áureos, foi terra ouvida e famosa, e prestigiada através do renome de filhos ilustres que militavam na política monárquica e no primeiro quartel da era republicana. Entrou em decadencia para ressurgir, já agora, oferecendo ao Ceará, um Governador de Estado, o seu ilustre filho Desembargador Faustino de Albuquerque e Sousa.

FIGURAS SINGULARES

Embóra não sendo filho de Pacatuba, prestou-lhe notáveis serviços o famoso Padre Pedro Antunes de Alencar Rodovalho, figura primorosa do clero, natural de Exú, pernambucano assim de poucas palavras e mais ação.

Teve, este notável homem, vida agitada, por isso que participou da política, elegendo-se várias vezes para a Assembléia Provincial.

Foi vigário de Messejana e logo mais de Maranguape, tendo assistido a capela de Pacatuba e sido o seu primeiro vigário colado, segundo nos indica Alvaro Gurgel de Alencar no seu «Dicionário».

Nesta oportunidade a epidemia do cólera-morbus atacou a provincia com terrivel intensidade, notadamente os municipios de Maranguape, Pacatuba, Baturité e outros.

Foi quando surgiu, em toda a sua plenitude, a figura do notável sacerdote. Dia e noite assistia os doentes. Chamaram-lhe a atenção. Não houve conselhos. E disto resultou ter sido atacado, pelo que faleceu aos 16 de agosto de 1862, assistido por parentes e amigos.

*
* *

Outra figura singular ligada à história pacatubana é do boemio Pingão, nome pelo qual passou à posteridade, graças à pena fulgurante de João Brigido no seu «Ceará Cômico».

Estróina, andarilho, homem sem saber estar quieto, Pingão certa feita anuncia que vai participar da guerra Cisplatina. E lá se foi o homem. Chororô medonho, mas não teve nada. Foi sempre.

Belo dia, já passados meses, alguem bate à porta. Quem é, quem não é...

Eis que surge Pingão. Cortára centenas de leguas a pé. Havia desertado. Foi um deus-nos-acuda a volta do homem. Vinha atropelar a família.

Isto posto, resolve andar pelo mundo e larga-se para Petrolina, estrada afóra, a pé... Homem tremendo, temiam-lhe até na antiga Pacatuba, as suas iras e bebedeiras. Quando estava azeitado, a coisa engrossava no arruado singelo de outróra, e haja casa fechada...

*
* *

Tipo de homem esquisitão era Antonio Justa. Tinha parentela ilustrada, descendia de família de boa linhagem portuguesa, mas pouco ligava para a vida, vivendo no seu pé-de-serra a vida que Deus deu às criaturas. Tinha mania por pesca e por caça, esta feita fora de horas, serrania acima, na busca de um veado gordo e crescido. Era a sua paixão ardente.

Valente como as armas, viveu há anos sem de si dar conhecimento ao mundo que o cercava. Podia tudo se acabar. O que ele queria era aquela serrania da Aratanha que idolatrava. Ali estava o seu mundão sem fim...

Certa feita, por isso ou por aquilo, e mais por lhe terem posto abaixo uma «espera» para veado, desafiou céus e terras, mas com veemência a João Galeno, para luta tremenda. Foi o diabo. A noticia se espalhou por meio mundo. Ia haver morte na certa, pois os dois eram temidos, tidos e havidos como valentes e dispostos.

Justa marcou encontro, local, hora e minuto certo. Era duelo visto e terrivel. João Galeno tambem não ia para conversa e aceitou a coisa. Manhã cêdo lá se vem, serrania abaixo, Antonio Justa, Em sentido contrário, lá se Galeno, armado até os dentes, bacamartão boca-de-sino.

Hora aprazada, dá-se o encontro sinistro, no alto da serra. Foi bala pro seiscentos diabos!... Antonio Justa deixara de existir e Galeno ficára gravemente ferido. Tempão bom danado, em que homem tinha palavra até para morrer...

GENTE ILUSTRADA

Poucos municípios possuem tantos filhos ilustres como Pacatuba. A enumeração vai constatar: Des. Faustino de Albuquerque e Sousa, ex-presidente do Tribunal de Justiça e ex-Governador do Ceará; Dr. José Lino da Justa, homem de letras, orador primoroso, escritor de fino lavor, jornalista festejado, senhor de uma cultura geral, foi sócio do Instituto do Ceará e publicou obras de merecido relevo, tendo sido deputado estadual e federal; Dr. Otávio Gonçalves da Justa, professor emérito; Cel. José Libânio de Sousa; Cel Henrique Gonçalves da Justa, antigo chefe político de projeção; Dr. Aristides Pereira Campos; Major Cícero Franklin, heroi de Monte Caseros; Carlos Cavalcante, poeta festejado, estilista vigoroso, cronista brilhante dos Diarios Associados e autor de vários livros de contos e poesias; Walmiki Sampaio Albuquerque, ex-Secretário de Educação e Professor da Escola Preparatória; Dr. Paulo Cabral de Araújo, atual Prefeito de Fortaleza e Diretor da Ceará Rádio Club; Artur Eduardo Benevides, poeta e escritor; Antonio Pádua Campos, jornalista e Diretor da Secretaria da Câmara de Fortaleza; Dr. Nestor Cabral de Menezes, da magistratura; Dr. João de Deus Cabral de Araújo eng. agronômo; Dr. Raimundo Cavalcante Filho, juiz em Jaguaruana; Dr. Eduardo Campos, escritor e advogado; Dr. Fernando Benevides, Diretor do Arquivo Público; Dr. Wladir da Justa Teixeira, alto funcionário da D.A.E.R.; Carlos Benevides, farmaceutico e ex-deputado estadual, elemento prestigioso na politica de Pacatuba; Dr. Francisco Chagas Silva Filho, médico; Cap. Leoncio Botelho, vereador à Câmara de Fortaleza; Padres Dr. José Edilson Campos, Alberto Oliveira, Bernardo Campos e Clemente Pinto; Dom Expedito Oliveira, recentemente nomeado pela Santa Sé, Bispo de Fortaleza e uma das figuras marcantes do clero cearense pelas suas virtudes e proverbial simplicidade.

EM NOSSOS DIAS

Com os seus 720 kms2, Pacatuba é um dos pequenos municípios do Estado no que tange a extensão territorial. Tem uma população de mais de 22.000 habitantes e conta com sete vilas.

Hoje há visíveis sinais de progresso, estando, assim, os pacatubanos despertando para melhores dias.

O Governador Faustino lhe fez boa estrada, ótimo Grupo Escolar e dois postos médicos e de puericultura. O Prefeito, Policarpo Rodrigues, tem envidado esforços no sentido de mecanizar a lavoura local, contribuindo, para isso, com a aquisição de um trator e adquirindo vasto terreno para a instalação de grande Escola de Iniciação Agrícola, em construção.

Os líderes locais de maior projeção, na política, são os senhores Isaac Newton Campos e Eduardo Benevides, respectivamente chefes da União Democrática Nacional e do Partido Social Democrático.

Gente boa, acolhedora, afável, os pacatubanos vivem em paz, sem grandes lutas e sem atropelos.

Com amparo dos poderes públicos poderia, este município, se transformar num grande celeiro destinado ao abastecimento de Fortaleza, com frutas e legumes, visto como as suas terras de ribeira, baixios e serrania, são altamente ferazes.

PACOTÍ

NASCEU DA POVOAÇÃO DE PENDÊNCIA

A SUISSA CEARENSE — O CAFÉ, EM 1822 — OS LINHARES — SÍTIOS FAMOSOS — VISITAS HISTÓRICAS — PRIMEIRO A FREGUESIA, DEPOIS O MUNICÍPIO — ENCANTOU A DOM LUSTOSA — OS MILIONÁRIOS CONTRA A TRADIÇÃO — FILHOS ILUSTRES

PACOTÍ é um dos municípios, territorialmente, menores do nosso Estado, com os seus 735 kms2. Acusa, todavia, boa população com mais de 33.000 habitantes. Tem, afóra a séde municipal, cidade do mesmo nome, quatro vilas importantes, destacando-se as de Guaramiranga, Mulungú e Aratuba, antiga Santos Dumont, que já foram sédes de municípios extintos ao correr dos anos.

Como acentúa D. Antonio Lustosa, no seu livro «Notas a lapis», Pacotí — cidade, é a Rainha da Serra de Baturité. Está, no entre-

tanto, encravada em terreno acidentado, do que resulta as suas ruas terem topografia irregular, que lhe afeia o conjunto.

É cidade nova, visto como foi erécta, a esta categoria, aos 20 de dezembro de 1938, de acordo com o Decreto n. 448.

O seu povo é simples e lealdadoso. Na sua maioria conserva os hábitos e costumes antigos, guardando, assim, a tradição com maior relicário, daí porque a civilização não mudou-lhe o caráter conservador e pacifista.

Alguns logradouros públicos, jardim no centro, casario compacto, destacando-se algumas residências de melhor porte, edifícios do Grupo Escolar e Posto de Saúde, Ginásio São Luís e Ginásio Maria Imaculada, pavimentação regular, boa iluminação, bom mercado municipal, bela Matriz e uma dezena de estabelecimentos comerciais de maior movimento, eis a cidade de Pacotí.

NO PASSADO

Por estar situada no cimo da serrania do Baturité, a nada menos de 700 metros de altitude, tem recebido até visitas famosas que ficaram na história da então Província do Ceará.

A primeira, delas, foi a da Comissão Cientifica, chefiada pelo cientista Dr. Francisco Freire Alemão, isto por volta de 1859. Dela fazia parte o grande poeta Gonçalves Dias. Dirigiram-se para Guaramiranga, onde passaram alguns dias em observações de caráter cientifico. Pacotí estava a poucos quilometros da famosa Fazenda do Coronel João Batista, daí porque não fugiu à curiosidade de, em companhia de Gonçalves Dias, conhecer a então próspera localidade a que nos referimos.

Em 1864, o Presidente da Provincia, Dr. Lafayette Rodrigues Pereira, tambem esteve em Pacotí, hospedando-se, todavia, em Guaramiranga daquele que, mais tarde, desejara agraciar com o título de Barão de Guaramiranga, isto é, o Cel. João Batista que preferiu ser Tenente-Coronel da Guarda Nacional, segundo nos conta Esperidião de Queiroz Lima, no seu «Antiga Família do Sertão».

E, finalmente, em 1889, faltando poucos meses para a queda da monarquia, lá esteve, hospedado no célere sitio Pau Amarelo, o Conde D'Eu, quando de sua visita à Serra do Baturité.

CRONOLOGIA

Interessante é notar que as vilas que hoje fazem parte de Pacotí, já foram sédes de municípios, como afirmamos anteriormente. Guaramiranga, foi município criado em 1890; Santos Dumont, hoje Aratuba, tambem foi município com aquela denominação, isto em 1890 e, finalmente, Mulungú, que foi município, tambem em 1890.

Pacotí data, igualmente desta época, isto é, foi criado município pelo Decreto n. 56, de 2 de setembro de 1890, somente inaugurado aos dias 25 de outubro. Teve a sua independencia suprimida em 1899, mas foi restaurado em 1901.

O Decreto n. 193, de 20 de maio de 1931, tornou a por-lhe abaixo a sua autonomia administrativa. Finalmente, aos 4 de dezembro de 1933, no governo do Interventor Roberto Carneiro de Mendonça, conquistou, em definitivo, a sua independencia que conserva, com justo orgulho, até aos nossos dias.

*
* *

A primeira paróquia do município foi a de Guaramiranga, criada em 1875, sob as graças de N. S. da Conceição da Serra; depois veio a de Aratuba, antigo Santos Dumont, criada aos 10 de dezembro de 1883, sob a invocação de São Francisco de Paula; a terceira foi a de Pacotí, propriamente dito, criada aos 15 de dezembro de 1885 sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Pendencia e que foi instituida por Dom Joaquim José Vieira e tem séde em bela Matriz; a última paróquia, do município, a ser criada foi a de Mulungú que data de 1895.

TRADIÇÃO E REALIDADE

Pacotí já atravessou uma quadra de ouro. Foi na época em que os seus sítios principiaram a cultura do café, em grande escala. Hoje, pena é dizer, que os seus cafezais estão envelhecidos e os antigos coroneis desaparecidos. Restam alguns últimos abencerragens que vêm resistindo, bravamente, por isso que contra eles tudo conspira: desprezo pelo poder público, falta de capitais capazes de auxiliar a lavoura, falta de estradas e de mão de obra dificil.

Introduzido em 1822, o café foi trazido, para a serra, por Antonio Pereira de Queiroz Sobrinho. Veio das plagas caririenses, já descendente de Pernambuco.

Fez a fortuna de muita gente, e dele se tornaram reis e senhores os Linhares, que tiveram em Francisco Alves Linhares o seu ponto alto, visto como fora este homem notável proprietário de sítios famosos que se espalhavam por toda a serrania.

Hoje as terras estão subdivididas, restando algumas dezenas apenas de bons sítios dos quais ressalta, em primeiro plano, os pertencentes aos Drs. Luís Sampaio, Menezes Pimentel e João Ramos.

Os milionários de Fortaleza estão adquirindo terras e mais terras para nelas localizarem vivendas de veraneio, pondo abaixo o trabalho das passadas gerações e inutilizando glebas ferazes.

Nestas novas propriedades já quase não se planta mais a rubiácea, donde advem o decréscimo de sua produção.

FILHOS ILUSTRES

Pacotí é a pátria de cearenses ilustres e, dentre estes, valem, ressaltados, os seguintes: Dr. Antonio Antonele de Castro Bezerra, formosa cultura, professor emérito da Faculdade de Direito, homem de letras e uma das glórias intelectuais do Ceará, falecido em 1926; Dr. Virgilio Barbosa, brilhante advogado no sul do País; Dr. Jarbas Landim, tambem advogado no sul do País; Dr. Bruno Tei-

xeira Barbosa; Padre José Barbosa de Jesus; Padre Aluisio Ferreira Lima; Dr. Ubirajara Indio do Ceará, orador, jornalista, homem de talento e uma das mais belas afirmações de cultura de nossa terra; Gervásio Nogueira, jornalista e poeta e muitos outros.

EM NOSSOS DIAS

Pacotí é uma cidade que a pouco vai se modernizando, embora não lhe seja favorável o terreno onde está localizada.

Tem tido a felicidade de ter prefeitos honestos e trabalhadores, valendo ressaltados, entre outros, o Dr. Luís Sampaio, Alarico Ribeiro Guamarães e o atual gestor da comuna, o estimado cidadão Mozart Pinheiro Landim, moço vontadoso e sempre voltado para os interesses do município que dirige com alto critério e operosidade, tanto que a Câmara Municipal não lhe tem faltado com o seu prestigio e a sua valiosa colaboração.

Mal grado esta bela realidade, o município não tem merecido dos poderes públicos a merecida atenção. Bem poderia se transformar no celeiro da capital do Estado, bastando para isto proteção e amparo à sua vida rural.

Gente ordeira, pacata por índole e tradição, a pacotiense aguarda dias de maior prosperidade, notadamente quando surgirem os bons invernos que lhes outorgará fartura e bonança independente da vontade dos poderes públicos.

PEDRA BRANCA

PRIMITIVAMENTE CHAMADA TABOLEIRO DA PERUCA

NA SERRANIA DE SANTA RITA — A PEDRA BRANCA, INDICAVA SOMBRA E AGUA FRÊSCA — NOITES DE AGONIA, EM 1872 — AS PREGAÇÕES DE VAN SAND E AZEMAR — PRÊSO NA HORA DO CASAMENTO — O INIMIGO DE FRANCO RABELO — DATAS E FATOS — FILHOS ILUSTRES — A CASA ONDE NASCEU O LEOTA — EM NOSSOS DIAS —

PEDRA BRANCA está situada no cimo da serrania de Santa Rita, que demora na região mombacence. O território do município é, assim, formado por terras de serra e de sertão. Presta-se admiravelmente para o labor agrícola, sendo os seus habitantes trabalhadores e ordeiros.

Tem uma área municipal de 1.767 quilômetros quadrados, estando a cidade localizada a 480 metros de altitude. Conta com duas vilas que são Troia e Minerolandia.

Limita-se com Bôa Viagem, Quixeramobim, Senador Pompeu, Mombaça, Tauá e Independência, sendo por isso região central do Estado.

O seu progresso e prosperidade econômica vinha sendo procastinada a muitos anos por falta de uma rodovia que lhe escoasse a produção e servisse de veículo ao desenvolvimento de sua civilização . Mal grado, todavia, o esquecimento desta terra, pelos governos, foi, finalmente, construida excelente estrada que irá dar notável impulso à cidade e ao próprio município.

NOS TEMPOS PRIMITIVOS

A fundação da atual cidade de Pedra Branca data, mais ou menos, dos meiados do século dezoito.

Gleba feraz, cedo aí se estabeleceram colonos e grandes fazendeiros. Nos tempos primitivos, uma das riquezas regionais foi a criação do gado, embora não se descurassem, os seus povoadores, do trato da terra com os roçadões imensos de boas colheitas. A vida era, assim, nestes tempos recuados, tipicamente rural.

Contam os cronistas que no local aonde se ergue a cidade existiu uma enorme pedra que servia de referência aos vaqueiros de então. Estava localizada num taboleiro e servia, por isso, de pousada aos campeadores.

Dia vai, dia vem, foi se formando pequeno arraial no lugar aqui indicado. Constatou-se a necessidade da ereção de uma capelinha que foi erguida com o auxilio dos moradores locais.

Vem daí, então, a futura Vila que se ergueria no chamado Taboleiro da Peruca, denominação esta dada em razão da existência da tal pedra branca que servia de pousada para os vaqueiros e onde eles encontravam sombra e gua fresca, para o descanso da labuta diária.

FATOS INTERESSANTES

Pedra Branca, como quase todas as cidades do interior, não se livrou dos dias in-

tranquilos que viveu a Província do Ceará nos meiados do século dezenove. Foi uma quadra tremenda da nossa história. Era gente ruim por todo canto. Os governos viam-se em milindrosa situação.

Vai daí, entre 1871 a 1874, andar pelos sertões um bando de cangaceiros sob o mando de Manuel Ribeiro de Melo. Tinha quatro companheiros, e um deles era desertor do 14.º Batalhão de Infantaria. Cabra mal e perverso.

Depois de assaltarem fazendas e povoados nos sertões de Boa Viagem, Tamboril, Santa Quitéria e Crateús, lá se foram em demanda da Serra de Santa Rita.

Belo dia, foram ter a Pedra Branca. Foi um deus-nos-acuda. Depredaram, fizeram misérias. Foi um dia de juizo. Armados até os dentes, por onde passavam deixavam o rastro de sangue e de perversidade inauditas.

Eram cangaceiros, criminosos de muitas mortes.

*

* *

Outra feita, em 1876, por causa de um destes celerados que percorriam os sertões, deu-se uma verdadeira revolução dentro de Pedra Branca.

Perseguido, veio ter a novel Vila, certo cabra conhecido apenas pela alcunha de Cangaço. Havia cometido crime e o juizado de Boa Viagem lhe perseguia os passos não lhe dando tréguas.

Realizam-se, todavia, as missões dos padres estrangeiros Guilherme Van Sand e Antonio Azemar. Dias de festa, vilarejo alegre, apinhado de gente, com novenário à tardinha e pregações seguidas de atos de piedade cristãs.

É nesta oportunidade que acontece o inesperado. Cangaço, ouvindo as prédicas, resolve por a vida em ordem e apresta papeis para o casório com aquela com quem vivia desde muitos anos.

Na hora, porém, em que a cerimonia era realizada, ouve-se a voz terrivel da lei:

— Cangaço, esteja preso !

Foi os diabos !. . . Correu gente, agitou-se meio mundo. Azáfama tremenda. Barulhão no mundo. Não houve jeito. O homem foi trancafiado.

Mas os sacerdotes não se conformaram e agitaram o povo. E lá se veio pedido de «habeas-corpus», e nada. Manhã seguinte, cedinho, lá andavam os padres para cima e para baixo. Agita-se o povo. Agrupa-se, e lá se vai todo mundo soltar o Cangaço. Invadem a cadeia e o homem é carregado entre vivas e aplausos do povoréu agitado. . . De criminoso, perseguido pela lei e pela justiça, se transforma em herói, aclamado em delirio. . .

CRONOLOGIA

Já povoado florescente, os habitantes de Pedra Branca reclamaram a ereção da localidade à categoria de vila e consequente criação do município. Este fato ocorreu, ainda, no Governo de Francisco Inácio Homem de Mélo.

Atendidos, a lei n. 1.407, de 9 de agosto de 1871 criou a nova unidade municipal, elevando o povoado à categoria de Vila. Em 1931, foi extinto, isto pelo Decreto 193 de 20 de maio. Foi uma revolta geral. Não conformados com a injustiça que acabavam de sofrer, novamente o povo reclama a restauração do município, no que é atendido no governo do Interventor Felipe Moreira Lima, de acôrdo com o Decreto 1.540, de 3 de maio de 1935.

Passou à cidade pelo Decreto n. 448, de 20 de dezembro de 1938.

*

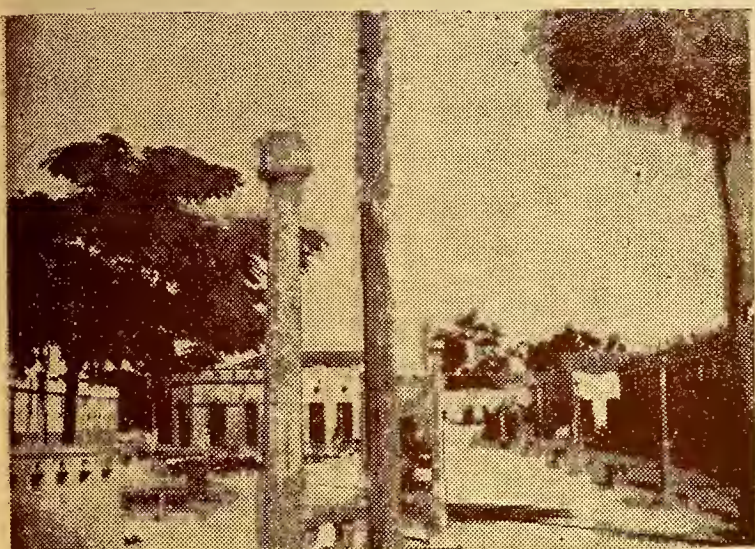
* *

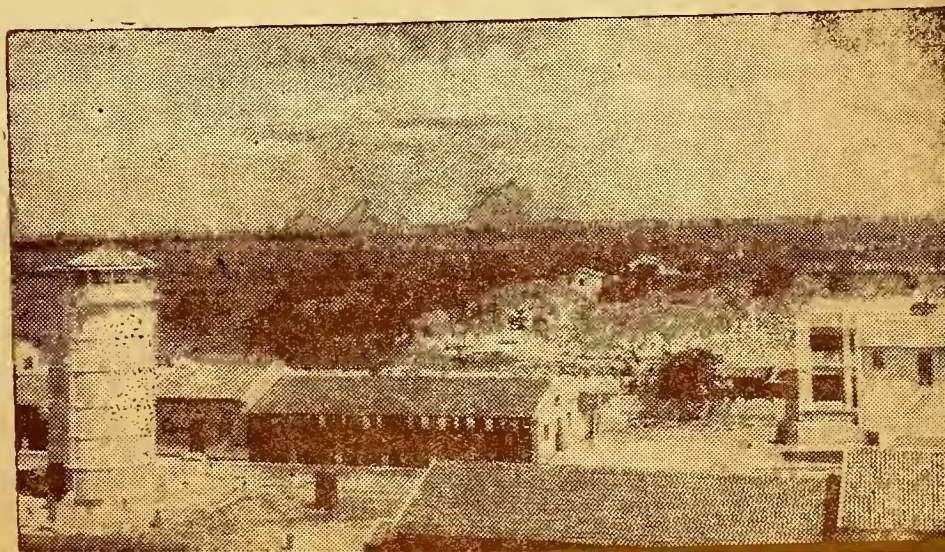
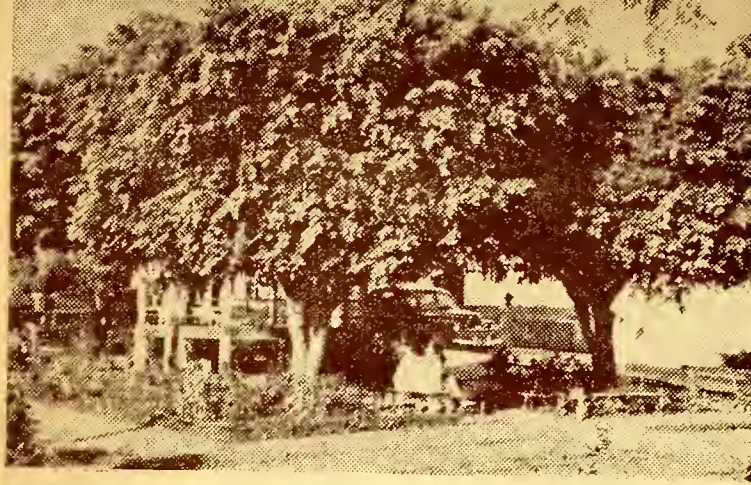
Pedra Branca é séde de freguesia. O orago é São Sebastião e foi criada aos 23 de agosto de 1873, pelo poder civil, e canonicamente instituida pelo bispado do Ceará, aos 6 de dezembro do mesmo ano.

O primeiro vigário foi o Padre João do Nascimento e Sá. A Matriz é âmpla, não tendo, todavia, torreame. Segundo alguns cronistas a sua construção data tambem, da época da criação da paróquia, isto é, 1873. Tem capelas filiais em Troia, Riachão e Miderolandia, ex-Socorro.

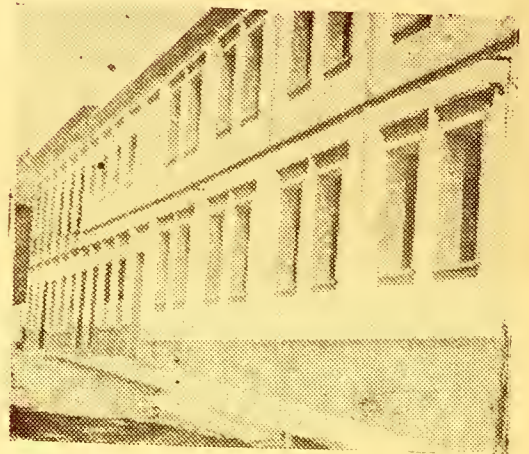
FILHOS ILUSTRES

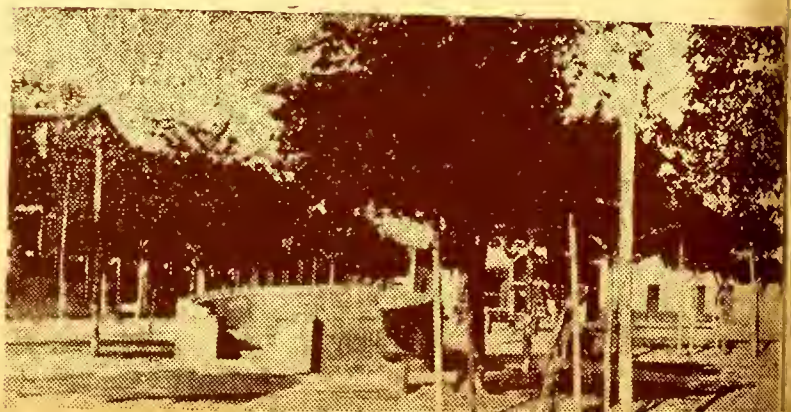
Dentre os filhos ilustres de Pedra Branca, que são muitos, devem ser destacados os seguintes: — Bacharel Leonardo Ferreira da Mota, jornalista, escritor festejado, tendo pertencido a inúmeras associações culturais, valendo ressaltadas o Instituto do Ceará e Academia Cearense de Letras. Publicou obras de reconhecido mérito: «Violeiros do Norte» «Prosa Vadia», «Cantadores» e «No Tempo de Lampeão». Escreveu crônicas cintilantes e não tem conta os artigos que publicou nos jornais de Fortaleza. Usava o pseudonimo de Leota. A casa onde nasceu, em Pedra Branca, ainda hoje existe, e, recentemente adquirida, vai sofrer grande reforma. A municipalidade devia comprá-la e nela instalar um museu histórico relativo aos fatos da vida municipal. Outro brilhante filho de Pedra Branca foi o Mons. Dr. Aureliano Mota, irmão de Leonordo, orador primoroso e uma das figuras marcantes do clero cearense. Tambem nasceram em Pedra Branca: O Cel. Augusto Vieira, antigo chefe político de grande projeção, deputado estadual e que nesta quadra, tornou-se inimigo tremendo de Franco Rabelo que ajudou a depôr; Dr. Manuel Joaquim Cavalcante de Albuquerque, jornalista e advogado; Dr. José Lins de Souza, médico; Dr. João Capistrano Mota, médico e um dos diretores da Saúde Pública no Ceará; Dr. Cândido Borges, brilhante advogado no Rio; Dr. Walter Vieira Borges, médico; jornalista Adáuto Gondim, redator dos Diários Associados, escritor, cronista e poeta festejado; Dr. Alvaro Lins Cavalcante, advogado, moço de cultura, palavra fácil e brilhante, atual deputado estadual; Dr. Deusimar Lins Cavalcante, médico; Monsenhor Dr. Raimundo de Oliveira, que foi vigário geral em Manaus, e muitos outros.

PACAJÚS — Histórica
Igreja-Matriz

PACAJÚS — Praça principal
da cidade

PACAJÚS - Fazenda Modêlo Guaraní

PACOTI — Jardim Municipal

PEDRA BRANCA — Casa onde
ceu o escritor Leonardo Mota

PACOTI — Colegio em Guaramiranga

PENTECOSTE - Igreja Matriz

PENTECOSTE — Aspecto da Cidade

EM NOSSOS DIAS

Com a nova era municipalista a cidade de Pedra Branca inicia uma fase de progresso que lhe colocará, sem dúvida, em posição de relevo na comunidade estadual. Várias obras estão sendo empreendidas, destacando-se edifícios públicos destinados a Posto de Saúde, Posto de Puericultura e Grupo Escolar. Por outro lado, a estrada, ultimamente construida, veio tornar fácil o transporte para a cidade, sendo, assim, fator de desenvolvimento da sua praça comercial, até então, relativamente, de pouca expressão.

Dirige a municipalidade, atualmente, o estimado cidadão Sabino Vieira Cavalcante, homem de fino trato, alto comerciante, fazendeiro abastado e que envida esforços no sentido de melhorar as condições de vida dos seus munícipes, notadamente dos que laboram na área rural.

PENTECOSTE

CIDADE FUNDADA, EM 1864, POR BERNARDINO GOMES

ANTIGA CONCEIÇÃO DA BARRA — VILA EM 1873 E CIDADE EM 1938 — VÁRIAS VEZES EXTINTO E RESTAURADO — A ORIGEM DO NOME ATUAL — ESTEVE EM ACENTUADA DECADENCIA — RESSURGE, HOJE, PARA GRANDE PROSPERIDADE — GENERAL SAMPAIO — CIDADE DO FUTURO

PENTECOSTE dista da capital menos de cem quilômetros e está, à mesma ligada, por excelente estrada, rodoviária. O caminho de ferro lhe passa nas proximidades da cidade, isto é, na vila de São Luiz do Curú, recentemente elevada à categoria de séde municipal, mas ainda não instalada.

O município tem uma população superior a 30.000 habitantes dentro de uma área territorial de mais de 1.798 quilômetros quadrados.

A sua economia tem base no labor agrícola e pastoril, notando-se boas fazendas situadas à margem do rio Curú e nas terras hoje beneficiadas por grandes açudes construidos e em construção dentro do município.

O seu nome primitivo foi Conceição da Barra, em 1864, tomou a atual denominação de Pentecoste.

A cidade é relativamente desenvolvida, com algumas ruas, praça com jardim, antiga a tradicional Matriz, bem iluminada, com comércio ativo, apresentando, nos dias que correm, acentuada atividade.

O seu povo é bom e acolhedor. Pacífico por natureza, a ordem pública nunca é alterada, embora conte, em nossos dias, com milhares de forasteiros vindos de outras terras em virtude dos serviços públicos que estão sendo realizados nas proximidades da urbs.

CRONOLOGIA RELIGIOSA

Álvaro Gurgel de Alencar, no seu livro Dicionário Histórico e Geográfico do Ceará conta-nos, á página 293, que os fundadores da atual cidade de Pentecoste, foram os ricos fazendeiros Bernardino Gomes Bezerra e Francisco Carneiro de Azevedo, isto por volta de 1864.

Cinco anos depois foi criada a freguesia, com território desmembrado da de São Francisco das Chagas de Canindé. Foi, todavia, canonicamente instituida, aos 8 de janeiro de 1870, sendo o seu primeiro vigário o Padre Firmino Brant Horta.

A primeira missa rezada na localidade foi, entretanto, celebrada, em 1864, pelo Padre Manuel Lins, justamente no dia de Pentecoste, razão por que este nome ficou ligado tradicionalmente ao município sendo, posteriormente oficializado.

Em 1894 a paróquia foi dividida, deixando, assim, de existir, Dom Manuel da Silva Gomes, em visita pastoral, reconheceu da necessidade de sua reinstituição, pelo que, a 25 de janeiro de 1934, tornou a resolução em realidade. Tem a invocação de Nossa Senhora da Conceição e conta com várias capelas filiadas, sediadas nas vilas do município.

FORMAÇÃO POLÍTICA

Povoado fundado em 1864, teve a sua evolução acelerada, de logo transformando-se em logarejo florescente.

Daí surgiu o desejo do seu povo em vê-lo elevado à categoria de vila, séde de território independente.

Era Governador da Província Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, grande no nome e nas ações. Ouvindo as súplicas que

QUIXADÁ

CIDADE FUNDADA POR JOSÉ DE BARROS

OUTRÓRA, SERTÃO ÁRIDO E DESPOVOADO — CONFIGURAÇÃO GEOGRÁFICA — AS SESMARIAS VENCERAM OS TAPUIAS BRAVIOS — A CAPELA DO FAZENDÃO DE ZÉ DE BARROS — VILA, FREGUESIA E CIDADE — LINDA PÁGINA DE ESPERIDIÃO — EM 1891, O GEN. CLARINDO INAUGURA A FERROVIA DEBAIXO DE FOGUETÓRIO — AFONSO PENA VISITA A CIDADE, E O CEDRO, EM 1906 — OS BENEDITINOS DO SANTA CRUZ — TERRA DE HOMENS ILUSTRES

QUIXADÁ é um dos grandes municípios do Estado. Só Vilas, isto é, sédes de distritos, possui onze, uma das quais já foi município com a denominação de Laranjeiras, agora chamado Banabuiú e em cujas proximidades está em construção o maior açude da América do Sul.

Com os seus 4.970 quilômetros quadrados, guarda forma retangular, sendo o seu território excelente para o cultivo agrícola e criação de gado. É regado por inúmeros riachos que lhe prodigalizam ótimas ribeiras, destacando-se o Sitiá, o Pirangí, e o Banabuiú que beneficiam, por igual, as terras ferazes deste município.

Outróra, foi sertão abandonado, pertencente a então Vila Nova do Campo Maior, hoje Quixeramobim.

Com serroteiras, serras, vales e socálcos, seduziu, no início do século dezoito, os nossos bravos povoadores, do que adveio a concessão de datas de sesmarias e, consequentemente, a instalação das primeiras fazendas de criar e plantar, forma pioneira da conquista efetiva do nosso território.

Data, assim, desta quadra épica a luta dos brancos contra a indiada selvagem, os tapuias, bravos, valentes e que cederam a terra, virgem da civilização, sob o império das circunstâncias do mais forte e mais adestrado.

O Banabuiú foi o fator principal da colonização do Quixadá, visto como para as ribeiras deste curso d'agua é que foram concedidas sesmarias, em 1698, e delas resultou a penetração pelo Sitiá afóra.

O FUNDADOR DA CIDADE

A penetração, todavia, foi vagarosa, muito lenta. Daí porque, Álvaro Gurgel de Alencar, no seu «Dicionário», afirma que durante muitos anos foi terra semi-abandonada, motivada esta verdade pela falta de condições favoráveis ao desenvolvimento do povoamento, oferecidas, naquela quadra, à margem de rios como o Jaguaribe, Acaraú e outros que ofertavam agua em abundância.

Entretanto, nos meiados do dito século dezoito um fato de excepcional importância registrar-se no município de Quixadá.

Em 1728, o Coronel Carlos de Azevedo Vale adquire uma grande propriedade, já beneficiada em forma de sítio, chamada de **Quixadá**. Anos depois, falecendo Azevedo Vale, os seus herdeiros vendem o sítio, que se tornaria famoso, ao Capitão José de Barros Ferreira.

Homem prático, mais de ação do que de palavras, Barros Ferreira mete mão à obra, mandando erigir, em 1755, casa grande, com cercado de pau a pique, instalando boa criação de gado e erigindo, ainda, algumas casinhas de moradores ao redor da Casa Grande de fazenda.

Dia vai, dia vem, o lugarejo principia a prosperar, impondo, assim, a ereção de pequena Capela que contou com a ajuda principal por parte do rico fazendeiro e cujo orago seria Jesús-Maria-José. Terminada em 1870, teria, este templo religioso, função primarcial na fundação da futura e simpática cidade do Quixadá, como veremos adiante.

POVOADO, VILA, CIDADE E PAROQUIATO

Não se pode obscurecer que a igreja tenha sido fator principal para o desenvolvimento de nossos antigos povoados.

Assim, é que, em Quixadá, erigida a capela, a partir de 1836, passou a possuir capelão, aliás mantido pela «Sociedade Perfeita», símbolo de harmonia de sertanejos vontadosos que se congregaram, naqueles idos, para a prosperidade local.

Evoluindo sempre, já povoado com arruado modesto, mas movimentado, aos 5 de novembro de 1869, pela lei n. 1.305, é criada, pela então Assembléia Provincial, a freguesia de Jesus, Maria, José, cujo primeiro vigário colado foi o padre Cláudio Pereira de Farias.

Daí por diante acelerou-se o progresso da localidade. E tanto isto é verdade que, dez meses depois de instalada a vigararia, Quixadá é elevada à categoria de Vila, de acor-

QUIXARÁ

MUNICIPIO CRIADO EM 1890

ASPÉCTOS GERAIS DA REGIÃO — CRONOLOGIA — LUTA PELA AUTONOMIA — AS MEMORÁVEIS CARAVANAS DE OUTRÓRA — A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

Quixará é um dos menores municípios do Ceará em extensão territorial, de vez que tem apenas 767 quilômetros quadradas, o que equivale a 0,50 da superfície total do Estado.

É, todavia, região que oferece um elevado índice de produção agrícola, notadamente na quadra dos bons invernos, sendo o seu povo altamente laborioso.

O município possui terras excelentes situadas em vales e, principalmente, nas ribeiras do Cariús que atravessa a comunidade de lado a lado prodigalizando, assim, possibilidade francas de bom desenvolvimento agrícola e pastoril.

Com uma população de mais de 20.000 habitantes, transformou-se, o Quixará, num dos municípios mais progressistas da região adjacente ao Crato, do qual dista apenas 56 quilômetros.

CRONOLOGIA

A fundação do município, e consequente elevação à categoria de Vila do então povoado florescente de Quixará, data de 13 de outubro de 1890, primeiro ano da República, isto pelo Decreto n. 82.

Todavia, só foi inaugurada, a novel Vila, aos 15 de novembro do mesmo ano, em comemoração à magna data que extinguira a monarquia.

Em 1920, o município foi extinto. o seu território foi, então, anexado ao do Crato, e, posteriormente, à Santanopole, como afirmam Raimundo Girão e Martins Filho.

Embora o seu povo não tivesse se conformado com o ato injusto do cassamento da sua autonomia, isto permaneceu como fato consumado até recentemente, isto é, 30 de dezembro de 1936, dia em que, pela lei n. 268 foi-lhe restituida a independência.

Daí para cá, o seu progresso está a olhos vistos tendo, por isso mesmo, a antiga Vila, sido elevada à categoria de cidade em virtude do Decreto n. 448, de 20 de dezembro de 1938, posição que conserva com galhardia e orgulho.

CARAVANAS DE OUTRÓRA ...

Quixará já teve dias de grande alegria e festejos memoráveis, assim nos conta o primoroso historiador Irineu Pinheiro, no seu livro «O Carirí».

Nos primeiros anos deste nosso século, em dias já consagrados pela tradição, costumavam os cratenses aprestarem caravanas que se dirigiam à Quixará afim de assistirem, os seus membros, ao **tinguijamento** dos poços do rio Cariús. Consistia no lançamento de um preparado, feito com a raiz do **tinguí** e que, posto aos peixes a estes matava, em poucas horas, aos milhares. Em seguida fazia-se a pesca, em grande estilo.

Aproveitam-se, porém, a estada das caravanas na cidade para a realização de grandes festas com quadrilhas, jogos familiares e música a valer.

Afirma Irineu Pinheiro que naqueles tempos, em que dinheiro valia alguma coisa, gastavam-se mais de sete contos de réis só com hospedagem oferecida aos excursionistas, alegres visitantes.

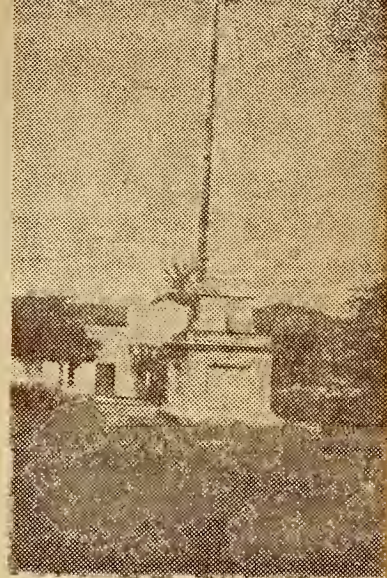
EM NOSSOS DIAS

Atualmente Quixará é uma cidade que, pouco e pouco, vai conquistando ares de urbe modernizada. Já se lhe notam alguns vestígios de realizações públicas de grande utilidade, tais como bom Mercado Municipal, Grupo Escolar, excelente prédio destinado ao Forum e à Municipalidade, e algumas casas de melhor estilo estão surgindo como iniciativa particular.

Município dirigido pelo Prefeito João Antero da Silva, cidadão estimadíssimo, e que envidado esforços no sentido de melhorar as condições de vida da séde e das Vilas da comunidade, já é provida de vigararia na pessoa do Padre Raimundo Nonato.

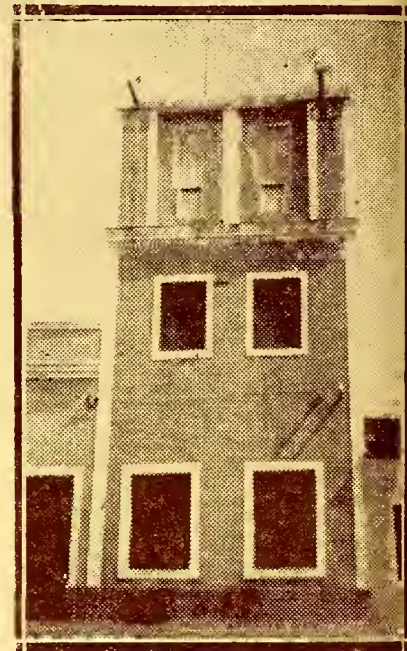
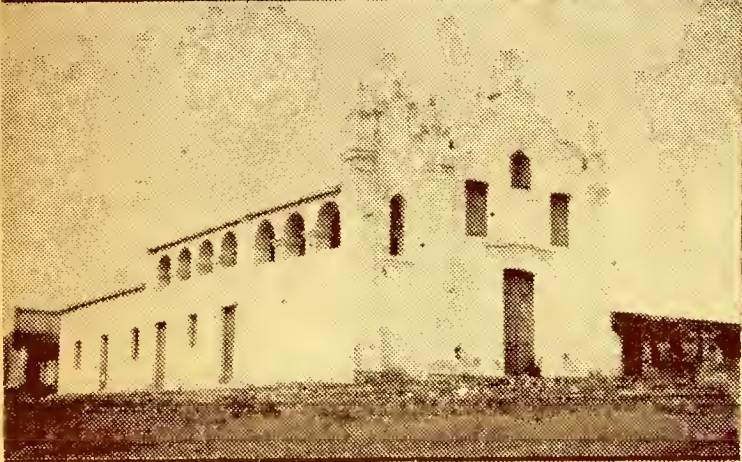
A Matriz local está sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, sendo um templo de belas tradições e fazendo parte do Bispado do Crato.

Um dos líderes principais da vida municipal em Quixará é o alto comerciante e ex-prefeito Enoque Rodrigues, prestigioso chefe político e pessoa a quem o município muito deve.

REDENÇÃO — Praça da Liberdade

REDENÇÃO — Obelisco á liber
dos Escravos

QUIXERAMOBIM — Vista parcial da
cidade e Igreja-Matriz

REDENÇÃO — Igreja-Matr

QUIXERAMOBIM — Prefeitura, Igreja N. S. do Carmo e cidade

QUIXERAMOBIM
Observatório

SANTA QUITÉRIA
Cidade e Matriz

QUIXERAMOBIM

MEMORÁVEL VILA NOVA DO CAMPO MAIOR

CENTRO GEOMÉTRICO DO ESTADO — FAMÔSO OBSERVATÓRIO DE 1895 — POVOADO COM 50 FÓGOS — SANTOS E ALFAIAS DE PORTUGAL — OS RÊIS NEGROS, NO ROSÁRIO — IGREJA MAL-ASSOMBRADA — MORTE DE ANTÔNIO THOMAZ — MENDES MACIEL, O CONSELHEIRO — MACIEIS E ARAÚJOS—NORTON GRIFFITHS

QUIXERAMOBIM é uma cidade longinqua e que demora num vasto e encantador planalto dos sertões cearenses. Ao observarmos a carta geografica do Ceará, verificamos que esta séde municipal está localizada, com absoluta precisão, no centro geométrico do Estado. Por isso mesmo, foi escolhida como centro de investigações climatológicas, erguendo-se aí uma famosa estação, com aparelhamento de primeira ordem, funcionalismo zeloso e que fornece exatas e utilissimas pesquisas, diretamente enviadas para a Capital Federal. Foi teatro de lutas terriveis e de fatos memoráveis, constituindo a sua história um rosário de episódios singulares, donde se destacam a bravura e a lealdade do sertanejo. O seu nome é traduzido, segundo José de Alencar, em «Iracema', como significando doce e lânguida exclamação: «Ah, meus outros tempos» ! Para Theberge, já expressa «vaca gôrda». Uma e outra tradução etimológica da palavra Quixeramobim bem se lhe ajusta, posto que, em verdade, quem lhe admira os taboleiros, as colinas e saliências do seu solo, não lhe pode traduzir a beleza sem evocar o passado. Núcleo aonde se formou densa população pecuária, prestando-se admiravelmente para a existência de grandes fazendas de criar, o autor de «Esbôço Histórico da Provincia do Ceará', tirou a raiz da palavra do vocabulário dos índios «Quixarás», que perlustraram a região bonançosa. Apresentando um simpático aspecto, o seu conjunto é realmente por praças amplas, ruas longas e largas, edificios tipicos e com arquitetura sólida, Igrejas do século dezoito e casaria moderna, entremeada com residencias antigas de beira e bica.

DE POVOAÇÃO DE PASTORES À CIDADE

A data de sesmaria concedida, em 1702, a Antonio Pinto Correia e Duarte da Costa, principiou o povoamento da vasta e rica região. Durante algumas dezenas de anos não passou de uma pequena povoação, até que pela Provisão de 15 de novembro de 1755, de Frei Manuel de Jesus Maria, foi erigida em freguesia, sob a invocação de Santo Antonio de Pádua, ainda hoje padroeiro da cidade.

Aos 13 de junho de 1789, em cumprimento da Ordem do então Governador de Pernambuco, Tomaz José de Melo, expedida aos 20 de fevereiro do mesmo ano ao Ouvidor Avelar Barbedo, é instalada a Vila Nova de Campo Maior de Quixeramobim. A 14 do dito mês, realizam-se as eleições para a escolha dos dirigentes da nova comunidade cearense, recaindo a vitória em José Pimenta Aguiar e Antonio Pinto Borges, para Juizes ordinários. Foram, ainda, eleitos vereadores, José dos Santos Lessa, Antonio José Fernandes do Amaral e Antonio das Virgens Lisbôas. Todos empossados solenemente no dia 15 de junho do ano em referência.

O texto da Carta Régia de 13 de junho é desprimoroso no centeúdo da sua linguagem, quando ressalta que a nova vila era criada para «nela se recolher os vadios, malfeitores e vagabundos que infestam o país com roubos, assassinatos e de toda qualidade de crimes atrozes». Quixeramobim soube ser fiel executor do espirito da lei, pois se não recolhia criminosos em seus cárceres, ia mais além, liquidando-os sumariamente como o fez com dezanas de cabras perversos, foragidos e malfeitores.

IGREJAS COM RÊIS E RAINHAS

Das igrejas construidas em Quixeramobim, três têm cronica magnifica, onde repontam o lirismo e a fé dos sertanejos de outróra.

Uma delas, a igreja do Rosário, foi concluida em 1783, sendo seu administrador Antonio Dias Ferreira. Com o correr do tempo, aí se realizaram solenidades magnificas de fino encanto e memorável lembrança !

E que, todos os anos, se celebravam, entre pompas e repiques, o «Dia de Rêis», quando então o «retinto» mais influente de Quixeramobim envergava lindo manto, colocava sobre a cabeça a corôa, e com cetro à mão, seguia, em companhia da Rainha, a caminho da capelinha do Rosário.

Ao atingir o patamar, o singular cortejo era recebido pelo vigário e padraria, sob o ruflar de caixas e repiques de sinos !. . .

Neste dia, nêgro era Rei de verdade na Vila Nova do Campo Maior e, tanto assim, que tinha até a prerrogativa de soltar preso.

Outro templo de expressiva significação nos fastos da heróica cidade, é a Matriz Santo Antonio de Pádua.

Construiu-a o mesmo rico português Antonio Dias Ferreira. Homem de largos recursos, solteirão, dono de escravos de Angola e de imensas fazendas de criar.

Em 1870 já estava em visitação pública de permêio à grandes solenidades religiosas. Sendo uma das maiores igrejas do Ceará, tinha que honrar a tradição da época. Todos os seus santos e alfaias vieram do distante Portugal, séde do portentoso reino.

Dizem-na mal-assombrada, por isso que os fiéis que a ela compareciam, à noitinha, no novenário do mês de Maria, acautelavam-se medrosamente. É que no côrpo da igreja faziam-se inhumações, donde advinha a crença e a lenda das aparições em alta noite...

Embora guardando, ainda as linhas gerais da construção primitiva, a Igreja de Santo Antonio foi muito modificada, notadamente quando Vigário da Paróquia o Monsenhor Aureliano Mota, homem de cultura e bom gosto, que tanto enobreceu o cléro cearense.

A capela de Nossa Senhora Santana foi mandada erigir pelo Desembargador Assis Bezerra, quando ocupava, com brilho, o lugar de Juiz de Direito da Comarca.

TOMBA ANTONIO TOMAZ

O povo de Quixeramobim sempre foi valente. Os descendentes dos Correia Vieira e Rodrigues Machado que vinham da ribeira do Jaguaribe e povoaram os sertões sem fim de Vila Nova, não levavam desaforo para contar em casa. A bravura sempre caracterizou os filhos da terra de Antonio Bezerra de Menezes.

Certa feita, entrava na cidade uma rêde com morto ensanguentando. Os irmãos da vitima deram busca ao criminoso, um nêgro da peste, guarda-costa de Antonio Tomaz, o celebre bandoleiro.

Não passou domingo, chega em Quixeramobim, o temível filho de Piancó. Exigiu o nêgro. Não lhe deram. Subito, a Vila estremeceu: Tomaz roubara o fiel companheiro.

Organiza-se a caça aos dois fugitivos, ambos perigosos.

Madrugadinha, o nêgro que estava de espreita, com a vista alongada no caminho, grita para o valente chefe: «Lá vêm os cabras de Quixeramobim!»

Trava-se, então, terrivel luta de corpo a corpo. Quase todos se liquidaram a facadas e tiros e, dentre estes, o terror da região jardinense, aonde tinha o seu quartel-mestre.

Pela manhã do dia seguinte entrava, pelas ruas de Quixeramobim, dentro duma mala, o corpo do perverso Antonio Tomaz!

ARAÚJOS E MACIEIS

Hoje os sertões estão calmos. Vez por outra surgem os covardes e mesquinhos crimes de emboscada, quando perdem a vida um Capitão Plácido, de Santanópole ou Zéca Matias, de Brejo Santo. Antigamente, a história era cantada em inglês... Lutava-se como bravo, a peito descoberto, como verdadeiros exercitos organizados, sendo-lhes tenente o próprio governo do Estado e, vacilante, as fôrças federais

Uma das lutas de familia que tingiu de muito sangue o solo cearense, foi o embate travado entre os Araújos e Maciéis que teve como teatro os sertões que medeiam entre Boa Viagem, Tamboril e Quixeramobim.

Os Maciéis dominavam os planaltos de Tamboril e Quixeramobim. Família numerosa, valente e temivel, forma com toda a parentela, um verdadeiro batalhão de homens aguerridos.

Os Araújos, por sua vez, possuidores de largos recursos, alguns educados, e com raizes em toda a zona norte do Estado, eram senhores absolutos do municipio de Boa Viagem e adjacencias.

Por questões ainda não esclarecidas, se desavieram estas duas grandes famílias, eis que estoura, tremenda, uma luta de vida e de morte.

Quixeramobim, atacada pelos Araújos, resiste bravamente, vencendo os agressores. Estes não se conformaram com a derrota e voltam, novamente, à carga, a carnificina, então, foi tremenda, caindo bravos de parte a parte!

Daí por diante, se matavam aqui e ali, continuando o drama por longos anos.

ANTONIO CONSELHEIRO

O herói dos Canudos, simbolo do fanatismo e terrôr da Republica, Antonio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido por Antonio Conselheiro, nasceu em 1828, em Quixeramobim, ainda existindo nesta cidade a casa em que residiu, em companhia dos pais.

No principio de sua vida teve dias calmos. Na mocidade, porém, já despontava a personalidade do mistico e do fanatico que revolucionaria todo o sertão baiano.

Pai comerciante, tambem enveredou pela mesma carreira. Tempos depois, por desgostos intimos, desaparece e viaja pelos sertões do Ceará, indo um dia parar em Canudos, onde erigiu igreja e tornou famoso o arraial que demora à margens do Vasa Barris.

Hoje, figura na história, tão singular foi o episodio de que se transformou em personagem central. Contra êle marcharam três expedições. Batalhões e mais batalhões. Artilharia pesada e milhares de soldados não lhe quebraram o ânimo.

Lutou como bravo e o seu heroismo ofereceu à Nação, através da pena fulgurante de Euclides da Cunha, o maior livro da literatura brasileira: «Os Sertões».

NORTON GRIFFTHS

Com o governo do grande brasileiro Epitacio Pessôa, o nordeste quase se redimia da tirania das sêcas. O seu esforço foi imenso, mas os que lhe sucederam, até aos nossos dias, ainda não terminaram uma só das grandes obras programadas no Ceará. Aí estão Poço de Paus, Patú, Orós e outras grandes barragens, completamente abandonadas. Elas sim,

poderiam dar novos rumos ao nosso Estado, pois faziam parte de um plano sistemático, bem organizado, previamente elaborado e capaz, por isso mesmo, de evitar o drama que se desenrola nas epocas de longo estio.

Uma destas obras seria o açude a ser construido em Quixeramobim, pela companhia Norton Griffths, de origem inglesa dirigida por um membro do Parlamento Britânico, construtora dos estaleiros de New Castle e Hartepool e da barragem de Lwymon, no Pais de Gales.

Edificando este monumento da engenharia, toda a cidade e uma area imensa do municipio — um dos que mais sofrem na época da calamidade — seriam beneficiadas de maneira a transformá-la numa das melhores e mais progressistas sedes municipais do interior do Ceará.

A falta de patriotismo, o pouco amor ao Brasil, o descaso pelo sofrimento dos nordestinos, ainda não permitiu a realização de obra tão importante. Nos últimos anos, apenas uma voz se ergue em pról da grande causa: foi a de Alvaro Fernandes, médico e que foi brilhante deputado à Camara Federal, filho ilustre daquela brava terra.

HEROICO NA LUTA, MAIOR NO SOFRIMENTO

Quixeramobim tem atravessado dias tormentosos. Na luta contra a natureza, que sempre lhe arraza a colheita e aniquila, vez em quando, a sua maior riqueza que é a pecuaria, tem resistido e se constituiu num dos mais progressistas municipios do Ceará.

Terra de filhos ilustres, dentre os quais se sobressaem Liberato Barroso, Antonio Bezerra de Menezes, Ambrósio Machado, Andrade Furtado, Clodoaldo Pinto, Monteiro de Morais, João Paulino de Barros Leal, Ismael Pordeus, jornalista, e outros, foi a primeira que ofereceu contingente, em 1824, sob a direção do valente Padre Mororó, para defender a Republica do Equador, que tinha vida através do grande e imortal Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Heroica na luta, tem sido maior no sofrimento, pois vivendo à custa exclusiva das virtudes do seu povo, pouco ou quase nada lhe tributa o Estado ou a União.

As migalhas que às vezes recebe de outras terras e de outras gentes, são gotas dágua com que se procura acalmar o oceano da sua rebeldia civica !

REDENÇÃO

PIONEIRA DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS, NO BRASIL

SERRANIA E SERTÃO — VALE UBÉRRIMO — TERRAS FERAZES — O SACRIFÍCIO DO FAMÔSO PADRE ANGELO, NO CÓLERA-MORBUS — VILA, COM O GOVERNADOR HERÁCLITO GRAÇA — SÉDE DE FREGUESIA, COM DOM LUÍS ANTÔNIO DOS SANTOS — A CÉLEBRE QUESTÃO COM O ENG. PINKAS, DA FERROVIA — PORQUE ROSAL DA LIBERDADE — O ANTIGO CENTRO REDENCIONISTA DEFENDE A TERRA ESTREMECIDA — FILHOS ILUSTRS — NOS DIAS QUE CORREM

O MUNICÍPIO de Redenção conta apenas 735 quilômetros quadrados, ou seja em relação a superficie total do Estado, 0,48, sendo, assim, um dos menores departamentos municipais do Ceará, embora conte com uma população superior a 30.000 habitantes.

Está encravado em terras excelentes, ferazes e que, trabalhadas pelo seu povo ordeiro e laborioso, nas quadras dos bons invernos, oferece à comunidade elevado índice de produção, notadamente de cereais, frutas, algodão, farinha de mandioca, e em maior escala, cana de açúcar, fonte principal de sua riqueza agrícola.

O principal curso dágua, que rega as terras, é o Pacotí que nasce na serrania do Baturité, com bacia superior a 1.800 kms, fruto de fontes perenes daquela serra, com percurso de 120 quilômetros.

O território municipal é muito diferenciado em sua topografia, pois oferece-nos a serra do Acarape, contra-forte da Baturité. alguns taboleiros, excelentes ribeiras. Destaca-se, porém, o famoso Vale do Acarape, viçoso, sempre verdejante, ponto culminante da vida economica de toda uma vasta região por ele beneficiada.

É nesta terra que vive, pacificamente, um grande povo, cuja história é um permanente hino de louvor e cujas gloriosas tradições outorgam-lhe primorosa legenda diante dos demais municípios do Ceará.

O COLERA-MORBUS FAZ MARTIRES E HERÓIS

Nos idos de 1862, precisamente no dia 5 de abril, manifesta-se, na então Provincia do Ceará Imperial a epidemia do cólera-morbus, cujas consequencias tristes e pavorosas seriam lamentadas pelo próprio Imperador Pedro II.

Governava-nos Manuel Antonio Duarte de Azevedo, homem de poucas palavras e de mais ação. Ao ter conhecimento do fáto, manifestou-se tremenda azáfama em Palácio. Resultadoò o Governador caiu em tremenda enxaqueca. É que as notícias já vinham dos Icós, correndo que o mal se alastrava por toda a província impiedosamente e tão ligeira como o «rastro da luz»...

Foi um deus-nos acuda! Que fazer, se o Ceará não dispunha de meios para debelar a epidemia que nos mandava a Paraíba?

Dia vai, dia vem, ela rugiu impiedosa em Baturité, Maranguape, Pacatuba, penetrando, então, nas terras do antigo Acarape.

Houve, porém, um homem que não tremeu diante da tempestade. Simples, modesto pregador do bem e da verdade, o Padre Angelo Custódio de Castro e Silva, não abandonou o seu rebanho e alí permaneceu firme, inabalável, na azáfama tremenda de salvar aos que podesse.

Mãos à obra, já não dormia mais. Eram tantas as vítimas, e tão parcos os recursos... Ficou, insistiu. Pediram-lhe que se retirasse. Rogaram-lhe que demandasse a outras plagas, como estavam fazendo as melhores familias locais. Não houve, todavia, quem o demovesse.

Acometido do terrível mal, sucumbiu cumprindo, rigorosamente, o dever sagrado que lhe era imposto pela Pátria e pela Religião.

Foi o primeiro grande herói de Redenção. O povo lhe perpetuou a memória, erguendo-lhe, na fralda da serra, a Capelinha de Miguel de Arcanjo, em cujo chão sagrado repousam os restos mortais deste grande homem e notável sacerdote.

VILA E SÉDE DA PARÓQUIA

Célere e ufano corria o ano da Graça de 1868, governando o Ceará Francisco Inácio Marcondes Homem de Mélo, grande no nome e ainda maior nas ações.

Foi nesta quadra que muitas localidades foram elevadas à categoria de vila e, consequentemente, à sédes de municípios. O Ceará estava em pleno apogeu de desenvolvimento administrativo.

Acarape, era, então, uma pequena e brejeira localidade. Dispunha, todavia, de grande população, ordeira e trabalhadora.

Vai daí, ter nascido, em seu seio, a lembrança feliz de tornar-se independente.

O notável Presidente da Província não regateou apláusos à nobre pretenção, pelo que sancionou e promulgou a Lei n. 1.255, de 28 de dezembro do ano referido, isto é, 1868, pelo qual ficava a povoação de Acarape elevada à categoria de Vila e constituido o município livre e independente do de Baturité.

Feliz coincidência: neste mesmo 28 de dezembro de 1868, o Presidente da Província sancionava uma lei autorizando-o a dispender, anualmente, a quantia de 15 mil cruzeiros para a libertação de escravos, de preferencia do sexo feminino!

* * *

Assim elevado a Município, mais fácil lhe foi a conquista de uma vigararia permanente. Dia vai, dia vem, concretiza-se o ideal almejado.

Assim elevado a município mais fácil É que o poder civil, pela lei n. 1.242, de 5 de dezembro de 1868, havia criado a freguesia, com o território desmembrado da de Baturité.

Coube, assim, ao nosso primeiro Bispo, Dom Luís Antonio dos Santos, Marquês de Monte Pascoal e de saudosa memória, instituir canonicamente a paróquia, o que fez por provisão datada de 24 de agosto de 1869, ano seguinte ao da criação do município.

Estava, destarte, a terra heróica, livre para o sseus grandes destinos.

A QUESTÃO COM O ENG. PINKAS

Corria o ano de 1879. Um fato de grande importancia para a vida da comunidade redencionista iria verificar-se nos meados desta data. A alegria do povo era visível em todo instante. Só se falava nisto. Mais alguns dias, ali estaria o bichão de caldeira fervendo... O trem para chegar, faltavam apenas horas.

Carlos Alberto Morsing era o Diretor da Estrada de Ferro Baturié que, então, estava penetrando os sertões. Homem um tanto quanto impertinente, não ouvia muito as queixas das partes, como não ouviu do povo de Redenção. E o resultado foi este:

Por isso ou por aquilo o Engenheiro Julius Pinkas, um dos construtores das linhas ferroviarias andou se intrigando com o povo do então Acarape, hoje Redenção. A estrada teria de passar por lá, e aquela gente boa, aguardava a nova anciosamente, com muita justiça.

Pois, não é que o homem, raivoso e violento, desviou a estrada, fazendo a parada no então lugarejo Cala-Boca?

A verdade é que, aos 20 de setembro de 1879, lá se foi a estação inaugurada sem foguetorio e sem discurso!...

Foi o diabo, aquela intriga temerosa...

PORQUE ROSAL DA LIBERDADE

De um a outro extremo, o País era sacudido pelas ideias de libertação da raça negra.

No Rio, sucediam-se as manifestações em prol da abolição. Dias cheios de encanto. Quadra magnifica em que se projetaram grandes vultos da cultura e do jornalismo brasileiro.

Homens, cujos nomes, evocam um mundo de ideias peregrinas e luminosas: Patrocínio, o grande tribuno, o verbo transformado em luz, iluminando um século; Ruy, o apóstolo sublime da liberdade, traçando artigos imortais; Nabuco, o parlamentar completo, integro, esplendente de cultura, e tantos outros,

como este admirável Paula Ney, honra e glória do Ceará, na quadra épica da história nacional, fizeram estremecer o trono e sacudir uma Pátria !

Foi, assim, quando mais alto subia a cultura do Brasil, que o Ceará transformou-se no pioneiro da grande campanha. Terra de vida adversa, martirizada e com alma chagada pela inclemencia das sêcas, nela brotou com impeto e bravura inexcediveis o amor pela libertação da raça escrava.

Foi, todavia, numa modesta localidade do Ceará que os grilhões do escravagismo receberam o primeiro revez.

A data aí está, como um relicário de fé e brazão de um povo: 1.º de janeiro de 1885. O Cenário: Acarape, com muita justiça aclamada Redenção, nome de que se orgulha, e de que se ufana, com justo título de glória.

Fôra o primeiro município do Brasil a libertar os escravos e a ouvir, sentir e viver o verbo divino de José do Patrocínio, um dos maiores homens do Brasil !

Bem merecida a frase feliz : Rosal da Liberdade !

EM NOSSOS DIAS

Terra assim, de tão gloriosas tradições, é terra sagrada e infeliz do povo que não a tingir de nódoa.

Em 1933, desejaram ferir a integridade do território de Redenção, contra o fato levantando-se a comunidade local que teve, no então Centro Redencionista de Fortaleza, um dos grandes defensores. Desejava-se terras para Baturité e para Aracoiaba e estas deveriam sair das fronteiras redencionistas. Foi um Deus-nos-acuda a luta tremenda. Mas houve vitoria, plena e esplendente. A terra era sagrada, ali não se podia tocar.

Ontem como hoje, assim deve ser resguardada a unidade territorial, em cujas entranhas está o passado, o presente e o porvir.

Nos dias que correm, é cidade progressista, já com ares de urbe moderna, pavimentada, com avenida vistosa, residencias de melhor porte, vias de transporte que lhes assegurarão a prosperidade econômica e, ainda mais, tendo a dominar-lhe a alma aquele obelisco, que sinaliza o seu feito glorioso e o seu destino imortal.

Urge, assim, que a Associação dos Filhos e Amigos de Redenção tudo envide para que o município se conserve sempre o mesmo, pois, como outróra deve lhe sevir de lema a máxima do Centro Redencionista: Só queremos o que é nosso: a terra, a tradição, a luz e os campos sem fim'.

FILHOS ILUSTRES

Ressaltem-se alguns filhos ilustres desta nobre terra: Otacílio Azevedo, um grande talento artístico, poeta de fino sentimento; Professor Antonio Ferreira dos Santos, uma das culturas mais eruditas que o Ceará já possuiu; João Perboyre e Silva, jornalista primosoro, professor e homem de bem; Edmilson Barros de Oliveira, médico ilustre, profundamente humanitário, moço, de cultura e de fino trato; e muitos outros que honraram no passado e que honram, no presente, a terra em que nasceram.

RUSSAS

CHAMOU-SE VILA DE SÃO BERNARDO DO GOVERNADOR

A DEMARCAÇÃO DE SOARES REIMÃO INICIOU O POVOAMENTO — DEPOIS DE SÃO JOÃO DO JAGUARIBE, FOI O PRIMEIRO LUGAREJO DO FAMÔSO VALE — COUBE AO OUVIDOR RADEMAKER INSTALAR A VILA — TOQUE DE SINO E PREGÃO DE MEIRINHO . . . — 30 ÍNDIOS TRABALHARAM NA IGREJA SECULAR — JÁ DEU UM MINISTRO, UM BISPO PARA SÃO PAULO E UM GOVERNADOR — A TRANSNORDESTINA — NOS DIAS QUE CORREM

RUSSAS é uma das cidades antigas do Ceará. Em 1959 completará cem anos, pois foi elevada a esta categoria administrativa aos 9 de agosto desse ano, isto pela lei n. 900, no Governo de João Marcelino Nunes Gonçalves.

Ressalte-se, porém, que no centro da urbe moderna, de hoje, já se ergue o marco centenário comemorativo da fundação da Vila, e consequentemente do município, visto como foi este constituido aos 15 de julho de 1801 e instalado, solenemente, aos 6 de agosto do mesmo ano.

Terra de gloriosas tradições, demorando na vasta planicie jaguaribana, os seus cam-

pos sem fim, com o flabelar constante dos seus carnaubais, ofecere-nos uma linda paisagem natural, notadamente nas quadras dos bons invernos.

A cidade, propriamente dita, após a construção da rodovia transnordestina tomou impressionante surto de progresso, pelo que, atualmente, é uma das principais do Estado, com as suas ruas bem pavimentadas, boa iluminação, algumas residencias de melhor porte, colégios, ginásios, hospitais, postos de saúde, bonitas igrejas, movimentado comércio e vida social intensa.

A sua história vem dos princípios da primeira década do século dezoito, sendo assim, depois de São João do Jaguaribe, o primeiro núcleo de população organizada de todo o famoso vale do Jaguaribe.

AS DEMARCAÇÕES DE 1707

O povoamento efetivo da zona jaguaribana, aonde hoje se ergue a cidade de Russas, data, precisamente, de 1707. Cristovam Soares Reimão, nesta longinqua época, iniciou a demarcação das terras, conclamando, ainda, aos novos posseiros que se apossassem de suas terras, bastando para isto nelas por gado famoso. Além do mais, lançou um imposto de dez tostões por gleba. Como medida de maior expressão, tomou de terras concedidas, por sesmaria, a Gregorio Gracisman Abreu, meia legua de terreno, bom e plano, destinado à residencia do pároco. Ato contínuo, manda erigir capela, para o que mandou vir da Fortaleza, 30 indios mansos e trabalhadores que se encarregariam de levantar o paredame da dita Igreja.

Já em 1735, povoado florescente, com casario de beira e bica, paredame de tapume, chão de barro batido, em forma de quadro, contava com algumas centenas de moradores, na sua totalidade proprietários de sítios estabelecidos nas varzeas e ribeiras adjacentes do arraial.

É nesse mesmo ano que é criada a freguesia local, desmembrada da do Aquiraz, por Provisão do Bispo de Pernambuco, datada de 11 de março.

Em princípio houve questão no que se referia as terras concedidas como partrimonio para a nova vigararia, visto como a demarcação de 1707 ainda contava com herdeiros vivos. Dia vai, dia vem, 1745 tudo ficou em pratos limpos, visto como Matias Ferreira da Costa, genro de Gracisman, por escritura lavrada aos 2 de setembro daquele ano, resolve oferecer, sem mais entraves, a dita terra para formar o patrimonio definitivo de Nossa Senhora do Rosário, padroeira de Russas.

Estava, assim, definitivamente, formada a nova localidade.

A INSTALAÇÃO DA VILA

Conta-nos Benedito Augusto dos Santos, historiador de algumas cidades e vilas jaguaribanas, pai do escritor Berí Carvalho, e de saudosa memória, que aos 12 de setembro de 1798, os moradores de Russas fizeram longa representação ao Governador de Pernambuco, solicitando-lhe fosse criada ali uma Vila, em substituição ao próspero povoado.

Em 1799, por ordem datada de 16 de maio, o pedido é atendido pelo Governador pernambucano, que envia correspondencia ao Ouvidor Geral do Ceará, no sentido de tornar efetiva a Resolução. À novel Vila devia ser dada o nome de Vila de Santo Antonio do Ouvidor.

Com a separação da Capitania do Ceará da de Pernambuco, somente em 1801, Bernardo Manuel de Vasconcelos resolve por em prática a aspiração maior dos russanos daquele tempo. Para tanto, deu ordens ao Ouvidor Dr. Manuel Leocadio Rademaker para tomar as providencias cabíveis. Vem, daí, a derrama para custear as despesas. Isto posto, é afixado o Edital, por Rademaker, assinado e datado de Aracatí, aos 14 de julho de 1801, marcando o dia 2 de agosto para o ato solene de ereção do povoado à categoria de Vila.

Isto, todavia, só efetivou-se aos 6 de agosto de 1801. O ato foi solenissimo e precedido pelo toque de sino e pregão do meirinho, cerimoniais indispensáveis naqueles dias idos e vividos. Procedeu-se, em seguida, a eleição para os dirigentes da nova comunidade.

A denominação, então, dada a Russas de hoje, foi a de Vila de São Bernardo do Governador, em homenagem a Bernardo Manuel de Vasconcelos que, então, dirigia os destinos do Ceará.

Em 1859, quando governava o Ceará Antonio Marcelino Nunes Gonçalves, diante da visível prosperidade do lugar, a Vila foi elevada à categoria de cidade, isto pela lei n. 900, de 9 de agosto de 1859. Nesta oportunidade a sua denominação foi mudada para a de Cidade de São Bernardo das Russas.

Por ocasião do centenário da elevação de Russas à Vila, grandes festejos foram programados e levados a bom termo, deles realçando a ereção de um obelisco, iniciativa do saudoso e brilhante historiador Eusebio de Sousa. A data foi considerada feriado municipal e, pela primeira vez, foi cantado o Hino de São Bernardo das Russas. Era Prefeito José Santiago e Presidente da Camara, João Maciel Pereira.

TERRA DE GRANDES CEARENSES

Russas já deu, ao Ceará, vários filhos ilustres de maior projeção. Dentre outros, citemos os principais: Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, uma das figuras marcantes do clero nacional, de vez que foi Bispo de São Paulo e dos mais proeminentes. Ocupou, tambem, destacada função na vida política do Ceará Imperial, donde adveio-lhe uma cadeira na Assembléia Provincial; Dr. Raul Barbosa, antigo Consultor Geral do Estado, ex-deputado federal, autor de trabalhos jurídicos e atual Governador do Ceará; Conselheiro Manuel Elisiário de Castro Menezes, uma das figuras proeminentes que o Ceará legou ao Império e que foi Ministro do Supremo Tribunal de Justiça; Conego e historiador Agostinho Santiago Lima; Cel. Joaquim José de Souza Sombra, amigo e benfeitor de Maranguape, tendo sido deputado em

várias legislaturas; Dr. João da Cunha Holanda, jornalista e político famoso; Coronel Dr. Manuel Cordeiro Neto, atual Secretário de Segurança Pública e homem público que tem prestado grande soma de serviços ao Ceará; Padre Dr. Raul Vieira, uma das culturas do clero cearense; Dr. Joaquim de Lima Santiago, bacharel que já exerceu vários cargos públicos importantes no Ceará; Dr. Esmeraldo Ramalho Bezerra, advogado e poliglota; Monsenhor João Luís Santiago; Dr. Francisco Assis Perdigão Nogueira, educador no Rio; Dr. Joaquim Moreira de Souza, Diretor de Serviço do Ministério da Educação e homem de cultura; Dr. Joaquim de Castro Meireles, médico ilustre; José Alcoforado, que foi Presidente do Rio Grande do Norte; Manuel Matoso Filho, ex-deputado recentemente falecido; Carlos Barbosa, atual Secretario dos Negocios da Fazenda; e muitos outros que honraram a terra no passado, e que a enobrecem no presente.

A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

Contando, atualmente, com mais de 35.000 habitantes, Russas é, hoje, um dos municípios mais promissores do Ceará. A sua riqueza principal assenta na cultura da cera de carnaúba.

A séde da comunidade é uma grande cidade. Tem contado com bons prefeitos, destacando-se Manuel Matoso Filho, João de Deus e o atual, Raimundo Maciel Pereira, do que lhe advém inúmeros melhoramentos de realce como sejam: instalação de excelente luz elétrica, pavimentação da cidade e serviço de agua, um dos melhores do Estado.

Com a construção da rodovia que nos liga ao Rio de Janeiro e São Paulo, isto é, a Transnordestina—Br—13, a cidade de Russas tomou grande impulso, possuindo, em nossos dias, uma das melhores praças comerciais do Ceará.

Várias obras de grande utilidade foram, recentemente, inauguradas, valendo destaque: Posto de Saúde, Colégio Jaguaribano, Ginásio Imaculada, Hospital de Russas dirigido pelo Dr. Daltro Holanda, Associação Rural e outras instituições de natureza cultural que muito tem concorrido para o progresos local.

SABOEIRO

SURGIU DO FAZENDÃO CARACARÁ

AS SESMARIAS DOADAS POR FONSÊCA JAIME E SALVADOR DA SILVA — NOS SERTÕES DOS INHAMUNS — IGREJA ERGUIDA PELO VISCONDE DO ICÓ — OS FAMOSOS E ILUSTRES FERNANDES VIEIRA — MONTE ARRAIS — A CASA DO UMBUZEIRO, DONDE DESCENDEU WENCESLAU BRAZ, FÉLIX PACHÊCO E MATOS PEIXOTO — PONTIFICOU NO SÉCULO PASSADO — NOMES E BRAZÕES — A DISTANCIA CONSPIRA CONTRA O PROGRESSO

VAMOS tentar tirar do esquecimento uma terra de gloriosas tradições, hoje vitimada pela distância imensa que a separa da Capital do Estado. Referimo-nos à cidade de Saboeiro, situada a mais de quinhentos quilômetros de Fortaleza e séde de um município imenso, cujas terras ferazes, numa extensão de mais de 4.000 quilômetros quadrados, são regadas pelos rios Jucá, Umbuzeiro e Jaguaribe, fatores de colonização desta região sem fim. Outrora, na quadra imperial, pontificou nas lutas políticas, teve dias áureos, por isso que a crônica histórica não poupa, efetivamente, elogios à proeminência que tiveram alguns dos seus grandes filhos, hoje legitimos brazões dos tempos idos e vividos no século. No Ceará, não raro, encontramos cidades assim que decairam ao correr dos anos. Saboeiro é, pois, uma delas. Cremos que para isto concorre, em maior gráu, a distância imensa que a separa, a bem dizer, do resto do mundo. Efetivamente, a Saboeiro, só vai quem tem negócio, e grande. É modesta, ainda não está pavimentada, não tem nenhuma casa de cômodos e o casario data do tempo em que lá pontificavam os Fernandes Vieira.

Habitada por uma gente boa, amável, hospitaleira, digamos com franqueza e com critério, não tem tido sorte com a pública administração, faltando-lhe tudo: desde um Posto de Saúde ao Grupo Escolar. Não há, ali, o menor sinal de uma obra, de uma realização de natureza pública. A realidade e a verdade desta assertiva é profundamente lamentável, mas exáta, nos seus justos termos.

Resta, para salvá-la de completo abando-

no, a bondade de sua gente, a resistência admirável do sertanejo que ali permanence fiel à tradição e amante da gleba.

Uma réstea de luz, muito tênua, clareou de leve a cidadezinha longínqua : esta nova era municipalista, tão mal compreendida, outorgou-lhe uma pequena avenida, perto da Matriz e o atual Prefeito abriu-lhe algumas vias de comunicação. Para trás, nada.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O povoamento da imensa região dos **Inhamuns**, onde está situado Saboeiro, data dos princípios do século dezoito quando foram concedidas algumas datas e sesmarias, pelas quais os pioneiros tomaram posse efetiva da terra onde já se haviam estabelecido ou onde iam ainda se estabelecer.

Aos 4 de junho de 1718, o Capitão-mór da Capitania do Ceará Grande, Manuel da Fonseca Jaime, concedeu a Ventura Rodrigues de Souza e ao seu companheiro Domingos Rodrigues, vasta extensão de terras, boas para plantar e criar, que se situavam nas proximidades da ribeira do Caracará. Aí foi levantada fazenda. É neste local que hoje se ergue a cidade de Saboeiro.

Aos 20 de agosto de 1721, outra sesmaria era concedida, desta vez pelo Capitão-mór Salvador Alves da Silva à Lourenço Alves Feitosa, cujo nome evoca uma das maiores familias do Ceará, tradicional e numerosa, e que, por sinal, foi das mais pioneiras da imensa região que procuramos retratar.

Destes e de outros fatos nasceu o atual município de Saboeiro, cuja existência e criação data dos meiados do século como veremos.

CRONOLOGIA MUNICIPAL

Inicialmente, como acentuam Raimundo Girão e Martins Filho, o município foi criado aos 3 de fevereiro de 1823, tendo, porém, como séde a povoação de São Mateus, hoje Jucás, que foi erecta em Vila.

Anos depois ,já em 1851, pela lei n. 558, de 27 de novembro, a séde municipal vem para Saboeiro, elevada à categoria de Vila e de vigararia.

Em 1856, Francisco Fernandes Vieira, que foi Barão e Visconde do Icó, juntamente com o dr. Manuel Vieira, solicitou licença para a ereção de uma Igreja que viesse a substituir a antiga capelinha, então existente na localidade, recem elevada à Vila.

Somente em 1857 é que teve Padre colado, como acentúa Alvaro Gurgel, no seu Dicionário. Data, mais ou menos, desta época a criação da Comarca de Saboeiro que, anos depois, por lei imperial passou a ter séde no Assaré.

Já na republica, isto é, em 1913, foi extinto o município, sendo, todavia, restaurado em 1914. Em 1928 foi novamente extinto, reconquistando a sua autonomia aos 23 de maio de 1935, por Decreto do então Interventor Federal, Coronel Felipe Moreira Lima. Sómente em 1938 é que foi elevada a Vila à categoria de Cidade, guardando a denominação tradicional de Saboeiro.

Em traços rápidos, é esta a formação política do município.

OS FERNANDES VIEIRA

Eis uma das mais ilustres e famosas famílias do Ceará Imperial. Dela, o mais importante foi, sem dúvida, Francisco Fernandes Vieira, Barão e Visconde de Icó, deputado provincial, em cuja Assembléia só compareceu uma única vez, oficial da Ordem do Cruzeiro e membro do governo provisório. Formou todos os filhos e, de uma feita, reuniu, em Saboeiro, 16 bachareis e padres, seus parentes, filhos e netos !

Nascido no Saboeiro, lá faleceu, em 1862, em pleno fastigio do poder. Era o homem mais rico do Ceará, em sua época, pois as suas terras não tinham fim, e se extendiam de Mombaça até o alto Jaguaribe. Como reminiscência de sua vida gloriosa, lá está, no cemitério de Saboeiro, por nós visitado, o túmulo, todo de mármore róseo, de sua esposa, a Viscondessa do Icó.

Depois veio Miguel Fernandes Vieira, filho do Visconde, homem de história meio-lendária, interessante. Foi Senador do Império e homem de grande projeção na vida política do Ceará. Dele conta-se que indo vender, em tempo de rapaz, 5.000 bois do velho, na feira de Goiania, pegou o dinheiro apurado e comprou rica carruagem com que presenteou Pedro II. Disto, segundo afirmam, veio o titulo de Visconde para Francisco Fernandes, pai. Estróina, homem que não ligava dinheiro, teve vida elegante. Aí temos, para perpetuar-lhe a memória, a Praça Fernandes Vieira.

Os outros Fernandes Vieira foram: José Fernandes Vieira, bacharel e antigo deputado provincial; dr. Manuel Fernandes Vieira; Anibal Fernandes Vieira, João Fernandes Vieira, Afonso Fernandes Vieira, todos formados e todos deputados provinciais.

Esta ilustre familia é o mais belo brazão da velha cidade do Saboeiro, pois de lá provieram, ora por nascimento, ora por serem filhos de saboeirenses, descendentes do velho Fernandes Vieira, Barão e Visconde, homem de mais haveres daqueles saudosos tempos.

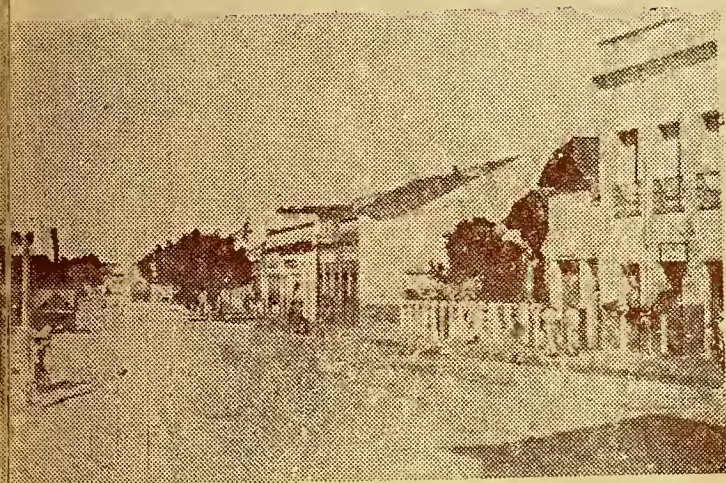
A CASA DO UMBUZEIRO

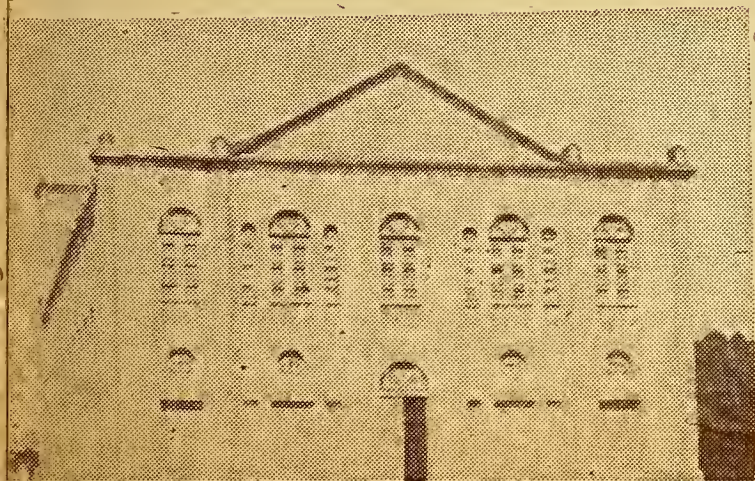
Pouca gente sabe, principalmente da nova geração, que não mais estuda, nem mais ama o passado, que existe em Saboeiro uma casa famosa e celebre, de vez que dela advieram rebentos ilustres do Brasil.

É Leonardo Feitosa quem nos dá noticia desta residência patriarcal, tão conhecida e admirada por Aquiles Arrais.

Pois lá está ainda, a construção centenária, de largas paredes, com velhos gonzos coloniais e fechadura de dois quilos, madeirame de tosco lavramento, mas sob cujo técto viveu, outróra, gente brava e famosa.

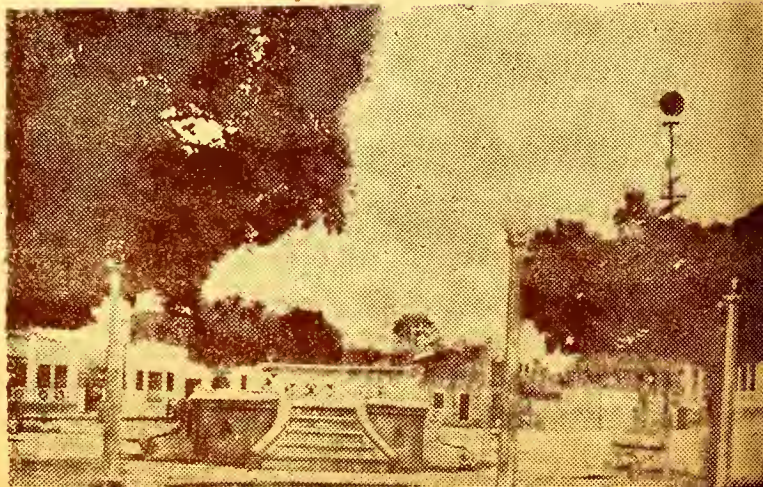
Foi erigida pelo Padre José Bezerra do Vale, isto há mais de duzentos anos ! E, por mais incrivel que pareça, dela descendem nomes de maior projeção nacional, incluindo-se,

RUSSAS — Ginásio Jaguaribano

RUSSAS -- Rua principal

RUSSAS — Igreja de São Sebastião

RUSSAS — Igreja-Matriz

PEREIRO — Matriz secular

PEREIRO - Aspecto da cidade

SANTA CRUZ DO NORTE
Praça principal

entre estes, o Presidente Wenceslau Braz, o imortal jornalista Félix Pacheco e o jurista de notável saber que é o dr. José Carlos de Matos Peixoto !

De lá sairam familias que legaram ao Brasil Generais, Bispos, Senadores e Presidentes de Provincias.

No dominio das letras, a Casa do Umbuzeiro legou ao Ceará e ao Brasil esta figura admirável de homem público e jurista abalizado que é Raimundo Monte Arrais.

Terra assim, com tradição tão nobre e tão elevada, faz pena até viver completa e totalmente esquecida pelos governos.

EM NOSSOS DIAS

Em Saboeiro ainda nasceram, entre outros: Padre Manuel Vieira, antigo Capelão da Santa Casa do Rio; Padre Godofredo Candido dos Santos; Monsenhor Manuel Candido dos Santos, uma das figuras mais proeminentes do clero do Ceará; Padre Ladislau Vieira; Dr. Gonçalo Fernandes Bastos, jornalista primoroso e muitos outros.

Hoje, já não mais despontam culturas assim tão elevadas. Talvez, como acentuámos de inicio, conspire contra este município a distância que, quando longínqua, é fator de esquecimento.

Todavia, talvez não seja em vão um apelo aos atuais lideres e dirigentes de Saboeiro : Manuelito Candido dos Santos, seu atual Prefeito e homem de bem; Sinfrônio Braga, prestigioso chefe politico local e ex-dirigente da comunidade; Armando Feitosa, tambem chefe politico e ex-prefeito e Joaquim Feitosa. Apelo este no sentido de que envidem esforços para que Saboeiro retome a sua antiga estrada de glória, de esplendor, outrora palmilhada com altivez e bravura, por isso que ocupou função de grande destaque na politica e na administração do Ceará, tendo, assim, se transformado num centro de febril e proveitosa atividade naquela recuada e doirada quadra imperial.

SANTANA DO ACARAÚ

CIDADE FUNDADA PELO PADRE ANTONIO DOS SANTOS

O MUNICÍPIO — OLHO D'AGUA E CURRAL VELHO — POLÍTICA TREMENDA EM 1860 — A CASA DE CARIDADE — CRONOLOGIA — OS FILOMENOS GOMES — TERRA DE GENTE ILUSTRE — EM NOSSOS DIAS

O MUNICÍCIO de Santana do Acaraú, que já se chamou tambem de Licânia, tem uma área de 2.352 quilômetros quadrados, sendo, assim, uma das comunidades médias do nosso Estado.

Recentemente, a lei n. 1.153, de 1951 desanexou-lhe vasto território que se constituiu no município de Marco. No entretanto este diploma legal ainda não entrou em execução, razão por que Marco continua sendo florescente Vila de Santana.

Demorando nas excelentes terras que ficam à margem do rio Acaraú, nos oferece expressivo índice de produção agrícola, notadamente na época dos bons invernos.

Possui bons carnaubais que lhes asseguram vida econômica e independencia rural.

Com uma população superior 32.000 habitantes, ressente-se da falta de meios de comunicação, de vez que ainda não possui uma estrada que ligue a cidade às sédes municipais vizinhas, notadamente Sobral.

É município que tem vivido por sí próprio, pouco ou quase nada tendo recebido, até agora, dos poderes estadual e federal. O que possui, em obras públicas, é obra exclusiva das administrações municipais.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O povoamento do município de Santana do Acaraú data, mais ou menos, da mesma época em que se povoaram os mais antigos municípios do Ceará.

Antonio Bezerra de Menezes acentua, nas suas «Notas de Viagem», que enquanto se formavam as povoações de Aquiraz e Fortaleza, Licânia principiava os seus primeiros dias de existência. Isto posto, em 1684 eram confirmadas sesmarias concedidas à Manuel de Góes, um dos primeiros moradores da famosa ribeira do Acaraú, a cujo Curato pertencia Santana, e em cujas cercânias iria, anos depois, surgir a cidade de hoje.

Tanto é assim que, em 1733, tendo vindo para a antiga Caiçara, hoje Sobral, o Padre Antonio dos Santos Silveira, resolveu o mesmo ir sentar moradia no lugar denominado Curral Velho, em terras que adquirira de Antonio de Sá Barroso e Sebastião de Sá.

Verificando a excelência e a feracidade da ribeira, o Padre Antonio dos Santos, mais que depressa, resolve solicitar licença para a ereção de uma capela, sob a invocação de N. S. Santana do Olho d'agua e das Almas.

Mãos à obra, em pouco tempo, estava construido o pequeno templo, em local plano e que oferecia bela vista.

Aos 19 de agosto de 1739, procedeu-se a benção solene das imagens de Cristo, Sant'Ana, São Joaquim e Santa Rita. À cerimonia compareceu gente de toda a ribeira. Dia seguinte, é celebrada a primeira missa, tudo de acordo com licença prévia concedida pelo Vigário Geral da Capitania, então sediado na Vila de Ribamar, hoje Aquiraz.

Dia vai, dia vem, lá se foi formando o arruado em torno da capela. Anos mais tarde, já povoado florescente, Santana do Acaraú marchava para as datas festivas que formariam, em definitivo, a sua história.

O MISSIONÁRIO TROUXE A PAZ

Corria o ano da Graça de 1862. Santana do Acaraú vivia dias agitados. Fervia a política local, dirigida pelos partidos Conservador e Liberal. A coisa estava engrossando e o pequeno povoado assistia, quase diariamente fatos desprimorosos. A luta já ia acirrada quando aparece a figura impressionante do famoso missionário Padre Dr. José Antonio Pereira Ibiapina. Foi agua na fervura.

O lugarejo embandeirou-se todo. Veio gente de toda parte ouvir a pregação que se tornou inesquecível. Manso, sereno, o apóstolo foi desarmando os espíritos e os convocando para uma pacificação geral.

Não chegou ao terceiro sermão, as lutas desapareceram. Todos formaram em torno da figura marcante do pregador emérito e festejado.

Isto feito, conclamou os santanenses para a ereção de uma Casa de Caridade a que, ele próprio, deu início aos 22 de novembro de 1862. Não faltou gente para ajudar a construção da obra formidável. Um oferecia tijolos, outro telha, outra lá se vinha com a cal e assim por diante.

O certo é que, meses depois, isto é, aos 2 de fevereiro de 1863 a Casa de Caridade de Santana estava terminada. Prédio imenso, tem 15 portas de frente e ainda hoje lá está atestando um passado glorioso. É uma das relíquias da terra hospitaleira.

Erigindo uma obra importante, destinada à orfandade e à educação, o missionário conseguira, ao mesmo tempo, por abaixo uma luta que se esperava, como certo, de lastimáveis consequências.

CRONOLOGIA

Em 1862 governava o Ceará, Manuel Antonio Duarte de Azevedo. É neste ano que os santanenses se movimentam no sentido de conseguirem a independência política e, consequentemente, a elevação da povoação à categoria de Vila.

Efetivamente, conseguiram o almejado aos 3 de novembro de 1862, de acordo com a lei n. 1.012.

Passados alguns anos, isto é, aos 30 de agosto de 1876, a Vila é elevada à categoria de cidade, isto pela lei n. 1.740, no governo provincial de Francisco de Faria Lemos.

FIGURAS ILUSTRES

Santana do Acaraú já deu grandes filhos ao Ceará. Dentre êstes, devemos destacar os seguintes:

João Cordeiro, figura proeminente da abolição no Ceará e um dos mais destacados homens públicos do Estado. Foi deputado, Senador e Presidente do Estado; José Mariano Cavalcante de Albuquerque, que dirigiu os destinos das provincias do Ceará, Sergipe e Santa Catarina, tendo sido, tambem, deputado geral; Dr. Francisco Ponte, deputado estadual e ex-Presidente da Assembléia Legislativa, conceituado tabelião de Fortaleza e vulto marcante da política cearense; Dr. Jesé Aires de Souza, grande engenheiro, com projeção nacional; Dr. Antônio Filomeno Gomes, médico ilustre e professor emérito; Cel. Francisco Filomeno Ferreira Gomes, foi grande industrial e deixou família ilustre e numerosa; Dr. José Deusdedit de Vasconcelos, médico ilustre; Dr. Epaminondas da Frota, engenheiro formado nos Estados Unidos; Padre João Augusto da Frota, primoroso orador e grande cultura; Dr. José Osvaldo Soares, médiso conceituado; Dr. José Mendes Pereira de Vasconcelos, abolicionista, orador brilhante, deputado e senador da República; Manuel Joaquim de Souza Vasconceles, um dos mais prestigiosos chefes politicos do município; Professor José de Arimatéia Cisne; Padre José Juvêncio de Andrade e outros.

EM NOSSOS DIAS

A cidade de Santana do Acaraú é, em nossos dias, uma das melhores de toda a zona norte do Estado. As suas ruas são pavimentadas a paralelepipedo. Possui praças bonitas e bem iluminados. Notam-se alguns prédios importantes, dentre os quais o edifício da Igreja-Matriz, muito amplo, muito bem cuidado; a séde da municipalidade, a Casa de Caridade, o Grupo Escolar Rural e várias residências em estilo moderno, revelando conforto.

Gente afável, acolhedora mesmo, vive em paz todo o município.

A comunidade é dirigida pelo Prefeito José Osmar Carneiro, operoso, bom administrador e rapaz de fina educação.

É lastimável que falte, a esta progressista cidade, uma rodovia que a ligue aos centros mais importantes que lhes são limítrofes. Todavia, mesmo assim, esquecida pelos governos, é terra que progride a olhos vistos.

SANTANA DO CARIRÍ

JÁ SE CHAMOU DE BREJO GRANDE

CONFIGURAÇÃO GEOGRÁFICA — CRONOLOGIA — VIGÁRIO ASSASSINADO — POLÍTICA AGITADA — EM NOSSOS DIAS — ABASTECIMENTO D'AGUA

O MUNICÍPIO de Santana do Carirí, até bem pouco tempo chamado de Santanópole, está situado na zona sul do Estado, possuindo terras de sertão e de serra. Tem 1.405 quilômetros quadrados e uma população superior a vinte e cinco mil habitantes.

Conta com três Vilas florescentes que são: Brejo Santo, Araponga e Nova Olinda. A séde municipal demora no sopé da serrania do Araripe, sendo encantadoras as paisagens naturais que a contornam.

Durante muitos anos, Santana do Carirí não teve o mais leve sinal de progresso. Todavia, nestes dois últimos lustros a cidade vem apresentando visíveis sinais de melhoria, quer pela construção de casaria de melhor porte, quer pela ereção de edifícios públicos tais como o da Prefeitura, um dos melhores do Estado e que foi obra do Capitão Plácido, terminada pelo atual Prefeito, Cicinato Furtado Leite.

O município é produtor, em alta escala de cereais, algodão e cana de açucar. Ultimamente, lá vamos encontrar os maiores roçados de milho do interior do Estado. As terras são excelentes e os seus habitantes muito operosos, donde advem, com bons invernos, vida farta e feliz.

CRONOLOGIA

O município de Santana do Carirí é relativamente novo. A sua criação data de 25 de novembro de 1885, época em que a antiga povoação de Santana do Brejo Grande foi elevada à categoria de Vila.

Ao correr do tempo foi também chamado de Santana do Araripe e, recentemente, isto é, em 1938, a lei n. 448 deu-lhe a denominação de Santanopole que veio abaixo, agora, em 1951, de acôrdo com a nova divisão administrativa do Ceará, passando a chamar-se de Santana do Carirí.

A sua denominação primitiva era a de Brejo Grande, por estar, a então pequena povoação, localizada exatamente à margem do rio deste nome. É cidade desde 1938.

FREGUESIA AGITADA

A freguesia de Santana do Carirí foi criada com a denominação de Freguesia de Santana do Brejo Grande, Araripe e Assaré, aos 26 de agosto de 1838. O seu primeiro vigário foi o Padre José Galdino Teixeira.

A esta época, Santana ainda não era nem Vila. No entretanto era povoação florescente e das mais movimentadas da região.

Por isso ou por aquilo, o Pe. Galdino foi assassinado. Foi um deus-nos-acuda ! Uma das consequências foi Santana deixar de ser a séde da paróquia que passou a ter vigararia em Assaré.

Em 1886 um fato excepcional registra-se no antigo Brejo Grande. Então já erecta em Vila, séde de município, Santana recebe, entre as maiores demonstrações de estima e alegria a visita de Dom Joaquim José Vieira. Houve sessão solene na Câmara da Vereança e o povo solicitou, então, que Santana voltasse a ser séde de paróquia. Atendendo a solicitação, Dom Joaquim ordenou que o vigário viésse residir em Santana, erigindo a capela em Matriz.

Em 1893 assumiu o vicariato local o Padre Inácio de Moura que foi quem mandou derrubar a antiga capela e, no mesmo local, mandou erguer belo templo, a atual Matriz, só terminada, aliás, anos depois, pelo Padre Silvano de Souza, em 1915. Hoje, é vigário o Padre Cristiano Coelho.

POLÍTICA AGITADA

Duas coisas concorreram, até certo ponto, para que Santana do Carirí não desfrutasse, hoje, do justo título de ser uma das melhores cidades do Ceará: a política agitada dos anos passados e a falta de estradas.

Embora a natureza tenha dotado esta terra de todos os fatores indispensáveis ao desenvolvimento de uma civilização farta e progressista, Santanopole, somente agora vem participar, efetivamente, do surto de progresso que domina algumas cidades do interior do Estado.

Registram os livros de crônicas históricas que Santana, até bem pouco tempo, era um centro de política estreita, agitada, mesquinha.

Basta ver que, mais ou menos em 1927, fatos lamentáveis aí ocorreram, dos quais resultaram sérios conflitos a bala. Foi preciso que o Dr. José Pires de Carvalho, então chefe de polícia, tomasse medidas sérias afim de que a cidade voltasse à calma e ao desarmamento geral dos espíritos envolvidos em ódios tremendos.

Já agora, em 1936, por ocasião de uma eleição muito agitada, foi barbaramente assassinado o Cel. Felinto da Cruz Neves, homem de marcante projeção não só na vila do mu-

nicípio, como também na da política do Estado. Foi prefeito e chefe de grande prestígio.

Durante alguns anos o município viveu em paz. Há cerca de três anos, porém, a política tornou a abalar a vida municipal quando era assassinado o Capitão Plácido, prefeito do município, na cidade do Crato. Foi uma emboscada infamante para os nossos foros de civilização. Ainda hoje o matador não foi encontrado. Afirmam que foi pago para isto e matou o Capitão por volta de 7 horas da noite, numa escada, numa traição degradante.

Estes e outros fatos políticos tem concorrido para que Santana do Carirí não prospere como merece o seu laborioso povo.

O outro fator de carência da vida municipal está em que a cidade é quase isolada do resto do mundo. Não possui ainda ligações rodoviárias, em condições técnicas favoráveis, para os centros comerciais, visinhos, e de maior expressão.

EM NOSSOS DIAS

Como já acentuámos, Santana do Carirí é um município que possui terras ferazes e que se prestam, admiravelmente, para o labor agrícola em larga escala. Isto posto, o atual Prefeito Cicinato Furtado Leite não tem poupado esforços no sentido de fomentar o plantio em escala até então nunca vista em toda a região. Faz gosto a gente admirar os roçados de Santanopole, por isso que são os mais vastos de todo o Ceará. A produção de milho deste município é qualquer coisa de impressionante. E, aos poderes públicos federal e estadual, através de suas repartições de fomento, cabe estimular ainda mais a gente tão laboriosa.

Um fato, tam' ém, digno de nota é o de que a Prefeitura de Santana do Carirí é a única no interior do Estado que dispõe de maquinaria apropriada para o seu serviço de contabilidade e escrita. Neste tocante, é perfeito o seu serviço.

As vilas já estão ligadas por estradas à séde municipal e nelas já se notam algumas melhorias por parte da administração municipal.

A cidade já nos apresenta um aspecto melhor, sendo digno de registro o fato de terem desaparecido, quase por completo, as inimizades tão prejudiciais ao progresso da gleba e à paz dos seus habitantes.

Já agora vai ser instalado o serviço dágua na urbe, devendo ressaltar-se que foi o primeiro despachado pelo Governo Federal dado os esforços do brilhante deputado federal Adail Barreto Cavalcante, moço de valor e que obteve grande votação em Santana.

SANTA CRUZ DO NORTE

MUNICIPIO CRIADO EM 1922, CHAMOU-SE RERIUTABA

EM 1893, PEQUENO ARRAIAL — A VIA FÉRREA — FILHOS ILUSTRES — OUTRAS NOTAS

O MUNICÍPIO de Santa Cruz do Norte tem teritório relativamente pequeno, pois mede, apenas, 755 quilômetros quadrados, ou seja, 0,49 em relação à extensão territorial do Estado.

Tem pouco mais de 30 anos de existência e foi extinto em 1931, sendo, todavia, restaurado no governo do Coronel Felipe Moreira Lima, isto aos 3 de maio de 1935.

Até 1893 não passava de um pequeno arraial. Com a inauguração da via-ferrea, ocorrida a 1.º de dezembro deste ano de 93, é que a localidade tomou ares de progresso, alcançando, em 1938, os foros de cidade.

Com uma população superior a 20.000 habitantes, o município, nas quadras dos bons invernos, tem vida farta em virtude da fertilidade de suas terras e do elevado índice de trabalho que nos é oferecido pelo seu povo bom e ordeiro.

A séde municipal somente nestes últimos anos tem tido algum progresso. Notam-se algumas residencias de melhor porte na cidade, devendo serem ressaltados os edifícios da Municipalidade, da Casa Paroquial e da Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cuja construção data de 1912, atualmente em ampliação.

FILHOS ILUSTRES

Santa Cruz do Norte já deu alguns filhos ilustres ao Ceará. Dentre outros, ressaltemos os que são do nosso conhecimento: — Dr. Raimundo Aristides Ribeiro, professor, advogado, ex-deputado à Assembléia Constituinte e Legislativa, onde teve brilhante atuação e figura de destaque do Partido de Representação Popular; Padre Francisco Austregésilo Mesquita; Dr. Osvaldo Honório Lemos, atual Presidente da Câmara Municipal, moço de excelentes predicados morais; Dr. Vicente Mesquita, engenheiro civil; Dr. Afonso Mesquita, médico; Dr. José Mesquita; Dr. Valdemiro Lira, advogado e representante do Ministério Público em Tauá; Dr. Nestor Mesquita, médico.

Entre os líderes locais, valem ressaltados: Luis Taumaturgo, alto comerciante e que foi

excelente Prefeito; Raimundo de Castro, atual dirigente da municipalidade; Aderson Uchôa, tabelião muito estimado; Cel. Raimundo Rodrigues, chefe político de grande prestígio, Alfredo Silvano Gomes e José Ximenes Prado.

OUTRAS NOTAS

No dia 13 de dezembro de 1936 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com séde em Santa Cruz do Norte. Inaugurou-a o Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, a cuja diocese pertence o vicariato.

Foi um dos seus primeiros vigários o Padre José A. Cordeiro. Atualmente dirige a comunidade religiosa o Padre Otacílio Carneiro de Vasconcelos, vigário muito estimado em todo o paroquiato.

Quem visita esta cidade fica decepcionado com um fato: a Igreja-Matriz sendo muito pequena mereceu que se começasse um serviço de ampliação. Embora já bem adiantado o serviço, está parado. Não seria o caso da municipalidade auxiliar a construção do templo? Várias cidades do interior tiveram os seus templos construidos, ampliados, melhorados com a ajuda do poder público.

* * *

Demorando na zona norte do Estado, nas proximidades do sopé da serrania da Ibiapaba, Santa Cruz do Norte, município criado pela lei n. 2.056 de 1.º de novembro de 1922, devia ser uma das unidades municipais mais progressistas da região.

Produzindo em larga escala cereais, tendo boa população pecuária, algumas indústrias locais, das quais se destaca a de artefatos de palha de carnaúba, como chapéus, surrões, bolsas, etc., a cidade já devia nos oferecer melhor índice de desenvolvimento, notadamente agora quando o governo federal beneficia a comunidade com rendas anuais superiores a um meio milhão de cruzeiros.

Não possui um Posto de Saúde, um Grupo Escolar, as suas ruas não são todas pavimentadas, não nos apresenta uma praça moderna, um jardim de melhor porte, razão porque lançamos um apêlo aos seus dirigentes no sentido de que envidem o melhor dos seus esforços afim de dotar esta terra, de gente tão boa e acolhedora, de obras públicas indispensáveis ao desenvolvimento local.

SANTA QUITÉRIA

PÁTRIA DOS SENADORES POMPEU E CATUNDA

O PIONEIRO JOÃO PINTO DE MESQUITA SOUZA — A IGREJA E A FORMAÇÃO DO POVOADO DE SANTA QUITÉRIA — CRONOLOGIA — O ROUBO QUE DEU EM FIASCO... — AVOANTES A 12 CRUZEIROS O MILHEIRO — A CASA DO SENADOR — FILHOS NOTÁVEIS NO DOMÍNIO DAS LÊTRAS E DA POLÍTICA — NOS DIAS QUE CORREM

O MUNICÍPIO de Santa Quitéria é um dos maiores do Estado em extensão territorial, de vez que conta com 4.489, nele florescendo, além da séde municipal, cidade que tem se transformado nestes últimos anos, quatro Vilas que são de Batoque, Catunda, Macaraú e Trapiá.

Tem população superior a 30.000 habitantes. O seu povo vive do labor agrícola e pastoril, apresentando, todavia, bom comércio na cidade de Santa Quitéria.

Está encravado nos sertões e goza do privilégio de possuir terras que se prestam otimamente para o estabelecimento de grandes fazendas, donde advem a sua riqueza pastoril e a tradição de possuir propriedades rurais famosas.

Em seu seio, mesmo no centro do território municipal estão as ribeiras de inúmeros riachos que desaguam no valente rio Groairas e a cidade é beneficiada pelas aguas do Jacurutú.

Terra de gente ilustre, povo tradicionalmente pacífico e amável vale recordadas algumas passagens de sua história.

O PIONEIRO JOÃO PINTO

O território do município principiou a ser povoado quando das concessões feitas pelos capitães-móres. Assim é que vamos encontrar no volume 12 — Datas e Sesmarias, terras concedidas, em 1731 a Domingos Machado Freire, isto à margem do Rio Groairas. Depois vieram sesmarias concedidas a Antonio Pinto de Macedo, às margens do Jacurutú, assinadas pelo Governador Manuel Inácio de Sampaio, já em 1814, conforme conta do

volume 9.º da coleção «Datas e Sesmarias», mandada editar pelo Governo do Estado.

Acidade de Santa Quitéria, no entretanto teve a sua fundação levada a bom termo pelo famoso português João Pinto de Mesquita Souza.

Homem bravo como as armas, João Pinto situou fazenda de criar, no logar a onde hoje se ergue a cidade, a que deu o nome de Cascavel.

Profundo conhecedor das coisas do sertão, o pioneiro cede terras a novos povoadores, estabelecendo, todavia, uma condição: os seus filhos teriam direito a levantar casas nestas terras.

Isto potso, dia vai, dia vem, lá se foi formando pequeno arraial. O Capitão-mór Antonio Pinto, filho de João Pinto de Mesquita e Souza, faz doação de vasta porção de terras destinada a formar o patrimonio de uma capelania.

Mais alguns anos, com bons invernos, lá estava erguida a capelinha sob a invocação de Santa Quitéria e cujos últimos trabalhos foram realizados pelo Padre Miguel Francisco de Oliveira.

Erigido o templo, fácil, foi, daí por diante, a prosperidade local, notadamente por distar mais de vinte léguas da Capela de Caiçaras, hoje Sobral.

Eis, em traços rápidos, a fundação da atual cidade de Santa Quitéria.

CRONOLOGIA

Em primeiro lugar veio a criação do paroquiato. A Matriz de Sobral, sob cuja tutela estava a capela de Santa Quitéria, distava, como acentuámos acima, 20 longas leguas desta localidade. Disto surgiu grande movimento no seio dos sentaquiterenses no sentido de ser criada uma freguesia.

Em 1816 esta solicitação foi encaminhada a Inácio Sampaio. Concretizou-se somente em 1823, de acôrdo com Alvará Imperial, datado de 22 de março do mesmo ano e que criando a freguesia de Santa Quitéria, separava o território da de Sobral.

Anos depois, a Freguesia foi transferida para Santana, mas em 1853 volta a ter a sua séde na povoação de Santa Quitéria, sendo, então, nesta segunda fase, o seu primeiro vigário o Padre Francisco Gomes Parente.

Hoje, tem como vigário o Padre Luiz Ximenes Aragão, sacerdote a quem muito deve a organização paroquial local, dada a sua inteligencia e labor.

A Igreja-Matriz é um belo templo, vasto e bem cuidado, sendo, por isso mesmo, uma das melhores de toda a zona norte do Estado.

* * *

A criação do município data do Governo de Francisco Xavier Pais Barreto, posto que eréto aos 27 de agosto de 1856, de acordo com a lei n. 782. A povoação, foi, nesta oportunidade elevada à categoria de Vila com a denominação de Santa Quitéria, honrando, destarte, o nome tradicional da localidade.

Somente em 1938, de acordo com o Decreto n. 448, de 20 de dezembro é que conquistou os foros de cidade.

Pelo visto, estamos apenas a dois anos do centenário da fundação do município.

FATOS E COMENTÁRIOS

Santa Quitéria dista nada menos de 200 quilômetros de Fortaleza, em linha réta. Sertão apenas servido pelas antigas estradas reais daqueles longínquios tempos, foi teatro de fatos tremendos, como nos relata Antônio Bezerra de Menezes nas suas «Notas de Viagem».

Certa feita o vilarejo foi visto em medonha algazarra. Era uma azáfama tremenda. Que foi, que não foi, perguntavam os curiosos . . . Resumamos :

Um grupo de homens valentes, da família Ferro havia invadido Santa Quitéria para roubar uma linda moça por quem um deles se apaixonára. Foi os diabos. Os homens vinham armados até os dentes ! No minuto supremo, surgem os Pintos. E a lenga-lenga começou: vai, não vai . . . O certo é que os Ferro resolveram não mais levar a deusa de um deles, e lá se foram, estrada afóra, em tremendo fiasco . . .

* * *

Outra feita, isto em 1824, a coisa foi mais preta ainda. A cidadesinha foi, por graça de Deus avisada em tempo. Aproximava-se um grupo de bandoleiros para roubar as principais residencias. Foi um deus-nos-acuda. Zoadão danada e o povaréu a se entrincheirar por detrás das grossas paredes da Igreja.

Comandava os malfeitores um homezarrão chamado de Benedito, destes sertanejos que não temem caretas. Ao entrar na Vila começou a fuzilaria. Não havia uma casa aberta: tudo fechado com tranca de aroeira nas portas e janelas e era medo por todos os cantos.

Terminada a batalha, lá estavam dois estendidos no chão e alguns outros feridos. Mais que depressa, os bandoleiros pegaram a estrada que se alongava no horizonte longínguo . . .

* * *

Uma das atividades pitorescas de Santa Quitéria, antigamente, consistia na matança de avoantes. Na beira dos poços dos rios eram levantados os fojos, esconderijos de palhas, cobertos de areia e onde escondia-se o caçador.

Aos bandos de milhares, elas já se vinham bebericar a agua fresca. Num minuto, quando elas esgueiravam o pescoço para alcançar a agua, o sujeito que estava escondido pegava a pequena ave e, ali mesmo, torcia-lhe a vida . . . Matava aos milhares, diariamente. Logo mais, lá se vinha o comboio para ser vendido em Baturité a 12 cruzeiros o milheiro . . .

TERRA DE GRANDES HOMENS

Santa Quitéria já deu grandes filhos ao Ceará. Destaquemos apenas os principais, cujos nomes transpuzeram as fronteiras do nosso Estado: Tomaz Pompeu de Souza Brasil, homem de vasta cultura, padre, bacharel, senador, deputado, jornalista, escritor, parlamentar primoroso, cientista, enfim, uma das maiores culturas de nossa terra. Foi um gran-

de homem pelo saber e pelo caráter; Joaquim de Oliveira Catunda, professor emérito, historiador festejado, parlamentar, tribuno e poligrafo, representou o Ceará no Senado Republicano; Dr. Francisco de Menezes Pimentel, professor, latinista, homem versado em várias linguas, humanista, antigo deputado estadual, Governador do Estado, Interventor Federal do Ceará, educador de várias gerações e atual Deputado Federal; Dr. João Otávio Lobo, cultura brilhantissima, versado em várias linguas, orador primoroso, estilista, médico famoso, foi Vice-Presidente do Estado e é atual Deputado Federal; Dr. Otávio Terceiro de Farias, professor emérito, educador de muitas gerações, antigo Diretor do Instituto São Luiz e Liceu do Ceará, profundo conhecedor da lingua Pátria; Padre Inácio de Loiola Albuquerque Melo Mororó, figura singular e admirável da Revolução do Equador, jornalista, orador e latinista. Fuzilado, aos 30 de abril de 1835, foi um dos grandes mártires da sonhada revolução republicana.

EM NOSSOS DIAS

Nos dias que correm Santa Quitéria, mau grado os tormentos das sêcas que lhes têm vergastado a alma, é um dos mais prosperos municípios do Estado.

Dirigindo a municipalidade encontra-se o jóvem e alto comerciante Francisco de Assis Parente, moço digno, criterioso, um dos bons prefeitos do Ceará e que vem realizando excelente administração.

A cidade, desde a gestão anterior, que foi dirigida pelo estimado ex-prefeito José Maria Catunda, vinha sofrendo sensíveis melhoramentos que culminaram na atual gestão.

As Vilas e Povoados têm sido beneficiados com ligações rodoviárias e iluminação pública.

De modo geral, Santa Quitéria, marcha para um futuro risonho, notadamente se vier a contar com a colaboração valiosa de muitos dos seus filhos de maior projeção: Dr. Antonio Pimentel, Dr. Carlos Lobo, Padre Nelson Terceiro de Farias, Dr. Jaime Magalhães ,Dr. Luiz de Andrade Assis Lobo, que foi prefeito municipal e deputado estadual, Dr. Afonso Magalhães Rodrigues, Dr. Ubirajara Magalhães Rodrigues, Dr. Nestor Magalhães Rodrigues e muitos outros que, unidos, bem poderiam formar uma Sociedade de Amigos de Santa Quitéria, destinada à prosperidade local.

SÃO BENEDITO

SURGIU DA DEVOÇÃO DO INDIO JACOB

DEPOIS DA NOVENA, A DANÇA E O CAUIN — O FAMOSO REVERENDO JOÃO CRISÓSTOMO — «META ESTE CABRA NO TRONCO !», DIZIA O TEMÍVEL CARAPEBA — BANDOLEIROS E CURANDEIROS PONTIFICARAM, OUTRÓRA — CRONOLOGIA — O REPUBLICANO TIBÚRCIO GONÇALVES — TERRA DE FARIAS BRITO E ÁLVARO ADOLFO — EM NOSSOS DIAS

A CIDADE de São Benedito, uma das poucas sédes municipais do nosso Estado que nunca mudou de nome, demora no cimo da serrania da Ibiapaba, numa altitude de 900 metros, por isso que goza de clima excelente.

É urbe vasta e simpática, com ruas pavimentadas, boas praças, casario moderno, bela Matriz, comércio movimentado, administração municipal criteriosa e habitada por gente afável e acolhedora.

Das seis cidades situadas na chamada Serra Grande, é a de melhor porte, donde lhe advem a denominação de Rainha da Ibiapaba.

Há episódios e fatos interessantes ligados à sua formação histórica, dignos de ressaltados.

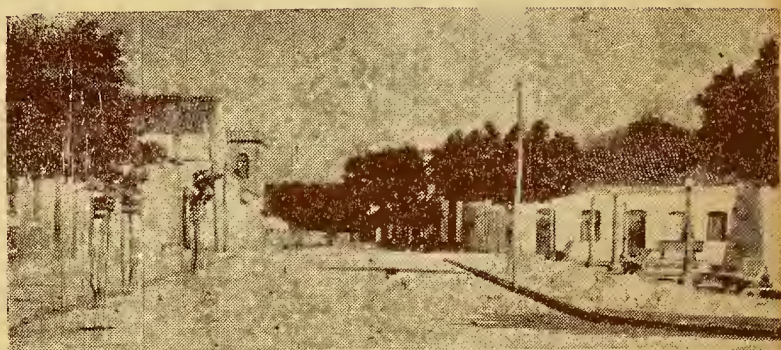
ANTIGO ALDEIAMENTO DE ÍNDIOS

São Benedito foi, outrora, aldeiamento de índios civilizados pelos jesuitas — vanguardeiros da civilização cristã no Ceará — e que perlustraram as terras ferazes da Ibiapaba no primeiro quartel do século dezessete.

Não se omita, todavia, a passagem, pelas cercanias da atual cidade de Farias Brito, do famoso colonizador Pero Coelho de Souza.

Da indiada civilizada, um se destacou dos demais. Foi o chefe que atendia pelo nome de Jacob, bravo como as armas, lealdoso e destemido como quem mais o fosse naquela época recuada.

Gozando de certo prestigio local, Jacob,

SANTANA DO CARIRI
Cidade e Matriz

SANTANA DO ACARAÚ — Aspecto da cidade e Igreja-Matriz

SÃO BENEDITO
Praça principal

SÃO BENEDITO — Capela de N. S. do Carmo e Igreja-Matriz

TIANGUÁ — Matriz

erigiu pequena cabana, com cerca de pau a pique, coberta de palmeiras, com chão de barro batido e onde pontificava sincera veneração a São Benedito.

Todos os anos o festão era um papouco tremendo. Juntava gente de toda a parte e o novenário era solene e festivo.

Terminada a oração, principiava os festejos debaixo de dança indigena e farta distribuição de cauin. Eram dias inesquecíveis aqueles para os nossos antigos fundadores de aldeias.

Dia vai, dia vem, novas cabanas se erigem ao redor da moradia do indio Jacob e certa feita é assentada a construção de uma casa de oração, cujo padroeiro seria o Santo Benedito. Assim principiou a cidade de hoje...

O NOTÁVEL REVERENDO CRISÓSTOMO

Já formado o arraial, sempre curado pelo então vigário da Vila Real de Viçosa, uma alviçareira noticia derrama alegria em todos os corações daquela gente boa e pacifica: o lugarejo teria agora um padre residente na pessoa do reverendissimo João Crisóstomo de Oliveira Freire.

Corria, então, o ano da Graça de 1847. São Benedito não passava de uma pequena povoação.

Mas o Padre Crisóstomo simpatizou com a localidade e principiou a amar os seus habitantes, advindo disto um trabalho constante em beneficio da terra. E tanto foi assim que, nos idos de 1855 os festejos do padroeiro atingiram o ponto culminante das festividades religiosas de toda a serrania da Ibiapaba, pelo que veio gente de toda parte e afinada filarmonica de Sobral.

Em 1859 o Padre Crisóstomo resolve edificar novo templo. Contou, de logo, com o beneplácito do Vice-Presidente da Provincia Imperial do Ceará, Dr. Sebastião Gonçalves da Silva. Homem mais de ação do que de palavra, o Dr. Sebastião mandou auxilio no valor de um conto de réis e a Igreja se fez, bela e suntuosa, dentro de pouco tempo.

O CAPITÃO CARAPEBA

Houve um periodo, na história de S. Benedito, que ficou famoso pelos vexames sofridos pelo povo da localidade diante de fatos de penosa memória. Referimo-nos à quadra entre 1840 a 1860 e quando perlustraram os sitios e vilarejos de São Benedito uma malta de terriveis bandoleiros.

Um deles foi o celebre Alexandre Braz de Mélo que, segundo diziam, tinha o corpo fechado a moda Lampeão, facínora de triste fadário que enlutou o sertão e que ainda encontra quem lhe festeje as misérias cometidas !

Alexandre Braz fez misérias em toda a Serra Grande e nos sertões do Piauí. Certa feita, acoitado, viu-se cercado. Não havia como escapar. Lançou-se então num talhado com mais de 900 metros de altura, e por incrivel que pareça, saiu-se são e ileso !

Para por cobro ao banditismo surgiu um famoso delegado. Foi o Capitão Antonio Carapeba, homem temivel, forte, destemido, que não tinha medo de careta e perverso que só o Satanaz.

Dentro da prisão mandou erguer um tronco, enfeitado com argolas de ferro e nelas mandava agrilhoar os presos, dos pés à cabeça! Isto feito, tomem páu de aroeira os useiros e vezeiros a alardear bravatas. Foi o diabo !

Ao correr da sua gestão implacável conquistou desafetos. Aquilo era uma perversidade ! Não podia continuar. Levantou-se a ira do povo. O certo é que, certa feita, lá se vem o povaréu enfurecido, semi-louco. Penetra na cadeia e queima o **tronco** e tudo o mais que encontrou ! E acabou-se o Carapeba...

CRONOLOGIA

O município de São Benedito foi criado no governo do Presidente Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, grande no nome e maior ainda nas ações. A lei que elevou a povoação à categoria de Vila data dos 18 de setembro de 1872 e teve o número 1470.

A nova unidade administrativa só foi inaugurada, entretanto, aos 25 de novembro do ano seguinte, 1875. Presidiu os festejos solenissimos o então Presidente da Camara da Vereança de Viçosa, Major Inácio José Correia que entregou a nova comunidade ao Capitão Antonio Marques Assunção, que teve, como Secretário o Coronel Tibúrcio Gonçalves de Paula.

Aos 6 de agosto de 1874 foi criada a Freguesia de São Benedito, sendo o seu primeiro vigário o Padre João Rodrigues Alves de Mendonça. Hoje dirige a comunidade religiosa o Padre José Bezerra Coutinho, vigário estimadissimo em todo o paroquiato.

A Vila foi elevada à categoria de cidade de acordo com a lei n. 1850, de 30 de agosto de 1921, com a denominação de cidade de São Benedito da Ibiapaba. Leis e decretos posteriores batizaram-na de São Benedito somente, denominação esta que ainda hoje conserva.

TIBURCIO GONÇALVES DE PAULA

Uma das figuras marcantes da história de São Benedito é a do Coronel Tiburcio Gonçalves de Paula, que embora sendo filho de Viçosa, ainda jovem passou a residir na terra fundada pelo indio Jacob.

Homem de réto caráter, lealdoso ao extremo, coração sempre voltado para os humildes e desprotegidos da sorte, fácil lhe foi conquistar as simpatias gerais dos sãobeneditenses, do que lhe adveio um prestígio jamais ultrapassado por outro lider da Serra Grande.

A sua residencia ainda hoje existe. Casarão imenso, abrigou muita gente de prestígio no Ceará e sob o seu técto realizaram-se conferências políticas importantes. Não se movia uma palha em toda a serrania da Ibiapaba sem que para tanto, antes, não se consultasse ao Coronel Tiburcio.

Homem rico, possuidor de grandes terras, cedo apaixonou-se pelos ideiais republicanos a ponto de haver sido um dos arautos da nova idéia nos seus dias tumultuosos e que precederam a queda do trono.

Eleito deputado, presidiu a Assembléia

durante anos. Logo mais foi eleito 1.º Vice-Presidente do Estado e, nesta oportunidade, ocupou a direção suprema do Ceará, na ausencia do Dr. Nogueira Acioli.

Homem de palavra empenhada, palavra cumprida, grangeou fama e notoriedade a sua lealdade partidária e política. Foi um dos últimos abencerragens da passada geração de varões dignos e criteriosos que o Ceará legou aos fastos de sua história política.

FILHOS ILUSTRES

O maior fanal de São Benedito é Raimundo Farias Brito, o filósofo imortal e supremo criador da «Finalidade do Mundo». A casa onde nasceu ainda lá está, reformada, mas sempre guardando o orgulho de uma tradição que não morreu nunca. Devia ser transformada em Museu local, adquirida que fosse pela municipalidade. Logo em seguida vem Alvaro Adolfo da Silveira, homem culto, jornalista, Senador e figura proeminente da República. Depois, enumeremos: Padre Antonio Filizola; Coronel Anibal Barreto; General Dracon Barreto; Dr. Adalberto Barreto; Dr. José Barreto de Araújo; Dr. Francisco das Chagas Sales; Dr. Antonio Candido da Fonseca; Dr. Lourival Amaral Banhos; Escritor Afonso Banhos; Dr. Eurico Silveira; Dr. Evaristo Silveira; Padre Vicente Gonçalves Araújo; Dr. Newton Amaral; Dr. Luís Gonzaga da Silveira, médico ilustre; Dr. José Arimatéia Monte e Silva e muitos outros.

EM NOSSOS DIAS

São Benedito, como afirmámos de inicio, é a mais progressista e simpática cidade da Serra Grande. Com uma população superior a 16.000 habitantes, tem território relativamente pequeno, pois apenas mede 1.146 quilômetres quadrados.

Dirigindo a comunidade vamos encontrar um homem de bem, o atual Prefeito Municipal Oswaldo Gonçalves de Araújo, que tem como secretário o cidadão Milton Rodrigues Lima.

Conta com dois líderes políticos de expressão na atual conjuntura administrativa do Ceará: Drs. Antonio Coelho de Albuquerque e Joaquim Bastos Gonçalves, aquele Presidente do Tribunal de Contas e este ex-Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, atual Secretário do Interior e da Justiça e que já dirigiu, na qualidade de membro do Poder Constituinte, os destinos do Ceará.

Algumas obras de vulto estão sendo levadas a bom termo na cidade, devendo ser destacado o Ginásio local, para cuja efetivação muito tem concorrido o ilustre e brilhante deputado Paulo Sarasate.

Ainda há poucos meses ali assistimos uma festa memorável: a benção e inauguração de uma bela Capela sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo, mandada erigir por Dona Germelina Gonçalves de Paula, irmã do Coronel Tiburcio e pelo Ministro Antonio Coelho, sobrinho deste notável político.

A incomputável multidão ali presente, tendo a seu lado Dom José Tupinambá da Frota e o Padre Palhano, secretário da diocese de Sobral, deu visivel demonstração de fé e de civismo, crente que estava, do futuro promissor daquela cidade heróica e tradicional.

S. GONÇALO DO AMARANTE

CIDADE FUNDADA PELOS MARTINS E ALCANTARAS

MUNICÍPIO PRAIEIRO E SERTANEJO — O DESVIO DA FERROVIA — PRIMEIRO EM PARACURÚ — A CAPELINHA DE NÉCO MARTINS E JOSÉ ALCANTARA — DIAS DE PAVOR PARA A CONQUISTA DA PAZ — FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

O MUNICÍPIO de São Gonçalo do Amarante, reconquistou, pela lei n. 1.153, de 22 de novembro de 1951, e seu antigo nome. Até bem pouco tempo a sua denominação oficial era Anacetaba.

Ainda de acordo com a lei citada o seu território, hoje, está subdividido, de vez que restauraram os antigos municípios de Trairí e Paracurú, fato que o prejudicou sensivelmente embora ainda não se tenha tornado realidade, visto como não foram instaladas, até o presente, estas novas unidades administrativas.

Com uma extensão territorial superior a 2. 200 quilômetros contava com população superior a 50.000 habitantes que foram divididos entres os tais novos municipios de Trairí e Paracurú.

Demora, São Gonçalo do Amarante, na zona do litoral, possuindo, todavia, terras de sertão. É município produtor de cera de carnaúba, cereais, cana de açúcar e farinha de mandioca.

O seu povo é afável e operoso, sendo uma das suas principais atividades a pesca que se realiza nas belas praias do município, onde se localizam várias colonias e povoados.

PRIMEIRO EM PARACURÚ

A primeira séde municipal de São Gonçalo do Amarante foi na Vila de Paracurú, elevada a esta categoria de acordo com a lei n. 73, de 1.º de outubro de 1890, quando nos governava Luís Antonio Ferraz. Desde 1868, aliás, Paracurú, que se chamára Parazínho, fora ereta em Vila. Em 1874 a séde da Vila de Paracurú foi transferida para Trairí pelo que, em 1890, como acentuámos, foi novamente elevada â categoria de Vila, já então como séde do município de São Gonçalo.

Aliás, cumpre salientar que o município de São Gonçalo viveu durante muitos anos mudando de séde. Quando não, se criavam os tais municípios de Trairí, Paracurú e assim vivia o antigo Anacetaba.

Somente com a ereção de uma capela, em 1898, aonde hoje se ergue a cidade de São Gonçalo, é que principiou, propriamente dito, a existencia da atual séde municipal.

Em 1891, o coronel Néco Martins estabeleceu-se no pequeno arraial. Por esta época não passava de um ajuntamento de pequenas casas de taipa, com poucos moradores. O velho de logo tornou-se estimadissimo dadas as qualidades admiráveis de sua personalidade marcante. Erigiu casa grande e principiou a trabalhar pela localidade. A ele juntou-se José Procópio Alcantara, homem trabalhador e devoto de São Gonçalo.

Assentada a construção da capela sob a invocação deste santo, dentro de pouco tempo fizeram-lhe a inauguração no meio de grandes festejos.

As familias Martins e Alcantara se desenvolveram e transformaram-se em pouco tempo proprietárias de grandes fazendas e sitios, dando-se, assim, o povoamento em larga escala de todo o território compreendido nas cercanias da atual cidade.

Com o correr dos anos a localidade evoluiu grandemente. Aos 17 de agosto de 1921, no governo de Justiniano de Serpa, a séde do município foi trasferida para São Gonçalo por entre as maiores demonstrações de júbilo.

Já, então, era centro de grande atividade comercial e economica, pelo que ocupava lugar de merecido relevo na vida do Estado, notadamente pela influencia e destaque dos seus líderes políticos, dentre os quais se destacava Néco Martins.

DECADENCIA E REAÇÃO SALUTAR

São Gonçalo do Amarante caminhava em passos seguros para se transformar num dos nossos principais municípios.

Quando da construção da ferrovia, que iria ligar Fortaleza à Sobral, houve fortes esperanças de que a mesma passaria por São Gonçalo. Neste sentido houve movimento geral por parte de todos os seus filhos de maior destaque.

É quando, então, vem a decepção terrivel: a estrada passaria pelo territorio do município mas não atingiria a cidade. Foi o diabo, mas tudo embalde e aos 1.º de maio de 1927 era inaugurada a estação de Umarituba, próxima à São Gonçalo. A revolta foi geral. Desde esta época principiou a decadencia do município, cuja séde ficou praticamente isolada, afastada por vários quilômetros tanto da ferrovia como da rodovia que foi construida mais recentemente.

Já agora, todavia, nota-se um sopro de progresso embora que diminuto diante do muito que São Gonçalo já podia ter adquirido. Construiram-lhe um edificio para um Posto de Saúde e outro para um Grupo Escolar, por iniciativa do atual Secretário da Educação, Dr. Waldemar Alcantara, filho da terra.

Por outro lado, os que já dirigiram o municipio, dentre os quais vale ressaltados os senhores Adelino Cunha Alcantara e Dr. Clodoaldo Alcantara, erigiram vários melhoramentos como sejam: mercado municipal, duas modernas avenidas no centro da cidade, numa das quais encontramos uma herma ao brilhante professor Domingos Brasileiro de Alcantara, de saudosa memória; o prédio da municipalidade, etc..

O atual Prefeito, José Batista Carvalho, com a ajuda valiosa do ex-deputado Eretides Martins, líder local, já levou a cabo alguns melhoramentos de interesse local do municipio não só na séde como nas demais vilas que compõem esta unidade administrativa.

Observa-se, assim, uma reação salutar que visa colocar São Gonçalo no caminho certo da sua recuperação economica, social e política.

A PAZ CUSTOU SACRIFICIOS

Como acentúa Antonio Bezerra de Menezes no seu livro «Notas de Viagem», o território hoje compreendido dentro do município de São Gonçalo do Amarante viveu dias de pavor nos meados do século dezenove.

Vários e impressionantes foram os crimes cometidos pelas fazendas e sitios. A coisa chegou a tal ponto que impressionou, sobremodo, o então Presidente da Provincia, José Maria da Silva Bitencourt, pelo que tomou medidas excepcionais.

A antiga povoação de Trairí foi teatro de fatos desprimorosos e em suas cercanias se abrigaram, naquela época longinqua, dezenas de sicários e cabras safados que se envolveram em crimes pavorosos.

Casas incendiadas com moradores queimados vivos, assassinatos de emboscada, familias que se digladiaram barbaramente, foram fatos comuns no século passado. O povo vivia sobressaltado, do que resultou, em grande parte, a morosidade do progresso neste município.

Finalmente, com o surgir de vários líderes políticos de maior expressão, a coisa teve fim e hoje, São Gonçalo é um dos municípios mais pacificos do Ceará.

FILHOS ILUSTRES

Entre os filhos ilustres de São Gonçalo devemos mencionar, em primeiro lugar, Antonio Sales, escritor festejado, autor de obras consagradas pela critica nacional, poeta de fino estro, cronista brilhante e que marcou época na vida intelectual do Ceará; Dr. Antonio Juvencio Barroso, jornalista, estilista e advogado brilhante; Dr. Waldemar de Alcantara e Silva, médico ilustre, homem de cultura, bom orador, ex-deputado estadual e Vice-Presidente da Assembléia, atual Secretário da Educação e Saúde do Estado; Dr. José Demostenes Martins, advogado e notário público em Fortaleza, pessoa muito estimada; Alvaro Dias Martins, poeta de fina inspiração; Dr. Edmundo Monteiro Gondim, médico de destaque; Eretides Martins, fazendeiro, ex-deputado estadual, homem de grande inteligencia e talento, bom orador, chefe político que goza de notável prestigio popular em São Gonçalo; Dr. Clodoaldo Alcantara, agronomo e ex-prefeito do município em cuja gestão realizou vários melhoramentos; Dr. Elídio Prata Gomes, advogado e ex-deputado estadual; Abigail Sampaio, poetisa festejada; Coronel José Brasileiro de Alcantara, figura de relevo do Exercito Nacional; Cel. Francisco Moreira de Azevedo, figura do maior destaque da vida economica e comercial do Ceará e muitos outros.

SENADOR POMPEU

FOI A ANTIGA POVOAÇÃO DE HUMAITÁ

NA ZONA SERTANEJA — OS PIONEIROS POVOADORES — CRONOLOGIA — DIAS DE SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS — A FERROVIA EM 1900 — FREGUESIA COM DOM MANUEL DA SILVA GOMES — EM NOSSOS DIAS

O MUNICÍPIO de Senador Pompeu está encravado nas terras sertanejas que ficam no centro do Ceará, e que são regadas pelo famoso e valente rio Banabuiú.

É uma das grandes unidades administrativas do nosso Estado, visto como méde nada menos de 1.709 quilômetros quadrados e possui uma população superior a 27.000 habitantes. A divisão territorial do município compreende o distrito séde, onde está localizada a cidade e mais as vilas de Ibicuã, Piquet Carneiro, Eng. José Lopes e São Joaquim do Salgado.

Vários riachos e rios cortam o município em todas as direções, deles se destacando o Patú, em cujo leito seria erguida uma grande barragem nas proximidades da cidade e com capacidade para prestar um notável serviço à população adjacente.

Possui excelentes fazendas de criar e plantar, sendo de destaque a sua produção algodoeira.

É município relativamente novo, devendo, todavia, ser ressaltado o seu admirável progresso, por isso que, hoje, é centro economico dos mais expressivos de todo o interior do Estado.
O seu povo é pacifico, hospitaleiro e operoso. A cidade é moderna e apresenta um índice animador de prosperidade.

OS POVOADORES

Demorando à margem do rio Banabuiú, que juntamente com o Jaguaribe foram o ponto alto do nosso povoamento pelo interior afóra, as terras de Senador Pompeu principiaram a serem habitadas quando da concessão de datas e sesmarias aos nossos pioneiros.

Quem se der ao trabalho de manusear, uma por uma, as nossas concessões de terras, feitas nos séculos dezessete e dezoito, há de verificar inúmeras delas situadas aonde hoje se erguem as vilas e a cidade do município de Senador Pompeu.

De todas, a que reputamos principal é a que foi concedida, aos 27 de março de 1723, pelo então Capitão-mór Manuel Francês, à Tomé Callado Galvão e Nicolau de Souza.

Esta sesmaria ficava justamente situada à margem do riacho Codiá, em cujas ribeiras se levantariam as primeiras casas próximas da atual séde municipal.

Ao correr dos anos, outros moradores vieram se estabelecendo e alguns deles levantaram arraial nas ribeiras do Banabuiú, daí surgindo, anos mais tarde, o arraial de Humaitá.

Deste agrupamento de moradores, pequeno arruado com casario de taipa, é que surgiu a cidade progressista de hoje.

CRONOLOGIA

No governo do Comendador Antonio Pinto Nogueira Acioli é que foi criado o município de Senador Pompeu.

Já localidade próspera, vivendo debaixo da tutela administrativa de Quixeramobim, aos 3 de setembro de 1896, pela lei n. 332 a antiga povoação de Humaitá, foi elevada à categoria de Vila, se constituindo em séde municipal.

Aos 2 de julho de 1900 um fato de excepcional importancia dar-lhe-ia novo alento de independencia. Era inaugurada a estação ferroviária no meio dos maiores festejos.

Bastou que se construisse o caminho ferreo para que a sua vida economica prosperasse de maneira admirável, tornando-se, de uma hora para outra, escoadouro natural da produção agrícola dos municipios vizinhos.

No governo do Dr. Pedro Augusto Borges, a Vila é elevada à categoria de cidade, isto de acordo com a lei n. 659, datada de 22 de agosto de 1901, substituindo-se a denominação de Humaitá pela de Senador Pompeu, em homenagem a este grande vulto da política e da cultura cearense.

*

* *

Já recentemente, isto é, em 1919, Dom Manuel da Silva Gomes, de saudosa memória, resolveu criar a freguesia de Nossa Senhora das Dores, de acordo com provisão assinada aos 2 de junho do mesmo ano.

Durante muitos anos foi vigário de Senador Pompeu o Padre Lino Aderaldo, um dos fatores da prosperidade desta cidade. Homem culto, ativo, estimado, o Padre Aderaldo prestou os mais assinalados serviços à comunidade religiosa local, bem como ao município.

Hoje, dirige o paroquiato, o estimado Padre Odílio Lopes.

DIAS DE SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Senador Pompeu já teve dias agitadissimos. Foi, mais ou menos em 1920 a 1925. A politica era um caldeirão tremendo. Zequinha Contenda, residente em Miguel Calmon, sofrera desconsideração em Senador Pompeu.

Não se conformando, forma grupo valente e lá se vem invadir e tomar a cidade. Foi o diabo! A noticia explodiu como uma bomba.

O coronel Ananias Magalhães preparou a defensiva. Mandou buscar gente até em Mombaça.

Transformada em praça de guerra, a cidade heróica resistiu bravamente a afronta. Não ficou gente que não se armasse.

Ananias gozava de maior prestigio e consideração, daí ter saído vitorioso da peleja que abalou até o governo do Dr. Moreirinha!

EM NOSSOS DIAS

Atualmente, Senador Pompeu é terra pacífica e progressista, como já acentuámos de inicio.

A cidade apresenta um comércio movimentado, com ramificações em todos os municípios limítrofes. Tem várias agencias bancárias de grande expressão, delas se destacando a do Banco do Brasil.

Várias praças e ruas, bem pavimentadas, formam o conjunto urbanistico de Senador Pompeu. Notam-se residencias de porte moderno e alguns prédios importantes como o da Maternidade, dos Correios e Telegrafos, Colegio Nossa Senhora das Dores, construido pelo Prefeito Acrisio Jácome; Grupo Escolar, Casa Paroquial, Tiro de Guerra, Mercado Municipal e muitos outros.

A indústria já se desenvolve, na cidade, com índices animadores, notando-se algumas fábricas de maior expressão e a vida social e cultural revela traços marcantes de uma cidade simpática e de povo educado.

Administrado por um prefeito criterioso, Senador Pompeu é um dos municípios do Ceará que mais tem progredido nestes últimos anos.

S O B R A L

A FIDELISSIMA CIDADE DE JANUÁRIA

FREI CRISTOVAM DE LISBÔA PERLUSTROU A REGIÃO, EM 1612 — PERNAMBUCANOS E BAIANOS FOGEM DOS HOLANDÊSES — A FAMOSA FAZENDA CAIÇARA — O PADRE JOÃO DE MATINHOS — «VILA DISTINTA E REAL DE SOBRAL» — TIROTEIO PARA DEPÔR O PRESIDENTE ALENCAR — OS PÓRTICOS DA CATEDRAL — IGREJA INICIADA COM Cr$ 1,20 CENTAVOS — SALÁRIOS DE 40 E 20 RÉIS DIÁRIOS — CELEIRO DE HOMENS NOTÁVEIS — SOBRAL DOS NOSSOS DIAS

O RIO ACARAÚ nasce na Serra das Matas, tem um percurso de 320 quilômetros, sendo um dos principais cursos dágua do Ceará. Depois do Jaguaribe, é o de maior expressão na nossa formação histórica, vez que lhe margeiam povoados, vilas e cidades, outróra erguidas pelo bravo colonizador.

A vasta região por êle beneficiada tem características próprias peculiares, por isso que toda pontilhada por vales e socálcos, planícies e chapadões imensos, paisagem esta alterada apenas por serras e serrotas que se erguem aqui e ali e que dão excepcional fertilidade às terras que lhes ficam nas encostas.

É grande parte da conhecida zona norte do Estado, onde vamos encontrar cidades progressistas, habitadas por gente afável, acolhedora, sempre voltada para o labor da gleba, mas que ainda não atingiu a plenitude de uma vida compensadora, malgrado os séculos de trabalho e de perseverança. A quem conhece tôdo o hinterland cearense como nós, fácil é deduzir que a zona sul do Estado suplanta, em progresso material e cultural, o centro e o norte do Ceará. Deve-se esta amarga realidade ao pouco caso que os govêrnos têm tido para com a vasta e promissora região nortista. No que tange à vida comercial, econômica e social, claro que o sul do Estado está em visivel progresso, enquanto entra em decadência o famoso e notável centro comercial com séde em Sobral, capital da zona norte.

Mesmo assim, lutando contra tudo e contra todos, sem a devida assistência, sem o estímulo que merece, sem o amparo devido, a Princesa do Norte ainda não baqueou, dando aos homens públicos de nossa terra um exemplo edificante de tenacidade e de resistência do seu povo, altivo e nobre.

Vai daí conservar ainda, com legítimo orgulho, o brazão de ser a primeira cidade do Ceará, depois de Fortaleza, glória merecida que principia a ser sobrepujada por Crato, a admirável capital do Carirí.

Há em tôrno deste fato uma bela reação, digna do sobralense e do seu primoroso passado. Em breve advirão os seus frutos e a cidade de Domingos Olimpio retomará a trilha luminosa do seu destino — a de ser sempre a nossa primeira cidade.

A LENDA DE FREI CRISTOVAM

Segundo reza a tradição, ainda hoje conservada pela totalidade dos bons cronistas, os primeiros que perlustraram a região, onde hoje se ergue a cidade de Sobral, foram vários catequistas que vieram do Maranhão nos idos de 1612.

Chefiava a missão destemida, o bravo Frei Cristovam de Lisbôa. Compunha-se de quatro clérigos e 15 homens de armas, prontos para a luta. Léguas e léguas foram vencidas com peripécias e tremendos atropêlos. Visavam à conversão dos indigenas que demoravam nas brenhas do sertão ignoto.

Ao atingirem a região sobralense, foram atacados pelos Tabajaras. Azáfama, correrias, resistência heróica, corpos que rolam por terra. Vencido o primeiro embate, adestram-se as armas para novo combate.

Reiniciada a luta, é cruelmente varado por certeira flexada o virtuoso e desassombrado Frei Cristovam. Os remanescentes fugiram espavoridos e a história silencia quanto ao destino que os aguardou na longa travessia, sem ordem, sem chefes, sem comando.

Anos mais tarde, no local em que tombou o bravo colonizador se ergueria pequena capela, posteriormente transformada na atual Catedral de Nossa Senhora da Conceição.

Falam os antepessados deste fato, como efetivamente acontecido, já ao raiar do século dezessete.

POVOADORES EFETIVOS

É aceito pelos historiadores que os primeiros povoadores das margens do Acaraú foram famílias que vieram ter ao Ceará premidas pelos vexames oriundos das guerras holandesas, visto como isto aconteceu com a região que margêia o rio das onças, ou seja, o Jaguaribe.

Um dos primeiros núcleos formados foi o Riacho Guimarães, que em 1712, já possuia

pequena capela. Em 1735, o alferes Lourenço Guimarães de Azevedo, fundador desta localidade, doava 100 braças de terra para patrimônio da capelinha em vista do que havia afirmado o visitador Padre Lino Gomes Correia que: «das duas uma: ou se daria patrimônio à capela, ou esta ficaria interdicta. Hoje, esta região pertence ao município de Santa Quitéria.

Afóra este arraial, que ficava nas proximidades de Sobral, houve outro, ainda mais antigo, que foi o de São José, erigido pelo bravo sertanista Capitão Felix da Cunha Linhares. Iniciava-se, assim, o poovamento efetivo, da ribeira do Acaraú e, com êle, o desbravamento de uma imensa região.

Dia vai, dia vem, aqui e ali, iam-se estabelecendo novas famílias em fazendas com casaria singela, curral para gado, cercado para animais e cabras dispostos para a luta contra o gentio.

Uma destas fazendas localizou-se precisamente onde hoje se ergue Sobral, dela se originando a cidade de hoje.

A ORIGEM DA CIDADE: — FAZENDA CAIÇARA

Corria, celere e ufano, o ano da Graça de 1740. A esta época já se erguiam várias casas em tôrno da grande fazenda Caiçara, melhor da região, cujos proprietários eram o Capitão Antonio Rodrigues Magalhães e sua mulher Dona Quitéria Marques de Jesús.

É nesta quadra que surge o Padre Visitador Lino Correia, que já estivera em Riacho Guimarães e ordena que se faça Matriz no próspero povoado. Rodrigues Magalhães faz, então, uma doação de cem braças de terra em quadro, como patrimônio da matriz que se ia erguer.

O Padre Antonio de Carvalho e Albuquerque, por provisão do Bispo de Olinda, D. Frei de Santa Tereza, dá inicio, então, à Matriz, cujo orago seria o de Nossa Senhora da Conceição.

Anos mais tarde, isto já em 1762, vem paroquiar a Matriz o Padre dr. João Ribeiro Pessôa, que escreveu as «Notícias da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Caiçara» e que foi o edificador da atual Catedral de Sobral.

Não fôra, assim, em vão o trabalho desenvolvido pelo famoso Padre João de Matos Monteiro, conhecido por Padre João de Matinhos, que viera, nos idos ainda de 1712 para a Ribeira do Acaraú, diretamente do Reino e que por aqui ficára durante anos num belo apostolado de catequese e evangelização.

«VILA DISTINTA E REAL DE SOBRAL»

A pouco e pouco ia-se desenvolvendo o pequeno arraial de Caiçara, já com a sua Igreja levantada, por operários que ganhavam 40 réis por dia, o que, para a época era uma fortuna!... Contava já com mais de 100 casas e uma população superior a 2.000 habitantes.

Tendo vida agitada, progredindo sempre a olhos vistos, pois demorava numa região que atraia pela excelência da fertilidade, visto como entre a serrania da Meruóca e do rio Acaraú, em breve ia merecer as vistas do Reino quando da criação de novas vilas na então Capitania do Ceará Grande.

Efetivamente, em 1766, com data de 22 de julho, é expedida Carta Régia ao então Governador Geral de Pernambuco, Manuel da Cunha Menezes, no sentido de que se fizesse mais uma Vila no Ceará e esta fosse a do Povoado de Caiçara com o nome de «Vila Distinta e Real de Sobral».

Aos 5 de julho de 1773, é solenemente instalada a vila com a presença do Ouvidor e Corregedor Geral da Capitania, Dr. João da Costa Carneiro e Sá. Levantado o Pelourinho, são eleitos juizes ordinários Sebastião de Albuquerque Melo e Manuel José do Monte, sendo escolhidos para vereança os capitães Vicente Ferreira da Ponte, Manuel Ferreira Torres e Manuel Coêlho Ferreira e para Juiz de Orfãos Gregório Pires Chaves.

A 7 do mesmo mês e ano, a Câmara realizou a sua primeira sessão, tendo à mesma acorrido grande massa popular que vivava os seus eleitos.

MOVIMENTOS CÍVICOS E ARMADOS

Sobral sempre esteve presente, com destaque, na vida política do Ceará. Na quadra provincial, participou ativa e brilhantemente do movimento da Confederação do Equador.

A campanha da Abolição fez Sobral viver dias memoráveis e o movimento em pról da implantação do regime republicano teve, naquela cidade, acérrimos defensores.

Um fato porém, prova exuberantemente a fibra e a bravura do povo sobralense. Passou-se quando o grande Presidente José Martiniano de Alencar se encontrava em Sobral.

Ainda não haviam sarado as feridas abertas pelo movimento revolucionário de Tristão Gonçalves quando, em 1840, numa tarde de 14 de dezembro, a histórica cidade da zona norte é sobressaltada por uma terrivel conspirata. Fecham-se tôdas as casas comerciais e residências, Nenhuma pessôa nas ruas, a não ser uma soldadêsca desenfreada.

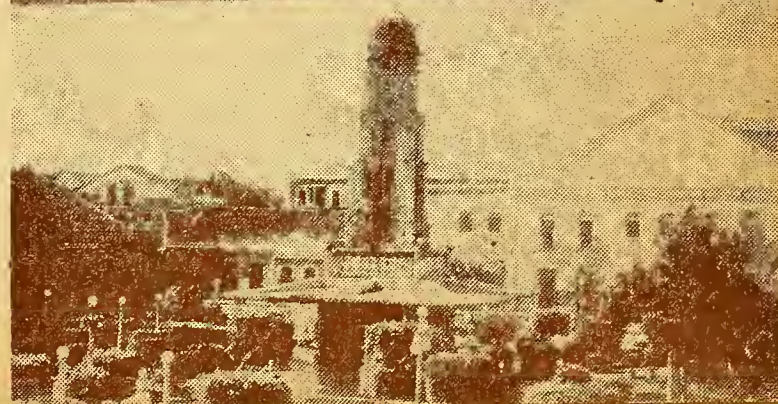
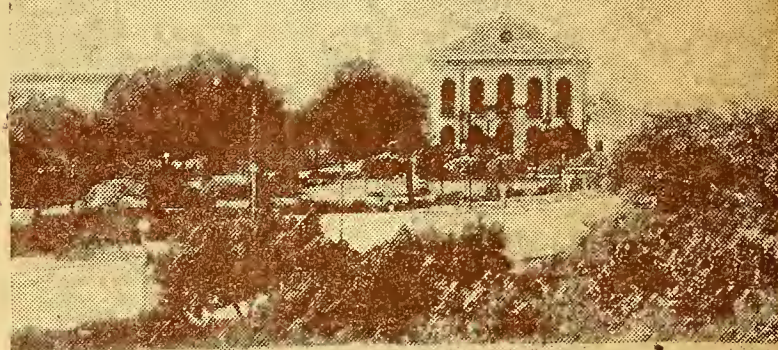
Era a revolução que estouráva ao mando de Francisco Xavier Torres, major e homem de bravura inexcedivel. Dela participava, também, o bravo tenente Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá.

Foi bala como seiscentos diabos. O Presidente, atacado em sua residência, sita à antiga rua do Senador Paula, resiste como um bravo que sempre foi. Findo o tiroteio, vencida a conspirata, vários revoltosos haviam perdido a vida e muitos outros estavam gravemente feridos. Prêso Xavier Torres, foi encontrado um plano geral para a deposição de José Martiniano de Alencar.

FATOS INTERESSANTES

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição foi iniciada, em 1777, pelo Padre Dr. João Ribeiro Pessoa. Os seus operários eram tapuias enviados de Viçosa e que trabalhavam a 40 réis por dia. O velho que se encarregava da comida tinha um salário de 20 réis. A capela-mór foi concluída no dia 1.º de fevereiro de 1781 e nela entronizadas, solenemente, ao repique festivo de sinos, as imagens do antigo templo.

SÃO GONÇALO DO AMARANTE — Praça principal vendo-se a herma do Prof. Domingos Brasileiro

SOBRAL — Praças e jardins da cidade

SOLONÓPOLE — Velho prédio do Fôro e Camara da Vereança

SOLONÓPOLE — Igreja Ma
Capela de N. S. de Fátima

Os seus pórticos vinheram de Portugal para uma igreja de Pernambuco. Não deram para os umbrais de encomenda e vieram ter à Catedral de Sobral por aquisição do vigário João Ribeiro. É obra de fina arte e belo acabamento.

A Igreja do Menino Deus foi edificada pelas religiosas da Ordem do Carmo, Teresa e Merenciana que em companhia do pai, vieram para Sobral, em 1810. É uma bela igreja e foi iniciada com apenas Cr$ 1.20 centavos! De esmolas e auxílios levantaram uma das mais belas igrejas do Ceará. Anos depois, as duas religiosas — tantas quantas compunham a missão — faleceram e estão sepultadas sob as paredes da obra monumental que ergueram. Destas duas religiosas contam episódios interessantes; e, depois de mortas, dizem obrar milagres...

CIDADE DE JANUÁRIA

Corria o ano de 1841 e ainda governava José Martiniano de Alencar. A Assembléia Provincial reunida vota a lei n. 229 elevando a então Vila de Sobral à categoria de cidade.

Mas regia o Brasil o Imperador Pedro II, e a nossa Casa Legislativa resolvera prestar uma homenagem a sua Dignissima Irmã, Princêsa Januária, daí porque dera a Sobral o título de «Fidelissima Cidade de Januária do Acaraú», título evidentemente rídiculo. O Presidente Alencar, apressurado, sanciona o diploma legal, dando-lhe publicidade e execução.

Alegre, honrada, a cidade comemora festivamente a sua nova investidura. Houve, porém, quem não gostasse do rídiculo da bajulação e formou-se, de logo, um movimento no sentido de por abaixo aquele título longo e até inexpressivo...

E assim, logo mais, aos 25 de outubro de 1842, pela lei n. 224, o Brigadeiro José Joaquim Coêlho, assina nova lei que lhe restabelecia a antiga denominação de Sobral, nome que até hoje conserva com muita propriedade, evocando o nome de uma povoação portuguêsa, situada no Consêlho de Montagua, Vizeu.

Somos de opinião que o nome que mais se lhe ajustava seria o de Caiçara, denominação antiga da fazenda de onde, efetivamente, se originou a cidade, e cujos alicerces da Casa Grande — a primeira de Sobral, cremos ainda hoje existirem.

CELEIRO DE GRANDES HOMENS

Sobral tem a glória de ser a Pátria de Domingos Olimpio, nascido em 1851, e falecido em 1906, Jornalista e festejado cronista foi o famoso criador de «Luzia Homem», romance admiravel dos costumes nordestinos. É, incontestavelmente, o seu maior filho.

Dom Jerônimo Thomé da Silva foi outro vulto de grande expressão, vez que tendo sido Bispo do Pará, atingiu a culminancia da hierarquia eclesiástica no Brasil, sendo Arcebispo Primaz.

O General Tertuliano de Alubquerque Potiguar honrou o Brasil, quando, na Primeira Grande Guerra Mundial, portou-se como um bravo e como competente estrategista.

Conselheiro Antônio Joaquim Rodrigues Junior, vice-presidente do Ceará Provincial e Ministro do Gabinete Lafayette, foi outro grande filho de Sobral.

Vários Presidentes do Estado, já nos deu a terra de D. José Tupinambá da Frota, entre os quais: João Tomé de Saboia e Silva, José Julio de Albuquerque Barros, que também presidiu o Rio Grande do Sul; Desembargador Jósé Moreira da Rocha e Vicente Alves de Paula Pessôa.

Entre vultos notáveis podemos citar: — José Gentil Alves de Carvalho, Antônio Diogo de Siqueira, José Saboia de Albuquerque, João Viriato de Medeiros, Luiz Francisco de Miranda, Miguel Lopes Madeira Uchôa, Mozart Donizetti Gondim, General Onofre Gomes de Lima, Pedro Filomeno Ferreira Gomes, Francisco de Paula Pessôa, Luiz Felipe de Oliveira, Raimundo Pimentel Gomes, Esmerino Gomes Parente, Fortunato Alves Linhares, Humberto Rodrigues de Andrade, Francisco Ponte, Rui de Almeida Monte, Francisco de Paula Rodrigues e muitos outros que se projetaram nas letras, nas armas, nas ciências, na política e no clero.

SOBRAL DOS NOSSOS DIAS

O município de Sobral tem uma população de 75.000 habitantes. A cidade, séde administraitva, conta já com mais de 30.000 habitantes, sendo assim a segunda cidade do Ceará em população, posto que a primeira é Juazeiro.

É Sobral uma grande cidade, com bom comércio onde se notam bôas firmas; casas bancárias, fábricas de tecidos, óleos vegetais, sabão, guaraná, vidros, etc. É séde de uma vasta região à qual estão ligados vários municípios, donde advém ser o centro econômico e financeiro de maior expressão do interior do Estado.

Tem sociedade local distintissima, povo muito educado e culto, devendo ser ressaltada a existência de famílias tradicionais. Os costumes da terra são de uma elegância à toda prova, daí por que os seus festejos civicos, recreativos e religiosos sempre primam por um traço distinto de alta expressão moral.

Bem edificada, com ótimos prédios residenciais, bons edifícios públicos, excelentes colégios, belos templos religiosos, com ruas pavimentadas a concreto e a paralelepipedo, notando-se-lhes lindas praças e atraentes jardins, a cidade de Sobral conquista o visitante pela heráldica do seu porte e de sua expresão séria, cavalheiresca e de acolhedora fidalguia.

Como tôda cidade, tem os seus problemas por resolvidos. Interessante seria, pois, a união de todos os bons sobralenses em tôrno da figura digna e honesta do seu Prefeito, Antônio Frota Cavalcante, a fim de que o mesmo pudesse levar à bom têrmo — o quanto antes — o completo embelezamento da tradicional urbs que dirige com tanto acerto e com tanto carinho.

ta foi o famoso criador de «Luzia Homem»,

SOLONOPÓLE

CENÁRIO DE BOM JESÚS APARECIDO

O PORTUGUÊS MANUEL PINHEIRO DO LAGO — A IMAGEM DESCOBERTA, PELO ESCRAVO, NO LOCAL DA ATUAL MATRIZ — O MILAGRE DE MARIA DE SÃO JOSÉ, A MENINA QUE NÃO FALAVA — SANGUE NO MÔRRO DA BATALHA... — A IMENSA E ILUSTRE FAMÍLIA PINHEIRO ESGALHOU-SE POR TÔDO O BRASIL — VANGUARDEIRA NO CULTO À NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, NO CEARÁ — SOLON PINHEIRO, GENTIL E DOLOR BARREIRA — PÁTRIA DO PADRE LEOPOLDO FERNANDES

A ANTIGA Cachoeira, passou a denominar-se Solonópole numa evocação ao nome glorioso do maior filho da terra. Manuel Solon Rodrigues Pinheiro, bacharel, jornalista, político famoso, falecido nos longínquos pagos do Amazonas, mas sempre lealdoso aos principios rigidos de uma elevada moral, facêta primorosa de sua admiravel e inesquecivel personalidade.

O topônimo, com que a tradição popular denominou as redondezas da antiga fazenda de Umarí, tinha a sua origem numa pequena e poetica cachoeira que interrompia, por entre marulhos, as aguas do chamado Riacho do Sangue, cujo talweg demora a poucos metros do arruado singelo da cidade.

A região é de pleno sertão, verde como a esperança nas quadras de bons invernos, mas sempre coberta de uma vegetação raquitica e e acinzentada ao corrêr dos estios, que lhes vergastam a alma, já um tanto cansada de resistir o criminoso desprezo que lhe outorga o poder público.

É uma das menores cidades do Ceará e, por sinal, entre Quixará e Coreaú, não se lhe pode colocar nem em primeiro plano no conjunto das três menores sédes municipais.

Tem tido alguns filhos ilustres, homens até de projeção nacional, mas vive esquecida, relegada a uma vida parasitária, a muito custo somente agora despertada para ligeiro surto de progresso que lhe oferecem os favores de uma éra municipalista.

Tem vivido, no setor da vida administrativa, somente de sua edilidade, que, até bem poucos anos, não tinha renda superior a dez contos de réis anuais!... Os poderes federal e estadual jámais souberam da existência desta cidade, pois, assim se deduz do desamparo e do esquecimento em que sempre foi tida e havida.

O PORTUGUÊS PINHEIRO DO LAGO

Solonópole é teatro rico de lendas e tradições. Aos fastos de sua formação histórica estão presentes os descendentes do chamado Abraão do Jaguaribe, o bravo Manuel Pinheiro do Lago, português colonizador que sentou moradia na tradicional Fazenda Umarí e cuja familia numerosa se esgalhou por todo o País, dele tendo surgido nomes e glorias nacionais.

Homem de tempera forte, Pinheiro do Lago gozava do melhor prestigio em toda a redondeza, dadas as excepcionais qualidades de mando e autoridade que lhe formavam o caráter retilineo.

Tido e havido como o fundador do núcleo originário da cidade, foi pai de quatorze filhos homens, daí surgindo a grande familia Pinheiro, uma das mais numerosas e tradicionais do Ceará.

Da vida deste bravo povoador dos sertões, contam-se histórias interessantes, fatos pitorescos envolvidos num anedotário curioso, oriundo da luta que levou por longos anos na sua casa grande de pastorêio.

O ESCRAVO ENCONTRA UM BOM JESUS

Conta a história antiga, já entremeada de lenda, que certo dia, ao cair da tarde, um escravo apascentava o rebanho quando, meio aturdido, encontrou um pequeno crucifixo de metal com pouco mais de um palmo de comprimento. Foi profunda a emoção do nêgro.

Abandonando as ovelhas, dirigiu-se, célere e ufano, para dar a bôa nova aos seus senhores. Ao chegar à Casa Grande, depara-se com Dona Rita das Dores Pinheiro, mulher do tenente-general Manuel Pinheiro Landim, a esta entregando a imagem aparecida.

A celêuma foi enorme. Não havia como entender e compreender quem a havia deixado ali naqueles campos êrmos, ingremes até, de vez que num outeiro, distante da Fazenda Cachoeira.

Posto num Santuário, já no escurecer, foi, com surpresa geral, notada a sua falta no dia seguinte. Pequena romaria dirige-se, então, para o local exato onde havia sido encontrado

anteriormente e lá estava o pequeno crucifixo de prata. Retorna à Fazenda e é posto num grande baú, de dobradiças reforçadas, forrado de couro crú e trancado a sete chaves... Novamente, manhã seguinte, notam-lhe a falta.

É feita, então, uma promessa: se novamente encontrado, ser-lhe-ia edificada uma pequena capela aonde receberia o culto e a veneração dos fiéis de toda a redondeza. E, a surpresa voltou a ser maior, quando, horas depois, foi novamente encontrado no baú colonial.

O MILAGRE DE MARIA DE S. JOSÉ

Tempo vai e tempo vem, o crucifixo passa para outras mãos. Desta vez para as da pequena Maria de São José, filha de Simeão Correia Lima Landim, casado com Dona Ana Rosa Pinheiro.

É, nesta oportunidade, que se dá o milagre e a pequena imagem fica famosa por toda a cercania da Cachoeira.

Um belo dia, na plenitude de um lindo inverno, todos se aprestam para uma viagem à fazendola de um compadre e amigo. À pequena Maria de São José ficou o encargo de conduzir o santo crucifixo.

Mas, a pequena, era muda de nascença. Nunca pronunciara palavra. Iniciada a marcha, alguem observa o carinho com que Maria levava o precioso achado do escravo.

Em dado momento, um alvoroço geral de todos se apodera. Que foi, que não foi ? Virgem Santissima ! Vejam quem está falando ! Vejam !

Efetivamente, Maria de São José se dirigia em voz alta à parentela que lhe servia de companhia na viagem.

O fato foi constatado por todos e, diante daquele estupendo milagre, não havia mais a esperar. Seria construida a capela ao Bom Jesus Aparecido.

No local onde foi encontrado o crucifixo, ergueram, de logo, uma cruz de grandes proporções, passando a chamar-se de Alto da Cruz.

Posteriormente, foi iniciada a capela, hoje terminada e onde se presta culto à Nossa Senhora de Fátima, sendo assim, Cachoeira a primeira cidade do Ceará a prestar a sua homenagem à Santa Milagrosa que hoje percorre o mundo.

Em 1813, foi iniciada a igreja local e, num dos seus altares, lá está o pequeno crucifixo de prata achado pelo lealdoso escravo. A paroquia tem a invocação de Bom Jesus Aparecido, tendo sido o seu primeiro paroco, o padre Pedro Pinheiro Landim, de saudosa memoria, para os filhos da terra.

Em sintese, é esta a crônica da fundação de Solonópole.

GENTIL, DOLOR E PADRE LEOPOLDO

Embora uma das menores cidades do Ceará, Solonópole é Pátria de homens de grande expressão no cenário das letras e da política.

Deles se destacam Gentil Barreira, nascido a 10 de fevereiro de 1895. Advogado, tem grande influencia na política do Estado, sendo deputado federal reeleito. Foi deputado estadual em 1930 e logo mais Prefeito de Fortaleza, em cuja função fez excelente administração. É bom orador, sendo de lamentar que quase nunca ocupe a tribuna da Câmara Federal, pois é um dos nossos mais ativos representantes no Palácio Tiradentes.

A maior glória de Solonópole é Dolor Uchôa Barreira, homem de notável cultura juridica e literária, autor de varias obras de merecido relevo. Pertence a inúmeras associações cientificas, destacando-se o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras, Professor da Faculdade de Direito, já ocupou diversos cargos de importància. A sua palavra é fácil, rica de imaginação, sempre colorida por uma profunda erudição, o que lhes outorga o título de um dos nossos melhores conferencistas.

Outro filho ilustre de Solonópole foi o Padre Lepoldo Fernandes Pinheiro, o mais perfeito e completo jornalista desta última década.

O seu recente falecimento encheu de tristeza o Ceará, vez que sempre colocou a sua pena brilhante ao serviço da terra sofredora.

Alfredo Barreira Filho, deputado federal, político de projeção, tambem é filho de Solonópole; Edmilson Pinheiro, deputado estadual, professor de vários estabelecimentos de ensino, ex-vereador de Fortaleza, moço culto, de palavra fácil e erudita, profundo conhecedor das linguas latina, francesa e portuguesa; Major José Rabelo Machado, ex-secretário do Governo Faustino de Albuquerque, na pasta da Policia; Alcides Barreira, médico; Major Justo Ribeiro, figura de relevo do Exercito e muitos outros que nasceram na antiga Cachoeira do Riacho do Sangue.

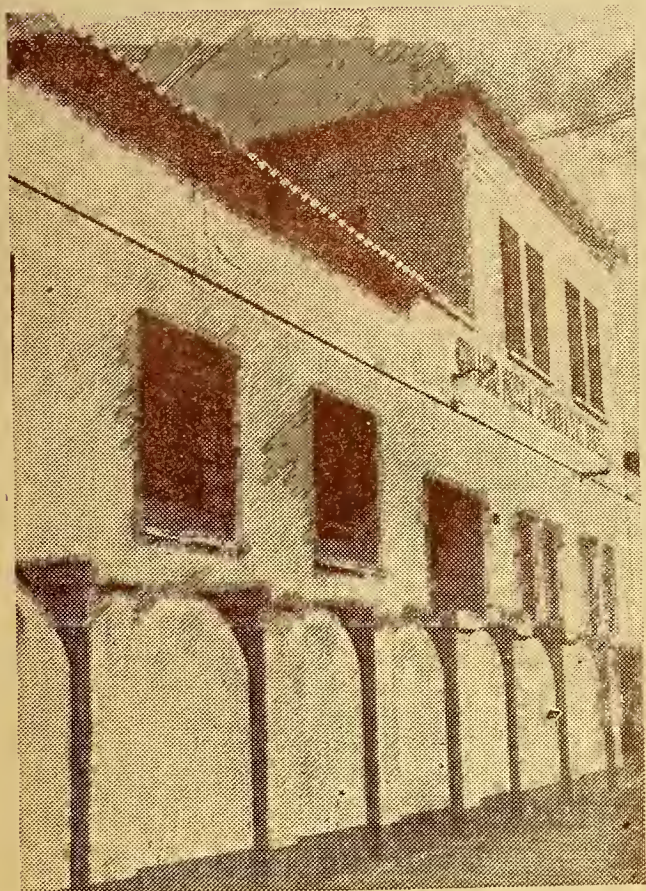
AMARGA REALIDADE

Como se pode depreender das linhas acima, Cachoeira é pátria de alguns homens de real projeção na vida política e intelectual do Ceará. Mesmo assim, é uma das menores cidades do Estado e a mais esquecida pelos poderes públicos.

Gente afável, trabalhadora, acredita em dias melhores. Um pequeno edificio de Correios e Telegrafos e um ou dois açudécos de menor expressão, eis tudo que já foi feito no município de Solonópole.

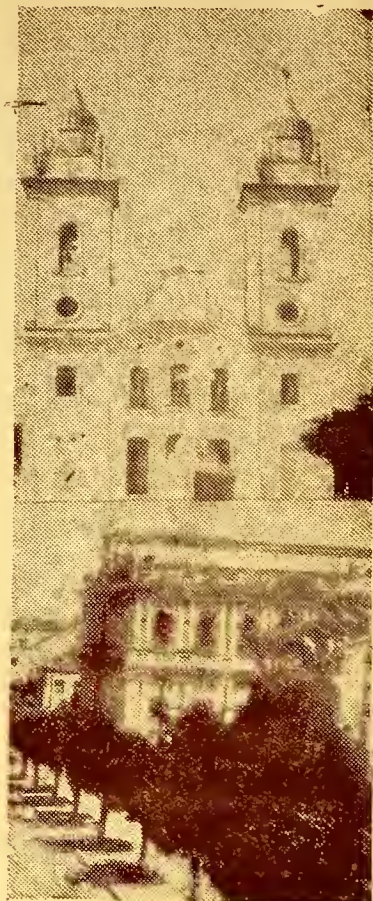
Algumas pequenas realizações, como sejam: uma pequena avenida, bem cuidada, localizada na Praça da Matriz, um prédio, relativamente bom, da Prefeitura, duas casas destinadas âs autoridades, Chafariz, armazens e catavento, bem como iluminação elétrica na séde e nas vilas, são iniciativas dos Prefeitos. Alguma festividade, uma imponente igreja, novenário nas capelinhas das vilas, tudo é obra exclusiva do vigário dedicado e incansável.

Faz pena a gente ver um município nas condições do de Solonópole. Só tem vida política, acentuada, na quadra das eleições. quando os seus orientadores partidarios vendem, negociam, transacionam votos dos seus eleitores por dinheiro ou favores pessoais, fato deprimente que lhe outorga somente ódios, rancores, incompreensão e atrazo.

NADOR POMPEU — Cidade

SENADOR POMPEU — Colégio

SENADOR POMPEU — Matriz

SÃO GONÇALO DO AMARANTE — Igreja Matriz

SOBRAL — Aspecto da cidade

SOBRAL — Catedral, uma das ruas da cidade e Club Recreativo

Antiga séde do município de Riacho do Sangue — lei n. 518, de 1º de agosto de 1850, Municipio de Cachoeira, aos 22 de outubro de 1870, extinto e restaurado várias vezes, foi, finalmente, reerguido até aos nossos dias, graças a lei 1540, de 3 de maio de 1935. Pelo decreto 448, a Vila de Cachoeira foi elevada à cidade a 20 de dezembro de 1938. Recentemente, passou a denominar-se o município de Solonópole, em homenagem a ilustre filho da terra.

A paroquia data de 19 de dezembro de 1863 e a sua Matriz foi terminada em 1821, sendo uma das maiores do Ceará.

TAMBORIL

TERRA ONDE NASCEU O PATRONO DA INFANTARIA

GEOGRAFIA — NOS MEADOS DO SÉCULO XVIII — A IMAGEM TROCADA — DE SOLDADO A GENERAL — OUTROS FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

O MUNICÍPIO de Tamboril é tipicamente sertanejo e as suas fazendas vastas, e povoadas de bom gado, dão-nos uma linda paisagem campestre, notadamente na quadra dos bons invernos quando tudo é fartura.

O seu povo vive, assim, mais do pastoreio do que de qualquer outra atividade, sendo, por isso, gente amante da terra que labora de sol a sol.

População pacífica, os tamborinenses tem sido esquecidos pelos governos, de vez que não há na cidade, e nem nas vilas, nenhuma obra pública de maior envergadura e de real utilidade para os munícipes.

Somente agora, na séde, contruiu-se em moderno Grupo Municipal, com edificação espaçosa, ampla, arejada, em moldes higienicos, isto mesmo por iniciativa exclusiva do atual Prefeito Francisco Martins de Holanda.

A história deste município vem do sécujo dezoito, quando nele se estabeleceu rico fazendeiro.

CAPITÃO LUÍS VIEIRA

Entre 1740 a 1760 levantou casa grande, nas proximidades de uma frondosa árvore denominada timbuiba, o Capitão Luís Vieira de Souza, casado com Dona Ana Alves Feitosa, descendente de tradicional família.

Homem de fé, Luís Vieira, logo tratou de mandar erigir capela sob a invocação de Nossa Senhora Sant'Ana.

Para isto, fez doação de larga faixa de terra boa, com partes de ribeira feraz e que se prestaria, admiravelmente, para a agricultura.

Reunindo a familia escolheu o local exáto onde devia ficar a igreja: serra no alto da malhada real. Isto posto, encomendou-se a imagem.

Com o correr dos dias, Luís Vieira falece. Neste interim, chega outra imagem : a de Santo Anastácio.

Os parentes do falecido fazem nova reunião para deliberarem. Ficou, então, assentado que a Igreja seria erguida no local aonde o Capitão ia erguer nova casa e que o padoeiro da Igreja seria, igualmente, Santo Anastácio.

Erguido o templo principiou a pequena povoação. Uma a uma foram se levantando as casinhas dos modestos povoadores e dentro em poucos anos ali estava já formado animado arraial.

CRONOLOGIA

Da formação histórica deste município ressalta, em primeiro lugar, a criação da Freguesia que deu-se aos 17 de dezembro de 1853.

Foi o primeiro vigário o Padre Raimundo Félix Teixeira, conforme nos informa o historiador Antonio Bezerra de Menezes, no seu livro «Notas de Viagem».

No Governo de Vicente Pires da Mota, isto é, 1854, foi a comunidade eréta em municipio, de acordo com a lei n. 664, de 4 de outubro daquele ano. Pelo mesmo ato, a povoação de Tamboril foi elevada à categoria de Vila.

O município viu-se extinto pelo Decreto n. 193, de 20 de maio de 1931, mas foi restaurado aos 4 de dezembro de 1933, no Governo do Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, então Interventor Federal no Ceará.

É Tamboril cidade desde o dia 20 de dezembro de 1938, de acordo com o Decreto n. 448.

DE SOLDADO A GENERAL

Tamboril tem a glória de ser a pátria de um dos maiores vultos da história militar do Brasil: General Antonio Sampaio.

De origem humilde, este valoroso cabo de guerra, partiu de sua cidade natal ainda muito jóvem. Ingressando na carreira das

armas como simples soldado raso atingiu a culminancia da glória militar pelos seus atos de inexcedivel bravura, chegando ao generalato.

Participou de várias campanhas militares, sobressaindo-se, para afirmar a sua marcante personalidade, na luta contra o Paraguay, onde cobriu-se de louros.

De promoção em promoção, sempre por ato de bravura, por merecimento, pelo réto cumprimento do dever, cumpriu a sua promessa quando afirmou que indo à guerra voltaria coronel.

Sempre escolhido para as mais duras provas de capacidade técnica e profissional, venceu todos os obstáculos com denodo, valendo-lhe imortal elogio de Caxias, o patrono do Exercito Brasileiro.

No pleno reconhecimento dos seus méritos, de sua glória, de sua bravura, as forças armadas outorgaram-lhe o justo galardão de Patrono da Infantaria Brasileira.

O seu nome, a sua vida, a trajetoria luminosa de sua existencia constituem uma linda lição de amor à Patria e deve servir de legenda às novas gerações.

EM NOSSOS DIAS

Nesta nova fase de vida municipal, Tamboril entra numa fase de progresso em busca de dias melhores.

O atual Prefeito tem se conduzido com acerto e aprumo. A cidade, hoje, é conservada sempre muito limpa. As estradas do município são bem traçadas e cuidadosamente reparadas, notadamente as que estão sob a administração municipal.

Um comércio relativamente movimentado faz a vida economica da comunidade: Notam-se algumas casas de melhor porte no conjunto urbanístico da séde.

Algumas das vilas já contam com luz elétrica, matadouro e mercado, realizações da atual administração e do passado governo do município.

* * *

Ressalte-se que em Tamboril, nasceram, entre outros, os seguintes filhos ilustres: Monsenhor Joaquim Rosa, uma das maiores expressões do clero cearense; Dr. Herculano Sales, que, foi várias vezes, deputado provincial; Francisco Xavier de Castro Guimarães, jornalista primoroso; Diogo Lopes Araújo, famoso catequista; Padre Luís Lopes Teixeira; Padre Francisco Rosa e muitos outros.

TAUÁ

FOI, OUTRÓRA, O FAMÔSO SÃO JOÃO DO PRINCIPE

O SERTÃO IMENSO E SEM FIM... — A SESMARIA DO PIONEIRO LOURENÇO FEITOSA — LUTAS TREMENDAS NOS INHAMUNS — MONTES E FEITOSAS — O OUVIDOR GREGÓRIO COUTINHO — FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

O MAIOR município do Ceará, em extensão territorial, é Tauá. Sertão imenso e sem fim, constitui o chamado Inhamuns. São nada mais nada menos de 9.556 quilômertos quadrados de vales, socálcos, serranias, sertão agreste e ribeiras, com terras ferazes, onde o labor agrícola e o pastoreio cativa mais de 50.000 habitantes.

A comunidade é vasta e nela vamos encontrar, além da cidade séde municipal, as vilas de Arneiroz, Barra Nova, Carrapateiras, Cococí, Inhamuns, Marrecas, Marruás, Parambú e Trici, todas com população apreciável.

É o maior centro criaror do nosso Estado, sendo famosas as suas fazendas, notadamente na quadra dos bons invernos.

O povo deste município é afável, acolhedor, lealdoso, mas valente como as armas. Aliás herda e honra a tradição dos seus antepassados.

PIONEIRISMO E COLONIZAÇÃO

A conquista e o consequente povoamento dos sertões dos Inhamuns datam ainda dos princípios do século dezoito.

Em 1708 já se concedia sesmaria à Lourenço Alves Feitosa na barra do rio Jucás em demanda dos famosos e imensos sertões.

Em 1718 nova porção de terra é concedida ao Capitão Luiz Coelho Vital para povoamento das ribeiras que demoravam nos Inhamuns.

Aos 13 de março de 1724, o Capitão-mór Manuel Francês concede mais terras à Lourenço Alves Feitosa, desta vez com mais de três leguas.

Ao mesmo tempo que estas sesmarias eram concedidas, outras iam sendo doadas ao capitão-mór Geraldo do Monte, na margem do rio Jaguaribe, proximidades do boqueirão do Orós.

Por questão de honra estes dois famosos pioneiros dos nossos sertões tornaram-se desafetos e começou a luta tremenda.

Ricos, potentados, senhores de vastas terras, com milhares de colônos rudes e alguns perversos, tôda a vasta região por êles dominada tingiu-se de sangue em verdadeiras batalhas. Foi o diabo!

Como acentua João Brígido, no seu «Homens e Fatos», até aos nossos ainda são relembrados estes episódios através dos nomes de algumas localidades cearenses: Riacho do Sangue, Trincheiras, Cruzes, Batalha, Tropas, Emboscadas e muitos outros.

O OUVIDOR GREGÓRIO COUTINHO

Passada a borrasca, tendo Tauá deixado de ser velhacouto de facínoras criminosos os mais terríveis, surgiu a povoação alegre e brejeira de Tauá.

Em 1801, governando o Ceará Bernardo Manuel de Vasconcelos, homem de ação e de palavra, de acôrdo com a Ordem Régia baixada aos 22 de julho de 1766, baixou um ato pelo qual ficava determinado que o Ouvidor da Capitania Gregório José da Silva Coutinho viajasse para aquela localidade afim de estudar, inloco, as possibilidades de ser a mesma ereta em Vila, conforme desejo ardente dos seus habitantes.

Em lá chegando o Ouvidor foi recebido entre cativantes demonstrações de simpatia. De logo reconheceu a necessidade de ser alí instalada uma Vila. Isto posto, em reunião de nobreza e povo, assenta o dia 3 de maio de 1802 para o ato solene da instalação da vila. No dia aprazado lá estava levantado o pelourinho e por entre vibrantes festejos ereta a antiga povoação de Tauá em Vila de São João do Principe.

Posteriormente acrescentaram a esta denominação a palavra Inhamuns, mas a lei n. 485, de 14 de outubro de 1898 restaurou-lhe a antiga denominação de Tauá. Aos 2 de agosto de 1929 a Vila foi elevada à categoria de Cidade, de acôrdo com os dispositivos do diploma legal n. 2.677. Em 1832 foi criada a freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário.

FILHOS ILUSTRES

Tauá tem dado vários filhos ilustres ao Ceará. Ressaltemos os principais: Fausto Carlos Barreto, filólogo de projeção nacional, antigo professor do Colégio Pedro II, deputado da monarquia e que presidiu os destinos do Rio Grande do Norte; General Antonio Américo Pereira da Silva, herói da campanha do Paraguay e do Uruguay; Monsenhor Antero

José de Lima, antigo Presidente da Assembléia e do Senado Estadual; Mons. Juviniano Barreto, figura de projeção do clero cearense e vigário por muitos anos de Juazeiro do Norte; João Felipe, engenheiro famoso; Professor José do Vale Feitosa, que ensinou durante muitos anos na Capital do País; Cândido Meireles, poeta festejado; Professor Joaquim Pimenta, escritor festejado, da Universidade do Brasil e homem de profunda cultura; Padre Francisco Máximo Feitosa e Castro, grande político ao seu tempo e que foi, várias vezes, deputado provincial; Dr. Heládio Feitosa, médico ilustre; Deputado Estadual Joel Marques, ex-prefeito do município e chefe político de grande prestigio em todo o Tauá; Deputado Estadual Antonio Gomes de Freitas, pertencente à tradicional família do município, ex-vereador de Fortaleza, prefeito interino da Capital cearense e figura de projeção na política do Ceará; Manuel Gomes de Freitas, ex-deputado estadual, e muitos outros.

EM NOSSOS DIAS

Tauá acha-se ligada à Senador Pompeu por uma rodovia construida no governo Menezes Pimentel. Já foi séde de importante Fazenda Modêlo e no território do município encontra-se em construção um grande reservatório.

A sua economia tem sofrido, ultimamente, com as sêcas inclementes, mas os seus habitantes tem sabido reagir não deixando que feneça a economia municipal cuja base, como acentuámos de início, é a agricultura e a pecuária.

A séde municipal é uma cidade vasta, com ruas largas, praças bem cuidadas, Matriz ao centro e casario moderno, destacando-se boas residencias.

Dirige a municipalidade, nos dias que correm, o Prefeito Flávio Alexandrino Nogueira.

O comércio local é um dos melhores do Interior cearense e a vida social e cultural revela uma urbe educada e progressista.

TIANGUÁ

FOI ANTIGAMENTE O ARRAIAL DO BARROCÃO

NA SERRA DA IBIAPABA — VILA EM 1890 E CIDADE EM 1938 — FILHOS ILUSTRES — EM NOSSOS DIAS

O MUNICÍPIO DE TIANGUÁ acha-se localizado no cimo da serra da Ibiapaba, mais comumente chamada de Serra Grande e tem extensão relativamente pequena, pois conta somente com 1.078 quilômetros quadrados.

A cidade, séde municipal, está situada a 800 metros de altitude, o que lhe outorga um clima excelente.

Com uma população superior a 22.000 habitantes, é uma das comunidades progressistas e pacíficas da zona norte do Estado, vivendo o seu povo de labor agrícola e do pastoreio.

A sua formação histórica data, mais ou menos, de 1870, segundo nos afirma Pedro Ferreira, no seu excelente «Dicionário Histórico — Descritivo da Serra da Ibiapaba.

Na tremenda sêca de 1877 serviu de abrigo seguro a milhares de sertanejos que buscaram as suas terras frescas e ferazes, de cujo fato, aliás, dependeu o povoamento do seu território em maior escala, posto que muitas famílias aí se radicaram para nunca mais abandonar a terra generosa e acolhedora.

CRONOLOGIA

Aos 9 de agosto de 1882, ainda no govêrno de Sancho de Barros Pimentel, foi elevado à distrito de Paz, tendo como o seu primeiro Juiz, o maior Luiz Antônio Aguiar.

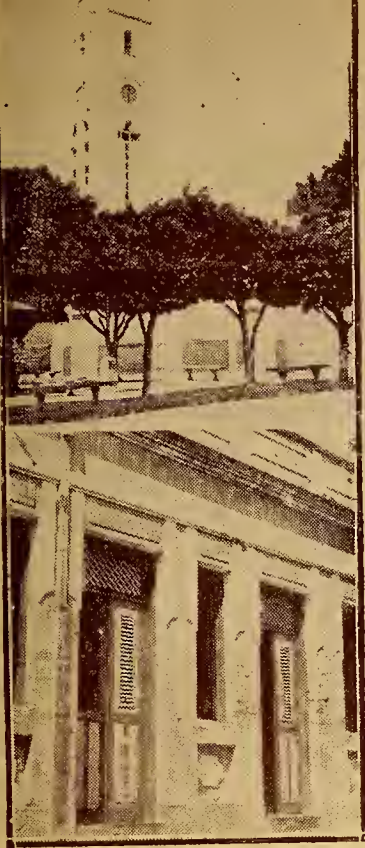
Passados mais alguns anos, já em 1890, povoado próspero, aos 31 de julho, foi elevado à categoria de Vila com a denominação de Barrocão, mas o Decreto n. 62, de 9 de setembro do mesmo ano, mudou-lhe o nome para Tianguá

Passando a ter vida própria, desmembrado de Viçosa, o novel município passou a ser dirigido pelo Cel. Manuel Francisco Aguiar, que foi o seu primeiro Presidente da Câmara.

Teve a sua Paróquia criada aos 15 de abril de 1915, por provisão assinada pelo saudoso Dom Manuel da Silva Gomes. A séde do Paroquiato é a Matriz de Nossa Senhora Sant'Ana, um dos mais belos templos católicos do Ceará e que está sob a direção espiritual do Monsenhor Dr. Agesilau de Aguiar que já ocupou o cargo de Prefeito do município.

Tianguá foi elevada à categoria de cidade recentemente, isto é, de acôrdo com o Decreto n. 448, datado de 20 de dezembro de 1938.

FILHOS ILUSTRES

Dentre outros, podemos destacar, como filhos ilustres de Tianguá, os seguintes: Almi-

URUBURETAMA — Igreja-Matriz e casa onde nasceu o escritor Soares Bulcão

VARZEA-ALEGRE — Igreja-Matriz

URUBURETAMA — Aspéctos da cidade

VIÇOSA DO CEARÁ — Estátua do Gen. Tibúrcio

VIÇOSA DO CEARÁ — Aspectos da cidade

rante Raimundo Frederico Kiappe da Costa, escritor festejado sobre assuntos navais; Padre Luiz Firmino Nogueira; Cel. Manuel Francisco Aguiar, que dirigiu durante muitos anos o município e foi deputado à Assembléia Legislativa; à sua pessoa, o município muito deve, Monsenhor Dr. Agesilau Aguiar, figura, de destaque do clero cearense, formado em Roma e atual vigário de Tianguá; Padre Manuel Francisco Nogueira e muitos outros.

EM NOSSOS DIAS

Tianguá é uma cidade de futuro promissor, Servida por excelente rodovia que faz a ligação de Fortaleza com Teresina, é passagem obrigatória de quantos transitam por esta via de comunicação.

Possui comércio relativamente desenvolvido e nas quadras dos bons invernos a vida é farta e feliz em todo o município.

A comunidade é hoje dirigida pelo Prefeito Municipal Joaquim Florencio de Aguiar que tem envidado os melhores esforços no sentido de bem servir a terra que o elegeu. Antecedeu-lhe, à frente dos destinos municipais, o Senhor Odilon Aguiar.

É notória, infelizmente, a falta de amparo a este município por parte dos govêrnos federal e estadual. A não ser as obras públicas levadas a bom termo pela municipalidade, alí não se observa nenhum benefício prestado por outra instituição pública. Faltam-lhe um Grupo Escolar e um Posto de Saúde, hoje indispensáveis ao progresso geral da cidade.

Ressalte-se, como obra notável existente em Tianguá, o Convento da Congregação dos Franciscanos.

UBAJARA

CIDADE INICIADA EM 1877

A SERRANIA DA IBIAPABA — DOMÍNIO DOS TABAJARAS — LAGÔA NO RIACHO PITANGA — INCÊNDIO NO POVOADO — CLIMA SAUDÁVEL E NATUREZA LUXURIANTE — A MATRIZ DE SÃO JOSÉ — A GRUTA MARAVILHOSA — OS MAGALHÃES, NOTÁVEIS JORNALISTAS — A PRIMEIRA VISITA PRESIDENCIAL — FILHA DA ADVERSIDADE, ODÊIA A PREPOTÊNCIA

COM MAIS de cento e sessenta mil habitantes, compreendendo seis municípios, numa altitude que ultrapassa a setecentos metros com clima saudavel e vegetação luxuriante, ergue-se, ao oeste do nosso Estado, a serrania da Ibiapaba, região privilegiada pela natureza e, outrora, decantada em páginas fulgurantes pelo jesuita Antônio Vieira. É um rincão habitado por um povo diferente, gente simples na sua totalidade, mas sempre entregue ao honroso labor da terra que, fértil e acolhedora, a todos outorga uma vida digna, sem muitos dissabores, posto que o clima, ameno e suave, oferece condições ao desenvolvimento de uma civilização pacata e ordeira, conformada e sonhadora. De suas comunidades sairam muitos filhos ilustres do Ceará e dois, deles, atingiram consagração universal: Farias Brito, filosofo, é filho de São Benedito e Clóvis Bevilaqua, jurista de notável saber, nasceu em Viçosa.

Zona de uma fertilidade admiravel, onde o poder público arrecada mais de oito bilhões de cruzeiros anualmente, a política administrativa do Ceará e do país lhe tem sido adversa, mau grado os líderes de renome que tem dado à vida pública do nosso Estado.

Reunindo, em seu seio, todas as condições para o florescimento de grandes riquezas, capazes de tornar menos aflitiva a situação de nossa gleba nas épocas de calamidade, a Serra Grande vive, hoje, completamente abandonada e o seu povo, bom e pacato, apenas recebe o conoforto dos seus chefes locais, herdeiros das responsabilidades patriarcais dos antepassados. É pena que uma região capaz de abrigar, folgadamente, um milhão de cearenses viva assim entregue ao esquecimento.

Quando dela lembra-se o governo da República é para alí tornar efetiva a ridícula idéia da localização de estrangeiros . .

Mesmo assim, florescem, na Ibiapaba, seis cidades simpáticas e progressistas. Destas, destaca-se a de Ubajara, séde do município do mesmo nome, cuja história, simples e sem desdoiro, desenrola-se ao correr dos anos, sem uma página sequer de luto ou de tristeza.

EM 1877 FUNDA-SE O ARRAIAL

Céleres e ufanos corriam os últimos mêses de 1876. O Ceará há vários anos prosperava com bons invernos. Entrára, porém o ano fatídico de 1877. A sêca fôra declarada, pois os

sertões estavam crestados pela soalheira impiedosa.

A população sertaneja procurava as regiões menos atingidas e uma destas era o cimo da serrania da Ibiapaba, já famosa por sua fertilidade.

Demandando a estas plagas, ao redor de uma pequena lagôa, formada pelo côrrego denominado Pitanga, sentam moradia, numa clareira de alguns quilômetros, famílias que a adversidade perseguia.

Formara-se, assim, nùma altitude superior a oitocentos metros, num ambiente paradisiaco, outróra devastado pelos Tabajaras, o pequeno arraial que se chamaria Jacaré.

Quatro anos depois, isto é, em 1881, um vendaval bate à porta dos singelos casebres construidos de palha, por isso que um incêndio fortúito, casual, põe por terra, reduzindo à cinzas todo o arruado primitivo.

Não esmoreceram os pioneiros e, ato contínuo ,do outro lado da lagôa, na parte setentrional, levantam novo povoado, desta vez por José Lopes Freire e Joaquim Mulato.

Distando da então Vila de Ibiapina, poucos quilômetros, a futura cidade de Ubajara, nasceu sob a sua proteção, posto que a Câmara daquela Vila lhe dirigia a vida pública, mantendo-lhe a ordem, com Fiscal e Zelador.

DEPOIS DO POVOADO, VEM A IGREJA

Progredindo aos poucos, demorando sob um clima saudável e entre uma vegetação luxuriante, o povoado de Jacaré reclama a edificação de uma capela para a prática do culto.

Aos 26 de janeiro de 1883, José Rufino Pereira, José Lopes Freire e Joaquim Mulato, fazem nova doação de terra destinada à ereção de uma capela com orago à São José.

Nos idos do verão de 1886, é levantado o singelo templo que só no ano seguinte, 1887, recebe a benção ministrada pelo então Vigário de Ibiapina, Pe. Manuel Lima de Araújo.

Anos depois que o Padre Thomé erigira a capela, foi esta ampliada pelo Padre Joaquim Vasconcelos.

Com o correr dos tempos, Ubajara progrediu, transformou-se em Vila movimentada. com feiras e comércio disputado, advindo daí nova reforma da capela que se transformou em Igreja-Matriz, posto que a Paróquia foi criada aos 22 de novembro de 1934.

Hoje, é um dos mais belos templos do Ceará, devendo-se este fato ao benemérito apostolado do dinâmico Padre Otacilio Ferreira ,ilustre filho de Acaraú que, à custa dos mais ingentes esforços, fez levantar, quase totalmente a Matriz atual.

A FAMOSA GRUTA DE UBAJARA

Já famosa pelas visitas de personalidades ilustres e pela beleza e encanto que encerra, a Gruta de Ubajara é realmente, a mais bela maravilha da natureza em nosso Estado.

Indo-se à cidade de Ubajara não se pode deixar de conhecer esta notável caverna, que bem devia merecer as vistas do poder público, transformando-a num agradavel local para vilegiaturas, piqueniques e visita obrigatória para turistas ávidos de surpresas singulares. A verdade é porém que nem mesmo uma estrada, para lá foi feita até aos nossos dias. Um caminho tôsco, foi obra da municipalidade.

Distando poucos quilômetros da cidade, a Gruta é uma enorme cavidade subterrânea, formada pela ação das águas e dos tempos que se perdem nos - séculos. Principia com uma porta de quase três metros de altura. Logo mais vem a «Sala da Rosa», assim chamada porque no cimo do této ostenta uma linda e enorme flôr, avermelhada. Sempre com corredores imensos, sai-se de uma enorme cavidade, para, logo mais, penetrar-se noutras. Todas, têm denominação de acôrdo com os motivos naturais que encerram.

Os estalactites formam imagens interessantes, tomam formas estranhas e emprestam, ao ambiente, um aspecto senhorial. Com a luz dos archotes, empunhados pelos visitantes, reluz um brilho intenso das rochas que circundam o maravilhoso anfiteatro.

Um regato, de aguas cristalinas e purissimas, empresta uma graça e um encanto incomuns ao cenário magnifíco.

Muitas celebridades têm visitado esta gruta, e lá deixam os seus nomes gravados nas paredes naturais que rebrilham sob o mais leve contacto da luz: Horácio Smal, notável geológo; Dom Manuel de Medeiros, Bispo de Olinda, dr. Justiniano Domingues da Silva; Antonio Bezerra de Menezes e muitos outros.

TRADIÇÕES DE CULTURA

Ubajara é uma cidade relativamente nova. Basta que passou à município pela lei n. 1.279, de 24 de agosto de 1915 e grangeou os foros de cidade já agora, em 1938.

Mesmo assim, já possuiu imprensa e teve dias áureos quando floresceu a sua sociedade, formou-se a sua elite, apareceram os seus líderes.

Aos 8 de setembro de 1904 circulou o «Ubajara», de Raimundo Magalhães. Principiava, assim, a sua tradição de terra de bons jornalistas, posto que Raimundo Magalhães, com Alcias Lopes, fundava, «A Tarde», bom jornal que tivemos. Logo mais, Magalhães redatoria a «Folha do Norte», no Pará. Publicando interessante «Dicionário de Folclore», Raimundo Magalhães — que possuia notável talento — segue para o Rio.

Raimundo Magalhães Junior atual colaborador do «O Povo», jornalista brilhante, honesto e sério, hoje uma das principais figuras da imprensa do Rio, é filho de Raimundo Magalhães e como êste também de Ubajara.

Surgem, ao correr do tempo:

«O Serrano», dirigido pelo escritor Manuel Miranda; «A Ibiapaba», dirigido por Craveiro Filho e, já em 1925, «Ubajara-Revista», de Oscar Magalhães e Flávio Ribeiro. Em 1928, circulou o «Ubajara», sob a direção de Grijalva Costa, atual deputado estadual, e Hemetério Pereira, inteligencias sempre voltadas para a prosperidade do município. «A Luz» foi o último periódico a circular em Ubajara sob a direção de Alonso Carneiro.

PRIMEIRA VISITA PRESIDENCIAL

Antes de deixar o govêrno do Estado, o então Presidente Matos Peixoto preparou via-

gem rumo à Ibiapaba, em cuja ocasião visitaria a cidade de Ubajara.

Não lhe poi possivel concretizar a aspiração, visto como a revolução de 1930 pôs abaixo o seu govêrno.

Coube ao desembargador Faustino de Albuquerque e Souza ir ao encontro da aspiração da cidade dos Ferreira da Costa. E efetivamente, a visita presidencial realizou-se sob as entusiásticas manifestações de apreço e estima.

É de registrar-se que o fato se revestia de excepcional importância, tendo em vista que o Governador inauguraria, ali, uma rodovia que, ligando Tianguá, Ubajara e Ibiapina, tornava realidade um sonho ha muito acalentado.

De fato às 10 horas de uma manhã de dezembro de 1950, chegava à Ubajara luzida comitiva composta entre outros, dos drs. Geraldo Nogueira, Luciano Pamplona, Aluisio Bonavides, além do Governador do Estado.

Sob os aplausos de grande assistência, ao som de hinos festivos e ao espoucar de foguetório, falaram Nabuco Pereira e Hemetério Augusto em nome do povo, agradecido.

Por ocasião do banquete, discursaram Grijalva Ferreira da Costa, representante de Ubajara na Assembléia Legislativa e dr. Aluisio Bonavides, da comitiva oficial.

Faustino de Albuquerque foi assim, o primeiro chefe de govêrno do Ceará a visitar Ubajara.

TERRA QUE ODEIA A PREPOTENCIA

Um fato interessante, e que deve ser ressaltado, é êste que se observa entre todas as facções políticas existentes em Ubajara, odeiam a prepotência, não admitem perseguições, não justificam injustiça, repelem tôda e qualquer manifestação de força, de predominio, e cerceamento da liberdade política.

Não conheço mesmo outra cidade que tenha tão nobre e tão elevado sentimento cívico. A verdade é que, em Ubajara, desde a sua fundação nunca se registraram crimes hediondos, massacres de natureza política, ou prisões que, de descabidas e injustas, não fossem relaxadas imediatamente.

Esta facêta de sua vida social e política lhe enobrece, alteando seu povo e dignificando as gerações passadas e presentes.

Com uma população de 20.000 habitantes, cidade séde com visiveis sinais e traços de progresso de hospitalidade, e contando com uma sociedade distinta, Ubajara tem sérios problemas de ordem coletiva para serem solucionados o quanto antes, sobressaindo-se o relativo à saúde, como me foi circunstanciadamente exposto pelo atual Prefeito Flávio Ribeiro.

Com excelente prédio de municipalidade, edificado em 1928 por Pergentino Costa, ex-chefe da comunidade e hoje líder político de grande prestígio, Ubajara que tem contado sempre com o valioso concurso do seu deputado que é Grijalva Ferreira da Costa, está atravessando uma fase de progresso na sua vida administrativa, posto que lhe dirige os destinos um dos seus mais diletos filhos, destes que estimam com sinceridade a terra natal, que é Flávio Ribeiro.

URUBURETAMA

CIDADE ERGUIDA NA SERRANIA DO MUNDAÚ

OS PRIMEIROS POVOADORES — DATAS DE SESMARIAS DO CAPITÃO-MÓR MANUEL FRANCÊS — ARRAIAL DA URUBURETAMA — O PADRE ESTEVAM VELHO CABRAL — A VARIOLA E A IGREJA-MATRIZ — NA CARTA GEOGRÁFICA DE SILVA PAULET — DEMANDA QUE AGITOU A CÂMARA DE FORTALEZA — HOMENS DE OUTRAS TERRAS — SOARES BULCÃO, O FILHO DILÉTO — ADERBAL SALES, O PRIMOROSO ESTILISTA — O CRIME DA FERROVIA — NOS DIAS ATUAIS

A SERRA da Uruburetama demora a pouco mais de cem quilômetros de Fortaleza e se desenvolve numa extensão de noventa e seis, com notavel fertilidade.

É regada por aguas mansas de vários regatos, dentre os quais o do Mundaú que, transformado em rio, após descer as suas encostas, vai banhar, por entre vales e socálcos, a antiga Vila de São João da Uruburetama.. tre vales e socálcos, a antiga Vila de São João da Uruburetama.

Precisamente onde o famoso rio beneficia um lindo vale, atapetado de verde, em boqueirão vistoso, é que se ergue o casario da cidade moderna, donde se destaca, numa bela afirmação de fé, os contôrnos da tradicional

Igreja de São João, levantada nos idos de 1874.

É a pátria de Soares Bulcão e de Aderbal de Paula Sales, dois expoentes magnificos das letras cearenses, ambos cativados pela glória literária, de tão vasta e fecunda e maravilhosa produção no livro, na tribuna e na imprensa. O falecido Soares Bulcão deixou a fama e o brazão à terra querida, que tanto decantou por lhe haver servido de berço; o outro, vivo e estuante de criações artistica, continúa alçando bem alto o nome da pequenina Pátria em que viu a luz nos primeiros dias de vida.

É a terra, assim, mãe de ilustres filhos, outrora decantada em versos primorosos: — «Criou-te Deus entre virentes serras, refúgio amigo onde reside a paz».

OS PRIMEIROS POVOADORES

As terras, onde se sitúa a cidade de Uruburetama, foram concedidas ao Capitão Bento Coelho de Morais e a sua neta Maria de Assunção, por Data e Sesmaria assinada pelo Capitão-mór Manuel Francês, da antiga Capitania do Ceará Grande, a cujo cargo «estava o governo dela por Sua Majestade, que Deus guarde».

Isto ocorreu no longínquo ano de 1725, conforme registram publicações oficiais, e está com a data de 6 de junho.

Anos mais tarde, dita terra foi herdada pelo tenente-coronel Manuel Pereira Pinto e sua mulher Floriana Coelho de Morais.

Ao correr dos anos estas glebas foram se passando para vários herdeiros e compradores, que vinham se estabelecer na famosa região, por todos proclamada como uma das mais férteis da Capitania.

A tudo, encravado no Sitio Arraial, estabeleceu Manuel Pereira e sua mulher, em 1750, uma doação de três léguas ao Padre Estevam Velho Cabral de Melo, para patrimonio sacerdotal.

Sentada moradia no dito sitio, o velho cura passou a celebrar os primeiros atos religiosos da região, atraindo, por isso mesmo, grande número de forasteiros, de terras limitrofes. que os vinham piedosamente assistí-lo.

Dia vai, dia vem, lá se foi formando, aqui e ali, pequeno arruado, com casas de cercado de pau a pique, todos vivendo do amanho da gleba «dadivosa e boa que, em nela se plantando, tudo dá».

DEMANDA QUE AGITOU A CAMARA

Por duas coisas brigam os sertanejos, de bacamarte à mão: mulher e terra. Tem-nas, os homens do sertão, como coisa sagrada. Mexeu com uma, é ver barulhão danado.

Foi o que aconteceu no antigo Arraial, quando o bravo Capitão Francisco da Rocha Ferreira meteu-se a valente, no querer tomar as terras de Manuel Pereira Pinto e sua mulher, antigos moradores da redondeza.

E o barulhão tomou ares de coisa séria, com emboscadas pelo meio, juras de morte e aliciamento de cabras destemidos.

Foi, então, quando o Coronel Pinto propôs demanda na Camara de Fortaleza que, agitada, resolveu a ida do Juiz de Vintena ao distrito da Uruburetama, para uma vistoria em regra. Por lá batendo o Juiz, aos 7 de janeiro de 1780, em hora aprazada, se procedeu a vistoria. Foi o diabo...

E lá se veiu o resultado favorável ao Coronel Manuel Pereira Pinto e à sua mulher. Partes destas terras valiam, àquela época tanto quanto quatrocentos cruzeiros...

DE JOSÉ DO MONTE AO PADRE NOGUEIRA

Por escritura lavrada aos 29 de outubro de 1807, Pedro José do Monte adquire terras, no Arraial, compradas a Gabriel Teixeira Pinto e se estabelece, com fazendola e sitio, no firme proposito de ficar rico.

Homem afeito ao duro trabalho da lavoura, José do Monte prospera em poucos dias e, como bom cristão que era, aos 23 de junho de 1824, faz doação de um grande terreno, de quatrocentos passos, em quadro, destinado à instalação de um nicho para São João Batista.

Em 1843, o Padre Luís Antonio da Rocha Lima, vigário de São Bento da Amontada, concede, à vista de longo abaixo-assinado, uma ordem a Manuel Barbosa para que levante novo nicho ao santo da terra, «visto como o primeiro, mal comportava o padre».

A este tempo, já se notava o pequeno povoado desejoso de progredir, vindo daí o residir de novas familias, que se iam estabelecendo com pequeno comércio e lavoura de cana.

Um fato excepcional iria, porém acontecer nesta quadra da vida de Uruburetama: chega o Padre João Francisco Dias Nogueira, primeiro capelão. Isto se passa num momento em que o povo estava sendo impiedosamente atacado pela varíola. Corria o ano da Graça de 1867. O piedoso missionário desdobrou-se em febril atividade, mas conseguiu minorar a dificil conjuntura.

O povo lhe foi grato: pagou-lhe, ofertando esmolas para a ereção de uma Igreja, a mesma que hoje, reformada e ampliada, é o belo templo da Paróquia que foi criada, com o nome de São João da Imperatriz, aos 15 de dezembro de1885.

DE DISTRITO DE PAZ À CIDADE

Ainda em 1869, por lei provincial n. 1277, de 5 de setembro, foi criado o Distrito de Paz da Povoação de Arraial.

O Decreto n. 34, de 1º de agosto de 1890, transformou o Arraial em município, sendo o povoado elevado à categoria de Vila. Aos 7 de fevereiro de 1891 foi criado o termo, mais tàrde extinto, posteriormente restaurado e, finalmente, feito termo com juiz togado em 1916. Em 1934, foi criada a comarca, ainda hoje existente.

Município suprimido em 1898, teve a sua restauração assinada pelo lei n. 526, de 28 de julho de 1899, com a denominação de São João da Uruburetama.

O nome atual, Uruburetama, lhe foi outorgado pelo decreto n. 448, de 20 de dezembro de 1938, que por sinal, não foi muito

TAMBORIL — Igreja-Matriz

TAMBORIL — Aspecto da cidade e Grupo Escolar S. Francisco

VARZEA-ALEGRE — Praça Municipal

UBAJARA — Aspectos da cidade

UBAJARA — Igreja-Matriz

bem aceito, em vista de achar-se que melhor lhe sentaria o nome tradicional, antigo, secular, que era o de Arraial.

Passou à cidade, já em nossos dias, isto é, aos 28 de julho de 1931.

VARIANTE PARA URUBURETAMA

Uruburetama é uma cidade, hoje, sem vias de transporte favoráveis ao seu desenvolvimento economico. Está escondida num canto de serra, sob linda paisagem natural, mas prejudicada de maneira lastimavel pela incompreensão dos nossos homens de governo.

Sendo séde de grande produção agrícola, com centenas de sitios e fazendas que garantem boa e segura safra anual, não dispõe de uma estrada capaz de lhe encorajar o desenvolvimento economico, facilitando-lhe o transporte fácil e barato.

Não fôra esta amarga realidade, hoje, seria uma das melhores cidades do interior cearense.

Indo ao encontro do desejo maior de Uruburetama, Soares Bulcão envidou o melhor dos seus esforços, numa patriotica campanha, com o objetivo de ser construida uma variante da ferrovia Fortaleza-Itapipoca que passasse por Uruburetama.

Foram feitos memoriais, redigiram-se telegramas movimentou-se meio mundo e, afinal, lá se foi o Engenheiro José Custódio de Carvalho Drumond fazer o estudo solicitado.

Constatou-se a possibilidade da variante. Positivou-se a necessidade da construção, que teria grande utilidade economica para a região a ser beneficiada pelo caminho de ferro.

Passaram-se anos e, o resultado é que, tudo ficou somente em promessa. E, para consolo, o trem passou pelo Tururú, Vila de Urubureama, a sete quilômetros da cidade...

FILHOS ILUSTRES

No principio, tudo estrangeiro. Espalhada a fama de fertilidade da bela região, vieram para Uruburetama, antigo Arraial muitos capitães e coroneis que lhes deram vida e agitação. Ainda hoje, os contemporaneos guardam nomes de velhos donos de sitios e fazendas, que pronunciam com carinho e amável recordação: Francisco José de Araújo Morgado, foi o que construiu a primeira casa de tijolo na atual cidade; João Antonio de Paula, foi fator de progresso e desenvolvimento para a então Vila, visto como lhe construiu os melhores prédios; João Gualberto de Oliveira Guimarães, transformado em rico proprietário rural, fez muito por Uruburetama; Bernardino Escóssio Drumond e muitos outros que vieram de municipios vizinhos e que amaram, enternecidamente, o velho Arraial de outróra, com casaria de beira e bica, fartura e gente alegre nas noites no novenário de maio...

José Paixão de Sales, cuja memória está reverenciada num busto em praça pública, foi o primeiro filho ilustre de Uruburetama. Logo mais, tivemos José Artur Montenegro, falecido em plena mocidade, escritor; General Manuel Tomé Cordeiro, heroi da Guerra do Paraguay; Francisco Floriano de Paula, pedagogo; João de Freitas, brilhante advogado, palestrador admiravel, homem de vasta ilustração, barbaramente assassinado; Tompson Soares Bulcão, do exercito nacional; Engenheiro Pereira de Menezes, e outros que a memória não recorda, de momento.

Dois uruburetanos, porém, se destacaram no Ceará, com renome no Brasil, através da produção literaria: José Pedro Soares Bulcão, autor de várias publicações festejadas. Entre outras, escreveu: Paremias, Territorio do Acre, El Derrumbe, A Função dos Patridos Políticos e o Dever Partidário, Anastacio Braga, Vila do Arraial, etc.. O seu falecimento abalou o Ceará intelectual. Aderbal de Paula Sales, médico de Povos e Líderes, e outras obras consagradas pela crítica, atingiu, já, a consagração literária. Estilista, erudito, escreve com segurança e encanto. O seu nome já transpôs fronteiras do Ceará e se projeta no Rio, consagrando-lhe os méritos de excelente escritor.

CIDADE DE HOJE

A pouco e pouco, Uruburetama vai conquistando ares de cidade moderna e progressista. Mal grado o desprezo que lhe tem votado as administrações estaduais, o município, de modo geral, vem progredindo.

As Vilas de Tururú, São Luiz do Curú e outras, já contam com iluminação elétrica, mandadas instalar pelo Prefeito Julio Costa Ribeiro, atual dirigente da comunidade.

Notam-se algumas rodovias, obras darte, construidas pela municipalidade, ligando os varios distritos.

A cidade, propriamente dita está vendo continuar o serviço de pavimentação, com algumas ruas e praças recentemente calçadas, assentamento de meio-fio, etc..

Projeta-se a construção de uma Maternidade e ultimamente, foi instalado o Serviço de Abastecimento Dágua, obra que eleva a atual administração municipal, tendo em conta o relevante serviço que presta à população da cidade.

Com ruas longas, bem alinhadas, casaria moderna, praças bem arborizadas e ajardinadas, boa iluminação, que data do Prefeito Paula Sales; com bela Matriz, paroquiada pelo estimado Padre José Solon Teixeira; cinema falado em ótimo prédio, grupo escolar, casa paroquial vasta e bem construida; Matadouro, construido na primeira gestão Julio Costa Ribeiro; contando, finalmente, com uma população de 32.000 habitantes na área municipal e mais de 3.000 na cidade, Uruburetama é hoje uma das nossas principais sédes de município.

Demorando num lindo recanto do Ceará, a tradicional e antiga povoação do Arraial, hoje cidade de Uruburetama, nos oferece a hospitalidade cativante do seu povo, sempre ordeiro e trabalhador, num atestado eloquente e numa comprovação magnifica do que simboliza a poetica de Soares Bulcão:

Sob esta nesga límpida do céu
Onde mais alto o sol parece ainda,
De vasta zona natural troféu
Sem a mais leve sombra de labéu
És a terra do amor, fecunda e linda'.

VÁRZEA ALEGRE

PARÓQUIA EM 1863 E VILA EM 1870

MUNICÍPIO PROMISSOR — GEOGRAFIA — COMBATES DE PINTO MADEIRA — CRONOLOGIA — FILHOS ILUSTRES — A CIDADE DOS NOSSOS DIAS

VÁRZEA ALEGRE, diante da densidade de sua população, é um dos municípios de grande futuro economico do nosso Estado.

Possui terras excelentes, que se prestam admiravelmente para o cultivo intensivo de cereais, notadamente do arroz, de que é o maior produtor do Ceará.

O seu povo é de índole pacífica, profundamente laborioso e, nas quadras de bons invernos, vive feliz e sempre alegre.

Faz gosto a gente observar as festividades religiosas do padroeiro da cidade. Vem gente de toda a parte, a séde municipal fica quase intransitável, tão grande o fervor e a devoção ao padroeiro São Raimundo Nonato.

É município que tem vivido esquecido pelos governos e o pouco que apresenta, no setor da sua vida pública, é obra exclusiva dos gestores munícipais.

A sua história tem decorrido sem maiores atropelos. De simples povoado nos meados do século dezenove, passou à maioridade política, o que lhe outorgou certo progresso material e político.

Nestes últimos anos, porém, a sua prosperidade tem se acentuado fortemente, notadamente no que se relaciona com a séde municipal que, hoje, apresenta ruas pavimentadas, bem iluminadas, praças e jardins públicos, bela Matriz, moderna Casa Paroquial e algumas residenciais que denotam gosto e conforto.

GEOGRAFIA

O município de Várzea Alegre tem apenas 974 quilômetros quadrados, o que vem a dar uma porcentagem de 0,64 em relação à área total do Estado, pelo que se nota ser das unidades pequenas do Ceará, territorialmente.

Embora dispondo assim de território relativamente diminuto, é grande a sua população, hoje superior a 27.000 habitantes que povoam a séde e as Vilas de Calabaça, Ibicatú, Naraniú, Riacho Verde e Canindésinho.

As terras compreendidas dentro do município são regadas por vários rios e riachos dentre os quais valem salientados: Riacho do Meio, Riacho do Machado, Rio Cariús, Rio São Miguel e outros de menor porte. Estes cursos dágua lhes outorgam ribeiras excelentes, vales fertílissimos.

Serranias como a dos Creoulos, Charnéca, Iputí e outras ofertam socálcos e ondulações onde se produzem, em grande quantidade, cereais e o algodão, que é, como arroz, uma das fontes da economia municipal.

CRONOLOGIA

Das poucas localidades do Ceará que nunca mudaram de nome, Várzea Alegre é uma delas. Desde os tempos primitivos, quando não passava de um simples e modesto arraial, com casario de beira e bica, chamou-se Várzea Alegre.

Em 1863, já era povoado importante da região. Foi neste ano que, aos 30 de novembro, foi criada a freguesia sob a invocação do atual Padroeiro da Cidade, São Raimundo Nonato. O primeiro vigário local foi o Padre Benedito de Souza Rego e o atual dirigente da comunidade catolica é o operoso Padre José Otávio de Andrade, um dos benfeitores da terra.

Foi no Governo de Francisco Inácio Marcondes Homem de Mélo que a povoação foi elevada à categoria de Vila, isto pela Lei n. 1329, datada de 10 de outubro de 1870, que criou, por igual, o município.

O Decreto n. 193, que quase acaba com todos os municípios do Ceará, tambem atingiu a Várzea Alegre, cortando a autonomia de que gozava até então.

Aos 4 de dezembro de 1933, no Governo do saudoso Roberto Carneiro de Mendonça, um dos homens de bem que já governou o nosso Estado, o município foi restaurado pelo Decreto n. 193.

A séde municipal foi elevada à categoria de cidade aos 20 de dezembro de 1938, foros que ainda hoje conserva com justo orgulho e merecido relevo.

FILHOS ILUSTRES

Vários são os filhos ilustres de Várzea Alegre. Entre outros, salientemos, Dr. Leandro Correia Lima, médico culto; Dr. José Ferreira, também médico ilustre: Padre José Alves Bezerra; Sérgio Pio de Pontes Ferreira, compositor festejado; Padre Francisco Oliveira; Dr. Joaquim Figueiredo Correia, advogado e deputado estadual eleito em duas legislaturas, atual sub-líder da bancada pessedista na Assembléia e chefe político em Várzea Alegre; Dr. Raimundo Otoni Filho, advogado, poeta de fino sentimento e Delegado Regional do Ensino; Cel. Francisco Alves Teixeira, que foi banqueiro e figura de prestígio no seio das classes conservadoras; Vital Félix de Souza,

líder operario de grande prestigio em Fortaleza, possuidor de dotes oratórios próprios, em estilo simples mas de grande agrado; Capitão Asclepiades Pontes, herói da Campanha de Canudos e muitos outros.

EM NOSSOS DIAS

Como acentuámos de inicio, Várzea Alegre, atualmente é uma cidade que vai se modernizando e tomando aspécto progressista.

Governa o município o estimado Prefeito Municipal Adelgides Figueiredo Correia, moço distinto, que fez o curso secundário em Fortaleza e que vem envidando os seus melhores esforços no sentido de bem conduzir a comunidade que serve com desvelo.

Algumas obras de certa importancia foram realizadas pelos seus antecessores e na sua gestão já se inauguraram algumas iniciativas públicas, tais como uma bela Praça Municipal, um Posto de Saúde moderno e uma boa rodagem denominada Presidente Dutra.

Não fossem os anos de seca pelos quais tem passado o municipio, Várzea Alegre, que dispõe de um comércio movimentado, seria uma das boas cidades do Ceará.

Nota-se, todavia, que esta séde municipal marcha, a passos firmes, para esta época de afirmação de sua capacidade progressista.

Se nos dias passados foi teatro de lutas memoráveis, quando Pinto Madeira, o famoso caudilho do Carirí, aí foi derortado aos 6 de fevereiro de 1832, hoje é cidade pacata, de vida simples, sem atropelos, com gente acolhedora e afável.

VIÇOSA DO CEARÁ

CHAMADA VILA REAL DA AMÉRICA

A NAÇÃO TABAJARA, COM DIABO GRANDE E MEL REDONDO — OS FRANCÊSES, COM BOMBILLE À FRENTE — O MASSACRE DO PADRE FRANCISCO PINTO — DOM ANTÔNIO FELIPE CAMARÃO — CRIMES PAVOROSOS E HEDIONDOS — O CABRA QUIRINO MATA O PADRE VALCACER — CINCO LITROS DE FARINHA POR UM VINTEM... — AS MINAS QUE ABALARAM O BRASIL — GRANDES VULTOS NAS LÊTRAS E NAS ARMAS — DEOCLECIANO PACHÊCO. O ANTI-CLERICAL E HOMEM CARIDOSO — CIDADE PROGRESSISTA — POVO AMÁVEL

O FAMOSO Padre Antônio Vieira perlustrou, nos longínquos albores de nossa formação histórica, a serrania da Ibiapaba, cognominando certa vez, Viçosa, de «filha do mar de pedras».

É que, a cidade de Clóvis Bevilaqua, demora numa altitude superior a setecentos metros. Nasceu de uma antiga taba, em cujos domínios imperava a bravura de Irapuan, guerreiro temível da nação Tabajara. A antiga Vila Viçosa Real da América tem três séculos de história e os fatos e episódios de sua admirável crônica estão intimamente ligados aos albores de nossa formação. Na verdade, não se pode escrever sobre o início da colonização cearense, sem que, em primeiro plano seja situada a antiga aldeia que serviu de séde ao célebre hospício dos Jesuitas.

Região fertilíssima, de uma beleza natural incomparável, a área geográfica que hoje é abrangida pelo município de Viçosa do Ceará, foi uma das primeiras a serem colonizadas.

Atraindo aventureiros francêses do Maranhão, cobiçada pela excelência de suas terras, transformou-se, de um momento para outro, num centro de lutas tremendas.

Mal grado alguns fatos que tingira de sangue o seu solo riquissimo, venceu galhardamente a procela que, no início de sua história marcou uma época de suor e lágrimas» do capítulo da nossa crônica colonial, sendo hoje uma das cidades mais hospitaleiras do Ceará.

PERO COÊLHO E FRANCISCO PINTO

O primeiro vulto de maior projeção da era colonial que perlustrou Viçosa, foi Pero Coêlho de Sousa, valoroso fidalgo português, antigo morador da Paraíba.

Em 1604, demandou ao Ceará Grande, chefiando um grupo de 200 homens e 60 soldados. Recebera a patente de Capitão-Mór e vinha expulsar os francêses que tentavam aqui se estabelecer.

Alcançando a foz do rio Camocim, ruma para Ibiapaba em companhia de Martim Soares Moreno, Nunes Correia e Manuel Miranda.

Homem de bravura sem igual, resolve subir a serrania que convidava à aventura através dos seus contôrnos verdejantes.

Atingindo o meio da caminhada ingrême, trava combates terriveis com a indiada a soldo dos francêses. Sorrindo-lhe a vitória, celebra paz, permanecendo algum tempo no cimo da serra, entre os Tabajaras.

Daí retira-se, logo mais para a conquista do Maranhão, vez que já havia vencido Bombille, que sonhára com a conquista da exuberante região para os domínios da França.

Três anos depois, chegavam à região, vindos do Recife em 1607, os missionários jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira. Recebidos carinhosamente pela indiada, sentaram aldeiamento e pregação.

É quando os Tocarijós, inimigos dos Tabajaras, levam a efeito um dramático e selvagem ataque, do qual resultou o massacre de Francisco Pinto, o martir da nossa colonização.

Embora com o vagar da remota época, o fato correu mundo, tornando-se a região centro de permanente interesse para colonização definitiva.

NOVAS MISSÕES E VILA EM 1759

Colocada, assim, geograficamente, numa região privilegiada, naturalmente destinada à formação de um centro civilizado, a igreja retorna à sua luta no sentido de conquistar a indiada. Formam-se, então, as missões dos Camucins, dos Araçás e Arariús.

Em 1656, o Padre Antônio Vieira chefe dos missionários do Maranhão, envia, para a catequese, os padres Antônio Ribeiro e Pedro Pedrosa. A ação, o trabalho desenvolvido por estes dois missionários foi verdadeiramente notável.

Em 1660, o famoso pregador Vieira vem à Ibiapaba e lança sôbre a cidadela, já iniciada, a sua palavra mágica, o seu verbo admirável.

Já bem desenvolvida, a missão, em 1742, tinha como chefe principal o notável missionário José da Rocha, clérigo de grande capacidade de trabalho, abnegado e querido.

Os seus moradores reclàmam, então, a ereção do povoado em Vila, o que é conseguido aos 7 de julho de 1759, pelo Alvará de 8 de maio, que fôra transmitido a Lôbo da Silva, Governador de Pernambuco.

Era Ouvidor Geral da Capitania, Bernardo Coêlho da Gama Casco. No mesmo ano, dado o desenvolvimento da localidade, foi criada a freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção.

Em 1761, balanceando o patrimônio da paroquia elevavam-se os seus bens a muitas centenas de rezes, além de mais de 12 léguas de terra bôa, inclusive a famosa fazenda Tiaia, deixada pelos padres Jesuitas.

Viçosa é, assim, uma obra notável da ação dos missionários no dealbar da nossa civilização.

«O HOMEM MAIS INFELIZ DO SÉCULO»

Mal grado a sua formação católica, o município de Viçosa do Ceará foi teatro de crimes pavorosos que abalaram o Brasil, na quadra imperial. Um deles, foi o de Bananeiras, ocorrido em 1884.

Em 1849, outro crime bárbaro ocorreu na Fazenda Tapera — acima. Dele, ocupou-se a imprensa provinciana, taxando-o do «mais horrendo crime já cometido na provincia».

Citada pelos cronistas, como uma das maiores tragédias já registradas no Ceará foi a do sítio Tabatinga, ocorrida aos 6 de outubro de 1878, onde «o maior malvado do século» perpetrou um crime pavoroso.

Cercada a fazenda, aproximaram-se os fascinoras da casa de residência e lançaram fogo em derredor. A casa estava com mais de vinte pessôas inclusive mulheres e crianças. A cena foi verdadeiramente dantêsca. Aos gritos de ais e de socorro, sucedia uma saraivada de balas. Quem procurava escapar das chamas, morria debaixo do macamarte.

Apenas escaparam um moço e o velho pai, Inácio José Correia que foi considerado «o homem mais infeliz do século».

Coisas da justiça dos homens: após a chacina semi-enlouquecido José Correia é trancafiado numa prisão, pois assim exigia a política da época.

A MULHER MANDA MATAR O PADRE

Em monografia publicada em 1888, sobre Viçosa, conta-nos Álvaro Gurgel de Alencar, com minudências um fato tristissimo ali ocorrido, em 1842.

O vigário interino Maximiano José Valcacer substituira ao clérigo colado Benificio Mariz. Em cumprimento a ordens do Bispo de Olinda, determinára que todos os bens paroquiais, fazendas, gados, etc., ficariam sob sua direção até o restabelecimento do vigário efetivo.

A isto opoz-se, tenazmente uma senhora que o ameaçou de morte. Certa manhã, precisamente às 7 horas, ouve-se um tiro. Cai de bruços sôbre uma mesa aonde estivera escrevendo o vigário interino, de 38 anos de idade.

Fôra o cabra José Quirino, anteriormente peitado para a fatídica empreitada. Justiça vai, justiça vem, o caboclo foi prêso em Sobral. Dias depois foge para o Piauí nada mais sofrendo.

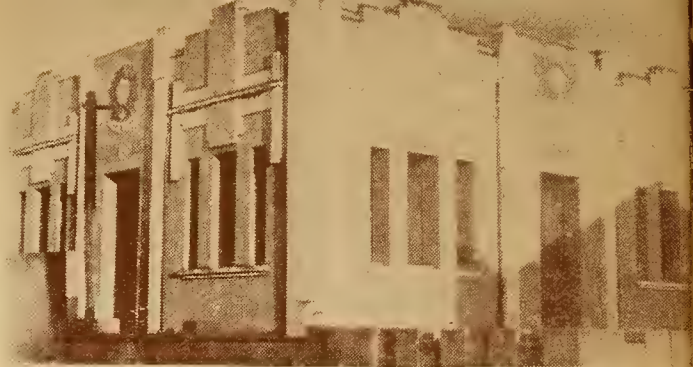
A mandante nada sofre e um filho que fôra processado vai absolvido por duas vezes. Dizem que o juiz recebeu grande soma em ouro . . . Há muito venal nêste mundão de meu Deus !

TABELA DE PRÊÇOS . . .

Não são de hoje as tabelas de prêços. Elas vem de muito longe. Vale, a propósito, resumir-se, aqui, uma resolução da Câmara Municipal de Viçosa do Ceará, do ano de 1786.

«A sessão de 14 de agôsto de 1786, teve por causa assunto de maior importância. Presidiu-a o sargento-mór Luís de Amorim Barros.

«Ficou assentado então que o sabão fos-

QUIXARÁ — Prefeitura e Matriz

SABOEIRO — Aspecto da cidade e Igreja-Matriz, estilo colonial, mandada erigir pelo Visconde do Icó

se vendido a três vintens a libra, 12 bananas grandes e compridas ou quinze das pequenas a vintem, 20 laranjas da China ou lima a vintem, 40 goiabas a vintem, uma vela com vara e meia de comprido, um vintem. Editado o edital, todos conhecedores, os que não cumprirem pagarão uma multa de dez tostões na cadeia».

Eram assim a lei antiga e os prêços de então . . .

PÁTRIA DE GRANDES HOMENS

Viçosa do Ceará é uma das unidades municipais que deu grandes filhos ao Ceará. Inumeros são os seus varões ilustres.

Dentre êstes, vale ressaltar Clóvis Bevilaqua, o maior civilista da América; Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa, Patrono da Infantaria, heroi da Guerra do Paraguai e um dos maiores soldados do Brasil; Marechal José Freire Bezerril Fontenele, que governou o Ceará; Marechal José Bevilaqua; Coronel Tiburcio Gonçalves de Paula, grande chefe político da Ibiapaba; João Damasceno Fontenele, desembargador; Professor Humberto Fontenele da Silveira, advogado brilhante, homem de bem e uma das figuras marcantes da magistratura cearense; Dr. Walter Fontenele da Silveira, moço culto, professor cujo falecimento foi muito lamentado; Dr. Wilson Fontenele, tabelião em Fortaleza e advogado muito estimado; Professor Antonio da Cunha Fontenelle; dr. Antônio Coêlho de Albuquerque, Ministro do Tribunal de Contas; Francisco Caldas da Silveira homem prestigioso; Padre Antônio Carneiro da Cunha, um dos maiores vultos da formação histórica do Brasil, o bravo índio Antônio Felipe Camarão.

O ADVOGADO DEOCLECIANO

Uma das personalidades mais interessantes de Viçosa é sem dúvida a de Deocleciano Lopes Pachêco, político militante nos quadros da União Democrática Nacional e que, em 1930, após vitoriosa a revolução, assumiu o executivo municipal.

Homem habilíssimo, de uma inteligência admirável, Deocleciano é um dos líderes locais de maior evidência. Político tradicional, da quadra das eleições a bico de pena, tem feito o diabo no seio da matutada que lhe é grata pelos favores que recebe.

Coração boníssimo, é incompreensivelmente, um anti-clerical tremendo, tendo livros publicados contra os missionários da fé cristã. Livros, aliás, condenados, Deocleciano os escreveu ha tempos com os títulos de «O roceiro e o vigário» e «Combate às trevas».

Hoje, vive socado dentro de uma farmácia. Quem necessitar de remédio é só a ele dirigir-se; se tiver dinheiro leva, se não tiver leva do mesmo jeito . . .

Falante, sempre de bom humor, homem lido é um amante de sua terra e do seu povo a quem sempre serve com criteriosa honestidade.

NOVA MENTALIDADE DE PROCESSO

Nada devemos ao Prefeito pessedista de Viçosa do Ceará. Dele somos, políticamente, adversário. Mas não lhe podemos negar justiça no que se refere a estar realizando uma notável administração municipalista.

Homem moço, o dr. Felizardo Pinho Pessoa tem prestado relevantes serviços à sua terra natal. Excluida a parte política, donde ressaltam algumas injustiças oriundas ainda de uma mentalidade que infelizmente ainda predomina no interior, a atual administração está transformando Viçosa numa das mais modernas cidades do Ceará.

Aliás, esta cidade tem a sorte de ter bons prefeitos pois o seu antecessor, José Filgueira se houve com critério, operosidade e alta dignidade no cargo sendo, por isso mesmo, provável a sua escolha, pelo povo, para dirigir o município no próximo quadriênio. Fato, aliás, justissimo e que revelará um alto grau de politização do eleitorado livre de Viçosa do Ceará.

ÍNDICE

HISTÓRIA DO CEARÁ

HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: — Deixam de figurar os novos municípios, criados pela Lei Nº 1.153, de 22/11/1951, por não terem, ainda, sido instalados.